ANNO I

PUBLICADO
SOB A DIRECÇÃO
João Ribeiro

ALMANAQUE BRASILEIRO

Garnier

1909

RIO de JANEIRO

71 Rua do Ouvidor

Léon Per

EU ERA ASSIM

CHEGUEI A FICAR QUASI ASSIM

Soffria horrivelmente dos pulmões; mas graças ao **xarope peitoral de alcatrão e jatahy** *preparado pelo pharmaceutico* **Honorio do Prado,** *o mais poderoso remedio contra tosses, bronchites, asthma, rouquidão e coqueluche, consegui ficar assim !!*

COMPLETAMENTE CURADO E BONITO

HONORIO DO PRADO

115, Rua do Lavradio, RIO DE JANEIRO

DEPOSITO

Drogaria **PACHECO & COMP.** Andradas 59

VIDRO 2$000 rs.

Marca Registrada

ANIODOL

Antiseptico Geral

SEM MERCURIO NEM COBRE.— Não tem cheiro, não faz nodoas.— Inalteravel.

Desodorifero universal

OBSTETRICIA — CIRURGIA — MOLESTIAS VENEREAS

SOLUÇÃO COMMERCIAL ao 1/100• (Uma colherada n'um litro d'agua para uso corrente).

SABÃO BACTERICIDO a base de ANIODOL 2 %

Antisepsia das Mãos do Operador, das Partes operatorias. - DENTIFRICIO MODELO.

PÓ DE ANIODOL

substitue e supprime o **IODOFORMO**

POR ATACADO: **Sociedade do ANIODOL, 32, Rue des Mathurins, Paris,** *e em todas as bóas casas.*

ACADEMIA MODERNA DE LINGUAS VIVAS

SYSTEMA BERLITZ

Este estabelecimento fundado em 1905 tem por fim o ensino de todas as linguas vivas pelos processos os mais modernos e os mais rapidos.

N'elle se encontram aulas diurnas e nocturnas cuidadosamente organizadas e appropriadas a todas as edades.

Uma escola deste genero preenche uma lacuna no ensino das linguas modernas.

O seu corpo docente particularmente escolhido no estrangeiro é o seguinte :

Director : P. A. CLAVAUD ✻.

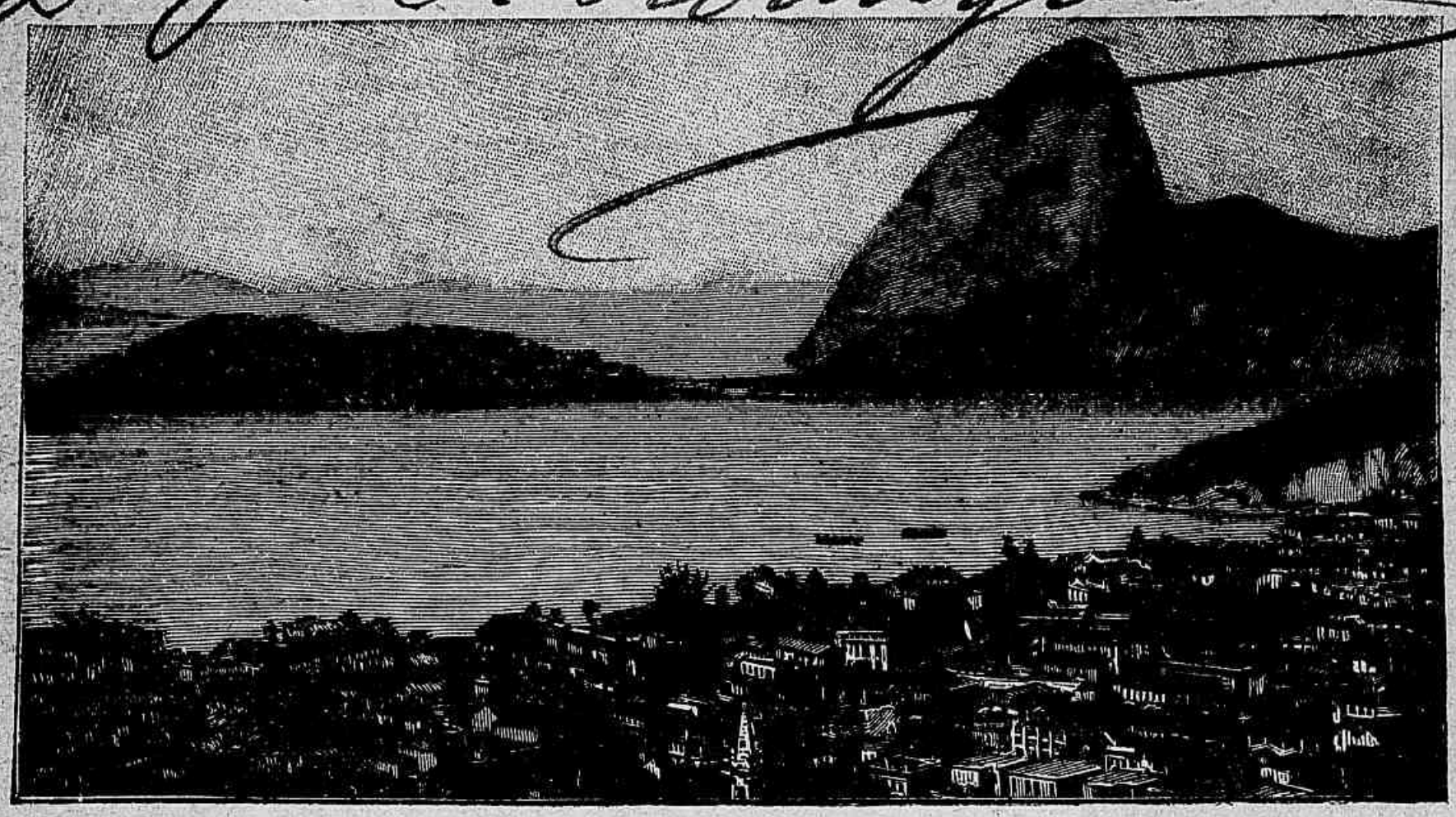
No Rio; *Vice-Director :* S. Charles CUDMORE; *Professores :* R. HOWSE, J. W. Mc KEE, W. LEWIS, A. de ST-ANGEL, T. SOUCLA, P. BERTHELOT, W. REINEZ, A. XAVIER, P. RICCI, PIETROFF.

Em PETROPOLIS, J. W. EVANS, P. BRETHELOT, N. PADULA.

Em S. PAULO, S. C. GACHE, J. COYTÉ, H. BRUNS, A. GONÇALVES, T. NANI.

***Informações :* Avenida Central, 131, RIO.**

Rio de Jan
71, Rua do Ouvid



Almanaque Brasileiro Garnier

para o anno de

— 1909 —

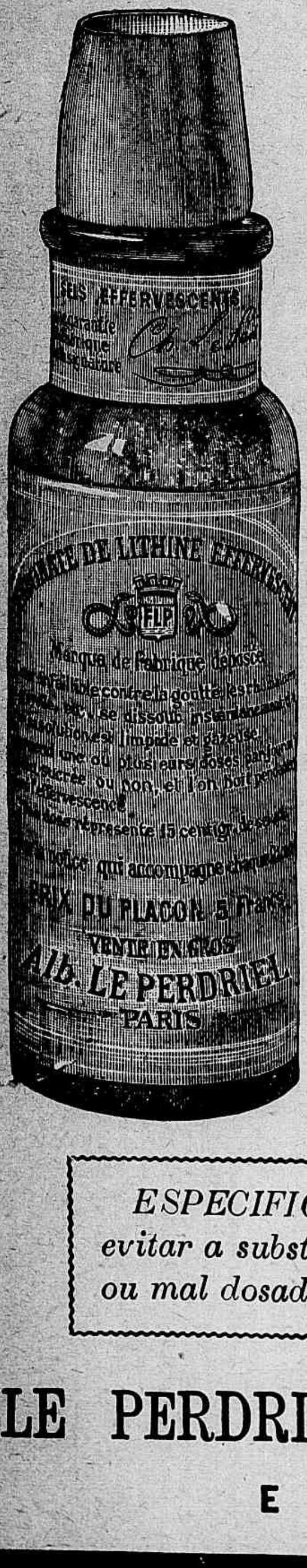
PUBLICADO SOB A DIRECÇÃO

DE

JOÃO RIBEIRO

Anno V

GOTTA, CALCULOS
RHEUMATISMO



são COMBATIDOS
com bom RESULTADO pelos

Saes de Lithina Effervescentes

LE PERDRIEL

(Carbonato - Benzoato - Salicylato - Citrato - Glycerophosphato - Bromhydrato).

Superior a todos os outros dissolventes do acido urico, pela sua acção curativa sobre a propria diathese arthritica.

O acido carbonico **NASCENTES** que d'elle se desinvolve e se combina molecularmente com a Lithina e assegura a efficacia d'esta.

ESPECIFICAR o Nome **"LE PERDRIEL"** *para evitar a substituição de similares inactivos, impuros ou mal dosados.*

LE PERDRIEL, 11, Rue Milton, PARIS

E TODAS AS PHARMACIAS

O dr. Affonso Penna n. na cidade de Sancta Barbara (Minas) a 30 de Novembro de 1847 e graduou-se em direito em 1870. Deputado provincial de 1874 a 1879 e deputado geral de 1879 a 1889, foi ministro da guerra no ministerio Martinho Campos em 1882, da agricultura no ministerio Lafayette em 1883 e da justiça no ministerio Dantas em 1885. Depois da proclamação da Republica fez parte da Constituinte Mineira, foi presidente de Minas de 1892 - 1894, e presidente do Banco da Republica de 1895 a 1898.

Director e creador da Academia Livre de Direito de Bello-Horizonte, a nova capital que elle construiu e uma das mais bellas cidades do Brasil, ahi o foi encontrar a eleição de 18 de Fevereiro de 1902, que o elevou á vice-presidencia da Republica. Anteriormente havia recusado um lugar no Supremo Tribunal e o de ministro no Uruguay; afinal, o seu nome impoz-se para o lugar de chefe da nação.

Foi realmente eleito a 1.º de Março de 1906 com grande numero de suffragios.

Dr. Affonso Penna
Presidente da Republica
(1906-1910)

Dr. Nilo Peçanha
Vice-presidente da Republica
(1906-1910)

Ao mesmo tempo foi eleito Vice-presidente o dr. Nilo Peçanha que, embora joven, já se tinha revelado estadista energico e de pulso no governo do Estado do Rio de Janeiro, cujas finanças e prosperidade com rapidez e efficacia de acção logo rehabilitou. O dr. Nilo Peçanha foi distincto parlamentar, de notavel prestigio nos annos anteriores e n'elle descançavam as esperanças da nova geração republicana, agora realizadas. O dr. Nilo Peçanha nasceu em 1867 na cidade de Campos de Goitacazes. Formou-se bacharel pela faculdade do Recife, em 1889; foi deputado á Constituinte e em 1903 foi eleito Senador e logo depois Presidente do Estado do Rio.

R. M. S. P.

The Royal Mail Steam Packet Company

MALA REAL INGLEZA

VIAGENS SEMANAES

Para os Portos de

Inglaterra, França, Hespanha, Portugal, Uruguay e Republica Argentina

Chronologia-Calendario

FESTAS DA EGREJA CATHOLICA

Festas fixas.

Circumcisáo do Senhor . .	1º de Jan.
Epiphania ou Reis	6 Jan.
S. Sebastião.	20 Jan.
Purificação de N. S.ª	2 Fev.
Annunciação de N. S.ª . . .	25 Março.
S. João Baptista	24 Junho.
S. Pedro e S. Paulo (Apost.)	29 Junho.
Assumpção de N. S.ª	15 Agosto.
Natividade de N. S.ª	8 Sept.
Todos os Sanctos.	1º Nov.
Imm. Conceição de N. S.ª.	8 Dez.
Nascimento de N. S.	25 Dez.

Para as festas moveis, póde-se de modo geral estabelecer a seguinte relação :

Conhecido o dia da Paschoa, 63 dias antes é a *Septuagesima;* 49 dias antes é o *Domingo gordo;* 7 dias antes, o *Domingo de Ramos ;* 40 dias depois é a 5.ª feira da *Ascensão ;* 50 dias depois é o *Domingo do Espirito Sancto* ou *de Pentecoste;* 61 depois é *Corpo de Deus* (5.ª feira).

QUADRO DAS DATAS DA FESTA DA PASCHOA DESDE 1907 ATÉ AO ANNO 2000

ANNO	DATA DA PASCHOA		ANNO	DATA DA PASCHOA		ANNO	DATA DA PASCHOA		ANNO	DATA DA PASCHOA	
1907	Março	31	1932	Março	27	1957	Abril	21	1982	Abril	11
1908	Abril	19	1933	Abril	16	1958	»	6	1983	»	3
1909	»	11	1934	»	1	1959	Março	29	1984	»	22
			1935	»	21				1985	»	7
1910	Março	27	1936	»	12	1960	Abril	17	1986	Março	30
1911	Abril	16	1937	Março	28	1961	»	2	1987	Abril	19
1912	»	7	1938	Abril	17	1962	»	22	1988	»	3
1913	Março	23	1939	»	9	1963	»	14	1989	Março	26
1914	Abril	12				1964	Março	29			
1915	»	4	1940	Março	24	1965	Abril	18	1990	Abril	15
1916	»	23	1941	Abril	13	1966	»	10	1991	Março	31
1917	»	8	1942	»	5	1967	Março	26	1992	Abril	19
1918	Março	31	1943	»	25	1968	Abril	14	1993	»	11
1919	Abril	20	1944	»	9	1969	»	6	1994	»	3
			1945	»	1				1995	»	16
1920	Abril	4	1946	»	21	1970	Março	29	1996	»	7
1921	Março	27	1947	»	6	1971	Abril	11	1997	Março	30
1922	Abril	16	1948	Março	28	1972	»	2	1998	Abril	12
192	»	1	1949	Abril	17	1973	»	22	1999	»	4
1924	»	20	1950	»	9	1974	»	14	2000	»	23
1925	»	12				1975	Março	30			
1926	»	4	1951	Março	25	1976	Abril	18			
1927	»	17	1952	Abril	13	1977	»	10			
1928	»	8	1953	»	5	1978	Março	26			
1929	Março	31	1954	»	18	1979	Abril	15			
1930	Abril	20	1955	»	10	1980	»	6			
1931	»	5	1956	»	1	1981	»	19			

QUADRO DAS FESTAS MOVEIS (1909 a 1912)

Annos.	Letra dominical.	Aureo numero.	Epacta.	Indicção romana.	Septuagesima.	Sexagesima.	Quinquagesima.	Dia de cinzas.	Paixão de N. S.	Paschoa.	Ascensão de N. S.	Pentecoste.	SS. Trindade.	Corpo de Deus.	1º Domingo do Advento.
1909	C	10	VIII	7	7 Fev.	14 Fev.	21 Fev.	24 Fev.	28 Março	11 Abr.	20 Maio	30 Maio	6 Junho	10 Junho	28 Nov.
1910	B	11	XIX	8	23 Jan.	30 Jan.	6 Fev.	9 Fev.	13 Março	27 Março	5 Maio	15 Maio	22 Maio	26 Maio	27 Nov.
1911	A	12	XXX	9	12 Fev.	19 Fev.	26 Fev.	1 Março	2 Abr.	16 Abr.	25 Maio	4 Junho	11 Junho	15 Junho	3 Dez.
1912	GF	13	XI	10	4 Fev.	11 Fev.	18 Fev.	21 Fev.	24 Março	7 Abr.	16 Maio	26 Maio	2 Junho	6 Junho	1 Dez.

O Calendario Gregoriano

A correcção Juliana feita aos calendarios antigos não foi sufficiente, porque deu ao anno tropico exactamente 365 dias e 6 horas, quando em verdade elle só tem 365 dias 5 horas e 49 minutos. Havia portanto um êrro de 11 minutos para mais em cada anno; este êrro accumulado produziu um dia em 129 annos, 2 em 258 e assim por deante. Em 1582 esses 11 minutos excedentes haviam produzido 10 dias de mais.

Para corrigir o êrro, o papa Gregorio XIII, auxiliado pelo astronomo Luiz Lilio, ordenou que se supprimissem dez dias no mez de Outubro de 1582, passando-se de 4 para 15. Assim, no anno seguinte, já o equinoccio da primavera caïu a 21 de Março, e ficou remediado o êrro que até então se commettera.

Para prevenir o êrro futuro, que havia de provir da successiva accumulação dos 11 minutos, ordenou egualmente que se fizessem tres equações solares ou se supprimissem tres dias nos tres primeiros annos centesimos de cada cyclo de 400 annos, a começar em 1700.

Assim 1700 e 1800 que deviam ser bissextos deixaram de sê-lo; 1900 tambem o não foi, e só 2000 ficará bissexto.

Tal é a reforma gregoriana acceita hoje quasi geralmente pelos povos civilizados. Na Europa só os Gregos e Russos não a abraçaram; seguem ainda o calendario juliano, contando actualmente mais 13 dias do que nós: 10 que se omittiram em Outubro de 1582 e mais 3 dos annos centesimos — 1700, 1800 e 1900, — que para elles fôram bissextos.

A maneira de contar pelo calendario juliano diz-se *estylo velho*, e o do calendario gregoriano *estylo novo*.

Na correspondencia usam escrever as duas datas á maneira de quebrado, ficando a do estylo velho em numerador, ex.:

$\frac{17}{30}$ de Janeiro de 1906.

A reforma gregoriana foi adoptada em França no mesmo anno de 1582, na Allemanha catholica em 1584, na Polonia em 1586, na Allemanha protestante em fins do seculo XVII e [illegible] Inglaterra só em 1752.

Augusto Comte, fundador do Positivismo, propoz um calendario novo, que é acceito pelos sectarios da doutrina. Segundo elle, o anno é dividido em 13 mezes eguaes, de 28 dias ou quatro semanas cada um, tendo mais um dia complementar, o ultimo do anno, que é consagrado á commemoração geral dos mortos. Nos annos bissextos junta-se a este dia complementar mais outro, que Comte consagrou ás mulheres sanctas.

Cada mez é dedicado a um dos seguintes grandes vultos na historia da civilização:

Moisés, Homero, Aristoteles, Archimedes, Cesar, S. Paulo, Carlos Magno, Dante, Gutemberg, Shakespeare, Descartes, Frederico e Bichat.

A era positivista adoptada começa a 1º de Janeiro de 1789.

O Calendario Ecclesiastico

O fim unico do calendario ecclesiastico é determinar a primeira lua cheia do outomno, visto como todas as festas moveis do anno dependem da Paschoa, que deve celebrar-se no primeiro domingo seguinte á lua cheia depois do dia 21 de Março.

Para determinar o dia da Paschoa empregam-se os seguintes meios: *cyclo lunar*, *aureo numero*, *epacta*, *edade da lua*, *cyclo solar*, *letra dominical* e *determinação do dia da semana*.

Cyclo lunar. — É o periodo de 19 annos solares ou de 235 lunações synodicas. O 1.º anno da era vulgar foi o 2.º d'um cyclo lunar.

Novo cyclo lunar. — É o periodo de 2.500 annos, durante os quaes se fazem 8 equações lunares, para fazer desapparecer o excesso de 8 dias que haveria no fim d'esse tempo. Estas equações fazem-se, as septe primeiras do 300 em 300 annos, e a ultima, a 8.ª, depois de 400 annos. Assentado que um dos cyclos de 2.500 annos acabasse em 1.500 da era vulgar, e principiasse outro cyclo em 1501, a 1.ª equação lunar fez-se em 1800, a 2.ª se fará em 2100 e assim por deante.

Aureo numero. — É o numero que indica o anno, em que se está, do cyclo lunar.

Epacta. — É o numero de dias que tem a lua, ou a edade d'ella, no principio do anno civil.

Cyclo solar. — É o periodo de 28 annos, decorridos os quaes, os dias dos mezes tornam a caïr nos mesmos dias da semana. O 1.º anno da era vulgar, foi o 10.º d'um cyclo solar.

Letra dominical. — É a letra que corresponde ás datas dos domingos d'um anno qualquer. Fôram para isto adoptadas as septe primeiras letras do alphabeto, as quaes, escriptas invariavelmente na ordem alphabetica desde o 1.º de Janeiro até 31 de Dezembro representam os septe dias da semana.

Supponha-se que o anno começa numa quinta-feira. Sendo *A* a letra do dia 1.º de Janeiro, á sexta-feira corresponde *B*, ao sabbado *C* e ao domingo *D*; logo *D* será a letra dominical d'esse anno.

Seculo XX

N'este seculo haverá 1.000 eclipses — 650 do sol e 350 da lua.

Terá 25 annos bissextos e o mez de Fevereiro terá, por tres vezes, cinco domingos: em 1920, em 1948 e em 1986.

CHARADA

Se envio á pessoa que testa
Quem isto deixe indicado, — 1
Que a coisa indicada é esta — 3
Diz bem claro o tal enviado.

SYER (S. PAULO).

O anno bissexto tem duas letras dominicaes.

Cyclo da indicção romana. — É um periodo de 15 annos, adoptado pelo Concilio de Nicéa desde o anno 325 da nossa era, para substituir a notação das olympiades. É usado nas datas dos Concilios, e os pontifices ainda hoje o empregam nas datas dos seus diplomas.

Como determinar o aureo numero?

Junta-se 1 ao anno dado, e divide-se a somma por 19. O resto da divisão é o número, que se procura.

Como determinar a epacta?

Multiplica-se o aureo numero do anno dado por 11; ao producto tiram-se 10 unidades e mais tantas unidades quantas equações solares tiver havido desde 1700 *inclusive;* ao resto juntam-se tantas unidades quantas equações lunares tiver havido desde 1500. Se o resultado fôr inferior a 30, é essa a epacta; si fôr superior, divide-se por 30, e o resto é a epacta pedida.

Como determinar a edade da lua?

Junta-se á data do mez a epacta do anno e mais tantas unidades quantos mezes tiverem decorrido desde Março inclusive. Se o mez dado fôr Janeiro ou Fevereiro, procede-se como se Janeiro fôsse Março, e Fevereiro fôsse Abril. Se a somma fôr inferior a 29 ou 30, dá a edade da lua; se fôr superior, tiram-se d'ella 30, e o resto é o numero que se procura. Ex.: A edade da lua no dia 12 de Julho de 1889 foi de 14 dias (lua cheia), porque: $12 + 28 + 4 = 44$, $44 - 30 = 14$.

Como determinar que anno é do cyclo solar um anno qualquer?

Juntem-se 9 ao anno dado, e divida-se a somma por 28; o resto é o numero pedido.

Como determinar a letra dominical d'um anno qualquer da nossa era?

1.º caso. Anno anterior á correcção gregoriana:

Divide-se o anno dado por 4; junta-se o quociente ao anno dado, e juntam-se a esta somma mais 12 unida-

AGUA INGLEZA DE GRANADO

Approvada pela Directoria Geral de Saúde publica

TONICA, ANTI-FEBRIL E APERITIVA

Receitada pela maioria dos Snrs Medicos

GRANADO & Cia

Rua 1º de Março nº 12

RIO DE JANEIRO

des; divide-se a somma total por 7. O resto indica a letra dominical na tabella seguinte

G	F	E	D	C	B	A
1	2	3	4	5	6	0

contando-se pela ordem retrograda do alphabeto e directa dos numeros. Se o resto é 0, a letra dominical é A.

2.º caso. Anno posterior á correcção gregoriana:

Divide-se o anno dado por 4; junta-se ao quociente o anno proposto; juntam-se mais a esta somma 12 unidades; tiram-se 10 unidades (correcção gregoriana) e mais tantas unidades quantas equações solares tiverem decorrido desde 1601. A differença divide-se por 7, e o resto mostrará a letra dominical na tabella.

N. B. Se se trata de anno bissexto, o resto da divisão por 7 indica a segunda das duas dominicaes, e a primeira (a que regula até 24 de Fevereiro) é a que se segue áquella na ordem directa do alphabeto. Se o resto da divisão indica *B*, as letras dominicaes são *CB*.

Como determinar a indicção romana?

Junte-se 3 ao anno dado, e divida-se a somma por 15. O resto, se o ha, mostra a indicção; se não ha resto, isso indica que o anno dado é o ultimo do cyclo de 15 annos.

Como determinar a data da Paschoa em um anno dado?

O meio mais expedito é o que se segue: 1.º Divida-se por 19 o millesimo dado acrescentado de 1 unidade. 2.º Achado assim pelo resto da divisão o *aureo numero*, tire-se-lhe 1 unidade, multiplique-se por 11 e do producto tirem-se todos os multiplos de 30; o resto é a *epacta*. 3.º Subtraia-se de 44 o numero da epacta. Se ella fôr menor que 24, tereis a data do mez de Março em que cae a lua cheia da Paschoa. Si a epacta fôr de 25 a 30, subtraia-se de 43, è o resto dar-nos-ha a data do mez de Abril em que cae a lua cheia. Se a epacta fôr exactamente 24, a lua cheia caírá a 19 de Abril. A Paschoa é o domingo que se segue a esta lua cheia, e o domingo se acha por meio da *letra dominical*.

Ex.:

Em que data caïu a Paschoa de 1898?

1.º Dividamos (1898 + 1) 1899 por 19; o resto 18 é o *aureo numero*. 2.º Multiplicando (18 — 1) 17 × 11, teremos 187, dos quaes subtrahidos (180) todos os multiplos de 30, teremos 7, que é a *epacta*. 3.º Subtrahindo 7 de 44 =37. Portanto o 37 de Março ou 6 de Abril será a data da lua cheia.

Ora, sendo *B* a letra dominical do anno proposto, segue-se que o 1.º de Janeiro caïu em sabbado (A), e portanto 6 de Abril será quarta-feira. Logo o domingo seguinte, que é o da Paschoa, caïu em 10 de Abril. E' esta a solução do problema.

N. B. Para facilitar-se o cálculo, são muito uteis o calendario (A) e a Tabella (B) que se seguem:

A. Calendario perpetuo, ou Tabella que dá o nome de qualquer dia do mez, desde que se sabe o nome do primeiro dia do mesmo mez.

Dias do mez	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sabbado	Domingo
1	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.
2	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.
3	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.
4	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.
5	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.
6	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.
7	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.
8	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.
9	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.
10	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.
11	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.
12	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.
13	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.
14	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.
15	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.
16	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.
17	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.
18	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.
19	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.
20	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.
21	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.
22	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.
23	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.
24	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.
25	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.
26	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.
27	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.
28	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.
29	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.
30	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.
31	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.

Exemplo : Em que dia da semana caïu o 10 de Abril de 1898, sabendo-se que 1.º de Janeiro foi um sabbado?

Tome-se a columna — Sabbado — e desça-se até 31, em que se lê *Segunda-feira* na casa correspondente ; tome-se o 1.º de Fevereiro na columna — Terça-feira, — vá até 28 (porque 1898 não é bissexto, onde se lê *Segunda-feira;* tome-se o 1.º de Março na columna — Terça-feira, — desça-se até 31 onde se lê *Quinta-feira;* tome-se finalmente o 1.º de Abril na columna *Sexta-feira*, e em frente ao n. 10 encontra-se *Domingo*, que é o que procuramos. Logo 10 de Abril de 1898 caïu em domingo.

A tabella seguinte ainda mais abrevia este trabalho. Effectivamente o algarismo indicado nas columnas Fevereiro, Março, Abril, etc. é o numero de dias que se deve acrescentar ao dia do 1.º de Janeiro para ter o 1.º de Feve-

reiro, o 1.º de Março, o 1.º de Abril, etc. Conhecido o dia da semana do 1.º do mez, facil é achar o dia da semana de qualquer data do mez.

B. Tabella que dá o nome do 1.º de cada mez, quando se sabe o dia da semana em que caïu o 1.º de Janeiro.

ANNOS	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Septembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Não-bissextos.....	0	3	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5
Bissextos.....	0	3	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6

Exemplo : Em que dia da semana caïu o 10 de Abril de 1898, sabendo-se que o 1.º de Janeiro foi um Sabbado?

Na columna — Abril — temos para 1.º de Abril o algarismo 6, o qual significa que se deve acrescentar 6 dias ao dia da semana do 1.º de Janeiro para termos o dia da semana do 1.º de Abril. Ora sabbado + 6 dias = sexta-feira. Recorrendo então á tabua A, desce-se pela columna Sexta-feira até 10, e acha-se *Domingo*. Logo caïu em domingo o 10 de Abril de 1898.

A tabella seguinte *C* dá a solução de outro problema, que muitas vezes na vida se precisa resolver com presteza, isto é : saber o numero de dias que decorrem entre duas datas.

C. Tabella, pela qual se calcula o numero de dias decorridos entre um dia dado e um dia de outro mez.

CHARADA BIZADA.

3. — Com elle a bocca, horas esquecidas,
Aspirando a contento passa o *chim* ;
Até que á longa e doce embriaguez
O mais profundo somno vem pôr fim. — 2.

Oscar Fugiata (S. Paulo).

MOLESTIAS DO PEITO

Tosses, bronchites, asthmas, rouquidões, coqueluches, constipações, etc. Curam-se com o antigo e afamado

XAROPE PEITORAL de ANGICO COMPOSTO

O grande numero de attestados de distinctos clinicos e de innumeros doentes que têm achado neste xarope a cura das suas doenças, incitam-nos a recommendal-o ao publico como o mais efficaz dos medicamentos na cura de todas as molestias do peito.

Prepara-se na

PHARMACIA BRAGANTINA

81, Rua Uruguayana, 81 — RIO DE JANEIRO

Vende-se em qualquer pharmacia e drogaria

DE	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Septembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Janeiro.....	365	334	306	275	245	214	184	153	122	92	61	31
Fevereiro.....	31	365	337	306	276	245	215	184	153	123	92	62
Março.....	59	28	365	334	304	273	243	212	181	151	120	90
Abril.....	90	59	31	365	335	304	274	243	212	182	151	121
Maio.....	120	89	61	30	365	334	304	273	242	212	181	151
Junho.....	151	120	92	61	31	365	335	304	273	242	212	182
Julho.....	181	150	122	91	61	30	365	334	308	273	242	212
Agosto.....	212	181	153	122	92	61	31	365	334	304	273	243
Septembro.....	243	222	184	153	123	92	62	31	365	335	304	274
Outubro.....	273	242	214	181	153	122	92	61	30	365	334	304
Novembro.....	304	273	245	214	184	153	123	92	61	31	365	335
Dezembro.....	334	308	275	244	214	183	153	122	91	61	30	365

N. B. Para os annos bissextos, acrescente-se 1 aos numeros da tabella.

Exemplos : 1.º Quantos dias decorrem entre 16 de Outubro e 16 de Julho seguinte?

Procure-se a columna vertical — Outubro, — e desça-se até chegar á linha horizontal correspondente a Julho : achar-se-ha 273, que é o numero de dias procurado.

2.º Quantos dias vão de 16 de Fevereiro a 18 de Agosto?

Entre 16 e 18 ha 2 dias. Na columna — Fevereiro, — em face de Agosto, acha-se o algarismo 181. Entre as datas propostas ha portanto (181 + 2) 183 dias.

Bençãos matrimoniaes

Prohibem-se as bençãos matrimoniaes desde quarta-feira de Cinzas até o primeiro domingo depois da Paschoa, e desde o primeiro domingo do Advento até o dia de Reis (1 de Dezembro a 6 de Janeiro).

Ferias forenses

Além dos domingos e dias de festa nacional, são feriados na Justiça Federal e no Districto Federal os dias 1º de Fevereiro a 31 de Março.

INSTRUMENTOS DE PRECISÃO

15 Medalhas de Ouro e Diploma de Honra em diversas Exposições

SECRETAN

Antiga Casa LEREBOURS & SECRETAN

13, Place du Pont-Neuf — PARIS

Lunetas astronomicas com pé de cobre. . . . **245** fr. — **465** fr. — **715** fr.

Instrumentos equatoriaes e circulos meridianos para observatorios, exploradores, relojoeiros, etc., etc.

INSTRUMENTOS DE GEODESIA : *Theodolithos, Tacheometros, Niveis, Bolsos de minas, Theodolithos reiteradores*, etc., etc. — *Binoculos e Telescopios, Oculos lunetas, Thermometros de precisão*, etc., etc., etc.

Enviam-se a pedido catalogos especiaes, explicativos.

Livraria H. GARNIER

ALBUNS INFANTIS

COM GRAVURAS COLORIDAS

Alphabeto dos Animaes,
1 vol. cart. . . . . 2$000
Enc. . . . . 3$000
Alphabeto das aves, 1 vol.
cart. . . . . 2$000
Enc. . . . . 3$000
Jogos da Infancia, 1 vol.
cart. . . . . 2$000
Enc. . . . . 3$000
Viagem do alto mandarim KA-LI-KÓ e de seu fiel secretario Pa-Tchu-Li,
1 vol. cart. . . . . 2$000
Enc. . . . . 3$000
Primeiro livro das crianças. $800
Segundo livro das crianças. $800
Terceiro livro das crianças. $800
Anjo da Guarda (O). . . . $800
Aventuras de Hilario (As) $800
Bom Irmão (O). $800
Chapéo Preto (O) $800
Estevão Murillo. $800
Gato da Avósinha (O). . . $800
Polo Norte (O). $800
Thiago, o Pequeno Saboiano. $800
Ultimo Conto de Perrault (O). $800
João Patusco, 1 vol. in-8º cart., chromo . . . . . 1$000
Joanna Patusca, 1 vol in-8º cart., chromo . . . . . 1$000

O ANNO DE 1909

Anno de 1909 dos Calendarios Juliano e Gregoriano começando o Juliano a 14 de Janeiro.

6622 do periodo Juliano.

5669 da era hebraica, começa a 9 de Setembro de 1908 e o anno 5670 começa a 26 de Setembro de 1909.

2662 da fundação de Roma, segundo Varron.

1326 da hejira, calendario Turco, começa n'uma quinta-feira 14 de Fevereiro de 1908 e o anno 1327 começa 4 de Fevereiro de 1909.

117 do calendario republicano francez, começa n'uma terça-feira 24 de Setembro de 1908 e o anno 118 começa a 23 de Setembro de 1909.

45 de 76º cyclo do calendario chinez, começa a 13 de Fevereiro de 1908, e o anno 46 começa 2 de Fevereiro de 1909.

20º anno da Proclamação da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

21º da extincção da escravidão do Brasil.

87º da Independencia Nacional.

407º do descobrimento do Rio de Janeiro.

409º do descobrimento do Brasil.

417º do descobrimento da America.

Computo ecclesiastico.

Aureo numero	10
Epacta	VIII
Indicção	
Lettra dominical	

Temporas

11, 13 e 14 de Março.
10, 12 e 13 de Junho.
16, 18 e 19 de Setembro.
16, 18 e 19 de Dezembro.

Festas religiosas moveis.

Septuagesima	7 Fev.
Carnaval	21 Fev.
Cinzas	24 Fev.
Domingo de Paschoa	11 Abri
Ascensão	20 Maio
Espirito-Sancto	30 Maio
Trindade	6 Junh
Corpo de Deus	10 Junh
Domingo do Advento	28 Nov

Festas religiosas fixas.

1º Jan. — Circ. de N.-S.
6 » — Epiphania (Reis).
20 » — S. Sebastião (no arceb. Rio de Janeiro).
25 Jan. — Conv. de S. Paulo (no bis de S. Paulo).
2 Fev. — Purificação de Nª. S.ª.
25 Mar. — Annunciação de Nª. S.ª.
24 Jun. — S. João Baptista.
29 » — S. Pedro e S. Paulo.
15 Ag. — Assumpção de N.ª S.ª.
8 Sept. — Natividade de N.ª S.ª.
1º Nov. — Todos os Sanctos.
2 Nov. — Finados.
8 Dez. — Immaculada Conceição N.ª S.ª.
25 » — Nascimento de N. S. Je Christo.

Os eclipses do sol

Os futuros eclipses do sol realizam-se nas seguintes datas, sendo visiveis nos pontos abaixo indicados.

Em 3 de Janeiro de 1908—No Oceano Pacifico.

Em 23 de Dezembro do mesmo anno — No Oceano Atlantico do Sul.

Em 17 de Junho de 1909 — Na Groenlandia.

Em 9 de Maio de 1910 — Nas regiões antarcticas.

Em 28 de Abril de 1911 — Na Australia.

Em 17 de Abril de 1912 — No sudoeste de Paris (pequena duração).

Em 21 de Agosto de 1914 — Noruega, Russia e Indias.

Em 3 de Novembro de 1916 — Na America do Sul e Açores.

Em 8 de Junho de 1918 — Nos Estados Unidos da America do Norte.

Em 29 de Maio de 1919 — Na America do Sul e Africa.

Em 1 de Outubro de 1921 — Nas regiões antarcticas.

Em 31 de Setembro de 1922 — Na Australia.

Em 16 de Setembro de 1923 — No estado do Texas (America do Norte).

Em 24 de Janeiro de 1925 — Nos Estados Unidos (Oceano Atlantico).

Em 14 de Janeiro de 1926 — Na Africa, Oceano Indico e em Bornéo.

Em 3 de Janeiro de 1927 — No Oceano Atlantico.

Em 29 de Junho de 1927 — Na Inglaterra e Noruega.

FESTAS NACIONAES BRASILEIRAS

1.º	Jan.	— Confraternização da humanidade.
24	Fever.	— Promulgação da Constituição federal, em 1891.
21	Abril	— Execução de Tiradentes, em 1792.
3	Maio	— Descobrimento do Brasil, em 1500.
13	Maio	— Extincção da escravatura, em 1888.
14	Julho	— Commemoração da Republica, da liberdade e da independencia dos povos americanos.
7	Sept.	— Independencia do Brasil, em 1822.
12	Out.	— Descobrimento da America, em 1492.
2	Nov.	— Commemoração geral dos mortos.
15	Nov.	— Proclamação da Republica, em 1889.

FESTAS ESTADUAES

Amazonas —	13	Mar.	— Promulgação da Constituição estadual.
	1º	Jul.	— Installação do Congresso Constituinte.
	10	Jul.	— Libertação dos escravos.
	5	Sept.	— Creação da provincia do Amazonas.
	21	Nov.	— Adhesão á Republica.

Pará	— 22	Jun.	— Promulgação da Constituição estadual.
	15	Ag.	— Adhesão á independencia (1823).
	16	Nov.	— Adhesão á Republica.
Maranhão	— 28	Jul.	— Promulgação da Constituição estadual.
	18	Nov.	— Adhesão á Republica.
Piauhi	— 24	Jan.	— Adhesão á independencia do Brasil (1823).
	13	Jun.	— Promulgação da Constituição estadual.
Ceará	— 25	Mar.	— Redempção dos captivos no Ceará.
	12	Jul.	— Promulgação da Constituição estadual.
	16	Nov.	— Adhesão á Republica.
R. G. Norte	— 19	Mar.	— Installação do governo republicano em 1817.
	7	Abril	— Promulgação da Constituição estadual.
	12	Jun.	— Execução de frei Miguelinho, em 1817.
Parahiba	— 20	Jul.	— Promulgação da Constituição estadual.
	5	Ag.	— N. Sra. das Neves, padroeira do Estado.
Pernambuco	— 27	Jan.	— Restauração de Pernambuco do dominio hollandez, 1654.
	6	Mar.	— Revolução republicana de 1817.
	17	Jun.	— Promulgação da Constituição estadual.
	24	Jul.	— Proclamação da republica do Equador, em 1824.
	10	Nov.	— 1° brado da republica por Bernardo V. de Mello, 1710.
Alagôas	— 15	Mar.	— Installação da 1ª assembléa provincial.
	11	Jun.	— Promulgação da Constituição estadual.
	16	Sept.	— Creação da provincia de Alagôas.
Sergipe	— 18	Maio	— Promulgação da Constituição estadual.
Bahia	— 2	Jul.	— » » » »
	7	Nov.	— Revolução de 1837 (Sabinada).
Esp.-Sancto	— 2	Maio	— Promulgação da Constituição do Estado.
	23	Maio	— Povoamento do territorio do Estado.
	12	Jun.	— Execução de Domingos José Martins, em 1817.
	25	Ag.	— Festa de N. Sra. da Penha.
	25	Dez.	— Natal.
R. Janeiro	— 9	Abril	— Promulgação da Constituição estadual.
Dist.Feder.	— 20	Jan.	— Fundação da cidade do Rio de Janeiro.
S. Paulo	— 8	Jul.	— Installação do Congresso Constituinte.
	14	Jul.	— Promulgação da Constituição estadual.
	15	Dez.	— Restauração da legalidade.
Paraná	— 7	Abril	— Promulgação da Constituição estadual.
	19	Dez.	— Installação da provincia em 1853.

S. Catharina — 11 Jun. — Promulgação da Constituição estadual.
17 Nov. — Adhesão á Republica.
R. G. do Sul — 14 Jul. — Promulgação da Constituição estadual.
20 Sept. — Revolução de 1835.
Minas — 15 Jun. — Promulgação da Constituição estadual.
Goiaz — 1° Jun. — » » » »
13 Jul. — Reforma constitucional.
16 Dez. — Adhesão á independencia.
Mat. Grosso — 15 Ag. — Promulgação da Constituição estadual.
9 Dez. — Adhesão á Republica.

São ainda feriados : no municipio do Rio de Janeiro — o dia 20 de Septembro em commemoração da primeira lei de organização municipal ; e no municipio de S. Paulo — 25 de Janeiro, data da fundação da cidade.

FESTAS NACIONAES DOS PRINCIPAES PAIZES ESTRANGEIROS

Allemanha — 27 Jan. (ann. natalicio do imperador) ; 2 Sept. (ann. de Sédan).
Argentina (Rep.) — 25 Maio. (dia da Constituição ; 9 Jul. (juramento da Constituição).
Austria-Hungria — 18 Ag. (ann. natal. do imperador).
Belgica — 21, 22 e 23 Jun. (ann. da ascenção de Leopoldo I ao throno e da proclamação da independencia) ; 15 Nov. (ann. natal. de Leopoldo II).
Bolivia — 6 Ag. (primeiro Congresso — 1825 —, e proclamação da independencia).
Chile — 18 Sept. (proclamação da independencia).
China — Anno Bom — O deus da cozinha (7 dias antes de Anno Bom — Festas das lanternas (15 do 1° mez) — Festa dos dragões (5 do 5° mez) — Festa do outomno (15 do 8° mez).
Colombia — 27 Jul. (independencia) ; 28 Out. (ann. de Bolivar).
Costa-Rica — 15 Sept. (independencia) ; 12 Out. (descobrimento da America).
Dinamarca — 8 Abr. (ann. natal. do rei) ; 5 Jun. (Constituição — 1849).
Equador — 10 Ag. (independencia) ; 9 Out. (independencia de Guaiaquil).

Estados-Unidos — 22 Fev. (ann. natal. de Washington); 4 Março. (posse do presidente, de 4 em 4 annos); 30 Maio. (decoração dos tumulos); 4 Jul. (independencia); 1ª segunda-feira de Sept. (*labor-day*); um dia de Nov. (acção de graças).

França — 14 Jul. (tomada da Bastilha).

Grã-Bretanha — 9 Nov. (ann. natal. de Eduardo VII).

Grecia — 25 Março./6 Abr. (independencia).

Guatemala — 15 Março. (posse do presidente); 30 Jun. (revolução liberal); 15 Sept. (independencia).

Haiti — 1 Jan. (independencia); 1 Maio. (Festa da lavoura).

Hespanha — 2 Maio. (ann. de 1808); 17 Maio. (ann. natal. de Affonso XIII); 21 Jul. (ann. natal. da rainha Maria Christina); 12 Out. (ann. do descobrimento da America).

Honduras — 15 Sept. (independencia — 1821).

Italia — 1º domingo de Jun. (dia da Constituição); 20 Sept. (entrada das tropas em Roma); 11 Nov. (ann. natal. de Victor-Manuel III).

Japão — 11 Fev. (ascensão ao throno do primeiro imperador Jimmu); 3 Nov. (ann. natal. do imperador Mutsuhito).

Mexico — 5 Fev. (publicação da Constituição); 5 Maio. (ann. da batalha de Puebla); 16 Sept. (independencia — 1810).

Montenegro — 23 Abr./6 Mai. (festa de S. Jorge); 25 Sept./8 Out. (ann. natal. do principe Nicolau).

Nicaragua — 11 Jun. (começo da guerra civil — 1893); 15 Sept. (proclamação da independencia).

Paizes-Baixos — 31 Ag. (ann. natal. da rainha); 2 Ag. (ann. natal. da rainha-mãe).

Paraguai — 15 Maio. (dia da independencia); 25 Nov. (dia da Constituição).

Perú — 28 Jul. (ann. da independencia — 1821).

Portugal — 2 Jan. (abertura do Parlamento); 21 Março. (ann. do principe herdeiro); 29 Abr. (festa da Constituição); 31 Jul. (juramento da Constituição); 24 Sept. (ann. da morte de D. Pedro IV); 28 Sept. (ann. natal. do rei Carlos I); 16 Out. (ann. natal. da rainha-mãe); 19 Out. (ann. da morte do rei D. Luiz I).

Rumania	— 14/27 Março. (ann. da proclamação do reino); 10/23 Maio. (ann. da corõação do rei Carlos).
Russia	— 6/19 Maio. (ann. natal. do imperador); 14 Maio. (ann. da sagração do soberano); 25 Maio. (ann. natal. da imperatriz Alexandra); 21 Out. (ascensão ao throno do imperador Nicolau).
Salvador	— 29 Abr. (ann. da revolução de Gutierrez — 1894); 15 Sept. (ann. da independencia — 1821).
São Marinho	— 5 Fev. (independencia); 3 Sept. (festa de S. Marino, padroeiro da Republica).
Serbia	— 15/28 Jul. (festa commemorativa dos guerreiros mortos pela Fé e pela Patria).
Suecia-Noruega	— 21 Jan. (ann. natal. do rei); 17 Mai. (festa da independencia e da Constituição — 1814).
Suissa	— O 3º domingo de Septembro (dia da prece publica).
Turquia	— 16 Chaban (8 Dez., ann. natal. do sultão); 1 Moharram (30 Abr., festa de Anno Bom); 11 Djumadi-el-auual (31 Ag., ann. natal. do principe).
Uruguai	— 3 Fev. (ann. da batalha de Montecaseros); 18 Jul. (juramento da Constituição); 25 Ag. (proclamação da independencia da Republica).
Venezuela	— 5 Jul. (ann. da independencia).

PERIODO DE GESTAÇÃO DE ALGUNS ANIMAES

Ovelha	145 dias	Cadella	60 dias
Vacca	280 »	Porca	115 »
Egua	336 »	Cabra	145 »
Burra	380 »	Rato	28 »
Coelha	30 »	Porco da India	21 »
Gata	55 »		

CASA PIERRE DUCHEN

70, Rua de São Bento, 70

CAIXA N. 497 — SÃO PAULO — TELEPHONE 429

Importação de Vinhos, Molhados finos e Aguas Mineraes

FABRICA DE BISCOUTOS "EXCELSIOR" 19, Rua São Lazaro

Com machinismos modernos, movidos pela força electrica

ECLIPSES EM 1909

Haverá no anno de 1909 dous eclipses do sol e dous da lua.

I Eclipse total da lua a 3 de Junho de 1909, visivel no Rio de Janeiro.

Primeiro contacto com a penumbra dia 3 ás	7 h.	43′	6	T
— — sombra —	8	50	6	T
Começo da phase total ás	10	5	2	T
Meio do eclipse ás	10	30	1	T
Fim da phase total ás.	11	7	0	T
Ultimo contacto com a sombra dia 4 ás	»	21	6	M
— — penumbra —	1	28	6	M

A grandeza do eclipse é egual a 1.164 sendo o diametro da lua. — 1.o primeiro contacto com a sombra far-se-ha a 125° do ponto N do limbo lunar contados para E'o ,ultimo contacto a 261° contados para E, nascendo a lua n'esse dia as 5 h. 11′ da tarde e pondo-se as 6 h. 55′ da manhã do dia 4, todos as phases do eclipse serão visiveis.

II Eclipse annular do sol em 17 de Junho de 1909, invisivel no Rio de Janeiro e em todo o Brasil, visivel na Asia e na America do Norte.

Começa geralmente para a Terra ás 6 h. 7′ 9″ do dia 17 de Junho tempo medio do Rio de Janeiro na longitude de 166° 9′ a E do Rio e na latitude de 25° 49′ N, e acaba para a Terra no dia 17 de Junho as 10 h. 44′0 t. m. do Rio na longitude de 50° 42′ a W do Rio e na latitude de 38° 48′ N.

III Eclipse total da lua em 27 de Novembro de 1909 visivel no Rio de Janeiro.

1° Contacto com a penumbra no dia 27 ás	3 h.	19′	1	M
1 — sombra —	4	18	5	M
Meio do eclipse ás	6	2	»	M
Ultimo contacto com a sombra ás	7	45	5	M
— — penumbra ás . . .	8	44	9	M

A grandeza do eclipse é egual a 1.372 sendo o diametro da lua. = 1. Pondo-se a lua nesse dia as 5 h. 8′ da manhã poderão ser observados as duas 1as phases.

O 1° contacto com a sombra dar-se-ha a 58° do ponto N, do limbo lunar contados para E.

O ultimo contacto a 269 contados para E e ambos para a imagem directa.

IV Eclipse parcial do sol em 12 de Dezembro de 1909 invisivel no Rio.

O começo do eclipse geral dar-se-ha no dia 12 ás 3 h. 4′. O da tarde t. m. do Rio na longitude de 22° 20′ a W do Rio e latitude 39° 4′ S a maior phase dar-se-ha as 4 h. 52′ 1″ na longitude de 128° 42′ a E do Rio e na latitude de 64° 33′ 8″, o fim accorre no dia 12 as 7 h. 0′ 2″ da tarde na longitude do 25° 35° a E do Rio e na latitude de 54° 59′, S.

A grandeza do eclipse é egual a 0. 541 sendo o diametro do sol. = 1.

FESTAS OFFICIAES OBSERVADAS NAS LEGAÇÕES E NOS CONSULADOS ESTRANGEIROS

Jan.	21	— Suecia e Noruega — Anniversario do rei Oscar II.
»	27	— Allemanha — Anniversario do imperador Guilherme II.
Fev.	7	— Rep. de S. Domingos — Anniversario da independencia.
Abril	6	— Grecia — Anniversario da independencia.
»	8	— Dinamarca — Anniversario do rei Christiano IX.
Maio	15	— Paraguai — Anniversario da independencia.
»	17	— Hespanha — Anniversario do rei Affonso XIII.
»	19	— Russia — Anniversario do tsar Nicolau II.
»	25	— Rep. Argentina — Anniversario da independencia.
Julho	4	— E. U. da America do Norte — Anniversario da independencia.
»	5	— Venezuela — Anniversario da independencia.
»	14	— França — Festa nacional da Republica.
»	27	— Colombia — Anniversario da independencia.
»	28	— Perú — Idem.
Agosto	1	— Suissa — Anniversario da fundação da Confederação.
»	6	— Bolivia — Anniversario da independencia.
»	10	— Equador — Idem.
»	18	— Austria-Hungria — Anniversario do imperador Francisco José.
»	25	— Uruguai — Anniversario da independencia.
»	31	— Hollanda — Anniversario da rainha Guilhermina.
Sept.	18	— Chile — Anniversario da independencia.
Sept.	28	— Portugal — Anniversario dos reis D. Carlos e D. Maria Amelia.
Nov.	9	— Grã-Bretanha — Anniversario do rei Eduardo VII.
»	11	— Italia — Anniversario do rei Victor Manuel III.
»	15	— Belgica — Anniversario do rei Leopoldo.

O coração da mulher
Por mais frio que faça,
Tem sempre calor bastante
Para aquecer a desgraça.

Fogem-te... e vaes atráz dellas
Fazem-te mal... e perdôas!
No fim de tudo as mulheres
São tão más... e são tão boas!

CALENDARIO PERPETUO

Válido desde sexta-feira 15 de Outubro de 1582 até domingo 31 de Dezembro de 2000

O quadro AA indica os *seculos*. Os quadros CC: os *annos correntes*, de 1 a 50 á esqurda, e de 51 a 100 á direita. Assim, para termos 1926, tomamos 1900, em AA, e 26 na 5.ª columna do quadro C. Seguindo perpendicularmente a columna que contém 1900 e horizontalmente a que contém 26, vamos encontrar, no quadro B, e na in terseçcão d'ellas, a letra R. Querendo saber que dia da semana será 25 de Maio de 1926, procure-se, no quadro de Maio, o numero 25, e siga-se horizontalmente a columna até ao encontro da columna vertical R, no quadro emmoldurado de preto, e encimado pelo nome de **Christo**. Na intersecção destas duas columnas encontra-se a designação 3.ª. que quer dizer *terça-feira*. O dia 25 de Maio de 1926 será, por conseguinte, terça-feira.

Para os annos bissextos, as letras do quadro B não servem senão a partir do 1º de Março. Para Janeiro e Fevereiro, toma-se a letra á direita da que é encontrada pelo methodo que fica dito. Exemplo: «Achar o dia, que corresponde a 12 de Fevereiro de 1896».

O quadro B dá a letra I na intersecção da columna vertical 1800 com a columna horizontal 96. Como o anno é bissexto, e o mez o de Fevereiro, entrar-se ha no quadro **Christo** com a letra S, que fica immediatamente á direita. E assim, achar-se-ha, que o dia 12 de Fevereiro de 1896 foi uma *quarta-feira*.

A	= SECULOS =					A
1600	—	1700	B	1800	—	1900 1500
C	H	R	I	S	T	O
O	C	H	R	I	S	T
T	O	C	H	R	I	S
S	T	O	C	H	R	I
I	S	T	O	C	H	R
R	I	S	T	O	C	H
H	R	I	S	T	O	C

C								
1	7	12	18	23	29	35	40	46
2	8	13	19	24	30	36	41	47
3	9	14	20	25	31	37	42	48
4	10	15	21	26	32	38	43	49
5	11	16	22	27	33	39	44	50
6	12	17	23	28	34	40	45	46

C								
51	56	62	68	73	79	84	90	96
52	57	63	69	74	80	85	91	97
53	58	64	70	75	81	86	92	98
54	59	65	71	76	82	87	93	99
55	60	66	72	77	83	88	94	100
56	61	67	73	78	84	89	95	91

JANEIRO				
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	31
4	11	18	25	
5	12	19	26	
6	13	20	27	
7	14	21	28	

FEVEREIRO				
	5	12	19	26
	6	13	20	27
	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	
3	10	17	24	
4	11	18	25	

MARÇO				
	5	12	19	26
	6	13	20	27
	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	31
4	11	18	25	

ABRIL				
30	2	9	16	23
	3	10	17	24
	4	11	18	25
	5	12	19	26
	6	13	20	27
	7	14	21	28
1	8	15	22	29

MAIO				
	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	31
4	11	18	25	
5	12	19	26	
6	13	20	27	

JUNHO				
	4	11	18	25
	5	12	19	26
	6	13	20	27
	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	

JULHO				
30	2	9	16	23
31	3	10	17	24
	4	11	18	25
	5	12	19	26
	6	13	20	27
	7	14	21	28
1	8	15	22	29

AGOSTO				
	6	13	20	27
	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	31
4	11	18	25	
5	12	19	26	

SETEMBRO				
	3	10	17	24
	4	11	18	25
	5	12	19	26
	6	13	20	27
	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30

OUTUBRO				
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	31
4	11	18	25	
5	12	19	26	
6	13	20	27	
7	14	21	28	

NOVEMBRO				
	5	12	19	26
	6	13	20	27
	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	
4	11	18	25	

DEZEMBRO				
31	3	10	17	24
	4	11	18	25
	5	12	19	26
	6	13	20	27
	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30

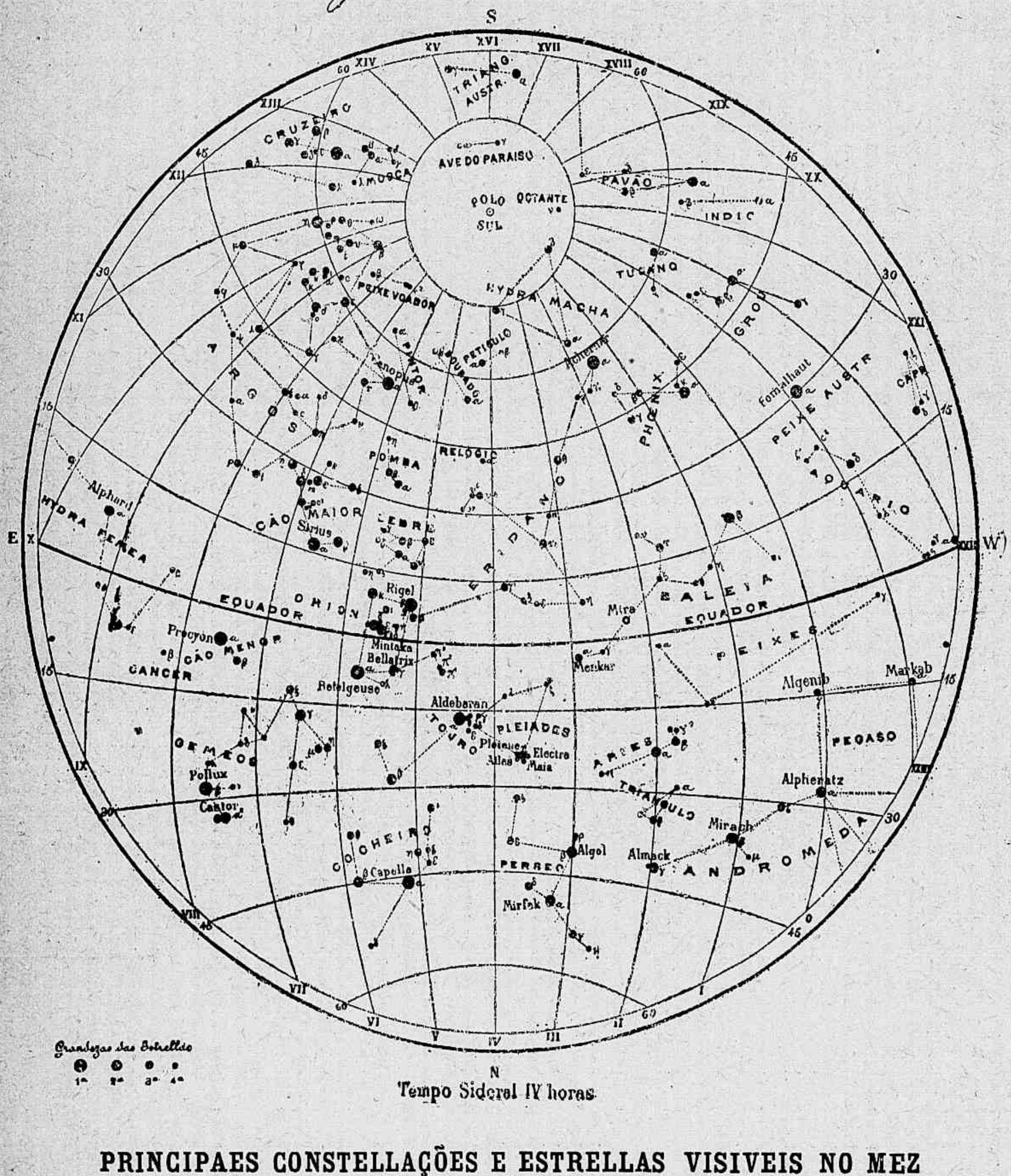
CHRISTO						
D	S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª
2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª
3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4.ª
4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª
5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª
6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S
S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D

CHRISTO						
D	S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª
2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª
3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4.ª
4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª
5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª
6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S
S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D

CHRISTO						
D	S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª
2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª
3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4.ª
4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª
5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª
6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S
S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D

ASPECTO DO CÉU

15 de Janeiro ás 8.h 20.m da noite



Tempo Sideral IV horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E. : Cruzeiro, Argus, Cão-Maior, Peixe-Voador, Mosca, Pintor, Dourado, Pomba.

QUADRANTE S. O.: Hydra-Macha, Pavão, Grou, Phenix, Indio, Peixe-Austral, Eridano.

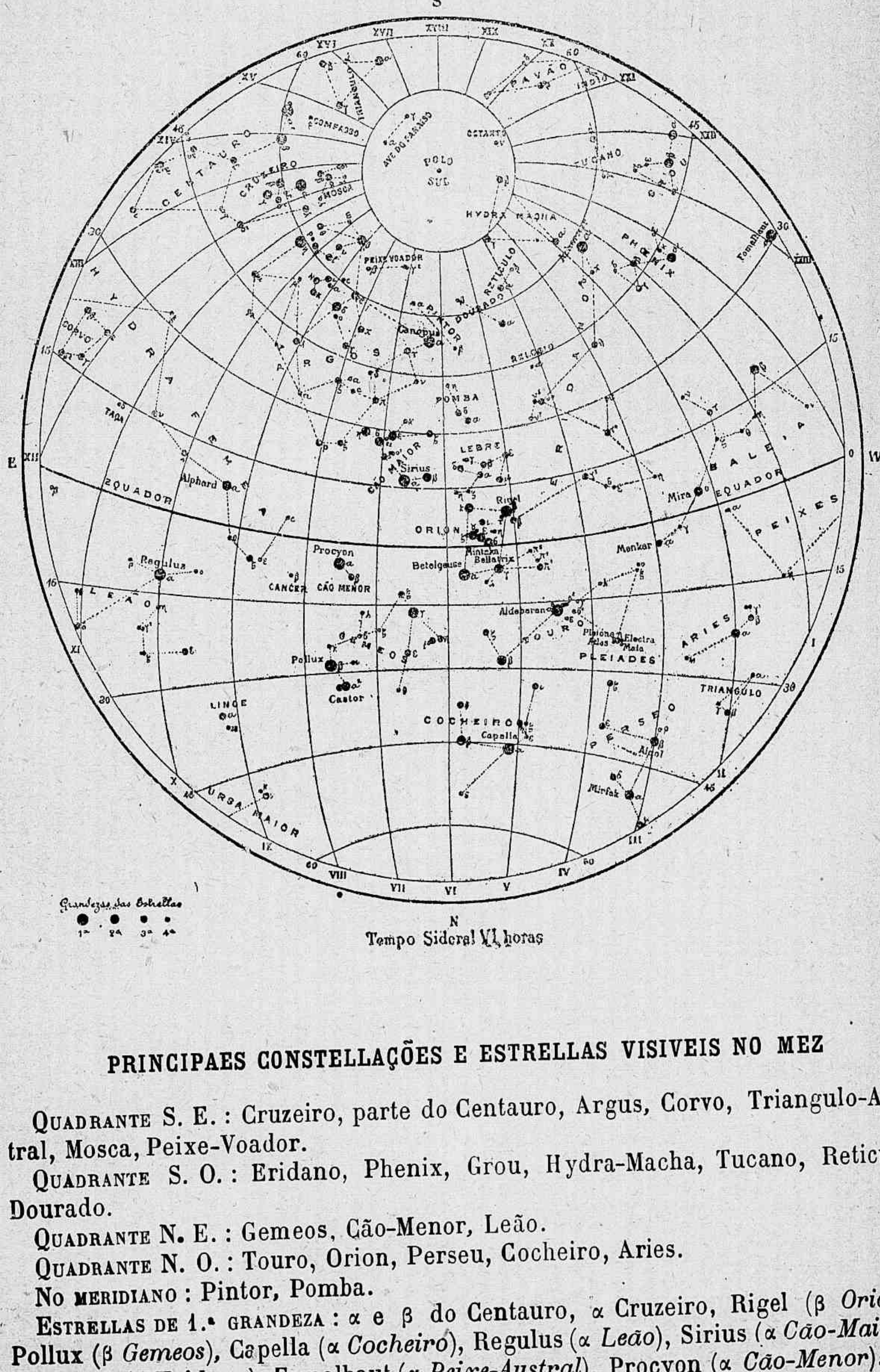
QUADRANTE N. E. : Orion, Gemeos, Cocheiro, Cão-Menor.

QUADRANTE N. O. : Perseu, Andromeda e Pegaso, Peixes, Baleia, Aries, Triangulo.

NO MERIDIANO : Touro, Relogio, Reticulo.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA : Sirius (α *Cão-Maior*), Canopus (α *Argus*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Aldebaran (α *Touro*), Capella (α *Cocheiro*), Pollux (β *Gemeos*), α *Cruzeiro*, Rigel (β *Orion*) Procyon (α *Cão-Menor*). — L. CRULS.

15 de Fevereiro ás 8.h 15.m da noite



Tempo Sideral VI horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E.: Cruzeiro, parte do Centauro, Argus, Corvo, Triangulo-Austral, Mosca, Peixe-Voador.

Quadrante S. O.: Eridano, Phenix, Grou, Hydra-Macha, Tucano, Reticulo, Dourado.

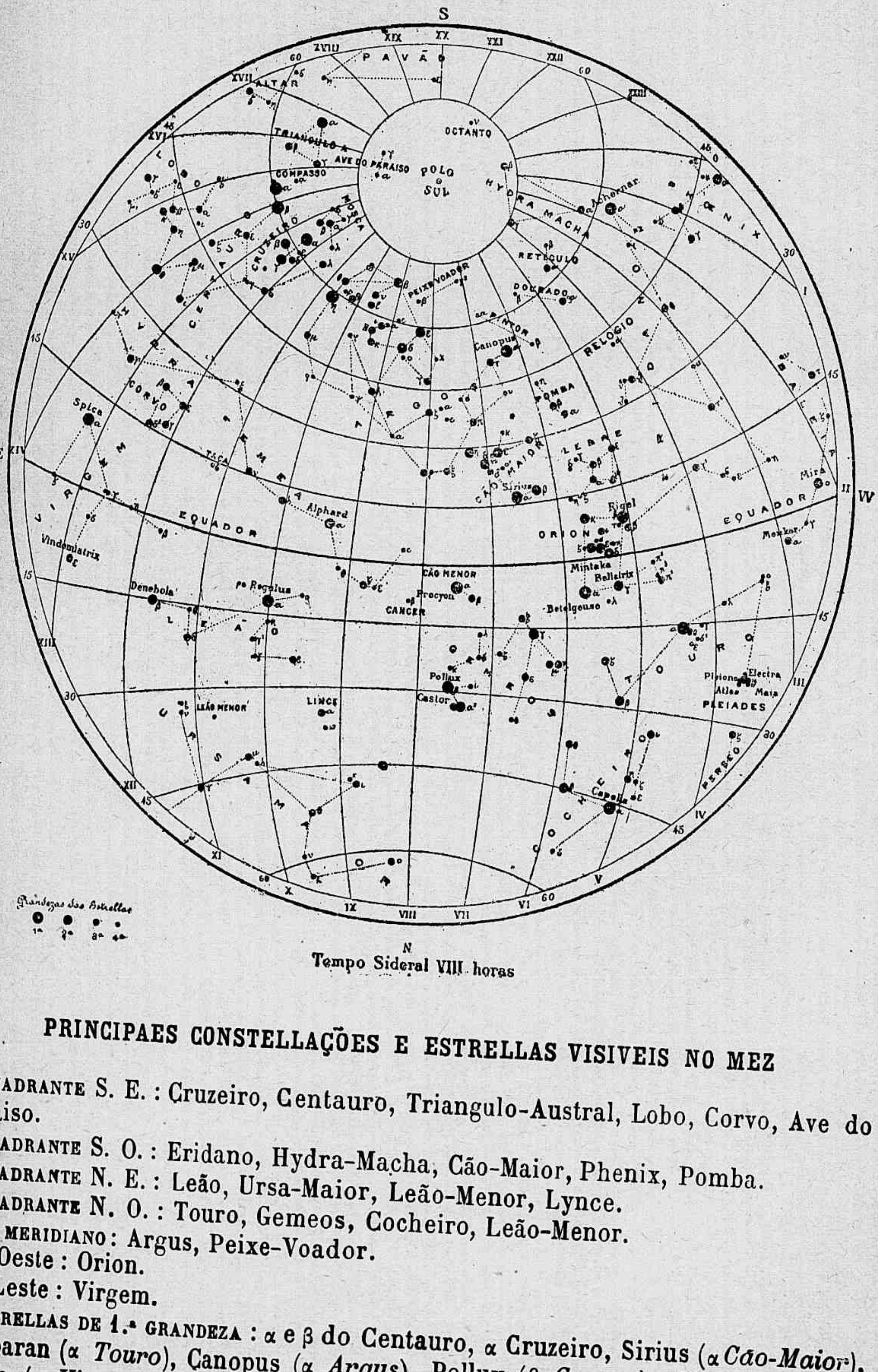
Quadrante N. E.: Gemeos, Cão-Menor, Leão.

Quadrante N. O.: Touro, Orion, Perseu, Cocheiro, Aries.

No meridiano: Pintor, Pomba.

Estrellas de 1.ª grandeza: α e β do Centauro, α Cruzeiro, Rigel (β *Orion*), Pollux (β *Gemeos*), Capella (α *Cocheiro*), Regulus (α *Leão*), Sirius (α *Cão-Maior*), Achernar (α *Eridano*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Procyon (α *Cão-Menor*). — L. Cruls.

15 de Março ás 8h. 25m. da noite



Tempo Sideral VIII horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E.: Cruzeiro, Centauro, Triangulo-Austral, Lobo, Corvo, Ave do Paraiso.

QUADRANTE S. O.: Eridano, Hydra-Macha, Cão-Maior, Phenix, Pomba.

QUADRANTE N. E.: Leão, Ursa-Maior, Leão-Menor, Lynce.

QUADRANTE N. O.: Touro, Gemeos, Cocheiro, Leão-Menor.

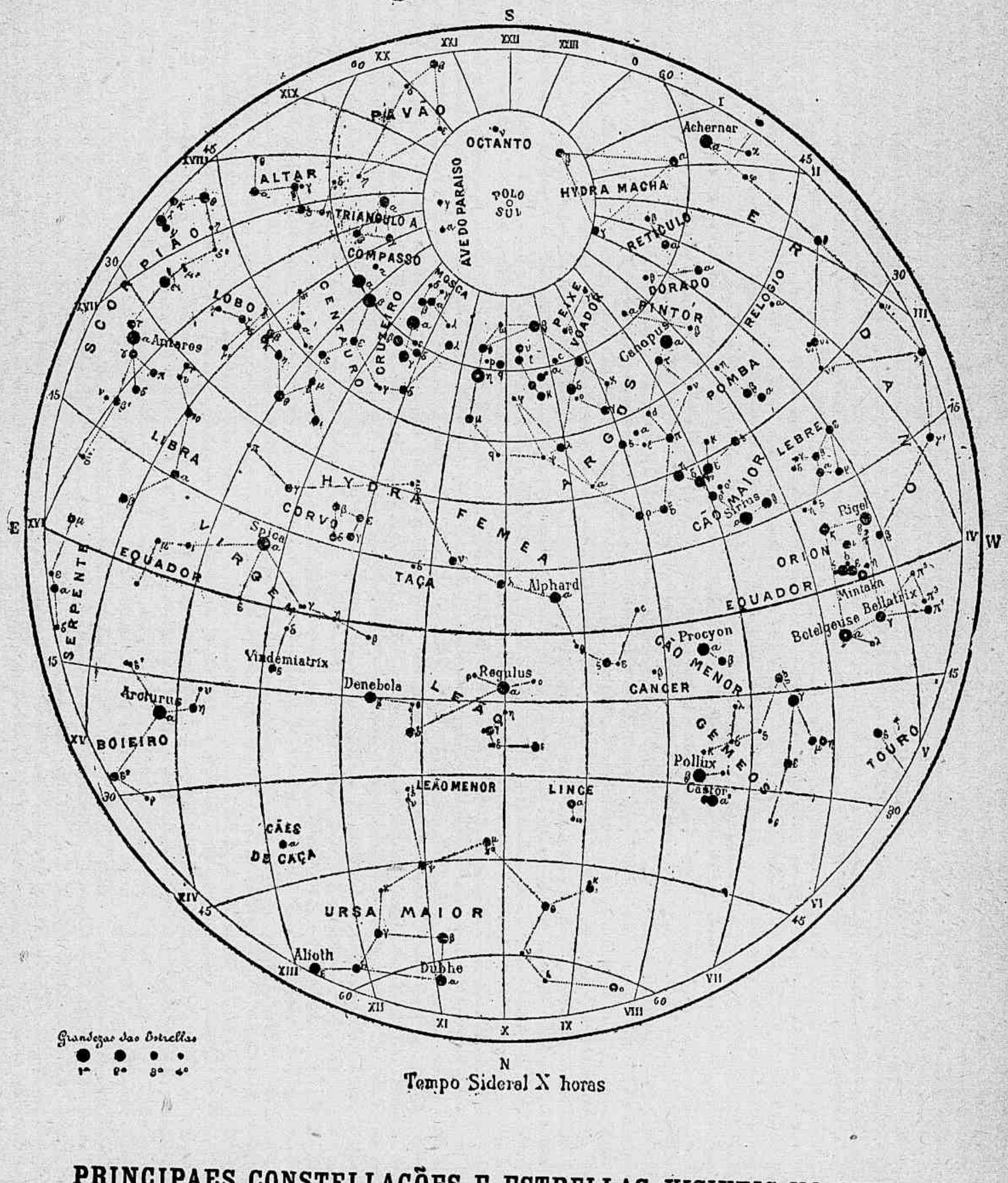
NO MERIDIANO: Argus, Peixe-Voador.

A Oeste: Orion.

A Leste: Virgem.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA: α e β do Centauro, α Cruzeiro, Sirius (α *Cão-Maior*), Aldebaran (α *Touro*), Canopus (α *Argus*), Pollux (β *Gemeos*), Rigel (β *Orion*), Espiga (α *Virgem*), Procyon (α *Cão-Menor*), Capella (α *Cocheiro*), Regulus (α *Leão*). — L. CRULS.

15 de Abril ás 8 h. 25 da noite



Grandezas das Estrellas

1ª 2ª 3ª 4ª

Tempo Sideral X horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E. : Cruzeiro, Centauro, Triangulo-Austral, Altar, Pavão, Escorpião, Lobo, Libra.

QUADRANTE S. O. : Argus, Cão-Maior, Eridano, Pomba, Lebre, Pintor, Dourado, Reticulo, Hydra-Macha.

QUADRANTE N. E. : Ursa-Maior, Leão-Menor, Cães de caça, Boieiro.

QUADRANTE N. O. : Gemeos, Cão-Menor.

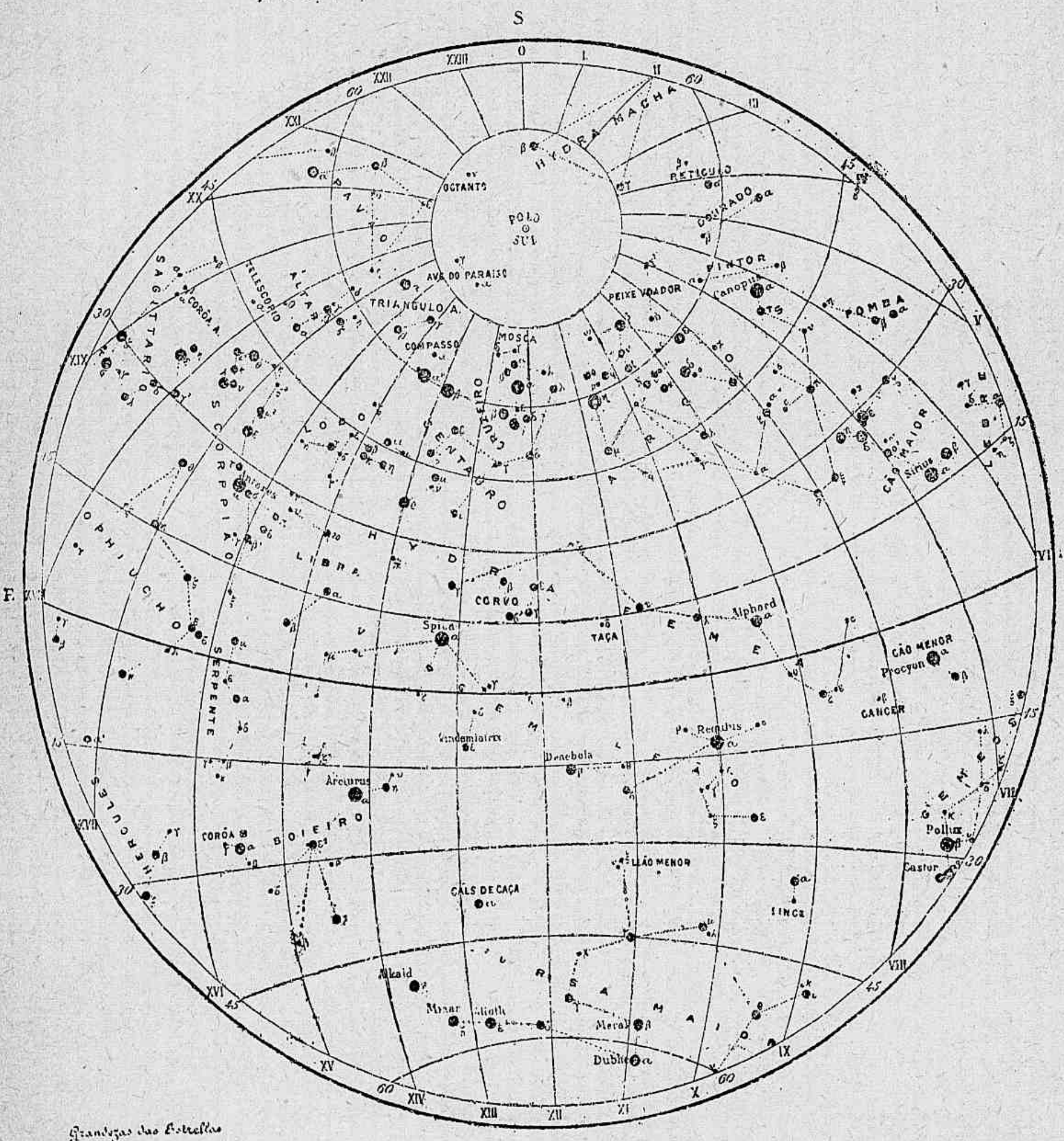
A Leste : Orion.

A Oeste : Virgem.

NO MERIDIANO : Leão.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA : α e β do Centauro, α Cruzeiro, Procyon (α *Cão-Menor*), Rigel (β *Orion*), Pollux (β *Gemeos*), Achernar (α *Eridano*), Canopus (α *Argus*), Antares (α *Escorpião*), Arcturus (α *Boieiro*), Espiga (α *Virgem*), Sirius (α *Cão-Maior*), Regulus (α *Leão*). — L. CRULS.

15 de Maio ás 8h. 25m. da noite



Tempo Sideral XII horas.

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E.: Centauro, Escorpião, Triangulo-Austral, Pavão, Sagittario, Altar, Lobo.

Quadrante S. O.: Argus, Cão-Maior, Pomba, Peixe-Voador, Dourado, Pintor, Reticulo.

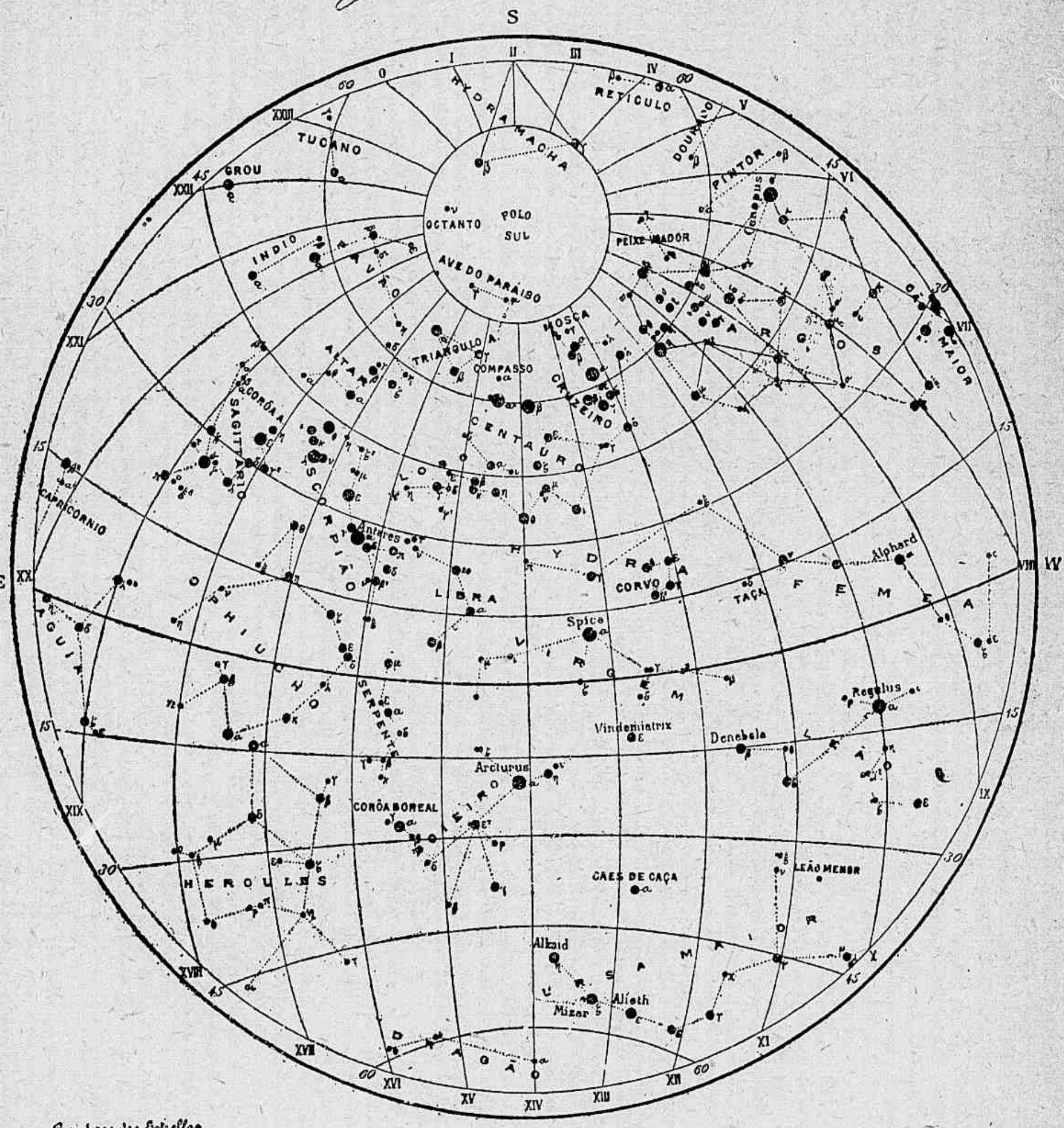
Quadrante N. E.: Boieiro, Virgem, Serpente.

Quadrante N. O.: Leão, Cão-Menor.

No meridiano: Cruzeiro, Ursa-Maior, Corvo.

Estrellas de 1.ª grandeza: α e β Centauro, α Cruzeiro, Sirius (α *Cão-Maior*), Canopus (α *Argus*), Espiga (α *Virgem*), Regulus (α *Leão*), Procyon (α *Cão-Menor*), Antares (α *Escorpião*), Arcturus (α *Boieiro*), Pollux (β *Gemeos*). — L. Cruls.

15 de Junho ás 8.h 25.m da noite



Grandezas das Estrellas
1ª 2ª 3ª 4ª

Tempo Sideral XIV horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E. : Escorpião, Sagittario, Pavão, Indio, Tucano, Altar, Triangulo-Austral, Corôa-Austral.

Quadrante S. O. : Argus, Cruzeiro, Peixe-Voador, Pintor, Dourado.

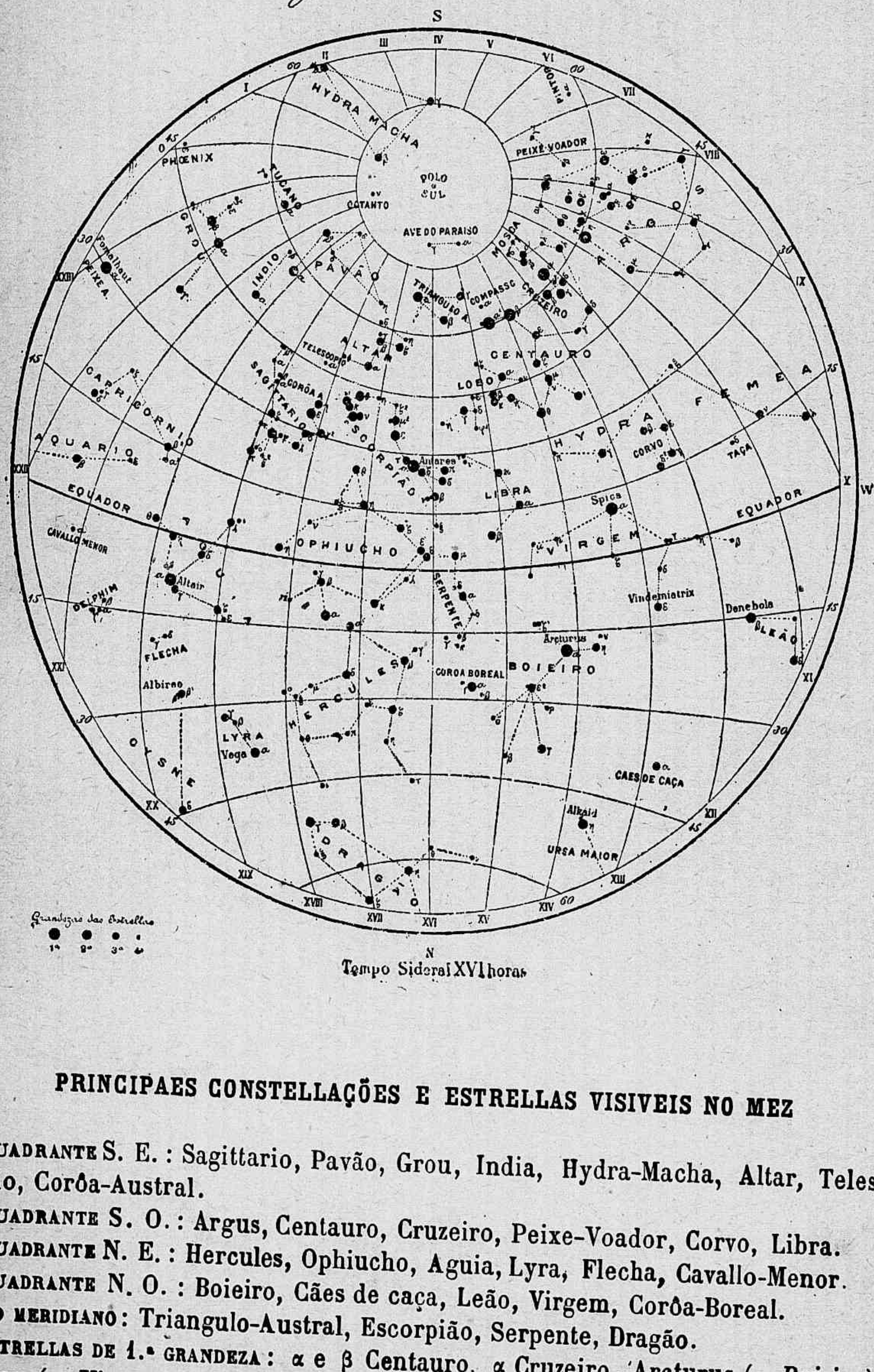
Quadrante N. E. : Hercules, Corôa-Boreal, Ophiucho, Serpente, Dragão.

Quadrante N. O. : Leão, Ursa-Maior, Virgem.

No meridiano Hydra-Macha, Centauro, Boieiro.

Estrellas de 1.ª grandeza: α e β Centauro, α Cruzeiro, Canopus (α *Argus*), Antares (α *Escorpião*), Regulus (α *Leão*), Arcturus (α *Boieiro*). — L. Cruls.

15 de Julho ás 8 h. 25 da noite.



Tempo Sideral XVI horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E.: Sagittario, Pavão, Grou, India, Hydra-Macha, Altar, Telescopio, Corôa-Austral.

QUADRANTE S. O.: Argus, Centauro, Cruzeiro, Peixe-Voador, Corvo, Libra.

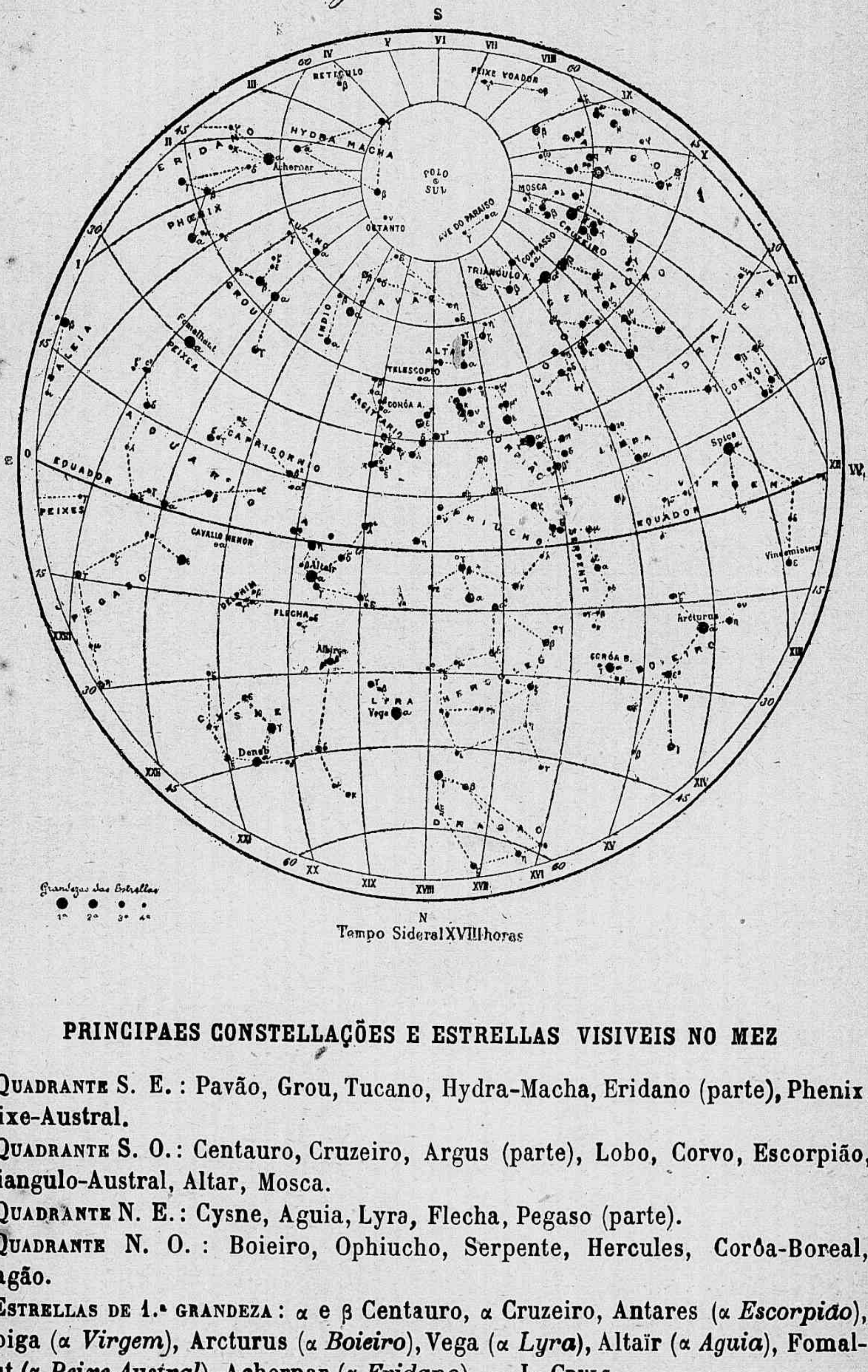
QUADRANTE N. E.: Hercules, Ophiucho, Aguia, Lyra, Flecha, Cavallo-Menor.

QUADRANTE N. O.: Boieiro, Cães de caça, Leão, Virgem, Corôa-Boreal.

NO MERIDIANO: Triangulo-Austral, Escorpião, Serpente, Dragão.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA: α e β Centauro, α Cruzeiro, Arcturus (α *Boieiro*), Espiga (α *Virgem*), Antares (α *Escorpião*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*) Vega (α *Lyra*), Altaïr (α *Aguia*). — L. CRULS.

15 de Agosto ás 8h 25m da noite



Tempo Sideral XVIII horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E.: Pavão, Grou, Tucano, Hydra-Macha, Eridano (parte), Phenix, Peixe-Austral.

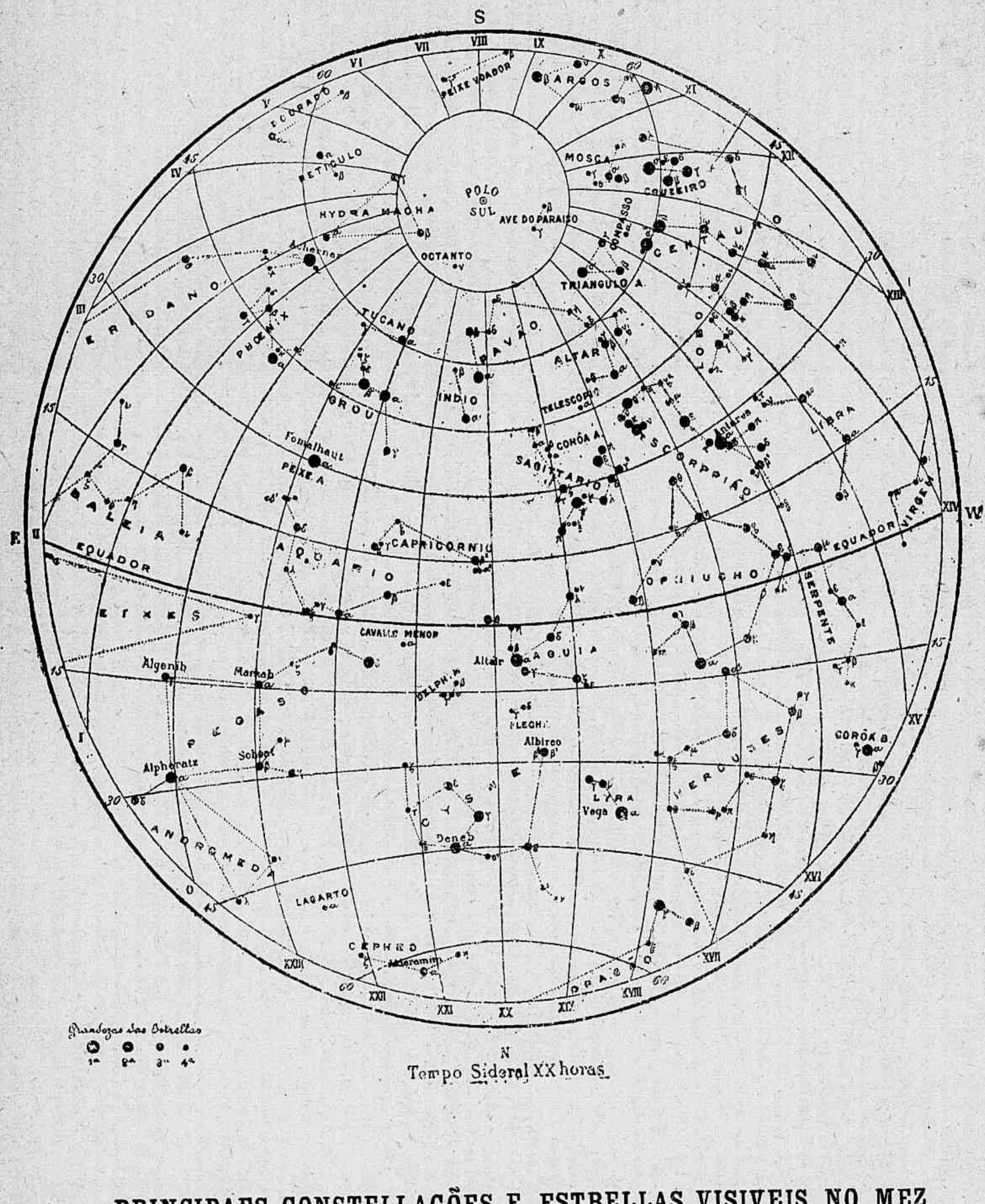
Quadrante S. O.: Centauro, Cruzeiro, Argus (parte), Lobo, Corvo, Escorpião, Triangulo-Austral, Altar, Mosca.

Quadrante N. E.: Cysne, Aguia, Lyra, Flecha, Pegaso (parte).

Quadrante N. O.: Boieiro, Ophiucho, Serpente, Hercules, Corôa-Boreal, Dragão.

Estrellas de 1.ª grandeza: α e β Centauro, α Cruzeiro, Antares (α *Escorpião*), Espiga (α *Virgem*), Arcturus (α *Boieiro*), Vega (α *Lyra*), Altaïr (α *Aguia*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Achernar (α *Eridano*). — L. Cruls.

15 de Setembro ás 8 h. 20 m. da noite



Grandezas das Estrellas
1ª 2ª 3ª 4ª

Tempo Sideral XX horas.

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E.: Eridano, Grou, Hydra-Macha, Tucano, Reticulo.

Quadrante S. O.: Escorpião, Triangulo-Austral, Centauro, Cruzeiro, Mosca, Lobo, Altar, Libra. Sagittario, Corôa-Austral.

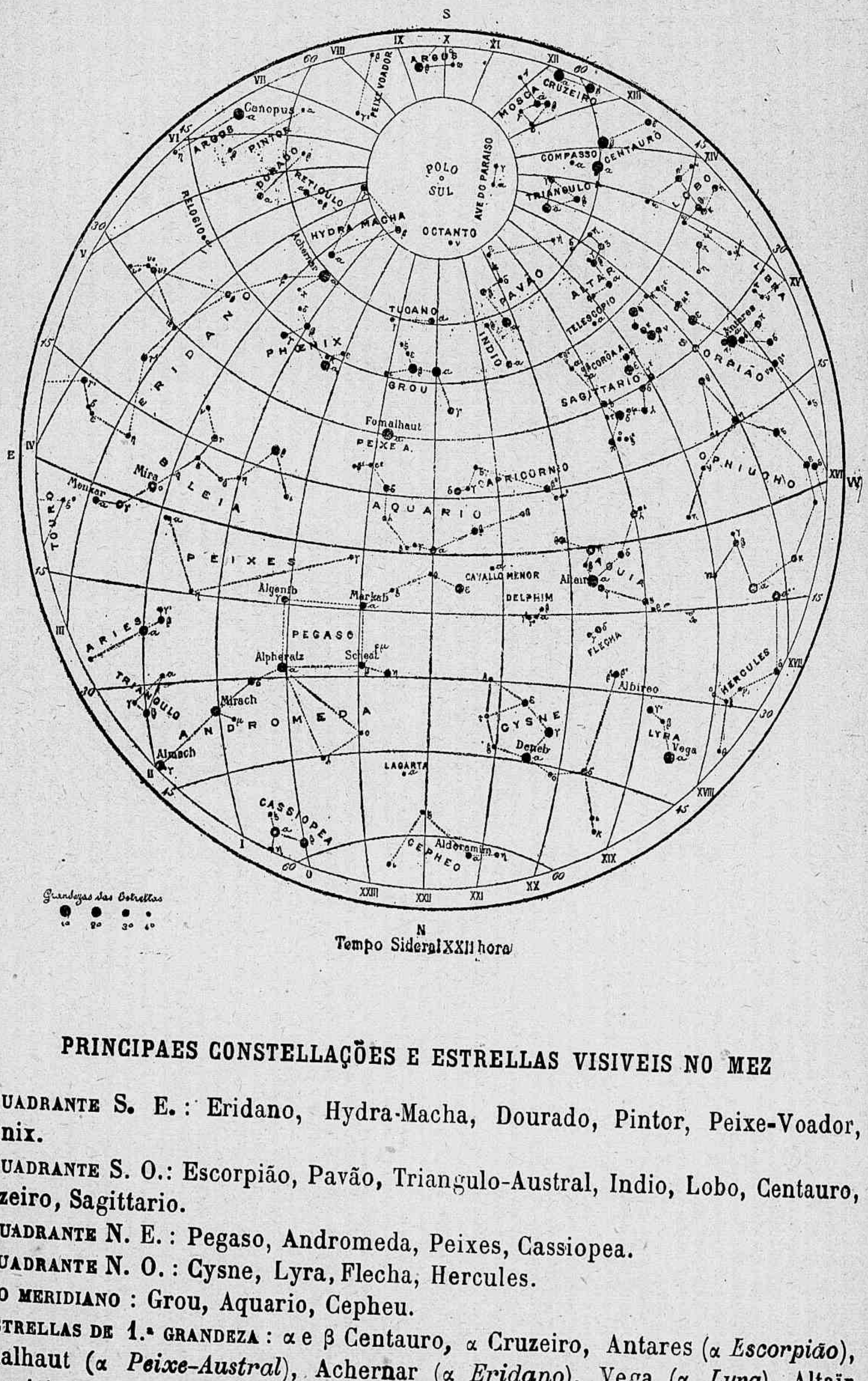
Quadrante N. E.: Pegaso, Andromeda (parte), Cepheu, Lagarto.

Quadrante N. O.: Hercules, Lyra, Aguia, Dragão.

No meridiano: Pavão, Cysne.

Estrellas de 1.ª grandeza: α e β Centauro, α Cruzeiro, Antares (α *Escorpião*), Altaïr (α *Aguia*), Vega (α *Lyra*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Achernar (α *Eridano*). — L. Cruls.

15 de Outubro ás 8.h 25.m da noite



Tempo Sideral XXII hora

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E.: Eridano, Hydra-Macha, Dourado, Pintor, Peixe-Voador, Phenix.

QUADRANTE S. O.: Escorpião, Pavão, Triangulo-Austral, Indio, Lobo, Centauro, Cruzeiro, Sagittario.

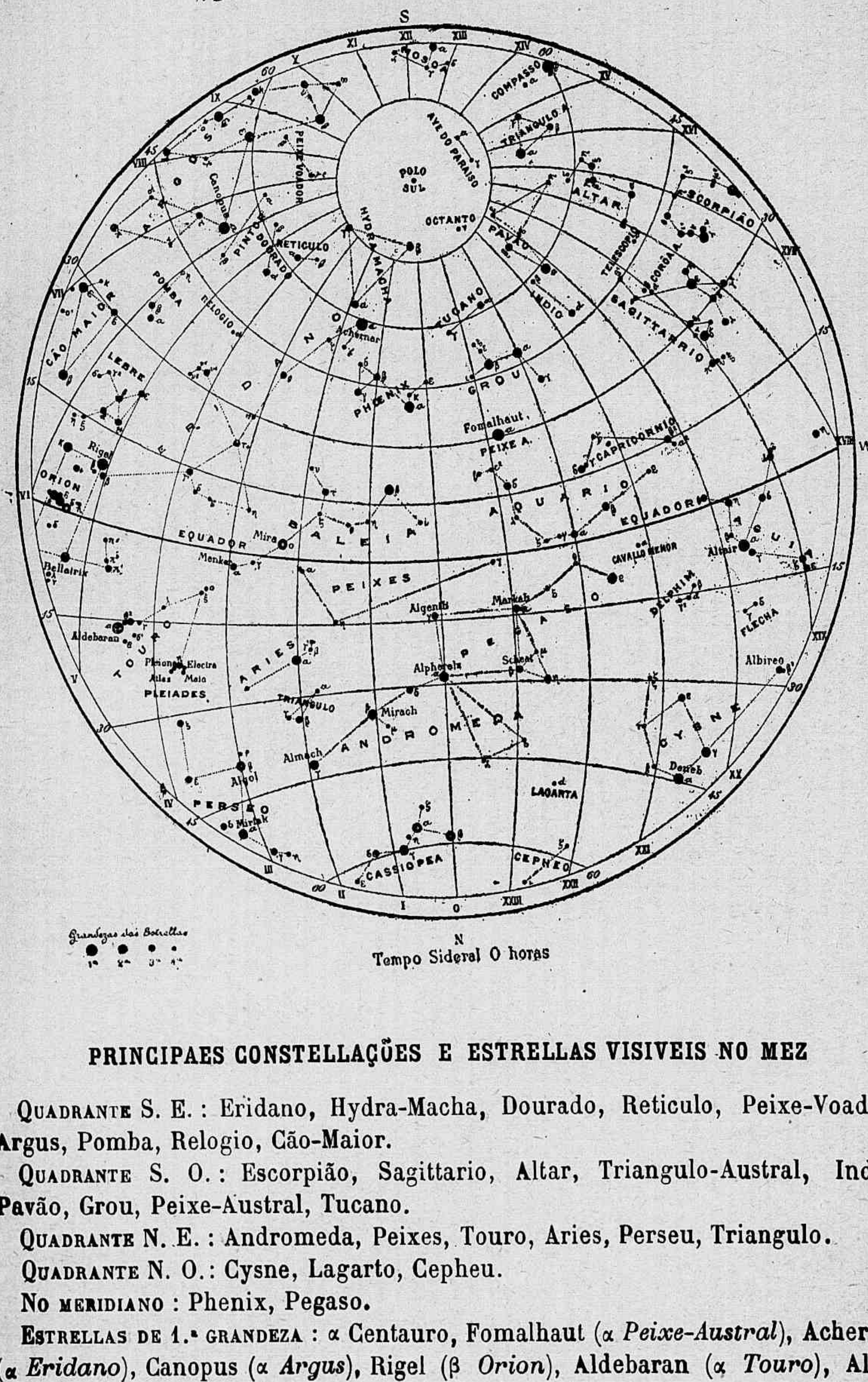
QUADRANTE N. E.: Pegaso, Andromeda, Peixes, Cassiopea.

QUADRANTE N. O.: Cysne, Lyra, Flecha, Hercules.

NO MERIDIANO: Grou, Aquario, Cepheu.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA: α e β Centauro, α Cruzeiro, Antares (α *Escorpião*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Achernar (α *Eridano*), Vega (α *Lyra*), Altaïr (α *Aguia*), Canopus (α *Argus*). — L. CRULS.

15 de Novembro ás 8.h 20.m da noite



PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E.: Eridano, Hydra-Macha, Dourado, Reticulo, Peixe-Voador, Argus, Pomba, Relogio, Cão-Maior.

QUADRANTE S. O.: Escorpião, Sagittario, Altar, Triangulo-Austral, Indio, Pavão, Grou, Peixe-Austral, Tucano.

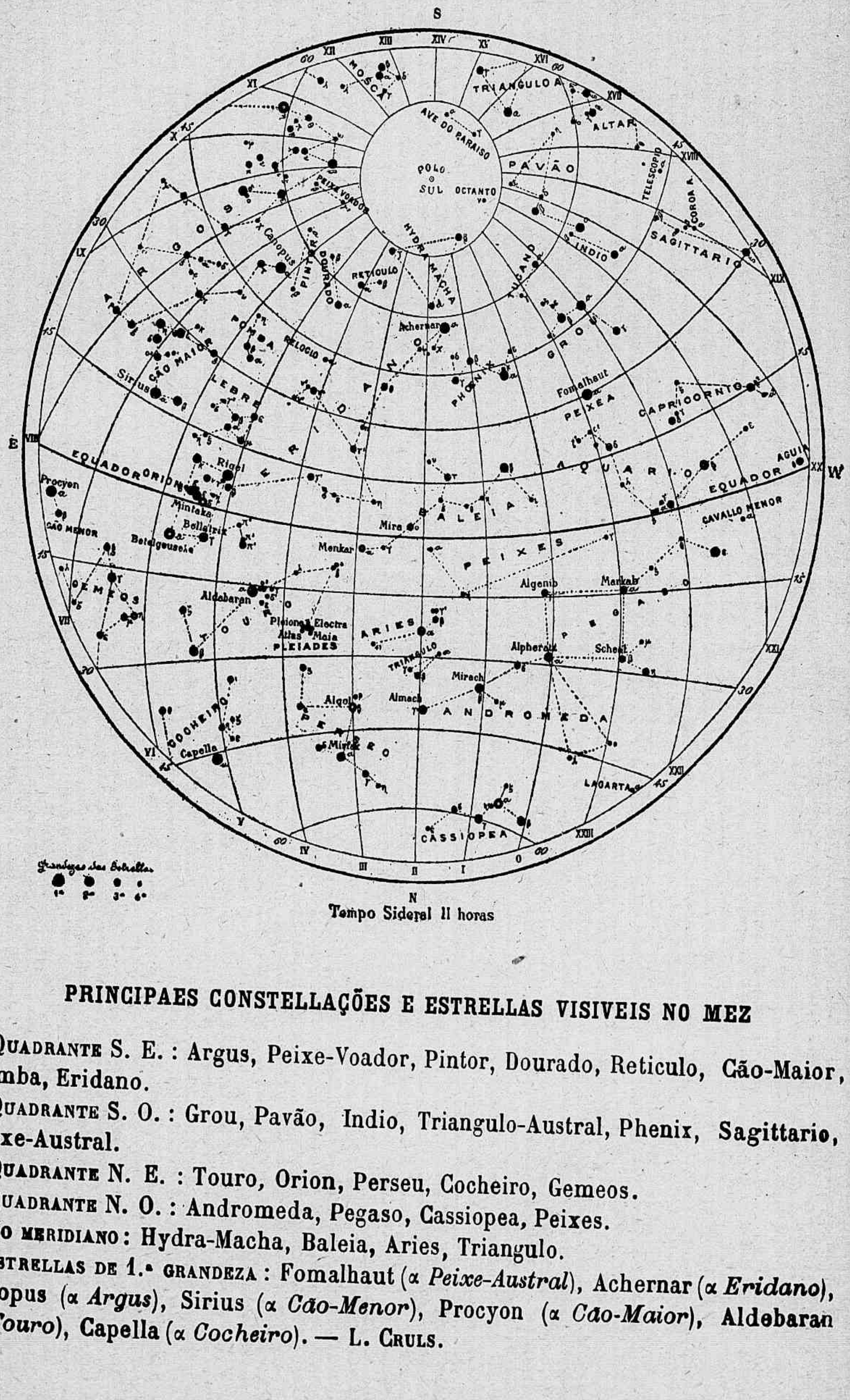
QUADRANTE N. E.: Andromeda, Peixes, Touro, Aries, Perseu, Triangulo.

QUADRANTE N. O.: Cysne, Lagarto, Cepheu.

NO MERIDIANO: Phenix, Pegaso.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA: α Centauro, Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Achernar (α *Eridano*), Canopus (α *Argus*), Rigel (β *Orion*), Aldebaran (α *Touro*), Altaïr (α *Aguia*). — L. CRULS.

15 de Dezembro ás 8 h. 20 m. da noite



Tempo Sideral 11 horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E. : Argus, Peixe-Voador, Pintor, Dourado, Reticulo, Cão-Maior, Pomba, Eridano.

QUADRANTE S. O. : Grou, Pavão, Indio, Triangulo-Austral, Phenix, Sagittario, Peixe-Austral.

QUADRANTE N. E. : Touro, Orion, Perseu, Cocheiro, Gemeos.

QUADRANTE N. O. : Andromeda, Pegaso, Cassiopea, Peixes.

NO MERIDIANO: Hydra-Macha, Baleia, Aries, Triangulo.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA : Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Achernar (α *Eridano*), Canopus (α *Argus*), Sirius (α *Cão-Menor*), Procyon (α *Cão-Maior*), Aldebaran (α *Touro*), Capella (α *Cocheiro*). — L. CRULS.

Dia 6 L. C. ás 11 h. 20′ 0″ M.
» 14 Q. M. » 3 h. 18′ 6″ T.
» 21 L. N. » 9 h. 19′ 1″ T.
» 28 Q. C. » 0 h. 14′ 7″ T.

Dia 11 Apogeo ás 0 h. 0′
» 22 Perigeo » 22 h. 3″

Janeiro

PRIMEIRO MEZ — 31 DIAS — Aquarius

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Sext.	† *Circumcisão* (FERIADO). Fulgencio.
2	Sabb.	Isidoro. Macario.
3	**DOMINGO**	Antero. Genoveva.
4	Seg.	Gregorio. Rigoberto. Tito.
5	Terç.	Simeão. Estelita. Apollinaria.
6	Quart.	† *Reis,* ou *Epiphania*. André.
7	Quint.	Theodoro.
8	Sext.	Lourenço. Justiniano.
9	Sabb.	Julião. Marciana.
10	**DOMINGO**	Paulo. Gonçalo d'Amarante.
11	Seg.	Hygino. Honorata.
12	Terç.	Satyro. Taciana.
13	Quart.	Veronica.
14	Quint.	Hilario. Felix de Nole.
15	Sext.	Amaro. Bonito.
16	Sabb.	Marcello. Estephania.
17	**DOMINGO**	Antão. Servula.
18	Seg.	Prisca. Margarida d'Hungria.
19	Terç.	Canuto. Ponciano. Germana.
20	Quart.	† (na Cap. Fed.) Sebastião.
21	Quint.	*SS. Nome de Jesus*. Ignez. Patroclo.
22	Sext.	Vicente. Anastasio.
23	Sabb.	Raimundo de Penaforte. Emerenciana.
24	**DOMINGO**	Timotheo. Marcolino.
25	Seg.	Conv. de S. Paulo. Ananias.
26	Terç.	Polycarpo. Paula.
27	Quart.	João Chrysostomo.
28	Quint.	*Sagr. Familia*. Cyrillo. Herminia.
29	Sext.	Francisco de Sales.
30	Sabb.	Martinha. Matilde.
31	**DOMINGO**	Pedro Nolasco. Cyro.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Dia 5 L. C. ás 5 h. 32′ 0″ M.
» 13 Q. M. » 9 h. 54′ 2″ M.
» 20 L. N. » 7 h. 59′ 4″ M.
» 26 Q. C. » 11 h. 56′ 4″ T.

Dia 7 Apogéo ás 14 h. 4′
» 20 Perigéo » 8 h. 5′

Fevereiro

SEGUNDO MEZ — 28 DIAS — Pisces

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Seg.	Ignacio. Brigida.
2	Terç.	† *Purif. de N. S.*
3	Quart.	Braz. Odorico.
4	Quint.	João de Britto. Gilberto.
5	Sext.	Agueda. Pedro Baptista.
6	Sabb.	Dorothea. Antonio de Amandula.
7	**DOMINGO**	*Septuagesima*. Ricardo.
8	Seg.	João de Matha.
9	Terç.	Cyrillo. Apollonia.
10	Quart.	Escholastica.
11	Quint.	Lazaro. Severino.
12	Sext.	Lucio. Eulalia.
13	Sabb.	Catharina de Ricci.
14	**DOMINGO**	*Sexagesima*. Jovita.
15	Seg.	Faustino.
16	Terç.	Samuel. Porphyrio.
17	Quart.	Philippe de Jesus. Silvano.
18	Quint.	Theotonio. Simeão.
19	Sext.	Conrado. Ernestina.
20	Sabb.	Eleutherio. Nilo.
21	**DOMINGO**	*Quinquagesima*. Vitalina. Leonor.
22	Seg.	Papias. Abilio.
23	Terç.	Pedro Damião. Milburges.
24	Quart.	*Cinzas*. Mathias.
25	Quint.	Margarida de Cortona.
26	Sext.	Nestor. Torquato.
27	Sabb.	Leandro. Honorina.
28	**DOMINGO**	Romão. Thomaz de Coria.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	

Dia 7 L. C. ás 0 h. 3′ 1″ M.
» 15 Q. M. » 0 h. 49′ 0″ M.
» 21 L. N. » 5 h. 18′ 6″ T.
» 28 Q. C. » 1 h. 56′ 0″ T.

Dia 6 Apogeo ás 17 h. 1′
» 20 Perigeo « 20 h. 5′

Março

TERCEIRO MEZ — 31 DIAS — Aries

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Seg.	Eudoxia.
2	Terç.	Simplicio. Camilla.
3	Quart.	Hemeterio. Cunegundes.
4	Quint.	Lucio.
5	Sext.	Theophilo. Rogerio.
6	Sabb.	Perpétua. Felicidade.
7	**DOMINGO**	Thomaz de Aquino.
8	Seg.	João de Deus. Pelagia.
9	Terç.	Francisca. Gregorio de Nyssa.
10	Quart.	Militão.
11	Quint.	Candido. Constantino. Rosa.
12	Sext.	Gregorio Magno.
13	Sabb.	Sancha. Euphrasia. Ernesto.
14	**DOMINGO**	Boaventura. Matilde.
15	Seg.	Christovão. Longino.
16	Terç.	Cyriaco. Abrahão.
17	Quart.	Patricio. Agricola.
18	Quint.	Gabriel. Anselmo.
19	Sext.	José (protector da Egreja).
20	Sabb.	Martinho Dumiense. Cyrillo.
21	**DOMINGO**	Bento.
22	Seg.	Benevenuto. Cilecina.
23	Terç.	Felix. Victoriano.
24	Quart.	Agapito.
25	Quint.	† *Annunc. de N. Sa.*
26	Sext.	Ludgero. Braulio.
27	Sabb.	João Damasceno. Lydia.
28	**DOMINGO**	Alexandre. Dorothéa.
29	Seg.	Bertholdo. Eustasia.
30	Terç.	Clineu. Regulo.
31	Quart.	Benjamim.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Dia 5 L. C. ás 5 h. 35′ 7 T.
» 13 Q. M. » 11 h. 37′ 5 M.
« 20 L. N. » 1 h. 58′ 6 M.
» 27 Q. C. » 5 h. 43′ 5 M.

Dia 2 Apogeo ás 20 h. 0′
» 18 Perigeo » 5 h. 5′
» 30 Apogeo » 9 h. 0′

Abril

QUARTO MEZ — 30 DIAS — Taurus

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Quint.	Catharina de Sena.
2	Sext.	Francisco de Paula. Maria Egypciaca.
3	Sabb.	Ricardo. Irene.
4	**DOMINGO**	Vicente Ferrer. Isidoro.
5	Seg.	Iria.
6	Terç.	Marcellino. Catharina de Pallencia.
7	Quart.	Epiphanio. Valtrudes.
8	Quint.	Amancio.
9	Sext.	Demetrio.
10	Sabb.	Ezequiel. Pompeu.
11	**DOMINGO**	*Paschoa.*
12	Seg.	Julio. Victor.
13	Terç.	Hermenegildo.
14	Quart.	Justino.
15	Quint.	Lucio. Anastasia.
16	Sext.	Engracia. Fructuoso.
17	Sabb.	Rodolfo. Aniceto.
18	**DOMINGO**	Galdino. Valeriano.
19	Seg.	Hermogenes.
20	Terç.	Timotheo. Accindino.
21	Quart.	Anselmo. Silvino.
22	Quint.	Sotero. Senhorinha.
23	Sext.	Jorge. Adalberto.
24	Sabb.	Honorio. Roberto.
25	**DOMINGO**	Marcos Ev.
26	Seg.	Cleto. Marcellino.
27	Terç.	Tertulliano. Zita. Thuribio.
28	Quart.	Paulo da Cruz.
29	Quint.	Pedro. Hugo.
30	Sext.	Eutropio. Sophia.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Dia 5 L. C. ás 9 h. 15′ 7″ M.
» 12 Q. M. » 6 h. 52′ 6″ T.
« 19 L. N. » 10 h. 49′ 3″ M.
» 26 Q. C. » 10 h. 35′ 1″ T.

Dia 16 Perigeo ás 5 h. 6′
» 28 Apogeo » 2 h. 5′

Maio

QUINTO MEZ — 31 DIAS — Gemini

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Sabb.	Philippe. Jacob.
2	**DOMINGO**	Athanasio. Mafalda.
3	Seg.	FERIADO. Alexandre. Juvenal.
4	Terç.	Monica. Floriano.
5	Quart.	Pio. Angelo.
6	Quint.	*Maternidade de N. S.* João Damasceno.
7	Sext.	Estanislau. Gisela.
8	Sabb.	Miguel Arch. Victor.
9	**DOMINGO**	Greg. Nazianzeno. Trasl. de S^{to} André.
10	Seg.	Antonino.
11	Terç.	Athanasio. Palmyra.
12	Quart.	Joanna.
13	Quint.	FERIADO. Pio. Glyceria.
14	Sext.	Bonifacio. Justa.
15	Sabb.	Isidro. Dimpina.
16	**DOMINGO**	João Nepom. Maxima.
17	Seg.	Paschoal Bailão. Restituta.
18	Terç.	Venancio. Liborio.
19	Quart.	Ivo.
20	Quint.	*Ascenção*. Bernardino de Sena.
21	Sext.	Pedro Celestino.
22	Sabb.	Rita de Cassia. Helena.
23	**DOMINGO**	Desiderio. Basileu.
24	Seg.	Afra. João do Prado.
25	Terç.	Urbano. Maria Magd. de Pazzi.
26	Quart.	Philippe Nery. Prisco.
27	Quint.	Agostinho de Cantuaria.
28	Sext.	Emilio.
29	abb.	Maximo. Theodosia.
30	**DOMINGO**	*Pentecostes*. Emilia.
31	Seg.	Petronilha.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Dia 3 L. C. ás 10 h. 32′ 0″ T.
» 10 Q. M. » 11 h. 49′ 9″ T.
« 17 L. N. » 8 h. 35′ 6″ T.
» 25 Q. C. » 3 h. 50′ 1″ T.

Dia 12 Perigeo ás 1 h. 4′
» 24 Apogeo » 21 h. 3′

Junho

SEXTO MEZ — 30 DIAS — Cancer

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Terç.	Pamphilo. Ubaldo.
2	Quart.	Marcellino. Eugenio.
3	Quint.	Clotilde. Paula. Ovidio.
4	Sext.	Quirino. Saturnina.
5	Sabb.	Bonifacio. Valeria.
6	**DOMINGO**	*S. S. Trindade*. Paulina.
7	Seg.	Roberto.
8	Terç.	Salustiano. Calliopa.
9	Quart.	Primo. Melania.
10	Quint.	*Corpo de Deus*. Mauricio.
11	Sext.	Felix. Barnabé.
12	Sabb.	Onofre. Antonina.
13	**DOMINGO**	Antonio, de Lisboa.
14	Seg.	Basilio o Magno.
15	Terç.	Modesto. Crescencia.
16	Quart.	João Francisco Regis. Germana.
17	Quint.	Thereza. Manuel.
18	Sext.	Marina.
19	Sabb.	Gervasio.
20	**DOMINGO**	Silverio. Prudenciana.
21	Seg.	Luiz de Gonzaga. Demetria.
22	Terç.	*S. Coração de Jesus*. Paulino.
23	Quart.	Edeltrudes.
24	Quint.	† *João Baptista*.
25	Sext.	Guilherme. Febronia.
26	Sabb.	João e Paulo. Perseveranda.
27	**DOMINGO**	Ladislau de Hungria.
28	Seg.	Marcella.
29	Terç.	† *Pedro e Paulo*.
30	Quart.	Lucia. Marçal.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Dia 3 L. C. ás 9 h. 24′ 6″ M.
» 10 Q. M. » 4 h. 5′ 4″ M.
» 17 L. N. » 7 h. 51′ 9″ M.
» 25 Q. C. » 8 h. 52′ 6″ M.

Dia 7 Perigeo ás 5 h. 1′
» 22 Apogeo » 15 h. 4′

Julho

SEPTIMO MEZ — 31 DIAS — Leo

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Quint.	Domiciano. Theodorico.
2	Sext.	*Visitação de N. Sª.* Processo.
3	Sabb.	Anatolio. Jacintho.
4	**DOMINGO**	Isabel, de Portugal. Bertha.
5	Seg.	Philomena. Zoé.
6	Terç.	Tranquillino. Isaïas.
7	Quart.	Pulcheria.
8	Quint.	Procopio. Methodio. Priscillia.
9	Sext.	Nicolau. Anathalia.
10	Sabb.	Januario. Rufina.
11	**DOMINGO**	Pio. Sabino.
12	Seg.	João Gualberto. Marciana.
13	Terç.	Anacleto. Eugenio.
14	Quart.	FERIADO. Boaventura.
15	Quint.	Henrique. Rosalia.
16	Sext.	Ceslau. Reinalda.
17	Sabb.	Acylino. Marcellina.
18	**DOMINGO**	Camillo de Lellis.
19	Seg.	Vicente de Paulo. Justa.
20	Terç.	Margarida. Jeronymo Emiliano.
21	Quart.	Praxedes. Victor.
22	Quint.	Maria Magdalena.
23	Sext.	Liborio. Brigida.
24	Sabb.	Christina. Vicente.
25	**DOMINGO**	Christovão. Valentina.
26	Seg.	Olympio.
27	Terç.	Pantaleão. Natalia.
28	Quart.	Innocencio. Celso.
29	Quint.	*Sta Anna.* Olavo. Beatriz. Martha.
30	Sext.	Julieta. Rufino.
31	Sabb.	Ignacio de Loyola. Germano.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Dia	1	L. C. ás	6 h. 21′ 3″ T.
»	8	Q. M. »	9 h. 17′ 2″ M.
»	15	L. N. »	9 h. 2′ 0″ T.
»	24	Q. C. »	1 h. 2′ 6″ M.
»	31	L. C. »	2 h. 15′ 1″ M.

Dia	3	Perigeo ás	13 h. 1′
«	19	Apogeo »	14 h. 8′
»	31	Perigeo »	16 h. 4′

Agosto

OITAVO MEZ — 31 DIAS — Virgo

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	**DOMINGO**	Pedro nos vinculos.
2	Seg.	Affonso de Ligorio. Estevão.
3	Terç.	Lydia. Hermilio.
4	Quart.	Domingos. Perpétua.
5	Quint.	Cantidiano. Afra.
6	Sext.	Thiago. Xisto.
7	Sabb.	Caetano. Donato.
8	**DOMINGO**	Cyriaco. Esmeralda.
9	Seg.	Romão. Sabina.
10	Terç.	Lourenço. Philomena.
11	Quart.	Tiburcio. Susanna.
12	Quint.	Clara. Cassiano.
13	Sext.	Hippolyto.
14	Sabb.	Eusebio. Athanasia.
15	**DOMINGO**	† *Assumpção de N. S.ª* Alipio.
16	Seg.	Roque. Sirena.
17	Terç.	Mamede. Paulina.
18	Quart.	Agapito. Helena.
19	Quint.	*S. Joaquim.* Jacintho. Tecla.
20	Sext.	Bernardo. Samuel.
21	Sabb.	Umbelina.
22	**DOMINGO**	Felisberto. Antusa.
23	Seg.	Liberato. Davina. Graça.
24	Terç.	Bartholomeu. Aurea.
25	Quart.	Luiz. Patricia.
26	Quint.	*S. Coração de Maria.* Zephyrino. Rosa.
27	Sext.	José Calasans. Cesario.
28	Sabb.	Agostinho. Alexandre.
29	**DOMINGO**	Candida. Adolfo.
30	Seg.	Rosa de Lima.
31	Terç.	Raimundo Nonnato.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Dia 6 Q. M. ás 4 h. 51′ 7″ T.
» 14 L. N. » 0 h. 16′ 0″ T.
» 22 Q. C. » 3 h. 38′ 6″ T.
» 29 L. C. » 10 h. 12′ 7′ M.

Dia 15 Apogeo ás 18 h. c
» 29 Perigeo » 2 h. 1′

Septembro

NONO MEZ — 30 DIAS — Libra

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Quart.	Egydio. Gedeão.
2	Quint.	Estevão. Maxima.
3	Sext.	Aristeu. Euphemia.
4	Sabb.	Rosa de Viterbo. Candida.
5	**DOMINGO**	Lourenço Justiniano. Gentil.
6	Seg.	Libania. Zacharias.
7	Terç.	FERIADO. Regina. Athanagildo.
8	Quart.	† *Natividade de N. Sª*. Adriano.
9	Quint.	*O Stº Nome de Maria*. Serafina.
10	Sext.	Nicolau Tolentino.
11	Sabb.	Theodora. Jacintho.
12	**DOMINGO**	Auta. Juvencio.
13	Seg.	Eulogio. Maurilio.
14	Terç.	*Exaltação da SS. Cruz*. Cornelio. Crescencio.
15	Quart.	Nicomedes. Melitina.
16	Quint.	*Dôres de N. Sª*. Cypriano. Luiza.
17	Sext.	Pedro de Arbues. Comba.
18	Sabb.	Thomaz. Sophia.
19	**DOMINGO**	Januario. Constança.
20	Seg.	Philippa.
21	Terç.	Matheus. Iphigenia.
22	Quart.	Mauricio.
23	Quint.	Lino. Tecla.
24	Sext.	Geraldo.
25	Sabb.	Firmino. Pacifico.
26	**DOMINGO**	Justina. Callistrato.
27	Seg.	Cosme. Damião. Delphina.
28	Terç.	Wenceslau. Lioba.
29	Quart.	Miguel Archanjo. Fraterno.
30	Quint.	Jeronymo. Sophia.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Dia 6 Q. M. ás 3 h. 51′ 5″ M.
» 14 L. N. » 5 h. 20′ 7″ M.
» 22 Q. C. » 4 h. 10′ 9″ M.
» 28 L.ch. » 7 h. 14′ 3″ T.

Dia 12 Apogeo ás 20 h. 7′
» 27 Perigeo » 13 h. 8′

Outubro

DECIMO MEZ — 31 DIAS — Scorpius

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Sext.	Remigio. Julia.
2	Sabb.	Nilo. Ludgero.
3	**DOMINGO**	Candido. Emilia.
4	Seg.	Franc. de Assis.
5	Terç.	Placido. Flaviana.
6	Quart.	Bruno.
7	Quint.	*N. Sª. do Rosario*. Marcos. Sergio.
8	Sext.	Pelagia. Reparata.
9	Sabb.	Dionysio. Andronico.
10	**DOMINGO**	Eulampia. Luiz Beltrão.
11	Seg.	Nicacio. Genoveva.
12	Terç.	FERIADO. Wilfrido. Serafina.
13	Quart.	Daniel. Eduardo.
14	Quint.	Calixto. Gaudencio.
15	Sext.	Theresa de Jesus.
16	Sabb.	Gallo. Lullo.
17	**DOMINGO**	Heduviges. Mariano.
18	Seg.	Lucas. Athenodoro.
19	Terç.	Pedro d'Alcantara.
20	Quart.	João Cancio. Iria.
21	Quint.	*N. Sª. dos Remedios*. Ursula. Celina.
22	Sext.	Maria Salomé. Alodia.
23	Sabb.	Domicio. Hilarião.
24	**DOMINGO**	Rafael Archanjo. Evergisto.
25	Seg.	Crispim. Daria.
26	Terç.	Evaristo. Luciano.
27	Quart.	Elesbão. Capitolina.
28	Quint.	Simão. Judas Thadeu. Cyrilla.
29	Sext.	Narciso. Benvinda.
30	Sabb.	Serapião. Eutropia.
31	**DOMINGO**	Quintino. Wolfgango.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Dia 4 Q. M. ás 6 h. 45′ 1″ T.
» 12 L. N. » 11 h. 25′ 6″ T.
» 20 Q. C. » 2 h. 36′ 4″ T.
» 27 L.ch. » 5 h. 59′ 2″ M.

Dia 9 Apogeo ás 2 h. 5′
« 24 Perigeo » 22 h. 6′

Novembro

UNDECIMO MEZ — 30 DIAS — Sagittarius

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Seg.	† *Todos os Sanctos*. Cesario.
2	Terç.	FERIADO. *Finados*. Tobias.
3	Quart.	Malachias. Silvia.
4	Quint.	Carlos Borromeu. Agricola.
5	Sext.	Zacharias. Berthilde.
6	Sabb.	Leonardo. Severo.
7	**DOMINGO**	Herculano. Nicandro.
8	Seg.	Severiano.
9	Terç.	Theodoro. Mathurino.
10	Quart.	André Avellino. Nympha.
11	Quint.	*Patrocinio de N. Sª*. Martinho. Renato.
12	Sext.	Diogo. Levino.
13	Sabb.	Eugenio. Zebina.
14	**DOMINGO**	Clementino. Philomena.
15	Seg.	FERIADO. Gertrudes. Leopoldo.
16	Terç.	Valerio. Ignez.
17	Quart.	Alpheu. Zacheu.
18	Quint.	Romão. Astrogilda.
19	Sext.	Isabel. Ponciano.
20	Sabb.	Felix. Octavio. Maxencio.
21	**DOMINGO**	Demetrio. Honorio.
22	Seg.	Cecilia. Amphiloquio.
23	Terç.	Clemente. Felicidade.
24	Quart.	Estanislau. Chrysogono.
25	Quint.	Catharina. Alfredo.
26	Sext.	Belmiro. Genoveva.
27	Sabb.	Margarida de Saboia. Maximo.
28	**DOMINGO**	*Domingo do Advento*. Jacob da Marca.
29	Seg.	Saturnino.
30	Terç.	André. Maura.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Dia 4 Q. M. ás 1 h. 19′ 8″ T.
» 12 P. N. » 5 h. 6′ 0″ T.
» 19 Q. C. » 11 h. 25′ 0″ T.
» 26 L.ch. » 6 h. 37′ 2″ T.

Dia 6 Apogeo ás 18 h. 8′
» 22 Perigeo » 17 h. 7′

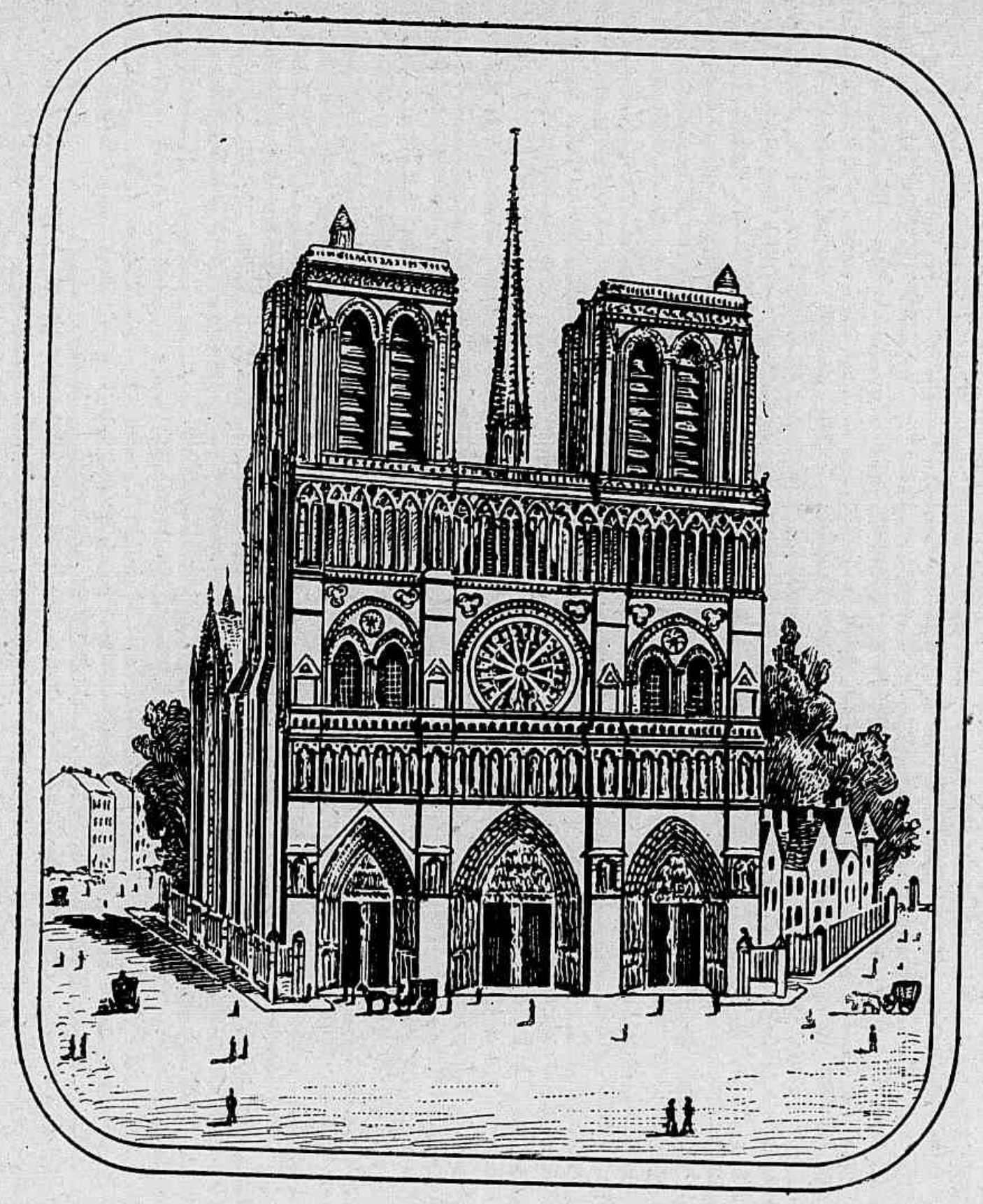
Dezembro

DUODECIMO MEZ — 31 DIAS — Capricornius

DIAS do mez	DIAS da semana	SANTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Quart.	Eloi. Agerico.
2	Quint.	Bibiana. Aurelio.
3	Sext.	Francisco Xavier. Sofonia.
4	Sabb.	Barbara. Osmundo.
5	**DOMINGO**	Geraldo. Sabas.
6	Seg.	Nicolau. Leoncia.
7	Terç.	Ambrosio. Fara.
8	Quart.	† *Conceição de N. Sª.* Romarico.
9	Quint.	Leocadia. Proculo.
10	Sext.	Melchiades. Eulalia.
11	Sabb.	Damaso. Pretextato.
12	**DOMINGO**	Justino. Dionysia.
13	Seg.	Luzia. Otilia. Orestes.
14	Terç.	Agnello. Eutropia.
15	Quart.	Eusebio. Irineu.
16	Quint.	Adelaide. Mizael.
17	Sext.	Martha. Lazaro.
18	Sabb.	Espiridião. Basiliano.
19	**DOMINGO**	Fausta. Dario.
20	Seg.	Philogonio. Domingos.
21	Terç.	Thomé. Themistocles.
22	Quart.	Honorato. Angelina.
23	Quint.	Servulo. Victoria.
24	Sext.	Gregoriano. Delphino.
25	Sabb.	† *Natal*. Eugenia.
26	**DOMINGO**	Estevão. Archelau.
27	Seg.	João Evang.
28	Terç.	Eutychio. Theophila.
29	Quart.	Thomaz. Melania.
30	Quint.	Sabino. Colomba.
31	Sext.	Silvestre. Nominando.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

A NOTRE-DAME DE PARIS



PREÇO FIXO

Os mais vastos Armazens de Fazendas e Modas do Brazil

VENDAS A DINHEIRO

SEDAS, LÃS, TECIDOS DE FANTASIA, CONFECÇÕES.
CHAPÉOS, MEIAS, ESPARTILHOS, CHAPÉOS DE SOL, ENXOVÁES PARA CASAMENTOS E BAPTISADOS,
ROUPA BRANCA PARA HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS.
ATOALHADOS, LENÇÓES, COLCHAS,
RENDAS, FITAS, ARTIGOS DE FANTASIA, ETC., ETC.

GRANDE OFFICINA DE COSTURA

Rua do Ouvidor, Largo de S. Francisco de Paula e Travessa do Rozario

RIO DE JANEIRO

Geographia = Estatistica

BRASIL

Republica federativa composta de 20 Estados e um Districto Federal. Constituição de 24 de Fevereiro de 1891. O Senado compõe-se de 63 representantes, sendo 3 por cada Estado e outros 3 pelo Districto Federal, renovando-se o Senado pelo terço triennalmente. A Camara dos Deputados compõe-se de 212 representantes (um por 70.000 hab.), eleitos mediante suffragio directo por trez annos. O presidente e o vice-presidente da Republica são eleitos por 4 annos e tambem por suffragio directo. É eleitor todo o Brasileiro maior de 21 annos que se alistar na forma da lei.

Aos 20 Estados acima referidos accresce o chamado territorio do Acre, que pelo decreto n. 5188, de 7 de Abril de 1904, foi dividido em trez zonas ou departamentos administrativos com estas denominações: *Alto Acre*, *Alto Purús* e *Alto Juruá*. Cada um d'elles é administrado por um prefeito de nomeação do presidente da Republica, havendo em Manaus um delegado do Governo Federal para centro de informações e transmissão de ordens. Todo esse territorio constitue uma comarca com um juiz de direito e trez juizes de districto.

— Area, 8.525.055 kls. qs., comprehendida a permuta de territorios estipulada pelo recente tractado de Petropolis. — População (segundo o recenseamento de 1890) 14.333.915 hab.; presume-se que a actual não seja inferior a 18.000.000 e ha quem com boas razões a eleve a 21.000.000. Um estudioso de estatisticas faz os calculos seguintes a respeito da população:

Perguntou a Camões o Duque d'Aveiro o que desejava da sua mesa. Ao que respondeu o poeta que bastava uma gallinha.

Prometteu-lh'a o Duque; porem, só no fim do jantar, e quando a gallinha se havia acabado, é que se lembra da promessa; pelo que lhe mandou uma posta de carne.

Respondeu-lhe Camões com estes versos:

Já eu vi o taverneiro
Vender vacca por carneiro;
Mas não vi por vida minha.
Vender vacca por gallinha
Senão ao Duque d'Aveiro.

A população do Brasil em 1906

(Estimativa exagerada).

	ESTADOS	AREA EM klms. QUADRADOS	POPULAÇÃO	HABTS. por KLM. Q.
1	Alagôas	58.491	937.920	16,03
2	Amazonas	1.897.020	288.000	0,15
3	Bahia	426.427	2.802.000	6,57
4	Ceará	104.250	1.200.000	11,41
5	Districto Federal	1.394	876.000	62,80
6	Espirito-Sancto	44.839	241.920	5,39
7	Goyaz	747.311	408.000	0,54
8	Maranhão	459.884	792.000	1,72
9	Matto-Grosso	1.379.651	188.400	0,13
10	Minas-Geraes	574.885	5.132.880	8,05
11	Pará	1.149.712	782.880	0,69
12	Parahyba	74.731	716.200	9,59
13	Paraná	221.319	432.000	1,95
14	Pernambuco	128.395	2.507.400	19,50
15	Piauhy	301.797	510.000	1,68
16	Rio Grande do Norte	57.485	488.640	8,51
17	Rio Grande do Sul	236.553	1.620.000	6,84
18	Rio de Janeiro	68.972	1.560.000	22,60
19	Santa Catharina	74.156	486.960	6,86
20	São Paulo	290.876	3.024.000	10,39
21	Sergipe	39.090	540.000	13,81
	Total	8.337.218	25.534.200	3,85

Para o calculo do presente quadro serviu de base o organisado pelo Dr. Antonio de Toledo Piza, para 1900, admittindo-se augmento de 20 °/° nos seis annos desde então decorridos, acrescimo correspondente á duplicação observada do numero de habitantes em trinta annos. Comtudo, a população mais provavel para 1908 será de 18 a 20 milhões de habitantes.

Limites. — Confina ao *Norte* com as Guianas Franceza, Hollandeza e Ingleza, e as republicas de Venezuela e Estados-Unidos da Colombia; a Oeste e SO. com as republicas do Perú, da Bolivia, do Paraguai e Argentina; ao S. com a Republica do Uruguai; a SE, E.e NE. com o Oceano Atlantico, tendo por pontos extremos:

Ao *Norte*, na serra Roruima, a nascente do rio Cotingo, aos 5° — 9′ — 40″ lat. N. e 17° — 34′ — 20″ long. O. do Obs. do Rio de Janeiro ou 60° 44′ — 41, 15 O. de Greenwich.

A *Leste*, Ponta de Pedras, na costa de Pernambuco, aos 7° — 37′ — 30″ lat. S. e 8° — 22′ — 01″,15 long. E. do Obs. do Rio de Janeiro ou 34° — 48′ — 02″ O. de Greenwich.

Ao *Sul*, a barra do arroio Chui, no Oceano Atlantico, aos 33° — 45′ — ″00 lat. S. e 10° — 21′ — 27″,10 long. O. do Obs. do Rio de Janeiro ou 53° — 31′ — 48″,25 O. de Greenwich.

A *Oeste* (actualmente) a nascente do Rio Jaquirana, aos 7° — 11′ — 48″,10 lat. S. e 30° — 37′ — 23″,35 long. O. do Obs. do Rio de Janeiro ou 73° — 47′ — 44″,50 O. de Greenwich, ponto commum ao Brasil, Perú e Bolivia

A sua maior extensão entre os pontos terminaes, na linha *Norte-Sul*, é de 4.310 kilometros, e na linha *Este-Oeste* de 4.300 kilometros.

Aspecto physico, serras e chapadões. — A maior parte do paiz consta de um planalto de 300 a 1000 metros de altura, limitado ao N. e a O. pelas grandes depressões continentaes do Amazonas e do Paraguai, quasi unidas por meio do valle do Madeira e de seu tributario o Guaporé. Comprehende tambem parte do planalto da Guiana, a maior parte da depressão do Amazonas e a parte superior da do Paraguai. A estas quatro divisões ainda ha que juntar uma região maritima, que occupa uma estreita facha entre o Oceano e a beira oriental do grande planalto brasileiro.

Embora representem-n'o geralmente como montanhoso, o planalto brasileiro consta em grande parte de chapadões profundamente excavados pelos valles de numerosos rios. As verdadeiras montanhas, — as que são devidas ao soleva-mento — existem principalmente a Leste e no centro, e podem considerar-se como constituindo duas cadeias quasi separadas pelos altos chapadões da bacia do S. Francisco e da do Paraná.

A cadeia oriental ou maritima acompanha a costa do Atlantico a pequena distancia do littoral, desde as proximidades do cabo de S. Roque, e vai quasi até aos limites meridionaes do paiz.

A cadeia central ou goiana occupa uma parte do Sul de Goiaz, parte do Estado de Minas a Oeste do S. Francisco, e junta-se á cadeia oriental por uma lom-bada transversal que se extende para Oeste atravez do Sul de Minas. Esta lom-bada transversal faz parte da grande divisoria das aguas do continente, exten-dendo-se na direcção E. O., e á qual geralmente chamam Serra das Vertentes, denominação impropria, porque uma parte consideravel da divisoria das aguas não é precisamente montanhosa.

As montanhas do systema oriental formam uma zona longa e comparativa-mente estreita; de cêrca de vinte leguas na sua maior largura, nos Estados ao Sul do Rio de Janeiro, de quatro ou cinco vezes mais no Sul de Minas-Geraes, de cincoenta ou sessenta leguas a Leste do rio S. Francisco.

Nos Estados do Paraná, S. Paulo, Rio de Janeiro, Espirito-Sancto e no S. E. de Minas-Geraes, onde esta cadeia chega ao seu maior desenvolvimento, ha duas divisões parallelas bem definidas : a serra do Mar e a serra da Mantiqueira, que se extendem de S. O. para N. E. Os pontos culminantes são : os picos dos Orgãos deante da bahia do Rio de Janeiro (2232 m.), na serra do Mar; e o Itatiaia (2994 m.), o mais elevado do Brasil, na serra da Mantiqueira, no angulo dos tres Estados do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas-Geraes.

Ao Norte do parallelo do Rio de Janeiro, a linha culminante da cadeia passa da serra da Mantiqueira, que continúa na direcção de N. E., para um ramal que, sob o nome de serra do Espinhaço, encaminha-se para o Norte ao longo da margem oriental da bacia do S. Francisco. Os pontos mais elevados d'esta serra

são os picos de Itacolumi (1750 m.), e Caraça (1955 m.), proximo a Ouro-Preto, Piedade (1787 m.) junto a Sabará, e Itambé (1817 m.) na região de Diamantina. As montanhas d'esta cadeia oriental tornam-se mais baixas ao Norte e ao Sul dos Estados mencionados, e ao Norte do S. Francisco são representadas por pequenas serras e cabeços isolados.

A cadeia central ou goiana consta pelo menos de duas divisões distinctas : a das serras da Canastra e Matta da Corda, que se extendem em direcção geralmente septentrional desde as cabeceiras do S. Francisco até á margem meridional da bacia do grande affluente occidental, o Paracatú, e a das montanhas do Sul de Goiaz, que se extendem na direcção de N. E. entre as cabeceiras das bacias do Tocantins-Araguaia e do Paraná.

A primeira destaca-se da lombada mencionada, que da serra da Mantiqueira se extende atravez do Sul de Minas-Geraes. Seu ponto culminante é a serra da Canastra, onde nasce o S. Francisco, com a elevação de 1282 metros.

Da segunda ainda não se póde traçar com precisão nem a extensão, nem os limites, pois os conhecimentos que se possúem da geologia e topographia d'aquella região não permittem distinguir as verdadeiras montanhas, devidas a solevamento, das que são devidas á denudação de estratos horizontaes. E' assim impossivel estabelecer até que ponto as várias divisorias das aguas que irradiam de Goiaz devem classificar-se com as suas montanhas, e determinar se formam ou não um systema distincto.

(*Orv. Derby*).

Altitude das principaes montanhas do Brasil

Ceará

	Metros
Serra Ibiapaba (ponto culminante)	1.020
Serra de Maranguape	920
Serra de Maruóca	850
Serra do Aratanha	780
Serrote do Joá	620

Parahiba

Cordilheira de Borborema	264

Pernambuco

Serra do Gigante	921
Serra de Garanhuns	845
Serra do Exú	631

Alagôas

Garganta da serra do Olho de Agua de Paula	301
Jatobá	299

Sergipe

Serra de Itabaiana	860

Bahia

	Metros
Morro de Commandatuba	600
Monte Paschoal	536
Cimo da Serra-Grande	500
Serra de Itiúba	436

Espirito-Sancto

Serra de Itapemirim	2.100
Serra de Itabapoana	1.430
Morro Mestre-Alvares	980

Rio de Janeiro

Serra dos Orgãos, Pedra Assú	2.232
Serra dos Orgãos, pico medido por Liais	2.011
Serra das Almas, tres Picos do Matheus	1.880
Frade de Macahé	1.750
Serra do Tinguá	1.650
Morro do Frade (Mambucaba)	1.640
Serra da Onça	1.400

DISTRICTO FEDERAL	Metros
Pico do Andarahi	1.025
Pico do Corcovado	697
Paineiras (Corcovado)	464
Pão de Assucar	385
Antiga Caixa da Carioca	209

MINAS-GERAES	Metros
Itatiaia (Agulhas Negras)	2.994
Itatiaia (Pyramides)	2.500
Pico do Passa-Quatro (Serra da Mantiqueira)	2.252
Serra do Caraça	1.955
Pico do Itambé	1.817
Alto da serra da Piedade em Sabará	1.787
Pico de Itacolomi (Ouro-Preto)	1.750
Pedra-Branca, junto á cidade de Caldas	1.710
Pico de Itabira do Campo	1.520
Morro da Moeda	1.455
Alto da Serra na estrada de Barbacena	1.288
Serra do Ouro-Branco, ao Sul de Ouro-Preto	1.260

S. PAULO	Metros
Serra do Macuco	1.400
Serra de S. Roque	900

PARANÁ	
Serra da Ribeira	1.000

SANCTA-CATHARINA	
Serra do Mirador	492

RIO-GRANDE DO SUL	
Aceguá	621
Sancta-Tecla	573
Herval	500
Sanct'Anna	490

MATTO-GROSSO	
Serra de Maracajú	618
Nioac	220

GOIAZ	
Chapada dos Veadeiros	1.678
Serra dos Pyreneus	1.385
Serra da Tabatinga	880

Rios principaes, com a sua extensão approximada:

Bacia do Amazonas

	Kms		Kms
Amazonas	5.400	Guaporé	1.716
Madeira	3.240	Negro	1.551
Purús	3.000	Içá	1.452
Tocantins	2.640	Jutahi	1.056
Araguaia	2.627	Teffé	990
Tapajoz	1.992	Javari	660
Xingú	1.980	Coari	594
Juruá	1.980	Branco	560
Japurá	1.848		

Bacia do Rio da Prata

	Kms		Kms
Paraná	4.390	Iguassú	1.320
Paraguai	2.078	Tieté	1.122
Uruguai	1.650	Paranahiba	957
Grande (Minas)	1.353	Paranapanema	660

Bacia do S. Francisco

	Kms		Kms
S. Francisco (Liais).	2.900	Paracatú.	627
Rio das Velhas (navegavel) . .	1.135	Preto (affl. do Paracatú). . . .	528
Verde Grande (40 kms., navegavel)	792	Urucuia	501

Bacias secundarias

	Kms		Kms
Parnahiba (do Piauhi, navegavel até á foz do Canindé). .	1.716	Gurupi.	800
Itapicurú (do Maranhão). . . .	1.650	Parahiba do Sul	792
Mearim (do Maranhão)	1.095	Pardo (Bahia)	792
Jequitinhonha	1.082	Rio de Contas (Bahia).	550
Doce.	977	Vasa-Barris (Sergipe).	530
Canindé	858	Mucuri.	528
		Paraguassú (Bahia).	520

Distancia em milhas do Rio de Janeiro a Manaus e Porto-Alegre

Para o Norte

	Milhas
Rio de Janeiro a Bahia	734
Bahia a Maceió.	270
Maceió a Recife.	120
Recife a Parahiba.	70
Parahiba a Natal	78
Natal a Fortaleza	260
Fortaleza a S. Luiz	360
S. Luiz a Belém.	250
Belém a Breves.	146
Breves a Gurupá	123
Gurupá a Porto de Móz	48
Porto de Móz a Prainha. . . .	96
Prainha a Montalegre.	41
Montalegre a Santarem	60
Santarem a Obidos	68
Obidos a Villa-Bella.	95
Villa-Bella a Itacoatiara . . .	137
Itacoatiara a Manaus	110

Rio-de-Janeiro a Bahia	734
Rio-de-Janeiro a Recife	1.124
Rio-de-Janeiro a Fortaleza. . .	1.532
Rio-de-Janeiro a S. Luiz. . . .	1.892

	Milhas
Rio de Janeiro a Belém	2.142
Rio de Janeiro a Manaus . . .	3.066

Para o Sul

Rio de Janeiro a Sanctos . . .	202
Sanctos a Paranaguá	142
Paranaguá a Antonina	15
Antonina a S. Francisco . . .	29
S. Francisco a Florianopolis. .	65
Florianopolis a Rio-Grande . .	349
Rio-Grande a Pelotas	27
Pelotas a Porto-Alegre	106

Rio de Janeiro a Sanctos . . .	202
Rio de Janeiro a Paranaguá . .	344
Rio de Janeiro a Antonina . .	359
Rio de Janeiro a S. Francisco .	388
Rio de Janeiro a Florianopolis.	453
Rio de Janeiro a Rio-Grande. .	802
Rio de Janeiro a Pelotas. . . .	829
Rio de Janeiro a Porto-Alegre.	935

De Montevidéu a Cuiabá. . . .	2.091

Nascimento e Occaso do Sol

MEZES	DIAS	R. G. Sul		Paraná		Rio		Pernambuco		Pará	
		N	O	N	O	N	O	N	O	N	O
		h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.
Janeiro	1	5 4	7 4	5 18	6 50	5 20	6 4	5 48	6 20	6 0	6 8
—	11	5 11	7 6	5 24	6 52	5 26	6 50	5 52	6 24	6 3	6 13
—	21	5 19	7 2	5 31	6 48	5 33	6 49	5 57	6 25	6 7	6 15
Fevereiro	1	5 31	6 57	5 40	6 47	5 42	6 46	6 2	6 26	6 10	6 16
—	11	5 39	6 50	5 47	6 42	5 48	6 41	6 4	6 25	6 11	6 18
—	21	5 46	6 41	5 52	6 36	5 54	6 35	6 5	6 23	6 10	6 18
Março	1	5 52	6 33	5 56	6 29	5 57	6 28	6 6	6 19	6 9	6 16
—	11	5 59	6 31	6 1	6 19	6 1	6 29	6 5	6 15	6 7	6 13
—	21	6 5	6 9	6 5	6 9	6 5	6 9	6 4	6 10	6 4	6 10
Abril	1	6 13	5 55	6 9	5 58	6 9	5 58	6 4	6 3	6 1	6 6
—	11	6 18	5 44	6 14	5 48	6 13	5 49	6 3	5 59	5 59	6 3
—	21	6 24	5 34	6 18	5 40	6 17	5 41	6 3	5 55	5 57	6 1
Maio	1	6 31	5 23	6 22	5 32	6 21	5 33	6 3	5 51	5 56	5 58
—	11	6 37	5 15	6 27	5 25	6 25	5 27	6 4	5 48	5 55	5 57
—	21	6 42	5 10	6 31	5 21	6 29	5 23	6 5	5 41	5 55	5 57
Junho	1	6 49	5 6	6 36	5 19	6 34	5 21	6 8	5 47	5 56	5 59
—	11	6 53	5 6	6 40	5 19	6 38	5 21	6 10	5 49	5 58	6 1
—	21	6 57	5 6	6 43	5 20	6 41	5 22	6 13	5 50	6 1	6 2
Julho	1	6 57	5 10	6 44	5 23	6 42	5 25	6 14	5 53	6 2	6 5
—	11	6 57	5 14	6 44	5 26	6 42	5 28	6 14	5 56	6 5	6 5
—	21	6 53	5 20	6 42	5 31	6 40	5 33	6 16	5 57	6 6	6 7
Agosto	1	6 46	5 26	6 38	5 35	6 36	5 37	6 15	5 58	6 6	6 7
—	11	6 38	5 32	6 30	5 40	6 29	5 48	6 13	5 58	6 4	6 9
—	21	6 29	5 38	6 23	5 44	6 22	5 45	6 9	5 58	6 3	6 4
Setembro	1	6 17	5 43	6 13	5 47	6 21	5 48	6 3	5 57	5 59	6 1
—	11	6 5	5 48	6 1	5 51	6 12	5 51	6 1	5 52	5 55	5 58
—	21	5 52	5 54	5 52	5 54	5 52	5 54	5 52	5 54	5 51	5 55
Outubro	1	5 40	6 0	5 42	5 58	5 42	5 58	5 46	5 54	5 46	5 52
—	11	5 28	6 6	5 32	6 2	5 33	6 1	5 41	5 53	5 45	5 49
—	21	5 17	6 13	5 23	6 7	5 24	6 6	5 37	5 53	5 42	5 48
Novembro	1	5 6	6 21	5 15	6 12	5 16	6 11	5 33	5 52	5 41	5 46
—	11	4 59	6 29	5 10	6 18	5 11	6 17	5 32	5 56	5 41	5 47
—	21	4 54	6 38	5 6	6 26	5 8	6 24	5 32	6 0	5 42	5 50
Dezembro	1	4 51	6 48	5 6	6 33	5 8	6 31	5 35	6 6	5 46	5 53
—	11	4 53	6 53	5 7	6 40	5 9	6 38	5 37	6 10	5 49	5 58
—	21	4 57	6 59	5 11	6 45	5 13	6 43	5 42	6 14	5 54	6 2

As Estações.

Verão..... de 21 de Dezembro a 20 de Março.
Outomno..... de 20 de Março a 21 de Junho.
Inverno..... de 21 de Junho a 23 de Septembro.
Primavera..... de 23 de Septembro a 21 de Dezembro.

A Hora no Brasil.

Quando na Capital Federal é meio-dia :

Differença de hora entre cidades do Brasil

	H.	M.	S.
Rio de Janeiro	12	0	0
Manaus	10	52	41
Belém	11	38	45
S. Luiz	11	55	34
Therezina	12	1	56
Fortaleza	12	18	29
Natal	12	31	28
Parahiba	12	33	16
Recife	12	33	7
Olinda	12	33	13
Maceió	12	29	51
Aracajú	12	24	12
S. Salvador	12	18	36
Victoria	12	11	34
Petropolis	12	0	0
Parahiba do Sul	11	58	30
Nicteroi	12	1	1
Campos	12	7	4
S. Paulo	11	46	8
Sanctos	11	47	25
Campinas	11	44	12
Amparo	11	45	16
Rio-Claro	11	42	4
Casa-Branca	11	43	36
Piracicaba	11	41	52
Sorocaba	11	42	48
Taubaté	11	50	20

	H.	M.	S.
Curitiba	11	34	52
Paranaguá	11	38	40
Antonina	11	37	24
Florianopolis	11	38	36
S. Francisco	11	38	0
Porto-Alegre	11	27	40
Pelotas	11	22	44
Rio-Grande	11	23	48
Bagé	11	15	56
Uruguaiana	11	4	36
Alegrete	11	9	8
Itaqui	11	6	52
Jaguarão	11	18	52
Livramento	11	10	36
S. Gabriel	11	14	28
Ouro-Preto	11	56	32
Barbacena	11	56	44
Juiz de Fóra	11	58	48
Leopoldina	11	58	20
S. João d'El-Rei	11	54	52
Campanha	11	51	8
Marianna	11	57	0
Uberaba	11	40	12
Goiaz	11	32	12
Cuiabá	11	8	16
Corumbá	11	2	8

Navegação

Várias companhias de navegação fazem o serviço costeiro, umas subvencionadas pelo Estado, outras com recursos exclusivamente seus, a saber entre as mais importantes :

Lloyd Brasileiro, que mantem as seguintes :

Linhas de navegação. — Entre o Rio de Janeiro e Manaus, com escalas pelos

portos de Victoria, Bahia, Maceió, Pernambuco, Parahiba, Natal, Ceará, Maranhão, Pará, Obidos e Santarém.

Entre o Rio de Janeiro e New-York (Est. Unidos).

Entre o Rio de Janeiro e Rosario de Sancta Fé, com escalas por Sanctos, Paranaguá, Antonina, S. Francisco, Itajahi, Florianopolis, Rio-Grande, Montevidéu, e Buenos-Aires.

Entre o Rio de Janeiro e Porto-Alegre, com escalas por Sanctos, Cananéa, Iguape, Paranaguá, Antonina, S. Francisco, Itajahi, Florianopolis, Rio-Grande e Pelotas.

Entre o Rio de Janeiro e Maceió, com escalas por Ponta d'Arêa, Caravellas, Bahia, Estancia, Aracajú e Penedo.

Entre o Rio de Janeiro e a Bahia, com escalas por Cabo-Frio, Itapemirim, Piuma, Benevente, Guarapari, Victoria, Sancta-Cruz (Espirito-Sancto), Barra e Cidade de S. Matheus, Viçosa, Caravellas, Alcobaça, Prado, Porto-Seguro, Sancta-Cruz (Bahia), Canavieiras e Ilhéos.

Entre o Rosario de Sancta Fé e Cuiabá, com escalas por Paraná, La Paz, Goyaz, Bella Vista, Corrientes, Cerrito, Humaitá, Pilar, Villa Franca, Assumpção, Rosario, Conceição, Foz do Apa, Olympo, Coimbra, Albuquerque, e Corumbá.

Entre os portos de Sancta-Catharina.

Entre os portos da Bahia e entre o Rio-Grande e Porto-Alegre.

Existe mais uma linha especial para cargas entre o Rio de Janeiro, Porto-Alegre e o Pará.

Companhia Nacional de Navegação Costeira (do Rio de Janeiro a Pernambuco e a Porto-Alegre);

Empresa Esperança Maritima (do Rio de Janeiro a Macau e a Porto-Alegre;

Empresa de Navegação (do Rio a Caravellas).

Empresa de Sal e Navegação (Norte e Sul).

Navegação do Alto Uruguai, R. Argentina e R. G. do Sul (Oeste).

— As communicações maritimas internacionaes são feitas pelas seguintes companhias de paquetes:

Messageries Maritimes, Rio de Janeiro a Bordéus	5139 milhas
Transports Maritimes, — — a Marselha	5384 —
Chargeurs Réunis, de Sanctos ao Havre	5289 —
Royal Mail, do Rio a Southampton	5313 —
Pacific Steam Navigation, do Rio a Liverpool	5671 —
Liverpool-Brasil and River-Plate Steamers, do Rio de Janeiro a Liverpool	5671 —
Prince Line, de Sanctos a Nova-York	4146 —
La Veloce, do Rio a Genova	4991 —
Navigazione Generale Italiana, do Rio a Genova	4991 —
La Ligure Brasiliana (Santos-Genova).	
Hamburg-America Linie.	
Hamburg-Südamerikanische Dampfschifffahrts-Gesellschaft, de Sanctos a Hamburgo	5719 —
Robert M. Sloman et Co (Hamburgo-Nova-York-Brasil).	
Norddeutscher Lloyd Bremen, de Porto-Alegre a Bremen	6673 —
Lloyd Austr. e Real Hung. Adria, de Sanctos a Trieste	6600 —
Lloyd italiano, Rio a Naples	5100 —
Società di Navegazione a Genova	4991 —
Companhia Real Ungara (Rio e Fiume	5700 —

Climas do Brazil

Altura de chuva, temperaturas média, maxima e minima de varios pontos do Brasil.

(Dr H. Moritze).

LOCALIDADES	Latitude Sul	Altitude	Temperat. media annual	Temperat. maxima observada	Temperat. minima observada	Altura de chuva
		m	c	c	c	mm
S. Luiz do Maranhão	2º 31	43	27º 4	33º 8	21º 1	2455
Belém do Pará	1 27		27 36	34 5	22 0	3087
Manáos	3 8	40	26 53	35 0	19 8	2229
Fortaleza (Ceará)	3 44		26 60	30 6	23 1	1500
Quixeramobim	5 16		29 3	33 6	24 8	
Amarante	6 13		26 2	35 5	18 0	790
Recife	8 4	3	26 2	37 3	16 3	2970
Colonia da Victoria	8 9	161	25 1	39 0	11 6	1050
Colonia Isabel	8 45	229	23 7	35 5	11 5	1037
S. Bento das Lages	12 37	30	24 8	35 0		2053
Bahia	12 58	64	26 0	31 5	21 0	2163
Cuyabá	14 48	205	26 25			1166
Queluz (Minas)	20 40		19 9	32 4	1,0	1461
Barbacena	21 10	1000	17 9	30 2	4,0	1342
Ribeirão Preto	21 10	520	20 0	34 0	0,0	600
Casa Branca	21 47	740	23 5	36 0	9,0	1000
Nova Friburgo	22 19	876	17 2	29 0	1,0	1314
Rio de Janeiro	22 54	66	23 5	37 5	10,2	1126
Sancta Cruz	22 56	26	22 45	36 6	10,2	1700
S. Paulo	23 33	730	16 8	33 1	—1,0	1500
Tatuhy	23 34		19 0	42 5	+1,0	1376
Curytiba	25 27	900	17 9	38 0	—4,4	
Colonia Blumenau	26 55		21 4			1542
St. Ant. da Palmeira	27 54	578	18 0	34 0	—1,0	
Passo Fundo	28 28	628	17 1	34 4	0,0	
Pelotas	31 16		17 2	37 5	—0,5	1066
Rio Grande do Sul	32 0	16	18 8	32 4	1,0	912

UM ANNUNCIO CURIOSO

Problema

N'uma occasião em que se celebrava, em Paris, uma grande festa, commemorativa de uma data historica, os restaurants, á porfia, afixaram cartazes nas esquinas, nos quaes se liam as condições e preços das refeições diversas.

Entre todos, porém, houve um que foi o mais favorecido dos forasteiros, pela originalidade do seu annuncio, no fim do qual se dizia o seguinte:

« Por 5 francos offerece-se ao publico succulenta comida, e o numero de pratos é tal, que elevado ao quadrado, multiplicado este pela sua quarta parte, e sommado com o seu oitavo menos dous, dá um numero formado por quatro algarismos, que sommados entre si dão 7, e dos quaes o primeiro é o dobro mais um do segundo, e este tem duas unidades mais que o terceiro e o quarto, que são eguaes entre si. »

Receita e despeza das Provincias do Imperio do Brazil em 1889

PROVINCIAS	RECEITA	DESPEZA
1 Amazonas	1.802:921$600	1.480:847$000
2 Pará	3.073:672$383	3.995:131$000
3 Maranhão	767:142$892	715:906$099
4 Piauhy	244:410$091	236:579$093
5 Ceará	1.103:551$483	1.062:993$566
6 Rio Grande do Norte	434:575$418	398:520$481
7 Parahyba	524:857$396	524:857$396
8 Pernambuco	3.577:870$950	2.822:269$120
9 Alagôas	819:432$516	674:101$334
10 Sergipe	673:964$932	800:000$000
11 Bahia	3.345:101$171	3.213:726$396
12 Espirito Sancto	646:849$500	903:300$851
13 Rio de Janeiro	4.399:256$284	4.399:256$284
14 Minas Geraes	3.474:000$000	3.474:000$000
15 Paraná	922:671$369	922:671$369
16 S. Paulo	4.089:318$200	4.149:000$000
17 Sancta Catharina	365:974$000	365:974$000
18 Goyaz	225:330$982	191:373$372
19 Rio Grande do Sul	2.843:345$409	2.834:200$000
20 Matto Grosso	230:126$464	246:269$502
	32.890:414$108	33.110:876$863

Receita e despeza dos Estados da Republica em 1904

ESTADOS	RECEITA — ARRECADADA	DESPEZA — EFFECTUADA
Amazonas	20.470:919$	20.461:674$
Pará	16.922:133$	16.889:821$
Maranhão	2.098:987$	1.512:648$
Piauhy	998:825$	894:551$
Ceará	3.827:381$	3.153:925$
Rio Grande do Norte	1.274:840$	1.289:502$
Parahyba	1.604:582$	1.612:354$
Pernambuco	8.116:225$	7.876:618$
Alagôas	2.238:806$	2.119:965$
Sergipe	1.459:687$	1.416:185$
Bahia	10.418:289$	12.557:294$
Espirito Sancto	3.192:572$	2.992:210$
Rio de Janeiro	8.231:277$	6.757:324$
Districto Federal	22.255:088$	23.852:874$
Minas Geraes	16.951:701$	15.833:183$
S. Paulo	42.603:824$	35.872:996$
Goyaz	710:260$	780:597$
Paraná	3.452:446$	2.920:654$
Sancta Catharina	1.173:700$	1.471:177$
Rio Grande do Sul	9.663:059$	9.159:545$
Total	177.664:606$	169.425:097$

NOTA. — Faltam os dados relativos ao Estado de Matto Grosso.

Exportação de productos mineraes do Brazil

(Valor em mil réis ouro)

	1903	1904	1905
Areias monaziticas	659.000$	967.337$	889.231$
Manganez	2.204.000$	2.727.102$	2.958.462$
Ouro em barra	4.165.000$	3.718.306$	3.734.469$
Pedras preciosas	1.014.000$	592.535$	639.389$
Platina	1.100$	1.953$	73.318$
Minerio de cobre	18.870$	50.721$	89.609$
Outros productos	254.030$	279.692$	369.368$
Total	8.316.000$	8.337.646$	8.753.846$

A produção de assucar do Brazil

Estatistica organisada pelo " Boletim do Comité Central dos Syndicatos Agricolas dos Estados assucareiros ", do Rio de Janeiro.

ESTADOS	NUMERO DE USINAS	PRODUCÇÃO EM KILOS	VALOR DA PRODUCÇÃO
Serpipe	41	1.925.000	—
Alagôas	7	15.312.400	—
Rio de Janeiro	25	425.303	—
Pernambuco	47	75.473.077	26.954.216$
Bahia	23	8.889.760	2.366.928$
S. Paulo	11	14.041.000	5.831.028$
Piauhy	1	180.000	54.000$
Minas Geraes	5	784.900	343.960$
Parahyba do Norte	2	3.391.200	15.000$
Ceará	1	240.000	151.560$
Districto Federal	1	4.112.500	1.432.952$
Maranhão	3	1.621.037	257.388$
Sancta Catharina	1	125.200	45.000$
Pernambuco (Banguês)	1.500	97.000.000	—
Total	1.668	223.621.377	37.452.032$

COMBRETINA

Contra a Entero-Colita — Extracto fluido, Granulados, Pildoras

PHARMACIA LIMOUSIN

PARIS

Commercio exterior

Segundo os algarismos do Serviço de Estatistica Commercial, foi a seguinte a importação no Brasil, por paizes de origem, no primeiro semestre do anno de 1907 comparada com a de egual periodo de 1906 :

PAIZES	VALOR A BORDO NO BRASIL			
	Mil réis papel		*Equivalente em mil réis, ouro*	
	1906	1907	1906	1907
Allemanha	29.062:668$	45.356:938$	17.382:392$	25.396:042$
Argentina	22.842:776$	29.486:341$	13.604:421$	16.507:204$
Austria-Hungria	3.193:468$	5.074:525$	1.903:568$	2 842:202$
Belgica	8.973:801$	10.641:919$	5.352:679$	5.962:956$
Chile	276:275$	180:276$	165:435$	100:706$
China	237:003$	334:282$	141:531$	187:171$
Cuba	64:148$	50:574$	38:455$	28:403$
Dinamarca	306:519$	396:215$	182:669$	222:010$
Estados Unidos	28.705:679$	38.072:262$	17.136:634$	21.322:021$
França	19.528:645$	25.376:894$	11.674:371$	14.206:929$
Grã-Bretanha	58.187:712$	88.463:563$	34.757:052$	49.523:063$
Grecia	4:372$	13:371$	2:579$	7:475$
Hespanha	1.461:359$	2.228:747$	876:715$	1.247:775$
Hollanda	1.134:951$	1.746:479$	678:556$	976:556$
Italia	7.465:785$	10.895:538$	4:456:929$	6.093:031$
Japão	78:448$	53:230$	47:302$	29:855$
Paraguay	131:737$	116:406$	80:308$	65:321$
Perú	13:350$	58:197$	7:822$	32:531$
Portugal	14.501:125$	18.539:578$	8.671:108$	10.381:386$
Possessões britannicas :				
Canadá	1.421:531$	2.320:171$	858:673$	1.302:943$
India	1.568:406$	1.390:207$	934:401$	778:492$
Nova Zelandia	11:858$	76:914$	7:125$	42:790$
Terra Nova	2.804:111$	3.791:018$	1.692:261$	2.128:503$
Outras possessões britannicas	214:034$	356:805$	126:662$	199:434$
Russia	392:083$	192:195$	232:703$	107:435$
Suecia	761:752$	1.005:170$	455:805$	563:724$
Noruega	1.983:863$	2.162:678$	1.189:573$	1.211:252$
Suissa	1.913:094$	2.779:737$	1.139:636$	1.556:189$
Turquia Asiatica	52:510$	32:486$	31:556$	18:165$
Turquia Européa	43:424$	130:489$	26:131$	72:969$
Urugay	7.041:544$	8.443:605$	4.236:627$	4.736:746$
Outros paizes	215:237$	258:110$	128:369$	144:259$
Total	214.593:267$	300.024:914$	128.221:988$	167.995:538$

Exportação de Borracha

(Junho de 1906-Junho 1907)

De Iquitos para.	Nova-York	29.415	kilos	
	Liverpool	1.406.473	»	
	Hamburgo	171.075	»	
	Havre	1.203.024	»	2.810.887
De Manáos para	Nova-York	8.218.469	»	
	Liverpool	5.600.954	»	
	Hamburgo	1.315.756	»	
	Havre	1.419.175	»	16.554.354
De Serpa para.	Nova-York	1.939	»	
	Liverpool	67.423	»	
	Havre	39.947	»	109.309
De Pará para..	Nova-York	10.026.275	»	
	Liverpool	6.820.648	»	
	Hamburgo	599.406	»	
	Havre	718.045	»	
	Antuerpia	27.853	»	18.192.227
Total				37.666.777
Stock em 30 de Junho de 1907				168.000
Somma total				37.834.777 kilos

Os algarismos representam kilogrammas.

HOTEL CRUZEIRO DO SUL

Café e Restaurant

ILLUMINADO Á LUZ ELECTRICA

2, Rua Senador Euzebio, 2

Canto da Praça da Republica

E PRAÇA DA REPUBLICA, 125

PROPRIETARIOS

ALVES & IRMAOS

Este bem montado estabelecimento com todas as commodidades para os Snrs. viajantes e suas Exmas. familias acha-se situado ao lado da E. de Ferro Central do Brazil, e com bonds a porta para todos os arrabaldes e centro da cidade do Rio de Janeiro. Preços moderados. Vinhos recebidos directamente. Almoços, Lunchs, Ceias e Banquetes.

TELEPHONE 1014

RIO DE JANEIRO

Viação

Linhas em trafego, por Estados, em 31 de Dezembro de 1906

	ESTADOS	EXTENSÃO em TRAFEGO
		kilometros
1	Amazonas	—
2	Pará	193,596
3	Maranhão	78,000
4	Ceará	513,625
5	Rio Grande do Norte	166,000
6	Parahyba	242,775
7	Pernambuco	854,688
8	Alagôas	265,841
9	Bahia	1.314,890
10	Espirito Sancto	398,484
11	Rio de Janeiro	2.462,507
12	S. Paulo	3.980,211
13	Paraná	832.234
14	Sancta Catharina	116,340
15	Rio Grande do Sul	1.690,931
16	Minas Geraes	3.957,591
17	Districto Federal	178,643
	Total (em trafego)	17.242,457
	Em estudos	6.683,087
	Em construcção	3.042,678
		26.968,222

Viação ferrea

Ao findar o anno de 1906, existiam no territorio da União 17.242,457 kilometros de linhas ferreas, em trafego ; 3.042,678, em construcção ; e 6.683,087 com estudos approvados : ao todo, 26.968,222 kilometros, sendo 9.787,979, isto é, pouco mais de 36 0/0, pertencentes aos Estados.

OURO

Não ha estatisticas bastante seguras para se avaliar a producção do ouro no Brasil, desde as primeiras explorações. Tomando, porém, por base os impostos arrecadados pela administração colonial, calcula-se que do anno de 1700 até 1820, foram extrahidas das minas brasileiras 524.094 kilogrammas de ouro.

Do anno de 1820 até 1860, foram extrahidos mais 63.783 kilogrammas, e póde-se, sob essa base, calcular que, dos tempos coloniaes até hoje tem o Brasil produzido mais de 700.000 kilogrammas de ouro.

E' o Estado de Minas Geraes quasi o unico a produzir esse metal actualmente ;

as pequenas explorações de Goyaz, Matto Grosso e Bahia não têm figurado nas ultimas estatisticas.

A producção ou exportação de ouro, do Estado de Minas, sujeito a imposto, desde o anno de 1896, foi a seguinte, de acôrdo com os dados officiaes :

Exportação do ouro do Estado de Minas Geraes no decennio de 1896-1905 :

ANNO	QUANTIDADE (GRAMMAS)	VALOR OFFICIAL	IMPOSTO MINEIRO
1896	2.030.142	5.493:600$252	136:883$621
1897	2.153.035	6 743:321$280	338:354$033
1898	3.272.795	10.958:957$951	548:042$180
1899	3.974.273	12.999:846$983	650:018$431
1900	4.420.422	13.804:977$906	473:081$040
1901	4.045.802	10.986:375$361	375:001$195
1902	3.813.793,8	9.591:091$407	310:137$312
1903	3.970.945,2	9.923:221$640	347:312$732
1904	4.081.109	10.203:189$713	356:080$184
1905	3.644.534	9.111:335$000	318:903$325

A exportação de ouro em barra do Brasil foi a seguinte nos ultimos seis annos :

1901	4.151.010	grammas
1902	4.001.555	»
1903	4.322.043	»
1904	3.870.426	»
1905	3.878.698	»
1906	4.547.940	»

Brasileiros na Republica do Uruguay.

A zona da Republica Oriental mais proxima da fronteira do Rio Grande do Sul é occupada por grande numero de propriedades brasileiras, quer do lado da terra, quer dos rios Urugay e Jaguarão.

Essas propriedades estão assim distribuidas :

Rocha	313
Paysandú	623
Salto	791
Artigas	484
Rivera	1.271
Cerro Largo	764
Taquarembó	916
Trinta y Tres	303
Total	5.465

São 5.465 brasileiros, proprietarios na porção mais rica da campanha oriental, emquanto que nesses mesmos departamentos sómente existem 5.413 proprietarios de vinte outras nacionalidades.

Immigração

Immigração. — Attingiu a cerca de 100.000 em todo o Brasil o numero de immigrantes em 1907. Em 1908 a immigração ainda será maior; em Fevereiro de mesmo anno de 1908 apesar da estação impropria e em 29 dias entraram só pelo Rio de Janeiro 2590 immigrantes de varias nacionalidades, na maior parte portuguezes e espanhóes do norte. Já en São Paulo havia entrado no anno de 1906, no Estado 47.817 immigrantes, dos quaes:

Hespanhóes	22.128
Italianos	13.596
Portuguezes	5.878
Brasileiros	1.978
Austriacos	203
De diversas procedencias	4.034

ESTRADA DE FERRO DO EXTREMO-OESTE

« Communico a V. Ex. que o Sr. Dr. Emilio Schnoor fez entrega hoje a esta fiscalização de vinte folhas com as plantas relativas ao reconhecimento de linha de Corumbá a Aquidauana, comprehendendo 326 kilometros com o traçado da mesma via ferrea, sendo 53 delles em pantanaes que exigem aterro numa altura de cerca de 4 metros, e mais 654 kilometros de estudos hydrographicos dos rios Aquidauana, Miranda e Mondego, plantas e traçados esses que recebi precedidos de varias considerações em resumo.

Os referidos rios são tortuosissimos, com enormes curvas, fortes corredeiras e profundidades repetidas de 40 a 50 metros e interiormente inadequados a navegação regular. A distancia de Aquidauana a Corumbá, via fluvial, é de 586 kilometros só navegaveis de dia. O tempo necessario para a ida é de 6 a 10 dias e para a volta de 8 a 12 dias.

Essa demora julgo inadmissivel para futuros transportes porque, sendo a distancia de Aquidauana ao Rio de Janeiro de 2.000 kilometros, viagem que, em trens expressos de uma velocidade commercial de 40 kilometros, poderá ser feita em dous dias, seria absurdo terminar a estrada em um ponto que fica distante do rio Paraguay dez dias de viagem.

O mesmo facto se dá em relação ao rio Miranda, pelo qual a viagem até Corumbá é penosissima e feita num espaço de 4 a 6 dias. Em via ferrea, pelo Aquidauana, a distancia é de 336 kilometros, que poderão ser trafegados em 10 horas de viagem, ao passo que leva cêrca de 12 dias em navegação fluvial.

Isto posto, declara-se contrario o ponto terminal quer em Miranda, quer em Aquidauana, por não satisfazerem os elevados intuitos commerciaes, estrategicos e internacionaes.

Quanto aos fretes de Aquidauana a Corumbá, que custam actualmente 100$ a 200$ por transporte de cada tonelada em via fluvial, passará a custar 50$ em via ferrea o transporte de identico peso.

Como ponto inicial provisorio a linha indica a fazenda Esperança na

barranca do Paraguay, onde é possivel a travessia numa ponte de 300 metros de vão.

Trinta e tres kilometros abaixo da barra do rio Mondego, a 10 horas de viagem de Corumbá, ha, numa distancia de 125 kilometros, margem para navegação facil em qualquer época.

Tendo por objecto a rapida construcção da linha, julgo indispensavel o attaque simultaneo para a preparação de leito a partir da fazenda Esperança. Miranda e Aquilauana, pontos para onde poderão seguir por agua toda a ferramenta e pessoal que tiver de dar inicio aos trabalhos.

Para rapida descarga do material, via permanente e rodante, lembro a construcção urgente de um caes de madeira para atracação dos vapores. Em Esperança além do preparo de uma esplanada de 100×150 e aterro de 2 metros, cubando 90 mil metros cubicos para deposito de material e officinas de construcção.

O material poderá chegar do extrangeiro mas com uma baldeação em Rosario. Com documentação o officio acrescenta que entre Corumbá e o forte de Coimbra não consta na margem esquerda local algum que não seja coberto por occasião das grandes enchentes do rio Paraguay.

No forte Coimbra, atraz do morro Marinha, ha grande extensão de terreno alagadisso. Foi verificada a existencia de um grande massiço calcareo de 400 a 500 metros de altitude, denominado serra da Besoquena, espaço esse indicado nos mappas como pantanal. Os dous pontos em que essa serra mais se approxima do rio Paraguay são forte Coimbra e a fazenda Esperança, pontos esses que distam entre si 56 kilometros.

Fazendo passar a linha pelo forte de Coimbra fica o percurso augmentado de 70 kilometros, no decorrer dos quaes se encontram 60 pantanaes. Acompanhando a linha telegraphica, como foi suggerido pelo traçado, o augmento será ainda de mais 10 kilometros, atravessando no percurso cerca de 200 pantanaes. Segundo o relatorio do Sr. Major Candido Rondon nesse local, em 1905, as enchentes cobriram o terreno com uma altura de seis metros de agua em mais de cem kilometros de extensão. Esse tratado, devido á natureza arenosa de sólo terá um custo kilometrico superior a 200 contos de réis.

Transmittindo a V. Ex. esses importantes resultados dos estudos de reconhecimento precedidos pela commissão dirigida pelo Sr. Dr. Emilio Schnoor, na Estrada de Noroeste, estudos que tenho fiscalizado e acompanhado em campo e no escriptorio, pelos quaes me pronuncio de acôrdo ».

(D zembro de 1907).

ADIVINHAR UM NUMERO QUE QUALQUER PESSOA TEM NO PENSAMENTO

Diz-se a qualquer pessoa que pense em um numero; depois diz-se-lhe que o multiplique por tres. Feito isto, diz-se-lhe que tome metade, se o numero é par, ou a parte maior das duas, se fôr impar.

Manda-se multiplicar outra vez por tres e dividir o resultado por 9.

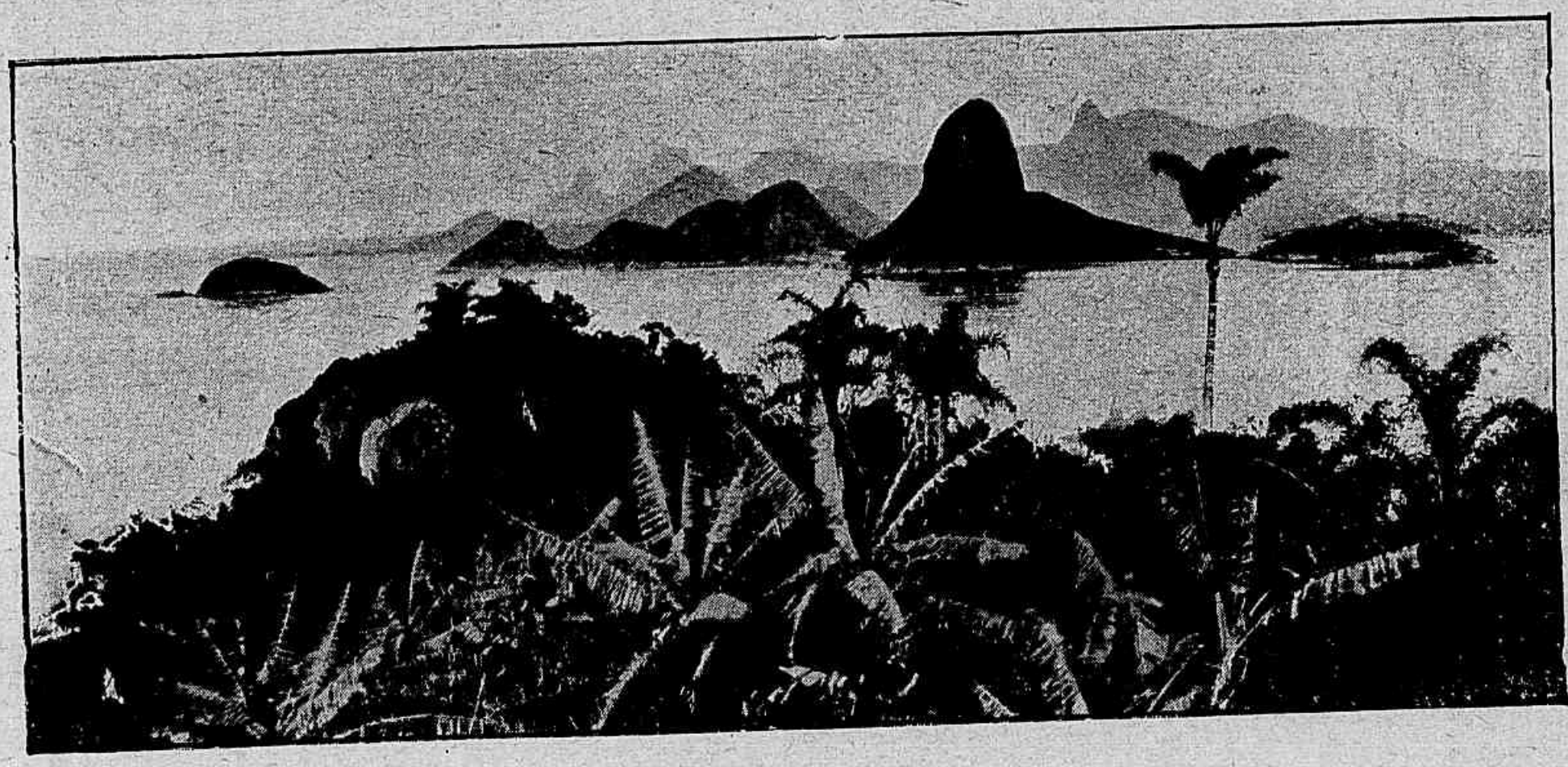
O dobro do quociente, ou mais um, se o numero escolhido é impar, será o mesmo que a pessoa tem no sentido.

O caso é de uma simplicidade pasmosa.

Exemplifiquemos:

32 é o numero escolhido.

$32 \times 3 = 96$ $96:2 = 48$ $48 \times 3 = 144$ $144:9 = 16$ $16 \times 2 = 32$.



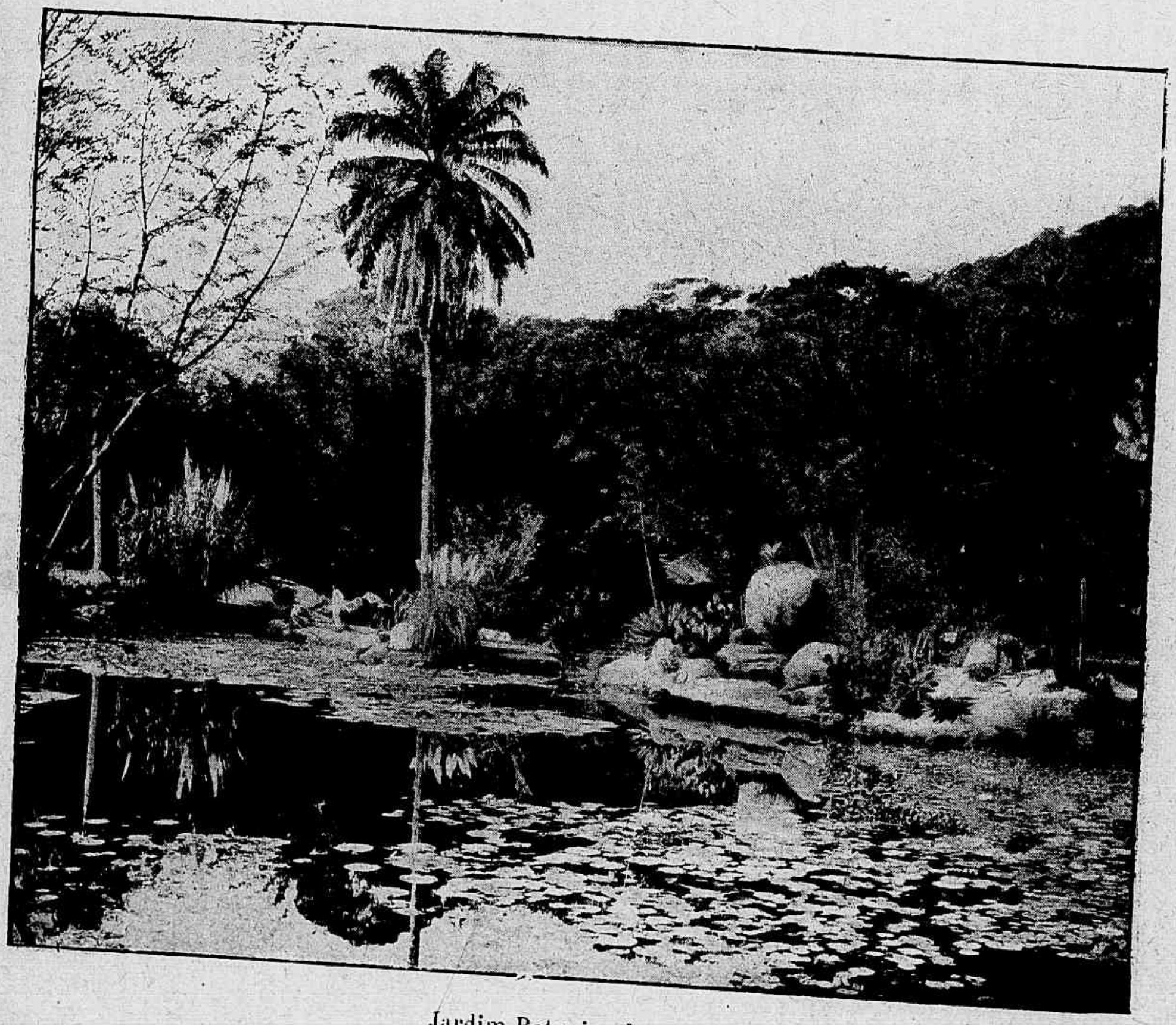
Entrada da Barra, exterior.

O Rio de Janeiro

A cidade do Rio de Janeiro continuou de modo mais lento, embora seguro, os seus melhoramentos materiaes, completando e aperfeiçoando os trabalhos encetados de edificação, calçamento e outras obras publicas. O nosse digno prefeito, General Souza Aguiar consagrou-se a consolidar as finanças, e com firmeza tem acudido aos multiplos interesses e necessidades do municipio, revelando o espi-

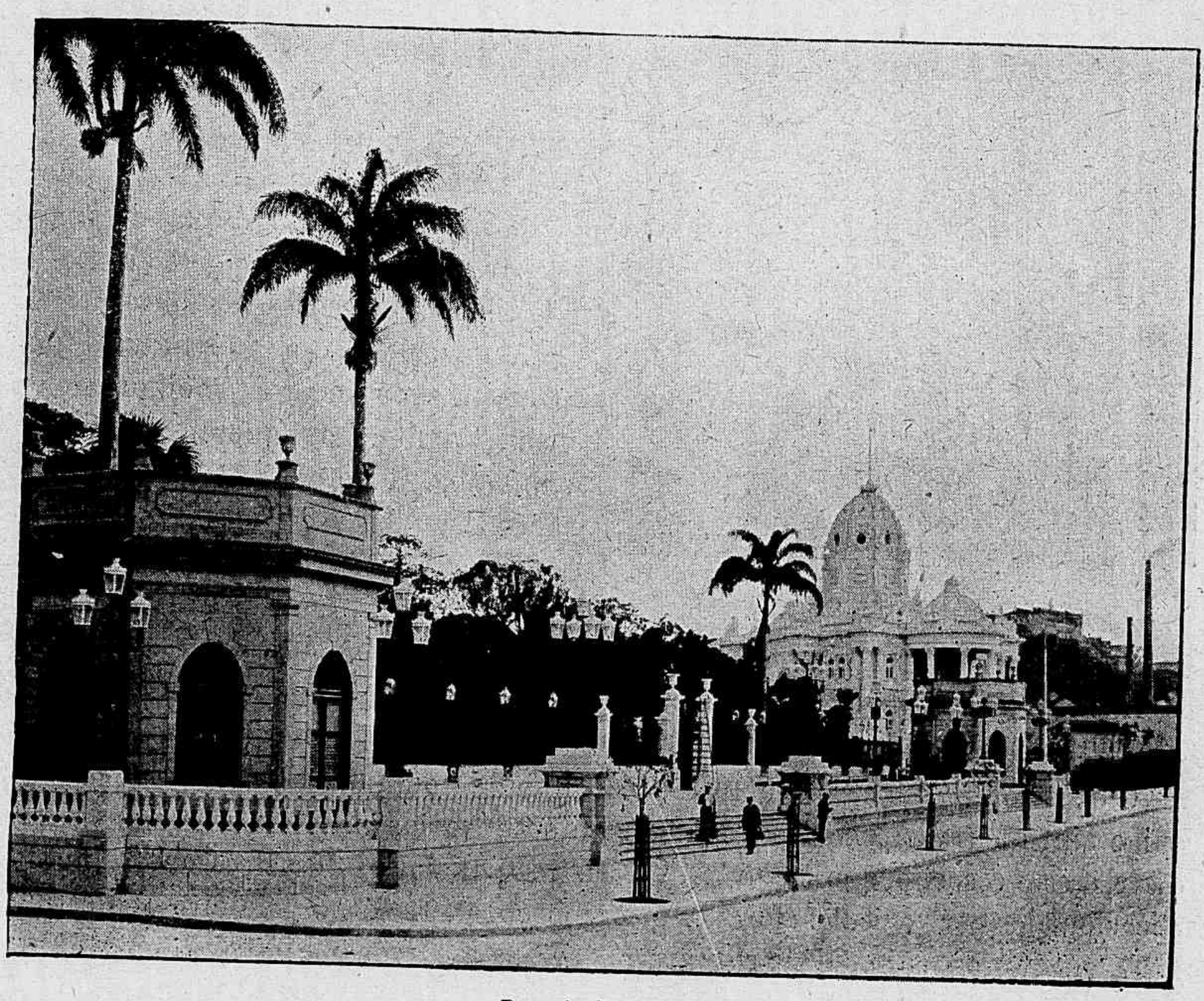
Avenida Central.

Rua do Sacramento.



Jardim Botanico-Lago.

Rua Uruguayana.



Passeio Publico.

rito superior de que é dotado e de que tanto carecemos em momentos de agitação interesseira caracteristica das épocas de progresso e de renovamento.

A cidade cresce e desenvolve-se prodigiosamente, com a chegada de innumeros adventicios que para ella acorrem de todos os pontos. As habitações escasseiam, a vida encarece, e não é facil, n'esta crise de progresso local, resolver a um tempo todos os problemas que se antolham, quando universal é a crise economica, e os capitaes estrangeiros se retrahem temerosos em todas as grandes praças do antigo e do novo mundo.

Tijuca. — Cascatinha.

Logo que em condições mais favoraveis se realize o emprestimo, os grandes melhoramentos municipaes serão postos por obra. Todavia, neste interim, construiram-se escolas, melhorou-se a instalação d'ellas, continuou-se o bello ajardinamento da Gloria e refizeram-se os calçamentos aperfeiçoados de varias ruas e foram outras pavimentadas, preferindo-se em geral o lençol de asfalto, como se está fazendo na Avenida Central aos outros systemas empregados e que, alguns pelo menos, provaram mal em curta experiencia.

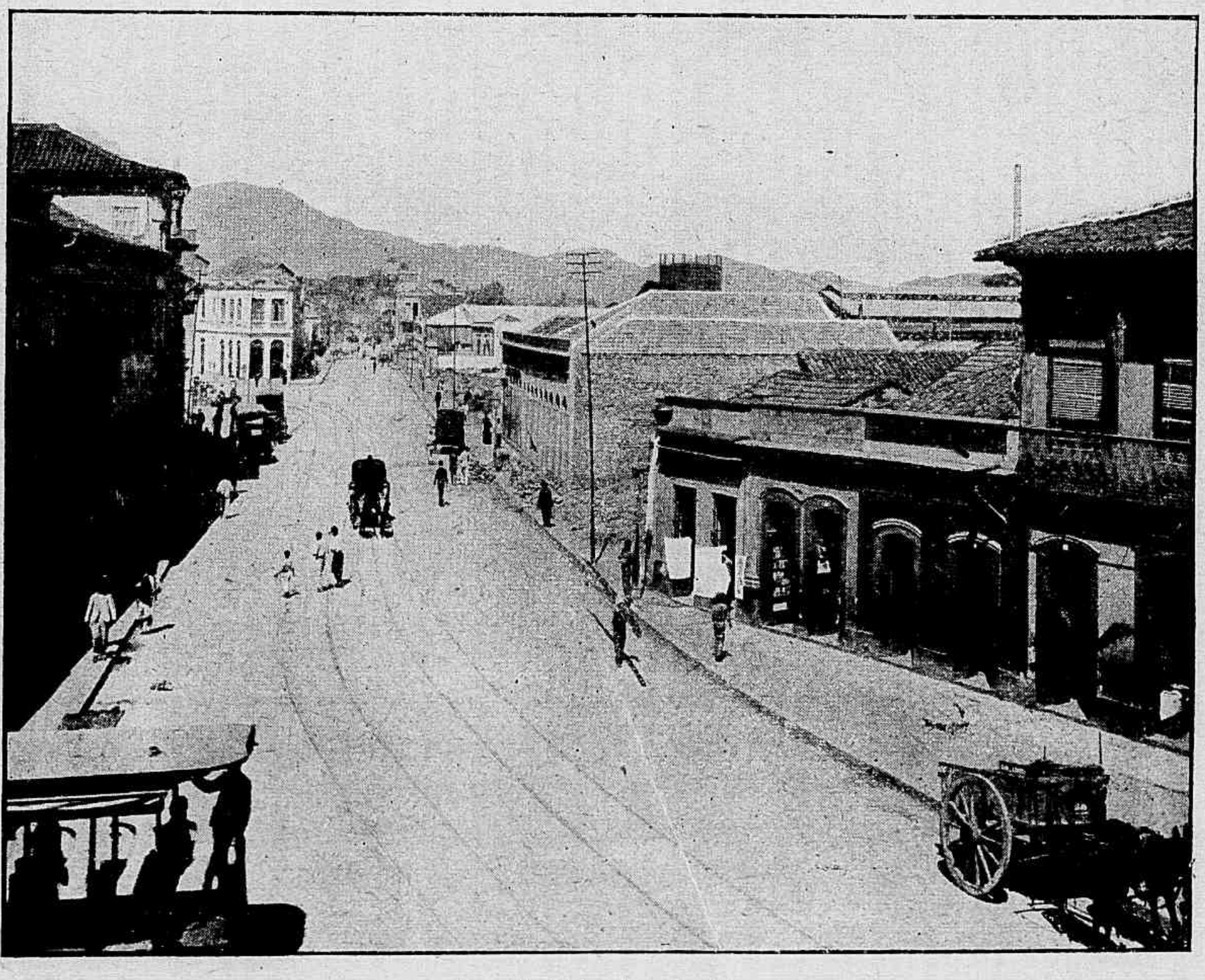
Concluiu-se o Mercado Novo, que se tornará mais accessivel quando se prolongar a Avenida pela ponta do Arsenal e lhe forem entregues as docas.

A exposição de 1908 naturalmente acarreta uma serie de melhoramentos novos, dentre os que foram promovidos pelo Governo Federal, que prosegue nas obras do caes, do canal do Mangue e ainda pensa em dotar a cidade com a Estação Central magnificamente projectada.

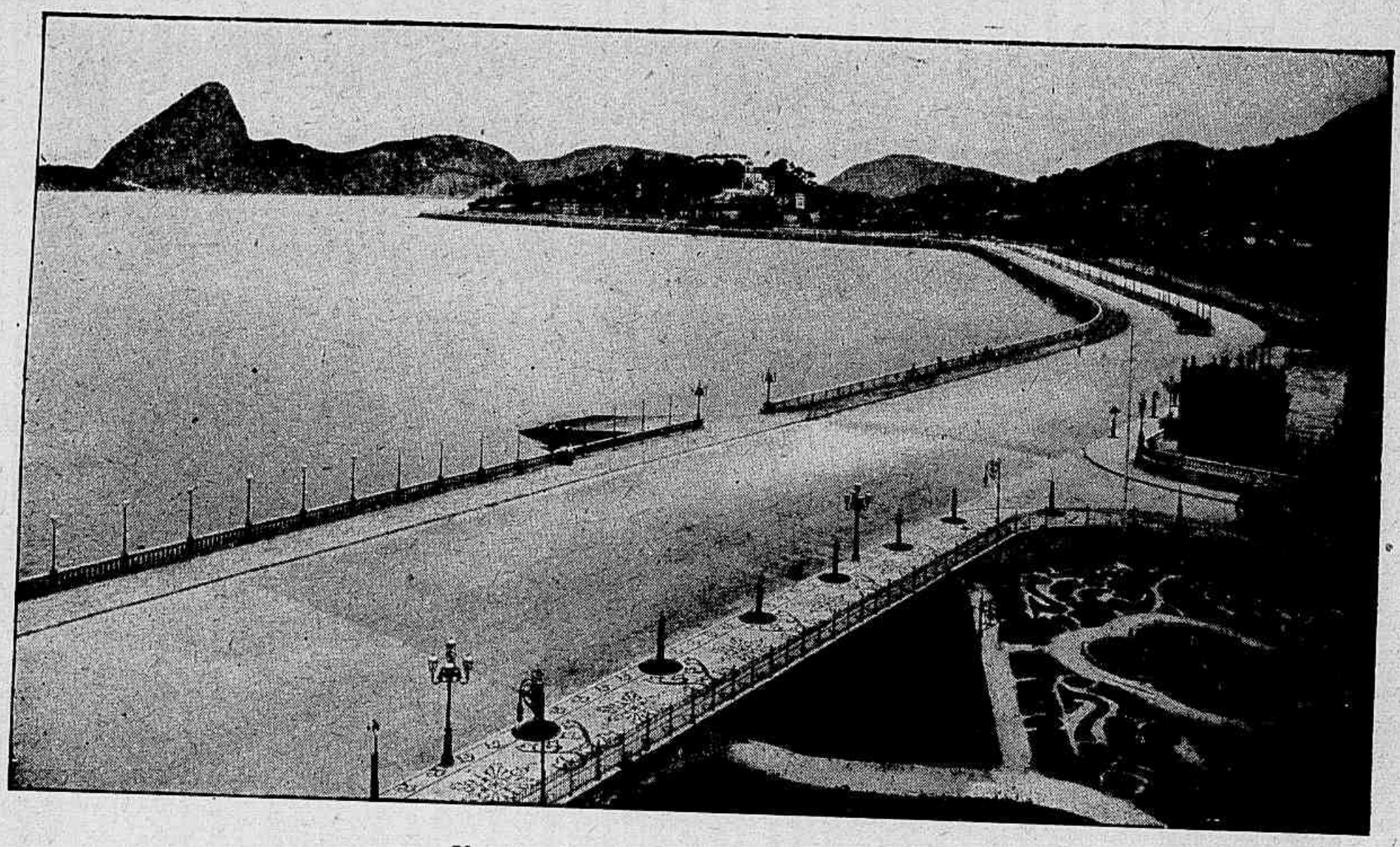
A receita da Municipalidade tem crescido sempre e aproxima-se de 30.000 : 000$000, cifra que attingirá talvez neste ou no anno proximo.

O excesso de commercio e trafego na cidade commercial é tão grande que exige ainda a transformação e alargamento de varias ruas insufficientes. Basta dizer, a este respeito, que segundo a estatistica policial os desastres na via publica occasionados por vehiculos foram em numero de 494 só no primeiro semestre de 1907, sendo que na maior parte foram devidos a carroças e caminhões (142) e a *bonds* (123), de sorte que no Rio de Janeiro, pelo menos, ha diariamento *tres*

Avenida Central.

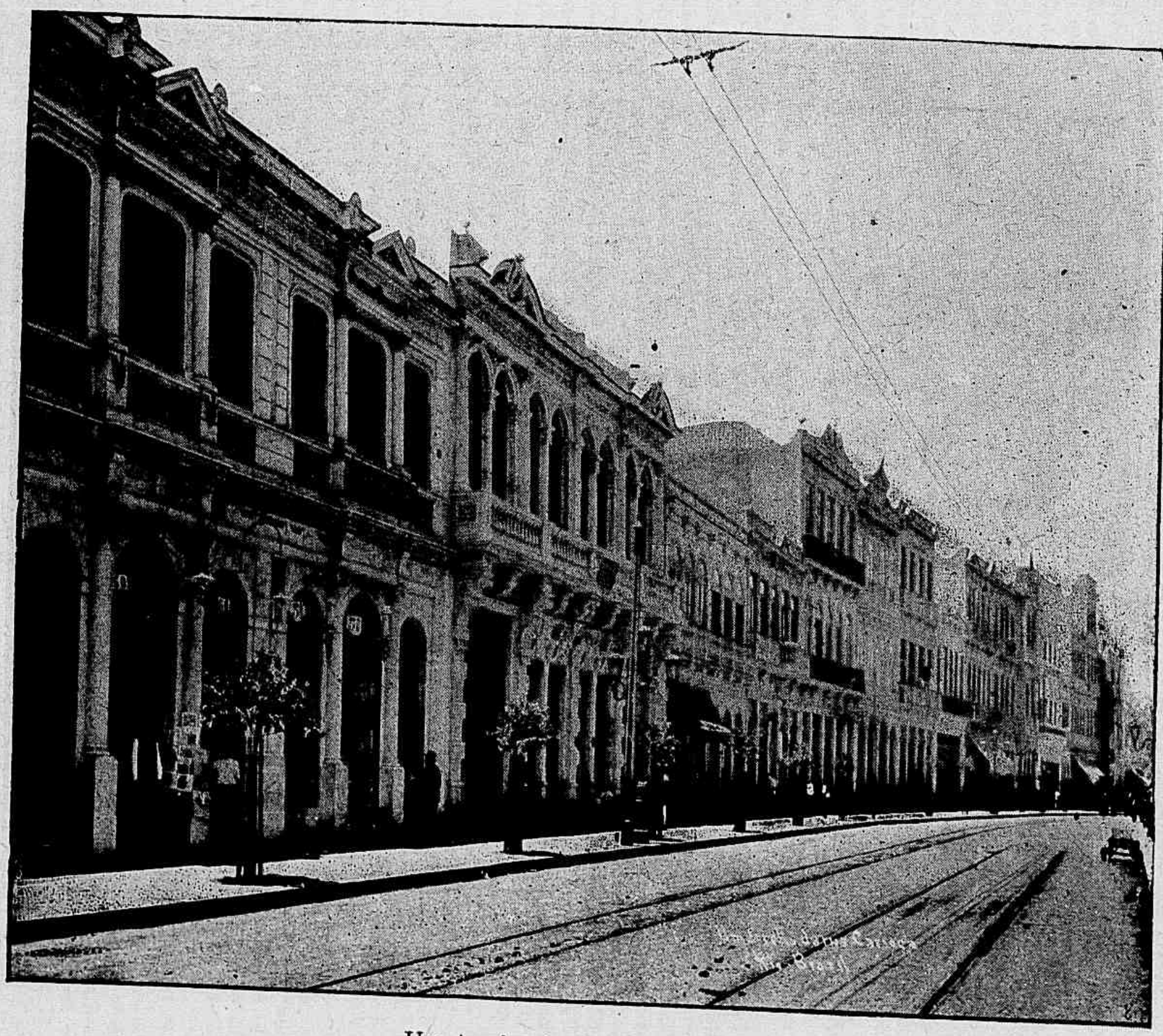


Avenida Salvador de Sá.



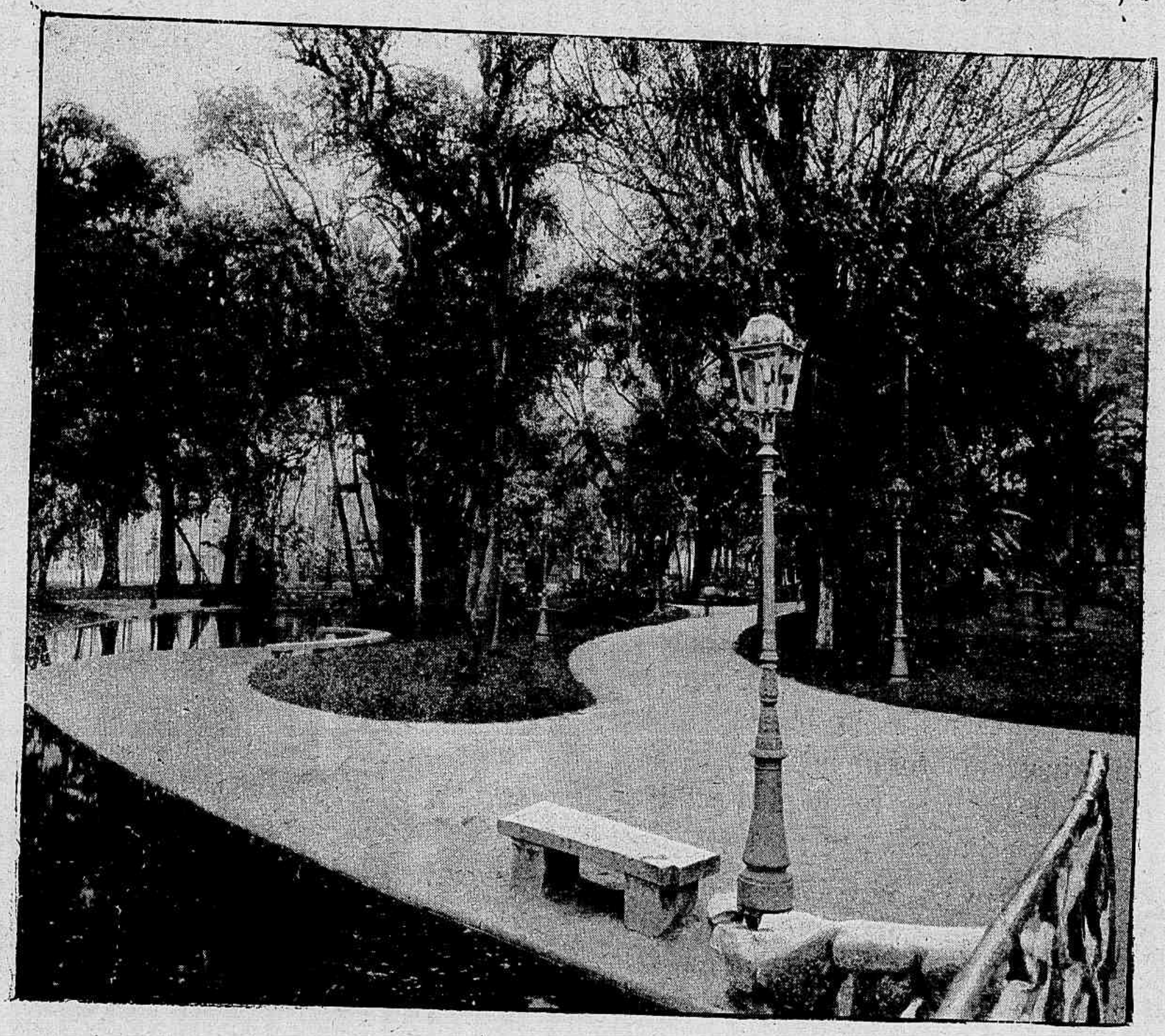
Um trecho da Avenida Beira-mar.

victimas de desastres occasionados pelos vehiculos, o que só se póde explicar pela dificuldade do transito e pelo numero ainda consideravel de ruas estreitas



Um trecho da Rua da Carioca.

traçadas ha dous seculos, senão ha mais tempo e para uma população que hoje equivale a de qualquer dos nossos maiores arrabaldes. A cidade velha necessita pelo menos de duas avenidas obliquas á direcção das que hoje existem, e é



Passeio Publico.

provavel que esses melhoramentos se imponham pela propria evidencia e necessidade, mormente com o rapido crescimento da população.

Seja, como for, seria desejavel que essas transformações fossem realizadas sob a direcção do culto espirito de artista que hoje governa a cidade.

DIAMANTES DE MATTO GROSSO

Em outro lugar do *Almanaque* damos uma noticia dos diamantes do Jequitinhonha, agora diremos dos diamantes da região recentemente estudada em Matto Grosso.

Tendo os Srs. Coronel João Baptista de Almeida Filho, Vice-Presidente do Estado de Matto Grosso, Major André Virgilio Pereira de Albuquerque, e a firma commercial Pedro Torquato é C., convidado o Engenheiro civil Felippe Ribeiro Galvão para fazer um estudo dos mineraes e rochas da região banhada pelos rios Jaurú e Coxim, o Dr.

Galvão organizou o seguinte e interessante trabalho :

« Ha muito tempo já se suspeitava a existencia de ouro e diamantes no rio Coxim.

Na época do Brasil colonial foi incumbido pelo Governo da metropole de fazer uma viagem de Guyaba a S. Paulo o Dr. Lacerda, que no relatorio dessa jornada narra ter uma das pessoas de sua comitiva lhe referido a existencia de ouro no rio Coxim.

Pelo acto n. 889, de 18 de Abril de 1901, obteve a concessão para explorar ouro, outros metaes e pedras preciosas no rio Coxim o advogado Francisco Agostinho Ribeiro, que nessa occasião não tratou de mandar fazer as pesquizas necessarias.

Mais tarde, muitos homens começaram a minerar no rio Jaurú, empregando instrumentos imperfeitos, batêas, e, devido aos bons resultados colhidos por esses primeiros garimpeiros, espalhou-se a noticia das riquezas mineraes desse rio, e maior numero de homens, attrahidos pela fama dessa mina, veio incorporar-se aos primitivos.

Só então o advogado Francisco Agostinho Ribeiro, tendo pelo acto n. 1.002, 31 de Dezembro de 1902, obtido a concessão para explorar ouro, outros metaes e pedras preciosas em uma parte dos rios Jaurú o Coxim, incumbio a um engenheiro afim de proceder aos estudos exigidos pelo Regulamento de minas de Matto Grosso.

Algum tempo depois os Srs. John Knowles e Antonio Augusto Azambuja, a sociedade Pedro Torquato e C. e o Major André Virgilio Pereira de Albuquerque requereram permissão para explorar ouro, outros metaes e pedras preciosas, este no rio Coxim, e aquelles no rio Jaurú, de suas nascentes á foz do Bananal.

Dados hydrographicos e topographicos. — O rio Camapuansinho, muito estreito e de agua muito limitada, recebe, antes de desaguar no rio Coxim, pela margem direita, alguns tributarios, e possue na sua embocadura a largura de 10 metros.

O rio Coxim tem largura e profundidade variaveis; antes de receber as aguas do Jaurú, o maior de seus affluentes, a 25 metros não chega a exceder a sua largura, que, depois da fusão dessas aguas, nos pontos onde o rio se alarga é por vezes superior a 40 metros.

Depois de recolher em seu leito, pela margem esquerda, as aguas do rio Taquarymirim, apresenta-se já bastante largo o rio Coxim, tomando suas aguas uma extensão de 100 metros.

Entre esses trechos o rio não possue largura de augmento progressivo, ora se espraia, formando-se ilhas, ora se restringe, correndo encanado entre ribanceiras escarpadas de muitos metros de altura.

O ribeirão « Boa Vista » nasce na serra do mesmo nome e toma a denominação de Jaurú, depois de receber o ribeirão chamado Ribeirãozinho. O rio Jaurú que na sua foz tem a largura de vinte e dous metros, no trecho concedido a Pedro Torquato e C. possue a largura média de dezoitos metros e na parte dos Srs. John Knowler e Antonio Augusto Azambuja é muito estreito, variando sua largura de nove a cinco metros.

Devido á estreiteza do rio na parte desta ultima concessão, troncos de arvores que se desprenderam das ribanceiras tornavam difficil a passagem de canôas, sendo necessario remover estes obstaculos para se continuar a marcha.

Possuindo o rio em alguns pontos maior largura, tornava-se ainda difficultosa a passagem, visto os troncos

cahidos das margens occuparem o canal junto a uma das ribos e a profundidade das aguas perto da outra ser muito pequena.

As aguas dos rios Jaurú e Coxim são limpidas e movem-se com grande velocidade.

Muitas corredeiras e cachoeiras existem nos rios Coxim e Jaurú; neste as mais importantes estão abaixo da foz do Bananal e naquelle as maiores cachoeiras são : a da ilha, actualmente denominada Cachoeira do Campo, a Gequitaia (Garimpo), a Choradeira (Letreiro), que possue este nome por causa de grande numero de inscripções existentes nas rochas de suas proximidades e a Aranhandava (cachoeira do Sapé).

O rio Coxim corre na direcção SE-NO e o Jaurú na direcção NE-SO.

O terreno da região é cortado de pequenas collinas.

O Taquary, logo depois de receber as aguas do rio Coxim, passa junto á villa que tomou o nome deste rio e vai desaguar no Paraguay.

Na margem direita deste rio Paraguay demora Corumbá, a primeira cidade commercial de Matto Grosso.

Estudo dos mineraes e rochas da região. — Nos rios Jaurú e Coxim a disseminação do ouro e diamante, não é uniforme.

Devido ao movimento das aguas que correm com grande velocidade, effectua-se uma lavagem natural do cascalho, que é acarretado de um ponto para ser depositado em outros, realizando-se o enriquecimento de umas e o empobrecimento de outras partes do rio.

Sómente me refirirei neste trabalho aos depositos do leito e das margens.

Encontram-se no cascalho os seguintes mineraes e rochas : o « ouro », o quartzo ora crystallizado, ora corado de amarello ou vermelho, agata, silex, klaprothina e outras pedras coradas, turmalinas, ferro titanado, oligisto, limonito, magnetito, hematito, granadas da variedade almandina, mica, calcareo, grés, schisto, hyalo-turmalito, trachyto, petrosilex, etc.

Do mesmo modo que os « garimpeiros » de Minas Geraes dão os do Jaurú nomes especiaes aos mineraes que acompanham o diamante (muitos sendo eguaes aos usados nesse Estado) : quartzo rolado transparente (pinga d'agua), quartzo branco bem arredondado (ovo de pomba), turmalina, hyalo-turmalito (pretinhas), oligisto, limonito, ilmenito, e magnetito (ferragens), granadas (chicorias), klaprothina e outras pedras coradas (azulinhos), areia com magnetito, ilmenito e laminas de oligisto que ficam no residuo de lavagens em batêa (esmeril), hematito vermelho (lacre), concreções de calcedonia (olho de peixe), concreções de silica com oxydos de ferro (botão) e outros.

Destes mineraes os designados pelos « garimpeiros » como pertencentes á boa « formação » são os seguintes; oligisto, limonito, ferro titanado e magnetito (ferragens), turmalinas e a rocha hyalo-turmalito (pretinhas), klaprothina e outras pedras coradas (azulinhos) e granadas (chicorias).

Abaixo do cascalho no fundo do leito do rio existe uma rocha silicosa, grés, de côr vermelha, que continúa nas margens.

Este grés é schistoso; acompanham as camadas desta rocha as ondulações do terreno.

Nas margens repousa sobre o grés um conglomerato de cimento ferruginoso de côr vermelha.

Neste conglomerato predomina o quartzo, encontrando-se tambem uma

rocha alterada, kaolinizada, calcareo, mica, etc.

Onde não se encontra este conglomerato, que é um verdadeiro puding, acima do grés vermelho ha uma argilla mais ou menos ferruginosa com grossos fragmentos de rochas e seixo quartzoso onde apparecem o diamante com os mineraes que o acompanham — o cascalho.

Destas rochas as encontradas com mais frequencia nesta argilla, julgo se referirem ao trachyto e petrosilex.

Não podendo ser verdadeira toda classificação de rochas que em estudos com o microscopio não é baseada, póde ter havido algum engano na analyse a que procedi nessas rochas.

Essa argilla, conforme a quantidade de oxidos de ferro que contém, póde ser branca ou vermelha.

Não desapparece por vezes o conglomerato que é denominado pelos « garimpeiros » « cascalho queimado », existindo acima delle a argilla já citada.

A espessura desta argilla varia de vinte centimetros a quatro metros, havendo partes do rio onde attinge dez metros.

Repousa sobre esta argilla a terra vegetal.

Em alguns pontos, acima dos depositos de leito e do conglomerato, nas margens, apparecem grandes fragmentos de uma rocha, exteriormente escura e interiormente branca; são partes desaggregadas do grés das ribanceiras.

Em uma parte do rio Coxim, perto da foz do ribeirão S. Romão, observei que a rocha silicosa abaixo do cascalho no fundo do leito do rio foi substituida pelo schisto, que apparece tambem em outros pontos atrás do grés.

Os « garimpeiros » dão ao schisto e grés quer do fundo do leito, abaixo do cascalho, quer das margens, o nome de piçarra.

DIAMANTES DO JEQUITINHONHA

Começa a explorar a extracção dos diamantes uma Companhia, a *King Diamond*.

« Esta empreza, organizada em 1905 nos Estados Unidos da America para a exploração de diamantes e ouro em Minas, com o capital de 150.000 dollars, posteriormente elevado a 300.000, depois de melhorar e em alguns trechos construir a estrada da estação do Curralinho ao Mendanha, iniciou desde o anno passado o assentamento de suas machinas.

Devido ao atrazo com que ao seu director, Dr. William C. Ross, têm chegado os machinismos, que ha muitos mezes se acham no Curralinho, só agora póde ser começada a construcção da barca, em que se deve assentar a draga, que vai ser empregada na extracção do cascalho diamantino do leito do Jequitinhonha, no trecho do Carrapato ao Mendanha, numa extensão de cinco kilometros.

A madeira empregada nessa construcção é toda nacional, e, para apparelhal-a, está funccionando na antiga fabrica do Rio Manso uma serra dupla, movida por um motor electrico de 20 cavallos.

A installação electrica está ultimada, e consta de uma turbina do eixo horizontal fornecendo força superior a 150 c. e accionando um gerador triphasico,

que póde fornecer normalmente 150 c. de força e com sobrecarga 160. A corrente electrica, depois de transformada, é canalizada para o Mandanha em linha triplice e ahi porá em movimento o poderoso motor da draga.

Este motor transmittirá movimento, não só á cadeia de alcatruzes, por meio de uma roda de seis dentes, como tambem aos apparelhos de desaggregação e de concentração do cascalho, apparelhos que se compõem de separadores, classificadores e desaggregadores, sendo a apuração feita em mesas inclinadas. Cada alcatruz tem a capacidade de 28 litros e a draga póde extrair e tratar diariamente de 530 a 570 m. c. de cascalho, trabalhando só durante o dia.

Para fornecer força motriz á installação electrica adquiriu a empreza a cachoeira do Rio Manso, que tem uma quéda de 39 m. 60, sendo, porém, utilisada apenas metade dessa quéda, afim de aproveitar o canal já existente no local.

Tratando a empreza diariamente ao menos 500 m. c. de cascalho, e, baseando na opinião dos mineiros, podemos affirmar, que serão extraidos cada dia 50 quilates de diamantes, dando para isto o coefficiente de producção 0,1 do quilate por m. c. ao cascalho do leito do Jequitinhonha.

Dando o preço minimo de 40$, em média, ao quilate de diamantes, temos uma renda diaria de 2.000$000.

Além dos diamantes é pensamento da empreza apurar tambem o ouro, dito pelos mineiros *de formação* e que póde-se computar na média em 1 grm, por metro cubico de cascalho. Este ouro dará o rendimento diario de 1.000$, avaliado a 2$ a gramma.

Temos então o rendimento de 3:000$, diarios, ou por anno 939.000:000$, descontando os domingos, em que não funccionará a draga. »

E'o que se póde dizer — uma riqueza.

" Quanto ao calculo que fizemos para mostrar os grandes proventos que póde a empreza obter, e que, parecem exagerados, não o são tal; tomámos uma média, e, como todos sabem, póde a renda bruta ser menor, mas póde ser tambem maior.

Para confirmação do que dizemos, vamos citar alguns resultados de serviços feitos no Jequitinhonha. No canal de Santo Antonio, acima do barracão do Ribeirão do Inferno, o Sr. Antonio Baptista de Mello Brandão e seu pai tiraram, entre os annos de 1874 a 1878, 780 oitavas de diamantes; em 1880 o primeiro, então arrendatario do lote, associou-se ao barão de Parauna e no serviço que fizeram apuraram 529 oitavas e 54 grãos de diamantes; em 1881 apuraram 524 oitavas e 44 grãos.

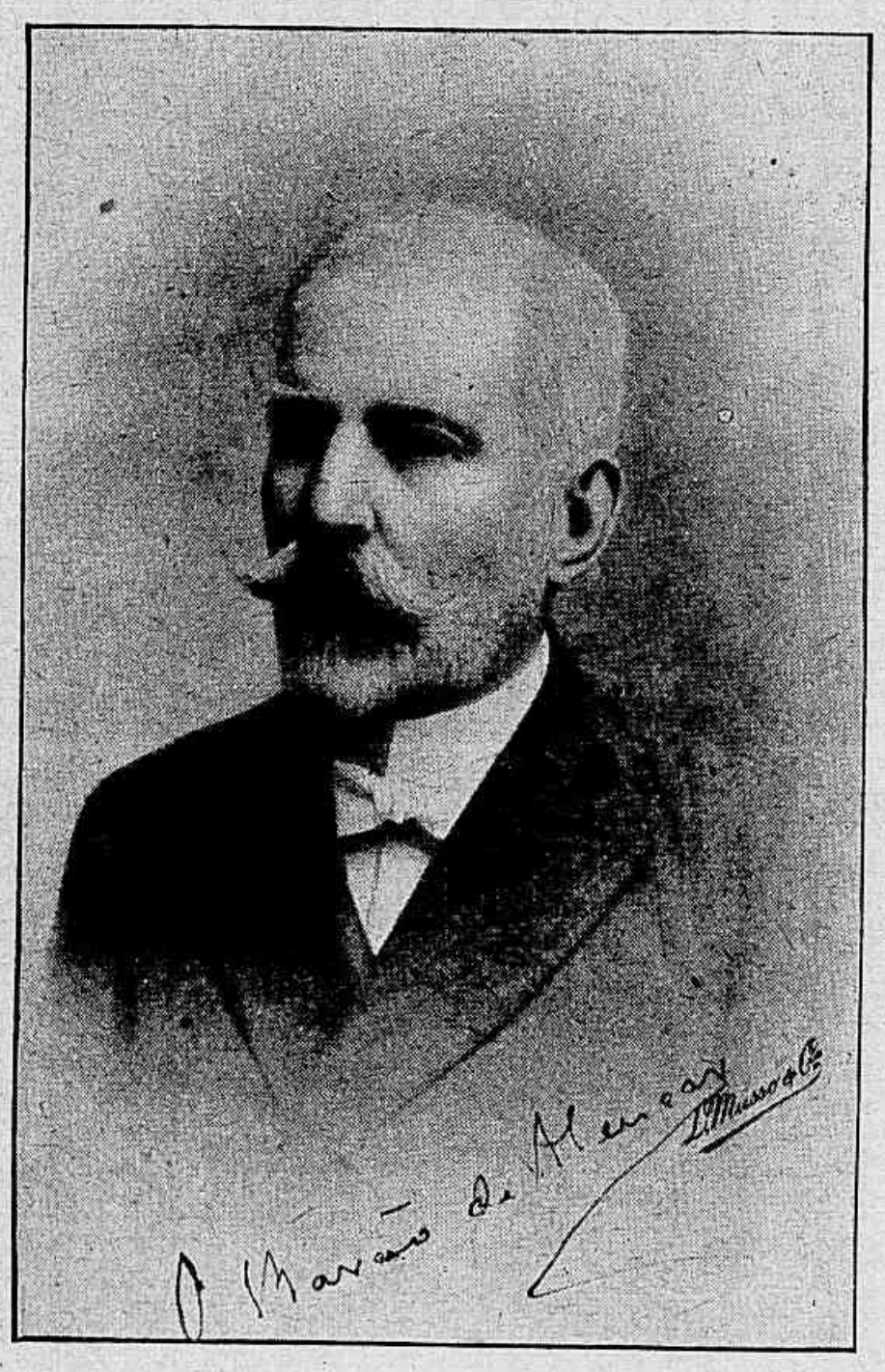
Em ouro apuraram nos dous serviços mais de 2.000 oitavas.

A extensão do canal explorado foi de cerca de 90 metros e a largura era de menos de 12 metros. Admittindo-se a altura de cinco metros, para o cascalho (que não deveria ter, pelo que hoje se nota, mais de 2 m. 80), temos que a producção por metro cubico foi de seis quilates e um decimo em diamantes. A mesma lavra, passando, depois da morte do arrendatario, a pertencer ao coronel Justiniano F. de Azevedo, este tem tirado no mesmo canal muitas oitavas de diamantes, e no anno atrazado encontrou um " beijú " de canga (uma lamina) com as dimensões de 1m. × 0m., 50 × 0m.10, de onde tirou nove oitavas de diamantes, o que daria por metro cubico 180 oitavas.

No Chupé, abaixo de Lagôa Secca,

em seis carumbés de cascalho (cerca de 0m.070), tiraram 10 oitavas de diamantes. Nos Francezes, abaixo de Terra Branca, em poucos mezes tiraram em 1904—286 oitavas, em uma extensão de 100m. × 10, onde a espessura maxima da camada productiva era de 0m.80 e a minima de 0m.30.

Podemos dizer que o cascalho do Jequitinhonha, quando virgem, nunca deu menos de 0,5 do quilate por metro cubico. "



Na Folha de um Album

Perdoa, se nas paginas douradas
D'este livro querido,
Venho escrever um nome indifferente,
Bem de pressa esquecido.

Que sirva como um simples epitaphio
De um ente que morreu
Que pede para o môrto uma saudade
A' quem o conheceu

E amanhã ao relêres nestas folhas
Outros nomes mais caros e expressivos,
Pára tambem no meu, curto momento,
Teus olhos pensativos.

Bordo do paquete francez *La Guienne*. Entre Lisbôa e Bordeaux, em 16 de Julho de 1865.

BARÃO DE ALENCAR.

Na Vareta de um Leque

No Eden, uma vez, era de madrugada,
Andava n'uma rosa uma vespa doirada.
Satanaz, como sae da concha um caracol,
Tenebroso e escorrendo em purpuras de sol,
Saiu alegremente, a rir, d'entre o arvoredo ;
Chegou-se ao pé de Deus e disse-lhe um segredo
Em voz baixa, ao ouvido. — Isto foi na manhã
Em que Eva devorou a celebre maçã,
E Deus disse ao demonio : — O' brejeiro, é preciso
Dar armas á Mulher, para que o Homem peque.
E Jehovah, da rosa, então, fez-lhe um sorriso
E das azas da vespa o diabo fez-lhe um leque.

GUERRA JUNQUEIRO.

Uma Mina Salgada

No decurso da minha recente visita a Minas Geraes tive occasião de observar, com grande pezar, que entre os habitantes do mesmo Estado existe a crença de que o Barão do Serro foi, de alguma sorte, responsavel pela mystificação de que foi victima uma empreza mineira americana—a S. Cyriaco Gold Mining Company, perto do Serro, ha uns trinta annos atrás.

Tendo estado ao serviço da mesma companhia, durante o anno que funccionou em Minas, e como os negocios da companhia em Minas foram tratados por meu intermedio, escrevo as presentes linhas sob a minha inteira responsabilidade e sem solicitação ou suggestão de quem quer que seja, com o unico intuito de fazer justiça ao Barão do Serro.

O meu conhecimento da S. Cyriaco Company remonta a um periodo, muito anterior ao do meu emprego na mesma. A propriedade conhecida por S. Cyriaco estava situada em Minas Geraes, proximo ao arraial de Santo Antonio do Rio do Peixe, e até 1876, pertenceu ao Dr. José Joaquim Ferreira Rabello, do Serro, actual Barão do Serro.

Havia no terreno varias antigas minas em rocha nas quaes se encontrava suco, existindo tambem no local antigas lavras de ouro. Uma firma commercial do Rio de Janeiro, composta de dous americanos e um allemão, emprehendeu como promotora, mandar examinar a propriedade do Dr. Rabello por um perito em minas, com vistas em compral-as. Não tenho mais presentes a condições exactas da venda, além de que o proprietario recebeu avultada quantia em dinheiro e tambem certo numero do acções da nova companhia; os promotores tambem receberam certa somma em dinheiro e acções da companhia. Os promotores incumbiram a um engenheiro americano, Mr. James E. Mills, do exame e relatorio da propriedade. Em 1875 este engenheiro veio ao Rio e dirigio-se a São Cyriaco *acompanhado por dous socios da firma promotora*, um americano e o outro allemão. E' de importancia, neste particular, notar que o engenheiro era, sob alguns aspectos, um homem excentrico.

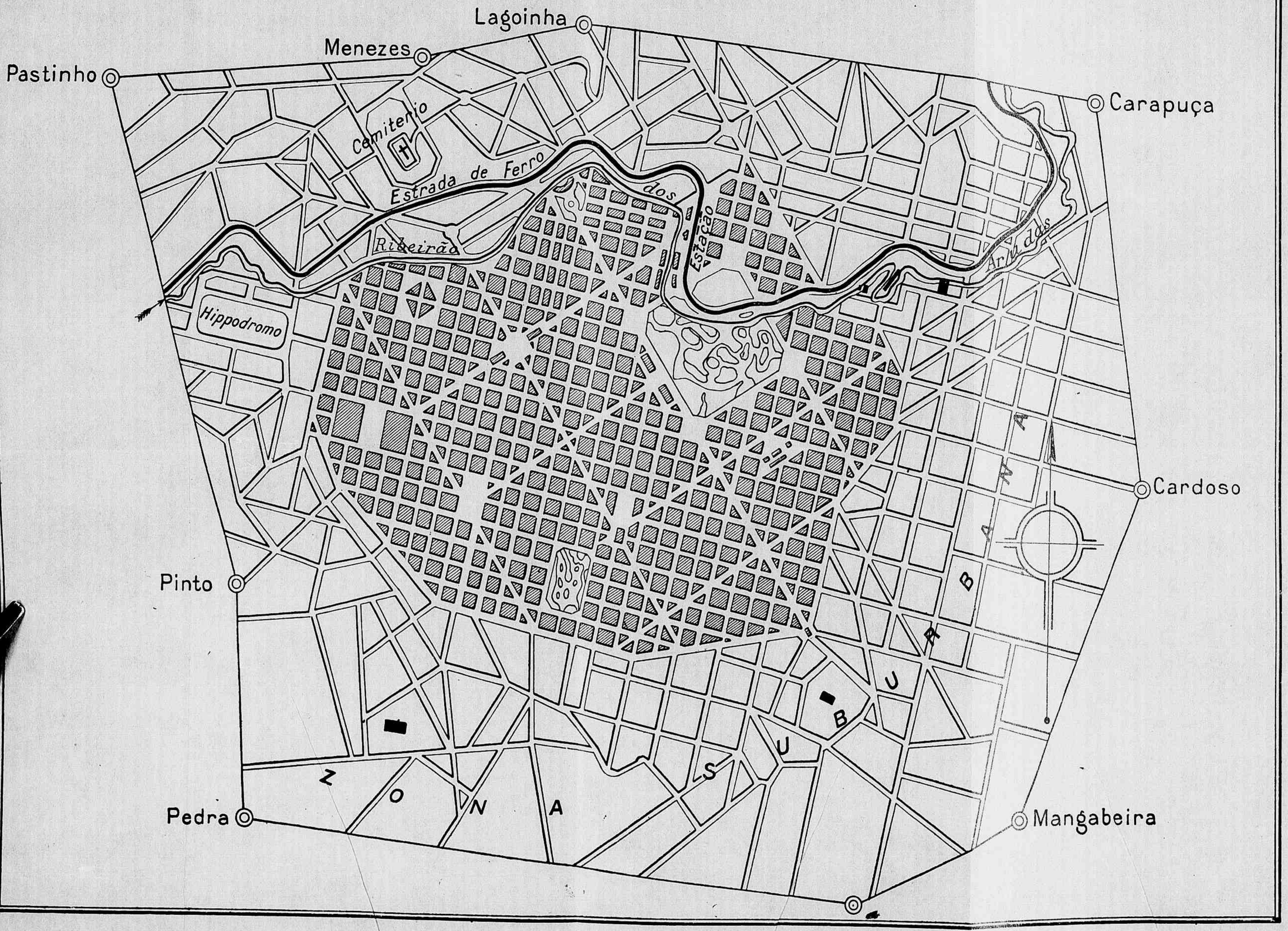
Tinha illimitada confiança em si proprio e resentia-se de qualquer conselho ou suggestão de outros, sobretudo no que respeitava ás suas relações profissionaes. Raramente confiava em outra pessoa, mas, quando confiava, o seu credito e confiança não conheciam limites.

Os factos seguintes, relativos á excursão a Minas e ao exame da propriedade, me foram referidos pelo proprio engenheiro, antes que houvesse descoberto que a mina tinha sido *salgada*.

A excursão a Minas foi feita pela estrada de ferro até Juiz de Fóra e dahi até S. Cyriaco, em mulas. Nesta excursão o engenheiro tomou em grande aversão o socio allemão da firma e travou estreita amizade com o americano, com o qual se tornou muito intimo e chegados a São Cyriaco o engenheiro e o negociante americano mantiveram a intimidade formada durante a viagem, e como houvesse falta de accommodações no lugar, ambos occuparam o mesmo aposento durante

BELLO HORIZONTE

Escala 1:35000



o exame da mina. Primeiramente procedeu-se ao exame das antigas minas de rocha e terminado este, o engenheiro *referio em particular ao promotor americano que as minas de rochas não promettiam lucro, acrescentando, porém, que se achava favoravelmente impressionado pelo aspecto dos schistos decompostos vizinhos e que se dispunha a examinar os mesmos schistos a procura de ouro.*

Cumpre notar que esta idéa da occurrencia de ouro nos schistos molles partio originalmente do engenheiro e que a sua confiança nas proprias theorias e sua convicção da sua infallibilidade o induzio ao grave erro relativo á propriedade de S. Cyriaco.

Os schistos molles foram, pois, examinados e foi neste exame que se deu a fraude.

De regresso ao Rio, depois de haver terminado este exame, o engenheiro, com grande prazer evidente, referio na minha presença, em um jantar em casa de amigos mutuos, e repetio depois frequentemente uma anecdota.

Contou como a occurrencia de ouro nos schistos decompostos era uma descoberta sua inteiramente nova e como esta descoberta sorprendera aos velhos mineiros brasileiros.

Referio como a prova de lavagem foi feita, sob a sua fiscalização, por um faiscador experiente, um velho escravo do Dr. Rabello, chamado João; que, quando os schistos decompostos foram dados a lavar ao velho João, este disse que não valia a pena laval-os, porquanto sabia que não continham nenhum ouro. Insistindo-se na lavagem, o velho negro deu algumas voltas á batêa e despejou o conteúdo, dizendo nada conter; á vista disso, o engenheiro fez forte reprehensão ao velho João e exigio que procedesse á lavagem da terra com o maximo cuidado.

Achou-se então ouro, com grande espanto de velho negro, que exclamou: « E' ouro de branco; nós nunca achamos este ouro ».

Terminado o exame o engenheiro voltou ao Rio e escreveu o seu relatorio, que traz a data de 18 de Dezembro de 1875.

Este relatorio foi publicado em Boston (?), sem indicação de data nem lugar, sendo depois traduzido para o portuguez e impresso na *Revista Industrial*, p. II, page 171 a 173, Nova York, Junho de 1878.

Este relatorio orçava os lucros das minas, nos 10 primeiros annos, em 5.485.871 dollars em ouro, e assegurava que as minas ainda seriam lucrativas por muitos annos mais.

Organizou-se em Boston uma companhia afim de adquirir a propriedade, e, em 1879, esta companhia enviou o mesmo engenheiro ao Brasil com o encargo de explorar as minas.

Passando pelo Rio de Janeiro, elle convidou-me para seu engenheiro ajudante e interprete.

Trazia tambem comsigo um mineiro e um mecanico, ambos os quaes possuiam vasta experiencia na mineração do ouro na California e no Nevada.

Chegados a S. Cyriaco, estes dous mineiros praticos disseram-me em particular que, na sua opinião, o nosso chefe tinha sido mystificado. Tão convictos estavam do embuste, que deixaram o serviço da companhia logo que o puderam fazer honrosamente, e voltaram aos Estados Unidos.

O salgamento da mina foi feito pelo proprio engenheiro quasi um anno depois de haver iniciado o trabalho em S. Cyriaco, mas, ainda antes do inicio de operações mineiras regulares. Desejava examinar o prolongamento da supposta zona aurifera e para este fim julgou necessario instruir um dos faiscadores locaes na arte de achar ouro nos schistos decompostos. Nas lavagens, procedidas sob suas vistas e com o maximo cuidado, não se encontrou ouro no mesmo prolongamento. Lavou-se ainda com egual cuidado terras das antigas vallas de prova, mas nada foi encontrado.

Em consequencia, o engenheiro, um tanto alarmado, pedio ao Dr. Rabello que lhe enviasse o velho João para trabalhar alguns dias em São Cyriaco. Succedeu que o velho escravo estava doente, o que augmentou as suspeitas do engenheiro.

Mais tarde, porém, appareceu o velho João com a sua batêa.

Suspeitava-se que o ouro tivesse sido cuspido pelo escravo na batêa, na occasião da lavagem, e por isso foi então observado com a maior attenção, tanto pelo engenheiro como pelo secretario da companhia. Nas tres primeiras batêas appareceram pintas de ouro, mas, depois, nenhuma mais. Havia sido notado que o faiscador cuspira na batêa, mas suppoz-se que não pudesse ter renovado o ouro na bôca em consequencia de ter sido tão estreitamente fiscalizado.

Urge acrescentar aqui que o velho negro era um faiscador que tinha usado a sua batêa de modo usual em busca de diamantes e de ouro. Em varias occasiões eu examinei cuidadosamente os pequeninos poros da madeira do fundo destas batêas e invariavelmente encontrei algumas pintas de ouro nelles engastadas. Convenci-me na occasião e ainda hoje creio que esta é a explicação das poucas pintas encontradas pelo velho escravo quando, na mencionada occasião, começou a lavar.

O engenheiro, porém, não aceitou nenhuma suggestão; estava convencido de que o escravo fôra o autor do salgamento e, nesta convicção, dirigio-se ao Dr. Rabello, no intuito de accusal-o de cumplicidade neste crime e intimal-o á restituição do dinheiro pago pela propriedade. Eu fui a unica pessoa presente a esta entrevista, que teve lugar em casa do Dr. Rabello, pouco distante de Serro. Nesta entrevista o Dr. Rabello insistio em que jámais pedira ou suggerira qualquer exame dos schistos ou de qualquer parte da propriedade além das minas de rochas; que a theoria do ouro nos schistos fôra idéa do proprio engenheiro. Outrosim, recordou-lhe que, quando elle (Dr Rabello), lhe fizera certas suggestões no começo do exame original, fôra tão rudemente repellido pelo engenheiro, que se retirara e não estivera presente durante a maior parte do exame e que nada soubera dos seus resultados até alguns mezes depois.

Observou ainda ao engenheiro que este engano era muito capaz de affectar a reputação delle Dr. Rabello, entre os seus compatriotas, porquanto suspeitariam que fôra parte em uma mystificação que inevitavelmente deveria recahir sobre elle e a sua familia.

Nada resultou desta entrevista, mas, o engenheiro deixou o Brasil firmemente convencido de que o salgamento fôra feito pelo velho faiscador sob a direcção do Dr. Rabello.

Comquanto eu estivesse convencido, pela evidencia fornecida pelo proprio engenheiro, de que o promotor americano, e não o Dr. Rabello, fôra o autor do

embuste, conhecia-o bem demais para offerecer-lhe quaesquer opiniões minhas sobre o assumpto.

Em 1891 encontrei este engenheiro na California, onde então vivia, e, com grande sorpreza minha, verifiquei que havia mudado de parecer sobre a materia e que finalmente averiguara que *o Dr. Rabelho e o velho escravo nada tinham tido com o salgamento, mas, que este fôra feito pelo seu amigo americano, a quem inadvertidamente havia confiado a sua theoria com relação ao ouro nos schistos.*

Quasi todas as pessoas directamente relacionadas com o caso de S. Cyriaco já falleceram. Os dous socios americanos da firma promotora do Rio de Janeiro morreram antes de ser descoberto o embuste. Espalhou-se que Mr. Mills suicidara-se.

Isto é inexacto: esteve, durante muitos annos, empregado como engenheiro de minas, na California e no Mexico, e veio a fallecer em 1902 ou 1903 em San Fernando, Estado de Durango, Mexico, onde tinha a cargo uma mina pertencente ás mesmas pessoas que mais soffreram dos seus erros em Minas Geraes e que jámais tiveram occasião de duvidar da sua integridade.

J. C. BRANNER.

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1907.

Saudação ao Dr. Affonso Penna

Um poeta do Pará, que não quiz declarar o nome, escreveu este curioso soneto que em seguida transcrevemos :

Ao Dr. Affonso Penna

Cariua assú, vieste á nossa *taba*,
Sulcando os mares numa grande *ubá*.
Eu te saúdo, ó grão *murubixaba*,
Em nome do caboclo do *Pará*.

Has de gostar, *cariua*, da *mangaba*
Do *tuira assahy*, do *mucajá*;
Tu verás que sabor têm a *bacaba*,
Guariba, *tacupy* e *tacacá*...

De *pirahen* coberto de *arubé*,
Ou de *paca* pegada no *mundé*
Tu não deves, *cariua*, te privar...

Das *cunhantans* que séstam na *maquira*
Quer seja de *tucum* ou fina *envira*,
Não te deixes, *cariua*, enamorar...

(Pará — Julho de 1906.)

Em suas viagens pelo Norte o Dr Affonso Penna timbrava em servir-se de tudo o que era local ou indigena. Crêmos, porém, que não chegou ao ponto de pedir *cunhatans*;... o poeta, porém, é que dellas se não podia esquecer, ainda mesmo n'um breve soneto.

OLAVO BILAC

No dia 3 de Outubro de 1907, uma das festas mais nobres dos ultimos tempos se realizava no *Palace Theatre* do Rio de Janeiro. Era uma festa que por si mesma dava a medida da nossa innegavel cultura : a sociedade fluminense reunia o seu escol do alto mundo e das sciencias, letras e artes para a consagração do grande poeta que da sua alma vibrante tantas emoções suaves tem liberalizado ao povo que por isso mesmo o acclama, e o admira.

Lá estavam ministros, diplomatas, banqueiros, artistas e a graça do sexo feminino.

Olavo Bilac.

A festa era um banquete. E durante elle falaram C. Carvalho, Henrique Chaves, Augusto de Lima que recitou versos do poeta, Oliveira Lima e o grande historiador italiano Guglielmo Ferrero.

Bilac respondeu, e o seu discurso, um dos mais bellos de tantos que tem pronunciado, foi o seguinte :

« Nunca senti, minhas senhoras e meus senhores, tão ardentemente, tão commovidamente como hoje, a gloria, o jubilo, o orgulho de viver; nunca até hoje agradeci tanto aos poderes mysteriosos, que governam o universo, a graça extrema, a divina esmola da vida.

Disse um poeta grego que « os que morrem moços são os amados dos deuses. » Essa phrase de tão amargo pessimismo mostra quão frequentemente a linguagem litteraria serve para exprimir um falso « estado de alma », um sentimento artificial, em contradicção flagrante com a inalteravel esperança e a instinctiva resignação, que são as companheiras fieis e as constantes consoladoras do coração humano. O povo da velha Grecia, vivendo sob um lindo céo, e dotado de uma natural sobriedade, e occupado sempre no culto do heroismo, da força, da belleza e da graça, era um povo feliz e alegre, reconhecendo a ventura da vida, e agradecendo-a sempre aos seus deuses, a esses extraordinarios e ás vezes extravagantes deuses da Hellade, a quem os gregos, com o seu profundo e humanissimo anthropomorphismo, attribuiam a apparencia physica, a estructura moral, as quali-

dades, as virtudes, os defeitos, as paixões, e até os vicios dos homens. Aquella phrase sceptica, dita por um poeta grego, seria sorprendente e inexplicavel, se não soubessemos, que quasi sempre é preciso ver no que diz um poeta apenas a sua intenção litteraria ou artistica; nem os poetas valeriam o que valem, senão fossem os eternos creadores da eterna Mentira, geradora de symbolos e de mythos. Não podemos crer que os homens que morrem moços sejam os amados dos deuses. Se os deuses, como acreditavam os hellenos, dirigem a nossa existencia, e se interessam por nós, e nos conduzem para o mal e para o bem — os homens mais favorecidos do seu amor devem ser justamente os que vivem muito, — aquelles que por um favor especial podem ficar longo tempo na Terra, para mostrar o que vieram fazer sobre a fragil casca do nosso pequeno e errante planeta. Devem ser esses os amados dos deuses; pois que a vida, se não é o resultado de um acaso, de um encontro fortuito e incomprehensivel de moleculas e de vibrações, é um favor divino, uma divina dadiva, o mais alto de todos os favores, a mais generosa de todas as dadivas. Por que? Porque a mais triste, a mais faminta, a mais miseravel de todas as vidas tem sempre um minuto, um só que seja, de suprema satisfação; porque a mais obscura, a mais humilde, a mais apagada de todas as existencias tem sempre um momento, um só que seja, de suprema gloria; e esse momento de gloria e esse minuto de satisfação, quer venham de um contentamento de amor, quer nasçam de um deleite da vaidade, quer se originem da consciencia do dever bem cumprido, são sempre tão bellos, tão intensos, tão compensadores, que fazem esquecer annos e annos de obscuridade ou de soffrimento: e quem os vive reconhece, com a alma cheia de gratidão, que foi uma fortuna o ter vindo ao mundo, só para ter a felicidade de vivel-os...

Eu estou hoje gozando aqui, minhas senhoras e meus senhores, um desses raros, exclusivos, absorventes, entontecedores instantes de alegria suprema e de suprema ventura. Ver reunida em torno de mim, nesta noite inolvidavel para a minha intelligencia e para o meu affecto, a representação real e legitima da mais culta sociedade do abençoado ponto da terra em que nasci; ver-vos aqui, minhas senhoras, dando luz, perfume, encanto a esta sala, honrando e nobilitando com o vosso concurso a esta festa o meu trabalho e o meu desejo de ser bom e util; ver-vos aqui, e lembrar-me que entre os nomes dos que assignaram os convites para este banquete havia seis nomes de senhoras, — seis condecorações rutilantes que até a hora da morte estrellarão o meu peito; ver aqui altas autoridades da Republica e da cidade, Ministros de Estado, o Sr. Prefeito do Districto Federal, Senadores, Deputados, Ministros Plenipotenciarios do Brasil no extrangeiro, representantes da industria, do commercio e da imprensa, e tantos amigos intimos e queridos, cuja amizade carinhosa tantas vezes tem animado e protegido a minha agitada vida de labor e de sonho; ver aqui presente, na pessoa do Sr. Ministro de Portugal, a patria veneranda, mãe de minha patria, a heroica nação ancestral, cuja gloria sagrada o Brasil zelosamente resguarda e acautela dentro do coração, como uma hostia dentro de uma custodia; ver-vos aqui, ó meus mestres e meus irmãos de letras, poetas e trabalhadores da geração anterior á minha, poetas e trabalhadores da minha gera-

ção, e poetas e trabalhadores da geração nova que estais agora crescendo para a gloria; ver-vos, e ver entre vós o chefe amado da nossa litteratura, encanecido no culto da Belleza moral, — Machado de Assis, cuja vida é um nobre exemplo de talento, de coragem e de bondade, uma incomparavel lição de devotamento á Arte divina da Palavra; ver-vos a todos, e ver que está entre vós, concedendo-me uma distincção que nunca poderei agradecer, o homem eminente que ora é hospede do Brasil, o filho illustre da Loba immortal que amamentou Romulo e Remo e cujo leite fecundo e inesgotavel ainda se espalha pela face da Terra, creando civilizações, como a Via-Lactea, nebulosa geradora, se espalha polo espaço infinito, creando mundos, — o Sr. Guilherme Ferrero, o historiador da velha Roma, o resuscitador das eras mortas da civilização latina, o homem que comprehendeu e explicou tão bem o passado, como se, á imitação do fabuloso Epimenides, houvesse adormecido na antiguidade para acordar agora, trazendo-nos a revelação da vida material e moral dos homens antigos; ver-vos a todos aqui, e ouvir o que acabam de dizer-me os oradores deste banquete; ouvir o que me disse Henrique Chaves, esse homem puro, que só não é santo porque a santidade completa seria uma monstruosidade na vida humana, esse homem que vive a dissipar o talento e a bondade, espalhando prodigamente pedaços do cerebro e pedaços do coração, como essas arvores ricas, que, despojadas dos seus fructos pela mão dos homens e pelo bico dos passaros, ainda têm fructos que deixam cahir ao chão para matar a fome dos insectos rasteiros; ouvir o que me disse esse admiravel orador, que veio, — honra nunca esperada! — abandonando o seu retiro de trabalho e de estudo em Minas, trazer-me o seu affectuoso abraço de irmão, — Augusto de Lima, o grande poeta dos *Symbolos*, cuja inspiração, a um tempo elevada e profunda, mystica e humana, lyrica e philosophica, tem, como o tronco sagrado da mythologia escandinava, as raizes mergulhadas no amago da terra e as franças emmaranhadas no fervedouro das estrellas; ouvir o que me disse Oliveira Lima, Embaixador da nossa intelligencia no extrangeiro, o Warnhagen de hoje, o reconstructor conscencioso do nosso passado, cujo livro sobre D. João VI será o mais bello monumento de quantos possa o Brasil erguer para celebrar o centenario da abertura dos seus portos ao commercio mundial; ouvir nesta festa a palavra prodigiosa do meu querido irmão Coelho Netto, mestre consagrado, maravilhosa flôr da ardente terra brasileira, e symbolo perfeito, admiravel incarnação, demonstração palpitante da nossa extraordinaria aptidão para sonhar, amar, conceber e realizar, ouvir o que me disse Martins Fontes, porta-ideal da nova geração, um adolescente que já produz obras primas, e cujo cerebro, pela fogosa germinação, de idéas que nelle sinto, me faz ás vezes lembrar a palpitação que teria a Terra, na sua edade paleozoica, quando, estalando e anciando, explodia e rebentava nas primeiras manifestações da vida; — ver-vos a todos aqui, e ouvir o que acabo de ouvir, tudo isto me parece um sonho... E, se já não tivesse achado, como vos direi daqui a poucos minutos, á explicação unica desta festa, e se pode-se estar convencido de merecer realmente pelo meu valor pessoal a honra que me conferis, — então eu, apezar do grande e grato amor que a Vida me inspira, desejaria morrer aqui, fulminado pela felicidade, alcançando assim

a doce euthanasia completa, a morte deliciosamente feliz num momento supremamente feliz!

Mas nem é bom pensar na morte, neste dia em que tão preciosa me fazeis a vida... E nem ha motivo para que o orgulho me fulmine, porque não me illudo, nunca me illudi sobre a significação desta festa. Os meus pobres versos e os meus pobres artigos de jornal não teriam jámais, pelo seu valor proprio, provocado este movimento de tão alta sympathia e de tão honroso carinho. Dentro desta moldura fantastica, de tão fino gosto e de tão apurada elegancia, deante desta assistencia tão culta, não sou eu pessoalmente o honrado. E já me basta, para satisfação da vaidade, o ter sido escolhido para symbolizar aquillo que quereis louvar e premiar.

O que estais, como Brasileiros, louvando e premiando nesta sala, é o trabalho arduo, fecundo, revolucionario, corajoso da geração litteraria a que pertenço, e o papel definido, precizo, dominante, que essa geração conquistou, com o seu labor, para o homem de letras, no seio da civilização brasileira. E agora, sim! agora tenho eu o direito de crer que é justa e de aceitar sem espanto esta glorificação. Das glorias collectivas de um grupo de homens, cabe sempre uma pequenina porção de gloria ao mais fraco dos que contribuiram para o exito do trabalho commum; e qualquer dos trabalhadores póde falar em nome de todos, quando a victoria da causa foi devida á combinação perfeita, á fusão completa, á cohesão intima de todos os elementos que conquistaram o triumpho.

Não nego, não negamos, ninguem póde negar o valor das gerações que precederam a nossa. Seria ingratidão monstruosa, tão monstruosa como a da flôr que, vaidosa da sua garridice, desprezasse a singeleza da folha que a formou, ou como a do fructo que, orgulhoso do seu sabor e da sua utilidade, mofasse da inutil belleza da flôr de que nasceu. Tudo se encadeia, tudo se prolonga, tudo se continúa no mundo; e o melhor, se não o unico meio de aproveitar o presente e preparar o futuro ainda é honrar e respeitar o passado.

E não é precisamente do trabalho litterario que falo aqui: é do trabalho moral de reacção contra a indifferença e o desdem. Ha quarenta annos, — e quantos nomes fulgidos, quantas legitimas glorias já contava então a litteratura brasileira! — ha quarenta annos, não havia propriamente homens de letras no Brasil; havia estadistas, parlamentares, professores, diplomatas, homens de sociedade, ou homens ricos, que, de quando em quando, invadiam por momentos o bairro litterario, — alguns delles com um certo vexame, encapotando-se, disfarçando-se, escondendo-se, cosendo-se ás paredes, com medo da murmuração da gente séria, como se entrassem em lugares prohibidos, centros de frivolas ou condemnaveis diversões. E esse vexame não era descabido, porque raramente a gente séria lhes perdoava a fraqueza moral revelada por essas rapidas e furtivas incursões no dominio das letras. É sabido que certa vez, no Parlamento, um adversario politico do grande José de Alencar, levado á parede pelo argumentação do creador do nosso romance, ficou durante alguns segundos embaraçado, attonito, engasgado pela raiva impotente, e, quando recuperou a voz e a presença do espirito, fulminou o seu vencedor com um só palavra, em que poz todo o bramir tempestuoso das coleras vingadoras: « *poeta* »!; — e já muito antes do tempo em que flores-

ceu e brilhou Alencar, o nosso forte José Bonifacio, o Velho, o Patriarcha, quasi ficou irremediavelmente desmoralizado para a politica, no dia em que se descobriu, com grande indignação publica, que, sob o pseudonymo de Americo Elysio, era o Ministro do Reino e dos Negocios Extrangeiros, Conselheiro do Regente D. Pedro, quem rimava sonetos apaixonados a uma certa Alcina, gabando-lhe :

« a linda face de jasmin e rosa,

« o branco peito, e a bocca perfumosa,

« onde os amores teem gentil morada... »

Depois dessa phase, houve outra. Appareceram poetas e escriptores, querendo ser exclusivamente escriptores e poetas, e orgulhando-se dessa occupação ; mas commetteram o erro de mostrar desdem pela consideração que a sociedade lhes recusava, — como se, desde a mais remota antiguidade, não soubessem todos os grandes capitães que o melhor meio de conquistar uma praça é estar dentro della, ganhando-a pela brandura e pela astucia, para possuil-a sem batalha... Era até então a sociedade que fechava as suas portas aos homens de letras ; eram agora os homens de letras que se afastavam dessas portas com um bello, mas estulto gesto de pouco caso. Foi essa a época em que os poetas faziam o possivel para ser homens á parte, distinguindo-se dos outros homens pelo furor dos paradoxos e pela extravagancia das maneiras. Nem todos esses poetas foram bohemios desvairados, cavando entre si e a sociedade um largo fosso de escandalo ; mas todos ostentavam um soberano desprezo pelas cousas mesquinhas, ou que mesquinhas lhes pareciam, da vida humana ; e ainda os que não deixavam crescer sobre as costas cabelleiras incriveis, nem iam improvizar elegias nos cemiterios alta noite, nem procuravam outro processo pueril como esses para traçar, bem firme e bem nitida, uma linha de defesa entre os seus costumes e as suas maneiras e os costumes e as maneiras daquelles a quem a linguagem bohemia da época, importada de França, dava os qualificativos despreziveis de « burguezes » e de « philistinos », — esses mesmos viviam dentro de uma alta e isolada torre de sonho e de orgulho, considerando que, como contemplativos, eram superiores aos homens de acção que, cá em baixo, tambem viviam, trabalhavam, amavam e soffriam no mundo vario... Como se fosse possivel, nesta vida breve e contingente, em que todos vivem sonhando e soffrendo, os cultos como os incultos, os nobres como os plebeus, os artistas como os trabalhadores da industria, — estabelecer distincção entre uns e outros, separando o sonho e o soffrimento dos poetas do sonho e do soffrimento dos que cavam a terra e desbastam as pedreiras...

Destruir essa estulticïe e esse equivoco, creados e alimentados pelas gerações que precederam a nossa, tal foi, meus companheiros, o nosso melhor trabalho e a nossa maior gloria. Dos que batalharam a boa batalha, daquelles a cujo lado estive, menino e moço, nos momentos difficeis, como o mais humilde, mas não como o menos confiante de todos, — dos camaradas dessa nobre campanha, já muitos estão dor-

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

mindo o grande somno compensador, que sempre deve ser doce aos que bem cumpriram a sua tarefa na vida. Muitos, porém, estão vivos, muitos estão aqui, e alguns devem neste momento olhar-me com os olhos escurecidos de lagrimas pela saudade dos companheiros mortos... Amigos e irmãos! eu não aceito para mim só esta festa: esta festa é vossa, é nossa! Que fizemos nós? Fizemos isto: transformamos o que era até então um passatempo, um divertimento, naquillo que é hoje uma profissão, um culto, um sacerdocio; estabelecemos um preço para o nosso trabalho, porque fizemos desse trabalho uma necessidade primordial da vida moral e da civilização da nossa terra; forçámos as portas dos jornaes e vencemos a inepcia e o medo dos editores; e, como, abandonado a tolice das gerações anteriores, haviamos conseguido senhorear-nos da praça que queriamos conquistar, tomámos o lugar que nos era devido no seio da sociedade, e incorporámo-nos a ella, honrando-nos com a sua companhia e honrando-a com a nossa; e nella nos integrámos de tal modo que, hoje, todo o verdadeiro artista é um homem de boa sociedade, pela sua educação civilizada, assim como todo o homem de boa sociedade é um artista, se não pela pratica da Arte, ao menos pela cultura artistica. Foi isso o que fizemos. De certo ponto de vista, podemos dizer que representamos, para o progresso intellectual do Brasil, na ultima metade do seculo XIX, o mesmo papel que para o seu progresso material representaram no seculo XVII os heróes das « bandeiras »: nós tambem varámos leguas e leguas de desertos moraes, nós tambem desbravámos sertões, nós tambem fundamos cidades; ha ainda, de certo, muitas leguas por varar, muitos sertões por desbravar, muitas cidades por fundar; mas nem tudo ha de ser feito por uma só geração; e o grande historiador italiano, que é hoje nosso conviva, e que tem dentro do cerebro, maravilhosamente fixado pelo estudo o extensissimo panorama de tantos seculos de civilização romana, bem nos poderia hoje provar a grande verdade do nosso proloquio, segundo o qual « Roma não se fez em um só dia »...

E permitti-me que insista em poucas palavras no valor do serviço que me parece o maior de quantos prestámos ao Brasil. Aluímos, desmoronámos, pulverisámos a pretenciosa torre de orgulho e de sonho em que o artista queria conservar-se fechado e superior aos outros homens: viémos trabalhar cá em baixo, no seio do formigueiro humano, anciando com os outros homens, soffrendo com elles, padecendo com elles todas as desillusões e todos os desenganos da vida; e isso, porque comprehendemos em boa hora que um homem, por mais superior que seja, ou por mais superior que erradamente supponha ser, aos outros, não tem o direito de fechar os olhos, os ouvidos, a alma, ás aspirações, ás esperanças, ás duvidas da época em que vive: — quem faz isso commette um crime de lesa-humanidade. Assim, não nos limitámos a adorar e a cultivar a Arte pura; não houve problema social que não nos preoccupasse, e, sendo « homens de letras », não deixámos de ser « homens ». O artista tem certamente o dever de sempre reservar na sua vida um lugar, recatado e sagrado, para o culto exclusivo da sua Arte; mas, para isso, não é mister que viva, entre os outros homens, como um espectro sem vida real, numa ataraxia que o isole da existencia da communhão. Nem o culto da Arte pura é de modo algum incompativel com o exercicio da agitada

vida publica : eu mesmo, se me permittis a referencia, talvez pretenciosa, — eu mesmo, mergulhado na agitação absorvente da vida da imprensa diaria, nunca deixei de consagrar algum tempo dos meus dias ao labor puramente litterario ; e se o resultado de tal trabalho ainda não appareceu, é porque o trabalho do outono, com as suas responsabilidades de fructificação, de amadurecimento e de colheita, não póde ser tão rapido como o da primavera, em que tudo é graça espontanea e leve facilidade...

Minhas senhoras e meus senhores, esta é a verdadeira significação da festa esplendida, á qual quizestes associar o meu humilde nome. Considero que quizestes honrar a minha geração litteraria, e em nome della aceito e agradeço este extraordinario, este incomparavel favor.

Quem recebe uma tal glorificação, apenas póde agradecel-a de um modo : desejando viver, muito, viver mutissimo, para continuar a trabalhar e continuar a merecer tão honrosos louvores...

Mas é força que este meu agradecimento termine por um brinde. Em nossas festas de familia, quando ha ainda a felicidade de estar viva, illuminando e abençoando a casa com a sua presença, a mãe sacrosanta que com o seu amor nos guiou na vida, — é sempre a ella que dirigimos a ultima e a mais carinhosa saudação. Sigamos aqui esse exemplo, e respeitemos essa tradição. Podem todos os que aqui estão acompanhar-me neste brinde uma vez que no Brasil não ha, e praza aos céos que jámais haja, extrangeiros, sendo todos os que vivem nesta terra eguaes, amigos e irmãos, pelo trabalho e pelo affecto. Levanto a minha taça em honra de uma grande Mãe : a Patria Brasileira. »

IMBECIL

N'esse teu riso alvar, serenamente exprimes
A immensa sordidez do teu cerebro idiota ;
Fermenta na tua alma o veneno dos crimes
Em ti germina o mal, e o mal floresce e brota.
Sereno e descuidado á conquista e á derrota,
Não condemnas aos máos, nem os justos redimes :
E' essa estupidez que te invade e te embota
A forma original que aos teus actos imprimes.

E's ás vezes feliz, não te fere o martyrio
D'Arte egregia e immortal que aos genios arrebata,
E a alma do artista prende á tortura e ao delirio...
Has de á gloria chegar, eterna e soberana!
Tua vida, imbecil, tão sordida e pacata
Fez-te o maior heróe d'esta comedia humana.

CARLOS PENTES.

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

Os Melhores Relogios do Mundo

são incontestavelmente os **RELOGIOS PATEK-PHILIPPE & Cº**

Avessos aos annuncios pomposos, nos limitamos a plublicar a serie das mais altas recompensas obtidas pela muito afamada **CASA PATEK-PHILIPPE & Cº.**

A seguinte discriminação dispensa qualquer commentario :

Resultado dos concursos no observatorio astronomico de Genebra

1901 — Primeiro Primeiro Premio — Patek-Philippe e C.
1902 — Primeiro Primeiro Premio — Patek-Philippe e C.
1903 — Primeiro Primeiro Premio — Patek-Philippe e C.
1904 — Primeiro Primeiro Premio — Patek-Philippe e C.
1905 — Primeiro Primeiro Premio — Patek-Philippe e C.
1906 — Primeiro Primeiro Premio — Patek-Philippe e C.
1907 — Primeiro Primeiro Premio — Patek-Philippe e C.

EXPOSIÇÕES UNIVERSAES :

1844 — Paris — Medalha de Ouro.
1851 — Londres — Medalha de Ouro.
1855 — Paris — Medalha de Ouro.
1867 — Paris — Medalha de Ouro.
1873 — Vienna — Medalha de Ouro.
1878 — Paris — Medalha de Ouro.
1880 — Gronningue — Medalha de Ouro.
1883 — Zurich — Hors-Concours e Membro do Jury.
1883/4 — Calcutta — Medalha de Ouro.
1883/4 — Nice — Hors-Concours e Diploma de Honra.
1885 — Anvers — Hors-Concours e Membro do Jury.
1885 — Londres (Grandes Invenções) — Medalha de Ouro.
1889 — Paris — Hors-Concours e Membro do Jury.
1900 — Paris — Hors-Concours e Membro do Jury.
1904 — São Luiz — Hors-Concours e Membro do Jury.
1906 — Milano — Hors-Concours e Membro do Jury.

Os RELOGIOS PATEK-PHILIPPE podem ser adquiridos por meio de prestações semanaes de **dez francos,** *ao cambio do dia,* **sem augmento de preço** *na RELOJOARIA GONDOLO.*

GONDOLO E LABOURIAU

Relojoeiros

Unicos Agentes e Representantes de PATEK-PHILIPPE & Cº, em todo o territorio do Brazil

71, Rua da Quitanda — RIO DE JANEIRO

Os Amigos

(Ultimos versos)

Amigos, cento e dez ou talvez mais,
Eu já contei. Vaidades que eu sentia!
Suppuz que sobre a terra não havia
Mais ditoso mortal entre os mortaes.

Amigos, cento e dez, tão serviçaes,
Tão zelosos das leis da cortezia,
Que, já farto de os ver, me escapolia
A's suas curvaturas vertebraes.

Um dia adormeci profundamente:
Ceguei. Dos cento e dez, houve um sómente
Que não desfez os laços quasi rôtos.

Que vamos nós — diziam — lá fazer?
Se elle está cego não nos póde ver!
— Que cento e nove impavidos marôtos!

Camillo Castello Branco.

O PADRE CARLOS TESCHAUER

O Padre Carlos Teschauer, S. J., vive no R. Grande do Sul, é um erudito versado no estudo das nossas cousas, da nossa historia e geographia, ethnographia e linguistica americana. São innumeros os trabalhos, monographias, ensaios e contribuições com que tem no velho mundo, sobre tudo na Allemanha, em varias revistas scientificas, tornado conhecidas as nossas riquezas naturaes, a terra e homem americano.

E', pois, um benemerito da nossa cultura, pelo interesse e sympathia que dedica ao Brasil que tão bem elle conhece em variados e multiplos aspectos. Notamos aqui ligeiramente algumas das suas interessantes contribuições, artigos de revistas, tambem editados em opusculos ou *separata* como, por exemplo:

Revº C. Teschauer.

Mythen und alte Volkssagen aus Brasilien (o estudo abrange os mythos do *Corupira*, *Caipora*, *Anhangá*, *Jurupari*, e animaes, Japins, abùtis, e plantas, etc.).

A Catechese dos Indios Corôados em S. Pedro do Rio Grande. Encontra-se *in fine* um vocabulario desses bugres.

Será discutivel a prioridade dos portuguezes no descobrimento da Ame-

---

A casa VACHERON e CONSTANTIN, de Genève, tem 123 annos.
Unico representante no Brasil: Casa Standard.

rica? E' uma these que escreveu no tricentanario do Ceará e foi impressa em *Fortaleza*, 1903.

Poranduba. Uma noticía de particularidades da linguagem no Brasil em quanto influenciada pelas linguas dos indios.

Esta pequena indicação está muito longe de mostrar o numero consideravel de trabalhos do Padre Carlos Teschauer, memorias avulsas e informações esparsas, publicadas em annuarios e revistas especiaes, pois elle não parece ter a vaidade de fazer livro, mas modestamente se limita a informar aos interessados destes assumptos. Alguns exemplares em *separata* bastam para distribuir aos amigos e estudiosos como elle é.

Publicando o retrato do Padre Carlos Teschauer, S. J. o *Almanaque* presta uma homenagem ao amigo do Brasil.

Paginas quasi Antigas

MYSTICISMO

Em nuvem, fumo ou nevoa arrebatada
A um astro, mundo, ou sonho conduzida,
Impalpavel, ethera, immaculada,
Como se crêa uma illusão querida,

De uma nuvem de estrellas revestida,
De um cardume de archanjos rodeada,
Eis como eu vejo esta mulher sagrada
Que n'um momento me levou da vida!

Fôra mister errar onde não erra
Uma ave, e o céo se arqueia mais profundo
Para pintar-lhe as seducções que encerra;

A belleza, o esplendor, tão e tão fundo
Que bastou vêl-a e me esqueci da terra
P'ra julgar-me accordado n'outro mundo.

OS TEUS OLHOS

Como são perfidos, enganadores
Esses teus olhos, minha bella amante!
Seduz-me o brilho intenso e penetrante
Desses teus olhos arrebatadores!

Os teus olhares neste mesmo instante
Abertamente dizem-me, traidores!
Que a mim sómente adoras. E, inconstante,
Vives meu bem, mercadejando amores.

Inda que eu tenha esta certeza ingrata,
Quero illudir-me: encara-me de frente
Com teu sorriso que enlouquece e mata!

Olha-me sempre, embora, ebrio de amor,
Eu sinta um dia, allucinadamente,
Queimar-me á chamma dos teus olhos, flôr!

Maio, 1886. FIGUEIREDO COIMBRA.

ACADEMIA DE MEDICINA

Dias de Barros e Afranio Peixoto

No anno de 1907 foi o joven professor Dr Dias de Barros recebido na Academia de Medicina. Deu-lhe as boas vindas o Dr Afranio Peixoto. Os excellentes discursos de ambos são aqui reproduzidos. Disse o Dr Afranio Peixoto :

« Meu illustre mestre; meu caro collega : — As primeiras impressões de meu espirito ao contemplar e sentir as magnificencias de natureza, da arte ou da sciencia, foram sempre perturbadoras. A imaginação que antecipa o conhecimento e arma os effeitos numa desmedida previzão, sobre cada uma das informações que colhera nos livros ou nas palavras amigas, havia entretecido uma trama impreciza de extases novos com que me devia deslumbrar. Do estylo de um Renan, ainda não o conhecia, se me afigurou que na sua perfeição lapidar as palavras tinham a pureza impeccavel e cegante dos marmores gregos, agrupados na synthese miraculosa da Acropole. Da Venus de Milo ou do Apollo de Belvedere, com serem os estalões inexcedidos da perfeição humana, eu sonhei uma deusa ou um heróe, grandiosos e soberbos, cuja só presença na pedra extincta contagiasse de um prestigio maravilhoso o devoto que os defrontasse para o culto. Da sciencia dos sabios maiores que a nossa gratidão não discute, e de que a nossa admiração pasma á distancia — Roux, Koch, Behring ou Metchnikoff —, eu cuidei que a irradiação intensa de suas luzes não permittisse o convivio terra a terra da vida, na aprendizagem pessoal de seus meritos. Previra a imaginação; delirara, como sempre, a *folle du logis*.

E o estylo de Renan tem ao emvez a simplicidade serena e imperturbavel que não deslumbra, não extasia, não fulmina, mas delicia sempre, indefinidamente. A Venus de Milo ou o Apollo do Belvedere não brutalizam, não subjugam a emoção contemplativa : são tão tranquillos e calmos, na eurythmia de suas proporções, que a vista não se cança de os admirar, placidamente, namoradamente, como se a serenidade de sua harmonia vencesse mais que a explosão de sua gloria. Os sabios que eu suppunha heróes ou deuses longinquos, afastados das contingencias humanas, numa superioridade intangivel, numa reserva enigmatica, são os homens bons, simples, perfeitos, sem os impetos nem os vãos orgulhos dos menores que elles ensinam e tornam vaidosos, fazendo aprender sem custo e aperfeiçoando, só pelo exemplo, accessiveis, lhanos, communicativos, como se nos quizessem pro ar tambem que a verdadeira superioridade não reside na emphase, mas se compraz na bondade do trato e se deleita na indulgencia do affecto.

E' que a perfeição não tem estos,

A casa VACHERON e CONSTANTIN obteve o UNICO primeiro 1º premio no
CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS.

arroubos, frenesis : vem da proporção exacta de todas as componentes, da harmonia justa de todas as feições, da excellencia ao ponto de todos os predicados.

Tendo de vos julgar, a vós, medico, professor, escriptor, afigurou-se-me que por indole e por educação esse ideal de perfeição era o vosso. Nunca tentastes uma victoria ruidosa que vos propagasse a fama triumphal de um merecimento.

Nunca esquecestes tão pouco o cultivo de uma qualidade, para que se não menosprezasse no concerto de todas as outras que excellentemente apuraes. Das vossas ascendencias espirituaes, em que culminaram, talvez, as duas expressões mais singulares da nossa profissão medica, ambas por isso mesmo que maiores, deficientes, eu vejo em vós, reunidos numa proporção equitativa, muito dos meritos que os exalçaram

Chapot-Prévost, a mais robusta e mais proficua intuição pratica que já teve o professorado nacional, vos ensinou que é só nos pondo ao ponto da educação technica dos estudiosos europeus que chegaremos á observação original das nossas cousas, para que muito mais tarde possamos concorrer com elles em sciencia. E' preciso primeiro aprender. Aprender a observar, a experimentar, a julgar, a deduzir. Por isso, emquanto outros liam as idéas alheias e as enxertavam nos factos nacionaes, emquanto se prejulgava do Brasil pelo dados colhidos na Europa, o nosso mestre e o vosso paradigma, mais modestamente, assumia a tarefa ardua, menos gloriosa, mas a unica proficua, talvez, de industriar as gerações medicas que passavam, no mistér pratico, technico, de habituar os noviços ao microscopio, aos microtomos, aos corantes, ás observações e aos juizos medicos. Se a fórma transmissora do ensino não era a mais ruidosa, era, sobretudo, a mais util. E não conheço — a uma raça eivada de sonhos e delirios — vicios latinos vicejando na uberdade dos tropicos — melhor titulo de benemerancia que o serviço colossal desse exemplo.

Francisco de Castro, a erudição mais vasta servida pela palavra mais tersa que ainda ouviram amphitheatros e clinicas no Brasil, — uma especie de Vieira leigo e que soubesse a vasta sciencia medica de nosso tempo — vos communicou esse apuro de fórma, que nos vossos escriptos dão mais valor ás verdades que propagais. Sente-se, lendo-vos, que tendes o culto reverente da expressão, e que, deante da folha immaculada do papel confidente, usais sempre, mentalmente, aquelles punhos de renda com que a elegancia incomparavel de Buffon, de facto, se adereçava, para pegar da penna e esgrimir a arma mais terrivel e deliciosa que já existio.

E não me envergonho entre homens austeros de sciencia em falar dessa frivolidade da fórma. A essencia, o espirito, o facto, eu o sei, vós os prezaes, mas todos deveis saber que se elles são indispensaveis para viver no presente, ella, a fórma, é o caminho unico do futuro. A fama dos Ptolomeus morreria nos elogios lapidares dos hieroglyphos, se a essencia incorruptivel que lhes embalsama as mumias, não lhes guardasse a fórma da realeza até agora e até aos tempos que hão de vir.

Não fossem os versos de Homero e a fama de Achilles já ha tres mil annos ter-se-ia juntado no esquecimento ao clangor de suas batalhas.

O facto é perecivel, como o pensamento, se as memorias não lhe são guardadas pela essencia incorruptivel da fórma.

Eu sei que lavra entre nós, no actual momento, principalmente entre medicos, uma feia doença contagiosa — o desalinho e o desmazelo escripto. A tendencia imitadora de qualidades opacas de alguns espiritos anglo-saxonios e germanicos faz arremedar deliberadamente os defeitos desses máos exemplos.

Conheço mesmo alguns que souberam escrever e que se desmazelaram adrede, tornaram-se confusos, desmanchados, solecistas, para bem figurarem na paixão da moda. Não se lembram que Gœthe foi allemão e foi sabio e foi poeta, com o espirito tão claro, tão subtil, tão refinado que a posteridade só achou até agora um adjectivo digno dessa intelligencia soberana nessa fórma incomparavel : olympico !

Quem de vós, medicos de agora, aprende anatomia em Bichat ou physiologia em Claude Bernard ? Nenhum, com certeza. Ninguem hoje. Sabei, porém, que essa sciencia que passou está embalsamada em fórma tão perfeita, que homens de letras, profissionaes da palavra escripta, vão ali buscar lição e norma de estylo. Stendhal proclamou-o, fazendo das *Lições sobre a vida e a morte* o seu livro modelar; Abel Hermant confessou-o ha pouco quanto á *Introducção ao estudo da sciencia experimental*. Eu de mim estou convencido que daqui a muito, quando envelhecer a sciencia do *Tratado de Propedeutica*, o Prof. Castro será lido pela palavra apurada com que o escreveu. *A vida do Arcebispo* é uma desinteressante biographia de prelado, mas é hoje, e será cada vez mais, o mais versado dos nossos livros classicos, porque a fórma de Frei Luiz de Souza não tem segunda na lingua portugueza.

Se pudereis, pois, derramar o ouro afinado do vosso pensamento ou da vossa investigação no molde elegante de uma fórma perfeita, tereis vingado o maior triumpho de uma aspiração humana : continuar no futuro uma obra que as contingencias terrenas destinaram a uma duração ephemera e fallaz.

Entraes na vida de professor, armado dessas aprendizagens, tendo na alma o fervor dessas esperanças. Discipulo de Chapot Prévost, nesta tenaz labuta pratica, em que a technica pesquiza e descobre a verdade, sois tambem o alumno de Francisco de Castro no saber exprimir com acerto, discreção, bom tom, as conclusões de vossas emprezas, as deducções de vosso entendimento.

A Academia Nacional de Medicina é principalmente sensivel a estes raros dons que vos são apanagio. Ella não esquece que lhe trazeis as credenciaes de um passado effectivo que a anima a vos proporcionar a melhor das acolhidas. Ella conhece a vossa brilhante vida escolar; ella vos acompanhou na conquista de uma cathedra difficil de nosso mais alto instituto de ensino; ella não esqueceu a vossa iniciação num posto medico, a direcção do Hospicio Nacional de Alienados, onde a vossa passagem se assignalou pela creação de um serviço de crianças e atrazados, afastando-os da promiscuidade damninha em que viviam com adultos asylados, ella sabe as vossas luzes distribuidas na presidencia da Sociedade de Medicina e Cirurgia; ella leu os vossos trabalhos, desde aquelles propriamente medicos como a

PIANOS RITTER, adoptados pela **CASA IMPERIAL DE ALLEMANHA**.

Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados aos paizes quentes

Contribuição ao estudo physio-psychologico do delirio, Da chromatolyse, Sobre o abuso dos saes de quinina nas febres do Rio de Janeiro, Da hypnose nos animaes, Contribuição ao estudo da atrophia varicosa das dendrites até os outros tão dignos dos mesmos applausos com que elogiastes a *Pasteur*, inserto nos nossos annaes, com que traçastes o *Ensaio biographico do professor Francisco de Castro*, com que versastes sobre *O segredo medico a sua concepção evolutiva* ou deleitreastes um ponto interessante de psychologia morbida na historia, *A epilepsia de Bonaparte*.

Na vossa edade, pertencendo ao estado maior da nossa profissão, como escriptor, administrador, cathedratico, membro de sociedades sabias, ella que não vos contava no seu gremio, fazia sua talvez aquella phrase de um academico francez sobre um grande espirito de sua terra.

« Nada falta á sua gloria; mas elle nos falta á nossa » e é por isso, Sr. Professor Dias de Barros, que a Academia Nacional de Medicina, ciosa de sua maior prerogativa que é congregar para seu maior brilho as luzes dispersas de nossas intelligencias medicas, vos recebe hoje, mandando dizer, pela voz do menos autorizado de vossos collegas, as boas vindas e assegurar que vos deveis sentir bem entre todos nós, porque aqui todos vos querem e vos admiram.

As ultimas palavras do Sr. Dr. Afranio Peixoto foram cobertas por uma salva de palmas.

Em seguida falou o Professor Dias de Barros :

« Senhores: — Na plena unanimidade com a qual entendestes honrar-me, ao saberdes da minha pretenção em fazer parte da vossa sapiente assembléa, quasi vejo aquella indifferença, posta em pratica nas cousas da vida, todas as vezes que não discutimos aquillo ou aquelles que nos desinteressam.

Fôra como se um apagado e silencioso caminhante vos passasse ao lado, nas celeres correrias de um dia de labor, cuja physionomia e cujo detalhe de vestes em vão procurasseis, mais tarde, nas retentivas da memoria, incapazes de lutarem com as intensas figuras e vivas côres daquelles que solicitassem o vosso interesse maior e a necessaria curiosidade !

Entre os desenganos melancolicos, sentidos por aquelles que se sabem neutros ou collocados no segundo plano da vida, e as gratas alacridades que nos enfloram a alma, sempre que temos justa razão para affirmar que alguem pensa em nós, ha de, perpetuamente, pezar na balança, que afere as nossas gratidões, o peso maximo da generosidade espontanea.

Essa, devo-la eu, senhores, a todos vós, em geral, e a cada um em particular; e, desses particulares, permittir-me-eis relevar o nome do vosso sabio e illustre presidente, cuja bonhomia ironica e amavel propellio-me para o meio de vós.

Já eu me desentorpecêra da insignificancia, reconhecida da minha vida, ao calor dessa valiosa affeição como timido caracol, que rasteja nas devezas, ao toque benefico do sol da manhã, afim de aquecer-me ao contacto dessa camaradagem disputada por quantos se alegram em cultival-a !

Não quiz limitar-se a isso o meu nobre amigo : requintou em ornamentar esta douta Academia com a vossa animadora presença e a deste selecto auditorio; e, para cumulo de gentileza, chamar a receber-me quem, nas excellencias brilhantes e superiores dos ta-

lentos cultivados é tão primaz, quanto nas exuberancias hypertrophicas da bondade cuja preiamar me affoga e asphyxia-me apagando a palavra do meu agradecimento que se resolve, como vêdes, nos agonicos balbucios de sentimentos inexpressos por incoherentes e multifarios.

Acabais de ouvil-o; senti-vos ainda embaladas e dormentados á musica compassada e rythmica dos seus artisticos periodos; o primoroso artifice caprichou em circumdar no aureo lavor da sua fecunda fantasia, a materia hispida e primitiva da minha personalidade, talvez no intuito de fazer resaltar, por grosseiro, o torvo e subterraneo minerio, que a representa...

Concedestes-me o vosso suffragio unanime; todos os que se achavam aqui presentes, quando bati á vossa porta, honraram-me, sobremaneira, com a liberalidade desse voto.

Nesse escrutinio faltou, porém, um, cuja concorrencia viria augmentar, para mim, ainda mais, o valor moral dessa eleição.

Aquelle, que correria pressuroso a collocal-o na urna symbolica já se não acha no meio de nós. Já lhe não diviso a luminosa e sorridente figura, que eu tanta vez, mentalmente, e alguma lhe dissera, comparara ao *Claro Sol*, aquelle esforçado Lopo de Bayão, que debuxara, n'um dos seus melhores livros, a penna genial de Eça de Queiroz!

Já lhe não sinto o amplexo acarinhador, a voz amiga, e aquelle largo gesto evangelico com que elle amparava os fracos, recompensava os fortes e angariava amigos e cegos admiradores nos que tiveram a fortuna de conhecel-o.

Através do crystal das lagrimas, que por elle hei de sempre derramar, suponho ver, na polychromia da luz de uma visão interior que ahi se refrange, aquelle bello e inesquecivel porte que parecia o commentario ideal e o perfeito canon estatuario do Polyc eto.

Como esquecer o meu querido mestre, cuja memoria viverá sempre dentro de mim?

Nos momentos do nosso convivio e devido á generosidade de sua familia, ao ver esse ornamento honorifico da vossa aggremiação, sentirei ao grato contacto dessa reliquia, que das mãos do vosso digno chefe acabo de receber, e que me ha de recordar sempre aquelle que de nós se partio antes que eu chegasse até vós. Como aqui cheguei, não vol-o sei dizer bem; e fiai-vos para o que vos digo, na sinceridade da minha bôa fé. Não poderiam ser os meus nenhuns titulos scientificos; nem trabalhos escriptos com os quaes pejasse os raios das vossas já tumidas bibiliothecas: foi, e tão sómente, se bem me apercebo, uma desalinhavada *Memoria*, que mal afervent ei, para que não chegasse ao antro oracular sem uma offerenda digna delle, pois se assim não fôra ahi chegaria com as mãos vasias! Sem essa moeda, porém, de padrão discutivel embora, ser-me-ia impossivel transpor a entrada.

Correria esse obulo, é certo, o risco de transviar-se por gasto e despolido das frinchas do vosso mealheiro; e, mal apanhada, essa moeda, bem poderia ir engrossar a maquia de outro orago qualquer deste *pandoseum* ao qual, afervorado dirigiria apenas uma prece salvadora, cuja fórmula colhi nos

PIANOS RITTER Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

manuaes da popular philosophia: livrai-me vós dos meus amigos, que dos meus inimigos procurarei livrar-me eu!

A prece foi exalçada pela alma do oraculo, que bem se apercebeu da moeda mal cunhada, que lhe passei num momento em que a fraqueza me fez acorrer, de roldão, ao exemplo enthusiastico de outros romeiros; e eis porque aqui estou eu agora, quando nisso menos pensava!

Chego cedo de mais aqui, eu bem o comprehendo senhores. Não me occorreu, quando me abalancei a essa honrosa candidatura, que o só titulo de academico confere, se me não engano, certo cunho de vetustez e respeitabilidade exteriores, com os quaes se não coadunam, certa truculencia meio juvenil, nem talvez alguns gestos independentes e maneiras que, louvado Deus, ainda sei animar; nem, muito menos, o meu aspecto desataviado desses remates e severidades do frontespicio que irmanam o que é velho ao que é augusto, e que nos faz acatar, analogamente, uma musgosa muralha e um tronco carcomido e angustiado pelos annos.

Conforme vêdes, meus amigos, ao antolharem-se as cousas por este angulo, conferi-me eu, voluntariamente, os attributos da vetustez...

E, o que é mais singular ainda, transposto o limiar do nosso gremio, sinto-me como que transmutado! Ao envez do banho lustral, tonico e remoçador daquella fonte de juventude que a lenda medieval engendrou nas canduras e simplesas dessas épocas que não voltam mais; ou das vantagens que um sacrilego e demoniaco pacto podesse-me conferir, tal qual ao Doutor Fausto concedeu o espirito negador, vejo-me envelhecido, cheio dessas acrimonias e perrices, que são o apanagio da senectude, mesmo que as sobredoire a tolerancia philosophica de um Cicero.

Já eu vejo, por este prisma, que a minha vinda até aqui só póde ser explicada por um abastardamento da opinião, que não póde, porque não sabe, joeirar o que de meritorio haja em ninguem, e faz reclamos de tudo; carimba genios para a posteridade, funde a martella capacidades de pacotilha nas fôrmas e bigornas do *ouvi dizer* com a mesma facilidade com que subtrahe, por atacado, e num apice, quando lhe apraz, as vantagens que exornam o homem de bem e laboriosamente por elle accumuladas no correr da vida.

Vêdes, pois, que começo a sentir-me á vontade no novo papel de rabugento que me distribuistes ao me investirdes nessa minha nova dignidade.

Tambem o que digo, faço-o apenas por desobriga da representação, certo de que as minhas palavras não poderão ter éco nenhum fóra daqui.

Ditas, reflectir-se-ão quando muito nas quatro paredes que nos agasalham; e escriptas, ligeira probabilidade terão de alcançar a opinião de um paiz, que não sabe ler — nem convém aos roubadores della que tal succeda — pois se assim fôra haveria o povo de colher ao menos na leitura diuturna da Biblia a noção do gesto divino daquelle que enxotára os mercadores do templo.

Nessas épocas, como aquella que atravessa o nosso paiz, para quem lhe prescruta, attentamente, os rumos da evolução, o que ha a fazer não é entrar para um convento, como a Ophelia, de Shakespeare, mas diligenciar por cumprir o conselho de Fontenelle desenganado: fechar mais a mão e não abril-a mesmo que se a tenha repleta de verdades.

Não me leveis a mal essa franqueza; ella é digna de vós e de mim, que, por

sem duvida, não correremos o risco de ser confundidos com esses doutores do equivoco aos quaes alludia o arguto porteiro do castello de Macbeth.

Não é apenas essa ausencia de qualidades, adquiridas no continuo moirejar da clinica, na qual esforço me o possivel por aprender o pouco que sei no contacto doutrinador do enfermo, nem a ausencia total de auctoridade haurida no perlustrar de uma cathedra ou as funcções superiores da vida publica, que me fizeram dizer-vos ter consciencia de haver madrugado á porta deste instituto.

Mas é que (e perdoai-me a ingenua vaidade) eu vinha de longa data remirando um ideal de academico, desde que attentei no vosso valor, que cedo impoz-se-me, com a impertinencia evidencial da luz quando bate em cheio nos olhos cerrados do homem adormecido em pleno campo.

E esse ideal eu namorava-o; e procurava ornamental-o com os maximos attributos das coisas perfeitas.

Tudo o que a cultura scientifica e uma salutar philosophia podem emprestar de valor á intelligencia do homem, nas suas multiplas vantagens e nas polymorphas manifestações que esses elevados titulos resumem e representam, eu almejára adquirir num dia para vol-o trazer.

O total conhecimento dessa mirifica biologia, da qual é a medicina o mais bello capitulo e a mais profunda deducção, eu desejava conhecel-a a fundo, ornamentando-me, ao cabo, com o titulo, talvez vasio de sentido para muitos, de philosopho, symbolo para mim o mais perfeito de uma carreira scientifica consenciosa e amplamente preenchida.

Não esqueci ainda que um grande estylista dissera algures: que designaria por sciencia ao que o commum chama philosophia, pois que philosophar seria a palavra que desejaria resumisse a sua vida inteira. Mas que, não exprimindo essa palavra, no uso vulgar, mais que uma fórma parcial ainda da vida interior, parecendo não implicar mais que o facto subjectivo do pensador solitario, seria mister pois, quando nos transportassemos ou nos colocassemos no ponto de vista da humanidade, empregar a palavra mais objectiva: *saber*.

Desse ideal do perfeito academico, eu antegozava já, ambiciosamente, o prazer de poder aproximar-me para delle dizer as excellencias e explicar as virtudes, ou as falhas, áquelle que aspirasse honrar-se com este tão disputado titulo.

Teria, talvez, a impar-me de satisfação, a certeza de escrever um dia algo de semelhante á *Perfecta casada* que celebrisou Frei Luiz de Léon, no seculo XVI, e que lhe valera fartas diatribes dos homens e não poucas murmurações das mulheres, porquanto uns não acreditavam que tão illustrado mestre se pudesse formar sem aulas da sciencia experimental, e outras protestavam, sarcasticamente, contra aquelle que, sobre suas fraquezas, derramava taes repressões como se preceitos fossem! Ou ainda, puder citar, ao descrever-lhe o typo composto e acabado, as mil e uma caracteristicas analogas áquellas que, ao namorado enleiado na fabulação do amor, eterna armadilha á qual acha-se exposta a nossa especie,

REX pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa está habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.

attribue o primacial Balzac, quando lhe descreve as angustias sem termo e os labores que assoberbam a victima, nos seus gaios contos burlescos.

Pôde mais comigo a vossa deliberação, que o meu designio! Permitti-me, pois, caros amigos, accommodar-me entre vós afim de esperar, neste amoravel convivio, pela hora geba do anoitecer.

Não tenho a esperança de fazer nada de extraordinario aqui; nem aninha-se-me, enrodilhado no cerebro, qual perfida serpe no ursal, o desejo inconfessado, a supposição sequer de poder imitar aquelles discipulos de Pythagoras que ampliaram o horizonte sem termo, nem limite, do espaço infinito, com a só descoberta das secções conicas.

Nem precisarieis mesmo de mim para preencher outra falha que não a do numero, que immortalizou áquelles antigos.

Vejo, entre vós, sabios clinicos, emeritos medicos e competentissimos cirurgiões; clinicos de escola elevada e hygienistas apparelhados para as batalhas cerradas que nobilitam o profissional; anatomistas e naturalistas notaveis; microscopistas superiores para os quaes a natureza já não tem esses segredos que se dizem aos olhos através o microscopio e abalizados especialistas em todos os detalhes em que se dissoscia, harmonicamente, a nossa querida arte, que não terá mais desabalados nem maiores cultores em todo o paiz, do que aqui.

Nenhum dos rostos que vejo agora me é desconhecido; nenhuma sorpreza causa-me nome nenhum; eu conhecia-os todos, pois que, por elles, eu aprendi a conhecer as suas obras, umas sérias, brilhantes outras, todas, porém, uteis á patria e dignas de augmentarem-lho o patrimonio scientifico e moral.

Entre vós, venho, sobretudo. aprender a ser melhor e mais perfeito.

Venho exercitar-me naquella fórma de emulação que vós praticais superiormente e a que se póde denominar *emulação inversa*.

E' emular com os máos!

E' procurarmos ser melhores e mais dignos, á proporção que elles degradam-se pela eiva da degeneração que os aguilhôa a tornarem-se peores. Essa fórma da emulação toca ás raias da caridade e é a mais elevada fórma que póde assumir o exemplo, que infelizmente nem sempre é benefico, antes muita vez acirra a maldade.

Persistamos juntos nesses nobres propositos, e havemos de obter essas recompensas que não falham, áquelles que praticam o bem, sob qualquer das suas fórmas: ensino, auxilio medico, conselho desinteressado, reprehensão evangelica aos que erram, beneficencia numa palavra!

Porque estou convicto, meus doutos companheiros, que, no universo, tudo é ordem logica e natural sequencia.

Essa ordem, porém, não é o resultado de nenhuma vontade qualquer, que por superior que fosse não excluiria o capricho e o bizarro que tanta vez, a nós, mais que a outrem, nos é dado observar na natureza; mas de uma ordem indefinivel e formidavelmente logica, cujos reparos chamam-se causa e effeito, ou por outra, determinismo.

Ah! esta ferrea lei do determinismo, que medo lhe tenho eu! Foi, talvez, ella que tem-me feito, até hoje, andar na vida com pés de lã, evitando o amplo destaque para o qual correm outros com o appetite mortal das mariposas para a luz!

O meu maior receio foi sempre, senhores meus e doutos confrades, conscio da minha inópia, evitar a sorte

dos Palmois e dos Pachecos, que mal põem a cabeça um pouco mais de fóra, isto é, por conta propria, sem o auxilio dos Larousses, que não citam, e dos criticos taes que Paul Louis Courrier, que eructam em toda parte, quando sóem fazer-se criticos e didaticos; a sorte delles é tomar em pancada de crear bicho e mestras ensaboadelas na imprensa ou no parlamento, na tribuna politica ou na profissional.

E espantam-se ainda esses sesquipedaes defecadores de truismos condensados, producto murino dos seus laboriosos tenesmos cerebraes, quando descobrem, sobre materias de tal composição, alguns corajosos escaravelhos, que limpam a terra e o ar infectados delles, como se outra zoologia pudesse attrahir tão nauseabundo pasto.

Ora, meus amigos, confio que, se acaso, creasse no meu bestunto tendencias taes ás desses cretinos endeusados, é provavel que o meu *daimon* que, responde, ás vezes, tambem, pelo nome de bom senso, dissesse-me aqui e já, ao ouvido, antes que, nos limites da minha deliquecencia senil, algum malicioso fizesse troça de mim, e rir ás bandeiras despregadas as assembléas como esta, com o intuito de esfrangalhar, para uma vez uma falsa reputação de sciente que eu viesse organizando com trabalho de chinez ou de abelha á custa da credice de meia duzia de molluscoides moraes ou de patólas sem responsabilidade.

Estou convicto ainda de que — e La Fontaine tinha sobeja razão quando isso dizia dos ladrões — se escovados sabios desses escrevessem a sua autobiographia, ter-se-ia ahi o melhor relatorio da ignorancia nacional.

A Academia conta em seu seio, felizmente para a nação, homens praticos, espiritos solidos e de uma peça só, perfeitamente inteiriços.

Não deixará tambem de agasalhar, no seu bojo fecundo, homens menos afferrados á dura realidade das coisas e mais propensos ao sonho...

Ora, eu almejo ser um dos sonhadores officiaes desse magno collegio; uma especie de sebastianista de um reinado melhor para as prerogativas do espirito.

Esse sonho é eterno como as fabulas e as visões que o homem, reflector soberano da natureza, comprouve-se em crear e que elle transportará pelos seculos além emquanto a imaginação, bem como a consciencia, forem phenomenos mentaes.

O meu sonho habitual é o anhelo da liberdade em toda a sua amplitude, que aclara-me a vida, e nella me fortifica; esse anceio illimitado de liberdade, para o qual entre vós encontro uma benefica atmosphera, é, talvez, a unica virtude que comigo vos trago, a qual, segundo o pensamento aristotelico, deve achar-se entre os dois vicios que lhe são complementares, dos quaes um é o excesso outro a sua falta, e do qual o meio termo é a sua propria essencia.

Nunca me poderia deslembrar que Zenon, mesmo escravo, era liberrimo quando relesava os cançados musculos e as cordo-veias para impulsionar a mó á qual jungiam-no os seus senhores e a crueza do seu destino! (*Muitos applausos.*)

REX pianista, adapta-se a qualquer piano: uma criança pode tocal-a. CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

Publicações da Livraria Francisco Alves

Rua do Ouvidor, 134, RIO DE JANEIRO

Thiré (Arthur)

Cartilha Infantil.....	$500
Arithmetica dos principiantes	1$500
Geografia	2$000
Trigonometria	3$000

Sylvio Roméro

Historia da Literatura Brasileira em colaboração com João Ribeiro.....	5$000
Filosofia do Direito.....	$000
Contos Populares do Brasil, br. 3$000, cart.....	4$000
Contos Populares do Brasil, cart.....	2$500
Historia do Brasil para as escolas primarias.....	1$000
Doutrina contra Doutrina (O Evolucionismo e o Positivismo no Brasil), br. 2$000, enc.....	3$500

Scrosoppi

Geografia (curso superior)..	4$000
— (curso elementar).	2$000

Ribas

Direito Civil, br. 20$000 enc.	23$000
Posse e Acções possessorias, br. 7$000, enc.....	10$000

Lacerda (Dr. Paulo de)

Contas Correntes, br. 15$000 enc	18$000
Contrato de Abertura de Credito, br. 15$000.....	18$000

Laet (Dr. Carlos de)

Minha 1.ª Viagem á Volta do Mundo.....	3$000
Minha Historia Sagrada...	3$000

Kopke (João)

1º Livro de Leitura.....	1$500
2º — —	2$000
3º — —	2$000
4º — —	3$000
5º — —	4$000

Kopke (João)

Leituras Praticas.....	1$500
Fabulas em Verso.....	1$500
Lingua Materna.....	$

Ihering

Interditos Possessorios, br. 7$000, enc.....	10$000

Inglez de Sousa

Direito Commercial, br...	7$000
Titulos ao Portador no Direito Brasileiro, br.....	12$000

Barreto (Arnaldo)

Cartilha Analitica (methodo de palavração).....	$
Cartilha das Mães.....	1$000
Primeiras Leituras.....	2$000
Leituras Moraes	1$500

Antonio Vieira (Padre)

Sermões, 15 vols., cada vol. br. 2$500, enc.....	3$500
Cartas, 2 vols. enc.....	12$000
Sermões Selectos, enc....	6$000

Puiggari-Barreto

1º Livro de Leitura.....	1$500
2º — —	2$000
3º — —	2$500
4º — —	$

Puiggari

Cousas Brasileiras.....	1$500
Album de Gravuras (Ensino de Linguagem).....	3$000

Bilac

Livro de Leitura.....	4$000
Contos Patrios.....	3$000
Theatro Infantil.....	2$000
A Patria Brasileira.....	$
Tratado de Versificação...	3$000
Poesias Infantis.....	3$000

Pinheiro Bittencourt (Dr)

Compendio de Pedagogia e Psicologia.....	$
Historia do Brasil.....	2$000

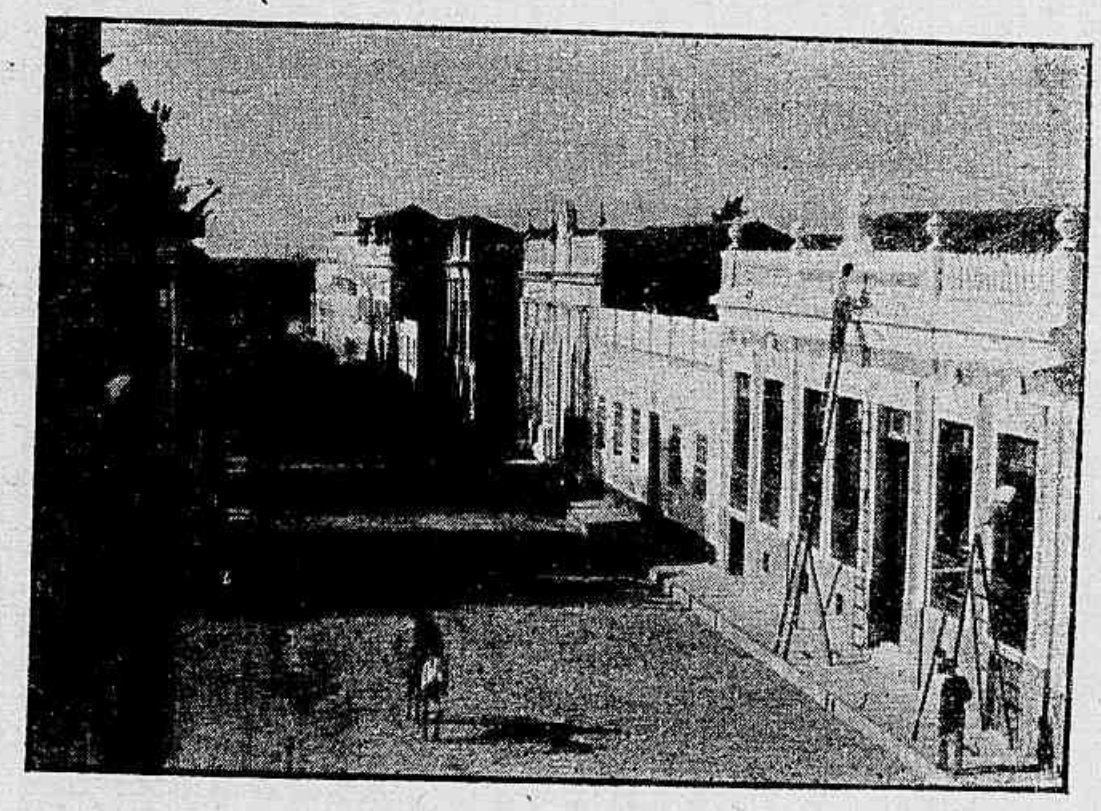
NOTAS SOBRE OS ESTADOS

Estado do Rio de Janeiro

O estado da Instrucção publica não é lisonjeiro. Ha

Escolas primarias..... 389

A frequencia excede apenas de 12.000, o que dá para escola a média de menos de trinta alumnos. A escolas profissionaes não funcionam bem ou não foram ainda installadas. Lyceu e escola normal não valem grande cousa.



Jaguarão.

Divida publica fundada....	28.095:000$000
Divida fluctuante.....	6.773:000$000

Dados verificados no exercicio de 1906 :

Receita.....	8.680:000$000
Despeza.....	7.988:000$000

somada a despeza a outros pagamentos, de facto, foi maior e não deixou saldo.

WILLIAMS VISIVEL, a machina de escrever mais resistente e simples.

CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

O Estado renasce da crise porque passou; a situação economica melhora; desenvolvem-se algumas industrias: a pastoril, a dos fibras vegetaes (canhamo Perini, etc.) a fructicultura. Mas nenhum progresso se realizou até 1907 na viação ferrea, nem nas estradas communs. A cidade de Nitéroi realizou melhoramentos dignos de nota, mas está muito longe de ser uma cidade saneada como o merece.

Estado da Parahyba

No anno de 1906, segundo dados officiaes:

Receita.....	1.838:000$000
Despeza.....	1.658:000$000

No primeiro semestre de 1907 verificou-se na receita o augmento de 198:000$00 reis. Outros dados:

Divida activa.....	352:900$000
Divida passiva.....	542:000$000

A mensagem (Setembro de 1907) do presidente Monsenhor Walfrido Leal, estadista de grande elevação, não diz cousa alguma sobre a instrucção primaria — signal de que não vai bem este ramo, o mais importante, e sempre o menos considerado da administração em quasi todo o paiz.

Estado de S. Paulo

E'da mensagem do Dr. Jorge Tebericá, presidente do grande e progressivo Estado de S. Paulo (apresentada em Julho de 1907) o trecho seguinte referente á Instrucção publica:

E'lisongeiro o facto que se observa no nosso Estado de serem solicitados com instancia, disputados mesmo, os lugares nas escolas e grupos escolares, signal caracteristico do estado de adeantamento do nosso povo. Ao passo que se vê em paizes cultos o emprego de meios coercitivos para que as escolas sejam frequentadas, entre nós as escolas transbordam de alumnos e são insufficientes para o grande numero de crianças que annualmente as procuram.

O governo, nos limites das verbas consignadas para este serviço, tem-se empenhado em prover o maior numero de escolas, dando preferencia, na distribuição das mesmas, ás localidades que se resentiam da falta do beneficio da instrucção.

Ao começar o actual periodo presidencial, funccionavam 62 grupos escolares e 567 escolas isoladas; estão presentemente funccionando 76 grupos e 1.141 escolas. Foram, pois, nestes tres annos constituidos mais 144 grupos e providas mais 574 escolas.

Florescem ainda no Estado a escola normal, os gymnasios da Capital e de Campinas, as escolas modelos, as cinco escolas complementares a Escola polytechnica, alem de outros institutos de beneficencia á instrucção, á infancia desvalida, as escolas agricolas e zootechnicas.

Finanças do Estado :

Receita ordinaria.....	38.843:000$000
Despeza.....	43.376:000$000

O augmento ou despeza representa emprego util nas terras, colonisação, hygiene, etc.

Activo.....	359.533:000$000
Passivo.....	248.146:000$000

Estado do Rio Grande do Sul

A população era calculada para 1905 em 1.150.000 habitantes; está pois entre os *seis* unicos estados que tem mais de milhão de habitantes na ordem seguinte:

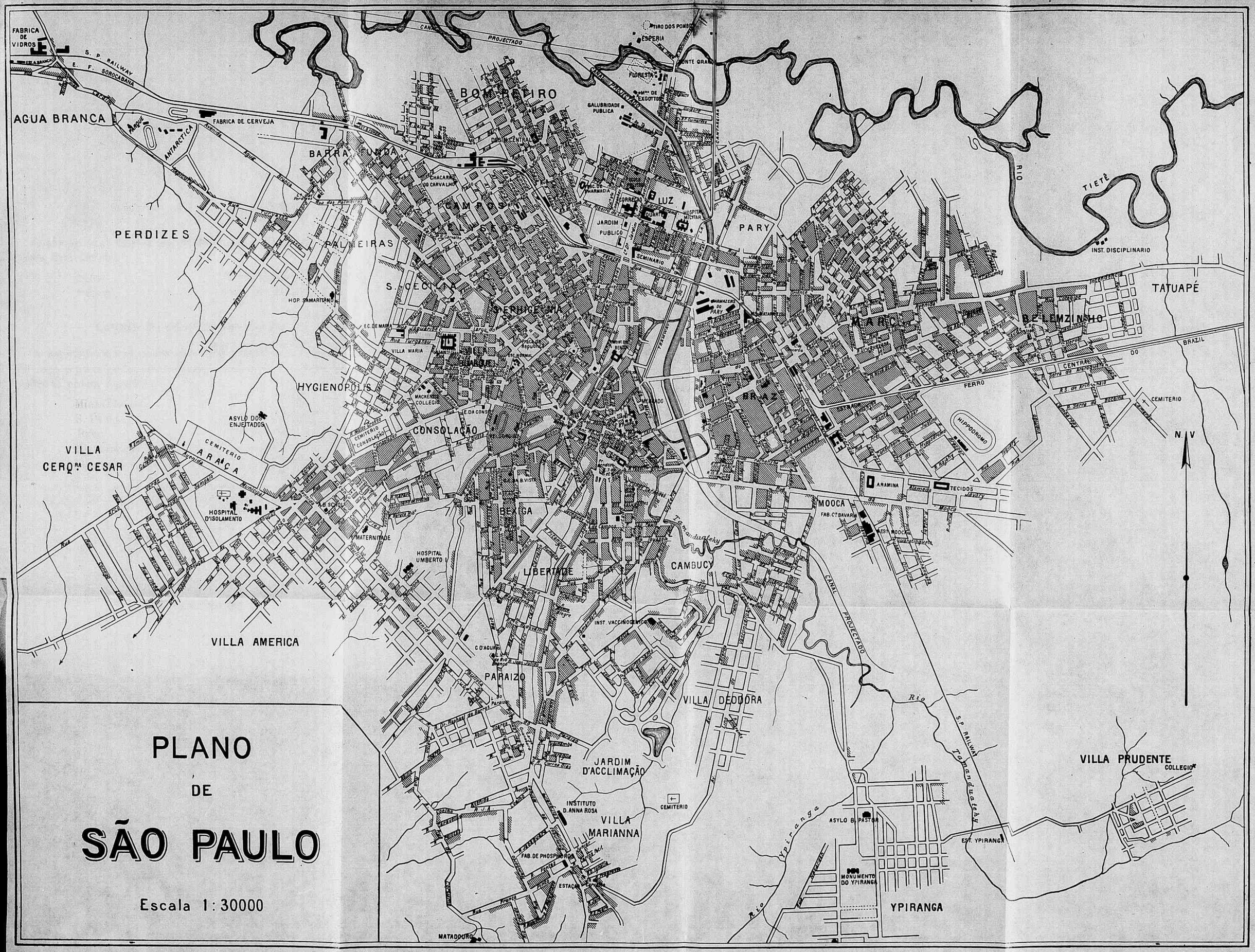
Minas Geraes.....	3.819.000
S. Paulo.....	2.925.000
Bahia.....	2.225.000
Rio Grande.....	1.300.000
Pernambuco	1.260.000

A instrucção publica progride notavelmente; o Estado gasta *tres quintas partes* da sua receita na diffusão do ensino.

En 1907 havia

Escolas publicas primarias.....	1.491
Escolas particulares.....	375

SMITH VISIVEL, a machina de escrever que reúne as qualidades de todas as outras.
CLUBS CASA STANDARD.


PLANO
DE
SÃO PAULO
Escala 1:30000
AGUA BRANCA
PERDIZES
PALMEIRAS
S. CECILIA
HYGIENOPOLIS
CONSOLAÇÃO
VILLA CERQ.RA CESAR
VILLA AMERICA
BOM RETIRO
LUZ
PARY
BRAZ
MOOCA
BEXIGA
LIBERTADE
CAMBUCY
PARAIZO
VILLA DEODORA
JARDIM D'ACCLIMAÇÃO
VILLA MARIANNA
YPIRANGA
VILLA PRUDENTE
TATUAPÉ
BELEMZINHO
MARC
RIO TIETÊ
CANAL PROJECTADO
S. P. RAILWAY
E. F. SOROCABANA
FABRICA DE VIDROS
FABRICA DE CERVEJA
ANTARCTICA
HOSPITAL D'ISOLAMENTO
HOSPITAL UMBERTO I
MATERNIDADE
ASYLO DOS ENJEITADOS
HOP. SAMARITANO
INST. VACCINOGENICO
INSTITUTO D. ANNA ROSA
FAB. DE PHOSPHOROS
ESTAÇÃO
MATADOURO
ASYLO B. PASTOR
MONUMENTO DO YPIRANGA
EST. YPIRANGA
INST. DISCIPLINARIO
CEMITERIO
HIPPODROMO
ARAMINA
TECIDOS
FAB. C.ia BAVARIA
EST. MOOCA
SALUBRIDADE PUBLICA
FLORESTA
ESPERIA
TIRO DOS POMBOS
CHACARA DO CARVALHO
JARDIM PUBLICO
SEMINARIO
MERCADO
MACKENZIE COLLEGIO
VILLA MARIA
CEMITERIO CONSOLAÇÃO
CEMITERIO ARAÇA
CANTAREIRA
FERRO CENTRAL DO BRAZIL
N. V.

e ainda escolas complementares e outros institutos, dos quaes 16 particulares para o ensino secundario ; escola profissional, a Polytechnica, etc.

Receita arrecadada em 1906..	9.979:000$000
Despeza.....	9.035:000$000

Uma das demonstrações mais evidentes do progresso do Estado é o movimento das estradas de ferro. Vamos dar aqui concisamente uma idéa do que é actualmente a viação ferrea no Rio Grande do Sul, cuja extensão em trafego, actualmente, eleva-se a 1.834 kilometros.

EM TRAFEGO

Porto Alegre a Uruguayana.....	756k.790m.65
Rio Grande a Bagé.....	303k.462m.70
Santa Maria do Passo Fundo.....	355k.601m.85
Porto Alegre a Nova Hamburgo.....	43k.000m.00
Nova Hamburgo a Taquara.....	45k.600m.00
Total.....	1.504k.455m.20

EM CONSTRUCÇÃO

Cacequy a Alegrete.....	118k.848m.00
Margem a Neustadt.....	93k.407m.71
S. João do Montenegro a Caxias.....	117k.268m.85
Total.....	329k.523m.55
EM ESTUDOS EXISTEM AINDA..	172k.462m.11

ASSIM DESCRIMINADOS

Ramal Bento Gonçalves.....	23k.150m.00
Ramal Saycan a Santa-Anna.....	149k.132m.11
Total.....	172k.462m.11

Estado do Pará

A situação financeira resume-se, segundo a ultima mensagem (1907) do governador, no seguinte quadro :

Balanço do exercicio de 1906, ouro.

RECEITA	IMPORTANCIAS	DESPEZA	IMPORTANCIAS
Saldo do exercicio de 1905.....	58:590$929	Despeza do exercicio..	8.354:330$912
Receita propria do exercicio.....	9.125:586$268	Differenças cambiaes verificadas nos vencimentos dos funccionarios, na fórma do decreto n. 1.371, de 29 de Abril de 1905.	632:061$661
Importancia recebida de Seligmann Brothers de Londres, por intermedio de Schrader, Gruner e C., por conta do novo emprestimo externo feito pelo Estado.....	471:337$944	Differenças cambiaes verificadas nos pagamentos, em virtude de contratos e leis...	104:239$134
		Credito aberto por decreto n. 1.491, de 6 de Março de 1907, para o pagamento do prolongamento da Estrada de Ferro de Bragança, reconstrucção das estações e da linha	452:362$010
		Saldo para o exercicio de 1907.....	112:581$424
	9.655:515$141		9.655:515$141

Martyrios e Rosas

Amor... o sonho dourado
Da juventude florida,
Sorrisos de algumas horas
E pranto de toda a vida.

Consorcio... final esperança,
De duas almas guarida;
Enlevo de um só momento,
Cadeia por toda a vida.

Os filhos... élo adorado
De uma affeição não mantida,
Rosas de breves instantes,
Espinhos de toda a vida.

OCTAVIANO.

SMITH VISIVEL TEM O MAIOR INVENTO em machinas de escrever : ARTICULAÇÕES COM ESPHERAS.

RECREAÇÕES MATHEMATICAS

Multiplicação abreviada

Primeiro caso : Multiplicação de factores com egual numero de algarismos.

Por exemplo, 324×516.

```
 324
 516
-----
154024
-----
 1316
 ---
------
167184
```

Mentalmente, faz-se o seguinte :

$$\begin{array}{lr} 3\times5 & =15 \\ 3\times1+2\times5 & =13 \\ 3\times6+2\times1+1\times5 & =40 \\ 2\times6+4\times1 & =16 \\ 4\times6 & =24 \\ \hline & 167184 \end{array}$$

Segundo caso : Multiplicação de factores com numero desegual de algarismos,

Por exemplo, 187235 × 213.

Como no caso anterior, fazendo preceder 213 dos zeros que sejam necessarios.

```
 187235
 000213
--------
 2252914
 -------
 17351915
 -------
--------
39881055
```

Terceiro caso : Multiplicação de factores, que dão productos parciaes de 3 algarismes.

N'este caso, devem ordenar-se os productos parciaes em 3 séries uns por debaixo dos outros.

```
 996
 994
-----
 27
 --
 10890
 ----
  14724
  ----
------
393624
```

Quarto caso : Elevar ao quadrado :

$$\begin{array}{r} 3{,}1415 \\ 3{,}1415 \\ \hline 9{,}6141810 \\ \text{— — — —} \\ 25184125 \\ \text{— — — —} \\ \hline 9{,}86902225 \end{array}$$

Mentalmente, faz-se o seguinte :

$$3 \times 3 = 9$$
$$(3+3) \times 1 = 6$$
$$(3+3) \times 4 + 1 \times 1 = 25$$

Etc.

Este ultimo caso demonstra a vantagem do methodo para multiplicar decimaes, pois o producto final obtem-se primeiramente nos seus algarismos mais elevados, e fica á discriçao do operador o desenvolver mais ou menos a operação nos decimaes.

O FERRO DO BRASIL

As possibilidades de progresso do Brasil são incalculaveis.

Ultimamente esteve (1907) no Rio de Janeiro o Sr. J. Leslie Jennison, presidente de uma importante empreza de metalurgia de ferro de Nova Escossia, no Canadá, que aqui veio estudar pessoalmente as condições para a exportação do minerio de ferro e do manganez, para as usinas metalurgicas do Canadá e da America de Norte, por meio de um poderoso syndicato.

Esse minerio viria de Miguel Burnier, Honorio Bicalho, Sabará e, provavelmente, de Bello Horizonte e de Caethé, desde que o desenvolvimento da rêde ferroviaria mineira permitta, a estes dous ultimos municipios, dar ao problema da mineração do ferro no Estado a solução resumida em uma phrase pelo Dr. João Pinheiro — « exportar a serra da Piedade e a serra do Curral ». De facto, é surprehendente a riqueza em ferro destes dous pontos do territorio mineiro, sendo as serras do Curral e da Piedade quasi inteiramente delle.

Esta riqueza attraiu, ha muito tempo, a attenção dos industriaes norte-americanos, que mandaram a Minas, ha tres annos, por conta dessa mesma empreza canadense, uma commissão de engenheiros para estudar a questão.

O relatorio apresentado, no regresso, por esses profissionaes, satisfez e animou a companhia, que enviou, um anno depois, uma outra commissão, desta vez de abalizados profissionaes, para verificar os resultados apresentados pela primeira. Como consequencia dos estudos e conclusões presentes por

---

CLUBS DA CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio :
VENDAS A PRESTAÇÕES SEM AUGMENTO DE PREÇO.

PLANTA DA CIDADE DE SÃO SALVADOR
CAPITAL DO ESTADO FEDERADO DA
BAHIA
Pitangueiras
Rio Vermelho
Caminho do Dique e do
Estr.ª do Cabula e do Retiro
Sete portas
Lad.ª da Bella Vista
Largo de Nazareth
Egr. de N.S. de Nazareth
R. do Caquenda
L.ª da Fonte Nova das Pedras
S.C. de Jesus
Cova da Onça
R. Atraz do Muro das Freiras
Convento do Desterro
Largo do Ferraro
R. do Ferraro
Campo da Polvora
Caminho do Tororó
Casa dos Expostos
Tororó
Quartel de Policia
L. da Lapa
Convento da Lapa
Collegio S. José
R. dos Barris
Convento dos Capuchinhos
Egreja da Piedade
R. d'Alegria
Praça da Piedade
R. da Piedade
R. do Rozario
Egr. de São Raymundo
Theatro Polytheama
L. de Polytheama
Convento das Mercês
Campo Grande
Forte São Pedro
Largo
Jardim Publico
Quartel dos Afflictos
Egr. dos Afflictos
Fonte do Gabriel
L. dos Afflictos
Hospicio
L. do Gabriel
L. da Gamboa
Gamboa
F.ca de Rapé
Jaqueira
Pedreiras
Seminario
S.ta Thereza
Hotel Sud Americano
R. da Gameleira
L. de Accioli
Policia
R. P. Jacome
R. da Faisca
R. do Fogo
Egr. S. Pedro
Egreja e Convento de S. Bento
R. das Hortas
Hotel de Paris
Theatro S. João
Praça do Palacio
N.S. da Conceição
L. da Conceição
R. da Preguiça
Largo da Preguiça
Arsenal de Marinha
Barão Homem de Mello
Portas de Ribeira
Corpo Santo
Lad. da Mizericordia
Palacio Arcebispal
Antiga Sé
Mizericordia
Cathedral
Escola de Medecina
Terreno do Collegio
R. do Collegio
V.O.3.ª de S. Francisco
Conv. de S. Francisco
Egr. de S. Miguel
Quartel da Palma
Egr. S.to Ant.º da Mouraria
Egr. de S.ta Anna
Hosp. de S. Francisco
Egr. da Saúde
Hospital da Mizericordia
R. do Carmo
Egr. do Carmo
Egr. O.3.ª do Carmo
Egr. do Passo
Ladeira dos 15 Mysterios
Egr. dos 15 Mysterios
R. dos Marchantes
R. do Pilar
Egr. do Pilar
Caes do Ouro
Praça do Commercio
Praça do Riachuelo
Ponte do Lloyd
Plano inclinado
Egr. N.S. do Boqueirão
R. de S.to Antonio
Largo de S.to Antonio
Egr. de S.to Antonio
Forte S.to Antonio (Cadeia)
Cont.º dos Perdões
R. dos Perdões
R. de João Simões
R. do Barbalho
Forte do Barbalho (Quartel)
Largo do Barbalho
L. dos Artistos
L. do Barbalho
Antigo Curral ou Matadouro
R. S. José de Cima
R. S. José de Baixo
S. José
Convento da Soledade
Lad. da Soledade
Est.ª do Queimado
Egr. da Trindade
Rua dos Coqueiros
Caes d'agua de Meninos
Egr. de S. Francisco
R. de São Francisco
Lapinha
Escala:
0 50 100 200 300 400 500 metros

estes engenheiros á companhia, veio agora ao Brasil o proprio presidente e representante de fortes capitalistas, o Sr. Leslie Jennison.

O Sr. Leslie Jennison propõe-se a explorar as riquissimas jazidas de ferro daquelles municipios, exportando pelo Rio de Janeiro 1.000.000 de toneladas de minerio de ferro e mais 500.000 toneladas de manganez, por acôrdo com as actuaes emprezas de extracção.

Essa exportação colossal importaria em um trafego de tres mil toneladas diarias de minerio pela Central, ou seja a necessidade de um trem de hora em hora, transportando cada um delles trezentas toneladas de ferro.

O modo de dar saida a essa massa consideravel de minerio é uma das faces do problema a resolver. Para a Central, implicaria a necessidade de duplicar a sua linha do centro até Sabará, para que pudesse circular, sem embaraço, essa ininterrupta cadeia de trens.

Pelo lado do carregamento no cáes, a solução apresentada pelo chefe da commissão das obras do porto é o prolongamento da Central até as ilhas de Governador ou do Bom Jesus, onde seria feito, em cáes privativo, especialmente construido, o emba rque desse minerio. Essa questão está sendo cuidadosamente estudada.

Para se ter uma idéa do que seria, ou será, essa colossal exportação, e as suas consequencia economicas, basta dizer que a exportação total pela bahia do Rio de Janeiro computa-se, actualmente, em 500.000 toneladas de mercadorias, por anno, e a importação em 1.500.000 toneladas; e a exportação de ferro e manganez do syndicato Leslie attingiria ella só a 1.500.000.

O Sr. Leslie Jennison esteve já em Minas, onde inspeccionou « de visu », a questão das jazidas e o seu valor industrial; parece que a questão agora está justamente no terreno do problema da exportação.

Canto Real

A Henrique Coelho Netto.

I

Em derredor de mim um silencio profundo.
Fóra passa veloz a ventania brava.
Sinto, vejo que estou mesmo longe do mundo,
Em que, para meu mal, vive minha alma escrava.
Inverno. A chuva cae. Nesta mudez absorto,
Falta-me o teu carinho, o teu doce conforto.
Se estivesses aqui, como eu era contente!
Beijando-te demais, indefinidamente.
Que me importava então esta noite horrorosa?
Vendo-te junto a mim, neste anceio que sente
Meu pobre coração que arrebatado gosa,
Só porque tu tambem na peleja da vida
O meu intenso amor sobre todos preferes,
Havia de sentir que tu és, flôr querida,
A mais terna, a melhor de todas as mulheres.

II

Bem alta a noite vae. Desvairado, aprofundo
O meu olhar na treva. E o vendaval gritava.
Em cima, escuro, o céo; em torno a mim mais fundo
O silencio lethal. A'luz serena e flava,
Via tudo girar como em volta de um horto.
Vacilo. O coração se cala quasi morto,
Dominado talvez pela noite inclemente
Que se estendia immensa, aterradoramente.
— Por que a desolação, vida com que me feres,
Quando eu proclamo alguem, amando-o como um crente,
A mais terna, a melhor de todas as mulheres?

III

O meu inquieto olhar pelo quarto o difundo.
O desespero atroz dentro em minha alma crava
Um agudo punhal. Hora de moribundo!
Noite intensa e sem fim, sem uma estrella d'alva!
Neste negro escarcéo, á procura de um porto,
Só de pensar em ti, no teu carinho, exhorto!
Por que foges de mim, do meu abraço ardente,
Quando quero viver do teu amor somente?
Basta! Não posso mais. Nesta noite invernosa
Vem consolar-me, vem! Ao meu labio consente
Pedir alento e vida ao teu labio de rosa.
Este leito é tão frio... O silencio profundo
Torna-o mais glacial do que uma steppe slava.
Eu terei conquistado a victoria do mundo,
Certo do teu amor que ha muito eu procurava,
A penas o teu beijo apaixonadamente
Vibre vivo, sonoro, indomito, eloquente;
Apenas junto a mim, eu te contemple absorto
A belleza triumphal que é todo o meu conforto;
Alto proclamarei o amor com que me queres,
Dirá meu coração, já quase, quase morto:
— A mais terna, a melhor de todas as mulheres.

Offertorio.

Meu adorado Ideal, meu Sonho permanente,
Ninguem mais do que tu estas palavras sente.
E ellas ficam aqui, para que as consideres
E digam que tu és, inconfundivelmente,
A mais terna, a melhor de todas as mulheres.

Manáos-07.

THEODORO RODRIGUEZ.

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

Tobias Barreto

Não goza Tobias Barreto no sul do Brasil da reputação de poeta que desfructou em todo o norte do Brasil. A razão está em que quando o nome do poeta se divulgou no Rio de Janeiro, aqui já dominava a escola do *parnasianismo* e de certa perfeição de fórma que poetas da fase anterior Varela, C. Alves e Tobias não possuiam. Estava consolidada a reputação de Varella, mas outra qualquer, adventicia, não poderia ser aceita. Pelo norte, muitos populares são algumas poesias de Tobias Barreto e, entre ellas, esta que define o *Amor* :

Amar é — fazer o ninho,
Que duas almas contém,
Ter medo de estar sósinho,
Dizer com lagrimas : vem !
Flôr, querida, noiva, esposa
Cabemos na mesma lousa!...
Julieta, eu sou Romêu;
— Correr, gritar : onde vamos?
Que luz! que cheiro! onde estamos?
E ouvir uma voz : no céo !
— Vagar em campos floridos
Que a terra mesma não tem ;
Chegarmos loucos, perdidos
Onde não chega ninguem..,
E, ao pé de correntes calmas,
Que espelham virentes palmas,
Dizer-te : senta-te aqui ;
E alem, na margem sombria,
Vêr uma corça bravia,
Pasmada, olhando p'ra ti!

M. N.

O Analysta

Ao M. Faria Corrêa.

— Olhe esta pyxidula de crystal, olhe... Não percebe lá dentro alguma cousa enrubecida e tremula ?...

— Sim, alguma cousa enrubecida e tremula.

— São lagrimas vertidas, por uns olhos de martyr vertidas, e que me foi dado um dia recolher.

— Logo se vê, logo se vê, meu padre ; lagrimas assim só de um atormentado e santo e puro coração podiam derivar. Logo se vê.

***

— E que apercebe aqui, n'esta pyxidula de crystal tambem?... Repare, não vê tremeluzir qualquer cousa esmeraldina e viva, não vê?

— E' verdade, qualquer cousa esmeraldina e viva...

— São lagrimas de um fascinora, de um matricida sem alma; são lagrimas de impotencia e raiva, por mim colhidas na masmorra de um condemnado á morte, Lagrimas de uma féra enjaulada são estas...

— Meu padre, basta um relancear de olhos para se comprehender, basta. Lagrimas de côr assim, e assim scintillantes, só um perverso podia chorar, só elle. Tenho contemplado e percutido milhares de lagrimas d'este modo coloridas, meu padre, e todas ellas eram de Tyrannos, Assassinos e Crueis...

***

O *analysta do coração humano* partio; a calma reentrou respeitosamente no claustro. Ungido de uma immensa piedade, o padre sorria, fitando as pyxidulas translucidas... As lagrimas sangrentas tinham manado dos olhos de um delator *nefario*; as lagrimas esmeraldinas brotaram dos adytos doloridos do coração de um filho quando sua mãe morrera e quando elle morrera para o mundo. Derradeiras lagrimas, lagrimas puras... Era d'elle, do bom padre, esse glauco estillicidio guardado na de crystal pyxidula... E sorria, sorria o Santo, repleno de piedade, mas d'uma piedade onde a ironia repontava, pelo terrivel *analysta do coração humano*.

Porto Alegre, 1905.

CESAR DE CASTRO.

O Um e O Dois

(*Do hespanhol*).

Graves autores contaram,
Que dos Zeros á nação,
Foram, o Um, e o Dois,
Arranjar collocação.

Depressa o Um conseguiu,
Pois elle aos Zeros honrava
Dando-lhes sempre a direita,
O que o valôr lhe augmentava.

Mas o Dois que era orgulhoso
Punha-os sempre á sua esquerda
Sem pensar que a grosseria
Lhe iria cavando a perda!

Finalmente o Um, modesto,
Veio a ser millionario
E o Dois, orgulhoso e tolo,
Não passou de um perdulario.

Reparae, que maravilha
Ver n'esta fabula ascetica
Que o humilde sempre brilha
E o orgulhoso se humilha
Até na propria a ithmetica.

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

Cervejaria

Germania

REICHERT IRMÃOS

Fabrica de gelo, licores,
vinagre, aguas mineraes, sabão,
sabonetes, doces, confeitos, biscoutos
e das CERVEJAS

PILSEN
MÜNCHEN
TIRA PROSA
AMOR
MORAVIA
BADENIA

Rua dos Italianos N. 24, 26, 28

Endereço telegr. :
REICHERT

SÃO PAULO

Caixa Postal, 119
Telephone 591

GRAND PRIX EXPOSIÇÃO ST. LOUIS

AS NOSSAS LENDAS

Certo, esta dessaborida prosa ao lerdes, avançareis que este assumpto se faz mais do dominio da fantasia do que do da historia ; e avançareis — quem sabe? — que prefiro ser poeta, e ficar na esphera do ideal e do somno, a abordar questões que, por sua natureza, sejam mais capazes de interessar a todos os espiritos. E, de mim, direi que assumpto não palpo nem mais vasto, nem mais ponderoso, nem mais real. O que é a lenda? Digamol-o, sem a exhaustiva definição do vocabulo, segundo os mestres, o que ella é : — a doce, a casta flôr da alma popular ou da vida collectiva, em todos os tempos e em todos os paizes.

Não ha, até hoje, um agrupamento humano, uma simples tribu, ou uma obscura familia perdida neste immenso deserto da existencia terrena, em cujos annaes não vamos encontrar uma collecção de lendas como vestigio deixado por essa familia, por essa tribu ou por essa nação, de sua passagem pela terra. O que houve de original na vida dessa collectividade, o que deixou de grande no tempo a existencia desse pequeno nucleo humano — as emoções mais intensas — fossem amarguras, fossem alegrias, fossem heroi-mos, fossem bemaventuranças — tudo ahi ficou como incorporado á *mater* gigantesca e gloriosa — o espirito anonymo e immortal das grandes raças. Tudo ahi ficou eternizado nas lendas em que se concretizou o sentir dessa grey que desappareceu como elemento da historia, mas que será por todos os seculos presente na alma do mundo, emquanto florir a immarcessivel belleza de uma lenda.

Claro é que disto decorre logo a consequencia directa — que quanto mais alevantado e augusto no seu espirito, quanto mais bello e solemne nos seus ideaes, quanto mais valoroso e refulgente nos seus heroismos — claro é que mais fecundo em lendas ha de ser um povo. E ali, portanto, onde pudermos fazer amplas colheitas, ali onde o genio da raça se fixou por brilhantes, inapagaveis signos — ali é que iremos enfrentar com gerações nobilissimas, ali é que encontraremos os grandes typos humanos — desses que fazem mais do que a historia, porque constróem as epopéas.

Ha muita gente que acredita, com certo desapercebimento, que nós outros, homens modernos, já demos as costas á phase das creações e que o periodo das lendas já se apagou para nós. Tal se poderia dar, no caso de deixarmos de ser povo ou deixarmos de ser homens. A ninguem assiste o direito de inquirir pelas lendas de hoje, que lenda contemporanea é um absurdo. Porque, afinal, semelhantes creações do espirito anonymo das raças e dos povos, não são menos do que tudo que resta da desordem, da amalgama das paixões, dos conflictos da vida moral, depois que cessou a luta.

A casa VACHERON e CONSTANTIN, de Genève, tem 123 annos.
Unico representante no Brasil : Casa Standard.

Emquanto vive, e desempenha no mundo o seu papel, uma geração só se revéla pela coragem com que tomou no mundo a sua tarefa. Dessa tarefa — o que é eterno tem de ser apurado mais tarde, quando já os actores houverem desapparecido do vasto scenario. E quanto houve de mais alto, mais original e mais augusto no drama de uma época, ha de resurgir amanhã, na época subsequente, tão vivo e tão brilhante como nos momentos mesmo em que tudo isso se passou. As lendas hão de dar conta de tudo, melhor do que a propria historia, porque as lendas serão a historia através do sentimento da collectividade, e, pois, com os caracteristicos todos do genio da propria raça.

E, sem tergiversações, seja assignalado que não houve ainda na historia uma corrente humana mais creadora de soberbas lendas do que esta corrente americana. O homem que do velho mundo se trasladou para estas plagas foi — em toda a humanidade — o que pela terra vein a vibrar mais intensamente. Imaginai aquelles primeiros heróes dos mares, dia e noite a interrogar os mysterios do desconhecido; aquellas caravanas que pareciam trazer sobre os abysmos o proprio espirito de Deus; aquellas creaturas, esquecidas de si mesmas, a espalhar pela terra o annuncio da éra nova, aquelles peitos para cujos recessos parecia refluir, com a fé intangivel, com a coragem das causas immortaes, com a aspiração de todas as grandezas legitimas — a majestosa fidelidade dos typos supremos que se iam incorporar ao patrimonio da familia humana...

Imaginai, em seguida, esses outros heróes que vinham continuar na terra desconhecida a obra dos mares insondaveis: — os primeiros desbravadores dos nossos sertões, os que, deslumbrados diante desta natureza, tomaram para si o papel de abrir caminhos ás gerações através de florestas infinitas, á beira dos precipicios, ao lado dos alcantis das montanhas, sem estremecer de terror sob o estrondo de cascatas gigantescas e sem se apavorar do silencio e dos agoiros da solidão no meio das noites soberanas...

Imaginai, pois, as lendas que deviam encher a alma da raça transplantada, nestes dous largos cyclos da nossa historia. E necessario se faz não esquecer que o segundo desses cyclos ainda está aberto: isto é, que não cessamos de travar com esta natureza temerosa as lutas pelas quaes havemos de dar testemunho de que somos dignos della. Temos, portanto, lendas no nosso periodo heroico e estamos preparando lendas para o futuro. Lendas do passado, lendas historicas.

Em regra são celebrados os grandes dramas do mar. E ocioso é pedir attenção para tal periodo, que não se sabe, afinal, si é simplesmente épico, si transcende as raias do que é puramente humano para assumir os caracteristicos de uma obra de deuses. E, si temos uma visão bem exacta daquelle espantoso movimento de almas para todos os mysterios da terra — o nosso espirito interroga logo: como seria possivel que aquellas gerações não deixassem no mundo um sulco fulgurante, um signal inextinguivel de sua passagem pela vida?

Todos nós sabemos que a do maritimo deve ser a mais sensivel, a mais edificada, a mais augusta das almas que por aqui atravessam este infinito do tempo. Imaginamos o que ha de ser a existencia passada, noite e dia, dias e annos, annos e estações — entre estas duas imagens de Deus, estas duas immensidades que se associam, nas almas, para a sensação indizivel da grandeza divina — a immensidade do mar e a immensidade do céo!

Haverá na terra, haverá nesta contingencia do tempo uma expressão mais alta, mais tangivel, mais solemne do supremo mysterio, do que a majestade do Oçeano? Haverá, por outro lado, uma perspectiva que nos ponha a alma como em silencio de culto, um espectaculo que mais nos domine e nos abale do que o céo? O céo, ora pacifico, sereno, sumptuoso, como si o universo fosse uma cathedral immensa; ora suggestivo, como um prenuncio de faustos, que se não entendem, mas a que se aspiram; ora, ainda, tenebroso, da côr das borrascas, tétrico e voraz, como si nas entranhas agitadas lhe andassem todos os furores dos demonios.

Imaginai como se devia fazer a alma dos marujos, que deram a Portugal a expansão que, até hoje, povo algum chegou a ter nos continentes da terra. Por isso, nos deixaram elles as mais commovedoras das lendas e as mais edificantes das festas — pois antes de tudo o desconhecido, com que andou sempre a enfrentar o marujo, poz-lhe na alma, bem profundas e bem sentidas, a grande fé e a coragem indomita dos seus maiores. Creiò, mesmo, não haverá uma unica pessoa que não conheça, entre nós, algumas dessas lendas, e até que não tenha assistido a uma dessas cerimonias com que o homem do mar celebra a victoria da sua crença sobre a sanha das velhas divindades formidaveis.

Assim, si vou citar ao menos uma dessas lendas, é só por um capricho de quem teve a fortuna de encontrar ainda na terra de seus pais os vestigios do successo.

Entre as lendas historicas não figura esta com o mesmo brilho, por exemplo da náo *Bretôa* — esse outro esquife dos mares, esse verdadeiro *navio fantasma* cá das partes do sul. Esta náo *Bretôa* é uma das muitas que tiveram no Oceano o seu poema de vicissitudes, e ainda nos commovem os grandes lances de peregrinação em que andou, expellida de toda a parte, a vagar de porto em porto, desarvorada, como uma tumba fluctuante pelo Atlantico.

Mas a da náo *Catharineta* é lenda mais popular. Pelo menos, lá para as terras do sul não ha um velho que a não conheça, nem peito de mãe que, ha 30 annos, a não cantasse.

Foi tal a impressão que no meu espirito de criança ficou da primeira vez que ouvi cantar os versos da náo *Catharineta*, que nunca mais perdi a reminiscencia delles, e ainda posso recordar uma dessas quadras : na afflicção que os abysmos causam e do meio da celeuma de bordo, onde o terror vae gelando os corações, ouve-se a voz exhausta e esperançada do capitão :

Sobe, sobe, meu gageiro,
Aquelle tópe real,
Vê se vês terras de Hespanha
Ou areias de Portugal.

Por vezes o gageiro, do alto da gavea, despede palavras de desillusão ou desespero : ora, nada avista senão o desolamento da immensidade vasia; ora, no delirio que lhe perturba a visão, imagina ver inimigos armados de espadas e promptos para o sacrificio dos naufragos. Afinal o gageiro desvenda costas, e logo,

A casa **VACHERON** e **CONSTANTIN** obteve o **UNICO** primeiro 1º premio no
CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS.

numa praia extensa e florida, reconhece tres donzellas de olhares fitos no horizonte. Era a gente que ficára, era a familia querida que tem vivido de suspiros e anceios longos dias tremendos e longas noites sombrias.

Que poesia, que candura, que grandeza de symbolos nesta narrativa tão imaginosa e tão simples — a mais bella que conheço, pois só ella nos dá toda a eloquencia e toda a majestade da grandiosa epopéa da navegação!

Como esta, muitas outras poderia citar, todas cantando os fastos daquelle heroismo, que sagrou a obra dos nossos avós.

Os antigos navegantes celebravam sempre a bordo, e, ás vezes, em pleno mar, as grandes cerimonias do culto christão. Imaginai o que seria uma festa de Natal no oceano, ali onde as almas se sentem segregadas do mundo, num convivio intimo com Deus! A uma dessas festas logrei a ventura de assistir na minha cidade natal : a festa de graças, ou antes, a cerimonia de cumprimento de *promessas* feitas á Virgem ou ao Senhor, no alto mar, em dia de angustia e de tormenta. Ao primeiro porto, afinal, chega a nave combalida, mas salva dos tufões. A maruja toda, tomando uma das vélas, salta em terra e, o chefe á frente, todos descobertos e compungidos, sem olhar para os lados, como para que a alma lhes fique bem presa ao pensamento da Mãe de Misericordia, conduzem o mastro enrolado até a primeira igreja do logar. Passam cantando, mas uns hymnos tão singelos, e em voz tão abalada e tão profunda, que se não póde ouvil-os sem uma névoa de pranto nos olhos commovidos. A gente tem vontade de abençoar essa vida dos mares, tão cheia de vicissitudes, tão cortada de emoções fortes — mas, por isso mesmo, capaz de preparar almas para cerimonias tão tocantes.

E' possivel que, ainda hoje, occorram dramas nos mares : é preciso convir, no emtanto, que ahi, no immenso theatro já são, pelos menos, muito mais raras as tragedias. O homem já explorou todos os oceanos, e para elle já não ha desconhecido. Já o marujo, mais confiante em si mesmo, não crê como cria o velho marujo de outróra a enfrentar com o mysterio. Mas nem por isso o genio da raça se esgotou. Dos mares, elle passou para a terra. Encerrado o cyclo da navegação, finda a cruzada do oceano — o heróe passou para outra arena.

Agora, é a floresta, outro deserto semelhante ao oceano, e, talvez, ainda mais cheio de accidentes, e onde a vida é mais pontuada de surpresas. E tanto assim, que é mais fecunda em lendas, em narrativas, em canções, em festas originaes. Ao lado das grandes lendas historicas — a do Caramurú, a do Ramalho, a de Antonio Rodrigues, a de Anchieta, a de Nobrega, a do padre Maseppa, as de grandes chefes de bandeiras como Bartholomeu Bueno, como Raposo, e tantos e tantos — temos ainda as lendas puramente populares, as que não ascenderam á historia, mas ficaram na alma anonyma do povo. E além das que são propriamente portuguezas e brasileiras, seria preciso reconhecer a farta messe de lendas indianas — umas exclusivamente devidas ao espirito do selvagem, outras mixtas, nas quaes se entrevê uma verdadeira expressão do encontro das duas raças. São muitas, e facil não seria aqui enfeixal-as em rapida e despretenciada palestra. Mas, que aqui fique destacada uma, por formosa e emocionante: a lenda de Paninoxe.

Paninoxe era um guerrreiro guaicurú — a nação heroica que preferiu o sertão á vida de escravos que os civilizados lhe offereciam. Paninoxe enamora-se de uma das raparigas mais formosas da tribu vizinha, e que, desde criança, lhe estava

destinada para esposa. Tem pela sua eleita extremos que talvez o pozessem na altura dos nossos Othelos, tão discutidos, mas tão admirados. Um dia, entretanto, o guerreiro olhou com mais interesse para outra rapariga. E cresceu de tal modo esse interesse, que a noiva entrou no conhecimento delle. A infeliz donzella, que tinha tambem alma americana, reprimiu a sua immensa dôr, até verificar a extensão da sua desgraça. Dentro em pouco tudo estava desfeito: Paninoxe passava a pertencer a outra.

A desditosa preterida não teve um momento de queixa: não revelou a ninguem aquella angustia, só do seu maguado coração sabida.

Procurou uma campina isolada e deserta, e no peito cravando uma aguda farpa, exclamou: « Ah! ingrato Paninoxe! » E expirou. Tudo em redor era de uma melancolia infinita. Apenas testemunharam o tocante sacrificio os chopins que por ali cantavam, sob um céo de perolas, acairelado de purpuras. E era delles então um canto limpido e alviçareiro. Vendo, assistindo, porém, esses passaros negros áquella silenciosa e estranha tragedia, estarreceram por momentos, e quando — passado o susto, desfeito o assombro — iam recomeçar o alegre gorgeio, tinham esquecido tudo, e só do peito lhes escapou a endeixa triste, que dos chopins se tornou o perpetuo, acerbo, dolorido canto...

E que seja a lenda de Mangoré, em fugitivos traços aqui delineada, o remate desta insossa parlanda. Este chefe indio do sul, em luta com os hespanhóes, apoderou-se da mulher de um dos colonos, por cujos olhares endoideceu de amores, de cujos risos sentiu captivo o valoroso coração liberrimo.

Conhecendo inuteis os esforços para rendel-a escrava, submissa aos seus caprichos, acariciou o barbaro, com volupia, um plano de vingança palpitante de requintada crueldade: faz com que lhe oscule os pés os labios frios e sem vida do misero esposo que a buscára, e cujo coração paralysára aos golpes dos selvagens em tumulto...

E eil-a, nobre e serena como a estatua da desdita, assistindo ao crime infando, olhos e alma para o céo volvidos... E ainda o derradeiro suspiro não escapara do peito do infeliz esposo e já ella feria o coração despedaçado, com uma haste de ferro, caindo, e rolando até junto ao cadaver de quem lhe fôra a luz dos olhos e a doçura da vida. Mangoré, no desespero de uma dôr innarravel, ergue do chão o corpo da mulher amada, e arrebatadamente, num supremo lance, busca com elle, nas aguas encachoeiradas do rio sagrado, o Lethes para tanto soffrimento, Jordão para tamanho crime, o Charonte de tantas esperanças!

A nossa raça se distingue pelo amor e pela poesia. Tudo que se apurar da nossa historia, dos accidentes da nossa vida nesta parte da America, ha de attestar vivamente que aqui o genio da velha Lysia se retemperou. E' um estudo que ahi está por fazer: a historia do nosso genio, revelado na historia e na legenda. Outros mais capazes que a si tomem tão nobre tarefa. Quanto a mim, me satisfaço em recordar que os nossos avós por aqui entraram soffrendo, mas aqui viveram cantando.

LEONCIO CORREIA.

PIANOS RITTER, adoptados pela **CASA IMPERIAL DE ALLEMANHA.**

Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados aos paizes quentes.

LUIZ PISTARINI

Luiz Pistarini, o poeta das *Sombrinhas e Postaes*; é um espirito gentil e delicado que se compraz no desenho de miniaturas como Campoamor e Gonçalves Crespo.

Quasi todas as suas composições são pequeninas e breves mas sempre conceituosas e contendo alguma agudeza. Tal é o *Egoismo*, por exemplo:

I

Certa vez, assistindo, á tardesinha,
De um pobre enterro ao triste desfilar,
Ella, que é um anjo, a boa amada minha,
Poz-se logo a chorar...

II

Até hoje eu não sei que dôr pungente
A alma, naquelle instante, lhe abateu;
Mas, ai! sei que senti profundamente
Que o morto não fosse eu!

Outras vezes transparece o pessimismo ou o desalento sceptico como nos versos de Bartrina, n'esse *Porquê*, cheio de vaga tristeza:

I

A vida é um mal... — disse eu — mal sem perigo
Porque na morte o prompto allivio temos...
E ella: — « Mas, nesse caso, meu amigo,
Si a vida é um mal... então, por que nascemos? »

II

— « A vida é um bem... (prosegue) E que t'o diga
Deste amor a concordia em que vivemos... —
E eu: — Sim, mas, nesse caso, minh'amiga,
Si é um bem a vida... então, porque morremos? —

Emfim, não é a tristeza o sentimento que domina o poeta, mas a serenidade, quando tranquilla lhe sorri a fortuna. Demonstram-no os versos de amor que definem a sua *Paz venturosa;* e tão espontaneos e cheios de naturalidade que não podem deixar de ser verdadeiros e sinceros:

I

Ha creaturas fadadas
Para a magua e para a dôr,
Que nascem já desgraçadas,
E vivem desamparadas,
Morrendo á mingua de amor.

II

Eu fui dessas creaturas
Vivo exemplo. Hoje, porém,
Que és minha, ó pura entre as puras!
Já sei o que é ter venturas:
Amo-te e sinto-me bem.

ENTRE RUINAS

Ao Emlides Bandeira.

Curityba, 1907.

A minha vida agora é assim como um castello,
Como um castello em ruinas,
Onde se ouvem canções de dôr do setestrello
Nas horas vespertinas...

Quantas vezes ahi, o coração exhausto,
A' sombra dos rosaes,
Não me julguei feliz, vellando alegre e fausto
Meus sonhos aromaes!

Mas, nesse tempo eu tinha um céo de pombas mansas,
Mais alvas do que a neve
E aninhava em minh'alma um bando de esperanças
Que a fórma não descreve;

Seguia-me a ventura e entre risadas francas
Dizia-me feliz
E tinha no meu verso, entre boninas brancas,
A candidez de um liz;

Brilhavam-me na bôca as petalas do riso
Numa iriação de paz,
E eu pensava que a vida era esse paraizo
De beijos e lyriaes;

Não sabia explicar ainda o que era a magua
Com quem hoje eu relucto,
E os olhos nunca eu tive assim tão rasos d'agua,
Tão cercados de lucto...

Mas, nesses tempos bons, não era isto que vês,
O meu castello, agora...
Era um castello de oiro e perlas para reis
De purpuras de aurora.

E o que me resta, pois, de tantas pompas finas,
De tanta magestade?
— Resta-me o que hoje vês: Só ruinas sobre ruinas
E um mundo de saudade!...

E assim a minha vida é bem como um castello,
Como um castello em ruinas,
Onde se ouvem canções de dôr do setestrello
Nas horas vespertinas...

(Das FLORES DA MEIA-NOITE).

C. Milnerzette (*C. R. Teixeira de Freitas*).

PIANOS RITTER Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

O Poeta Antonio Correia de Oliveira

O drama do « seu novo » credo

Com o coração candido, em entre-parenthesis, como se o segredasse num confissionario, diz elle das « Tentações de Sam Frei Gil »:

Fumo esteril de um lume occulto e fundo:

Effectivamente, sem cuidar do fumo que haja, que algum haverá, pois que só uma combustão perfeita é que o não produz, e muito menos ainda do seu resultado, já quanto á satisfação artistica do autor, já quanto á influencia moral sobre quem o leia, o poema, embora se possa considerar como escripto á margem dos « Enigmas do Universo », a modo de commentario mystico e esthetico ás syntheses haeckelianas, por ser concorde á essencia de sua doutrina, que a imaginação corporiza nas mais apprehensiveis e visualizadas imagens, e a que o sentimento imprime um fremito lyrico, com a tão apoiada theoria scientifica e philosophica do monismo, o poema, dizia eu, irradia, comtudo, substancialmente, desse proprio

lume occulto e fundo,

desse atavico e hereditario fóco, desse deposito de energia mental que as gerações, encadeando-se, se transmittem numas ás outras, e que fórma a illimitada e entre consciente e instictiva zona de subterranea claridade, ou seja, á força de humanizada, a divina e divinatoria intuição.

As gerações dos que, de sangue em sangue,
Passaram neste mundo antes que eu fosse,
Sobrevivem em mim e me dominam
Com a diversa paz das suas almas,
Com as sombras do tempo em que viveram.

Vê-se bem, pois, que está aqui uma creatura para quem a vida interior existe, e attingindo até fórmas vehementes. E' um insoffrido do infinito que se precipitou, pouco mais que alumiado pelo seu intuitivo clarão,

No tumulto vital do Pensamento,

com o decidido e obstinado proposito de

Ver Deus de olhar a olhar

e de trazer desse espectaculo não só a explicação da vida comica, senão o estatico socego de uma fé, de que almas, como a do Sr. Correia de Oliveira, têm uma necessidade visceral.

Certo que a fé, por sua definida e energica essencia, é um acto claro da vontade, mas, precisamente por isso mesmo, é que a lucta na substituição de uma por outra é mais viva e aguda do que na do sentimento, e idéas que sejam de natureza menos actuante.

Num espirito, que pretende ter na mão o segredo do Universo maneiramente quasi como se tem o de um eloquente, trava-se uma verdadeira e posivita crise de ancias, angustias, arrepillos, exactissimamente como para a conquista de um corpo appetecido. E, a proposito, sobre a differença entre o « Ara », a perfilada face da physionomia philosophica de que as « Tentações de Sam Frei Gil », são a feição cheia, este pequeno parallelo: « Ara », é assim como um idyllio com as graças alvorescentes e os balbuciantes sorrisos de um amor todo a madrugar nos olhos, liberto ainda o coração do que

seja a tenaz do desejo; emquanto que as « tentações de Sam Frei Gil » (e o nome lhe basta) são a paixão com a ardencia, a febre, o frenesi da posse, são o drama em que a alma se convulsiona e estorce, desvaira e delira até ficar ou vencida na demencia sombria ou victoriosa na exultante loucura.

Eu quero
Sentir em mim tua alma, ó Natureza,
Eu quero que tu sintas a minha alma.

Ouviram-nos ? ! E' um grito paroxismatico de crise. E não se diga que os mysticos não soffrem como os sensuaes. Não será o espirito o perfume da carne ?! Se o é, que admira que os soffrimentos de uma e outra paixão tanto se pareçam ? ! Quanto, pelo menos, aos gozos, são elles então parecidissimos. Vejam S. Francisco de Assis, o mais louco, mas o mas casto dos mysticos:

Por isso mais não tardes;
Amor, me acóde agora
Ligado me devora,
Consuma-me o ardor.

Ora, vinha eu dizendo que era um grito paroxismatico de crise, esse inflammado impeto da Natureza e da sua ávida transfusão nella. E a logica verdade é que não podia ser de outra maneira, porque expulso da antiga e tranquilla fé, a dos seus « doces corações », e impellido a substituil-a pela crença da sua cultura e ambiencia, não por prurido frivolo de moço trajado á moda intellectual do tempo, mas pelo desenvolvimento da sua personalidade, não lhe era permittido fazer essa mudança, como se faz, « verbi gratia », a de uma mobilia, e ainda se poderá dizer, sem cair, talvez, em pieguismo pantheista, que ella se dóe e se dóe o que está junto della, como sejam lasca de moral e arranhadura da parede a que se encostara....

* * *

E' um San Frei Gil, o valido de Affonso III, o rei que, na historia e não nos «Luziadas»

deita fôra
O mouro, mal querido já de Marte,
E acabou de opprimir a nação forte
Na terra, que aos luzos coube em sorte,

o maior e mais resplandecente portuguez de interrogação e busca, o « nosso Doutor Fausto », como lhe chama Garrett, que o Sr. Correia de Oliveira põe a viver o drama que atravessou a sua alma na formação do seu novo Credo, confiado de que essas cousas, piedosa e orgulhosamente recolhidas, do seu primitivo e profanado tumulo de Santarem, na capella, em Lisboa, dos marquezes de Penalva, seus parentes, hoje reanimadas, interrogariamos, no « valle assombrado de arvores verde-negras e sumido por entre um tumulto de cerros altissimos », como elle, de facto, ahi interroga, encarnado na « figura alta e agreste » do santo:

O' visagem da terra irmã dos mundos,
Que Espirito profundo te possue ?
Que divino poder endemoninha
Tua serenidade, teu mysterio,
Que perturbas minha alma e pensamento,
A minha herdada paz religiosa ?

Encarnação esta rigorosamente deduzida da doutrina do poeta, em cuja alma se levanta

o herdado espirito
Dos seres de quem sou, pois delles venho...

e em cuja mesma alma se fere a bata-

REX pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa está habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.

lha tremenda de espiritos oppostos e diversos:

Eil-os em mim, os Mortos! num conflicto
Das mais contrarias almas incoherentes:
Pois o meu pensamento ancioso e livre
Procura Deus em plena Natureza
O nega, face a face, ante os altares
Tanto deus ensinado; porque rezo
E me benzo, em temor, com mão furtiva
Se me assombra uma angustia, ou dôr ou medo?

A lucta é trabalhada, accidentada, desvairada até, como o demonstra esta passagem, em que perpassa um bafo suicida:

E, ás vezes, é tão grande esta intima
Suffocação de sombras e de angustias,
Que eu quizera rasgar o peito a unhadas
E bradar, com voz cortada e rouca:
Dai-me luz! dai-me luz! que a malandante
E vagabunda vida desta vida
Ameaça minha alma com a morte,
Seu insulto carnal e derradeiro...

Como, porém, se lembrasse de ter ouvido, um dia, este convidativo e perturbante murmurio das cousas:

Se foi a nossa Mãe a mesma Nevoa;
Se nos abriu a vista o mesmo Fogo;
Se o mesmo mar nos deu a vida e o rythmo:
Por que não nos entendes, nem conheces,
O' nossa irmã em Deus, e não nos amas?

brada elle então, em meio da sua angustia, pela voz da tentação, que acode, prompta, e, ao depois, assim se define:

Sou a voz instinctiva da verdade,
A voz do pensamento, pouco a pouco
Erguida sobre a tréva e sobre o mundo.
Trago os homens ao cimo da montanha,
Para que vejam Deus e a natureza,
O amor, a morte, a vida definirem-se
Na expressão da belleza e da Bondade...

. . . . . .

Depois das tentações do amor e da morte, emfim exulta o poeta:

Manhã de maravilha e renascença!
Tambem comtigo renasceu minha alma:
E o céo, é novo; é nova, a terra; a vida
E' cheia de belleza e de doçura...

Na « Tentação do amor » estremecem e fremem todos os seres em beijos sofregos e abraços fundentes. E' o noivar da creação gerada na « volupia sombria » da eternidade com o infinito.

No translucido espasmo das distancias...

Houve até quem, por mais padre-mestre, preleccionnasse sobre a materia, como, por exemplo, o frascario mar:

Eu fui o que ensinei primitivamente
A' terra inconsciente, agreste e rude,
Artes de amor divino, quer erguido
Em aluado espasmo, quer beijando
Morna nudez de fragoas...

Na « Tentação da Morte » acadinha-se e aperfeiçoa-se a vida pela exclusão e pela transformação. Irão ambas

aos poucos desbastando
A illusão corporal que enleva os homens
Até que chegue um dia (suprema espiritualiza-
[ção!)
Em que já pese a propria fórma da aza
Por alma e corpo já ser tudo um vôo...

De uma urna de barro embebida de essencia de rosas caiu um pedaço na terra e delle nasceu uma roseira e desta uma rosa de um aroma mais subtil e penetrante do que aquelle de que saïra:

Urna florida, em seu perfume e fórma
Ella contém, agora, mais virtudes,
Mais verdade de vida e natureza,
Do que no barro a essencia que já fôra:
Eis como a vida faz suas jornadas
De perfeição e belleza eterna.

Na « Tentação da vida », a parte exclusivamente moral e social do poema, sobre as varias prégações, destaca-se a da sombra de Jesus:

No mesmo Amor e mesma Sympathia
Hão de as almas fundir numa só alma.
Pois toda a vida ha de já ser vivida,
Não através dos corpos para as almas,
Levando ás almas a illusão da Carne,
Mas através das almas para os corpos
Levando á Carne o resplendor do Espirito,
Dominando-a e movendo-a no sentido
Do seu destino universal e eterno.....

Assim se de todo este poema em verso branco, mas sempre musical e tanto, que géra até, ás vezes, a illusão da rima, e numa linguagem de um accento tão fagueiro e nosso, eu disse, logo de principio, que elle era o commentario mystico e esthetico á doutrina monista, direi agora, para terminar, que elle é tambem a poetica e limpida dissertação sobre este conceito de Kant: não tem outra explicação nem outro fim o mundo que não seja o fazer moralidade.

PORTICO

(*Franklin Magalhães.*)

Loira! Atravez da luz do seu olhar,
Como atravez da luz do seu sorriso,
Brilham-me a aurora e o sol, e esplende o luar:
— A aurora e o sol e o luar do Paraiso!

Rimas defeituosas

Percorrendo-se o amenisssimo *Campo de flores* de João de Deus, encontram-se muitas rimas forçadas, inadmissiveis, condemnadas pelos cultores da fórma.

O illustre e consagrado poeta luzitano rimava *oraçõ̃es* com *sóes*, *foi* com *suppõ̃e*, *atóle* com *sol*, *valle* com *egual*, *próvem* com *louvem*, *perpétua* com *acceito-a*, *melindrosa* com *cousa*, *toleima* com *dilemma* e *mãe* com *tambem*.

Quanto á ultima rima, si é aceitavel em Portugal, porque lá se pronuncia *tan-ban-e* (vide o *Diccionario Contemporaneo* de Caldas Aulete), é intoleravel no Brasil, porque deste lado do Atlantico ninguem diz *tan-ban-e* e sim *tambem*.

Apologista sincero de João de Deus, Alexandre Fernandes (ha pouco fallecido) acompanhava aquelle mestre e rimava *mãe* com *bem* (*Rosas*, pag. 7):

E's a esperança, oh mãe!
.....
Como eu te quero bem!

Rimava *luz* com *azues* e com *paues*, *laureis* com *pés*, *estro* com *sceptro* (*Pergaminhos*, pag. 36):

Quantas vezes o teu estro
Teve o poder deste sceptro
Da realeza do bem?

Rimava *espalha* com *Italia* (*Magnolias*, pag. 16):

Recordando inda este applauso
Que a teus pés hoje se espalha,
Sentirás, mesmo na Italia,
Gratidão pelo Brasil.

Abusava dos feios *p'r'os* e *p'ra*, como se vê nas *Magnolias*, pag. 15:

A Bahia, mãe bondosa,
Cujos braços estendidos
Estão sempre p'r'os vencidos
Ou p'ra quem sabe vencer.

DAMASCENO VIEIRA.

REX pianista, adapta-se a qualquer piano: uma criança pode tocal-a. CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

O BALÃO

Distante, em meio o azul e as estrellas, fulgindo
A' pratea luz do luar que em claros tons se espraia,
Ergo o olhar e descubro,
Por entre refracçõas, ir pelo espaço infindo
Um astro inquieto e novo, um sol de estranha laia,
Um ponto movel, rubro,
Que ascende.
Sóbe; e sempre a fulgir os ares fende;
Sóbe mais... Com o olhar sigo-o : não paira.
Quasi o perco de vista... Eil-o esmorece...
Mas, presto, aclara... sóbe... Assim já me desvaira;
O olhar cança em seguil-o; afadiga-se; e... desce;
Já o não posso fitar que me dóe a retina
Por excesso de esforço... E nada vejo em torno
Sinão scintillações que, a s meos olhos, o morno
Ambiente cruzam, tal si uma chuva divina
De raios igneos fosse...

— E o ponto rubro, no ar, deluio-se; finou-se.

Orgulho humano!
Mesmo com as suas maos, ha alguns momentos o homem
Desdobrava com zelo o papel fraco e iriado...
E já agora impedir que as refracções que, ufano,
Elle promove no ar, no espaço constellado,
A vontade de olhal-o ainda uma vez, lhe domem,
Nao póde, que é vencido!
— E, homem, tu mesmo côr ao balão déste
Para, em iris, galgar o azul-celeste!...
Comtudo, apenas quando elle se vio partido,
Livre e prompto a seguir, de todo sôlto da haste
Em que o tinhas emquanto o bojo seu enchias
De ar, e quando floqueado um circulo lhe ataste
E ahi de qualquer gaz inflamavel lhe havias
Ungido os fios, eis que, lhe chegado o lume,
Presto aos ares se fez, como quem se presume
De alguma coisa ser á sua custa apenas!
— Subir sempre! subir!... fez-se o seu grande sonho.
Tu te ficas embaixo, e o teu olhar tristonho
Cança de vêl-o, cança!
— Tal si houvesses mandado ás estrellas serenas
Tua ultima esperança!

Como quem sólta, acaso, um balão de papel,
Cujo intuito é sómente em fazer que elle suba,
Vêl-o altaneiro vôar pelo espaço infinito :
Tal no espaço tambem infinito e revel,
Que é a preferencia humana, em estertor, num grito,
Sólta uma idéa o poeta... Esse grito derruba,
Muitas vezes, o mal, o erro e a vaidade e o crime
Dos homens! De Caim faz um santo; redime;
Espalha o bem por tudo; e refulge; e seduz;
E onde ha treva, derrama um jorro bom de luz!...

Mas... quanta vez, ah! quanta! esse grito é abafado!
Quanta, por mais que faça, essa idéa não médra
Nesse do juizo humano interminо valado,
Tal semente na pedra.

Ah! succede tambem, ao ver-se no ar,
O balão se queimar!
Subir!... Poeta, é o teu sonho, o teu fito constante,
Ver a idéa subir... e seguil-a, offegante...
E o vulgo ver, basbaque, olhando-a entontecido,
Como faz ao balão de variegadas côres...
— « Subir sempre! subir!... E eu por onde te fôres,
Comtigo hei ser tambem »... — dizes á idéa... E o ruido
Da multidao nem ouves, as ameaças!
— Ante ella, emtanto, poeta, é que é preciso faças
A idéa não cahir!
E que, aos fátuos ferindo impavida a retina,
Ella tenha por onde, immacula, divina,
Livre ascender! — E entao, poeta : — Subir! subir!

— Alagôas — ALVES DE AMORIM.

O KINETOPHONE

(Invenção brasileira)

Oswaldo de Faria é uma dos talentos que por ultimo tem chamado a attenção do mundo sobre o Brasil.

O engenho inventivo do joven Brasileiro Oswaldo de Faria acaba de se affirmar novamente na creação de um apparelho extremamente interessante e que me parece destinado a um grande exito pratico.

Intitula-se esse apparelho *Kinetophone Faria*. Por amavel convite do inventor assisti ha dias a uma experiencia que delle se realizou perante um pequeno grupo de membros das colonias brasileira e portugueza de Paris e desejo referir-lhes as minhas sinceras impressões.

Na fabrica que se está montando para a producção desses apparelhos (pois que um grupo de capitalistas, farejando um excellente negocio, se constituio para explorar, com grande largueza de meios, o invento do joven electricista), improvizara-se uma installação analoga á de qualquer cinematographo. Diante dos espectadores desdobrava-se um largo caixilho forrado de téla branca, tapando completamente a extremidade do recinto. A um dado momento começou-se a ouvir, reproduzi la por um phonographo, a maravilhosa voz de Battistini, o famoso barytono, entoando, acompanhado por córos, o canto de Carlos V, na scena do perdão, no Ernani, de Verdi. Os sons vinham da banda do tal caixilho de téla, como se o phonographo estivesse por detrás delle.

Terminado o trecho, toda a gente suppoz que esse numero musico-phonogra-

WILLIAMS VISIVEL, a machina de escrever mais resistente e simples.
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

phico lhe havia sido offerecido como simples entretenimento, para lhe inspirar paciencia emquanto se ultimavam os preparativos para o verdadeiro espectaculo, quando o inventor veio explicar, com grande precizão de termos e já aquelle desembaraço que dá a confiança na sua propria obra, que o trecho musical que se acabava de ouvir havia sido executado pelo phonographo, precizamente no ponto opposto áquelle de onde provinham os sons. O apparelho estava collocado por detrás dos espectadores e não diante delles, os sons eram transmittidos electricamente a duas placas vibrantes que os reenviavam ao auditorio, creando uma illusão auditiva completa. Como podem suppor, esta explicação suscitou geraes applausos.

Dahi a momentos fazia-se escuridão completa na sala e o caixilho de téla illuminava-se, reproduzindo uma paizagem, onde se agitavam grupos de camponezes bretões. Destacava-se delles a figura conhecida do cantor Charlus, do Eldorado, que, sobraçando uma gaita de folles e vestido tambem á moda da Bretanha, se punha a cantar uma canção local, dansando ao mesmo tempo, acompanhado nos seus movimentos pelos outros camponezes. Esses meneios, os gestos do cantor, as expressões da sua physionomia e até os mais pequenos movimentos dos seus labios, articulando as palavras da canção, offereciam concordancia absoluta com os sons emittidos pelo apparelho phonographico. A realização dessa concordancia é o que constitue essencialmente a invenção do Sr. Oswaldo de Faria. A idéa de fazer executar simultaneamente por um phonographo as musicas ou as dansas reproduzidas por um cinematographo accorrera já a muita gente, mas nunca se conseguira obter o synchronismo absoluto, que é a condição essencial da illusão perfeita. O Sr. Oswaldo de Faria resolveu o problema por meio de um engenhoso e complicado mecanismo, que liga os dous apparelhos — phonographo e cinematographo — do modo mais estreito, mecanismo inteiramente da sua invenção e que se adapta a numerosas combinações e applicações de systema.

Entre varias outras exhibições kinetophonicas que se seguiram, tiveram os convidados do joven inventor a agradavel sorpreza de assistir a um *cake-walk* dansado por uma das mais graciosas meninas da colonia brasileira, que a uma notavel formosura reune um não menos notavel talento de musicista. Servia-lhe de par seu proprio irmão. Era pois, um *cake-walk* de familia, um *cake-walk* branco, se me é permittido designal-o assim, e que só muito vagamente se assemelhava á descabellada e desconjuntada choreia que esse nome evoca. Mas o que perdera em desarticulação ganhara-o em delicada reserva. O mais interessante, porém, é que o original da imagem, que assim volteava no *écran* estava entre os assistentes e se via a si proprio *cake-walkando* ligeiramente. Foi talvez essa a primeira vez que ella teve a revelação integral da sua propria gentileza e graça.

Pelo que fica dito, vê-se que não fui máo propheta quando vaticinei ha poucos mezes neste lugar um brilhante futuro a esse quasi adolescente, de quem os mais illustres sabios de Paris haviam saudado a primeira descoberta como a manifestação de um engenho raro. Eil-o á testa de uma importante empreza, creando vida e trabalho em volta de si, a caminho talvez de uma grande fortuna e de um grande nome. Se é certo, como disse o poeta, que nada ha mais doce no mundo que os primeiros alvores da gloria, o momento que elle está vivendo agora deve ser deliciosamente feliz.

J. S.

Noite de Nupcias

De flores mil atapetado eu vejo
Entre os fulgores de uma luz mimosa
O teu quarto de noiva, ó graciosa!
Quarto que inspira divinal desejo.

E' n'elle que terás toda amorosa
De corar com sublime e doce pejo
Quando louco de amôr eu der um beijo
Em ten collo ou na bocca perfumosa.

E então eu te verei, seio arquejante
Ao palpitar do coração amante
Tendo o gôzo nos labios bem risonhos...

N'esta noite de ardencias desejada
A tu'alma terás inebriada
Pelas delicias de encantados sonhos!...

Rio, Novembro de 1904.

J. L. Pereira de Carvalho.

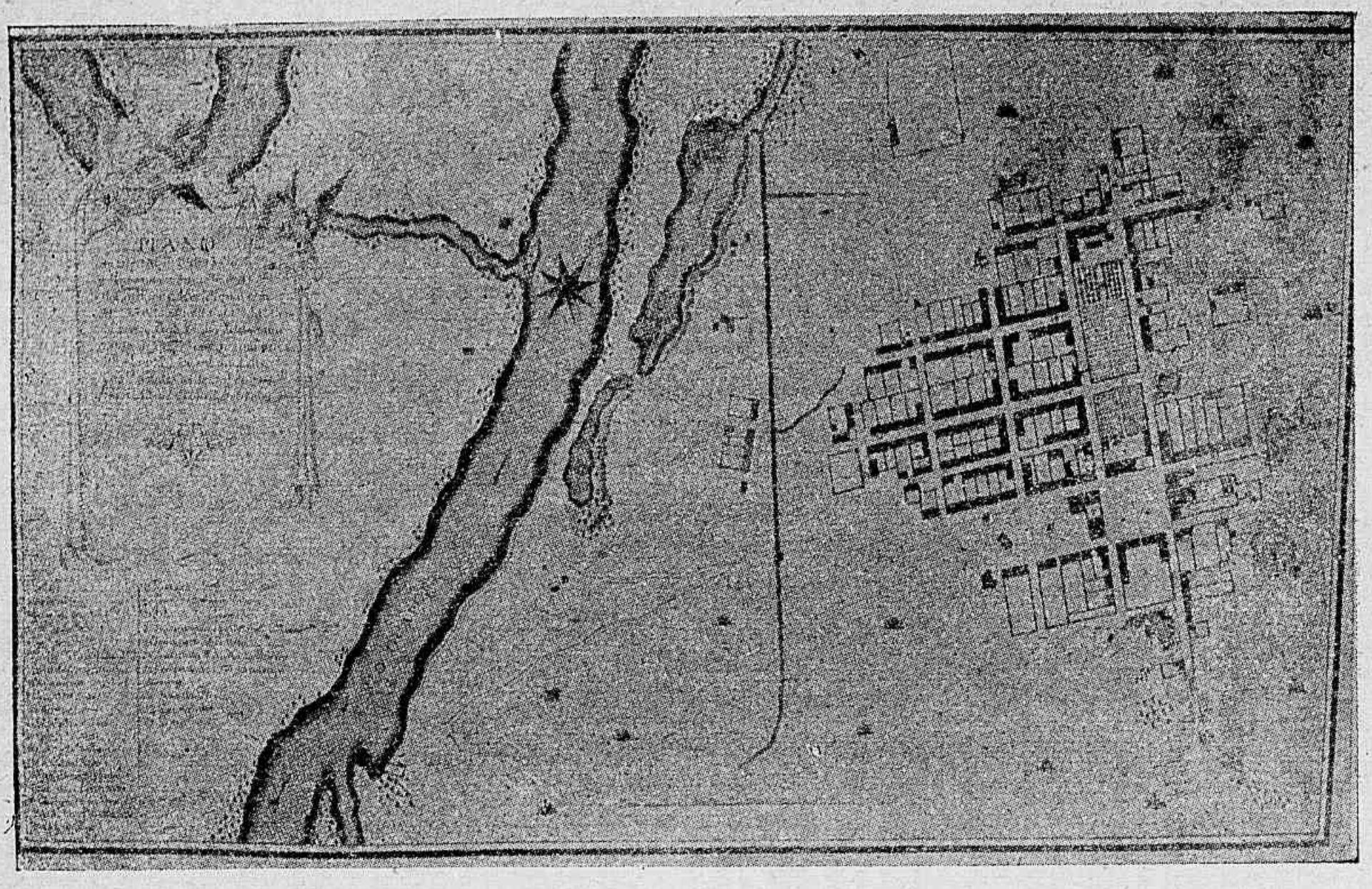
Das « *Primeiras Rimas* », Livro inedito.

Mappas do Brasil

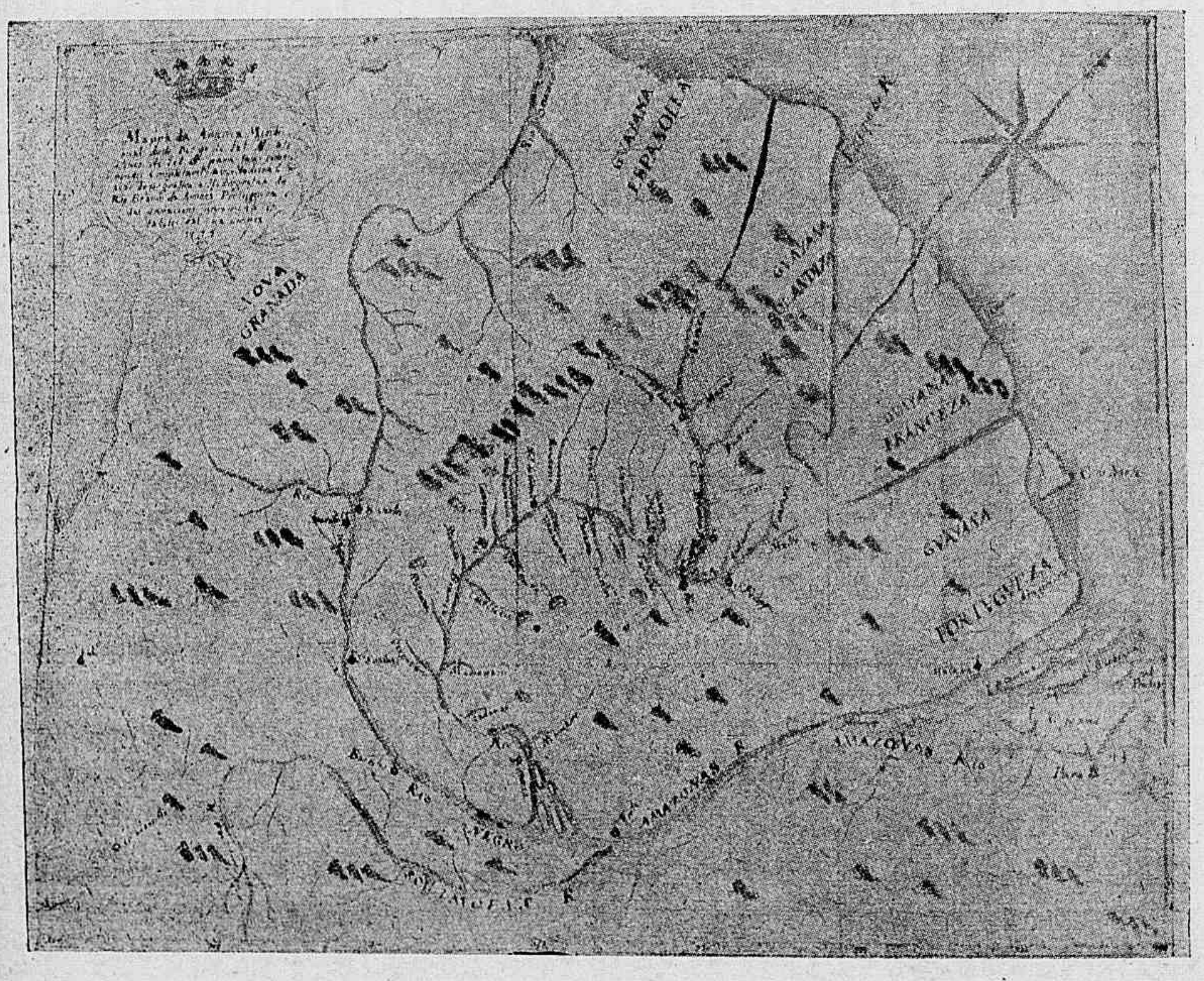
Da Bibliotheca do Porto que possue muitas preciosidades da historia portugueza são as duas cartas que reproduzimos. — Uma é um antigo *mappa da America meridional*, por onde se veem claramente os nossos limites ao norte com as Guianas ingleza (parte da hollandeza) e franceza, bem marcados pelo *divortium aquarum* figurado por montanhas. O mappa é de 1778 e visa aclarar a situação hydrographica e topographica do Rio Branco da America portugueza e abrange a região de 10° lat. N. até 5 gr. ao Sul do Equador.

A segunda, tambem de muito interesse para a nossa historia, é

SMITH VISIVEL, a machina de escrever que reûne as qualidades de todas as outras.
CLUBS CASA STANDARD.



Plano da Capital da Villa-Bella do Matto Grosso (Bibliotheca Municipal do Porto).



Antigo mappa da America Meridional (Bibliotheca Nacional do Porto).

um plano da cidade de Villa Bella, capital do Matto Grosso, levantado por ordem do capitão general da capitania em 1777. Como são ambas as cartas, ao que suppomos, desconhecidas no Brasil aqui as reproduzimos para informação dos leitores.

DIANTE DA CEIA DE LEONARDO

Ao lado da pequena igreja de S. Maria delle Grazie, em Milão, a humanidade assiste, ha quatro seculos, ao espectaculo tristissimo da morte de uma obra prima, uma das mais soberbas e completas producções da pintura, a conhecida Ceia do Senhor, de Leonardo da Vinci.

E' doloroso ver como a ruina vai augmentando lenta, cruel e progressivamente.

As figuras se vão apagando, as côres vão desmerecendo, o salitre da parede mantem constantemente a humidade, os fragmentos de tinta cada dia se desaggregam, e o conjunto offerece o aspecto de uma desgraça absolutamente irremediavel.

Leonardo, obedecendo aos seus instinctos de reformador e de revoltado, recusou-se a pintar a fresco a pintura que lhe fôra encommendada para a parede do refeitorio dos dominicanos.

Preferiu pintar a oleo, segundo um processo de sua invenção, que lhe permittia os continuos retoques, incompativeis com a pintura a fresco. Infelizmente, essa invenção trazia em si a morte da pintura, como aconteceu, além da Ceia, a outros trabalhos do mestre.

Cincoenta annos depois de concluido, começou o quadro a manifestar os signaes da ruina que o degrada.

A humidade da parede, a vizinhança da cozinha, que projectava fuligem e fumaça, e uma inundação, que encheu de agua a sala do refeitorio, durante alguns dias, reunidas á acção corrosiva do tempo, já bastavam para destruir o quadro, cuja composição trazia em si os elementos da morte.

Veio ainda a bestialidade humana, mais cruel que a fria impassibilidade dos agentes naturaes, apressar a ruina completa da obra, ante a qual toda a arte e sciencia dos tempos actuaes se confessam impotentes. Foi assim que os frades principiaram por abrir uma porta na parede, sacrificando parte da mesa, bem como as pernas do Christo e de alguns apostolos. Houve pintores que se metteram a retocar o quadro, emendando, borrando e raspando. Os soldados de Bonaparte, na invasão de 1796, instalaram no refeitorio as ca-

SMITH VISIVEL TEM O MAIOR INVENTO em machinas de escrever : ARTICULAÇÕES COM ESPHERAS.

vallariças e divertiam-se em alvejar as cabeças dos apostolos, deixando vestigios que ainda foram observados por Stendhal. Finalmente, vieram viajantes que não resistiram ao prurido idiota de arrancar pedacinhos da parede para formar estupidas collecções.

Ha annos o governo italiano mandou fechar o Cenaculo, hoje monumento nacional, e encarregou uma commissão de artistas de estudar os meios tendentes a impedir a completa ruina.

A commissão opinou, honestamente, pela conservação do " statu quo", attenta a impossibilidade de retocar o quadro ou removel-o para logar mais adequado.

Reabriu-se, pois, ao publico o Cenaculo vinciano. Hoje não ha senão assistir resignadamente á cruel dissolução, que vai lentamente matando o corpo da bella pintura.

Digo o corpo, porque a Ceia tem uma alma, e esta verdadeiramente immortal, como todas as grandes creações da arte. Com effeito, de todas as Ceias do Senhor, que inspiraram tantos artistas, antes e depois de Leonardo, nenhuma encarou tão bem a scena, que constitue um dos mais dramaticos episodios da lenda christã, como a pintura, que hoje vai ingloriamente morrendo na parede de S. Maria delle Grazie. Tão conhecida é ella de todos, que quem quizer representar a Ceia, basta fechar os olhos, para ter, consciente ou inconscientemente, a imagem de obra de Leonardo.

Ailás, as boas cópias abundam, grande parte quasi contemporaneas, ou pelo menos feitas em época em que a destruição não tinha chegado ao estado actual. Existem tambem esboços do proprio Leonardo, em varios museus da Europa, e, principalmente, conserva-se na Brera de Milão um admiravel desenho da cabeça do Christo, de tal expressão e suavidade, que poderia servir de illustração ao typo de Christo idéado por Ernesto Renan.

Desde a Renascença, de que elle é talvez o mais typico producto, tem sido o quadro amplamente commentado e analysado. Os mais bellos espiritos de então para cá têm-lhe dedicado paginas inolvidaveis. A alma do quadro está, pois, tão espalhada e difundida pelo mundo, que ao penetrar-se no humilde refeitorio dos dominicanos, tem-se apenas a impressão de assistir á lugubre agonia dos miseros vestigios do corpo. Insensivelmente a gente pisa nas pontas dos pés, como ao presenciar os ultimos momentos de uma pessoa. Com o olhar angustiado, procuram-se avidamente, e em silencio, os restos apagados das figuras tão familiares, e passada a primeira impressão de frio mortal, deixada pelo conjunto, o exame das minudencias abate o espirito, ao peso de uma irremediavel catastrophe.

Poucas physionomias dos apostolos conservam-se ainda com apreciavel nitidez. Judas, coberto de uma crosta esverdeada, toma uma expressão tetrica, que mais lhe realçam o olhar turvo e a longa barba sombria. Dois apostolos, um á direita e outro á esquerda do Christo, com as bôcas grotescamente mutiladas, contorcem o rosto numa caricatura horripilante e macabra. No centro, a figura do Christo, amarelecida e apagada, dillue-se numa especie de nimbo, a que servem de sombra os lamentaveis restos da paizagem do fundo.

Sómente as mãos da maior parte dos personagens conservam ainda quasi intacto o antigo vigor, a que Montaigne dedicou um bello capitulo. No momento em que o Divino Mestre, no meio dos seus discipulos, diz com toda

a serenidade que um delles o trahia, Leonardo da Vinci procurou pintar o effeito dessa subita revelação em cada uma daquellas doze almas ali reunidas. E, uma vez que hoje, no estado actual do quadro, é difficil ler a expressão das physionomias, umas apagadas, outras transformadas grotescamente, as mãos quasi todas intactas, revelam a agitação que ia pelos discipulos. Umas lavantam-se para protestar, outras rompem energicamente em gestos de vingança, outras interrogam, outras duvidam. As de Christo, divinamente serenas, procuram calmar a agitação, sem adiantar, porém, esclarecimento algum sobre o nome do traidor. As de S. João, num suave abandono, unem-se, talvez para orar. Judas, com uma mão aperta convulsamente a bolsa que contém o premio da traição, e estende a outra num gesto hypocrita de interrogação ou de defesa.

De todo aquelle conjunto de destroços destacam-se admiravelmente aquellas mãos que falam.

E eis tudo o que resta da obra prima, á qual Leonardo da Vinci consagrou doze annos de trabalho e meditações. Estranha sorte a do grande artista que, mais que todos os outros, encarnou o genio da Renascença. As suas grandes obras desappareceram. Da Ceia, deploravelmente mutilada, restam os miseraveis vestigios que acabámos de ver. O colossal monumento de Francisco Sforza nem chegou a ser fundido. O modelo em argila, exposto na Piazza del Castello, foi destruido pelos soldados de Luiz XII, de França, quando invadiram Milão. O grande quadro da batalha de Anghiari, com o da guerra de Pisa, pintado por Miguel Angelo, em concurrencia provocada pela " Signoria ", de Florença, depois de ter ficado longo tempo como " escola do mundo ", na phrase de Benevenuto Cellini, desapparecu completamente, com o seu rival.

Restam, porém, as suas admiraveis Sacras Familias e Madonas, a sua Gioconda, cujo sorriso enygmatico tem perturbado tantas gerações, esgotando os epithetos admirativos, os retratos das bellas damas da côrte de Ludovico il moro, e os desenhos, bosquejos e estudos, em que se podem admirar a firmeza dos seus traços e a poesia do seu espirito.

Restam os admiraveis manuscriptos, onde elle deixou gravada a sua alma poderosa de artista e de pensador, antecipando descobertas recentes de physica e mecanica, precedendo a Bacon na applicação do methodo inductivo, elevando-se das mais precisas e arduas questões de mathematica e de engenharia ás mais vertiginosas concepções de alta metaphysica.

Quando a Renascença abria um novo derivativo ao idéal artistico, salvando-o da brutalidade sensual da vida de então, com a volta pressurosa aos impassiveis modelos do hellenismo, Leonardo de Vinci adivinhou o sentimento das gerações futuras, e, adiantando-se ao pensamento do seu seculo, teve a alma torturada pelos angustiosos problemas que ainda hoje nos perturbam, a nós, homens do seculo XX.

Entre os seus grandes contemporaneos, a originalidade do seu espirito destaca-se, unica.

Elle não foi um sombrio asceta como

CLUBS DA CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio :
VENDAS A PRESTAÇÕES SEM AUGMENTO DE PREÇO.

Miguel Angelo, nem, como Raphael, um sceptico amavel e condescendente. Conservou se nobremente pagão, através da dissolução dos tempos que o christianismo dos Papas, Borgias e Medicis já começava a não poder conter. As suas pinturas religiosas revelam um pensamento mais alto do que o estreito symbolismo do dogma catholico, pois os seus Christos são homens divinizados, e as suas Madonas são verdadeiras mães, idéalizadas pelo amor. O seu pensamento exclue a revelação, nem se lhe encontram em toda a obra, exclusivamente humana, os anjos, os resplendores, os paraisos, e mais symbolos mythologicos, a que não escaparam pintores de maior momento.

A cada passo resalta a mestria do seu pincel independente, penetrado de um largo naturalismo, mas espiritual, como a alma de um grego.

Que sensual ardentia na Leda, Galeria Borghese! Como é dionisiaco, e mysteriosamente perturbador o São João Baptista, do Louvre! Se não fosse a Cruz do Precursor, quem não diria ao vêl-o que era um joven Bacho, seduzindo pela poderosa magia do olhar os que lhe puderem resistir á expressão quasi satanica?

E' em todas estas obras, um pouco em cada uma dellas, que paira a alma immortal do grande Leonardo, calumniado e perseguido pelos contemporaneos, mas rehabilitado pelo nosso seculo de scepticismo idéalista. Elle viverá de ora em diante incorporado ao grande patrimonio artistico, ainda que, uma a uma, desappareçam todas as suas pinturas. Não foi debalde que elle proprio disse: " Cosa bella e mortal passa e non d'arte. "

SOUZA BANDEIRA.

Vilancetes

Estão na moda, hoje, os *vilancetes*. Convem pois reler este que é um modelo classico no genero e é de BERNARDIM RIBEIRO, o grande lirico quinhentista, cujos versos foram feitos em *medida velha*, segundo o gosto hespanhol.

Não sou casado, senhora,
Pois inda que dei a mão,
Não casei o coração.

Antes que vos conhecesse,
Sem errar contra vós nada,
Uma só mão fiz casada,
Sem que mais nisso mettesse,
Dou-lhe que ella se perdesse,
Solteiros e vossos são
Os olhos e o coração.

Dizem que o bom casamento
Se ha fazer por vontade,
Eu a vós a liberdade
Vos dei e o pensamento.
Nisto não me achei contento,
Que se á outra dei a mão,
Dei a vós o coração.

Como, senhora, vos vi
Sem palavras de presente
Na alma vos recebi,
Onde estareis para sempre.
Não dei palavra sómente,
Não fiz mais que dar a mão,
Guardai vós o coraçao.

Casei-me com o meu cuidado
E com o vosso desejar,
Senhora, não sou casado,
Não m'o queiras occultar,
Que servir-vos e amar
Me nasceu do coração,
Que tendes em vossa mão.

O casar não faz mudança
Em meu antigo cuidado,
Nem me negou esperança
Do galardão esperado:
Não me enjeiteis por casado,
Que se á outra dei a mão,
Dei a vós o coração.

PASSARINHOS DA CIDADE

(Notas de um convalescente)

Ao Dr. Azevedo Sodré.

Quando, por não se ter ido para a paizagem e para o oxigenio do campo ou para os alcantis da montanha, se convalesce entre telhados e entre quintalejos e do soffrimento se desperta lenta, nova e reconfortadoramente para a vida, a madrugar no achego branco e tépido do leito, emquanto o dia que irrompe penetra pelo estreito quadro de úm janelim com cortinas que deita para as telhas, é que se sente e ouve, como um risonho encanto, como uma linda surpresa que nunca bem se sentira, os passarinhos da cidade.

Na ornithologia urbana do Rio, áparte as andorinhas bohemias dos postes altos, das platibandas e dos fios publicos e as rolas e pintacilgos das alamedas dos parques, elles são dois: as cammaxilrras e os tico-ticos.

Não lhes são, talvez, estheticos os nomes, mas assim foi que os chamou a bôca anonyma da tradição.

Filhos da cidade, o meu amor carióca os ama porque são elles as partituras vivas, as tessituras lyricas e matinaes de azas dos nossos velhos muros limosos, das velhas goteiras e das chaminés do casario.

Mal o dia os acórda, falam-se da cornija de uma janela para o zarcão de um beiral; do zinco de um velho alpendre, ao fundo velado de um quintalete, para a galhada verde de um «flamboyant» na rua; da flexa dos lambrequins rendilhados de uma sotéa para o extremo do pára-raios de uma pequena fabrica perto, onde a machina já áquella hora agudamente apita, na luz ainda indecisa do sol das cinco, chamando á faina do trabalho a tamanca operaria que o convalescente madrugador alegremente ouve passar, batendo a pedra dos passeios, a caminho das forjas, dos tornos e dos teares.

As cammaxilrras chamam-se aos trinos, os tico-ticos falam-se aos pios.

Parece, por vezes, que algum delles pousou fóra, no proprio peitoril da janela estreita ainda cerrada, por onde a luz se côa bruxoleante pelas frinchas dos batentes, como se fôra a alegria e a saúde entrando e a vida tornando a vir. E como já se está familiarizado, pela longa prisão carinhosa da convalescença, com aquella surpresa que antes nunca bem se sentira, com aquelle lindo papeio, em que nunca se fizera reparo, até já se lhes conhece, pela modulação chromatica dos estridulos, pelo registro harmonico do trinado ou pela variante dos pios que elles agora trazem alguma cousa ao bico: um graveto da rua para o ninho ou um insecto para o filhote.

E emquanto a claridade gradualmente cresce, penetrando o quarto pelas dis-

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

juncções e pelas ranhuras da madeira, esbatendo a penumbra do interior e precisando melhor os detalhes, ainda crepusculados e diluentes, dos moveis, dos objectos, das roupas pendentes, das ramagens coloridas do papel das paredes e do espelho amplo do guarda-casacas, como um quadro polido de luz leitosa, esmaecida, o convalescente attende e ouve, a quando e quando, no exterior em que o dia nasce e através do gorgeio e do dialogo sonoro dos tenores das telhas e dos beiraes, o ruflar secco e cortante da aza triangular das andorinhas, passando rapidas, batendo quasi a colleira branca e o peital azulineo nos caixilhos, ainda fechados, para seguir além, acima dos pontaes dos predios e adiante baixarem, tocando leve a pennugem do ventre no grammado rasteiro e humido dos coradouros.

Em pouco, o leite chega retemperador e quente, trazido pelas mãos amigas do carinho e os batentes, então, se semi-descerram e a claridade invade de todo. E através dos vidros, que a primeira restea solar avermelha em incendio, os tristonhos, os dormente olhos vêem, agora alegres, ao alto da esguia e negra chaminé vizinha, a alma sonora da cidade, a cantar, a cantar, a cantar irriquieta com o bicosinho erguido como a sorver a luz fresca e a devolvel-a em sons, para alegria dos quintalejos e dos terraços, para consolo e encanto dos convalescentes e para gloria dos beiraes.

E por ter falado em andorinhas, deixem que o diga : ha um paiz das andorinhas.

E já o sabem ; de certo sabem.

E' aqui o Rio.

Aqui ellas nascem, ellas vivem, ellas amam, ellas morrem.

Não emigram.

Não é preciso emigrar.

A folha nunca amarelece, porque se amarelece e cae, já outra desabotôa, verde. A flor nunca se extingue, porque se para esta o triduo d'ouro cessou para aquella o novenario irisado começa. O azul nunca se desanila. A paizagem nunca envelhece, nunca se despe.

E a agua canta sempre a cantiga branca do frescor, limpida e fria, como uma prata nova, polida e clara, que colleia e que fala, nos váos das mattas e nos grotões do Corcovado e da Tijuca, que é a terra das « paquerettes » brancas e das borboletas azues, e na calha sinuosa dos regatos, na Inhaúma, no Irajá onde a laranja de ouro rescende e a tangerina embalsama.

E a grimpa verde e sylvestre das montanhas : a Santa Thereza e a Nova Cintra acenando triumphal as palmeiras ?

E o encanto da serra, fugitiva e azul, a se alongar para as lavouras, a se afastar para os roçados, a se perder na distancia, para os socegos do Realengo e para os escampos da Santa Cruz ?

E' a Chanaan dos passarinhos.

Que Deus te apadrinhe sempre, como te tem sempre abençoado, Terra Promettida da bohemia sonora e livre que canta e que vôa.

Ah ! O paiz das andorinhas ! O paiz das andorinhas !...

Setembro, 1907.

LIMA CAMPOS.

EXCERPTO

(*A João Ribeiro*).

. . . . . .

Bateram á porta.

— Vê quem é!... ordena Isita á creada.

Um novo personagem entrou, a perguntar no limiar : « Dão licença?

— Póde entrar.

Houve apresentações.

O vizitante, rapaz com geito de gente de imprensa, gravata vermelha, flor ao peito, olhar intelligente, maneiras desembaraçadas, depois das saudações, dirigio-se ao André.

— Vim aqui, meu caro pintor, a fim de me forneceres mais algumas notas sobre a tua proxima exposição, lisongeiando-se com isto, a « Tribuna Liberal ».

Elle agradeceu.

Em seguida, como já se fosse servir a sobremeza) Isita lhe offereceu um pouco de pudim de leite. Acceitando-o elle, ella ergueo-se a fim de trazer as crianças para o quinhão do apetitoso manjar.

Ao ver a deliciosa travessura, parou, e com a mão chamou a todas.

Os delinquentes, cabisbaixos e a fazerem, beicinho de chôro, agarravam-se ás pernas do avô.

A olhar para o pequenino agora deitado no dorso do cão, a joven mãe tomou o bebé ao collo seguida pelo Velludo que deitou-se á porta do apozento onde dormia o seu amiguinho e ai de quem se atravesse mesmo de leve tocar n'um dos sedozos fios dos seus cabellos louro quente.

Sentando-se todos de novo, distribuio-se o café. Eis que a talho de foice, vem o grande artigo que uma folha vespertina extendera á cerca da proxima abolição.

O redactor da «Tribuna Liberal», sómente para mudar de rumo, novamente fallou sobre os quadros do André, que tendo sido pensionista do Estado, agora por conta propria iria passar tres annos em Pariz de onde seguiria á Allemanha, á Italia e á Hollanda, estudando os grandes mestres.

Ora, já um tanto conhecido, vendendo bem os seus quadros, sendo que um delles—Mãe, fôra comprado pelo conde da Varzea, pernambucano de origem, este podendo gabar-se de possuir a melhor galleria artistica talvez do Brasil inteiro, a figurar lá dentro, já era orgulho.

Ignez Sabino.

Conversaram muito. A' proposito, eu lembro que simultaneamente muitas vozes humanas reunidas a conversar, se assemelham a uma orchestra com instrumentos diversos, desde o baixo, baritono, tenor e tenorino, até o contralto, soprano ligeiro e soprano dramático.

A vóz da dona da caza, era ligeira e afinada.

O coronel, um baixo profundo, com o seu todo de militar, disse ao jornalista que comprára uma caza no Meyer para onde se mudaria em poucas dias.

O rapaz prometteu ir vizital-o, desde que seus affazeres o permittissem.

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

— Eu creio, replicou o veterano, ser muito difficil, senhor Chaves, a posição de todos aquelles ou aquellas que têm de dizer ao publico as verdades conhecidas por taes, seja qual for a sua opinião e respeito.

— Certo, meu caro senhor, por ser o jornal um elemento de combate, embora na lucta pela vida necessitemos argucia para alcançarmos o fim. A nossa fé de officio é honroza, se bem que muito aspera, sobre tudo no que toca á politica, cuja orientação é de 1787 para cá.

O jornalismo é uma attracção horrivel no abysmo dos ódios politicos e pessoaes. E' uma especie de cachaça cuja bebedeira deixa tal impressão no espirito, que se a não esquece mais.

Houve apartes a respeito, com prós e contras.

— E' solteiro ou cazado, senhor Chaves, inquiriu Isita.

— Solteiro, minha senhora.

— Porque não se caza?

— Pelo receio de ser um mau marido... V. Excª. sorri? Acha que estou a fazer espirito ao expressar-me desta forma? Admira-se da minha franqueza?

Ella o fictara cada vez mais curiosa, mais admirada... Depois ainda perguntou: Porquê?

— Sou voluvel, por isso receio faltar á fé jurada... Se tivesse a certeza de encontrar uma espoza como V. Excª. decidiria o cazo. Hoje, porem, como sabe, os cazamentos dão margem a tantos desgostos, que é mesmo um verdadeiro horror, sobretudo os que se fazem á força da ambição. O homem que se vende é um bruto e eu, não o sou.

— Não quer então, moça rica?

— Propositalmente, não...

— E, se fôr exigente a que escolher?

— Apenas terá o bom senso, que cada qual deve cingir-se a sua situação, por isso eu nao penso em cazar-me tão cêdo.

— A influencia da mulher espoza é grande no espirito dos homens de lettras? continuou a joven.

— Conforme. As estupidas, deverão ser insupportaveis; conheço eu uma justamente nestas condições.

O pobre marido vê-se de canto chorado. Se arruma-lhe a estante, confunde-lhe os livros, rasga-lhe autographos, diz-lhe couzas terriveis, indirectas a torto e a direito; se chega tarde para jantar, que coma na rua, e por ahi á fora em impropérios continuos, de forma a tornar o meu amigo um desgraçado completo.

— Certamente, sentenciou ella.

O jornalista triplicou:

— Se fôr moça intelligente, e levar a sério o seu encargo, a couza é differente, por compenetrar-se ella da posição delle, collaborando até nos manuscriptos, como sua secretaria.

— E, se são ciumentas, que nóta darão de si? Má, por natureza!...

— V. Excª. diz bem. O ciume... fez elle com expressivo gésto... Não acha ser a desconfiança de si mesmo, e pouco apreço proprio! Em taes circumstancias a mulher não deve cazar, visto o homem da penna, do pincel e do escôpro, não limitar-se ao simples estudo da familia, mas sim, em elementos diversos, por necessidade psychica. Não é?

Nas paginas das peripecias do lar, onde apenas existe a poezia serena do conjuncto, não da-se o jôgo de sentimentos necessarios á vida... Não acha, senhora minha, que a humanidade necessita de eternos retoques? Já não disse isso alguem?...

O coronel accendeu um cigarro e philosophou sobre as propriedades de um escriptor de nome.

O rapaz redarguio: Como artista da Idéa, deve tel-as proprias; os grandes nomes ufanam a posteridade; ainda que grandes nomes haja no presente, dados, não pelo merito, porem sim pelo elogio mutuo. O que seria da amizade, se tal não se fizesse?

. . . . . .

IGNEZ SABINO.

Eugenio de Castro

Em 1890, um poeta, que, na ultima meia duzia de annos, publicava poesias soltas por jornaes e revistas e já reunira em volume uns dois ou tres livros, appareceu com uma nova collecção de rimas, « Oaristos ». O publico, a critica, os homens de letras embasbacaram perante a novidade da obra. Logo de entrada declarava o poeta que durante cinco annos se deixara levar pela corrente geral das banalidades poeticas, mas repentinamente, num gesto nervoso de originalidade, se decidira a pôr de lado estafados modelos e estafados lugares communs.

Eugenio de Castro.

Os « Oaristos » eram a primeira obra dessa nova phase.

Assumptos, metrica, imagens, rythmos, tudo era novo. Realizavam-se os primeiros ensaios de aliteração em composições poeticas portuguesas. Ensaiava-se o estylo decadente de que Gauthier traçou um elogio celebre, no seu estudo sobre Beaudelaire. — O publico enxofrou-se, irritou-se, riu. Nas «Novidades», João Saraiva publicou os « Yvaristos » e assignava « Gustavo Cano ». Com effeito, Eugenio de Castro, se rompia com os velhos modelos nacionaes, adoptava os novos modelos francezes. Se, como elle arrogantemente notava, deixara a estação concorridissima da Vulgaridade, nem por isso renunciara a da Imitação. Adoptava os processos e a escola de Verlaine, Moréas, Stéphane Mallarmé, Gustave Kahn e dos outros discipulos symbolistas e decadentes. E, olhando aos mestres que Eugenio de Castro seguia, o seu livro não era excessivamente berrante. Mas em Portugal, Verlaine ainda tinha poucos leitores; quanto mais a cohorte exageradora e petulante dos seus discipulos!

A literatura habituada aos « biberons » rançosos de Thomaz Ribeiro e João de Lemos nem o leu. Os adoradores de Junqueira, de Anthero e João de Deus, leram-no e quizeram apupal-o. A arrogancia innovadora ia ás vezes longe de mais. O poeta, descrevendo a mulher amada, chegava a dizer :

A sua bôca é um sorvete de morango...

A casa VACHERON e CONSTANTIN, de Genève, tem 123 annos.
Unico representante no Brasil : Casa Standard.

E, ao perguntar-lhe qual era a suprema aspiração della, o seu maior desejo, ouvia-lhe esta resposta originalissima :

Viver no polo, numa urna de cristal !

Se acreditarmos o poeta, esta mulher desfructou-o á grande. Elle andava sempre atrás della seguindo-a até Royan, Paris, Blanquefort, Arcachon, Coimbra... Era um martyr. Ia visital-a e ella, tão mal educada, nem umas boas tardes lhe dava. Estavam assim em frente um do outro mais de uma hora. Elle decidia-se a accender um cigarro e puxar umas fumaças; mas nem lhe pedia licença, de ralado com as suas maguas; e a bem amada cortava logo d'alto :

Incommoda-me o fumo !

E, durante o resto da visita, moita! Descia á tarde, o "poente côr de escabiosa" avermelhava o céo e o poeta recolhia á casa, apoquentadissimo da sua vida.

Outras vezes a endiabrada rapariga entretinha-se, á hora em que elle costumava ir visital-a, a ler um livro de "Horas". Para isso punha uma lampada á direita, outra á esquerda, uma com um globo azul, outra com um globo roxo, parecendo assim uma

Tulipa bicolor do mais bizarro aspecto!

Um dia sente-se de melhor humor, abre-se com elle e explica-lhe os motivos por que nunca respondeu ás suas declarações de amor. E' porque teme o amor. Mas consola-o afiançando-lhe que, se um dia o amor lhe incendiar o peito, macerará o corpo como Esther, noiva de Mardocheu, e irá buscal-o, como a rainha de Sabbá foi buscar Salomão !

Nesta serie de poemetos, assim erriçados de pedantismos bizarros, havia, comtudo, versos de uma extraordinaria belleza, um som esplendoroso e uma côr rutilante nas palavras e nas imagens. Sentimento pouco, transparecendo raras vezes, como o que inspira este soneto admiravel :

Tua frieza augmenta o meu desejo,
Fecho os meus olhos para te esquecer
E, quanto mais procuro não te ver,

Quanto mais fecho os olhos, mais te vejo.
Humildemente atrás de ti rastejo,
Humildemente, sem te convencer,
Emquanto sinto para mim crescer

Dos teus desdens o frigido cortejo.
Sei que jámais hei de possuir-te, sei
Que outro feliz, ditoso como um rei,
Enlaçará teu virgem corpo, em flor :

O meu amor, no entanto, não se cansa :
Amam metade os que amam com esperança ;
Amar sem esperança é o verdadeiro amor.

Ao falar em Eugenio de Castro, a proposito do seu livro "A sombra do quadrante", que acaba de ser publicado, refiro-me com tanta insistencia aos "Oaristos", porque elles foram o seu verdadeiro titulo de celebridade. Passado o primeiro espanto e postos de lado os exageros atrevidos, as novas gerações de poetas portuguezes aceitaram o que havia de bom nesse livro interessante e exquisito, pitoresco e audaz. Nas "Horas" Eugenio de Castro ainda se conservou com a mesma linha petulante, caracterizando a obra de "silva esoterica para raros apenas". O proprio Fialho de Almeida, tão acolhedor para todos os novos e que recebera os "Oaristos" com um sorriso de indulgencia e de agrado, se irritou com essa "silva esoterica", em que a preoccupação de ver arregalados os olhos dos burguezes tocava ás vezes as raias — digamos o termo — da imbecilidade. Um dos folhetos dos "Gatos" foi consagrado a criticar os symbolistas e decadentistas das fileiras da gente nova que principiava então a escrever em Portugal. Foi realmente um melancolico e tristonho gruposinho, esse, em que Eugenio de Castro, Antonio Nobre, Alberto de Oliveira, João de Castro e alguns mais lamuriavam a desgraça da vida e as desilusões do mundo, antes de as sentirem de perto. Geração fraca, eivada de snobismo, muito preoccupada com a galeria e de que ficarão tres ou quatro livros isolados. Abortaram, como abortou o symbolismo a que se apegaram.

Eugenio de Castro parece que o comprehendeu. E, insensivelmente, quasi foi-se limpando das berrantes audacias do começo. Na "Sylva", um dos seus mais bellos livros, em que ha cousas de um talento extraordinario, como o "Rimance para adormecer Lydia", e a "Filha de rei guardando patos", já se vê a transição para uma nova phase. "Sagramor", "Salomé e outros poemas" accentuam essa mudança na orientação do poeta. As imagens deixam de ser tão violentamente rebuscadas, embora o poeta, com uma mania infantil bebida em Verlaine, encha e adorne de princezas, reis, rainhas, duques e aias as suas poesias escorrendo pedrarias e ouros. No seu lyrismo a vida ainda é vista como através dos contos de fadas. Mas o verso simplifica-se, volta quasi á disciplina antiga. De resto, foi o que approximadamente fez Jean Moréas em França, adoptando uma metrificação, por assim dizer classica, nas suas ultimas obras.

No poema "Constança", publicado em 1900, Eugenio de Castro adoptou o verso branco, como já fizera num pequeno poemeto: "A monja e o rouxinol". Tem trechos muito bellos, como a morte da rainha. Mas é um pouco fatigante. A musa de Eugenio de Castro é mais artista que sentimental. Embora pareça paradoxal, direi que muitas vezes é á força de arte que elle nos dá uma grande impressão de sentimento. Por exemplo, neste soneto, do "Depois da ceifa", "Inscripção para o tumulo de uma donzella":

Num mirante que a hera revestia
Passei a minha mocidade á espera
Desse, que em ledo sonho me appar'cera
E que em continuos sonhos me appar'cia.

A casa **VACHERON** e **CONSTANTIN** obteve o **UNICO** primeiro 1º premio no

CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS.

Menina e moça, deslizar eu via
Moços mais lindos do que a Primavera,
Porém, ó magua, nenhum delles era
O que em continuos sonhos me appar'cia.

A morte me beijou sendo eu tão nova!
— Caminhante que passas, divagando,
Distraido, entre as alvas sepulturas,

Desfolha algumas flores sobre esta cova;
E's o noivo talvez que eu estive esp'rando,
Talvez eu seja a noiva que procuras...

O novo livro de Eugenio de Castro, "A sombra do quadrante", é um dos peores que elle tem publicado. Foi este um dos motivos por que preferi falar de um modo geral de todas as obras do poeta a referir-me especialmente a este. E' um livro em que ha a par de velhas poesias de amor, poesias intimas, do lar. Para o grande artista que estamos costumados a admirar, esta collecção de poemetos é uma obra fraca. O que não impede de encontrar versos como estes:

Iris, fuchsias, jasmins, o cacto e a clematite
Porfiam em prender os teus olhos romanticos
E assucenas ás mil dizem-nos, Sulamite,
Que entoemos de novo o Cantico dos Canticos!

A mais linda poesia do livro é indubitavelmente este soneto á filha:

Acorda cedo como os passarinhos
E vem logo direita á minha cama.
Sacode-me com geito, por mim chama:
E abre-me os olhos com os seus dedinhos.

Estremunhado, zango-me. "Beijinhos,
Não quer beijinhos?" com voz d'oiro exclama.
Da minha ira empalidece a chamma
E, acariciando-a, pago os seus carinhos.

Senhor! que amor de filha tu me déste!
Dá-lhe um caminho brando e sem abrolhos
Dá-lhe a virtude por amparo e guia;

E destina, tambem, ó Pai celeste,
Que a mão, com que ella agora me abre os olhos,
Seja a que ha de fechar-m'os algum dia!

Ha mais umas tres ou quatro poesias quasi tão bellas como esta. Mas para Eugenio de Castro um livro assim, sobretudo depois de um silencio de seis annos, é pouco. Felizmente já se annuncia uma nova obra, "O annel de Polycrates". Dizem os amigos de poeta que será um dos seus melhores livros. Se é verdade, que appareça o mais depressa possivel, para os invejosos, animados com "A sombra do quadrante", não esfregarem as mãos de contentamento."

Na Estrada

Parti ao despontar a loira madrugada
Que a noite inda occultava em dens' umbroso véo...
Bramia ao longe o mar... Esparsas, pelo céo,
Vagavam mansamente as chammas da alvorada...

A lua agonisava em syncopes... Sereno,
A pensar no futuro, eu ia pela estrada
A segredar co' a briza, a meiga enamorada
Do grande deus — o Mar. Num ciciar ameno,

Perguntou-me a sorrir : — Tu sabes que é o amor?
Já soffreste, talvez, a dôr dos seus enlaces?...
Ao passado volvi meus olhos lentamente;

E ao lembrar-me que amára um rosto encantador
As lagrimas, subtis, rolaram-me nas faces...
. . . . . .
No céo inda brilhava a estrella do Oriente...

Therezina, 2 — 907. GIOVANNI COSTA.

LENDO O CAMÕES

I

Muitos verão exemplo certo de ecthlipse nos *Lusiadas*, c. III est. 29 : « Que em tanta antiguidade *não ha* certeza. » Mas judicioso pondera Amorim que, apesar do acôrdo das edições, é permittido a quem anda familiarisado com as obras do egregio vate, acreditar que não lhe pertence semelhante verso. E vejamos o porque.

Camões só fez as ecthlipses usuaes de *co* e *c'hum* muito de conformidade com a pronuncia vulgar, sem que, para isso, houvesse de forçar o genio de nossa lingua : a facil combinação das preposições com os artigos ahi está demonstrada pelos exemplos de *ao*, *á*, *do*, *da*, etc. Mas, ao fazer aquellas ecthlipses, elle nunca as deixou de indicar na escripta; e, quando não-nas queria, usava graphar por extenso : *com o*, *com hum*. Grapharia, portanto, *n'ha*, se tivesse contrahido *não* e *ha*. Não é crivel, além disto, que só aquí fundisse o ditongo *ão* com *ha*, tonico, quando evitou a fusão do mesmo ditongo com um *a*, posto que atono, como nol-o attesta o : « Vão-a buscar e mandam-a deante », IX, 45.

PIANOS RITTER, adoptados pela **CASA IMPERIAL DE ALLEMANHA.**

Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados acs paizes quentes.

Baseado em taes considerações, e mais no conhecimento intrinseco, que a respeito de qualquer autor só se obtem por diuturno trato, comecei a pensar como, conservando no exemplo acima, todas as partes, menos sómente as duas — *não ha*, haveria eu de modifical-as para conseguir a correcção do verso, dentro dos limites do estilo de Camões e da lingua de seu tempo. E dahi me occorreu que, em vez de *não ha*, negando, elle empregara, antes, com mais animação de phrase, a interrogativa *ulla* (*ula* ou *u'la*) de *ubi illa?*, interrogativa, aliás, corrente até o seculo XVII; tanto que se encontra na *Vida do Arc.* de Fr. Luis de Sousa : « Ullo ser e autoridade de fidalgo? » Com a transformação assim lembrada, teremos : « Que em tanta antiguidade u'la certeza? Na composição, a ultima syllaba de *u'la* foi tomada pelo verbo *ha*, e, confundindo *u'* com *n'*, pensou o typographo que era isto uma abreviatura de *não*. Como *não ha* dava sentido perfeito, assim ficou e se manteve até os nossos dias.

***

Este descuido não é, infelizmente, singular, em um texto que ainda se não estudou profundamente. Basta ver que todas as edições, no c. IX, est. 90, apresentam errado o verso — « Sobre as azas inclytas da Fama, » que não pudera ter saido assim do glorioso calamo de Camões. Nos *Lusiadas* (IX, 60), para não quebrar um verso, escreveu elle, em lugar de — « Sobre o tanque lucido e sereno », Sôbolo tanque lucido e sereno ». (*Sôbolo* se explicar por *super lo.*) Do mesme modo, aproveitando o trecho biblico « Super flumina Babylonis », compoz as formosas redondilhas :

« Sôbolos rios que vão
Por Babylonia, me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião,
E quanto nella passei, ».

Por conseguinte, nada mais logico, nem mais justo, do que suppôr, em honra de quem não era nenhum poeta d'agua doce ou *de pés quebrados*, que a primitiva feitura do infeliz decasyllabo de que trato fosse esta aqui, tão proprias aliás, da *maneira* do seu autor :

« Sòbolas azas inclytas da Fama. »

***

Tambem não pudera elle ter perpetrado este verso (VI, 73) :

« Sem aproveitar *dos* homens força e arte. »

Aceito a emenda de Manuel Lopes Ferreira, em 1721 :

« Sem aproveitar *de* homens força e arte. »

***

Camões fez trissyllabo o adjectivo *piadoso* : « E se o piadoso Eneas navegou » II, 45 ; « De amor e de piadosa humanidade », IV, 92 ; mas fez tetrasyllabos *piedoso* e *piedade*, fórma etymologica, que euphonicamente preferiu á popular *piadade* : « Terem tão piedoso sentimento », III, 126 ; « Ante o Rei, já movido a piedade », III, 124 ; « Quasi movidos de alta piedade », IV, 92 ; « Nos trouxe a piedade do alto assento », V, 85. Era, pois, natural que, no c. IX, 5, tivesse escripto: « Influio piedosos accidentes », e não *piadosos*, como se acha em algumas edições.

II

Em varias passagens dos *Lusiadas* se nos depara a particula *segundo*, exprimindo uma idéa de *conformidade* :

Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes e primores (II, 94).

Segundo o que desejas de saber.
Primeiro tratarei da larga terra,
Depois direi da sanguinosa guerra (III, 5).

E, segundo o que a todos pareceu,
Era alguma profunda prophecia (VI, 36).

...pois dureza
Nossa vida ha de ser, segundo entendo (Ib., 41).

De diversos reis é, mas dum só fôra
Noutro tempo, segundo a antiga fama (VII, 32).

Vae-se espantado o attonito agoureiro
Dizer ao rei (segundo o que entendia) (VIII, 46).

Esta ultima phrase quasi que se acha repetida em outro exemplo :

Diversos pareceres e contrarios
Alli se dão, segundo o que entendiam (Ib., 52).

O seguinte emprego nos apresenta notavel concisão :

Apparece; e, segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fôra, vinha (V, 31).

Trata-se aqui de Velloso, episodio comico, que Camões, á imitação de Homero, inseriu na gravidade da epopéa.

PIANOS RITTER Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

« Segundo ao mar caminha » — corresponde a — segundo o modo pelo qual *elle* caminha em direcção ao mar.

Da noção de *conformidade* deduziu-se a de *causa* :

> Que de outra sorte pudera ser perdido,
> Segundo estava mal apercebido (III, 35).

Segundo equivale aqui a — *pois que*. Do mesmo modo, em :

> Era maior a força da corrente,
> Segundo para trás nos obrigava (V, 67).
> E que pode ser dellas opprimido,
> Segundo estavá mal apercebido (IX, 7).

Este ultimo verso é o mesmo acima da est. 35 do canto III.

Ha, ainda, exemplos de *segundo* com a preposição *a* anteposta :

> Com jogos, dansas e outras alegrias,
> A segundo a policia Melindana (VI, 2).
> ... a segundo
> Se vê (Ib., 33)
> A segundo o demonio lhe fingia (Ib., 47).

Como se vé, todos esses exemplos pertencem ao canto VI.

Diz A. Coelho que *a segundo* é locução popular, frequente no fundador do theatro portuguez (Gil Vicente) e outros.

Para mim, ella se explica pela fusão de dous typos syntacticos divergentes na fórma e equivalentes no sentido.

De expressões como — *a meu ver*, *segundo meu ver*, resultou por fusão : *a segundo meu ver*, pleonastica, afinal, porque cada uma das particulas só por si pudera exprimir a relação de conformidade.

No proprio Camões temos um caso typico :

> Bem junto delle um velho reverente,
> Co'os giolhos no chão, de quando em quando,
> Lhe dava a verde folha da herva ardente,
> Que, a seu costume, estava ruminando (VII, 58).

« A seu costume », ou — *segundo seu costume*.

Pelo mesmo processo de combinação, explica Julio Moreira o *do que* dos comparativos : « mais *de* sete », « mais *que* sete : « mais *do que* sete », por influencia de construcções como, v. g. : *mais do que é preciso*. Confronte-se tambem : « para mim », « commigo » : « para commigo ». E ainda: « antes de partir », « em partindo »; « em antes de partir. »

Antes representa a epithese de *ante*, em funcção temporal, epithese muito commum nas fórmas adverbiaes, como : *sómentes* (popular), *algures*, etc.

Precedido da preposição *de*, Camões nunca faz a elisão, que é hoje de regra :

Por mares nunca de antes navegados (I, i).
E mais tambem mandado tinha á terra,

De antes, pelo piloto necessario (I, 85).

Que Baccho muito de antes o avisara (I, 107).

Conservou-se *ante* (sem paragoge) para a relação de lugar, e nunca com. synalepha :

Qual deante de algoz o condemnado (III, 40).

Que deante lhe acena, que se assente (VII, 58),

(*Palestras philologicas*) SILVIO DE ALMEIDA.

QUESTÃO DE GRAMMATICA (1)

E' hoje correntio em nossa lingua dar-se ao verbo *pedir* um objecto directo representado por clausula infinitiva, como na frase — *peço-lhe remetter-me duas peças de renda*. Entre os classicos antigos era isso raro, mas Bernardes fornece-nos este exemplo — *e quando separados pedem outra vez unir-se*. Nas duas frases apresentadas os objectos directos são constituidos por clausulas infinitivas — *remetter-me duas peças de renda* e *outra vez unir-se*. Essa a minha nota, que o sr. João Ribeiro se dignou aceitar em sua Grammatica do 3º anno.

Vem agora o sr. Candido Lago, (pelo *Correio da Manhan* de 22 de dezembro de 1907), e não encontra relação entre uma e outra frase, porque na primeira o infinito tem sujeito proprio e na segunda não o possue.

Da critica sobre este ponto feita pelo sr. Candido Lago se colligem as seguintes regras : si o sujeito de *pedir* e da clausula objectiva é o mesmo, deve esta ser infinitiva — *nós pedimos ser nomeados;* no caso contrario, deverá o objecto directo vir representado por uma

(1) Em attenção ao nosso illustrado collaborador, Firmino Costa, é que incluimos esta *Questão de grammatica* nas paginas do Almanaque.

REX pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa está habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.

clausula com o verbo no modo finito — *peço-lhe que me remetta o livro*. Tudo que em tal caso não for isso será incorrecto.

Releve-me agora o sr. Lago que eu lhe apresente duas frases contrarias ás suas regras : *elle só pedia que tivesse mais um dia de vida para cumprir aquelle santo dever; peço-lhe dizer-me onde mora o sr. Antonio Naves*. Os exemplos, que ahi deixo, são manifestamente oppostos ás regras do illustre philologo, a quem peço mostrar-me onde está a incorrecção delles.

De outra fórma, não seremos nós, o sr. João Ribeiro e eu, que *tomámos a nuvem por Juno*.

FIRMINO COSTA.

Marechal Deodoro

Quando foi visto, entre os seus camaradas,
Em meio dos fuzis e das carretas,
O capitão temido das granadas,
Resfolgavam vulcões nas escopetas
E nas bõcas das peças sublevadas.

Seu corcel relinchava, impaciente,
Orgulhoso do peso que trazia;
Como uma aguia arrojada ia na frente
De um regimento de cavallaria,
Teso, na sua sella reluzente.

Todos olhavam com deslumbramento
Para o ginete e para o ginetario !
A que regiões alçava o pensamento
Esse soldado revolucionario,
Guião do raio, domador do vento ? !

Que força estranha assim o arremessava
A requestas ferozes e sangrentas?
Por que seu genio se desentranhava,
Como o equador, em nuvens pardacentas,
— Nuncias da tempestade ingente e brava?

Garbosas passam as legiões tranquillas,
Ao impeto marcial daquelle peito,
Num tufão de clarins e de mochillas !...
Avante, bravos ! que esse passo estreito
Não arrefeça o arranco ás vossas filas !...

Seguem-n'o outros heróes que a Patria exalça :
Vão com elle morrer, se ousar o fado !
Oh ! não, que a Patria quasi está descalça,
Quasi que o sol se afasta envergonhado,
Vendo-lhe ao seio uma reliquia falsa.

Oh! não, guerreiros! É mister que a espada
Abata o orgulho e tome o passo, agora,
A' criminosa gente abastardada,
Que aos pés do throno o genio avito explora
Dos ouropeis na rutila enxurrada.

É Deodoro chamado! O heroico braço
Do heroico feito, em breve, em bronze posto,
Cuja audacia em sonoros versos traço,
Dando ao surto aquilino de teu rosto,
Oh! soldado immortal, mais este traço.

Galhardeando em prendas e bravura,
Tua gloriosa espada um rumo novo
Traçou á Patria minha amada e pura.
Traçou, guerreiro, e o olympico renovo
É um florão da olympica aventura.

Empavezadas nossas náos galeiam
No regaço da linda Guanabara;
E no tope dos mastros alardeiam
Tua memoria, altissima e preclara,
Que os miserandos reprobos odeiam.

Oh! não, invicto heróe, não desmereça
Galardão, como o teu; teu nome encima
Do patrio ninho o engenho que atravessa
Os seculos. O bronze que o sublima
E que num vôo o marmore arremessa

A' fama, á gloria, não é vã argila,
Não é alchime que o azinhavre apaga,
E' ouro, é astro que no céo scintila,
E' o oceano ourejando-se na vaga,
E' o rugido do Salio e da Sibylla!

. . . . . .

Entre os anemocordios que soluçam,
Maviosamente, á doce luz tristonha,
Oh! Marechal! as aves se debruçam
Dos ledos ninhos... o regato sonha...
E as flores, em segredo, o ouvido aguçam.

Aos suspiros dos elfos encantados...
Ha deliquios de amor por toda a parte...
Os fabulosos bosques, adornados,
Erguem ao céo o nemoro estandarte
Aos cantos dos aereos namorados.

REX pianista, adapta-se a qualquer piano: uma criança pode tocal-a. CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

Por isso, agora, como o rio e o vento,
Tomando um pouco á luz que brilha em tudo,
Levo o rumor deste acontecimento
Ao aço marcial do teu escudo,
Ao bronze eterno do teu monumento.

E, quando o ouvido, á voz do mar, se enleva
Quando ao guante dos despotas gememos
E o frio inverno em nossos peitos neva,
Do alto dos nossos morros entrevemos
O teu ginete galopar na treva...

1897. LUIZ MURAT.

LUIZ DELFINO

(OSORIO DUQUE ESTRADA)

Em excellente estudo de critica refere Osorio Duque Estrada que o autor da *Historia da Literatura* foi demasiado severo quando julgou dos meritos de Luiz Delfino.

O critico, ao seu ver, não poz em relevo as composições de maior merito do poeta.

« O critico, diz elle, não citou nem uma das suas obras primas, quando bastaria, no emtanto, qualquer dos sonetos do autor em que o capricho e o lavor da fórma não conseguiram destruir nem apagar o capitoso perfume de sentimento que os anima.

Conhece o meu caro Mestre a bella peça em que o poeta nos refere a vida do Paraiso fecundada pela primeira lagrima da mulher?

Ahi vai ella, para ser citada de preferencia em proxima edição da sua admiravel *Historia da Literatura Brasileira* :

Quando a primeira lagrima caindo
Pisou a face da mulher primeira,
O rosto della assim ficou tão lindo
E Adão beijou-a de uma tal maneira,

Que astros e thronos, pelo espaço infindo,
Como uma catadupa prisioneira,
As seis azas de luz e de ouro abrindo,
Rolaram numa esplendida carreira...

Alguns, pousando á proxima montanha,
Queriam ver de perto os condemnados
De dôr transidos, na agonia estranha ;

E ante o fulgor dos beijos redobrados,
Todos pediam punição tamanha,
Anciosos, mudos, tremulos, pasmados!...

Conhece o illustre critico a primeira joia do Parnaso Brasileiro, aquella que o poeta intitulou *Jesus ao collo de Magdalena?*

Ahi lh'a offereço, pedindo-lhe que admire os effeitos de côr, de som e de harmonia desse quadro forte, que faria inveja a Rembrandt :

Jesus expira — o humilde e grande obreiro!
Sobem já pela cruz ácima, escadas,
E nos cravos varados do madeiro
Os malhos batem, cruzam-se as pancadas.

Soluça o pranto em torno... As mãos, primeiro,
Inertes caem no ar, dependuradas...
Oscilla o corpo, verga o torso inteiro
Nos braços das mulheres desgrenhadas.

Soltam-se os pés, augmenta o pranto e a queixa...
Só Magdalena ao ouro da madeixa
Limpa-lhe a face, que de manso inclina!

E no meio da lagrima mais linda,
Co'o dedo abrindo a palpebra divina,
Busca ver se elle a vê, beijando-o ainda.

Conhece Sylvio aquella joia romantica, *As tres irmãs*, quint'essencia do sentimento, que anda por ahi repetida por centenas de bõcas? Basta citar a ultima parte para dar idéa da profunda paixão que a inspirou :

Se a primeira morresse, oh! como eu choraria
A minha desventura!
Com lagrimas de dôr lavara noite dia
A sua sepultura

Se a segunda morresse, oh transe amargurado!
Eu choraria tanto
Que ella iria boiando em seu caixão doirado
Nas aguas de meu pranto!

Se a terceira morresse, em seu caixão deitada
Sem que eu chorasse, iria,
Porque noutro caixão, oh minha morta amada,
Alguem te seguiria!

Qual dos nossos poetas já revelou mais sentimento, mais alma, mais paixão nas suas estrophes? Não está ahi essa faculdade poetica admiravelmente casada com a intensidade forte da imaginação?

WILLIAMS VISIVEL, a machina de escrever mais resistente e simples.
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

E' facil respigar ainda muitos outros exemplos; vem-me á penna o formoso soneto *In her book*, um dos mais estimados de toda a sua vastissima collecção :

Ella andou por aqui; andou : primeiro,
Porque ha traços de suas mãos : segundo,
Porque ninguem como ella tem no mundo
Este exquisito, este suave cheiro!

Livro : de beijos meus teu rosto inundo,
Porque pousaste sobre o travesseiro
Onde ella dorme o seu dormir ligeiro
Como um somno de estrella em céo profundo.

Trouxeste, bella, o olor de uma caçoula,
A luz que canta, a mansidão da rola
E esse estranho mexer de ethereos ninhos...

Ruflos de azas, amoras dos sylvedos,
E frescuras de agua, sombras e arvoredos,
Dando séca aos roseas pelos caminhos!...

Vae longa a citação « O vinho é capitoso e, propinado de uma só vez, é bem capaz de embriagar. Torna-se necessario um segundo artigo : nesse encontrará o meu illustre Mestre, reservada e a tempo, uma nova taça de ambrosia... »

COMPANHIA

Fabrica de Vidros e Crystaes do Brazil

Premiada com medalha de bronze na Exposição de Paris de 1889
Na Exposição de 1905 de São Luiz foi premiada com medalha de prata

1 e 6 Rua General Bruce 1 e 6, S. Christovão

Endereço Telegraphico TELEPHONE N. **619** **Usa-se o Codigo**
FAME **Vendas só por atacado** **RIBEIRO**

Nesta fabrica encontra-se sempre um grande sortimento de chaminés de todos os feitios, tulipas, de linha, belgas e electricas, globos para gaz, ditos tulipas, cylindricos para palmatoria, ditos lisos foscadas ou floristados, ditos de côr, azul, branco e verdes, frascos cylindricos para Confeitarias e de bocca larga, com rolha esmerilhada de 1 a 12 libras, copos de todos os tamanhos e feitios, garrafas para vinho, de todos os feitios, compoteiras modernas, apanha-moscas, calices de todos os feitios, pratos de vidro, bebedouro para passaros, saleiras, manteigueiras, telhas (feitio de Marselha para clara-boia), isoladores para piano, lampeões de todos os feitios, etc., etc., etc.

BOLAS PRATEADAS PARA JARDIM
(TEM SEMPRE EM GRANDE PORÇÃO)
Vidros proprios para amostruario de Cereaes e Oleos

Fabrica todas as qualidades e feitios e faz vasos de barro de suspensão para parasitas; moringas feitio melão e outros, quartinhas e copos de barro. Tendo uma secção especial para fabricação de vasilhame para pharmacia como seja : vidro para magnesias, agua ingleza, vinhos, oleo de ricino, perfumaria e vidro para doces esterelizados com tampa de metal.

F. A. M. ESBERARD, Fundador e Director-Gerente. RIO DE JANEIRO

NOVA ESCOLA LITERARIA

Nova é a *Escola Evolucionista* que publicou no anno de 1907 o seu « manifesto basico » contendo as regras e leis da nova esthetica de arte literaria. São seus directores Alberto Nunez e Themudo Lessa, e aqui transcrevemos do seu primeiro *Boletim* trimestral o schema da *Poesia*, conforme a idéa dos reformadores :

CLASSIFICAÇÃO DA POESIA

Definição :
« *Poesia é creação esthetica* »

Da obra :
« *Esthetique Subjective* » **Em preparação**

- **POESIA**
  - **Bellas Letras**
    - POESIA DA PROSA
      - **Subjectiva**
        - **Evocação**
        - **Oração**
          - **Tribunicia**
          - **Jornalistica**
        - **Epistola**
      - **Objectiva**
        - **Descripção**
      - **Subjectivo-objectiva**
        - **Conto**
        - **Romance**
        - **Drama**
          - **Propriamente dito**
          - **Drama comico ou Comedia**
          - **Drama tragico ou Tragedia**
    - POESIA DO VERSO
      - **Subjectiva**
        - **Poesia propriamente dita**
          - **Poesia livre**
          - **Odes**
          - **Balladas**
          - **Hymnos**
          - **Satyras**
          - **etc., etc.**
        - **Soneto**
        - **Sonetino**
      - **Objectiva**
        - **Poesia propriamente dita**
        - **Soneto**
        - **Sonetino**
      - **Subjectivo-objectiva**
        - **Poemeto**
        - **Poema**
          - **Epico**
          - **Lyrico**
          - **Satyrico**
        - **Drama**
          - **Propriamente dito**
          - **Comico ou Comedia**
          - **Tragico ou Tragedia**
  - **Bellas Artes**
    - POESIA DO SOM OU MUSICA
      - **Composição**
      - **Interpretação**
    - POESIA DA FORMA
      - **Abstracta ou Pintura**
      - **Concreta**
        - **Esculptura**
        - **Architectura**
      - **Abstracto-concreta ou Theatral**

SMITH VISIVEL, a machina de escrever que reûne as qualidades de todas as outras.
CLUBS CASA STANDARD.

Oswaldo Cruz

Tres grandes brasileiros na Europa chamaram a attenção do mundo e da alta cultura européa sobre o Brasil. Um, foi Rui Barbosa, lembrado, em boa hora, pelo Presidente da Republica e pela opinião publica para representar o Brasil na Haya; mas não foi menos feliz a inspiração do ministro do Interior enviando a um congresso da sciencia allemã, Oswaldo Cruz, o joven sabio que rehabilitou ou antes creou a reputação do Rio de Janeiro como cidade habitavel. E foi tambem a inconsciencia das cousas, quem, fazendo de Santos Dumont um parisiense, a toda a hora esteve recordando o nome do Brasil.

Oswaldo Cruz.

Estes foram os tres genios, e os tres grandes embaixadores da cultura e civilização brasileira que nos ultimos tempos acabaram por forçar a attenção do mundo sobre este nosso esquecido e desconhecido paiz.

Mas, esse reconhecimento não foi só um simples acto de justiça; a verdade é que esse reconhecimento tornou possivel, com a boa reputação que firmamos, a politica do povoamento e do progresso do paiz.

Foi maximo, entre os de todos os povos, o triumpho obtido pela representação brasileira na grande Exposição de Hygiene effectuada em Berlim. O *Figaro* occupou-se desse triumpho no seguinte artigo, que estava assignado por P. Bernier:

> Encerrou-se domingo ultimo a Exposição de Hygiene installada em Berlim, no palacio do Reichstag, a qual foi inaugurada conjunctamente com o XIV Congresso Internacional de Hygiene e Demographia.
>
> Nesta esposição tomaram parte não pequeno numero de institutos hygienicos, universidades, auctoridades officiaes, municipalidades, assim como muitas casas commerciaes.

A exposição tinha por fim mostrar aos visitantes de modo claro e completo quanto possivel, as recentes conquistas devidas ás pesquizas experimentaes e scientificas, assim como os melhores productos da technica no dominio da hygiene.

Dentre os Estados da America do Sul só se fez representar o Brasil.

Sobre esta exposição é que queremos chamar a attenção de nossos leitores, tal o grande successo alcançado pelo Brasil neste concurso universal.

Foram instituidas pelos expositores duas series de premios: a serie A, concedida por S. M. a imperatriz, que ao congresso de hygiene dispensava sua alta protecção.

Esta primeira serie era constituida por tres medalhas: uma de ouro, uma de prata e a terceira de bronze.

A serie B, comprehendendo as recompensas concedidas pelo ministro da instrucção publica, constava de varias medalhas de ouro, de prata e de bronze, assim como de grande numero de diplomas.

Era de 123 o numero de expositores. O jury da exposição, do qual faziam parte, entre outros, sabios como os professores Rubner, Gaffky, Reuk, etc., conferiu o primeiro premio — a medalha de ouro offerecida pela imperatriz — á Directoria Geral de Saude Publica do Brasil.

A exposição do Brasil era dividida em tres secções: 1ª, o instituto de patologia experimental de Manguinhos; 2ª, Prophylaxia da febre amarella, hospitaes; 3ª, estatisticas de demographia.

O Instituto de Manguinhos expoz trabalhos que na opinião dos scientistas de todos os paizes tinham, sem duvida alguma, um grande valor scientifico.

D'ahi o grande interesse demonstrado por estes sabios no exame dos objectos expostos pedindo innumeras informações aos membros do *comité* brasileiro.

Havia nesta secção preparações microscopicas, peças patologicas de molestias tropicaes, collecções de mosquitos e outros animaes transmissores de molestias, mappas muraes demonstrando os resultados admiraveis obtidos pela prophylaxia do paludismo, pelo tratamento da peste pelo *serum* antipestoso, preparado segundo os processos adoptados no Instituto Pasteur, de Paris.

Uma outra parte igualmente importantissima era formada pelos especimens de *seruns* e de vaccinas preparadas no Instituto. Ahi encontravam-se, ao lado de todos os *seruns* conhecidos, outros productos preparados de accordo com os methodos especiaes e proprios do instituto ou por elle aperfeiçoados, como a vaccina contra a *espirillose* das gallinhas, molestia estudada no Brasil por Mrs. Marchoux e Salimbeni, da missão Pasteur, a vaccina contra o carbunculo symptomatico, etc., etc.

Os planos do Instituto de Manguinhos e todas as installações, sobretudo as que foram construidas para o estudo da peste, têm merecido especial attenção dos competentes.

Pode-se considerar o Instituto de Manguinhos como um filial do nosso Insti-

SMITH VISIVEL TEM O MAIOR INVENTO em machinas de escrever : ARTICULAÇÕES COM ESPHERAS.

tuto Pasteur, pois que foi neste que, na mór parte, fizeram seus estudos os experimentares de Manguinhos.

No 16º grupo da exposição — hospitaes e desinfecção — vêem-se na secção brasileira todos os dados relativos á admiravel campanha que libertou o Rio de Janeiro da febre amarella. O terrivel flagello, com effeito, ahi lavrava outr'ora com tanta intensidade que se podia considerar a capital do Brasil como uma cidade maldita prohibida aos estrangeiros.

Hoje, graças aos serviços sanitarios creados com uma coragem e um patriotismo inegualaveis pelo ex-presidente da Republica Sr. Dr. Rodrigues Alves, o Rio de Janeiro está de todo livre do flagello amarellico.

São os detalhes desta campanha que foram reproduzidos por meio de esboços, modelos, photographias, traçados, etc., etc., e por sua eloquencia convincente constituiam o ponto mais importante desta secção.

No grupo XII — estatisticas demographicas — notava-se uma serie de quadros, mappas, diagrammas, etc., cujo valor incontestavel deve encher de legitimo orgulho os brasileiros que conseguiram transformar em pouco tempo, de um fóco de infecção, que era sua malsinada metropole, a mais saudavel das cidades tropicaes.

O Rio de Janeiro, como é facil de se verificar pelo estudo dos quadros expostos, póde de modo vantajoso comparar-se com as cidades mais salubres da Europa, pois que a mortalidade ali attinge apenas a 20,6.

Os brasileiros, pelo que ouvimos dizer, esperam tornar sua capital ainda mais salubre emprehendendo contra a tuberculose uma luta systhematica, dirigida de accordo com um plano logico e bem orientado.

Será isto certamente o maior titulo de gloria do governo do Sr. Dr. Affonso Penna, como o foi o do seu antecessor o ter subjugado a febre amarella.

Cabe, pois, felicitar o Brasil pelo grande successo que obteve na exposição de Berlim. Ella veio demonstrar, de uma vez por todas, que os trabalhos sanitarios emprehendidos no Rio de Janeiro têm neste ponto transformado esta bella cidade, que os estrangeiros ahi podem, d'ora avante, exercer sua actividade explorando as inesgotaveis fontes de riquezas do paiz e sem perigo algum para sua saude ou para sua vida.

AMOR DESCOBERTO

(Francisca Julia.)

(*De um poeta grego.*)

Quando molhei num beijo a face tua,
(Era já noite) Quem nos viu ness'hora?
Viu-nos a escura noite, a branca aurora,
A loura estrella e a prateada lua...

Baixou-se a estrella e disse-o mar, absorta;
O mar ao remo, o remo ao marinheiro,
E este, alta noite, sob o nevoeiro,
Cantou-o, então, da sua noiva á porta.

EUCLIDES DA CUNHA

A 5 de dezembro de 1907 fazia Euclides da Cunha em S. Paulo uma conferencia literaria sobre Castro Alves. O grande estylista e escritor esteve á altura da reputação de que goza.

Aqui transcrevemos o primeiro trecho d'aquella eloquentissima lição:

Meus jovens compatriotas. — No captivante officio que me dirigistes convidando-me a realizar esta conferencia sobre Castro Alves, trahe-se a feição preeminente do vosso culto pelo poeta.

« Insigne e extraordinario condoreiro da Bahia », dissestes; e transfigurastes, na fórmula gloriosa de uma consagração, um titulo não raro ironico, ou derivado dos escrupulos assombradiços da critica ltteraria ante o mysticismo anomalo do cantor. Por isto mesmo deliberei acompanhar-vos neste rumo; não já por ajustar-me ao vosso nobilissimo enthusiasmo, senão tambem por facilitar, simplificando-a, a tarefa que me commettestes. Mas observei para logo que a facilidade pre-figurada, como effeito do restringimento da these, era illusoria. O sonhador, contemplado na physionomia particular que lhe imprimio o seu lyrismo revolucionario de propagandista fervente das idéas e sentimentos de seu tempo, appareceu-me maior do que abrangido na universalidade dos motivos determinantes das emoções estheticas.

A' restricção da sua figura literaria correspondeu uma dilatação na historia.

O fantasista imaginoso transmudou-se.

Revendo-o, vi o apparecimento, quasi inesperado, de uma phase nova na evolução da nossa sociedade.

Mas para isto fechei os meus olhos modernos, e evitei a traiçoeira illusão da personalidade, que está no projectar-se o nosso criterio actual sobre as tendencias, por vezes tão outras, das gentes que passaram. Fui, deste modo, muito ao arrepio da opinião corrente, fortalecida ainda ha pouco por Guilherme Ferrero, na sua tentativa de deslocar para o estudo da humanidade o principio das « causas actuaes », que o genio de Lyell instituio para explicar-se a evolução da terra. E não me arrependo de o ter feito. Tenho por impossivel conjugar-se a simplicidade das leis physicas com o entrincadissimo dos fastos moraes, submettendo-se á mesma norma de pesquizas o maior e mais simples dos inorganismos, e o maior e mais complexo dos organismos. Isto póde determinar curiosas sorprezas: por exemplo, a rehabilitação de Tiberio... Nada mais, porém, além deste triumpho literario: tão flagrantemente illogico é o transplante de um methodo inspirado em causas que se eternizam na passividade da materia, para o *perpetuum mobile* do sentimento, ou do es-

CLUBS DA CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio:
VENDAS A PRESTAÇÕES SEM AUGMENTO DE PREÇO.

pirito, sempre a mudar, ou a renascer, sempre mais novo á medida que avulta em seculos, e sempre a transformar-se, ao ponto de se inverterem os impulsos mais energicos que presidiram os seus differentes estadios. Não preciso mostrar-vol-o. Á parte o quadro do nosso regimen industrial, ou artistico, bastaria referir-me ás mudanças profundas da propria ordem moral, que Th. Buckle suppoz tão immutavel no meio do desenvolvimento das intelligencias. E recordar-vos, percorrendo a escala dos moveis de nossos actos, quão dispares elles são hoje, do que foram, desde as manifestações mais gloriosas das nossas energias, ás mais tocantes da nossa bondade; — desde o nosso heroismo, que era hontem a fórma mais facil da coragem a desprender-se da lavra da actividade militar, e agora se apparelha a lutas menos ruidosas e mais sérias, até á nossa piedade, que nasceu do intimo sentimento da nossa fraqueza, e vai se transformando no aspecto mais encantador da nossa força.

Não me delongarei, porém. Tenho um fim, neste exordio imperfeito: prevenir-vos que entre o avaliar os homens e as cousas do passado, como objectos artisticos, através do nosso temperamento, e o vêl-os, tanto quanto possivel forros das nossas tendencias diversas, prefiro o ultimo caso. Entre o consideral-os, como um geologo, applicando as suas regrinhas estratigraphicas, indifferentemente, a uma velhissima camada siluriana e a uma formação recente — prefiro — já que está em moda a canhestra philosophia do adaptarem-se as normas das sciencias inferiores ás superiores — consideral-os como o astronomo, respeitando todas as consequencias da distancia e dos meios interpostos. Assim, quando observamos o sol, sabemos que elle *não está* no ponto em que o vêmos: deslocam-no muitas circumstancias intermedias. O proprio raio vertical de uma estrella no zenith, que as elimina, é falso: chega-nos no desvio em que se compõe a velocidade do nosso grande observatorio tellurico, com a da luz. Dest'arte a nossa propria visão material é erronea. Envolve-nos uma illusão tangivel. E todo o trabalho das observações mais simples está em eliminarem-se as apparencias enganadoras da realidade, por maneira que, ao fim de longos calculos, possamos ver o que os nossos olhos não mostraram.

Acontece o mesmo, contemplando-se o passado. A nossa visão interior alongando-se no tempo, como a exterior ao desatar-se no espaço, é sempre falsa, quando se atem só ao que divisa, e não attende aos erros oriundos menos do objecto observado que da nossa posição e do meio que nos circula.

Ora, o grande poeta, motivo essencial desta reunião, apezar da diminuta distancia que nol-o separa, mais do que nenhum outro retrata, na sua nomeada variavel, o contraste dos dous criterios historicos rapidamente bosquejados.

De facto, o seu renomé é excepcional e curiosissimo: todos nós o admiramos ate aos nossos vinte e poucos annos, depois o esquecemos. Esquecemol-o, ou repudiamol-o. E' uma gloria que intermitte no rythmo das gerações successivas. Tem este traço expressivo: adormenta-se, ou restringe-se, no breve curso da nossa vida individual, e prolonga-se sem fim, restaurada de anno a anno, sempre maior, nascendo, resurgindo e avultando, no nascer, no resurgir e no avultar da propria sociedade. É como a luz, perpetuamente moça. Não dura a vida de um homem, e é eterna. Exige almas ardentes e a intrepidez varonil da madre triumphal,

em que andamos pela vida na garbosa attitude de quem offerece o molde da sua propria estatua, como obscuros e antecipados grandes homens, vivendo no futuro, para onde nos leva o arrebatamento de todas as esperanças. Não a comporta a alma esmorecida dos velhos, ou o juizo rectilineo do homem feito. Quando não a sentimos mais, imaginamos que ella se estinguio, como se a noite fosse o apagamento do sol, e não foramos nós que mergulhassemos, como a terra, na nossa propria sombra, inscientes dos resplendores que na mesma hora estão cahindo sobre as outras zonas e sobre as novas gentes. Desta maneira ella vai passando, feita uma herança sagrada das juventudes que se acabam, e, perenemente immovel no oriente da vida nacional, a refulgir nos mesmos cerebros juvenis, nos mesmos olhos recem-abertos á existencia, na mesma idealização ardente dos homens de uma mesma idade, é, de facto, immortal, porque diante della se verifica uma especie de immobilidade do tempo...

São comprehensiveis os contrastes. De um lado, na quadra em que toda a irreflexão desponta do muito reflectirmos o que nos cerca — estão uma larga expansibilidade do sentimento e uma sympathia avassalladora, que corrigem em grande parte os desvios da nossa inexperiencia e nos ampliam a vida ao ponto de podermos comprehender, sem que careçamos discutil-as, as syntheses maravilhosas dos sonhadores. De outro, a nossa intelligencia, mais e mais sobrecarregada das impressões que nos rodeiam de perto e chumbando-nos cada vez mais á base objectiva da vida. Turva-se-nos, então, a limpidez espiritual para espelharmos as figuras anomalas desses predestinados, que não pódem ser como nós somos, na immensa complexidade que os transforma por vezes em indices abreviados de uma época. O nosso culto decahe. Distinguimo-lhes defeitos que não notaramos. Vêmol-os diminuidos, e temos a illusão de que elles vão passando e desapparecendo...o vulgarissimo engano de quem, num trem de ferro, sente-se parado e vê fugirem, disparadas, desapparecendo, as grandes arvores que se aprumam, enraizadas e immoveis, á margem do caminho. Porque não é o poeta que se apequena e passa: é a nossa vida que se desencanta. Subjuga-nos nessa quadra a peior das nossas illusões: a illusão de que somos melhores, mais lucidos, mais praticos, mais sabios. Os quadros da existencia não nos dominam mais. Dominamol-os nós. Submettemol-os a uma critica permanente e cerrada, com as maximas exigencias daquillo que chamamos, garbosamente, a nossa personalidade. Sentimo-nos emancipados. Principiamos a construir a ficção de um nome. E não percebemos que algumas vezes, nessa plethora da individualidade, se nos reduz o typo social, até desapparecer encouchado e comprimido no ambito estreitissimo do nosso eusinho, que imaginamos enorme. E lá nos vamos, impando os nossos triumphos e as nossas convicções muito firmes, muito enrilhadas, muito duras, envaidando-se de calcarem os pobres cothurnos rasos de uma meia sciencia pretenciosa.

Então esse Castro Alves, o « condoreiro », que nos arrebatou aos maiores

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

lances da nossa fantasia, surge-nos monstruoso, paradoxal, chimerico...

E' que andamos tão jungidos ás tendencias adquiridas, que não logramos mais sequer balancear os effeitos das simples differenças de datas, para vermos a imagem do poeta corrigindo o nosso descortino das causas perturbadoras que nol-a desviam. E desdobrando o nosso criterio actual sobre um tempo, de que nos separam os quarenta annos mais intensos da nossa historia, sobresalteiam-nos, por força, grandes desapontamentos.

E' comprehensivel. A sua idealização exagerada contrasta demais com o quadro da nossa vida. Na esteira infernal, que o *Navio Negreiro* abrio sobre o abysmo com a singradura fantastica, navegam hoje os pacificos transatlanticos, onde se apinham os emigrantes tranquillos que reclamamos para as lavouras do Oeste. O recife immenso de pedra, « que rasga o peito do mar », está em boa hora submettido aos calculos e aos desenhos rigorosos de alguns provectos engenheiros a projectarem os melhoramentos do porto de Pernambuco.

E a propria cachoeira de Paulo Alfonso:

... a cachoeira ! o abysmo !
A briga collossal dos elementos !
.....
Aguentando a ranger (espanto ! assombro !)
O rio inteiro, que lhe cahe ao hombro !

... a cachoeira de Paulo Affonso em breve terá a sua potencia formidavel arithmeticamente reduzida a não sei quantos milhões de cavallos vapor, e se transformará em luz, para aclarar as cidades; em movimento abreviando as distancias, avizinhando os povos e acordando o deserto com os silvos das locomotivas; em fluxo vital, para os territorios renascidos, transfundindo-se na innervação vibratil dos telegraphos; em força intelligente, fazendo descançar um pouco mais o braço proletario; e fazendo-se sentir o espectaculo de uma mecanica ideal, de effeitos a se estenderem pelos mais intimos recessos da sociedade, no masculo lyrismo da humanização de uma céga energia da natureza...

Vêde, por ahi, como se contrabatem os estimulos modernos e aquelle mysticismo maravilhoso.

Além disto, o apparecimento de Castro Alves, certo opportuno, como o de todo grande homem, é, em grande parte, inexplicavel. Elle não teve precursores, na sua feição predominante. Os grandes pensamentos, sociaes ou politicos, que agitou, não lhe advieram, como em geral succede, de longas, ou bem accentuadas correntes, nos agrupamentos que o rodeiaram. Pertenciam, plenamente generalizados á sua época. Nasciam do patrimonio commum das conquistas moraes da humanidade. A sua grandeza está nisto: elle os vio antes e melhor do que os seus contemporaneos. Comprehende-se que o estranhassem. Sem duvida devera ser anomalo o vidente que surgia, de improviso, num estonteamento de miragens, e a proclamar uma regeneração ainda remota, ou a descrever a éra nova, que poucos adivinhavam, numa linguagem onde — naturalmente — os mais bellos lances de seu lyrismo incomparavel teriam de golpear-se do abstruso e do impressionismo transcendental das profecias...

A este proposito lembram-me alguns conceitos, que se exaram numa das conferencias de Renan. Li-os cheio de espanto. O adoravel pensador pareceu-

me, ao primeiro lance, desviado do seu scepticismo suavissimo e da sua ironia tranquilla. A seu parecer, dizia sem rodeios aos que o escutavam, uma raça dá os seus melhores fructos quando desperta de uma dilatada somnolencia. As mais bellas revelações intellectuaes teem sempre um enorme lastro de inconsciencia, ou, como accentuava, de vastos reservatorios de ignorancia. E ia por diante na aventurosa these tão chocante, ou contravinda ás mais vulgares noções da continuidade do progresso, affirmando temer pela humanidade, no dia em que a luz atravessasse todas as suas camadas. Porque — inquiria — de onde viriam, então, os sentimentos instinctivos, o heroismo, que é tão essencialmente hereditario, o amor nobre das cousas, que nada tem com as nossas reflexões, e todos esses pensamentos inconscientes de si proprios, que estão em nós sem nós, e formam a melhor parte do apanagio de uma nação inteira? Por fim — rematava — de onde nos viria o genio, que é quasi sempre o resultado de um longo somno anterior das raças?

E', como vêdes, paradoxal e inaceitavel.

Entretanto, defrontados o nosso poeta e a sociedade de seu tempo, e vendo-o apparecer quando ella, de feito, se afigura despertar de um demorado somno, affeiçoamo-nos, irresistivelmente, á metaphysica imaginosa do notavel pensador. »

PILHERIA MATHEMATICA

Peça o leitor a um amigo que lhe escreva n'um pedaço de papel os algarismos desde 1 até 9, omittindo o algarismo 8. Por esta forma :

1 2 3 4 5 6 7 9

Agora pergunte-lhe qual d'esses algarismos é que elle julga estar mais mal escripto. Qualquer que elle mencione, multiplique-o por nove e peça-lhe a elle que multiplique o seu numero 12345679 pelo producto achado : 18, 29, 36, etc., conforme o algarismo por elle indicado.

Assim supponhamos que é o 7 o algarismo que elle acha mais aleijado. O leitor obrigal-o-ha a fazer a multiplicação do tal numero por 63 :

```
 12345679
       63
 --------
 37037037
 74074074
 --------
777777777
```

— Prompto! dirá o leitor, apenas elle tenha feito a operação.

— Prompto, o quê ? perguntará elle. Onde demonio está a graça d'isto ?

— Graça não terá nenhuma, mas é para praticares a escrever o algarismo que te sae mais torto.

Porque a parte curiosa d'este exercisinho é que, qualquer que seja o algarismo escolhido, o resultado ha de ser composto apenas d'esse algarismo, repetido nove vezes no producto, afóra as vezes que se escreve nas parcellas.

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

Hamburg - Sudamerikanische Dampfschifffahrts Gesellschaft

em combinação com a

HAMBURG AMERIKA LINIE

SERVIÇOS PARA O BRASIL

LINHA DO NORTE : Dois vapores por mez entre Hamburgo e Pará, Manáos, Maranhão, Ceará e Parnahyba, com escalas por Antuerpia, Havre, Leixões, Lisboa e Madeira.

LINHA DO CENTRO : Um vapor por semana entre Hamburgo e Pernambuco, Bahia, Victoria, Rio de Janeiro e Santos, com escalas por Antuerpia, Boulogne s/M, Vigo, Leixões, Lisboa e Madeira.

Acham-se ainda em construcção expressamente para este serviço os luxuosos paquetes **Corcovado** e **Ypiranga,** os quaes, além de todos os modernos aperfeiçoamentos, possuem nas machinas um Gyrascopio Schlick cujo apparelho tem por fim evitar o « roulis » do paquete, disposição esta que ainda não existe em nenhum outro transatlantico que navega para a America do Sul.

LINHA DO SUL : Dois vapores por mez entre Hamburgo, e Cabedello, Maceió, Paranaguá, São Francisco, Itajahy, Florianopolis e Rio Grande do Sul, com escalas por Antuerpia, Havre, Leixões e Lisboa.

Além dos serviços acima enumerados, as Companhias mantêm ainda as seguintes linhas regulares para a costa oriental da America do Sul :

Nova-York e portos do Brasil — Hamburgo e Uruguay, Argentina e Paraguay — Buenos Aires e Punta Arenas — Portos do Brasil e Nova-Orleans.

Os principaes vapores empregados na linha do Brasil (Centro) são os seguintes : **Cap Frio, Cap Verde, Cap Roca, Tijuca, Rhaetia e Rugia.**

DESCRIPÇAO DA 1ª CLASSE

A camara possue excellentes e magnificos commodos com todos os aperfeiçoamentos modernos, esplendidos adornos em velludo, sendo as paredes de madeira entalhada, decorações artisticas, installações completas de campainhas, ventiladores e illuminação electrica, contribuindo assim para tornar todos os aposentos d'um conforto inexcedível.

Os quartos de dormir, espaçosos e bem ventilados, contêm em grande parte duas camas, um elegante sofá de velludo, lavatorios, guarda-vestidos, mezas, etc., etc.

Um amplo convez, abrigado do sol e da chuva, permitte aos passageiros passeios com todo o tempo. Largas e commodas escadas ligam os differentes andares dos paquetes.

Coisas Antigas

CIL VICENTE — VASCO ABEL

A rainha D. Leonor, mulher de el-rei D. João II, é uma das mais luminosas figuras da Historia de Portugal.

Bella e elegante na sua mocidade, segundo a pintam as chronicas, a sua estatura moral é de primeira grandeza, e a sua influencia decisiva na sociedade do seculo XVI.

Á sua iniciativa e intelligente impulso deve Portugal a instituição da Misericordia, a introducção da Imprensa, e, por assim dizer, o theatro nacional.

Foi ella quem, cooperando com D. Beatriz, sua mãe, appelidada a *Rainha Velha*, trouxe ás festas da côrte o poeta Gil Vicente, o iniciador do theatro portuguez.

Em 1502, uma quarta-feira, 8 de Junho, representou-se na camara da rainha D. Maria, que dois dias antes tivera um filho (que veio a ser D. João III), o monologo do *Vaqueiro*, que se póde considerar a primeira peça dramatica com fórma literaria, representada entre nós.

Depois, vê-se pelas rubricas das obras do poeta, a grande influencia que na sua factura teve a rainha D. Leonor.

É perante ella que em 1504 é representado na igreja das Caldas o *Auto de S. Martinho*.

E' por seu mandado que em 1505 se representa nos Paços da Alcaçova em Lisboa, o *Auto dos Quatro Tempos*.

É em 1506 que em Abrantes, tendo nascido o infante D. Luiz, filho de El-rei D. Manuel, foi pelo mesmo Gil Vicente feito no serão do Paço um sermão á christianissima rainha D. Leonor. E em 1508 é representado nos Paços da Ribeira perante a mui devota rainha D. Leonor e a seu mandado o *Auto da Alma*.

E ás representações que a ella directamente não eram dedicadas, ou por seu mandado feitas, assistiu muita vez como protectora que era do poeta, e como principal elemento da animação e brilho dos serões reaes, a cuja organisação já presidia em tempo de seu marido, nos Paços de Santarem, de Setubal, etc.

Nascimentos de principes, casamentos reaes, recepções e despedidas, eram quasi sempre acompanhadas com alguma representação do Gil, *que fazia os autos a El-Rei*. E muitas vezes, sem motivo de festa, ou acontecimento publico, e unicamente por desfastio nas continuas mudanças da côrte, que fugia aos assaltos da peste, tão frequente n'essa época, Gil Vicente representava um Auto, ou uma farça, que o seu genio animava com a graça viva das concepções, com o engenho dos argumentos, com a critica mordente dos costumes, com o desenho dos caracteres, com o bem achado das situações.

A casa VACHERON e CONSTANTIN, de Genève, tem 123 annos.
Unico representante no Brasil : Casa Standard.

Foi durante um d'aquelles recrudescimentos de peste em Lisbôa, que a rainha D. Leonor, em 1509, se retirou para Almada. E ali, fiel ás suas predilecções, chamou Gil Vicente para lhe representar um auto.

Accudiu elle prompto ao chamamento, e ali mesmo compoz a farça chamada o *Auto da India.*

Diz a rubrica assim: Á farça seguinte chamam Auto da India.

« Foi fundado sobre que uma mulher, estando já embarcado para a India seu marido, lhe vieram dizer que estava desaviado, e que já não ia, e ella, de pezar, está chorando.

Foi feita em Almada, representada á muito catholica rainha D. Leonor, era de 1519 ». Esta data está errada na edição de Hamburgo, pois que na edição de 1562 se lê: Era de MDIX. E assim deve ser. Em 1510 ainda a Rainha ali estava, quando foi do processo do Vasco Abul, como adiante veremos.

Acresce tambem que n'um dialogo d'esta farça a *Moça*, diz:

Tres annos ha
Que partiu Tristão da Cunha.

Ora a partida da armada de Tristão da Cunha para a India, foi em Abril de 1506, o que dá positivamente os tres annos em 1509.

Diz o sr. Theophilo Braga que o poeta dá a entender que esta farça era já conhecida do vulgo por que n'ella se diz: Á farça seguinte chamam *Auto da India.*

Salvo o devido respeito ao douto professor, parece-nos que aquelle dizer não indica senão que ao tempo que o poeta adjudado por sua filha Paula Vicenta, a *Tangedora*, coordenava as suas obras na quinta do Mosteiro, em Torres Vedras, a esta farça, que já era então muito conhecida, chamavam *Auto da India.* Como se sabe, n'esse periodo inicial do theatro raramente se repetia nas representações a mesma peça. E na rubrica d'esta claramente diz o poeta: Foi feita em Almada.

Gil Vicente, em muitos dos typos de seu theatro, é o precursor de Molière. É facil o parallelo, já mais de uma vez apresentado, entre os dois genios. Apontam os mesmos ridiculos, como na farça dos Fisicos, em que o nosso poeta, com dois seculos de avanço, enche de epigrammas uma classe depois tão caricaturada pelo comediographo francez. Um e outro debicam no clero e na nobrezza. E n'esta farça da India, as figuras da Ama e do Marido são perfeitamente de um Moliére do seculo XVI.

Como vimos na rubrica, a anecdota sobre que a farça assenta, tomada nos costumes portuguezes a que as partidas das armadas para a India tinham dado feições novas, põe em relevo um facto decerto frequente na classe baixa em que elle se passa; e confirmando o proverbio que diz: *les absents ont toujours tort*, aponta com graça e ironia a fragilidade e a perfidia do coração feminino.

Personagens são apenas cinco:

A Ama, que rejubila com a partida do marido para a India.

A Moça — criada acomodaticia, que lhe diz:

Dae-me alviçaras, Senhora,
Já lá vae de foz em fóra,
(Ama) — Dou-te uma touca de seda,
(Moça) — Ou quando elle vier
Dae-me do que vos trouxer.

Figuram mais dois galantes, um castelhano e outro portuguez, o Lemos, que, aproveitando a ausencia do marido e a leviandade da mulher, se introduzira na sua habitação, com seu assentimento, e finalmente o marido, que chega bem fóra de proposito e bem

pouco desejado, mas ainda a tempo talvez de não ter ardido Troia, e de ouvir de sua mulher os hypocritas protestos de affeição.

N'um dialogo rapido, em versos cheios de conceitos, e com a genuina graça portugueza, Gil Vicente define promptamente os caracteres dos cinco, e desenvolve a anecdota sem delongas que enfastiem.

A Ama diz á Moça, sua confidente:

Quem se vê moça e fermosa,
Esperar pola ira má,
Hi se vae elle a pescar
Meia legoa pelo mar,
Isto bem o sabes tu
Quanto mais a Calecut:
Quem ha tanto de esperar?
.....
Para qe he envelhecer,
Esperando pelo vento?
Quant'eu por mui necia sento,
A que o contrario fizer.
Partem em Maio d'aqui
Quando o sangue novo atiça...

E ella, moça e formosa, a quem o sangue novo atiça, sente com prazer que pela escada lhe sobe o castelhano, que emphaticamente se declara quando ella lhe pergunta:

(Ama) — Bem que vinda foi ora esta?
(Cast.) — Vengo aqui en busca mia,
Que me perdi en aquel dia
Que os vi hermosa y honesta.

Continua o castelhano a alardear o seu sentimento:

Supe que vueso marido
Era ido.
Al diablo que lo doy
El desestrado perdido
Que mas India que vos,
Que mas piedras preciosas,
Que mas alindadas cosas
Que estardes juntos los dos?...

Ella defende-se com requintado *coquettismo* e acaba por lhe conceder uma entrevista ás nove da noite, dizendo-lhe que dê signal com uma pedrinha na janella.

Apenas elle sahe, entra o Lemos, que:

Andava aqui
Meu namorado perdido,
(Moça) — Quem? O rascão do sombreiro?
(Ama) — Mas antes era escudeiro.

E o Lemos, que se declara:

Vosso captivo, senhora,
(Ama) — Jesu! Tamanha mezura!
Sou a rainha, por ventura?
(Lem.) — Mas sois minha imperadora!

E assim piegas e alambicado, continua cortejando, quando se ouvem na janella as pedrinhas do castelhano. Querem metter o Lemos para a cozinha, o castelhano impacienta-se, e depois de peripecias varias, exclama a moça:

Quantas artes, quanta manha,
Que sabe fazer minha ama,
Um na rua outro na cama...
E logo partiu a armada
Domingo de madrugada,
Não póde muito tardar,
Nova se ha de tornar
Noss'amo para a pousada.
Tres annos ha
Que partiu Tristão da Cunha.

Volta d'ahi a pouco esbaforida e exclama:

(Moça) — Ai, senhora! Venho morta:
Noss'amo he hoje aqui.
(Ama) — Má nova venha por ti,
Perra excommungada torta.

E quando depois o marido entra, esperando encontrar n'ella *mulher de*

A casa **VACHERON** e **CONSTANTIN** obteve o **UNICO** primeiro 1º premio no
CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS.

recado, ella descreve-lhe o que soffreu com a ausencia:

Jesu! Eu fiquei finada,
Tres dias não comi nada,
A alma se me queria ir.

Juro-vos que de saudade
Tanto de pão não comia,
A triste de mi cada dia,
Doente era uma piedade.

Aonde não ha marido
Cuidae que tudo é tristura,
Não ha prazer nem folgura
Sabei que é viver perdido,
Alembrava-vos eu lá?
(Mar.) — E como?
(Ama) — Agora, aramá
Lá ha indias mui fermosas;
Lá farieis vós das vossas
E a triste de mí cá,
Encerrada n'esta casa...

Com que conhecimento do coração humano não é lançada esta nota perfida destinada a socegar o confiado marido, e a lisongeirar-lhe a vaidade!

E com estas fallas lá o leva a ir juntamente com ella ver a não que o trouxera, e assim, diz Gil Vicente, na rubrica, *fenece esta farça*.

Divertiu ella por certo, distrahiu, e alegrou o escolhido auditorio dos refugiados em Almada, por causa da peste que ardia defronte em Lisbôa. Mas não deixa de ser curioso ver uma rainha, já a esse tempo tocando nos 52 annos, entregue habitualmente á vida severa e recatada do seu palacio de Enxobregas, e o escol da sociedade que a acompanhava comprazerem-se e folgarem com as aventuras algo libertinas da astuta e leviana mulher do embarcadiço, com a ingenua e cega confiança d'elle, e com os requebros amorosos dos dois rufiões, tudo expresso em linguagem crua e sem rebuços.

É que no seculo XVI havia menos convencionalismo. Diziam-se as coisas pelos seus nomes, sem escandalisar ouvir o que hoje se chamaria um *palavrão*. Os personagens de Gil Vicente fallam diante da côrte com a liberdade isempta de circumloquios com que hoje as regateiras e collarejas da Figueira discutem entre si.

E não só a linguagem era rude, e as pragas, as chufas, as exclamações brutaes eram pronunciadas claramente, como a idéa do pudor era diversa da que hoje impera.

Gil Vicente entrava vestido de Vaqueiro, na camara em que dois dias antes a Rainha D. Maria tinha dado á luz um filho, e referia-se sem euphemismos ao facto physiologico que n'esse quarto se passára.

Os amores dos clerigos, as proezas dos frades rufiões, a interferencia das alcoviteiras, e os infortunios dos mal maridados, eram contados por claro, a Rei, Rainha, infantes e cortezãos.

Mas não era só Gil Vicente quem tomava estas liberdades nas suas peças.

Nos serões do Paço, onde se discutiam subtilezas d'amor, e se versejava sobre as intrigas da côrte, não só as palavras eram claras, e as expressões d'então parecem hoje indecorosas, mas os factos sobre que se faziam apodos e se rimavam coisas de folgar, eram, segundo o criterio d'agora, sujas ou escabrosas.

Quem quizer ler no cancioneiro de Rezende as trovas do Brazeiro, as trovas do conde de Vimioso ao Barão do Alvito, porque vindo com El-rei de Almeirim, se lhe destemperou o estomago, etc., terá uma idéa da pouca limpeza na linguagem corrente d'esse tempo. E quem ler as trovas de Fernam da Silveyra a D. Rodrigo de Castro, que beijou uma dama, ou as de D. Joam de Meneses, e varios poetas a outra dama que beijava D. Guiomar de Castro, terá idéa das surprezas d'a-

quelle D. Rodrigo, e das proezas d'aquella dama de saphica memoria.

Mas o que hoje faria córar muitos que ouvissem taes desmandos n'uma sala, era admittido como fina essencia de espirito em toda aquella época, e n'esse serão do paço d'Almada, no anno de 1509.

Onde se aposentava a Rainha D. Leonor, n'essa villa? E onde era representada perante ella e a sua côrte a farça da India?

Palacio com grandeza e magnificencia não havia.

Durante toda a Edade Media a côrte deslocava-se muito frequentemente, e a não ser em Lisboa, Santarem, Cintra, Estremoz, Coimbra, Almeirim, Setubal e Evora, e ainda outras terras onde havia paços verdadeiramente reaes, de resto escolhia-se uma casa boa ou soffrivel para aposentação dos reis, e a comitiva accomodava-se pelas habitações dos principaes d'essa localidade.

Em Almada não havia paço, mas é de presumir que a Rainha D. Leonor teria ali, herdada de sua mãe e infanta D. Beatriz, alguma morada de casas pertencente ao almoxarifado.

E foi n'essas casas, de que hoje não ha vestigios, onde se refugiou da peste, onde hospedou Gil Vicente, e os comediantes, e onde reuniu a sua côrte, para ouvir e se deleitar com as graças da farça da India.

Foi ali tambem que no anno seguinte se deu o caso que na litteratura ficou com o nome de Processo de Vasco Abul.

* * *

Nos serões do Paço era vulgar debaterem-se entre poetas, ou simples versejadores, algumas questões amorosas, anecdotas pessoaes, casos da côrte em fórma de pleito judicial, ou processo, o que foi para assim dizer o rudimento de uma especie de arte dramatica.

No cancioneiro de Rezende encontram-se varios torneios metricos tratados por esta fórma como a questão do *Cuidar e Suspirar*, esta de Vasco Abul e outras mais.

Quer-se ir procurar a origem d'esta maneira de versejar na intenção que tiveram os juriconsultos da Italia (depois da passagem do papado para Avinhão) de tornarem conhecidas as fórmas do processo, compondo debates entre grandes personagens da antiguidade, que se atacavam e defendiam pelo ministerio dos procuradores e advogados, usando dos recursos das discussões judiciarias.

O processo de Vasco Abul, que se debateu nos serões da Rainha D. Leonor, estando ella ainda em Almada, em 1510, tem esta fórma usada nas discussões dos tribunaes, e n'ella entram varios poetas, como vamos ver.

O que deu origem a este caso diz-nos uma rubrica do cancioneiro geral que reza assim:

« Anrique da Mota a Vasco Abul,
« porque andando uma moça baylando
« em Alemquer, deu-lhe, zombando,
« uma cadeia d'ouro, e depois a moça
« não lh'a quiz tornar, e andaram sobre
« isso em demanda, e veo Vasco Abul
« falar sobre isso ha raynha, estando
« em Almada e haly lhe fez estas
« trovas ».

Vasco Abul era um cavalleiro que vinha de nobre gente, e parece certo ser aquelle mesmo Abul que annos

PIANOS RITTER, adoptados pela **CASA IMPERIAL DE ALLEMANHA.**

Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados aos paizes quentes.

antes, em 1488, fôra como capitão d'uma caravella na armada da « ida e passagem de D. João de Bemoim » o principe Jalofo, que visitara D. João II. A essa opinião se inclina o erudito escriptor o sr. Anselmo Braamcamp Freire. E a nós parece-nos essa opinião confirmada nos versos:

Andais ledo em grão guisa
Como quem veio da Myna ».

Não era portanto d'uma grande mocidade o Vasco Abul posto que fosse *bem disposto*, isto é, bem parecido ainda, quando, segundo dizem as trovas:

Uma gentil bailadeira
De Alemquer
fermosa, gentil mulher,
me chofrou d'esta maneira:

Por me não parecer feia,
vendo a bailar um dia,
lhe mandei por boa estreia
uma cadeia
que eu no pescoço trazia.
Depois, quando a quizera
recolher,
quizeram-me fazer crer
que eu por sua lh'a dera.

O folião do velhote, vendo a mocetona dançar, e sentindo ferver-lhe o sangue, com amor, galanteria ou concupiscencia, tira do pescoço uma cadeia d'ouro que valia « cincoenta bons cruzados », cerca de cento e trinta mil réis, e enfia-a no pescoço da rapariga, que das trovas se parece deduzir ser senhora e orfã, e que decerto tomaria o offerecimento como declaração de namorado. Ella, segundo a allegação que elle depois offerece:

Bailava bailo vilão
ou mourísca
mas chamo lh'eu carraquisca,
Mais viva que tardião.

O caso é que elle, acabada a dança, quiz recuperar a sua cadeia, mas a bailadeira recusou-se a dar-lh'a, e começando assim a demanda, o velhote veiu queixar-se á Rainha D. Leonor, a Almada, onde Henrique da Motta, poeta satyrico, e mais outros ajudadores, lhe dirigem trovas n'uma chacota que o deixou mal ferido:

« Que buscaes cá n'esta terra
Com tal sul
Meu senhor Vasco Abul?

E o poeta das trovas figura um dialogo em que o Abul responde defendendo-se que parece terem-lhe declarado guerra, mas que tudo são mexericos ou intrigas que lhe levantaram.

Replica Anrique da Motta:

Vós andais esmorecido,
Eu não sei que vós haveis,

Responde o Abul:

E' um caso tão subido
Que duvido
Se vós o entendereis.

Motta:

Não cureis de duvidar
E dizei-m'o.

Abul:

Não no digo porque temo
Que hão de mim de zombar.

E tinha razão de temer que zombassem d'elle, porque este dialogo todo, composição do Motta, revela notavel graça pela facilidade em improvisar. E uma troça pegada ao cavalleiro e capitão da caravella que depois de, em um impeto de enthusiasmo, ter sido generoso com a ladina bailadeira, se arrepende, e quer voltar atraz, tirando-lhe a cadeia.

Depois, quando quizera
recolher,
Quizeram-me fazer crer
Que eu por sua lh'a dera.

Responde-lhe o Motta :

E vós ficais d'hi honrado,
Não deveis dizer hi al,
Que o homem bemcriado
Namorado
O bom é ser liberal.

Mas de liberal e generoso é que Abul não tinha fama, pois no seguimento do processo é sempre apodado pela sua avareza. Dizem-lhe que não crie fama de *escasso* e mais :

Usai liberdade
e quiçá, se vos não ama
Essa dama
amarvos-ha de verdade.

E hi levar boa vida
A vossa casa,
qu'isto é vergonha rasa
Avareza conhecida.

Aperta-o o Motta por tal fórma que figura elle declarar :

Ataes-me por tal maneira
que me pesa,
e não posso achar defesa
que preste, posto que queira
a verdade não me vale,
Por escasso me apregôo.

E acabando em *vilancete*, exclama Anrique da Motta :

Todos vós, outros, senhores,
Que sabeis aqueste feito,
Sêde meus ajudadores.

Estes ajudadores são varios. Uns, poetas da côrte. Outros poetas de profissão, como Gil Vicente, que tambem entra n'este processo. Outros são empregados na casa da Rainha D. Leonor, como João Alvares, o secretario, Sebastião da Costa, o cantor, Branca Alvares, crystaleira, e até o *mestre Gil*, que parece ao sr. Theophilo Braga ser o celebre ourives, autor da custodia dos Jeronymos, que por muitas vezes tem passado por ser o proprio Gil Vicente do theatro. O sr. Theophilo Braga no seus recentes estudos affirma ser um primo do poeta que foi *ourives* tambem da rainha D. Leonor, que tinha o mesmo nome e que tambem metrificava, como tambem ao poeta não eram estranhas as regras da arte da ourivesaria. E d'aqui nasceu facilmente a confusão. E um dos argumentos do sr. Theophilo Braga para a existencia da dualidade do ourives e do poeta é, n'este proceso de Vasco Abul, apparecer uma copla de *Mestre Gil*, ao passo que adiante se lê no cancioneiro e n'este mesmo processo o *parecer de Gil Vicente*, sem lhe chamar Mestre. Ao sr. Anselmo Braamcamp parece que este Mestre Gil será o cirurgião-mór a que os documentos sempre dão esta designação e que morreu em 1511.

Fechado aqui este parenthesis, que tem o seu interesse, e aceitando que o *ourives da Rainha* ou o cirurgião-mór tambem fosse trovador com o nome de mestre Gil, vejamos quem são mais os ajudadores. É Agostinho Gyram, é Affonso Fernandes Montarroio é Diogo de Lemos, é Diogo Gonçalves, é Fernão Dias, é finalmente o proprio Gil Vicente, que dá o seu parecer com uma arte e uma firmeza que demonstra a sua superioridade sobre os precedentes, a maior parte dos quaes são versejadores de occasião n'este divertimento palaciano, e que não mais figuram entre os poetas do tempo.

Todos estes entram no processo, por assim dizer, como testemunhas de accusação, e os seus depoimentos teem mais ou menos interesse. Um, porém,

PIANOS RITTER Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

o do cantor Sebastião da Costa, é digno de reparo, pois que diz :

Andais ledo, em grão guisa
Como quem veiu da Myna,
Galante, cheio de frisa,
Com vossa gentil devisa
De cruz vermelha mui fina.
E pois já se determina
Que percais este colar
Não vos deve de lembrar.

O facto de dizer : como quem veiu da Myna, isto é de S. Jorge da Myna que fica ao sul do paiz dos Jalofos, para onde partira em 1488 a caravella commandada por um Abul, confirma, emquanto a nós, a supposição do sr. Anselmo Braamcamp, de que este Abul do processo é o mesmo da viagem, o que faz com que elle em 1510 fosse já proximo dos sessenta, concordando isso com o verso que Anrique da Motta lhe põe na bocca :

pois que sei e vós sabeis
que sei mais por ser mais velho.

É impossivel trasladar aqui todo o processo, embora curioso. E dos *embargos de Anrique da Motta pera se non entragar o colar a Vasco Abul, ffeito a rraynha dona Lyanor*, apenas transcrevemos o começo que diz :

Senhora,

Bem posso eu com razão
por ser dos orfãos juiz
acceitar a tal acção;
o direito assim o diz
nas Sergas d'Espradiam.

Estes ultimos dois versos são notaveis, por que determinam por assim dizer a data do processo, conforme nota o sr. Theophilo Braga, que primeiro o julgou passado em 1493, e que depois se convenceu de que o foi em 1510, pois é d'esse anno a primeira edição das conhecidas — Sergas d'Esplandiam. Segue-se o parecer de Gil Vicente, onde facilmente se reconhece *la griffe du lion*. Começa elle :

Senhora,

Vossa Alteza me perdoe
eu acho muito danado
este feito processado,
em que manda que razoe,
vae a cura tão errada,
vae o feito tão perdido,
vae tão fora da estrada,
que a moça condenada
Vasc'Abul fica vencido.

Como quem diz que se a sentença obrigasse a moça bailadeira a restituir o colar, quem moralmente ficava vencido e condemnado era Vasco Abul.

E de facto, na replica que depois do parecer de Gil Vicente apresenta Anrique da Motta acaba por dizer-se :

E tanto que lhe foi dado
não seja aqui mais ouvido,
seja d'aqui degradado
não se chame namorado,
pois d'amor não foi vencido.
Mas eu certo não duvido
por isto que se cá fez,
qu'elle não seja atrevido
em praça nem escondido
a emprestal-o outra vez.

Assim, esse Vasco Abul, nobre e cavalleiro, que commandara uma caravella, e que navegara pelos mares d'Africa até á costa da Mina, é crivado de chufas e de motejos, troçado, alvo da chacota dos poetas, dos cantores, e das crystaleiras, e finalmente escorraçado d'Almada, só porque faltara ás leis da galanteria, tão presadas n'esses seculos de cavallaria, em que o culto da mulher era a lei suprema.

E o pobre Vasco Abul, que merecia talvez pelos seus feitos ter o nome registado entre os dos nossos navegadores, fica apenas conhecido com o processo de Almada, por ter negado um colar de cincoenta cruzados a uma bailadeira d'Alemquer!

CONDE DE SABUGOSA.

Notas de Viagem

Nova-York, Junho 5 (1907).

Penso que Nova-York é, das grandes cidades do mundo, a mais cosmopolita e onde o cosmopolitismo tem por ventura fóros mais consideraveis e maiores garantias. Em Londres e em Pariz a immigração se accommoda de outra fórma que em Nova-York; em Londres ha a mescla internacional abafada sob o peso de seis milhões de inglezes, e em Pariz a parte mais consideravel dos extrangeiros não é senão uma população adventicia e fluctuante. O immigrante em Nova-York guarda seus caracteristicos nacionaes, conserva não sómente a nacionalidade como os costumes e alguns delles, como os Chinezes, Japonezes e Judeus mantém até o uso dos respectivos systemas de pesos e medidas e fazem circular as suas moedas indigenas.

E' curioso para o *touriste* em Nova-York tomar um aereo e se deixar cahir no fim de vertiginosa viagem entre os andares das casas altas em pleno solo de Imperio do Céo!

O bairro chinez exige precauções do viajante audaz que pretende visital-o. Não se vai lá sem pratico e interprete e sem a garantia do *policiman*. De modo que visitar o bairro chinez em pleno Nova-York é uma aventura emocional como se arriscar a gente num mar selvagem e encapellado, bordado de escólhos e perigos! Pratico e policia!

Quando pallido de commoção solicitei o auxilio indispenasvel e me arrisquei a viajar na China, afigurou-se me na imaginação excitada que ia encontrar os jardins do Imperio do Meio com kiosques e mandarins gordos de rabicho, beberricando chá espalpados ao sol...; sonhei que, passando sob um terraço, havia de me cahir nos ouvidos a musica singular de um monocordio tangido por uma dessas mãos pequenas côr de rosas chá e com cabellos de ebano. Ainda no aereo, na voragem da velocidade e entre os roncos e os canudos fumegantes do progresso occidental — acreditei que já estava no prologo dos vagares e silencios philosophicos das portas dos pagodes, onde se discute Confucio e os maleficios da Lua.

A China! O Rabicho veneravel, que é um symbolo! o Chá, que é um systema!

Os pésinhos torturados num estojo de xarão, que são afinal o resumo da Esthetica do Dragão! Uma visão da China Anciã por cinco centimos e a meia hora de viagem do conforto e das facilidades do hotel Victoria! Deuses veneraveis, o que eu sonhei rodando com furia no aereo!

Passada meia hora, o pratico e o policia me despertaram de um sonho e logo desci da plataforma-viaducto para a viella em baixo. Antes não o tivesse feito nunca. O becco tortuoso descambava como o lombo de um muar escaveirado, entre duas linhas de tascas, tresandando a oleo de peixe.

As casas são apenas uma recordação de Nova-York velha, são sujas, derrea-

REX pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa está habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.

das, cambaias, como se fossem realmente casas occidentaes que um cyclone monstro houvesse arrojado á China, para uso e gozo dos Chins!

Nem ao menos são casas chinezas, nem ao menos são kiosques pobres, nem ao menos são daquelles cubos de madeira e papelão em cujos portaes escancarados velhas chinezas lavam em tinas os bébés de ambar.

Casas de tijolo e pedra, portas occidentaes partidas, janellas quebradas, caixilhos desguarnecidos, e através toda a immundicie chineza e triumphante.

Fazia um sol escuro e mormaço. Cães magros farejavam montulhos. Moscas zumbiam aos bandos sobre as mercadorias expostas. Caras patibulares, olhos convulsos, boccas escuras, homens e mulheres ganindo e gralhando, uma confusão de guinchos e de berros e através isto, eu, o interprete e o policia magoando os pés nos calháos e marchandoao sol!

Afinal o cansaço e o tédio me exigiram um instante de descanço e entrei na tasca que me pareceu menos suja e mais chineza. Veio um copo grosso de vidro, repugnante, e não tive outro remedio senão em plena China me refrigerar com cerveja, bebida na garrafa!...

Nova-York, Junho 6.

Quando se chega á America e principalmente quando se está em Nova-York, um preconceito classico se desvanece. A actividade americana tem uma fórma incompativel com a expressão dynamica da actividade. E' interessante apprehender-se até o fim a exacta maneira de ser activo na America. Em nenhum paiz do mundo são tão poucas as horas de trabalho. Supponho que apenas na Inglaterra o descanço dominical seja tão completo. Não acredito que haja algum povo na terra que coma com o vagar do americano. O jantar commum não dura menos de uma hora; no restaurante, no café, no botequim, o boy nunca tem pressa. O lustrador de botas é vagaroso. O cab roda com vagar. O jornal é immenso e consome horas a fio. As refeições gastam metade do dia. O mirone é uma corporaçãoo e em cada hotel ha vitrines que dão para a rua, onde os contemplativos se alinham em poltronas, vendo e admirando. O pequeno commercio é tão vagaroso que produz neurasthenia. Um saque contra um banco exgota quatro dias. O telegramma urbano demora; o correio vem com vagar. Parece que ninguem tem pressa neste paiz. A urgencia, a rapidez delirante são mentiras e fantasias na America. Mas a pressa, a urgencia, a rapidez delirante, que não existem, não são as fórmulas da actividade americana. Na America a actividade é a audacia; é a iniciativa inesperada; é o aproveitamento de todas as fontes de recurso; é o commercio levado ao paroxismo em todas as relações; é a remuneração forçada de um milhão de serviços organizados para a commodidade e o conforto da vida. Vagarosamente, calmamente, aos poucos, o Americano realiza um numero de negocios infinitamente maior e mais consideravel que nós outros latinos o conseguimos em mais tempo e com maior esforço.

A questão aqui não é a massa de trabalho, mas a fórma de trabalho e essa fórma o Americano conseguio com o seu admiravel systema de accessorios.

Os pequenos trabalhos accessorios da grande actividade americana são exclu-

sivos ao genio deste povo. Nenhum outro homem na terra é bastante despreoccupado do preconceito e bastante argentario para se munir dos instrumentos com que o Americano organizou a sociedade de seu paiz. A actividade americana, como a organização social e politica da Republica, é um aspecto nacional privativo e por isto nós outros, de outra raça e de outros moldes, não podemos julgal-a, apenas observamol-a; a actividade americana é uma peça do mecanismo nacional que se examina, mas não se julga, porque o nosso criterio, funcção de nosso organismo e do nosso modo de ser, seria provavelmente arrastado a uma injustiça nesse julgamento.

MACEDO SOARES.

BALLADA DE UM TRISTE

Para a Saudade de Yolanda

Um dia
Eu te julguei da Vida a eterna Realidade...
E eras apenas uma Phantasia,
Meu lindo Sonho de Felicidade.

Tinhas tudo o que o Bem do Amor, em viço e goso,
Pode fazer da Vida um Bem superno,
Por isso
Eu te julgava eterno,
Resumindo na tua Eternidade
Tudo quanto de bom no mundo havia.

E eras apenas uma Phantasia,
Meu lindo Sonho de Felicidade.

Pelo curso normal de annos e de annos,
Foi-me esta Vida assim, sem mal, sem fraguas.
Pareciam tão longe os desenganos,
Tão longe os prantos e tão longe as maguas.
E assim é que eu vivia,
Cheio de paz e de credulidade.

E eras apenas uma Phantasia,
Meu lindo Sonho de Felicidade.

A calma do meu Lar a Desventura
Nunca ensombrára do mais tenue véo.
Pelas janellas largas da Ternura
Entrava a luz que nos mandava o Céo.
E lá por dentro ria
O palhaço da minha Mocidade.

E eras apenas uma Phantasia,
Meu lindo Sonho de Felicidade.

Esta minh'Alma que hoje, tarda, trilha
A tristeza de um longo desalento,
Vivia então no doce encantamento
Do grande Amor da minha linda filha,
Cheia de Vida, cheia de Alegria,
Cheia de encanto, cheia de bondade.

E eras apenas uma Phantasia,
Meu lindo Sonho de Felicidade.

Era um encanto para a minha Vida
Essa meiga e lindissima creança,
Que lá se foi, em flores envolvida,
Para a morada d'Ultima Esperança.
Deixando est'Alma tanto mais vasia,
Quanto mais cheia d'immortal Saudade.

E eras apenas uma Phantasia,
Meu lindo Sonho de Felicidade.

Um dia
Eu te julguei da Vida a eterna Realidade,
Tudo que ao Bem, tudo que á Paz conduz...

Nunca, nunca suppuz
Que eras apenas uma Phantasia,
Meu lindo Sonho de Felicidade.

MARIO PEDERNEIRAS.

REX pianista, adapta-se a qualquer piano : uma criança pode tocal-a. CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

LIVRARIA COLLEGIAL E ACADEMICA DE

PEDRO DE S. MAGALHÃES

27, *Rua do Commercio*, 27

Caixa Postal, 103

S. PAULO-BRASIL

Variado sortimento de livros Collegiaes, Academicos—Medicina, Jurisprudencia, Romances, Dramas, etc.

EM PAPELARIA possue este estabelecimento um variado sortimento de papeis **commerciaes,** Diplomatas e Almassos, cujos preços têm feito admirar muitos compradores que acham os preços insignificantes. Tintas para copiar e escrever, Pennas, Lapis, Canetas possue egualmente escolhido sortimento.

Livros para Crianças. Enorme variedade entre os quaes se destacam o « João e a Joanna Patusca » que andam sempre a cantar — triolé — triolá; interessantissimos livros cheios de gravuras escolhidas por Dona *Miloca* — Bibliophila das *crianças*.

Livros para a Dona de Casa possue este estabelecimento variado sortimento onde se *destaca* o **Thezouro das Familias** ou encyclopedia dos conhecimentos da vida pratica. *Manual do Jardineiro*, interessante livro de noções praticas do cultivo das flores. Manual de criação de coelhos, gallinhas, etc.

EM JURISPRUDENCIA encontrarão os snrs. Jurisconsultos os livros mais modernos e de maior valor Juridico, assim como as obras mais recentes em **Medicina, Mathematica, Litteratura,** etc.

Variada collecção de **Livros Religiosos** e Escolares.

CARTÕES POSTAES grande manufactura; Importação e exportação para todos os Estados do Brasil.

Uma ligeira visita á

LIVRARIA MAGALHÃES

dar-lhe-ia magnifica impressão do variado conjuncto dos artigos ali expostos e vendidos a preços da **Epocha** (isto é, baratissimo).

Este estabelecimento possue o maior deposito das edições da **Livraria H. GARNIER,** remette **catalogos** e informações a quem lh'as solicitar; os pedidos devem ser dirigidos á Livraria de Pedro de S. Magalhães.

THEOPHILO BRAGA

Festejou todo Portugal em 21 de Fevereiro de 1907 o 63º anniversario de Theophilo Braga.

Theophilo mora á Estrella, n'uma travessa estreita e pobre — a de Santa Gertrudes — onde os predios teem fachadas tristes e os moradores são silenciosos. A' entrada, o Juizo d'Instrucção Criminal é como uma atalaya com as suas janellas de guilhotina, com o seu ar de palacete, pintado de vermelho e com a tradição dos Cabraes; lá para o meio da ruella, atravez as vidraças, entrevêem-se vagas figuras de mulheres, curvadas, a costurar, n'uma réstea de sol, e, ao fim, mesmo á esquina, está a exigua casinha do escriptor, toda forrada de azulejo pallido.

Theophilo Braga em 1896.

Nunca tinha entrado na morada de Theophilo e conhecia-o de o vêr atravessar as ruas com o seu fatinho modesto, o andar como hesitante, n'uma despreoccupação de sua pessoa, parecendo caminhar preso d'um sonho, a modo sobresaltado quando o comprimentam; mas conhecia-lhe os esforços que já entraram na lenda, a vida de tormentos e de estoicismo que já anda de bôca em bôca com respeitos; e da sua obra vasta, feita com a persistencia d'um monge bento no seu casulo de sapiencia, conhecia a erudição esmagadora da *Historia da Litteratura Portugueza* e a evocação cheia de ardor do *Viriato*, a philosophia espantosa da sua *Visão dos Tempos*, os poeticos e trabalhosos quadros do *S. Frei Gil*, os estudos pacientes e aturados sobre Gil Vicente e Sá de Miranda, sobre Bernardim e Bocage, aprendera com enthusiasmo factos da sua mocidade de luctador e de forte e ouvira as suas conferencias e as suas lições cheias da rigidez d'um culto e da sciencia vasta d'uma vida toda de honrado trabalho.

WILLIAMS VISIVEL, a machina de escrever mais resistente e simples.

CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

Por isso quando batia á sua porta e mal tinha tempo de dizer o meu nome á creadita de sorriso infantil — uma criança acanhada e d'avental branco — e o escriptor me appareceu, eu fiquei turbado e cheio de pasmo ao vêl-o no patamar com a sua mão estendida para a minha e com o seu melhor sorriso a comprimentar-me, com o seu ar nobre e, ao mesmo tempo, simples de velhinho e com as suas phrases de bom acolho a mandar-me entrar para o gabinete, mettido na penumbra, de cortinas corridas, cheio de papeis e de livros que mal tive tempo de vêr na minha anciedade de não parecer perturbado.

Mas Theophilo mandava-me sentar, indicava-me uma cadeira das quatro do gabinete, onde cousa alguma se alterou desde ha trinta annos, e punha-me á vontade, repuxava para os joelhos uma manta de viagem e ficava a escutar as minhas primeiras palavras de respeito com o seu risinho aberto, a passar uma das mãos sobre a outra, os olhos vivos a fixarem-me, a dizer-me umas boas e immerecidas palavras d'acolho com o seu vago sotaque de ilheu que atravessou o mar para ensinar aos continentaes as grandezas do seu passado.

Queria ouvir d'elle trechos da sua vida e as suas recordações queridas, bocados da sua observação dos homens e a narração dos seus tormentos na lucta; desejava trazer comigo, como uma fortificadora e sã doutrina para vir dizer aos seus contemporaneos, o que elle pensa sobre algumas cousas da nossa vida social e o que elle soffreu para aprender essa maneira de julgar.

E foi assim que me contou — sempre com o mesmo sorriso e com o mesmo ar singelo — a sua estreia litteraria e as suas mizerias, a sua conquista da gloria e as suas esperanças. Ouviu o que eu desejava da sua sabedoria e da sua experiencia, arranjou, com cautela, o papel onde eu devia tomar apontamentos, pediu para me sentar á secretaria, visto não haver outro logar onde pudesse escrever e, como se aquelle logar fosse o mais humilde, abandonou-m'o, despreoccupadamente, como um eremitão santo a ceder o seu logar venerando a um vulgar romeiro que chega ao seu retiro no cumprimento d'um voto.

Falei-lhe então da sua mocidade, da sua passagem por Coimbra, dos seus livros, desejei saber qual fôra o seu primeiro trabalho e, elle, como se deixasse cair dos labios uma cousa vulgar, disse-me, com simplicidade e vagares:

— Tinha 15 annos, estava em S. Miguel, na minha ilha, e escrevi as *Folhas Verdes*, como se escrevia em 1858. A poesia era, então, um lyrismo martellado e cheio de cunhas, feito para cantar futilidades, arranjado em redondilha, de que eram então os deuses João de Lemos e Palmeirim... O meu livro foi baseado, pois, n'esse romantismo caido e n'essas banalidades ditas com bonitas palavras... Mas tinha 15 annos, nunca saira da minha ilha e sonhava... De resto fiquei sempre mais ou menos sonhador...

Acrescentou então que o sonho era, para certos temperamentos, uma força; não deixava vêr as mizerias da vida.

Depois, sorrindo e aconchegando a sua manta, disse-me que, passados tres annos, viera para Coimbra. Dominava então Victor Hugo e Vigny; e isso fez-lhe vêr que a poesia não era só uma cousa pessoal para cantar dôres e cabellos loiros, mas que ia mais além, que chegava até á philosophia... Anthero deu a essa poesia nova a revolta, João de Deus deu-lhe o sentimento renovador e nacional... Foram seus contemporaneos os advogados celebres e os professores sabios dos ultimos tempos, os jurisconsultos e os poetas que soffreram, como elle, o boçalismo dos compendios e as idéas archaicas dos lentes. Viveu, ao começo, saudoso e indignado, sem frequentar a turba desvairada d'estudantes que fazia troças e patuscadas, alheio da vida universitaria no seu pittoresco, reduzido ao seu canto porque não acceitava o menor subsidio da familia, mettido na ignorada mizeria mas tambem no seu sonho. A sua geração era nihilista e irreverente, collocava a Incredulidade n'um altar, deixava crescer os cabellos e clamava contra tudo, chasqueava da patria na qual elle via, diante da tradição, uma existencia futura, uma independencia, uma vida propria. Foi assim, do seu isolamento e da sua pobreza, que nasceu a *Visão dos Tempos*.

Foi extranho ás sociedades revolucionarias transformadas em maçonarias, como a do *Raio*, lavou por vezes a sua roupa e remendou-a, fazia prodigios de trabalho para ganhar a vida e estudar, lia Hegel e Littré e habilitava rapazes em oito e quinze dias para os exames de logica e rhetorica; observava na Universidade duas correntes — que diz ainda hoje latentes — a do lente retrahido no compendio, fechado ás grandes idéas, e a do estudante, abrindo-se para todos os grandes movimentos. Coimbra era, então, bem um burgo de escolares; não havia ainda caminho de ferro, e elle, dando-se com pouca gente, mettido no seu trabalho, persistente, tenaz, a custo ganhava alguns vintens por dia com que se alimentava. Soffria do seu isolamento, enfraquecia e andava nostalgico, descoroçoava, sentia-se pequeno; mas, um dia, lendo que Spinoza — o grande philosopho — mal ganhava quatro vintens a lapidar vidros, encorajou-se e exclamou delirante e ousadamente :

— Então que tenho eu de me queixar?!... Não passo d'um rapazola!...

Porém os outros rapazolas, os seus condiscipulos, andavam tunanteando fóra de horas, de guedelhas ao vento e batinas enodoadas, faziam algazarras, combinavam partidas, preparavam troças, enchiam-se de vinho, gozavam a vida, emquanto elle, no seu buraco, leccionava, fazia dissertações e estudava. Tinha a existencia d'um estoico que sempre foi.

E, alegremente, a repassar as mãos uma sobre outra, n'um gesto habitual, Theophilo, cheio de contentamento, exclamou :

SMITH VISIVEL, a machina de escrever que reúne as qualidades de todas as outras.

CLUBS CASA STANDARD.

— Mas na minha geração não houve politicos! Nem um! Nem um!...

Por este tempo, Castilho e outros de menos vulto tinham-se lançado sobre elle, e Theophilo, na sua casita pobre, soffria-lhes os rancores. Tiraram-lhe a collaboração do *Jornal do Commercio*. Havia dias em que não tomava cousa alguma quente, em que roia um pedaço de pão, escutando as gargalhadas dos bandos alegres que passavam á sua porta. Tudo isto o espicaçava, o feria. Uns, da boa paz dos seus gabinetes, buscavam inutilisal-o, os outros mostravam-lhe, com os seus risos, o que era a mocidade. Então saiu de si; fez-se ousado, respondeu a uns e fugiu mais dos outros, e como um seu condiscipulo lhe contasse que Camillo Castello Branco o alcunhara de talento borracho, devorou a affronta e achou na sua esperança um consolo.

Borracho, elle?!... Se havia dias em que não comia! Uma vez, no Porto, em casa do Moré livreiro, editor de Camillo e seu, aquelle escriptor estendeu-lhe a mão e elle voltou-lhe as costas.

Theophilo faz uma pausa, olha-me bem, abana a cabeça encanecida e diz, pezaroso :

— Estava ainda moço... Hoje não voltava as costas a ninguem... Todos os homens devem saber perdoar...

Conta de seguida os sabidos ataques de Camillo, collocado ao lado de Castilho; diz que o orgulho ferido do desgraçado e grande romancista o desvairara e, como lhe fizesse umas observações acêrca da vida agitada, das dôres, das torturas do supremo escriptor, Theophilo declarou :

— Mas não era por elle só... Muita gente o impellia contra mim... Se soubesse...

Diante do meu pasmo ergue-se, vae á gaveta da sua secretaria pobre, em frente da qual eu estava, e procura um masso de papeis, arranca uma carta de Camillo para o editor e mostra-m'a n'um gesto confiado. E vejo então que assim era. Camillo não fizera obra por si; outros, que elle citava com desprezo, o tinham lançado contra Theophilo que, possuindo as provas de tudo isso, se tem calado, quando, com uma só palavra, podia ferir gente que ahi está viva e graduada.

De resto, Camillo foi justo ao cabo d'algum tempo; teve rasgos que n'esse impulsivo eram caracteristicos. Quando morreram os filhos de Theophilo, escreveu um soneto intitulado a *Maior Dôr humana* e que lhe dedicou. Isto foi em 1887 e, desde então, foram amigos. Morrera uma netinha a Camillo, uma criança dôce, que era o enlevo d'aquelle grande homem, uma linda flôr abrigada á sombra d'aquelle magistral carvalho, cuja ramada dava para entretecer milhares de corôas glorificadoras e, então, irmanado pela dôr com o homem que guerreara, como já se irmanára pelo talento, escreveu esses versos que são dos melhores entre os dous outros sonetos maximos da lingua portugueza : o que começa *Alma minha gentil que te partiste* e é de Camões, e o que principia *Foi-se pouco a pouco amortecendo*, escripto por João de Deus.

Perguntei de seguida ao grande escriptor qual das suas obras preferia e, com um ar desalentado, disse-me a sorrir :

— Nenhuma... Não costumo reler as minhas obras senão quando se fazem novas edições. Então sou um extranho no meio d'ellas, apparecem-me todos os seus defeitos e todas as suas qualidades. Tenho o grande prazer d'emendar. Ah ! a vida é curta—diz desalentado—e é pena... Queria viver muito para ter um prazer enorme já gozado, mas ainda não, tanto como desejo... Sabe qual é?! o de aperfeiçoar... emendar sempre!...

De resto, menhuma das suas obras—confessa com alegria—o envergonha. São todas escriptas com sinceridade. Algumas apenas teem feito germinar uma idéa nos outros e elle dá-se por feliz. A *Visão dos Tempos* esteve trinta annos á espera d'um livreiro que quizesse edital-a por completo. Faltava-lhe a philosophia, pois fôra feita aos 21 annos. Mas quando leu Augusto Comte achou o que lhe faltava... Agora vae refazel-a toda diante das suas reflexões, das suas idéas sobre os Mythos da continuidade humana... No emtanto, como lhe falo em preferencias, sempre me quer dizer que n'essa *Visão dos Tempos* ha um poemeto, *A Sombra do Propheta*, que relê nas suas horas de abatimento... Ah ! Esse velho rei Cyro, da poesia, cheio de gozos, cheio de riquezas, com as suas soberbas e com as suas glorias, bastando-lhe um gesto para gozar tudo, bastando-lhe sentir um desejo para o satisfazer, não sabe resistir ao sonho que lhe chega n'uma hora de entorpecimento lascivo, emquanto uma captiva israelita do seu gyneceu canta, ao som da cythara, as desgraças da patria d'onde a arrancaram ; e então o soberano, no seu vago sonho, vê a sombra do propheta Elias que o manda ser clemente e libertador do Povo escravo. E' o que relê da sua obra ; é o que n'ella prefere!... A consciencia d'um rei a accordar !

— E a sua *Historia de Portugal?*

Esse livro é uma paixão, faz parte do seu plano, pois de resto toda a sua obra obedece a elle. Na *Historia*, não é, como muitos, um patriota, nem, como outros, um incredulo. A sua força é a esperança. Quer dar n'esses capitulos bem detalhada a feição do genio portuguez. Não faz uma Historia para Portugal apenas. Faz um capitulo da Historia Universal, em que a nação tem o seu logar, porque o portuguez está destinado a existir sempre. Senão, que visse eu o feitio d'este povo. Nos cataclysmos não se rende, nas afflicções não perece. O filho do portuguez, fóra de Portugal, augmenta de resistencia...

Todo elle se agita e vibra; gesticula já erguido; transforma-se, parece muito alto n'aquelle gabinete atulhado de papeis, repleto de livros, onde não

SMITH VISIVEL TEM O MAIOR INVENTO em machinas de escrever : ARTICULAÇÕES COM ESPHERAS.

ha um objecto d'arte nem um movel de luxo, onde não ha um quadro nem uma nota garrida, que lembra uma cella de frade estudioso votado a uma religião de sciencia.

E fala sempre com brilho, agora, sem a sua vaga hesitação, expõe as suas idéas, vae direito a um fim como uma aguia que, quanto mais alteia o vôo, melhor se sente e diz:

— Nós vivemos d'esperanças, d'essas esperanças que são forças, d'esses sonhos que são, bem longe de chimeras, como antevisões. Não é o messianismo que temos nos nossos espiritos: isso não é nada. A religião d'um homem que vale?! Nós temos a religião innata d'uma raça, como uma collectiva certeza de viver que é a Sagrada Esperança dos Liguros, o Eterno Saber Esperar d'esse povo de que somos herdeiros!... E' uma idéa mãe e ella é tudo! E' uma força maxima egual á da terra que tudo contém em si e vae existindo com as proprias qualidades! Eu penso assim... Não quero pensar d'outro modo! Vivo das minhas sensações e da minha vontade, sem querer cousa alguma que parta dos outros, quero gerar as minhas reflexões e existir d'ellas... Quero liberdade até nas emoções... Mas sabe que isto deve ser assim! Sthendal nos seus devaneios artisticos, quando ia para as galerias de quadros de Roma gozar as bellezas d'aquellas pinturas soberanas, isolado e entregue ao seu pensamento, á sua analyse, acontecia-lhe muitas vezes ficar perturbado pelo juizo estupido d'um visitante que lançava uma opinião sobre o quadro que elle dissecava, gozando-o! Ora eu não quero essas perturbações!...

E sentava-se; ficava, de subito, muito sereno a responder ao meu enthusiasmo com o seu eterno sorriso patriarchal, com uma luz ardente nos olhinhos vivos.

Perguntei-lhe então como compunha as suas obras, como fazia esses trabalhos tão seguramente lançados.

— Primeiro faço o plano geral — disse elle — tenho um livro onde lanço todas as minhas observações, onde systematiso todas as idéas, junto a isso as acquisições que faço quotidianamente e, quando me sento para trabalhar, tenho já tudo diante como um mappa de região em que vou viajar!...

« Aqui estão os materiaes sobre Camões, o meu primeiro a sair.

Indica-me uma ruma de livros que toma um canto do gabinete, mostra-me mais uns seis massos de papeis, sorri e parece apossar-se d'elle um desejo enorme de me mostrar os seus thesouros... Abre a gaveta d'um movel, sacca mais massos, sempre mais, e explica:

— Sobre José Agostinho, sobre o Cancioneiro portuguez, sobre Gomes Freire e sobre Herculano...

— Herculano?! Pois vae tambem tratar Herculano?! —pergunto, admirado de como o escriptor tem tempo para tantas buscas.

— Sim, vou... Quero mostrar as suas soluções negativas... Herculano não

é o que se pensa ! E' certo que não concordou com muitas cousas, mas algumas ha que se devem aclarar ! Agora, os herdeiros vão publicar as suas cartas e parece que querem cortar d'ellas alguns periodos em que elle se insurge... outros em que elle transige. Ora não póde ser assim... Um homem deve apparecer á posteridade como realmente foi...

Havia n'aquellas palavras a grandeza rigida que já lhe conhecia e, então, Theophilo não me deixa esperar, continua a explicar o seu processo litterario :

— Redijo, sem procurar a perfeição, no momento. Quero dar primeiro a forma viva... Retoco, depois, na prova, indicando ao typographo o processo que deve usar... Não quero a hypocrisia nem na fórma. Tudo deve ser natural...

E elle é bem natural quando me diz isto com o seu ar de bonhomia, com o seu lento repassar das mãos uma sobre a outra.

— E como entrou para o Curso Superior de Letras ?!...

— Anima-se de novo. Aquelle homem, na sua apparencia fria, é um extranho nervoso ; parece reviver com as suas recordações, fala com um enthusiasmo enorme, marcando-se, então, muito mais, o seu sotaque ilheu.

— Em 1867 formei-me em Direito. A faculdade convidou-me a tomar capello. Não fiz logo concurso para lente substituto porque n'esse anno acabaram esses logares na Universidade. Esperei com paciencia. Em 1871 houve quatro vagaturas e rejeitaram-me em favor d'outros que ahi estão vivos e nunca se affirmaram... Ri, então, com gosto, conclue.

« E' como se estivessem mortos !...

« Concorri á cadeira d'Economia Politica da Academia Polytechnica do Porto. Deitaram-me onze favas pretas. Antonio Gyrão, então lente do estabelecimento, disse que só um concorrente era aguia... Foi votado um cunhado de um membro do jury... Não pensei mais na Universidade, nem na Academia Polytechnica... Era um escorraçado e carecia viver intellectualmente. A advocacia não me agradava ; só no professorado tinha esperanças e, então, concorri ao Curso Superior de Letras. O outro candidato era Pinheiro Chagas... Os examinadores eram Innocencio, D. José de Lacerda, Sousa Lobo, Levy Jordão e Antonio José Viale. A cadeira era a de Litteraturas modernas, vaga pela passagem de Soromenho para a de Historia... Quizeram reprovar-me... Luctei como um desesperado e fiz um terrivel concurso... A sala encheu-se até á porta... Era novo e defendia-me... Disse cousas amargas e calorosas ! Espavoriram... Chagas preparara-se para falar meia hora e a prelecção durava ha uma hora ! Entrou a repisar o que dissera... Já se faziam apostas...

CLUBS DA CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio :
VENDAS A PRESTAÇÕES SEM AUGMENTO DE PREÇO

Os lentes da Polytechnica, com Manuel Bento de Sousa á frente, deliberaram apostar uns jantares denominados, desde logo, á *portugueza* e á *franceza*; o primeiro seria dado pelo partido contrario se eu vencesse, o outro, pelos meus partidarios, se Pinheiro Chagas fosse o vencedor... Quizeram, então, no ultimo dia do concurso, afastar os ouvintes. Transferiram a lição para um sabbado, em segredo, mas até nas escadas havia gente e eu fui approvado! Tinha o meu subsidio espiritual, ganhava a certeza de poder trabalhar ao abrigo d'esse meu esforço... Quando vagou a cadeira de Litteratura grega, Chagas receou-me e não quiz concorrer... Temia a minha má vontade! Encarreguei alguem de lhe dizer que viesse... Eu era seu amigo, elle tinha valor... Chagas concorreu e foi um bom collega...

« De resto, fiquei sempre n'aquella cadeira... não quero mais nada... Fiz já trinta annos d'exercicio n'este logar e ainda não me deram o terço de ordenado que me compete. E' necessario requerer... Eu não o faço! Quando o Estado me pede os impostos eu pago-os sem recalcitrar, elle que me pague tambem sem eu pedir... Mas deixal-o... Só lamento que a vida seja tão curta... Tenho passado maus boccados, mas tenho tambem gozos moraes!... Aos meus alumnos só devo gentilezas... Deixal-os que me esqueçam os outros... O Estado... Que importa?!

E tinha nos olhos a mesma luz viva, e bem confiante era o seu sorriso.

— Qual é a outra pergunta do seu inquerito?! — interrogou ao fim d'uns minutos, debruçando-se na mesa.

— E' acêrca da litteratura dos ultimos tempos.

— Ah! a litteratura?! O escriptor de maior influencia social?! Mas entendo que devemos dizer de mais nefasta influencia... Olhe, como historiador, Oliveira Martins. A sua *Historia de Portugal* enche-nos de tristeza. Desnacionalisou-nos! Herculano fez o mesmo... Os outros escriptores podem ter talento, alguns teem-no e muito, mas não contribuem para a regeneração do paiz... Falta-lhes o ideal e a philosophia, por isso não excercem influencia. Os litteratos pensam mais no brilhantismo da fórma do que no conteúdo. São, como disseram de Latino, estylistas á procura d'idéas. Comte não tinha estylo e veja o que fez. Em Portugal não se serve um pensamento social, não se vae até ao povo, escreve-se d'uma maneira que elle não comprehende! Só admiro o inspirado Garrett de tres épocas, a de 1820 que marcou a data de revolta, a de 36 que o fez demonstrar a falsidade da Carta e a de 46 que o põe em lucta contra a reacção palaciana...

— E o theatro?! — interroguei então anciosamente, esmagado por aquella franqueza tão calorosa.

— O theatro, esse, abre fallencia... Não é só aqui, é por toda a Europa... Não corresponde ao estado da alma moderna. Só pinta cousas dissolventes! Molière foi n'isso prodigioso, mas, então, era necessario mostrar os aleijões.

Agora chegámos a um tempo em que é necessario mostrar cousas bellas, de maneira que o espectador possa fazer a imitação do modelo, como o antigo christão desejava imitar o seu Christo! Esses typos de bondade e de grandeza que eu sonho não existem, talvez ainda, mas é necessario que o theatro vá adiante das sociedades a dar essas figuras, que serão modelos e precederão o homem como elle apparecerá no futuro, são e digno, grande e bello!

« Dispomos de scenarios que encantam os olhos, guardas-roupas que deslumbram, armas tão bellas postas ao serviço de cousas sem ideaes! Ninguem fez theatro em Portugal... Ninguem... Ha tempos, Marcellino Mesquita mandou-me o seu drama *Almas Doentes;* disse-lhe isto mesmo... Quizeram que eu fizesse parte do jury que deu um conto de réis ao *Auto dos Esquecidos.* Ora, meu amigo, recusei... Não ha theatro... Nem mesmo theatro historico! Todo errado, todo comesinho! O drama historico deve dar as épocas nacionaes sem mentira, deve ser como uma commemoração e é uma especulação. Todo falsificado, meu amigo!... Se fizessem as figuras com verdade, que ensinamento n'algumas! Mas não fazem... Buscam cocegar as platéas ou tocar-lhes nos sentimentos diversos com mentiras!...

— Não pensa em escrever para o theatro?!...

— Levantou-se novamente e declarou com firmeza:

— Sim, se tiver vida...

Achou, de novo, que lhe faltava o tempo para realisar o seu ideal.

— Penso em escrever para o theatro, realmente. Trabalho em um drama... *O Gomes Freire*... E' uma época de decadencia em que o portuguez surge victorioso...

Com os seus sessenta e tres annos mostra o ardor d'um rapaz, conta trechos da peça, faz viver as figuras e acaba por dizer:

— Mas a vida é curta...

— Sobre musica diz que ella é, para o seu espirito, um documento. Não é um emocionista. Admira os que compõem idéas musicaes. Distingue o vocalista do instrumentista. A voz humana é a melhor definidora das paixões, dá melhor, do que todos os accordes, a caricia e o grito, a dôr e o amor, a colera e a ternura. Os compositores, geralmente, abafam as vozes, quando a sua missão é auxilial-as e dar o commentario á phrase. Os maiores compositores são os que mais servem a evolução para onde caminha a musica. Berlioz foi o primeiro que comprehendeu que um instrumento tem tintas no seu timbre; Gluck foi o que começou a dar á voz a supremacia que lhe competia. O drama de paixão vem com Mozart e com Beethoven e Weber. Wagner fez a synthese. Veiu da Canção do seculo XII até ao seculo XIX, saindo dos esgotados moldes italianos.

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

Agora ha um mundo novo a conquistar : a expressão ! A raça, os sentimentos religiosos, a nacionalidade, todas estas cousas podem ser expressas em musica. Os compositores só procuram effeitos. Por isso não se contenta com menhum, admirando, no emtanto, com os que já disse, Schumann, Schubert, que acordaram a Canção germanica, Weber, Haydn, o puro, e Gluck, mas repugna-lhe Verdi. E' necessario dar a vida atravez as cousas e, quando ouve musica, é para sentir a linguagem do ineffavel e não para lisongear os ouvidos...

E vê-se, assim, sempre o mesmo homem, desejando a marcha eterna da perfeição atravez as artes !...

— E o futuro de Portugal, o que pensa d'elle ?!

Aguardei, anciosamente, a sua resposta. Theophilo declara terminantemente :

— Portugal é o que forem os seus filhos !

Diante do sorriso com que acolhi essa phrase, que parecia desmentir o que tinha ouvido acêrca da nossa vida intellectual, elle explica serenamente :

— O Portuguez é grande fóra do paiz, tanto como marinheiro nas armadas americanas, como estudante nas escolas allemãs e francezas ! Em Portugal somos apagados, lá fóra resurgimos. O que é isto ?! E' o meio ! Temos materia prima, o que nos falta é atmosphera. Ninguem põe em fóco qualidades superiores, porque basta bajular, traficar, entrar no caminho do compadrio. D'ahi a decadencia ! Ora ouça... Eu trabalhei, vim, como já lhe disse, fazer o meu concurso, e um dia encontrei um condiscipulo, que ficára sempre reprovado na Universidade. Era um Sant'Anna, todo de janotismos e videirismos. Um mediocraceo ! O' Theophilo — gritou elle quando me viu — pois tu, homem de Deus, tomaste capello em Direito para ganhar 600$000 réis ?! Ora, sempre és tonto...

— E tu... tu...

— Eu tenho 1:900$000 réis por anno, Arranjou-me um parente... Estou bem na Alfandega !... Oh ! mas que tolo...

« Aquella phrase, meu amigo, era a synthese d'isto tudo, de toda esta vida nacional !

Agora, ri alegremente, parece uma criança a rir e acaba por dizer :

— Com as nossas qualidades de raça seremos resistentes ; pelo nosso dominio colonial seremos sempre nação... A Europa, hoje, tem a necessidade d'uma larga expansão mundial. O nosso futuro está, pois, no novo equilibrio europeu.

« A Europa, para se equilibrar, carece de espalhar os seus productos pelo mundo : essa expansão, a fazer-se, é toda para a Africa, Asia e America e passará pelo Atlantico. O Atlantico é nosso e a necessidade de que sejamos autonomos para não pertencermos mais a estes do que áquelles, e a nossa

situação de potencia neutra, salva-nos. Nenhum paiz grande consentirá que outro nos empolgue, porque todos nos desejam neutros... Então, á sombra d'essa neutralidade e servidos por homens novos, poderemos preparar em tranquillidade o futuro e crear, ainda, um grandioso imperio africano...

Theophilo continúou a falar; fiquei a ouvil-o. No fim, estendi-lhe a mão, tive vontade de o apertar nos braços. Elle, commovido, disse-me:

— E' pena a vida ser tão curta para este apostolado! Não se póde fazer tudo que se deseja. Ah! Espero, no emtanto, acabar a minha Historia.

E, já na rua, vendo que passara ali cinco horas, reparei com pasmo que ninguem, absolutamente ninguem, emquanto ali estivera, batera á porta d'aquella casinha tranquilla e d'azulejo pallido, á esquina d'uma travessa, pobre, de silencio e de tristeza, onde mora, afastado do mundo official, o primeiro escriptor d'este paiz.

E ninguem batera... ninguem!...

ROCHA MARTINS.

Serie chronologica das Obras de Theophilo Braga

1859 — Folhas Verdes. Em Ponta Delgada.
1862 — No Instituto de Coimbra. (Collaboração).
1863 — Stella Matutina. Porto.
1864 — Visão dos Tempos. Porto.
» — Tempestades Sonoras. Porto.
1865 — Poesia do Direito. Porto.
» — Contos Phantasticos. Lisboa.
» — Theocracias Litterarias. Lisboa.
1866 — Ondina do Lago. Porto.
1867 — Historia da Poesia Popular Portugueza. Porto.
» — Cancioneiro Popular. Coimbra.
» — Romanceiro Geral. Coimbra.
» — Gaia, Romance de João Vaz. Coimbra.
1868 — Historia de Direito Portuguez. Coimbra.
» — Obra Prima de Chateaubriand. Coimbra.
» — Caracteristicas dos Actos Commerciaes. Porto.
» — Revista Critica da Litteratura Moderna. Porto.
» — Theses Escolhidas do Direito. Coimbra.
» — Torrentes. Porto.
» — Contos Populares do Archipelago Açoriano. Porto.
» — Floresta de Varios Romances. Porto.
» — Historia da Poesia Moderna em Portugal. Porto.
» — Obras Primas de Balzac. Porto.
» — Visão dos Tempos (2.ª edição). Porto.
1868 — Folhas verdes (2.ª edição). Porto.
» — Excavações Bibliographicas. Porto.
1870 — Historia da Litteratura Portugueza — Introducção. Porto.
« — Historia de Theatro Portuguez, (vol. I e II.) Porto.
» — Estudos da Edade Média. Porto.
1870 — Espirito de Direito Civil Moderno. Porto.
1871 — Historia de Theatro Portuguez, (vol. III e IV). Porto.
» — Epopéas da Raça Mosárabe. Porto.
» — Trovadores Gallaico-Portuguezes. Porto.
» — Poetas Palacianos. Porto.
» — Historia dos Quinhentistas. Porto.
1871 — Obras de Christovam Falcão. Porto.
1872 — Bernardim Ribeiro e os Bucolistas. Porto.
» — Theoria da Historia da Litteratura Portugueza. Porto.
» — Os Luziadas (Edição popular.) Porto.
» — Os Criticos da Historia da Litteratura Portugueza. Porto.
» — Bibliographia Critica. (Collaboração.) Porto.
1873 — Historia de Camões (Parte I.) Porto.
» — Sobre a Litteratura Portugueza, ou Thezouro da Lingua Portugueza.
» — Chronica da Fundação do Mosteiro de S. Vicente. Porto.

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

1873 — Sobre a Origem Portugueza de Amadis de Gaulia. (Italia.)
" — Formação de Amadis de Gaula. Porto.
1873 — Obras de Luiz de Camões, (vol. I.) Porto.
1874 — Historia de Camões, (Parte II.) Porto.
" — Obras completas de Camões (vol. II a VII.) Porto.
1875 — Manual da Historia da Litteratura Portugueza. Porto.
1875 — Obras completas de Bocage. Porto.
" — Philosophia Positiva, (Collaboração.) Porto.
1876 — Anthologia Portugueza. Porto.
" — Obras completas de Bocage, (vol. VII.) Porto.
" — Grammatica Portugueza Elementar. Porto.
1877 — Bocage, sua Vida e Epoca. Porto.
" — Parnazo Portuguez Moderno. Lisboa.
" — Traços Geraes de Philosophia positiva. Lisboa.
" — Cancioneiro Portuguez de Vaticano. Bresláu.
" — Michelet. Conferencia. Lisboa.
" — Academia, (Collaboração.) Madrid.
" — Revista da Litteratura Popular, (Collaboração.) Roma.
1878 — Cancioneiro Portuguez do Vaticano. Lisboa.
" — Voltaire. Conferencia. Porto.
" — O Positivismo, (vol. I.) Porto.
" — Historia Universal, (vol. I.) Lisboa.
1879 — Soluções Positivas da Politica Portugueza. Lisboa.
" — Cartas Curiosas do Abbade Costa. Coimbra.
" — O Positivismo, (vol. II.) Porto.
1880 — Historia do Romantismo. Lisboa.
" — Parnazo de Luiz de Camões. Porto.
" — Os Luziadas. (Edição para o Centenario de Camões.) Porto.
" — Origens Politicas do Christianismo. Porto.
" — Biographia de Camões. Lisboa.
" — Retrato e Biographia de Camões. Lisboa.
" — O Poema de Camões. Lisboa.
" — O Positivismo, (vol. III.) Porto.
1881 — Questões de Litteratura e Arte Portugueza. Lisboa.
" — Plutarcho Portuguez, (vol. I.) Porto.
" — Theoria da Historia da Litteratura Portugueza, (2.ª edição) Porto.
" — Dis-olução do Systema Monarchico Representativo. Lisboa.
" — A Era Nova, (vol. III.) Lisboa.
1882 — Os Luziadas. Lisboa.
" — Historia universal, (vol. II) Lisboa.
" — O Positivismo, (vol. IV.) Porto.
1883 — Contos Populares do Brasil. Porto.
" — Contos Tradicionaes do Povo Portuguez. Porto.
" — Excerpto de um Cancioneiro Quinhentista. Evora.
" — Revista de Estudos Livres, (vol. I) Porto.
1885 — Systema de Sociologia. Lisboa.
" — Miragens Seculares. Porto.
1885 — Os Centenarios. Porto.
" — Revista de Estudos Livres, (vol. I) Porto.
" — Illustracion Iberica, (Collaboração) Porto.
" — Contos Populares do Brasil. Porto.
" — O Povo Portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições. Coimbra.
" — Curso de Historia da Litteratura Portugueza. Porto.
" — Revista de Estudos Livres (vol. III) Porto.
" — Cancioneiro Popular Gallego. Prologo. Madrid.
1886 — Fabulas de Lafontaine. Prologo. Porto.
1887 — A primeira Poesia impressa de Camões. Lisboa.
1888 — Os Luziadas—Epopéa da Civilisação Moderna (1.ª edição do Porto.)
1889 — Um Soneto de Camões glosado por Philippe II. Lisboa.
1890 — Revista de Portugal, (Collaboração.) Porto.
" — Circulo Camoneano, (Collaboração.) Porto.
1891 — Manifesto e Programma do Partido Republicano. Lisboa.
" — Historia da Universidade de Coimbra, (vol. I.) Lisboa.
" — Camões e o Sentimento Nacional. Porto.
1892 — As Modernas Idéas da Litteratura Portugueza. Porto.
" — As Lendas Christãs. Porto
" — Raios de Extincta Luz (Inedita de Anthero). Lisboa.
" — Camões, a Typographia e a Sciencia no Seculo XVI. Lisboa.
" — O Centenario da Descoberta da America. Lisboa.
" — A Synthese Castilhiana, (Prologo). Coimbra.
" — Outomnaes. (Prologo.) Porto.
" — Exposição Popular do Positivismo, (Prologo.) Porto.
1893 — Alma Portugueza, (Excerptas lyricas.) Porto.
1894 — O Mar Tenebroso. Porto.
" — Visão dos Tempos. (vol. I e II) Porto.
" — Contos Phantasticos, (2.ª edição.) Lisboa.
" — A Patria Portugueza. Porto.
" — D. Francisco de Lemos e a Reforma da Universidade. Lisboa.
" — Tercetos de Luiz de Camões. Lisboa.
1895 — Visão dos Tempos, (vol. III e IV.) Porto.
" — Historia da Universidade. (vol. II.) Lisboa.
1896 — Introducção e Theoria da Historia da Litteratura Portugueza. Porto.
" — Sá de Miranda e a Escola Italiana. Porto.
" — Anthero de Quental, Rodrigues de Freitas. Lisboa.
1897 — Bernardim Ribeiro e os Bucolistas. Porto.
1898 — Prosas de João de Deus. Lisboa.
" — Rhapsodias da Epopéa Portugueza. Lisboa.
1898 — O Baptismo das Náos. Lisboa.

1898 — Gil Vicente e as Origens do Theatro Nacional. Porto.
" — Escola de Gil Vicente. Porto.
" — Historia da Universidade de Coimbra, (vol. III) Lisboa.
" — Memorias para a Vida de José Agostinho de Macedo. Lisboa.
" — Proposta para a Impressão dos Cancioneiros Trovadorescos. Lisboa.
1899 — A Arcadia Luzitana. Porto.
" — Obras Ineditas de Macedo. Lisboa.
" — Os Doze de Inglaterra, (Excerpto.) Lisboa.
1900 — Garrett e o Pantheon. Coimbra.
" — Obras Primas de Chateaubriand, (2.ª edição.)
1900 — Mais Mundos. Rio de Janeiro.
" — Camões, (Separata da Encyclopedia Illustrada) Porto.
" — João Francisco Lisbôa. Maranhão.
1901 — Filinto Elysio e os Dissidentes da Arcadia. Porto.
" — Eça de Queiroz e a sua Obra. Lisboa.
" — Ineditos de Macedo, (Censuras.) Lisboa.
" — Uriel da Costa. Lisboa.
" — Psychose do Fausto. Coimbra.
1902 — Historia da Universidade de Coimbra, (vol. IV) Lisboa.
" — Bocage, sua Vida e Epoca Litteraria, (2.ª edição.) Porto.
" — Os Doze de Inglaterra. Porto.
" — A Questão Religiosa em Portugal. Porto.
" — Idem. Portalegre.
" — Cancioneiro Geral, (Prologo.) Evora.
" — Historia da Poesia Popular Portugueza. (Origens.) Lisboa.
" — Quarenta Annos de Vida Litteraria. Lisboa.
" — Obras Completas de Garrett, (2 vol. in-4º) Lisboa.
1902 — Idem (28 vol. in-8º) Lisboa.
1904 — Garrett e o Romantismo. Porto.
" — Antonio José-Martyr do Livre Pensamento. Lisboa.
1905 — Historia da Poesia Popular Portugueza, (Cyclos epicos) Lisboa.
" — Frei Gil de Santarem—O Fausto Portuguez. Porto.
" — Garrett e os Dramas Romanticos, Porto
" — O Frei Luiz de Sousa, de Garrett, (Prologo.) Lisboa.
" — Tricentenario da Publicação de Dom Quixote.
" — Quem foi o Autor do Segundo Dom Quixote?
" — Cervantes de Saavedra. (No Occidente.) Lisboa.
" — Paulo e Virginia. Trad. inedita de Bocage (com a Biographia de Bocage.)
" — O Festival de João de Deus.
1906 — Spinosa. Conferencia Historica e Philosophica.

Volumes : 112.
Opusculos : 46.

Ouvir Estrellas

— Ora, (direis), ouvir estrellas! Certo
Perdeste o senso! — E eu vos direi, no emtanto,
Que para ouvil-as, muita vez desperto
E abro as janellas pallido de espanto...

E conversamos toda a noite, emquanto
A via lactea, como um pallio aberto,
Scintilla. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto
Inda as procuro pelo céo deserto.

Direis agora : — Tresloucado amigo!
Que conversas com ellas? Que sentido
Tem o que dizem quando estão comtigo?

E eu vos direi : — Amae para entendel-as!
Pois só quem ama póde ter ouvidos
Capaz de ouvir e de entender estrellas.

OLAVO BILAC.

Audire Stellas

— Eugè, (dicetur), stellas exaudire!
Verè effrænata te movet amentia.
— Ut autem videam lumina pallentia
Mihi lubet in fenestras advenire...

E lectulo mihi gratum prosilire
Ut astra viæ lacteæ colloquentia
Exaudiam. Quando solis refulgentia
Scintillat, astra vellem invenire.

Dicetur nunc : — Oh mens exagitata!
Quid aiunt enim sidera argentata?
Quare sensum eorum nobis celas?

Oportet, palám dicam, vos amare!
Quia amantis est donum singulare
Aures potiri intelligendi stellas.

MENDES DE AGUIAR.

A casa VACHERON e CONSTANTIN, de Genève, tem 123 annos.
Unico representante no Brasil : Casa Standard.

ACADEMIA DE LETRAS

O anno de 1907 foi relativamente fecundo para a nossa Academia de letras. Iniciou e levou a cabo sob a inspiração de Medeiros e Albuquerque a reforma da Orthographia segundo certos principios de simplificação que obtiveram o applauso de escritores e philologos portuguezes e brasileiros. A reforma foi logo adoptada para as publicações officiaes daquella douta corporação.

Varios academicos foram recebidos : *Euclides Cunha*, dando-lhe as boas vindas Silvio Romero; *Augusto de Lima* recebido por Medeiros e Albuquerque; o *almirante Jaceguay* recebido por Affonso Arinos; e *Arthur Orlando* recebido por Oliveira Lima.

Os discursos foram excellentes, ou pela eloquencia ou pelo primor literario e graça de conceitos. A Academia ainda n'este anno hospedou o grande historiador *Guglielmo Ferrero*, que fez uma serie de notaveis conferencias na bella sala do palacio Monröe.

Ainda, porfim, a Academia resolveu a fundação de sua *Revista* trimestral que ha de ser o orgão mais solemne das nossas letras.

SONETO

Ponho em leilão meu coração, senhores,
Quem dá mais! Quem dá mais!... Examinai-o
Elle está pleno de illusões de Maio,
Cobre-lhe a vida um estendal de flores.

Vêde-o bem, fibra a fibra e estudai-o.
Nunca sentiu as truculentas dores,
Pois dos odios do mundo e dos amores
Jamais na vida perpassou-lhe o raio.

Tem fé, tem crenças, tem bondade extrema...
Quem dá mais! Quem dá mais!... Vale um poema
A sua louca e nobre phantasia...

— Dou um beijo por elle. "

—Feito o preço...

E á mais formosa dama que eu conheço
Assim vendi meu coração um dia.

HERMÉTO LIMA.

A Machina de Escrever

(Invenção brasileira?)

Tal qual se deu com os aerostatos, foi um padre brasileiro quem inventou e fabricou a primeira machina de escrever, em 1866 ou 1867, e em ambos os casos a prioridade do invento foi tomada por estrangeiros, por descaso dos governos da época; com a differença, um pouco mais grave, de que, no caso da machina de escrever, não houve apenas o aproveitamento ou a repetição de uma idéa já publicada, mas um verdadeiro caso de gatunice industrial, muito facil de se dar em um tempo em que os brasileiros não tinham adquirido a educação e a experiencia do utilitarismo actual.

O inventor da machina de escrever, assegura o « Jornal », de Manáos, foi o padre João Francisco de Azevedo, natural da Parahyba do Norte.

Leccionava o padre Azevedo no Arsenal de Marinha, em Pernambuco, acompanhando com devotamento os progressos da mecanica. Ali apresentou, pouco depois, um engenhoso machinismo para escrever, todo construido de madeira.

Amigos, entre elles o Dr. Antonio Manoel de Aragão e Mello, que foi deputado geral pela ex-provincia, commendador Antonio Joaquim de Mello, maravilhados das vantagens e proveitos para a instrucção popular, louvaram e induziram o padre Avezedo a que recorresse ao governo geral, afim de obter um auxilio para que puzesse em pratica o seu invento.

O governo de então, muito pouco interessado em animar as artes e até mesmo as letras, entendeu ter feito tudo mandando chamar o padre Azevedo á Côrte, levando o seu importante invento para ser exhibido na exposição nacional.

O ministro, marquez de Olinda, reconhecendo as vantagens do machinismo, condecorou com medalha de ouro o padre Azevedo.

Não lhe deu, porém, qualquer quantia, quando tudo servia ao inventor, notoriamente pobre. Eis que um estrangeiro, vendo o desprezo do governo pela invenção, convida o padre Azevedo para ir com elle até Washington, afim de expôr a sua machina; pagava as despezas da viagem e estada emquanto apresentava o seu invento. Reconhecida as vantagens no Brasil e na America do Norte, elle se responsabilizava por todas as despezas para preparar em aço o mesmo machinismo, que se compunha de peças de madeira.

A casa **VACHERON** e **CONSTANTIN** obteve o **UNICO** primeiro 1º premio no

CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS.

O padre Azevedo, despreoccupado do interresse, acreditou, e com as devidas seguranças, entregou-lhe todo o seu machinismo, com as explicações necessarias para trabalhar.

Tendo-se esse individuo apoderado da machina e das explicações para funccionar, encaixou todas as peças e entregou a um seu patricio para reproduzir e fabricar em metal todas aquellas peças de madeira, o que feito, abriu venda de machinas de escrever.

Apregoada a machina no estrangeiro e já tendo chegado algumas ao Brasil, devolveu então o primitivo mecanismo, occultando por lá peças mais difficeis, receoso de que o pobre inventor protestasse contra a contrafacção.

Poucos annos depois falleceu o referido padre Azevedo, em casa do Dr. Antonio Manoel de Aragão e Mello.

Antes de ir á Côrte, porém, o padre apresentou o seu apparelho á Exposição de Artes e Officios, de Pernambuco, onde foi examinado e reconhecido como superior invento, pelo jury de 1867.

Para que se possa avaliar da perfeição do mecanismo do apparelho do padre Azevedo, comparando com as machinas da industria moderna, que pouca alteração têm, eis o que diz uma folha de então, cuja noticia o « Jornal », de Manáos, reproduz:

« O apparelho, que apresenta um pequeno volume, é de mecanismo relativamente simples. O systema geral delle é quasi identico ao dos planos, isto é, por meio de um teclado convenientemente adaptado, consegue-se transmittir ao papel os caracteres correspondentes, formando palavras, linhas, paragraphos, emfim, a escripta regular de uma ou mais paginas.

O teclado está disposto em quatro pequenas carreiras, tenda cada tecla a indicação de uma letra; assim, pois, tocando-se em uma tecla, a letra correspondente vai imprimir-se no papel, que se envolve e deslisa por um rolo no cimo do apparelho. Para a separação das palavras, basta tocar em uma pequena régoa, collocada ao fundo do teclado.

A machina opéra uma serie de linhas, escriptas com a necessaria regularidade, bastando para a mudança de uma linha á outra o carregar-se em uma especie de pedal identico ao das machinas de costura. Os caracteres da escripta são identicos aos typos graphicos.

Vê-se, pois, que uma pessoa bem amestrada e expedita no manejo do apparelho póde escrever com summa rapidez e clareza.

O papel a empregar nesta escripta póde ser qualquer, não sendo necessaria outra operação para a impressão do que adaptal-o ao rolo, que corre á medida que a palavra vai sendo escripta. A largura do papel póde ser de tres a oito polegadas e o comprimento de uma polegada, até um rolo, por maior que seja. A machina permitte ainda, uma vez escripta uma folha de papel, tirar-se algumas cópias pelo mesmo systema de pressão, actualmente empregado nos escriptorios commerciaes.

As condições que o inventor da machina indica para recommendal-a, são as seguintes: legibilidade; produz escripta legivel, uniforme e agradavel; facilidade: podendo-se escrever sem obrigar o corpo a tomar uma posição invariavel e incommoda; economia: fazendo uma pessoa com a machina tanta escripta como duas pelo processo commum; conveniencia: não ha pennas estragadas, nem falta de tinta alterada pela evaporação, etc., e póde-se facilmente escrever no mar ou em caminho de ferro, sem embargo da oscillação.

Vê-se, por esta descripção, feita em 1867, que é a mesmissima machina de escrever actual e que gerou, por sua vez, o linotypo.

Só em 1876, nove annos depois da invenção da machina de escrever, appareceu a primeira em Portugal. No Brasil não temos dados para precisar a época de sua importação.

Dois Declineos

Tarde de Agosto, penosa e quente,
Mudo gemido crepuscular...
Cessa o bulicio para que a gente
Possa rezar.

Nuvens de fogo, laminas d'oiro,
Pairam no espaço calmo e profundo,
Como se fossem rubro thezoiro
Por sobre o mundo.

E lá no occaso baço e tristonho,
Que a noite invade,
Declina Apollo, bem como um sonho
Nos estertores da Realidade.

Ai! nessas horas de nostalgia,
Palpo meu peito que já não árde,
Vendo que nelle tambem, sombria,
Declina a tarde.

Cessa o bulicio dos sonhos n'alma,
Pois nesse instante crepuscular,
Emquanto o sino da Magoa psalma,
Quero rezar.

Rezar na campa das esperanças,
Que, uma por uma,
Qual bando alado de pombas mansas,
Da Dôr morreram na densa bruma.

Rezo... e contemplo de minha crença
Tombar, aos poucos, o sol bemdito,
Tal como Apollo na curva immensa
Lá do infinito.

. . . . . .

Tarde de Agosto... Tarde de Agosto...
Negra, nos valles, a treva cresce...
O sino, ao longe, tange, ao sol posto,
Chamando á Prece.

E, olhos cravados no firmamento,
Sinto que, então,
Docil, minh'alma, nesse momento,
Cahe na mais funda meditação.

Supersticioso, crente, de rastros,
De um novo sonho no seio amigo,
Ao ver a queda do rei dos astros,
Penso commigo:

— Os Céos na Treva dormem agora...
Mas hão de Apollo ver novamente,
Verão de novo romper a aurora
Rubra e fulgente.

Que ao menos isso seja um presagio...
E, n'alma fria,
Eu, da Esperança tendo o apanagio,
Veja, de novo, brilhar o Dia!...

26-8-1907.

AVELLAR E SILVA.

PIANOS RITTER, adoptados pela **CASA IMPERIAL DE ALLEMANHA.**

Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados acs paizes quentes.

SOCIÉTÉ FINANCIÈRE ET COMMERCIALE

FRANCO-BRÉSILIENNE

(EX NATHAN & Cie)

ESPECIALIDADES:

Materiaes para Estradas de Ferro, Lavoura
e Machinismo Industrial

Ferragens em geral. Canos e apparelhos
para gaz e agua

Ferro, Aço, Cobre, Latas, Chumbo e Outros Metaes
Cimento, Tintas, Carbureto de cal

Unicos representantes no Estado de São Paulo

DO

THE STANDARD OIL C°

DE NOVA YORK

(Departamento Thompson & Bedford)

ENVIAM-SE CATALOGOS

SÃO PAULO

43, Rua de São Bento, Caixa do Correio K

Endereço telegraphico : "LUPTON"

SANTOS

5, Onze de Junho, Caixa do Correio, 147

Endereço telegraphico : WYSARD

Manuscripto de Junqueira Freire

O finado barão de Loreto, amigo intimo de Junqueira Freire, possuia os manuscriptos e impressos deste celebre poeta, cujo nome era o do patrono da cadeira que elle occupava na Academia Brasileira de Letras.

Era intenção sua offertal-os á academia. Tendo, porém, fallecido antes de satisfazer esse desejo, a baroneza de Loreto cumpriu a intenção de seu marido enviando á academia aquelles documentos, que são :

" Fragmentos de uma obra sobre eloquencia "; fragmentos dos poemas " Dertinka " e " Padre Roma " e do drama " Frei Ambrosio " e rascunhos de varias poesias, 1852-1854; " Poesias autographas de Junqueira Freire "; tres cartas de Junqueira Freire a Franklin Doria ; " Estudo sobre Luiz José Junqueira Freire ", 1 vol.; " Inspirações do claustro ", 1 vol.; " Contradições poeticas ", 1 vol.; artigos avulsos de jornaes antigos sobre a sua morte.

E' provavel que a Academia, que tem ao seu dispor a Imprensa Nacional, publique as obras do poeta. callecionando-as com estes originaes authenticos, em parte inéditos.

RECREAÇÕES MATHEMATICAS

I. — UMA CASA BARATA

Um amigo meu, escreve M. Laisant, mandara construir uma casita de um andar só. Ao andar terreo um pouco elevado dava accesso uma escadinha exterior de sete degráos; e a escada interior que conduzia ao primeiro andar tinha 19 degráos.

Ao cabo de alguns annos, resolveu vender a casa. Apresentou-se um comprador a quem o meu amigo faz a proposta seguinte :

— Não sou muito exigente e tenho pressa em concluir a venda. O senhor collocará um centimo no primeiro degráo, dous no segundo, quatro no terceiro e irá dobrando assim até o fim da escada. Ha 26 degráos apenas ; já vê que o predio lhe vai ficar de graça.

— Está ajustado ! exclama o comprador, satisfeitissimo da pechincha que se lhe deparava. E no dia seguinte, depois de haver offerecido ao vendedor um optimo almoço, dirigiu-se o comprador para o local onde devia effectuar o pagamento pela fórma combinada.

Até o patamar da escada exterior a cousa foi bem. Os primeiros degráos não custaram a subir. Chegado á altura do primeiro sobrado, o comprador gastara apenas um franco e 27 centimos. Mas, dahi para cima, a sua bolsa começou a esvasiar-se com uma rapidez assustadora.

Com muita cortezia o vendedor offereceu-se para apresentar o resultado do calculo, sem que fosse necessario continuar a ascensão :

— Meu caro senhor, disse elle, a quantia que me deve é de 671.088 francos e 63 centimos. Mas não lhe reclamarei os centimos ; faço-lhe presente delles.

Imagine-se a cara do comprador. Desde essa época teve todo o cuidado em que

PIANOS RITTER Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

seus filhos aprendessem, sob todas as fórmas, o que é uma progressão.

A historieta seguinte não é menos engenhosamente apresentada. Intitula-se:

II. — O JANTAR DE CEREMONIA

Haviam combinado doze pessoas reunir-se para jantar juntas. Eram todas ellas muito de pontinhos no tocante ás questões de etiqueta. Os lugares á mesa não estavam marcados; seguiu-se uma discussão muito cortez, mas que não deu em resultado o acôrdo desejavel. Um dos convivas, professor num collegio, acabou por dizer: « A sopa está a esfriar; o melhor é tirarem-se os lugares á sorte ». Este ajuizado alvitre foi aceito e o jantar decorreu na maior cordialidade.

A' sobremesa, o professor tomando outra vez a palavra: « Sabem quanto tempo seria necessario para exgotar todas as disposições possiveis que poderiamos formar em volta desta mesa, não gastando mais de um segundo em passar de uma disposição á outra? » Como ninguem quebrasse o silencio: « Se nos entregassemos a esse pequeno exercicio dia e noite, sem parar um só momento empregariamos mais de 15 annos. Já veem que estariamos certos de morrer de fome, de cansaço e de privação de somno.

O calculo é exacto. O numero das formas diversas por que doze convivas podem collocar-se em volta de uma mesa de 12 talheres exprime-se pelos algarismos seguintes: 479.001.600!

Se a mesa fosse apenas de 4 talheres e os convivas tembem 4 naturalmente, em menos de meio minuto poderiam realizar todas as combinações possiveis.

A differença é sorprendente.

Flammarion refez este calculo por outra forma: suppoz que os 12 convivas mudariam de lugares não todos os segundos, mas unicamente ás horas do almoço e do jantar; neste caso as combinações levariam a exgotar-se 656.000 annos!

Luiz Delfino.

Simples Interrogação

I

Viver só pelo bem, sem outra recompensa;
Dar, sem que Deus o veja:
Na grande natureza, onde elle vive, e pensa,
Ter só a sua egreja;

Das urzes más varrer o caminho em que passa;
Soffrer com paciencia; [e faça,
Não ver seu creador, por mais que o busque,
Senão na consciencia.

Saber que um sol é, como um tenue grão de areia,
Que é gotta e gotta o oceano: [alteia;
Que amanhã cae por terra, o que hoje inda se
Que dia e dia é o anno:

Que anno e anno a volver é toda eternidade;
Que tudo se renova;
E que é fluxo o refluxo a vida, e a immensidade;
Que o berço está na cova;

Que está no pollen Deus, que Deus em tudo mora,
Que em tudo ha um Deus latente ;
E que tudo é verdade agora mesmo, e agora
Mesmo já tudo mente :

Não saber por que vae, não saber por que veio,
Não ter quem lhe responda,
Trazer a angustia em si, como um vulcão no seio!
Onda ser após onda :

A sonhar Prometheus nos céos a luz roubando,
Caindo lacerados.
Titães, sob a escalada aos astros, despenhados
Nos montes, ululando :

Querendo arrebentar o muro de granito,
Em que estão limitados,
Ferindo as mãos, e embalde aos sóes cospindo o grito,
E o urrar dos condemnados ;

Não saber bem o que é justiça, e pena, e crime ;
Ver que tudo varia;
Ver que hontem foi vergonha, o que é hoje sublime;
Que é sombra da alegria

O pranto, a angustia, a dor, como a que segue um vulto
A' luz do sol, qne vibra :
Que só faz grande, e sabio, ou faz pequeno e estulto
O tom da nossa fibra :

Que anda dentro de nós a féra na attitude,
Com que dá caça á lebre;
E que todo interesse anda em toda virtude;
Que todo heroismo é febre;

Sempre em contradicção, e mal equilibrado,
Faminto e sequioso :
Querendo, sem saber bem o que quer : deitado,
Porém nunca em repouso;

Viver nesta miseria, e neste labyrintho ;
Ser, como folha ao vento ;
Sentir a insidia em tudo, assim como eu a sinto :
Ver que foge o momento ;

Ver que tudo é roaz, que tudo é velho e novo;
Que um turbilhão sem ruido
Passa, lançando o ser num crisól desmedido,
Como em um ninho um ovo;

REX pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa está habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.

Encontrar a miseria em baixo, em cima, em tudo,
E, como aspero grito,
Que irrompesse da bôca hirta e vesga de um mudo,
Dentro disso o infinito;

Ser a carne que manda, e a imagem cria e o acto;
Ser a paixão que impéra;
Não se poder fugir ao enorme pugilato!...
Como um astro na esphera,

Rodar no mesmo espaço, e na mesma cadêa
Andar preso e levado:
Pensar que livre sou, pensar que é minha a idéa,
E d'ella escravisado

Viver, como o perfume á corolla da rosa,
Como a luz ao sol presa;
Ver que segue tambem a via dolorosa
Escrava a natureza...

Ser; e ser não poder qualquer coisa em contrario;
Soffrer a acção do meio,
Ser aguia para o céo, para o areal dromedario,
Ser, o que em mim odeio.

Ser; o que não quizera, e ser por força, e adrede;
Ser isto, o que me leva:
Esconder o que faço, e é preciso, na treva...
O'creador, quem pede..

Quem te pediu um dia o asperrimo destino,
Que nos alcança a todos?
Tu fizeste com isto um grande desatino,
Mais doudo que os teus doudos.

Quem quer, e póde dar, dá logo e não promette:
Não é a força bruta:
Sabe o que fez, e sabe a obra em que se mette;
Não ensaia, executa...

Sou um tenue rumôr num tão grande barulho,
Vivo nesta anciedade...
Nada disto entendi... Isto será orgulho?
Oh! pobre humanidade!

II

Não bastava morrer? — Morrerei... — Por que durmo?
Ah! por que tudo dorme?
Viver, dormir, morrer neste marnel de vurmo,
Neste marnel enorme!...

Por que ser o viveiro, o vasto estercorario,
Onde o verme batalha,
Onde elle nasce, vive, ama, odeia, trabalha;
Onde tem berço, e ossario?

Ser isto tudo sem saber por que sou isto!...
Ha dentro em mim rolando
Um grande mundo, onde ha Golgotha, e cruz, e Christo
E Prometheus vascando?

Viver nisto envolvido, e inda assim ser um verme
A roer, noutro agarrado,
Vomitado na mó, pobre, insciente, arrastado,
Tonto, impotente, inérme!...

III

Omnipossibilidade é um sonho mais triste,
Que um máo sonho á alvorada:
Não se póde fazer coisa alguma do nada?
E este universo existe!!...

Mas o que o lançou, como um mar sobre a areia,
Como o rio no valle,
Tem o mysterio em si, que os mundos encadeia;
Vale, o que tudo vale.

Mas valha o que valer; lançou-o, como um forte
A multidão vencida,
E deu-lhe, castigando-a, uma perpétua morte
Numa perpétua vida.

Como crêr, não se póde, o que é de si incrivel,
Maneje extranho malho,
Qualquer que seja o esforço, o estimulo, o trabalho,
Nem Deus póde o impossivel.

E um Deus não póde estar dentro da natureza,
Fóra está do universo,
Pois dentro delle não teria com certeza
Um destino diverso.

Mas tudo é Deus, e em si traz Deus: — um Deus anima,
Cada ser; delle cheio
Todo o universo está: é elle, em baixo, em cima,
Em tudo elle anda, e veio.

REX pianista, adapta-se a qualquer piano: uma criança pode tocal-a. CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

Deus é o proprio universo... Um Deus... um Deus á parte,
Como a alma humana fôra
Sem o corpo, incapaz de acção, sem tomar parte
Numa vida creadôra.

Ha um Deus fóra disto? Eu sei? Mas o tremendo
Deus, que o odio enraivece,
Talhado em molde humano e máo, não comprehendo,
E a razão desconhece.

E o que diz o mais sabio? Esse é inda o mais louco!
Miserrima creatura!
Quando se fala em Deus, como se sabe pouco!...
Oh! loucura! oh! loucura!...

IV

No principio, ou no fim, ó grandes Sonhadores,
Quem fixou a ventura?
A vida não será sempre cheia de horrores?
Quem outro fim procura?

O homem, pois, não nasceu acabado e perfeito
Num florido recinto:
A vasa foi talvez o seu primeiro leito;
Sua razão o instincto.

Sou eu mesmo o que sou? Assim perguntaria
O ovo, o grão, a larva,
A semente, em que muge a florista sombria,
E o chão labóra e escarva.

Serei eu quem eu sou? Apenas reduzido
De duzentos mil annos,
Residuo sou, do que tem o homem vivido
Entre insidias, e damnos.

Mordem-no, mórde: vêm, para illudil-o, illude:
Defende armado a gruta:
Audacia é toda vida; é toda vida luta:
A perfidia é virtude.

Só á colera, e á insidia a vida elle confia;
E' féra contra féra:
Dá um passo na matta, e pára, e escuta, e espia...
A emboscada elle espéra.

Ser traidor e leão, mas só mostrar-se corça:
O coração ser féro,
Ser quasi humilde o olhar... Faz seus heróes Homero
Só de falsia, e força.

Como todos, em mim guardo o que ha de concreto
No homem e os dons supremos,
Do que somos, do que no futuro seremos :
Cezar, Ophelia, Hamleto,

Os tyrannos de Roma, os martyres do Oriente,
O bom, e o desvairado,
Os monstros, os reveis 'stão sempre em toda gente,
'Stão sempre ao nosso lado,

Coalescencia agora, e não á voz de um nume,
Agora aggregamento,
Subiu o homem juntando o acto ao pensamento,
Indo de cume em cume.

Dentro em nós o bom fica, e o máo não tem exôdo ?
Véla pela existencia
Todo o corpo, — um só olho, — a investigal-a, todo
Uma só consciencia.

Subir para o melhor ; a cada millionario
Marcar um curto passo;
Occupar um logar no tempo, e ser no espaço
Seu proprio estatuario,

Tem para isso em si a força agglomerada,
Como tem a semente :
Ou aguia, ou planta, ou flôr, ou arvore arrastada,
Vae na mesma corrente.

E melhorar, por que? Vae nisto invenção séria?
Não muda o eterno plano,
E ser sol ou argueiro, e ser gotta ou oceano,
E' a mesma miseria.

No fim o que ficou ? Disto tudo, o que resta ?
Menos dõr? Mais conforto?
Não : a hyena da cóva, em sua eterna festa,
Lambendo a carne ao morto.

Pésa, como o universo, a terrivel verdade :
O sonho é que procura
Qualquer coisa de bom, um pouco de ventura
A' pobre humanidade.

WILLIAMS VISIVEL, a machina de escrever mais resistente e simples.
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

V

Saber pois isto só, que tem por si o estreito
Circulo, em que respira,
Até não bater mais o coração no peito,
E acabar a mentira...

Desesperar de ter qualquer outra esperança,
Contar com o proprio esforço,
E a vida, cujo fim o homem nem mesmo alcança,
Levar fremendo ao dorso;

Confessar-se pequeno, inscio, vão, limitado,
Ver que vae na corrente,
Ou som, ou pó, ou folha, ou verme, ou sol, tirado
Sem poder fazer frente;

Todo esforço sem fim, todo desejo nullo,
Sem poder ter vontade,
Sendo hoje a borboleta, amánhã o casulo,
Por toda eternidade :

Não crer num Deus, que a um Deus é inda um desacato,
Num Deus, que se revela,
Que encontra na ignorancia a melhor clientela,
Que é um sonho insensato!

Sem o orgulho, que esconde o burél que se humilha,
Nú, faminto, descalço :
Não ter isso que o alfaia, e o nome que o perfilha...
Não ser nem máo, nem falso...

Estes precitos são, são os desesperados,
Que o vosso Deus condemna :
Ficam fóra do céo ululando, atirados
A' eterna Gehenna :

Não tem Edens, que um Deus só para vós enflora,
Só para vós, felizes!
Vivem só nesta luz, morrem só nesta aurora...
Bom, por que os maldizes?...

Tu, que tens o temor de Deus, por companheiro,
Tu, que em Deus tudo espéras,
Não deixarás em paz essas terriveis féras,
Grandes, como um argueiro?

Bons, si é vosso prazer, em vosso augusto vôo,
Não me deixar enerme,
Podeis lançar no lodo o humilde, o pobre verme :
Aguias, eu vos perdôo...

VI

Dizem, que o espaço pára, e a lúcida corrente,
Que ha pouco o illuminara,
Encontra uma muralha intermina de frente...
Dizem, que o espaço pára!...

Que o infinito de traz desse infinito muro
O espaço em torno aperta!...
Quem és tu, pois, abysmo insondavel, escuro,
O' solidão deserta?

Algum Deus viu-te um dia, e guardou de memoria
O teu viver extranho?
Ha pois, quem te conheça, ha quem te saiba a historia,
E méça o teu tamanho?!...

VII

Este circulo negro, em seu ferrenho braço,
Tudo o que vive, cerra;
O universo, que brilha, e enche de sóes o espaço,
E entre os sóes mette a terra?...

Medonha solidão, limite illimitado,
Do que se vê e sonha,
Que tens tu de eviterno, e augusto do outro lado,
O' solidão medonha?

Mas que limitas tu do lado opposto? O nada?!
E eu nesse nada scismo!...
Por que nos pões de um medo extranho a alma aterrada,
Abysmo... abysmo... abysmo?!

VIII

Mas, seja como fôr, o homem não desespera...
Para chegar, labora:
Lá vae elle. Onde vae? Em pé sobre a Galéra
Leva-a por ahi fóra.

Tem deante de si a estrella da esperança:
Succede um vivo a um morto.
Ininterrupta a fila, eis vae, e não descança;
Vae em busca de um porto.

SMITH VISIVEL, a machina de escrever que reûne as qualidades de todas as outras.
CLUBS CASA STANDARD.

A liberdade é idéa, o pólo, a agulha, o rumo...
Será elle um fantasma?
A propria natureza, ante esse tenue fumo,
Maravilhada pasma.

Ser maior que a fortuna, e buscar superal-a,
Fixos num ponto os olhos:
Ir após a chimera eterna, que não fala,
Resvalando os escólhos:

Ouvir delles um grito, assim como um gemido
Do mar como um marulho
De vagalhão sinistro a lhe cuspir no ouvido:
« Leva-te um vão orgulho »...

E' a esphinge plantada em frente ao caminheiro,
Ao estender-se o deserto,
Sem oasis, ou agua, ou palma, ver ou longe, ou perto
E' o arneiro só... o arneiro!

Ha por fim um paiz—talvez!— mais novo e rico,
Onde a semente boa
Caiu da aza do vento, ou foi solta do bico
Do passaro, que vôa...

O desejo de ser quasi um deus, o atormenta:
Não poder coisa alguma!
Quer resolver o x, e quer tirar da espuma
O que? um mundo? Inventa...

A alma em trabalho está. Quem póde interrompel-a?
Ha tanta coisa estranha!
Já se vê caminhar por si uma montanha
Não se irá a uma estrella?

Nada pois o acobarda? Um mar em trévas fura:
Não dar nada por findo...
Vae: a inacção é peor que toda essa aventura;
Quer ir... ir indo... ir indo..

*

Uma interrogação no fim de tudo résta:
Mas a quem se interroga?
Em quanto ha luz, e ha sol sobre o horizonte, ha festa...
Voga, meu barco, vóga...

LUIZ DELFINO.

JOAQUIM NABUCO (1)

Joaquim (*sic*) Nabuco — évidemment un pseudonyme — est un homme qui doit approcher de la soixantaine, qui a eu une très forte éducation franco-anglaise, qui a été fortement ému pour un temps par Chateaubriand, par Shelley et par Renan, pour toujours par la Bible; qui n'ignore, du reste, ni la philosophie allemande, ni Auguste Comte, qui a passé une partie de sa vie probablement dans des fonctions diplomatiques au Brésil, qui a moins écrit que lu et moins lu que réfléchi, qui s'est fait ainsi une très forte originalité d'esprit, où il entre un peu de bizarrerie, et qui aime à écrire des « pensées détachées », à la manière habituelle de Nietzsche, plutôt que des livres composés.

Voilà ce qu'à travers le volume qu'il nous envoie, je démêle de la personnalité de Nabuco.

C'est un philosophe fort intéressant. Il est profondément religieux; non pas, ce me semble, qu'il appartienne à aucune confession; mais, non seulement il est déiste, mais il a le sentiment religieux, pour ainsi dire *permanent*, ce qui est, du reste, la seule manière de l'avoir, et toute la création et aussi toute l'âme humaine, ou, au moins, ce qu'elle a de meilleur, sont pour lui « Dieu sensible au cœur ». Il y a quelque chose de Novalis (qu'il cite une fois) dans cet homme-là.

D'autant plus que lui aussi est un philosophe qui se sent, à chaque instant, devenir poète ou romancier. Il dit souvent : « Roman à écrire..., scène à écrire..., conte à écrire... » Seulement, de ce roman, de ce conte ou de cette scène, — toujours philosophique, — il ne donne qu'une courte esquisse et il passe. La vie est trop courte, ou les occupations de la vie pratique trop absorbantes, ou la chasse aux idées trop captivante, ou peut-être la paresse trop forte, pour que le philosophe passe du temps à écrire des contes ou des nouvelles.

Ces « pensées détachées » (et ne faites aucun contresens, cela ne veut pas

(1) Reproduzimos no original estas paginas de um grande critico francez sobre o nosso glorioso compatriota.

SMITH VISIVEL TEM O MAIOR INVENTO em machinas de escrever : ARTICULAÇÕES COM ESPHERAS.

dire : « pensées de détachement », et Nabuco n'est ni un ascète ni un dilettante), ces pensées détachées, ces divertissements d'un esprit très méditatif, très concentré et qui vit d'une sorte de vie intérieure, sont très intéressants à suivre, à guetter pour ainsi dire et à prendre à la pipée. Il y en a, de ces pensées, qui ne sont pas faciles à comprendre; il y en a, ce me semble, qui ne valent guère la peine d'être comprises; il y en a de neuves et de curieuses que vous aurez plaisir à méditer. De ces dernières, je détache, à mon tour, quelques-unes pour vous mettre en goût :

« Si l'on me prouve qu'un rite de l'Eglise n'est qu'une transformation d'un rite païen antérieur, que l'encens avait déjà brûlé dans les temples romains ; que le prêtre tourne à la messe les mains comme le sacrificateur ancien, on ne fait, pour moi, qu'ajouter un prestige de plus à la cérémonie qu'on veut détruire. C'est un curieux système, pour déraciner une croyance, de montrer à quel point les racines en sont profondes. »

« A la fin de tout, si Dieu n'existait pas, la religion aurait eu un rôle, si possible encore plus beau; car elle en aurait tenu lieu. »

Voilà une bonne formule renanienne. C'est le « divin » de Renan considéré comme nécessaire à l'humanité quand bien même il ne serait pas prouvé qu'il répondît à quelque chose, quand bien même il serait prouvé qu'il ne répondît à rien. Bonne formule.

Quelquefois, et ce n'est pas où je l'aime le plus, Nabuco a comme un grain de La Rochefoucauld dans l'esprit, ou plutôt dans son humeur. La Rochefoucauld avait dit :

« Ce n'est pas toujours par vaillance et par chasteté que les hommes sont vaillants et que les femmes sont chastes. »

Nabuco dira :

« Il y en a qui ont les défauts de leurs qualités ; mais il y en a aussi qui ont les qualités de leurs défauts. Beaucoup d'honnêtes femmes, par exemple, auront dû leurs vertus à leur manque de charmes et beaucoup d'honnêtes gens leur probité à leur manque d'intelligence. »

De l'esprit, assez souvent, uni à la justesse d'esprit :

« La famille opère la conversion religieuse en concentrant l'imagination sur ce qui en vaut véritablement la peine. Le mariage n'est pas un éteignoir; c'est un abat-jour. »

Plus paradoxal, ceci, mais bien piquant, un peu trop piquant, même; mais on pardonnera la vivacité de la boutade en faveur de la conclusion, qui est la plus morale du monde :

« Se marier, c'est comme bâtir pour soi-même, sur son propre terrain; cultiver sa propre terre, embellir sa propre maison. Combien de gens, après avoir eu de belles résidences temporaires, se trouvent, à la fin, sans foyer pour avoir éparpillé leur temps et leur goût à faire des améliorations dans le bien d'autrui! »

Améliorations ne me paraît pas le mot juste ; mais la pensée est bien jolie et singulièrement fine.

Oh ! le bon précepte littéraire que celui-ci :

« Ne recherchez pas l'originalité. Elle est plutôt, en général, un signe de médiocrité. *On n'a le droit d'être original que sans le vouloir.* »

Ceci est absolument excellent en son fond et la forme a été trouvée avec un bien rare bonheur :

« Les partis ne sont, en général, que des partis pris, — quelquefois inconscients. »

Très bien dit et rien qui soit plus juste. On ne serait jamais d'un parti, d'aucun parti, si l'on se laissait guider à la reflexion. Aussi bien on ne s'engage jamais dans un parti ; on s'y trouve engagé avant que d'y avoir pensé, par sa famille, par son éducation, par ses entours ; ou par réaction contre sa famille, contre son éducation, contre ses entours, et ce n'est pas la même chose, non, mais cela y ressemble et, en tout cas, cela a les mêmes effets. Oui, tout homme de parti est de parti pris. Il ne faut pas être d'un parti, il faut avoir une opinion. C'est si différent, du reste, que, si l'on reste de la même opinion, il faut sans cesse changer de parti et que, si l'on reste du même parti, il faut sans cesse changer d'opinion.

Ceci n'est qu'une image pour exprimer une idée vieille ; mais, si l'idée est vieille, l'image est neuve :

« En politique, la vapeur qui permet d'aller contre le vent et le courant est encore à trouver. On n'y peut naviguer qu'à la voile. »

Ceci, au contraire, est très profond et, ce me semble, n'avait jamais été dit, ni peut-être même pensé :

« La jeunesse, au fond, *n'est que la surprise de la vie.* Quand on ne la ressent plus, on n'est plus jeune ; et l'*on est jeune tant qu'on la ressent.* »

Ceci plairait à M. Paulhan, je crois, et aurait plu à Brunetière et serait vertement réfuté par notre ami M. Paul Gaultier. Je le donne comme il est ici :

« Le sens esthétique est une des plus grandes, s'il n'est pas la plus grande, parmi les sources d'égoïsme. »

Au fond, je ne suis pas loin d'être de cet avis. Seulement, je dis toujours : si l'égoïsme n'avait pas cette source, ou plutôt cet emploi, comme il s'en trouverait un autre ! Car c'est lui qui est une source ; il est sa source à lui-même, et j'aime encore mieux qu'il se donne l'esthétique comme canal que non pas qu'il s'envase et qu'il s'embourbe.

Beaucoup de pensées sur la vieillesse, et très sereines et consolantes. On

---

CLUBS DA CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio :
VENDAS A PRESTAÇÕES SEM AUGMENTO DE PREÇO.

tirerait de ce volume un petit *De Senectute* d'une vingtaine de pages et ce serait un agréable *vade-mecum*. On connaît le mot (de Mme de Lambert, je crois) sur ce sujet :

« On a fait des traités sur l'amitié et la vieillesse, pour les faire aimer ; fort bien; mais on n'a pas besoin d'en faire pour le même objet sur la jeunesse et sur l'amour. »

Quoi qu'il en soit, voici quelques pensées de Nabuco sur la vieillesse :

« On prend quelquefois pour un commencement de mort ce qui est, au contraire, l'éclosion du cœur à une vie supérieure et plus large. — Le souvenir est une essence qui ne donne tout son parfum que dans l'encensoir de la vieillesse. »

Nabuco excelle vraiment, quelquefois, comme vous avez déjà vu, à trouver une image neuve, forte et brillante pour exprimer une pensée que tout le monde peut avoir, mais que fort peu auraient avec un tour d'esprit aussi heureux :

« Le dix-neuvième siècle aura ébranlé le système nerveux de l'humanité comme aucun autre siècle. Il a enfanté peut-être les plus grandes choses de l'invention humaine ; mais il a augmenté extraordinairement la pression de la vie sur le cerveau. *L'homme y est entré en chaise de poste et en est sorti en automobile.* »

Je ne saurais assez féliciter Nabuco d'avoir fait l'apologie du mensonge... Entendons-nous. Il y a le mensonge égoïste qui est l'effet, la marque et la source, tout cela ensemble, de la plus basse et de la plus dégoûtante immoralité ; mais il y a le mensonge de générosité qui, non seulement est permis, mais qui est un devoir. Le mensonge consolateur envers les malades ; à un moindre degré, le mensonge sentimental envers quelqu'un des défauts de qui l'on souffre, mais qu'on ne veut pas blesser en lui disant qu'on en souffre ; à un moindre degré, le mensonge de politesse, sans lequel il n'y aurait pas de société ; en un mot, tous les mensonges qu'Alceste ne veut pas faire, sont des formes de la bonté et doivent être approuvés du moraliste. Nabuco démêle très bien tout cela :

« Jusqu'ici, et il a raison de dire : « jusqu'ici » ; car une humanité supérieure, que je doute, du reste, qui existe jamais, pourrait *n'avoir pas besoin de mensonge*, la bonté et le mensonge ont été aussi intimement mêlés que la vérité et la poésie. Eliminer en absolu le mensonge, ce serait toucher à la bonté. La haine des mensonges qui impliquent de la bassesse est un souffle de vie pour l'âme de l'enfant ; mais la haine des mensonges qui impliquent de la tendresse et de la bonté serait un souffle desséchant et aride. »

Rien de plus certain. Dans une comédie de Meilhac et Ganderax, *Pepa*, je crois, une dame dit d'un monsieur :

— Que sais-je ? Il est si honnête homme qu'on ne peut jamais savoir s'il dit la vérité.

Voyez-vous le mot « honnête homme » pris dans le sens du dix-septième siècle (homme bien élevé, délicat) et aussi dans le sens moderne (bon, généreux) ? Il y a eu, l'année dernière, une comédie de MM. de Croisset et Tarride, intitulée le *Tour de Main*, qui roulait tout entière sur ce sujet délicat.

Nabuco a parfaitement raison. Seulement, aux dernières lignes de ce petit article, il mêle à la question du *mensonge généreux* une question qui est tout autre : la question du *mensonge de discrétion*. C'est une tout autre affaire et sur laquelle mes conclusions ne seraient peut-être pas les mêmes. Il dit :

« Tout homme et toute femme portent un masque à travers la vie que nul n'a droit de lever et qu'ils ne sont tenus d'ôter que devant Dieu. »

Cela, c'est le mensonge de discrétion. Beaucoup le font ; on est presque obligé de le faire et l'on n'est pas très responsable de l'avoir fait. Un quidam vous interroge sur votre fortune, sur vos revenus, sur vos fréquentations, sur vos enfants, sur votre femme, sur l'âge de votre femme, sur les défauts de votre femme, sur vos rapports avec elle. Vous savez si cela est fréquent et si la curiosité la plus insolente se déguise ainsi en intérêt et en sympathie. Vous répondez par des mensonges et c'est ce que j'appelle le mensonge de discrétion. Le mensonge est souvent une arme contre la curiosité indiscrète.

Je crois, pourtant, que celui-là doit être interdit et que l'on doit se l'interdire, parce que, s'il est presque excusé par la parfaite grossièreté de celui qui le provoque, il est, cependant, une petite lâcheté. Il consiste à se défendre par la fuite, alors qu'il faut toujours se défendre face à face. A ceux qui font des questions dans le genre de celles que j'indiquais tout à l'heure, je voudrais qu'on répondît, avec un aimable sourire :

— Cher ami, *je n'aurai pas l'indiscrétion de vous le dire.*

Ou bien je voudrais qu'on répondît par des mensonges, mais si énormes qu'il fût impossible à l'interlocuteur de ne pas voir qu'on se moque de lui :

— Votre fortune ?

— Six cents millions !

— Oh !

— De rente, bien entendu, de rente !

— Les défauts de votre femme ?

— Sauf qu'elle a empoisonné sa mère et qu'elle a l'habitude de tuer tous ses enfants en très bas âge, je ne lui en connais aucun. C'est une femme exquise.

Mais encore, vous trouveriez des gens pour vous croire. Non ; le mensonge de bonté est l'exercice d'une vertu ; mais le mensonge de discrétion est une

---

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

manœuvre blâmable et un peu honteuse. Il faut être discret avec effronterie.

A côté des pensées proprement dites, je signalerai, dans le livre de Nabuco, des pages de méditation qui sont d'une grande beauté. Le *Souvenir du Cimetière de Pétropolis* donne presque l'appétit de la tombe, comme le *De Senectute* donnait à Montaigne l'appétit de vieillir :

« ... Quelle idée douce de la mort on a ici ! On l'aspire comme un souffle printanier ; elle embaume idéalement la nature... On sent que les morts se trouvent bien dans cette solitude, et de ce qu'on les ait laissés aux fleurs, aux larges fleurs, aux grands ombrages. Ils savent que la mort n'est elle-même que l'effeuillaison de l'âme en vue du printemps éternel... »

Lisez tout le morceau. Ce n'est pas si loin d'être du Chateaubriand. Et il en est d'autres.

Nabuco, puisque Nabuco il y a, est un esprit très distingué. Il se définit lui-même quelque part, avec modestie, mais avec l'originalité qu'il a souvent, de la façon suivante :

« Je n'ai étudié aucune science, je ne possède aucune langue, ni les procédés d'aucun art ; je ne suis donc pas un écrivain ; je ne me range, pour la pensée, ni parmi les vertébrés, ni parmi les articulés, mais parmi les simples spongiaires du grand océan humain. Comme l'éponge, je ne fais que m'imbiber de son flot, *n'en sentant pas l'amertume, mais seulement la fraîcheur.* »

Ce spongiaire optimiste a, au moins, une voix très bien articulée.

EMILE FAGUET,
de l'Académie française.

Carmes

Para galgar a estrada tortuosa
Que vem do berço ao fim da vida breve,
Eu sinto que me falta a côr de neve
Da rosea tua face setinosa.

O destino inclemente, por nodosa
Aspera linha a vida me descreve ;
Mas tu só, branco amor, tu podes, leve
Tornar-me a falsa culpa deleitosa.

Depois de tanto soffrimento duro,
E dos vae vens de um pelago de abrolhos
Pela falhada luz do rosto escuro,

Dos bons e máos, eu lastimado ser,
Volve-me, tu, divina, os pios olhos,
E acompanha-me n'este atroz viver.

HEMETERIO DOS SANTOS.

Carmina

Ut aevi pergam iter flexuosum
De cunis ad interminum soporem,
Niveum deesse mitri sentio colorem
Tuum adornantem vultum speciosum.

Per maeandricum, fata, sinuosum
Lineamentum, ætatis mei rigorem
Ostendunt; mei immeritum errorem
Efficies, nivens amor, jubilosum.

Post taedia cruciantia angustiarum
Atque syrtes in mari tenebrarum
Propter aspectûs mei turbidam lucem,

Humanis derelictum in viâ asperrimâ,
Super me volvens lumina pulcherrima,
Mei comes esto; sustinebo crucem.

MENDES DE AGUIAR.

CANTO DE EXILIO

Ao Guimarães Passos.

Sou filho de Alagôas. Agua Branca
E' meu berço natal, a villazinha,
A terra em que nasci.
O horizonte a meus olhos, tira, arranca
O céo do berço meu, da patria minha,
Onde infante vivi.

Muitas leguas na vasta immensidade,
Tornando, para mim, grande a distancia
Me separam de lá.
Distante, no meu peito, alta saudade
Dos dias que passei na minha infancia
Me domina por cá.

D'aqui não vejo o céo da minha terra,
Essas mattas virentes, o meu valle,
O meu nativo lar,
O bello céo azul que a patria encerra;
Mas, que em mim a saudade sempre falle,
Fazendo-me lembrar.

Sou filho de Alagôas, bella plaga,
Que o S. Francisco beija quando passa
No leito colossal,
O mesmo S. Francisco que hoje alaga
As terras que em limites ultrapassa
No solo marginal.

Orgulho-me por ser — alogoano!
Alagôas, — palavra de doçura!
O meu berço feliz!
Embora desterrado, eu, sempre ufano,
Me sinto nesse orgulho a toda a altura
Amando o meu paiz.

E, que patria!... Fadada de belleza
Em todo o clima seu, sempre formoso,
Tem vivido primor;
Nessa plaga ditosa, a natureza,
Sorriu-se com destino venturoso,
Com sorrisos de amor.

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

Os filhos de Alagôas têm por fado
A posse d'uma patria de ventura,
De sonhos, de prazer,
Um berço de poetas, destinado
Ás glorias, aos sorrisos, á bravura,
No mais feliz viver !

Sou filho de Alagôas ! Altaneiro,
Minha terra formosa celebrando
Em viva inspiração,
Proclamo que, no solo brasileiro,
Agua Branca é feliz, de amor gozando
Nos climas do sertão.

Agua Branca mimosa ! patria bella !
Conheço-me feliz por ser teu filho
Na zona do Brasil.
Hymnos de amor, sorrisos de donzella,
D'um sol resplandecente o vivo brilho,
Tu tens, com flores mil.

Como és lindo, meu berço matizado
De mil flores num clima sorridente,
O' meu berço natal !
D'um filho que te preza, desterrado
Tens os hymnos de amor profundo, ardente
D'um peito nacional.

E' tão bello o torrão alagoano !
Que formosas manhãs ! um céo sorrindo
Nos roseos arrebóes !
Inda mais... Deodoro e Floriano
Dizem, na voz da historia resurgindo:
« E's um berço de heróes ! »

Aos pés do primoroso continente,
O oceano, ao levante, soluçando
Reflecte o céo azul.
Pernambuco, no norte é sorridente,
E Bahia e Sérgipe, limitando,
Sorriem-se do sul.

E' lá que Paulo Affonso, a cachoeira
Em flocos d'alva neve se derrama
Do rio no pendor ;
E quando o sol reflecte em luz fagueira,
Que tela ! que sublime panorama !
O' patria !... que primor !

Celébre outro poeta mais ditoso,
De Alagôas um filho afortunado,
Um filho mais feliz...
A minha lyra é debil ; eu, saudoso,
Não posso celebrar mais inspirado
O céo do meu paiz.

Sou filho de Alagôas ! bella terra,
Não é, Guimarães Possos, de grandeza
A terra dos teus pais ?!...
Patria de heróes nas letras e na guerra !
Quem pudera cantar tanta belleza
Em gloria e tudo o mais ?!...

Januaria (Minas) 30 de Março de 1906.
Possidonio Calaça do Espirito Santo.

O Poeta da Religião e do Amor

Ao Carvalho Aranha

NUMA COLLECÇÃO DE POSTAES REPRESENTANDO A DIVINA COMEDIA

Diz a lenda que um jovem enamorado, pretendendo suffocar os estos de sua emoção afflictiva, emquanto aguardava a hora deliciosa de uma entrevista aprazada e anciosamente esperada, puzera-se a ler versos do divino poeta em que a Italia artistica se revê orgulhosa. Tam poderoso foi o encanto, tàm forte o arroubo contemplativo a que o arrastou o livro fascinante, continúa a lenda glorificadora, que o moço apaixonado esqueceo o que mais o prendia á existencia, e, quando, afinal, se libertou da seducção como quem emerge de um sonho delicioso, notou, com espanto a principio e desespero em seguida, que o tempo fugira e que, naturalmente, a sua noiva gentil, desenganada de vêl-o apparecer, fôra desafogar sua magua e irritação em abundantes lagrimas que deviam escaldar porque vinham do coração abrazado.

Que versos encantadores teria lido esse amoroso esquecido ? Seria,

A casa VACHERON e CONSTANTIN, de Genève, tem 123 annos.
Unico representante no Brasil : Casa Standard.

por ventura essa admiravel *Vita Nuova*, onde se diz da celestial Beatriz, realidade ou symbolo do eterno feminino, o que nunca de outra creatura humana alcançára dizer bocca de amante ou estylo de poeta? Essa *Vita nuova*, onde a pureza ideal do sentir e a nobre correcção do verso falam, no dizer de Bartoli, com a solemnidade dos hymnos eucharisticos? Ou seria esse portentoso poema em triada, a estonteante *Divina Comedia*, onde o sentimento religioso avassala a emotividade do poeta, mas não sem deixar que os doces pensamentos de amor espontem, aqui e alem, n'umas redolentes flôres ideaes, com a branca figura de Beatriz, pura e radiosa, e com essa commovente narrativa dos amores infelizes na propria ventura, de Franscesca de Rimini, amores que venceram a propria morte?

Dr. Clovis Bevilaqua.

Si a idade já tivesse amortecido os ardores primeiros desse retardatario, ou si os desenganos já lhe tivessem coberto a alma com as tristes sombras dos desalentos, poderiamos affirmar que a *donna piedosa* fôra a musa que o embevecêra e arredara da vida nas azas do sonho, para não arriscal-o a novos desconfortos e a desillusões mais duras.

Lenda adoravel! Vales mais do que estatuas levantadas nas praças publicas, porque és a expressão fiel e tocante da profunda admiração, do alto apreço, da affeição cultual que na alma popular soube infundir o soberano poeta da religião e do amor ideal, do amor da creatura humilde para com o seu creador omnipotente e do puro amor que enlaça eternamente duas almas que se comprehendem e se adoram. A religião é amor commovido e respeitoso; o amor é culto e idealização.

Si a fé consegue remover montanhas, é o amor e energia *che muove il sole e l'altre stelle*.

Clovis Bevilaqua.

Recordação de um Passeio

Ha muito não amanhecia como hoje; um dia pallido, nem quente nem frio, cheio de reservas, entre suspeitoso e convidativo.

Ninguem póde comprehender quanto me agradou a mudança de temperatura e, principalmente, depois do horroroso calor que assaltou a cidade fazendo a gente quasi morrer de insolação. Não era possivel resistir á adoravel atmosphera. Vestímo-nos quasi todos da familia e fomos ao classico passeio pela Avenida Central e rua do Ouvidor.

Depois de entrarmos num cinematographo, presentemente a diversão querida, chegamos até á livraria Garnier, onde costumamos, de quando em vez, fazer alguns minutos de parada. Ahi encontramos o auctor das *Paginas de Esthetica*, e este me pediu gentilmente um escripto para o «Almanaque Garnier», do qual é o distinctissimo director. Queria que lhe fossem entregues os originaes até o dia 5 de Dezembro, prazo bastante grande, pois estamos ainda a 3.

D. Amelia Bevilaqua.

Muito raramente uma solicitação dessa abor-
rece. E' sempre grato aos nossos sentimentos
sermos lembrados antes do que esquecidos; por isso o convite me agradou; mas, de repente, vi antolhar-se, entre mim e o futuro artigo em questão, um abysmo bem profundo; não era absolutamente falta de vontade de escrever, nem tambem de tempo; tempo sempre se arranja como espaço no coração, que se dilata e nelle cabe tudo o que nos agrada. Mas era a préoccupação de encontrar um assumpto que não fosse semsaborão de mais. Tendo no mesmo instante reflectido, vi a imminencia do perigo que seria a consequencia da minha precipitação em responder, mas o literato, advinhando meu pensamento, tirou-me desse atropelo dizendo que tudo o que eu lhe desse serveria, mesmo que não fosse inedito. Fiquei logo mais á vontade, e, quando nos separamos, estava empenhada a minha palavra. O factor principal para o que se tem de fazer, é a liberdade. Assentei logo de pedra e cal, como se diz vulgarmente, que levaria a pagina de algum escripto publicado, e não me impressionei mais com o futuro que estava decidido muito naturalmente, sem

A casa **VACHERON** e **CONSTANTIN** obteve o **UNICO** primeiro 1º premio no
CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS.

nenhuma peripecia. Depois desse momento de palestra, de novo atravessamos a rua, sempre a fazer estações entre amigos e conhecidos que surgiam de todos os lados. Com estes tambem appareceu um casal de velha amizade; digo velha, por que o conhecimento durava já ha uns dois annos; é certo que não passava de encontros, cortezias e amabilidades rueiras, mas eu gostava muito delle. Na terça-feira, foi quem mais se demorou conversando comnosco. A palestra foi a mais captivante possivel, findando com uma queixa, por que não o tinhamos ainda visitado. Quem mais se atormentava era a senhora; para me prender mais intimamente, disse, com visivel melancholia, que se iam para a Inglaterra, de onde talvez nunca mais voltassem. Ainda nos tornariamos a ver?...

Emfim, muitos cousas amaveis foram repetidas pela sua mimosa bocca, sempre aberta num sorriso galanteador, talvez o mesmo sorriso que ella estava habituada a trazer nos labios para todos, porém tão doce e sincero que eu me acreditei querida, e foi abalada que lhe estendi a mão e recebi os beijos e os ternos adeuses.

Com as bôas impressões dos affectuosos encontros levamos mais, muito encantados, essa do gracioso casal.

Logo á tardinha, para mostrar quanto viera captiva com as provos de amizade, fui visitar a jovem amiga que tanto me destinguira.

Cheguei agora mesmo, oito horas da noite, deste desastrado passeio. Que differença! Antes não tivesse sahido mais.

Foi a morte completa de minhas adoradas illusões! Eis o que me aconteceu:

Tomei aqui mesmo, na porta de casa, o bonde, e na rua Haddok Lobo fiz a baldeação para o bonde da Tijuca. Rolamos uns cinco minutos pelo encantador caminho do Andarahy. Ainda caminhei um pedaço a pé, mas logo avistei a casa procurada. E'um predio commum, paredes brancas, mettido dentro de um muro de gradeado sombrio. A extensão que rodeia a casa é plantada de palmeiras imperiaes, fazendo o predio apparecer na verdura da folhagem, como se surgisse de dentro de uma floresta. O sitio estava coberto nessa occasião com immensos montões de folhas seccas.

Quando empurrei a grade do portão, nem uma pessoa andava pela chacara, senão um velho jardineiro que ciscava o jardim; seus grossos sapatos amarellos se mergulhavam nas folhas amontoadas que rangiam debaixo do seu peso. Ensinou-me por onde eu deveria seguir.

Não esperei muito que me abrissem a sala de visitas, mas ahi fiquei um longo pedaço de espera. Na extremidade da casa alguem tocava uma sonatina. Pela porta entreaberta, avistei a bella cabeça bem penteada e o perfil galante da minha amiga, vestida de seda côr de lyrio. Comprehendi que se tratava de sahida e me senti vexada com o transtorno que viera fazer. Cinco minutos depois, quando ella vinha já em trajes caseiros falar comigo, o marido

repentinamente chegando da rua, entrou pela sala a dentro como um vento de tempestade e passou bem junto de mim sem me ver.

E'um individuo de estatura abaixo de mediana, cabello cortado á *brosse carrée*, bigodes á *Kaiser*, vermelho, arogado, olhar scintillante, fransino, alvo e louro. Assim que avistou a mulher, disse admiradissimo :

— Como! Ainda nesses trajes ?!!

— Pensava que não viesse mais e despi-me.

— Que não viesse mais ?!!!...

— Sim, dizia á meia voz, sem nenhuma revolta, a mulher, estive preparada uma hora inteira.

— Uma hora!! Resmungou o marido agitadissimo, tremendo de raiva, dando gritos medonhos, rodando pela casa, esmurrando as mesas e aparadores, fazendo chrystaes e pratos se precipitarem, quebrando-se uns, e espetando-se outros pelo assoalho.

— Mulher, V. está mentindo; veja o relogio, não se passa nem um segundo mais de meia hora entre a minha ida e volta. Repare que eu apenas fiz a barba...

Hum... Eu o conheço muito, replicava com um arsinho secco, pachorrenta, imperturbavel, rufando na mesa com os dedos, contrastando completamente com os furores do marido : eu bem disse que você não chegava á hora...

— Diabo ! Diabo! Nunca vi mulher mais incomprehensivel, mais injusta ! Onde está a minha culpa ? Diga, fale, pelo amor de Deus.

— Não sei, repetia como mesmo riso a brincar-lhe na polpa dos labios rosados, que reproduziam inexoravelmente aquelle estribilho que tanto irritava o zangado marido : *eu bem disse que você não chegava á hora...*

Passada essa trovoada, eu apenas ouvi um sapateado e um susurro abafado que bem se comprehendia que eram empurrões numa lucta feroz entre os dous.

Meu coração bateu ; se presenciei o tragico scenario foi porque não me pude livrar. Fiquei desnorteada sem mesmo saber o que devesse fazer ; pensei em retirar-me, quando vejo a meu lado a amiga inalteravel, muito formosa, ostentando a grande mocidade que se relevava dentro de sua quietude absoluta, não obstante o pescoço e as mãos estarem arranhados e manchados de vermelho ! Nem pestanejei ; queria não perder um traço, um movimento se quer da interessante e original creatura.

Realmente se alguem me contasse aquillo eu não acreditaria.

Que cynismo ! Fazia gosto vêl-a mover-se tão engraçada, tão linda mesmo dentro do elegante roupão de linon, a contar-me, com assombrosa serenidade,

PIANOS RITTER, adoptados pela **CASA IMPERIAL DE ALLEMANHA.**

Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados aos paizes quentes

interminaveis historias dos filhos pequenos, de si propria, e do marido, que era muito seu amigo....

Cruel provação; entretanto se não fosse esse triste incidente, talvez não pudesse satisfazer o delicado pedido do illustre Snr. João Ribeiro, com um escripto inedito.

AMELIA DE FREITAS BEVILAQUA.

Rio de Janeiro 3 de Dezembro de 190

EÓLO

A' Amelia de Freitas Bevilaqua.

Eu vou falar de um cão que se apellida Eólo,
Nome daquelle Deus que a fabula nos traça.
Dizem que tem avós de fama não escassa,
E cuja antiga historia aqui não desenrolo.

Seu merito subido apenas tento expôl-o:
Transumpto de belleza, intelligencia e graça,
Eis Eólo, o melhor typo da sua raça.
Que a terra ainda viu de um polo a outro polo.

E' o cão mais feliz, por que a illustre dona,
Bondosa, meiga e chan e viva e folgasona
Dedica-lhe affeição que elle paga mui grato.

Ama-o tanto que, pondo-o entre as duas filhinhas,
Seu raro cabedal, da sua alma rainhas,
Co' ellas lhe faz tirar o senhoril retrato.

BARÃO DE LORÊTO.

Rio de Janeiro.

PALESTRAS PHILOLOGICAS

Em a *Carta de guia de casados*, que importa recommendar, assim aos estudiosos da nossa lingua, como — e mui particularmente — aos noivos, escreveu D. Francisco Manoel, uma das mais sympathicas figuras portuguezas do seculo dezesete:

« Mulheres ha leves e gloriosas, prezadas de seu parecer: *loureiras* cuido eu que lhes chamavam nossos antigos, por significar que a qualquer bafejo do vento se moviam. »

E ahi fica, nesse breve trecho lapidado, uma explicação que inutil fôra buscar nos diccionarios.

Gostam as loureiras, não sómente de enfeitar-se, senão tambem áquelle que a severa legislação constitue por *cabeça do casal*.

Excogitando donde veiu, na impiedosa caracterisação popular, o symbolico adorno de taes cabeças, achámos que esse emblema tradicional, e tão frequente nas mascaras, remonta aos *satyros*, personagens grotescos essenciaes ao drama *satyrico* dos gregos.

Fel-os a mythologia medrosos, se bem que *armados*...

Para quem sabe ler não é preciso pôr mais na carta.

— A quem favorece namoricos dá-se vulgarmente o nome de *pau de cabelleira*, especie de cabide com craneo de madeira para sobre elle se guardar e pentear a perruca ou chinó.

Apparelho é, pois, de quem, para agradar e fazer-se bonito, não queira *deixar a calva á mostra*... Por injurioso, e designativo de instrumento voluntario, o termo *alcoviteiro* costuma ser velado pelo euphemismo *onze letras*.

(A lista de móveis sequestrados na Inconfidencia ao Dr. Claudio Manoel da Costa depara-nos a seguinte passagem (respeitada a graphia dos autos, sem pontuação) :

« ... huma meza redonda
hum catre nove moxos
hum bahu hum *pau*
de cabeça de cabilleira... » etc.

(Esta citação, que nos acudiu a pèlo, serve de mostrar a carencia de pêlos do infeliz poeta sexagenario.)

— Voltando agora á vacca fria, que eram os namoradores, iamos dizendo que elles se esforçam por *andar no trinque*.

Trinque, como *pau de cabelleira*, significava tambem uma especie de cabide, onde os aljibebes, ou negociantes de roupa feita, penduravam os fatos á venda. Dahi, como explica Moraes : *capa nova do trinque*, para exprimir — a que ainda não fôra vestida; e depois por extensão : *vestir-se no trinque*, i, é, com esmero, elegancia, etc.

Lembra João Ribeiro que, em outros casos, para assignalar um objecto novo ou sem uso, tambem se emprega a expressão *em folha*, proveniente de « livro em folha » ou em *brochura*, segundo o costume de hoje.

Mas... a gente sem recursos, que não pode cuidar do luxo nem do bucho, sujeita-se á *roupa velha*... da cozinheira ou dos adelos, e bemdiz, por cima, a memoria de *Belchior*, que, como primeiro vendedor de cacaréos, estabelecido no Rio, foi o vovô de todos os *financeiros* e *pindahybas* do Brasil.

SILVIO DE ALMEIDA.

PIANOS RITTER Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

UM SONETO

Vicente de Carvalho é um dos melhores poetas da geração actual. D'elle é o soneto *Contradição* tão conhecido e recitado :

Alma serena e casta, que persigo
Com o meu sonho de amor e de peccado,
Abençoado seja, abençoado
O rigor que te salva, e é meu castigo.

Assim desvies sempre do meu lado
Os teus olhos. Nem oiças o que digo!...
E assim posso morrer, morrer commigo,
Esse amor criminoso e condemnado.

Sê sempre pura! Eu com denodo engeito
Um bem que fosse feito do teu damno,
Corpo amado de uma alma que respeito!

Assim penso, assim quero, assim me engano...
Como se não sentisse que, em meu peito,
Pulsa, covarde, um coração humano!...

Mas, não é esta a unica das suas numerosas producções que merecem o titulo de excellentes. A *Academia de Letras* já o teria escolhido, se elle fosse... diplomata, diario de Petropolis, argentinophobo ou cousa que o valha.

H. V.

O NOSSO FOLK-LORE

As duas notas seguintes interessantissimas foram tomadas a uma serie de estudos de um dos espiritos mais cultos da nossa geração, SILVIO DE ALMEIDA.

Representam tambem uma revelação importante para a maioria dos nossos leitores, porque muitos ignoram que Silvio de Almeida e Alberto de Faria são talvez os unicos que têm estudado as origens historicas do nosso *Folk-Lore*.

I

« Bluteau, no *Vocabulario*, arrolando os jogos pueris, menciona o conhecido pelo nome de *João das Cadenetas*, cuja descripção se encontra em um bello estudo de Alberto Faria (*Gazeta de Noticias*, 7 de Outubro de 1907).

Como em *grand'chaîne* de quadrilha, enfileiram-se rapazes, de mãos dadas, dizendo os dos extremos o seguinte dialogo, em letra hespanhola, que deve de ser a primitiva :

— Ah, frey Juan de las Cadenetas!
— Que mandais, señor?
— Quantos panes hay en el arca?
— Veinte y uno quemados.
— Quien los quemo?
— Ese ladron, que está cabe vós.
— Pues pase las penas que nunca pasó.

E o ultimo dos interlocutores puxa a fila, correndo todos sob um dos braços do primeiro delles, a partir do outro extremo, esse primeiro fica naturalmente, depois da passagem, com os braços em cruz e com o rosto voltado em direcção opposta á dos demais. Repete-se a parlenda, realizando-se nova evolução relativamente ao rapaz immediato; e assim por deante, até o derradeiro delles.

Tal brinquedo, de origem castelhana, segundo sua propria denominação, recebeu, em Portugal e no Brasil, diversas modificações, mais ou menos explicaveis.

O outro nome, que lhe deram (*jogo do vintem queimado*), representa, para A. Faria, uma corruptela de *veinte y uno quemados*; depois passou a — *jogo do queimado*, por ellipse de *vintem*. No sec. XVI, dizia-se; *jogo do villão do cabo* : « *villão do cabo* era, sem duvida, o rapaz do *cabo* ou da *ponta* da cadeia. » Acresce que semelhante phrase podia ter sido despertada pela resposta : *Ese* LADRON *que está* CABE *vós*, ou, com pequena differença : « *Ese ladron del cabo*. *Villão* e *ladrão* seriam quasi synonymos.

De Minas e S. Paulo, conhecemos, em portuguez :

— Bento, que bento, frade...
— Frade (resposta comica, em eco).
— Quantos pães queimou no anno?
— Vinte e um queimados.
— Quem os queimou?
— O João do Carmo.
— Quer que se prenda?
— Já neste hora.

Ahi, o *frey Juan de las Cadenetas* foi substituido por — *bento, que bento, frade;* e a idéa de *frade* (*frater*) sugeriu outra variante :

— O' sr. meu *compadre*...
— O' sra. minha *comadre*...

Esta alteração proviria do brinquedo entre meninos e meninas. A expressão intensiva *bento, que bento* corresponde a um typo syntactico como : *dá-lhe, que dá-lhe; mexe, que mexe,* e quejandas construcções vulgares, correspondendo *que* ao latim *aeque*.

Com o mesmo principio acima, ha uma diversão infantil, bastante parecida :

— Bento, que bento, frade.
— Frade.
— Na bocca do forno.
— Forno.
— Tirar um bolo.
— Bolo.
— Tudo que seu mestre
mandar...
— Faremos todos.
— Quero, etc.

De *villão do cabo* variou-se por assonancia para *Pilão* ou *João do Carmo*; donde, tambem, *Joãozinho da serra*, porque, na toponymia geral, todo *Carmo* (monte Carmello) corresponde a um *serro*; e são lendarios os ladrões das serras, sobretudo na Hespanha.

No Pará, vêm outras palavras :

— Seu João das calças brancas.
— Senhor meu amo.
— Quantos pães tem no forno?
— Vinte e cinco, e um queimado.
— Quem o queimou ?
— Foi o pico do ladrão.
— Ora prenda esse ladrão
Na panella de feijão.

Nesta variante, conservou-se do frade, que trocou o habito por calças brancas,

REX pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa está habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.

apenas o nome de *João*; e o dialogo se faz entre patrão ou senhor e criado ou escravo. A interpretação popular, operando sobre palavras tradicionaes, transformou a locução *vinte e um queimados* em *vinte e cinco, e um queimado*. O *ladrão do pico* (monte), se converteu em *pico do ladrão*; e o *forno* (como na outra *o anno*) substituiu a palavra *arca*, que deixou de ser vulgar no Brasil.

A. Faria cita a versão, já muito alterada, e que, sem a sua excavação historica, fôra incomprehensivel :

— Vintem queimado?
— Quem queimou?
— Pilão do Carmo.
— Quer que se prenda?
— Prendido vá!

Entra-se então na segunda parte do jogo.

No momento que desfilam todos, de mãos dadas, sob o braço de cada um, vão repetindo :

Passa, passa CAVALLEIRO,
Pela porta do carneiro,

A *porta do carneiro* se explica pela idéa de *carneirada* : pois, onde passa um do rebanho, passam os outros.

Notemos que *frade*, *villão*, e *cavalleiro* devem de ter sido as tres personagens primitivas desse divertimento, em fórma dramatica.

Quando os rapazes, (menos os interlocutores extremos), se acham todos já de braços cruzados, travam os da ponta o burlesco dialogo :

— Tem uma corda
P'ra me emprestar?
— Tenho, mas está suja.
— De que?
— De cuspe de gallinha.
— Vamos experimentar?
— Vamos.

O *cuspe de gallinha* é uma especie de euphemismo, que muito bem attesta a faculdade descriptivo-pitoresca das crianças.

Nisto (conta A. Faria), arrebenta-se a cadeia (a corda), pela quéda geral, a um forte empuxão. (No meu tempo, os que caiam eram vaiados.) « Em seguida, aquelles dous rapazes demarcam no solo o *Inferno*, o *Purgatorio* e o *Céo*, e um fica com a mão direita erguida e espalmada, para que os restantes, pulando á vez, batam nella com as respectivas cabeças : os que isto conseguem vão para o céo, os que o não conseguem vão para o purgatorio, ou para o inferno, conforme o pulo realizado. Aos que vão para o inferno gritam os companheiros atroadoramente :

Coisa ruim, tem tem,
P'ra ganhar vintem! »

Segundo a letra hespanhola, com os que iam para o inferno, se entretinha este curto colloquio :

— En que estás, compañero?
— En penas.
— Pues, sácote dellas.

Só me resta acrescentar :

A conta de *vinte e um pães queimados* comprova a espontanea predilecção por sete e seus multiplos. Assim, entre os jogos de cartas, ha tambem o *sete e meio* e o dos *vinte e um*, em que sae ganhando o jogador que reune taes numeros em pontos.

Na edade média, muitos cavalleiros pobres se aggregavam ás ordens religiosas militares, na qualidade de *apaniguados*, isto é, vivendo ás sopas das mesmas ordens, de que recebiam uma renda para o sustento, renda essa chamada em castelhano *pan y agua*.

Facilmente se imagina então que o brinco acima representa um dialogo entre um frade e um desses cavalleiros, interessado em conhecer as condições

da arca do convento. Os dous, com o villão, perfazem o quadro da sociedade medieval. »

II

Em uma canção popular portugueza ha o seguinte trecho :

Margarida vae á fonte,
P'ra encher a cantarinha;
Brotam lirios pelo monte;
Margarida vae á fonte,
Vae á fonte e vem sósinha;
Brotam lirios pelo monte,
Vae á fonte e vem sósinha.

Margarida, quando passa,
Leva saias de algodão;
Mas tem vestidos de graça,
Quando ri e quando passa,
Poisando os olhos no chão;
Quando ri e quando passa,
Poisando os olhos no chão.

O thema desta cantiga prende-se ao mote de seculo XVI :

Descalça vae para a fonte
Leonor pela verdura;
Vae formosa e não segura.

Camões o glosou nas *voltas* :

Leva na cabeça o pote,
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Sainho de chamalote ;
Traz a vasquinha de cote,
Mais branca que a neve pura;
Vae formosa e não segura.

Descobre a touca a garganta,
Cabellos de oiro entrançado,
Fita de côr de encarnado,
Tão linda que o mundo espanta :
Chove nella graça tanta
Que dá graça á formosura;
Vae formosa e não segura.

Repetindo este quadro ingenuo e campestre, sente-se a verdade com que o portentoso epico (dotado, por cima, de um estro tão suavemente lyrico) definiu a poesia como—*pintura que fala*, em contraste com a pintura, que é uma *poesia muda* (*Lusiadas* : VIII, 41; VII, 76) » (1).

(1) SILVIO DE ALMEIDA — *Palestras philologicas.*

JOGOS INFANTIS

Ampliando parte de um artigo nosso, Silvio de Almeida, no DIARIO POPULAR de 17, fez a critica philosophica do jogo a que os hespanhoes do seculo XVI apellidaram *Fray Juan de las cadenetas* e os portuguezes traduziram incompletamente por *João das cadenetas* (depois *Villão do cabo* e finalmente *Queimado*).

Baseado nas duas parlendas que demos á estampa e em outras tantas que colligiu, escreveu o douto professor :

"Na idade média, muitos cavalleiros pobres se aggregavam ás ordens religiosas militares, na qualidade de *apaniguados*, isto é, vivendo ás sopas das mesmas, de que recebiam uma renda para o sustento, chamada *pan y agua*.

REX pianista, adapta-se a qualquer piano : uma criança pode tocal-a. CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

Facilmente se imagina então que o brinco acima representa um dialogo entre um frade e um dessas cavalleiros, interessado em conhecer as condições do convento. Os dous, com o villão perfazem o quadro da sociedade medieval."

Temos isso como bôa lição para explicar o desenvolvimento da fórma dramatica do jogo, no regimen catholico-feudal, pelo espirito infantil de parodia. Quanto á sua origem, porém, acreditamos remontar ao paganismo : os *curetes phrygios* « ... inter se forte catenas ludunt ... » (Lucr., DE RERUM NATURA, c. II, v^os^ 630-1). Os nomes simples de *La catena, La catina* e o composto de *Allunga-catene*, usados em Sevilha, na Calabria e no resto da Italia, respectivamente, precederiam áquelles, arguindo o estado rudimentar.

As versões oraes colhidas pelo ethnologo amigo são estas :

"(Pará)

— Seu João das calças brancas.
— Senhor meu amo.
— Quantos pães tem no forno?
— Vinte e cinco, e um queimado.
— Quem o queimou?
— Foi o pico do ladrão,
— Na panella do feijão !"

"(Minas)

— Bento, que bento, frade...
— Frade.
— Quantos pães queimou no anno?
— Vinte e um queimados.
— Quem os queimou?
— O João do Carmo.
— Quer que se prenda?
— Já, nesta hora!"

O assumpto estaria de todo exgotado, si algumas notas appostas a ambas, curiosas aliás, não suggerissem leves reparos.

Tratando da primeira, advertiu o cathedratico do gymnasio official de S. Paulo :

"... O *ladrão do pico* (monte) se converteu em *pico do ladrão*..."

Tal interpretação, de caracter subjectivo, por mais logica que se afigure, não póde prevalecer deante de prova documental em contrario.

E nós possuimos uma, devéras interessante, a cujo exame vamos proceder.

No Uruguay, norte da Argentina e Paraguay diz-se :

— Mulato.
— Señor.
— Adonde está la mula?
— Enel campo?
— Que come?
— Pan.
— Que bebe?
— Vino.
— Y el pan de la arca?

— Veinte y cinco, y un quemado.
— Quien lo quemó?
— Fué el pícaro ladron.
Tlin... tlin... tlin!

(Desfaz-se a cadeia).

Tambem aqui as perguntas são do senhor ou patrão e as respostas do escravo ou criado, e o verso — *Veinte y cinco, y un quemado* só na lingua differe do — *Vinte e cinco, e um queimado*, o que basta para mostrar a consimilitude das letras, estrangeira e patricia.

Sabidas as relações do Paraguay com a Bolivia e desta com a Amazonia, comprehende-se desde logo como a variante platina influiu na brasileira da zona mais septentrional.

Portanto, devemos considerar — *Foi o pico do ladrão* uma outra maneira idiomatica de — *Fué el picaro ladron*, sendo o *pico* (seguido de uma particula de realce apenas), contracção de *picaro*.

Numas das variantes paulistas, a de Itu, encontramos o vocabulo ladrão, com diverso adjunto attributivo : — *Foi o ladrão do porco*.

E elle entra numa das portuguezas, a de Guimarães :

O demando queimado.
— Senhor.
— Quem vos queimou?
— Foi um ladrão malvado,
— Que por aqui passou.
Passou... passou... passou...
— Compadre, tendes vós
Uma corda p'r'o enforcar?
— Está cheia de nozes (nós)
E bem póde quebrar.
Quebrar! quebrar! quebrar!

Nos arredores de Vizeu, ainda no velho reino, o *ladrão* cedeu o logar ao *diabo... A tout seigneur, tout honneur !*

Informam-nos disso minhotos e beirões, dentre 20 e 50 annos de edade, que asseguram não divergirem as phrases do divertimento nas suas provincias nataes das observadas em Campinas, consoante descrevemol-as alhures.

Os versos iniciaes da parlenda mineira, que sabemos commum ao Rio do Janeiro, pertencem a jogo distincto do *Queimado*, substituindo alguns deste por confusão, decorrente da sua afinidade de sentido com o assim realizado em S. Paulo :

— Bento, que bento, frade...
— Frade.

WILLIAMS VISIVEL, a machina de escrever mais resistente e simples.
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

Onde quereis que vade?
— Vade.
— Na bocca de um forno?
— Forno.
— Tirar um bolo?
— Bolo.
— Onde seu mestre mandar?
— Iremos todos.
— Quero vá buscar, etc.

(O menino ou menina que primeiro traz o objecto pedido assume a direcção do folguedo).

O lente de literatura commenta :

"A expressão intensiva *bento*, *que bento* corresponde a um typo syntactico como : *dá-lhe, que dá-lhe*; *mexe, que mexe*, e quejandas construcções vulgares, correspondendo o que ao latim *œque*."

Sem prejuizo do ensinamento, parece-nos que *bento* adjectiva o *frade*, que, por ser *mestre*, no caso, symbolisa um abbade da ordem de S. Bento, a mais industrial talvez das congregações religiosas.

E nem seria de estranhar que os membros da mesma, hoje fabricantes de licôr, dentrificios e outras cousas para o commercio, em tempo fizessem bolos para negocio mais modesto, divertindo-se daquelle modo durante o trabalho...

D'ahi, a imitação quiçá.

Appellamos para o dr. Vieira Fazenda, investigador paciente, que *está com a mão na massa...* dos bolos historicos.

Ha dias, discobriu s. s. a inventora dos chamados — *mãebentas*, a que se allude na semi-secular quadrinha carióca :

"— Mãe Benta, me fia um bolo?
— Não posso, senhor tenente;
Os bolos são de Yayá,
E não fio a toda a gente."

Era uma preta velha, Benta Maria da Conceição Torres, a cuja casa affluiam notabilidades politicas como o padre Diogo Antonio Feijó, quando Regente do Imperio, para se deliciarem com as guloseimas que preparava.

Falleceu em 30 de Agosto de 1851 a doceira, que, com o producto do proprio labor, conseguiu educar um filho, o conego Geral Leite Bastos, deportado em 1842 com Limpo de Abreu e Salles Torres Homem, depois viscondes de Abaeté e Inhomerim, e erguido a official-maior em 1846.

Em carta particular, amavel e erudita, pondera-nos Silvio de Almeida que *gangorra* se deriva de *ganchorra*, outro nome do *arreburrinho*, como se vê do Bluteau, embora soffresse a influencia de *canga*.

Levara-nos a suppôl-a formada de *canga* + *orra* em vez de *gancho* + *orra*, o facto de ouvirmos a crianças — *cangorra*.

O jogo da *gangorra*, *zangaburrinha* ou *arreburrinho* tem parlendas mais ou menos antigas, olvidadas, senão desconhecidas no Brasil.

Ahi vão duas portuguezas :

"Arre, burrinho!
Vamos a Belem,
Que outros burrinhos
Eil-os, já la vêm."
"Tique, tique toque,
Vamos a S. Roque,
Vêr os peraltinhas,
Que andam de capote."

ALBERTO FARIA.

TERRA NATAL

Na brumosa madrugada em que deixei minha terra natal, como um passaro ainda meio implume e já ensaiando o vôo na floresta negra da vida, gallos cantavam com a melancolia dos ultimos adeuses. Ali deixava o meu berço vasio, oscillando tristemente, como um ninho abandonado num ramo... Companheiros de infancia com quem eu retouçara, lepido e saltão como um cabrito, lá ficavam desirmanados! E a primeira namorada? Com certeza nunca mais eu a veria nas tardes de novena, ajoelhada e contricta, orando aos pés da Virgem, emquanto o velho orgão gemia os seus cantos sagrados e o incenso azul ia subindo e levando os meus primeiros sonhos de amor...

E lá de longe me acenavam, sacudindo as frondes como lenços de despedida, as arvores amigas, minhas bôas amas, que tantas vezes me carregavam nos seus braços embaladores, onde eu mamava o teso biquinho dos seus fructos maduros. E como eu já soffria saudades das lindas aguas em que me baptisara como S. João, aguas meninas e travêssas, que nunca paravam de rir o seu claro riso de perolas!

Com uma fé muito séria e toda feita de candura, eu ia supplicando ás cruzes pensativas da estrada para que ellas me fizessem voltar em breves dias. E não voltei.

Dias curtos correram, tempo longo passou. Da corôa de rosas da juventude foram-se-me as rosas, e só ficou uma corôa sêcca de espinhos. Entrei para a triste sociedade dos homens. Fiz pacto com o Diabo-Mundo.

E, arrancando do peito aquelle formoso coração criança, que ainda vestia os linhos brancos da innocencia, atirei-o ao mar, como a taça do rei de Thule. Para o substituir na cova do peito, apanhei um seixo bem duro, e immediatamente achei que a humanidade merecia um culto... Rezei pelo cathecismo de Augusto Comte.

SMITH VISIVEL, a machina de escrever que reûne as qualidades de todas as outras.
CLUBS CASA STANDARD.

Mas, apesar de tudo, este mesmo coração de pedra ainda vibra da mais pura commoção, quando, na pallida tristeza das madrugadas, escuto a vóz dos gallos, voz repassada de nostalgia, como um gemido que vem de muito longe. Então minha alma vôa na direcção do meu berço humilde, como um passaro solto vôa na direcção do ninho...

(Dos *Corvos*) BAPTISTA CEPELLOS.

PAGINAS ESQUECIDAS

O LEÃO CAÇANDO COM O BURRO

Fez annos o leão, quiz ir á caça;
E a delle não costuma ser escássa;
Não consiste em pardaes, em bagatéllas,
Mas em bons javalis, e em corças bellas.
O rei dos bosques, próvido e discreto,
Para sortir effeito o seu projecto,
Chama o burro, animal de voz não fina,
E o burro vae servir-lhe de buzina.
Elle ao posto o conduz, cobre-o de ramos,
Ordena-lhe que zurre, e a seus reclamos
Crê que ainda os mesmos brutos, que dão provas
De atroz braveza, fugirão das covas:
Não era aquella tropa ainda uzada
Ao fragor de asinina trovoada.
No ar o espantoso orneio emfim resôa;
Vaga o terror e as grutas despovôa:
Tremendo, a turba agreste alonga o passo;
Foge tudo, e, fugindo, eis cáe no laço,
Onde os espera a garra penetrante.
« Então, que tal, que tal? Não sou chibante? »
(Diz o burro ao leão c'o a fronte alçada,
Arrogando-se a gloria da caçada).
« Trôas (volta o leão), trôas devéras,
E se não conhecesse quem tu eras,
Eu mesmo com teus zurros me assombrava! »
O burro, se pudésse, resmungava,
E tinhamos arenga, inda que havia
Motivo para aquella zombaria.
Pois quem ha-de soffrer, quiéto e mudo,
Que um, que não vale nada, arróte em tudo?
Quem soffrerá que audacia o burro affecte?
Caracter fanfarrão não lhe compete.

BOCAGE.

TOBIAS BARRETO

(Fragmento)

« Em 1882 Tobias Barreto, que os seus condiscipulos não comprehenderam e de cuja immensa reputação ainda se espantam e sorriem, abalava como um cyclone a somnolenta Academia do Recife. Elle invade a sociedade espiritual do seu tempo como um verdadeiro homem da sua raça. E o segredo da sua força está na absoluta e constante fidelidade a esse temperamento, em cuja formidavel composição entram doses gigantescas de calor, de luz e de todas aquellas ondas de vida que o sol transfunde regiamente ao sangue mestiço... Tinha a exuberancia, a seiva, a negligencia que o fazia extranho a todo o calculo, mesmo o da sua reputação de além tumulo; o prodigioso dom de fantaziar, o *fabulieren* dos creadores, e mais a impaciencia e a temivel explosão da revolta que permanecerá como o traço vivaz do seu caracter. Não houve vaso que o amoldasse; não conheceu senão os limites inabordaveis da liberdade e os da extrema irresponsabilidade. Poude como um sertanejo viver com o povo; foi descuidado, miseravel e infeliz. Cresceu musico e poeta. E mais tarde quando lhe chegar a cultura, ella virá na barca fantastica da poesia. E foi pelo impulso dessa volatil essencia do seu temperamento que Tobias Barreto passou da arte para a philosophia. O pensador nelle é uma modelação do vate. Transportará para a metaphisica, para as sciencias biologicas, para o direito, a magia da advinhação, o improviso milagroso, a necessidade de idealisar e de imaginar, que é a poesia. Quasi toda a sua sciencia, quando não vem da legislação ou da lingua, é feita principalmente de intenção e os seus vastos descortinamentos, os clarões que abre, a vida que dá ás idéas apenas entrevistas no prisma da sua visão é mais a creação do poeta que a logica do sabio. E nisto foi um homem do seu tempo e da nossa raça. E' preciso que o sangue corra longamente, durante seculos, numa infinita descendencia para que o precipitado das forças originaes do nosso espirito seja a idealisação scientifica. O maximo, a que por emquanto podemos attingir, foi o que nos deu Tobias Barreto, a philosophia através das côres solares da poesia.

Não é um signal de incapacidade; é uma segurança de que estamos no principio, pois na realidade a inspiração dominante da nossa vida será sempre a preoccupação intellectual e neste sentido o Brasil é gloriosamente uma nação de metaphysicos. Pelas nossas origens, pela multiplicidade das nossas raças, pela variedade de deuzes que povoam as almas geradoras deste paiz, pela immensidade territorial que exalta a imaginação e engrandece o espirito, nós, como os povos da India, sentimos uma attração imperiosa, que nos arrebata para e sonho, para o vôo mystico, onde achamos o consolo da tremenda realidade. Seria momento da religião... A cultura scientifica apenas iniciada não

SMITH VISIVEL TEM O MAIOR INVENTO em machinas de escrever : ARTICULAÇÕES COM ESPHERAS.

permitte a completa expansão do espirito religioso, e o substituiu pela metaphisica da mathematica, a principal manifestação das tendencias abstractas do nosso genio. Nós desenvolvemos admiravelmente a faculdade de calcular como a mais importante gymnastica do cerebro e nos absorvemos nella, como se fosse a poesia da sciencia. Não ha paiz onde o calculo tenha mais devotos, sectarios, templos e mesmo poetas, e como todas as religiões, essa tambem terá as suas incompatibilidades e desdens. Eu creio que a Academia, onde a geometria não impera, onde ninguem cuida de reduzir a um frio theorema nem a philosophia, nem a arte, deve ser a zombaria desse espirito mathematico, o mais zombeteiro dos espiritos... A Academia vinga-se oppondo sériamente a essa metaphisica de Euclides, a *metaphisica do estylo*... de Machado de Assis. »

GRAÇA ARANHA.

Sophisma algebrico

Trata-se de demonstrar que

$$2 = 3$$

Para isso, pômos a seguinte equação, a qual não offerece duvidas :

$$4 - 10 = 9 - 15$$

Portanto é egualmente verdadeiro que

$$4 - 10 + \frac{25}{4} = 9 - 15 + \frac{25}{4}$$

Ora cada um dos membros d'esta equação representa o desenvolvimento de um quadrado. Meditem um pouco, e verão como a equação é absolutamente identica á seguinte :

$$(2 - \frac{5}{2})^2 = (3 - \frac{5}{2})^2$$

Extrahindo aos dois membros a raiz quadrada, temos :

$$2 - \frac{5}{2} = 3 - \frac{5}{2}$$

Logo

$$2 = 3 \qquad q.\ e.\ d.$$

J. AUMAITRE

Pannos, Casimiras, Fórros, etc.

PARIZ — LONDRES

DEPOSITO

Nº 4 — Rua da Quitanda — Nº 4

= S. PAULO =

Caixa do Correio, 632

DEUS

Para o Americo Leitão.

Aquella féra e truculenta algema,
Que me prendia e atravancava o peito.
Aquelle tão transcendental problema,
Foi pela força da Razão desfeito!

N'um movimento de repulsa extrema,
Em nome da Verdade e do Direito,
Rompi por uma vez o velho thema,
Quebrei por uma vez o preconceito!

Depois senti rolar, uma por uma,
Todas as minhas illusões de crente...
E da mentira se desfez a bruma!...

Hoje liberto do fatal engano,
Reconheço que Deus é, tão sómente:
— A obra prima do talento humano!

Rio

ELOY PONTES.

DEPOIS DO CALVARIO

Cerrou-se a tumba. Só, alma aos pedaços,
Anda Maria a soluçar: estão,
Como, os da Cruz, vasios os seus braços.
E como a noite em luto o coração.

Seus olhos-sinos d'alma-olhar escasso,
Contam a todos que a passeio vão
O funeral que lento, passo a passo,
Vae lento e frio no seu coração.

Mais do que um deus: era seu filho, oh Terra!
E, alma deserta, em pranto os olhos cerra
Cheios da fronte amada de Jesus.

E parece-lhe, então, que soluçando
(Tanto ella soffre) vêm-n'a acompanhando
Tambem desertos o Calvario e a Cruz.

SILVEIRA NETTO.

CLUBS DA CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio:
VENDAS A PRESTAÇÕES SEM AUGMENTO DE PREÇO.

Em Bronze

A João Ribeiro

Tu, sim! verás intacta os seculos passando,
Pois do egregio metal que o tempo vão não [doma
Vasei na estrophe audaz teu vulto venerando
E esse austero perfil das patricias de Roma.

Ora de bronzea téz teu nobre vulto assoma
Rude, á feição de uma aguia, os olhos lampejando,
Encurvado o nariz, revolta a ruiva coma
Suspenso em cada orelha um argolão brilhando.

Resurgindo o ideal de um seculo de assombros,
Não de candida graça ou de arroubado enlevo,
Dei-te o entono real de uma deusa inimiga :

Na fronte o casco alado, a chlamyde nos hombros,
Surges da estrophe eril em rutilo relêvo,
Como a effigie marcial de uma medalha antiga.

Rio Grande do Sul. Victor Silva.

Esbôço da Ethnographia Amazonica

A João Ribeiro

Para comprovar a sua opinião sobre a supposta civilização precolombiana no Est. amazonense, disse o sr. dr. J. Barbosa Rodrigues, em suas *Antiguidades do Amazonas*.

« É opinião geral que a civilização extincta do Amazonas é transandina, mas pela comparação que temos feito, não só dos costumes como das antiguidades, vê-se que é ella differente. Além disso a civilização andina e a mexicana estavam mais adeandatas do que a dos Northmanos.

« Comparados os monumentos deixados pelos Northmanos, com os dos Incas (ou, antes, dos *Quichuas*) e dos Nahuas estes deitam á sombra áquelles.

« Não affirmo, mas parece-me que nossos autóchthones (*si os temos*) se relacionam com os descendentes de Odin, como veremos quando tratarmos da *arte ceramica*, dos *aterros sepulcraes*, dos *sernambis* (ou sambaquis) e das *inscripções*. »

Eis, porém, como dissertou o illustre sr. dr. Goeldi, numa conferencia sobre a materia, lamentando amargamente as difficuldades que encontra quem aborda a nossa intricada questão ethnographica.

« Enormes, desesperadoras, quasi insuperaveis mesmo, são as difficuldades que encontra todo aquelle que procura uma idéia clara e noção exacta do aspecto ethnographico que o Brasil apresentava na hora da sua descoberta, no momento em que começa sua historia, que é toda *post-columbiana* e que abrange apenas os quatro ultimos seculos — um palmo sómente por assim dizer, da longa escala da historia universal. Não faltou, na verdade, quem attribuisse a certos artefactos indigenas, achados em sólo brasileiro, uma antiguidade remota e imaginasse uma filiação que se perde na escuridão da prehistoria. Mais e mais, porém, taes temararios ensaios e tentativas são reconhecidos como destituidos de razão e de verdade... » — deante das conclusões ethnographicas a que chegou o sr. prof. Goeldi : 1) por um amoroso estudo comparativo de *igassáuas* provenientes de varios pontos da Amazonia e da nossa Guiana, (attribundo-lhes uma edade pouco remota, attento o seu perfeito estado de conservação, e além disso reconhecendo-as, com muito criterio, como producto da aperfeiçoada ceramica *aruáque*; 2) pela importante descoberta de missangas (2) européias

(1) *Igassáua* ou *igassába* deriva-se do abanheenga *yg-a-haba*, vaso para agua e, por extensão, urna funeraria.

(2) Diz o sr. padre A. Schupp que o dr. Otto Fischler, a quem o dr. H. von Ihering, enviou um pedaço das taes missangas ou contas de vidro, achadas no Rio Grande-do-Sul, submettendo-o a um rigoroso exame scientifico chegou ao resul-

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

e talvez venezianas em uma das urnas funerarias do Maraçá, reconhecidas « ipso facto » como post-columbianas (1).

« ...No Mexico, no Perú, os conquistadores de raça iberica já encontraram (continúa o dr. Goeldi) uma cultura antiga, secular e em relação áquelles paizes uma prehistoria adquire, portanto, direitos de existencia.

« Bem diversas, porém, são as cousas relativamente á maior parte do resto da America Meridional, sobre o territorio cisandino, cuja parte leonina é formada pelo Brasil actual.

Em todo este immenso territorio não ha uma unica localidade que claramente nos manifeste a existencia de uma cidade precolombiana, monumentos architectonicos e ruínas de maior vulto, cultura de uma éra indubitavelmente anterior a invasão dos navegadores lusitanos.

« E' dupla a causa dessa difficuldade que se antolha a todo aquelle que procura investigar o nosso problema ethnographico, no passado. Em primeiro logar, os indigenas brasilicos da antiguidade parecem ter tido uma indole apparentemente diversa da dos povos — architectos, taes como os Aztecas e os Incas: em vez de sedentarios, foram migratorios e nómades, mudando frequentemente de residencia e não mostrando quasi nunca um verdadeiro amor ao torrão natal, expresso e manifestado em obras architectonicas de duração perpetua. Foram, ao que parece, sempre o que é ainda o nosso Indio hodierno: nómade, caçador, quando muito lavrador em pequena escala, vivendo da mão para a bocca; sempre em pé de guerra, e dispensando algum amor artistico (si tal possue) unicamente ao arco e á flecha, aos ornatos de festa, aos remos e alguns utensilos de uso domestico...

tado que as mesmas contas são em essencia identicas ás que se encontram espalhadas não só em toda a Europa como tambem nas demais partes do globo. O resultado final do seu acurado e rigoroso exame foi que as mencionadas contas foram para aqui trazidas pelos descobridores da America e portanto a edade dellas não póde ir além do anno de 1500. Ao mesmo resultado chegou-se no *Museu Goeldi*, do Pará, pelo exame petrógraphico de missangas descobertas numa urna de barro, do rio Maracá.

Como, porém, explicar-se a existencia do lendario *moiraquitã* (conta em geral cylindrica, de jade em geral verde) no Amazonas, si até hoje nenhuma jazida dessa rocha foi, segundo pretende o dr. H. Fischer, encontrada na America? Entretanto, o *moiraquitã* parece antes uma imperfeita imitação da missanga veneziana, como seu nome deve ser, no dialecto tupi, apenas uma contracção de *moyra — aquytã*, bugalho ou conta de collar, e não póde significar nó de pau, como suppõz o sr. dr. B. Rodrigues, contra o que protestam os proprios characteres da pedra de que é feito esse artefacto iudigena, sobretudo a sua grande dureza, que resiste á lima.

O sr. dr. Sylvio Roméro, conhecido critico nortista, indicando as conclusões a que chegou sobre tal questão o dr. A. Meyer, diz que perdeu-se certamente a reminiscencia das jazidas originaes desse mineral; ellas, porém, devem existir no continente (americano), ao menos no Mexico e na região amazonica.

(1) O uso de machados de pedra, empregados pelos olleiros nestes e outros pontos do Brasil, não constitue prova alguma contraria, diz o dr. Goeldi. A nossa prèhistoria « sul-americana » é cousa diversa da do Velho-Mundo, em relação á Amazonia é ella essencialmente post-columbiana. Von den Steinen encontrou ainda ha poucos annos os Bacairis de filiação caraíba, no Xingú, usando machados de pedra e provavel é que nem serão estes os unicos Indios que continuam em plena « éra neolithica » em nossos dias.

O dr. Carlos von den Steinen pensa, diz o erudito sr. dr. João Ribeiro, que houve tres successivas épocas prècolombianas, quanto ao movimento das populações aborigenas: 1) a da expansão dos *Aruáques*, 2) a do movimento dos *Caraibas*, 3) a da expansão, triplice dos *Tupis*.

Tudo parece, porém, indicar, diz ainda o autor citado, que essas tres épocas reduzem-se talvez á historia do seculo XV, quando muito, e não póde ir muito além. O movimento dos Tupis e dos Caraíbas é quasi contemporaneo da descoberta, e a conquista do littoral pelos Tupis nada tinha absolutamente de definitivo. Talvez posteriormente ao inicio della nem quatro gerações houvessem decorrido. Ainda menos poder-se-ia affirmar da occupação das pequenas Antilhas pelos Caraíbas de Venezuela e Guiana.

« Ha argumentos tanto ethnographicos como geologicos e paleontologicos, que permittem considerar o apparecimento do homen sul-americano em territorio cisandino como pertencente a um periodo proporcionalmente recente, embóra esta parte da Sul-America seja genesicamente mais vetusta que a cordilheira dos Andes e a tira occidental que verte para o oceano Pacifico.

« Esta é a primeira difficuldade que nos turva a vista, qual nuvem espessa, no desejo de encararmos com a verdade ethnographica relativamente ao Brasil. A ella vem se junctar uma segunda-que é o pouco geito, a absoluta inexperiencia dos historiadores coévos da época conquistadora em reconhecer o fio de Ariadne, que aqui, no problema ethnographico, como em qualquer campo de sciencia exacta, leva ao ultimo reducto da verdade. Mal guiados por impressões superficiaes e precipitadas, ganhas em viagens costeiras e rapidas excursões fluviaes por alguma das grandes arterias aquaticas, foram victimas de grosseiras prevenções, que têm atrasado a sciencia por seculos e que ainda hoje se fazem sentir. O erro capital que data daquelle tempo, consiste no que modernamente se chama e bastante adequadamente a *tupi-mania*... »

Em sua conferencia á cêrca de « O estado actual dos conhecimentos sobre os Indios do Brasil, especialmente sobre os da foz do Amazonas », e realizada ha um decennio, disse o sr. dr. E. A. Goeldi, do que só reproduzimos aqui uma parte incompleta :

« Data de 1867 o primeiro ensaio real e methodicamente elaborado sobre o problema ethnographico do Brasil no passado, e tem por autor o celebre botanico e explorador allemão dr. Carlos Fred. Philippe von Martius, a quem o Brasil deve gratidão indelevel, não só em relação á investigação da sua flóra, mas tambem a respeito do amor admiravel pela elucidação da individualidade do homem sul-americano.....

Ao passo que de Orbigny, provecto explorador francez, que atravessou a America do Sul no principio deste seculo (findo), ainda reuniu todos os aborigenas de N. a S. e de L. a O. debaixo da denominação collectiva de « raça brasilo-guarani», Martius estabelece os seguintes troncos ethnicos principaes : Tupis (1) ou Guaranis (os guerreiros), Jês ou Crãs (os cabeças) Gúques ou Côcos (os tios), Crens (ou Gueréns (os velhos), Paressis ou Poragis (os de cima), Goitacás (os corredores), Aruáques ou Aruaquis (a gente da farinha), Linguas ou Guaicurús (os cavalleiros) e os Indios em transição para a cultura e a lingua portugueza.....

A reforma radical do systema de Martius, todavia, existe hoje, — ella é toda moderna, realizada dentro do decennio de 1886-1896, e deve-se confessar que a parte leonina do merecimento cabe aos provectos ethnographos alemães *Karl von den Steinen* e *Paul Ehrenreich*, que fizeram do Indio brasilico seu estudo predilecto e executaram por diversas vezes já memoraveis explorações, nas partes menos conhecidas do Brasil central, sendo duas dedi-

(1) Tal nome parece vir do abanheénga *tub-upy* ou *t-ypy*, os ascendentes, os antepassados.

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

cadas ao rio Xingú e outras aos rios Tocantins-Araguaia e Purús (1).

São de alcance indubitavelmente enorme para o ethnographia do Brasil os resultados obtidos por esta brilhante pleiade de viajantes modernos.....

A nova phase, o novo rumo é sobretudo fructo do attencioso e profundo exame dos Indios, pela primeira vez visitados, moradores das cabeceiras e do curso superior do rio Xingú, verificando-se a razão de ser de uma antiga supposição, que, por assim dizer, pendia no ar: isto é, que talvez naquelle centro desconhecido e mysterioso do Brasil jazessem escondidos importantes documentos para a solução do nosso problema ethnographico, e talvez a propria chave. Manejando com mão adextrada de profissional e com a triplice ferramenta indispensavel, que é a linguistica, a anthropologia e a ethnica propriamente dicta, conseguiram aquelles valentes scientistas, não só augmentar consideravelmente o cabedal dos conhecimentos sobre umas tantas tribus, como descobrir umas tantas outras de todo novas; mas o que a mim (diz o dr. Goeldi) parece a vantagem principal dos seus gloriosos exitos é que, não obstante augmentado o cabedal do saber pelo duplo ou triplo, elles conseguiram ao mesmo tempo simplificar notavelmente o problema.....

Segundo Karl v. d. Steinen e Ehrenreich por um lado, e conforme os resultados do distincto philologo francez Lucien Adam (baseado nos materiaes lingúisticos colligidos por Crévaux na Guiana), por outro:

1) Devem-se separar inteiramente, por causas ethnologicas e linguisticas, os Caraíbas dos Tupis; 2) genuinos Caraíbas conservam-se no centro do Brasil, sendo a direcção geral de sua migração de S. a N. e para a Guiana; 3) a familia « gúque » de Martius, é insustentavel por conter elementos de todo heterogeneos, sendo umas tribus claramente caráibas, ao passo que a maioria, como os Paressis, deve fazer parte de um novo tronco que L. Adam intitula « grupo dos Maipures » e que K. v. d. Steinen designa adequadamente « grupo nu-aruáque », por causa do characteristico prefixo pronominal « nu », de um lado, e por causa do idioma « aruáque », primeiro conhecido no grupo, de outro lado.

Eis a synopse do novo systema: Tupis, Jês, Caráibas (1), Maipures ou Nu-Aruáques, Carajás, Panos, Miranhas, Guaicurús e restos dos Goitacás (os Puris).

Para figurar-se uma distribução das quatro principaes nações indias, diz o prof. João Ribeiro, basta-nos fazel-o largos traços. Os Tapuias (ou Jês) acham-se localizados no planato de leste do Brasil, não muito longe da costa, entre 5º e 20º de lat. S. e 40º e 50º de long Oc., do meridiano de Greenwich. Os *Tupis* se extendem pelo littoral de S. a N. e pelas regiões do Xingú e do Tapajós. Os *Caraíbas* encontram-se principalmente nas Guianas de leste e na Venezuela oriental.

A nação *aruáque* ou *maipure* espalha-se no sentido do N. desde a Bolivia até a costa do norte de Venezuela através do Brasil (região do Solimões) e entre os limites de 60º a 75º de long. Oc.

A questão das migrações (mirassé-

(1) Explorações aquellas, cujos resultados devem ser em parte completados pelos successores de Steinen e Ehrenreich, drs. Max Schmidt e Theodor Hoch.

(1) *Caraíba* significa, no proprio idioma, o extrangeiro, segundo v. d. Steinen.

mas) dos nossos Indios, quanto ás direcções geraes em que ellas se deram e sobretudo quanto ás respectivas épocas, a que já alludimos, offerecem difficuldades que até agora não puderam ser resolvidas de modo satisfactorio.

Que os Tupis migraram do S. para o N. parece, diz mais o prof. João Ribeiro, cousa liquida, e por muitos motivos. Mesmo no tempo da descoberta já se podia observar essa direcção e sempre os colonízadores poderam observar que os Tupis seguiram o littoral, quer por impulso natural, quer tambem para evitar os occupadores europeus. Ao mesmo tempo que a massa de Tupis do Sul, os Guaranis, conservaram uma lingua mais primitiva, mais contracta, ao mesmo tempo que revelam aptidões e estado inferior de cultura.

Tambem ha todas as probabilidades em favor de ter sido a direcção L.-O. a seguida pelos Tapuias ou Jês, não só porque o grau de cultura delles vai ascendendo nessa direcção, como porque sendo expulsos pelos guerreiros tupis e sendo-lhes impossivel atravessar o mar, não tinham outro caminho a seguir que o de oéste.

A migração dos Aruáques devia ter-se realizado em sentido contrario á dos Tupis. Aquelles deviam ter-se dirigido do N. para o S.; o seu nucleo principal se acha localizado entre o alto Amazonas e o rio Negro.

O movimento dos Caráibas seguiu das fontes do Xingú para o N., segundo v. d. Steinen e Ehrenreich. Elles occupavam a região das Guianas e já tinham effectuado, pelo mar, a conquista das pequenas Antilhas.

Não queremos occultar (continúa o dr. Goeldi) que ainda uma vez deparam-se-nos neste systema (de Steinen e Ehrenreich) elementos rebeldes, e que exigem, por ora, ainda posição isolada e independente de filiação, como os Carajás (no Xingú e Tapajós), os Panos ou Caripúnas (no alto Amazonas e Ucaiále), os Miranhas (entre o rio Negro e o Issá), além dos Guaicurús (no Paraguai) e os Goitacás (os Puris), existentes hoje, perto da costa entre as cabeceiras dos rios S. Francisco e Paráiba do Norte.

Sabemos, porém, que, em relação ao actual Est. do Pará temos principalmente de occupar-nos com os quatro troncos dos Tupis, dos Jês, dos Caraíbas e dos Nu-Aruáques. No que diz respeito aos « Jupis » é superfluo querer characterisar as suas particularidades ethnicas e linguisticas; já declarámos que este tronco é o melhor conhecido, o unico tractado com algum cuidado pelos historiadores patrios.

O grupo « jé » é linguisticamente characterizado pelos prefixos *i*, *a*, *da* e pela frequencia relativa de algumas combinações exquisitas de consoantes, como, *cr*, *cl* e já Martius viu na terminação tantas vezes repetida de « jê » um criterio bom e seguro, em sua classificação.

Ethnographicamente póde em geral dizer-se, que só os « Jês » mostram os grandes discos (botóques) labiaes e das orelhas, que não conhecem o uso da rêde, não são peritos em assumptos de navegação, usando apenas de balsas (jangadas), e que possuem duas especies de flechas, das quaes uma com ponta de madeira, unilateralmente denteada, outra com lamina de tabóca,

A casa VACHERON e CONSTANTIN, de Genève, tem 123 annos.
Unico representante no Brasil : Casa Standard.

cylindrica e apontada. Ha não poucos argumentos, até anthropologicos, para a opinão que os Jês representam o grupo mais original, mais antigo dos aborigenas brasileiros e que, si algum dos nossos Indios merece a qualificação de « autóchthone » e a de tapuia a elle caberia melhor taes qualificações..... Seguem em terceira linha os « Caraíbas » cujos idiomas mostram a terminação-*otó*-com tanta frequencia, que só por esta circumstancia já frequentemente se reconhece a sua filiação a esse grupo. Usam de rêde feita com fibra de algodão e team de modo diverso dos Nu-Aruáques.

Distinguem-se pela bravura, soberba e crueldade... Resta-nos, agora, characterizar estes « Nu-Aruáques » como o quarto tronco vetusto na sua origem, novissimo, porém, no apparecimento devido por parte da ethnographia americana. Linguisticamente, já o declará mos— characteriza-os o prèfixo pronominal da primeira pessoa « nu » (e o da 2ª « pe »); ethnographicamente é-lhes peculiar a rêde (máca) tecida de casca de pau (imbira) e sobretudo o alto desenvolvimento que entre elles attingiram a ceramica e a industria da farinha de mandióca. Os quatro grandes ramos a que os mais recentes e acceitaveis trabalhos scientificos de v. d. Steinen e Ehrenreich reduziram, diz o sr. Arthur Vianna, um sem numero de tribus mal classificadas precedentemente, acham-se bem representados na população indigina do Pará; para demonstração desta affirmativa basta dizer que hoje, depois de quasi tres seculos de conquista, ainda podemos enumerar como *Tupis puros* os Tembés e Oiampis (na foz do Amazonas), os Pacajás, Jamundás, Antas ou Tapiranás (pela margem esquerda do Tocantins), Tecúmas-Peuas (no Xingú), os Maués (entre ó Xingú e ó Tapajós), os Anambés (no baixo Tucantins); como *Tupis impuros* os Jurúmas (no baixo Xingú), os Mundurucús (no baixo Tapajós); como *Jês* os Caiapós divididos em Uxicrins, Gaviões, Gradaús e Timbiras, e os Suiás (estes nas margens do Tucantins); como *Caraíbas* os Aráras e os Jumas (no baixo Xingú).

Apenas os Aruáques extinguiram-se, diz o autor citado, ao contacto dos invasores, devido á inferioridade numerica daquelles; a tradição escripta cita os Nheèngaíbas, incluindo neste nome geral os Aruãs e outros similhantes (em Marajó e seu grupo), classificados actualmente pelos vocabularios recolhidos; existem ainda, porém, os restos dos Aruaquis (entre os rios Trombetas e Jatapú) e os dos antigos Pauxis (1) de Obidos (no alto Trombetas) que, por muitos motivos, devem pertencer ao mesmo grupo ethnico. Von den Steinen incluiu os Custenaús do alto Xingú nesse grupo, e no Est. do Amazonas abundam ainda muitas tribus aruáques.

Assim como Belém formou-se de Tupinambás (2), Manáus originou-se de tribus aruáques (Banibas, Barés, Manáus e Passés) em volta da fortaleza da Barra-do-Rio-Negro, fundada em 1669 por F. da Mota-Falcão.

Ainda existem no Est. do Amazonas diz o sr. dr. H. L. de Campos, mais de 200 mil indigenas, que podiam ser chamados ao gremio da civilização.

Eis as principaes tribus dos selvagens actuaes neste Estado, segundo o barão de Sancta-Anna Nery : Acangas-Pirangas (no Madeira), Aráras (no Maués, Madeira, rio Negro e alto Purús),

(1) *Pauxis* deriva-se provavelmente do radical quêchua *pauxi*, mutum em geral, e talvez por intermedio de tribu aruáque outróra em contacto com os Quêchuas.

(2) O nome *Tupinambá* vem talvez de *tub-ypy-abá* ou de *t-ypy-abá*, gente da raça tupi ou de origem tupi.

Aruaquis (hoje no rio Uatumã), Canamaris (no alto Purús, Jurná e Ituxi), Carapanãs (no rio Issana), Catianas (no alto Purús), Corêras (no rio Cadajari), Ipurinãs ou Apurinãs (no Purús e Ituxi), Itumiris (no rio Papuri), Jamamandis (no médio Purús), Jamamaris (no Purús), Juras, Jumas (no rio Negro, Juruá, Solimões e Madeira), Jauaperis (no rio Jauaperi), Macuxis (no rio Branco), Macus (no Maués Japurá, rio Negro e Papuri), Maiùrúnas ou Majurúnas (no Jutaí, Javari e em S. Paulo de Olivença), Manateneris (no Juruá, alto Purús e Ituxi), Manibas (no rio Queírari), Maués (nos rios Maués, Madeira e Andirá), Mundurucús (no Abacaxis, Maués, etc.), Pamanás (no médio Purús, Ituxi e Mucui), Pamaris ou Purú-Purús (no baixo Purús), Paracúanas (no Japurá, Issa, Tunantins e rio Branco), Parintintins (no Amazonas e Madeira), Porocotós (no rio Branco e no Uraricuêra), Sumaniris (no baixo Purús e seus affluentes), Tarianas (no rio Uaupés), Ticúnas (no Javari, Jutaí e Issá), Turás (no Madeira e Purús), Timbiras? (no Japurá e Issá), Tucanos (no Tiquié), Uapixanas (no rio Branco), Urupás (no Maués e Madeira), Uaupés (no rio deste nome), etc. O barão de Sancta-Anna Nery apresenta uma lista de 373 tribus, só no Est. do Amazonas ! Os centenares de tribus e hordas indigenas deste Est. podem reduzir-se a 3 dos quatro principaes troncos ethnicos do Brasil e a mais alguns secundarios, modernamente classificados : 1) *Tupi*, dividido em Apiacás (entre Amazonas, e Matto-Grosso), Cocámas e Omáguas ou Cambêbas (no Juruá, Solimões e Javarí), Maués (região citada), Pocajás (no Amazonas Parintintins e Tupinambás (reg. cit), Jurúnas (no rio Negro) e Mandurucús (reg. cit.); 2) *Caraíba*, em Aráras (no rio Negro, Madeira e Purús), Macuxís, Parauianas e Porocotós (reg. cit.), Uajanas (no rio Negro); 3) *Aruáque* em Aruaquis (reg. cit.) Banibas (no rio Negro), Barés (no rio Negro, Madeira e Javari), Catauixís (no Solimões, Juruá, Teffé e médio Purús, Ipurimãs e Jamamadis (reg. cit.), Manáus (nos rios Negro e Teffé), Manibas (reg. cit.), Mapuris (nos rios Negro e Japurá), Pamaris (reg. cit.) e Tarianas (reg. cit.) e talvez restos do tronco *jê*, representado pelos Timbiras (no rio Negro); além dos tres grupos dos *Carajás* (em Silves e no rio Negro), dos *Miranhas* (1) (no Japurá e Issá) e dos *Panos* (no Javari), os quaes são irreductiveis aos outros troncos citados. Cumpre notar que além desses seis grupos, uns mais e outros menos bem classifi cados, ha no Est. as tribus ainda não classificadas dos Juris, dos Tecúnas e dos Uapés (na região do Solimões) etc.

A. Gomes Soares.

(1) Miranha ou piranha parece vir do abanheénga *mymranha*, os dentes-de-lança, por terem talvez os dentes apontados como a lamina da lança.

A casa **VACHERON** e **CONSTANTIN** obteve o **UNICO** primeiro 1º premio no

CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS.

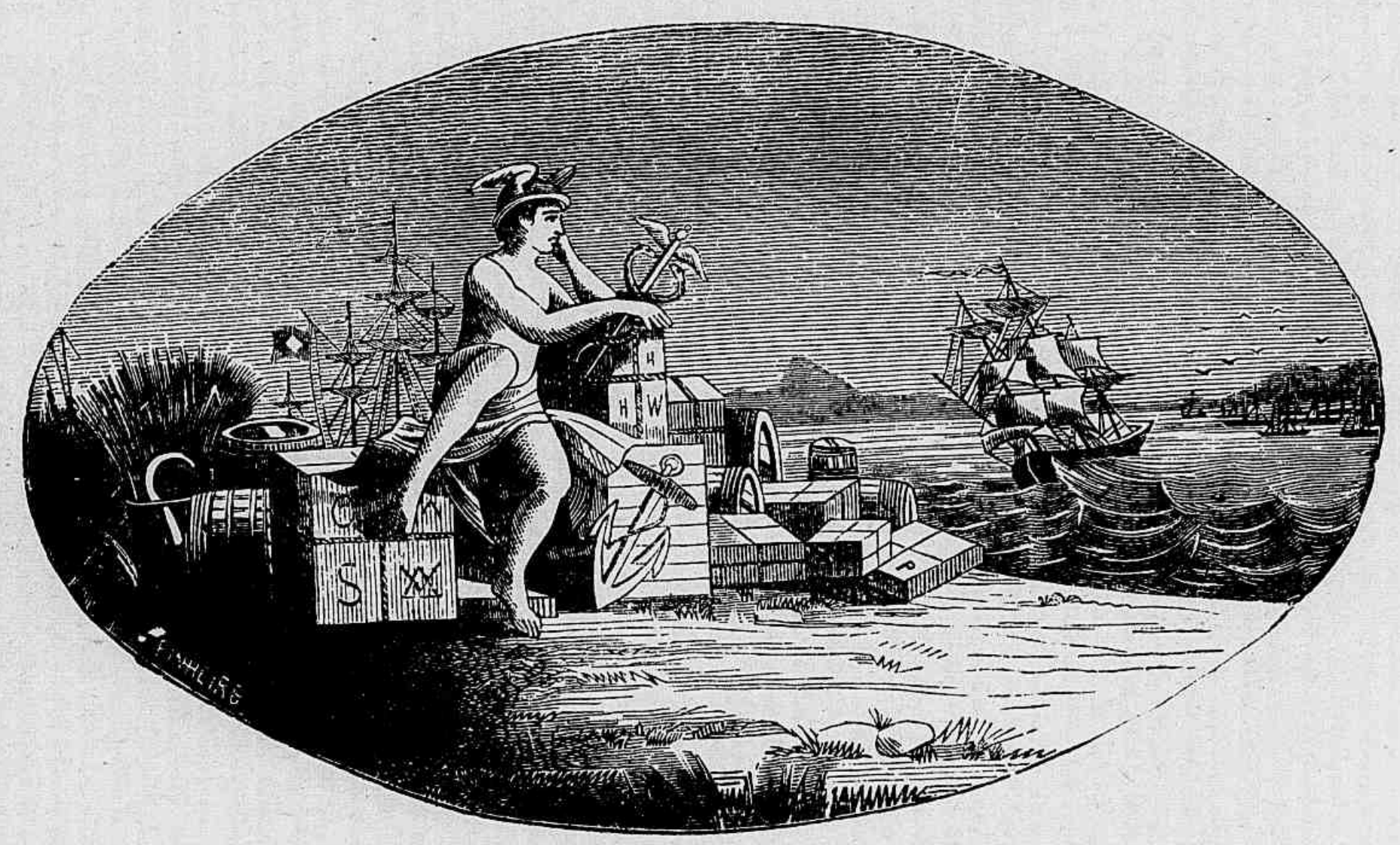
Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres

PREVIDENTE

Fundada em 1872

SÉDE NO RIO DE JANEIRO : Becco das Cancellas, nº 2 (1º Andar esquina da rua do Ouvidor)

Agencias em S. PAULO e SANTOS



Balanço de 31 de Dezembro de 1907 :

Capital emittido	2.500.900$000
Capital realizado	1.000.000$000
Fundo de reserva, lucros ao semestre seguinte e fundos disponiveis	793.736$270
Apolices de sua propriedade, valor nominal	1.900.000$000
Deposito no Thesouro	200.000$000

Valores segurados desde a fundação	3.094.968.757$716
Imdemnisações pagas	6.423.149$225
Dividendos distribuidos	2.367.500$000

DIRECTORIA :

Commendador JOÃO ALVES AFFONSO;
Conselheiro CAETANO PINHEIRO DA FONSECA;
BERNARDO PIRES VELLOSO SOBRINHO.

CONSELHO FISCAL :

CONDE DE VILLELA;
Commendador CARLOS ANTONIO D'ARAUJO E SILVA;
JOÃO TEIXEIRA DE SOUZA.

UMA EXCURSÃO

atravez de algumas quebradas da cinta gneissica da Cidade do Rio de Janeiro

Quem percorrer com o olhar a cinta de montanhas, que serve de moldura á bahia do Rio de Janeiro, quer a contemple da praia do Flamengo ou da Jurujuba, quer estacione na ponta do Cajú ou no morro da Armação, ha de notar, como uma de suas mais apreciaveis bellezas, a diversidade de aspectos apresentados pelos massiços montanhosos e que resulta da discontinuidade das tortuosas cadeias, umas convergindo, outras divergindo e todas cavando entre seus flancos os mais ferteis e pitorescos valles, e projectando-se umas sobre outras na mais esplendida perspectiva de conjuncto.

De pé, em alguns pontos do littoral oceanico, no reverso das pedregosas encostas, o observador, collocado em Copacabana ou na praia de Ypanema, no Imbuhy ou na praia de Fóra, revê em sua imaginação as phases titanicas d'aquella lucta dos gigantes, de que fala a mythologia grega, quando esmagados pelo fulmineo poder de Jupiter, rolaram os possantes vultos, contorcidos e crestados na desillusão final de sua louca ambição de réprobos, tentando galgar o Empyreo.

E a imaginação, vagando em um sonho angustiado, se detem aqui, sobre alguma face gigantesca tombada, á qual as enrediças de virente vegetação, servem de hirsuta barba, a encarar o Sol petrificada e muda, além, sobre outros gigantes, transformados em monstros de fórma elephantina ou anomala, desafiando a phantasia ousada e mórbida do viajante scismador.

E' que a ficção d'essa lucta, evóca os termos de uma outra lucta, onde do horrendo magma-cahotico se veio formar a flôr, o animal, e emfim o proprio homem, e sobre essa vida descer o pensamento, supremo dom de Deus!

Então do escuro antro de pedras roladas, colossaes, a *louca da casa*, arranca com delirante anciedade o véo sombrio do passado e pasma ante essa enorme esphera ignea, desprendida do equador da primitiva nebulosa, representando as phases primeiras do nosso planeta, encerrado ainda em um estojo fragil de escorias resfriadas, innumeras vezes despedaçadas pelos impetos explosivos das tensas emanações gazosas á projectar os gigantescos Titães da lava granitica, na escalada dos céos.

PIANOS RITTER, adoptados pela **CASA IMPERIAL DE ALLEMANHA.**

Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados aos paizes quentes.

Foram esses Icaros de insolita ousadia, que a gravitação dos pesados corpos materiaes subjugou á disciplina de um novo centro e de uma nova orbita, alinhando em pesadas cadeias e entrelaçadas cordilheiras: foram esses, os novos Prometheus, aos quaes, abutres de outras azas, o gaz carbonico e o vapôr d'agua, deviam corroer as entranhas, transformando-as em terras ferteis, berços de gerações futuras.

Desçamos a encosta da Tijuca.

Na vertente da Cascata Grande, cedo começa a notar-se, sobrepujando a

Rio. — Ilha d'Agua.

verdejante e rasteira vegetação, enormes penedos, de contorno arredondado, jazendo, como dôrsos de elephantes adormecidos, ora em grupos, ora isolados.

A côr verde-negra de uns, clara e alvadia de outros, mostra a natureza diversa da rocha que os constitue; diorito em uns, gneiss mais ou menos micaceo em outros.

Que força occulta rolou esses blócos colossaes e foi agrupal-os na Tijuca, de modo a constituir o que se chama as *furnas de Agassiz*, e do outro lado da bahia, junto á fortaleza, o que se chama as *grutas do Pico?...*

Luiz Agassiz, o sabio naturalista, foi quem primeiro interpretou em nossa terra, tão curiosa formação. Affeito á contemplação das altivas serranias da sua nobre patria, a Suissa, onde as geleiras transportam muralhas de pedras,

estaladas pela força expansiva do proprio gêlo, arrastando-as com lenta propulsão, burilam estrias, nas paredes lateraes das rochas encaixantes ; Agassiz, referiu essa formação á idade glaciaria ; suppondo que os escuros penedos de diorito, rocha diversa da que constitue o massiço principal da Tijuca, haviam sido trazidos, sobre fluctuantes jangadas de gêlo, tocadas pelas correntes oceanicas, desde regiões antarcticas longinquas, até fundirem-se, depositando os blócos, de encontro ás resistentes escarpas da montanha.

O sabio, que havia anteriormente visitado o valle do Amazonas, onde se extasiára perante a uberrima fertilidade do sólo, tambem imaginára ahi, uma outra enorme geleira, descida dos Andes, á maneira de um gigantesco arado,a triturar e misturar pedras e terras em um fertilissimo *drift*.

Fóra da Barra.

Não era, portanto, de admirar, que, avistando ao longe o Oceano, extendendo-se além da barra da Tijuca, elle sonhasse, com os niveos *icebergs*, invadindo como um rebanho de brancos e colossaes carneiros, os formosos pastos, galgando a abrupta penedia, e ahi, se immobilisando, transformados em um bando de horrendos pachydermas !

Chegámos, emfim, á gruta.

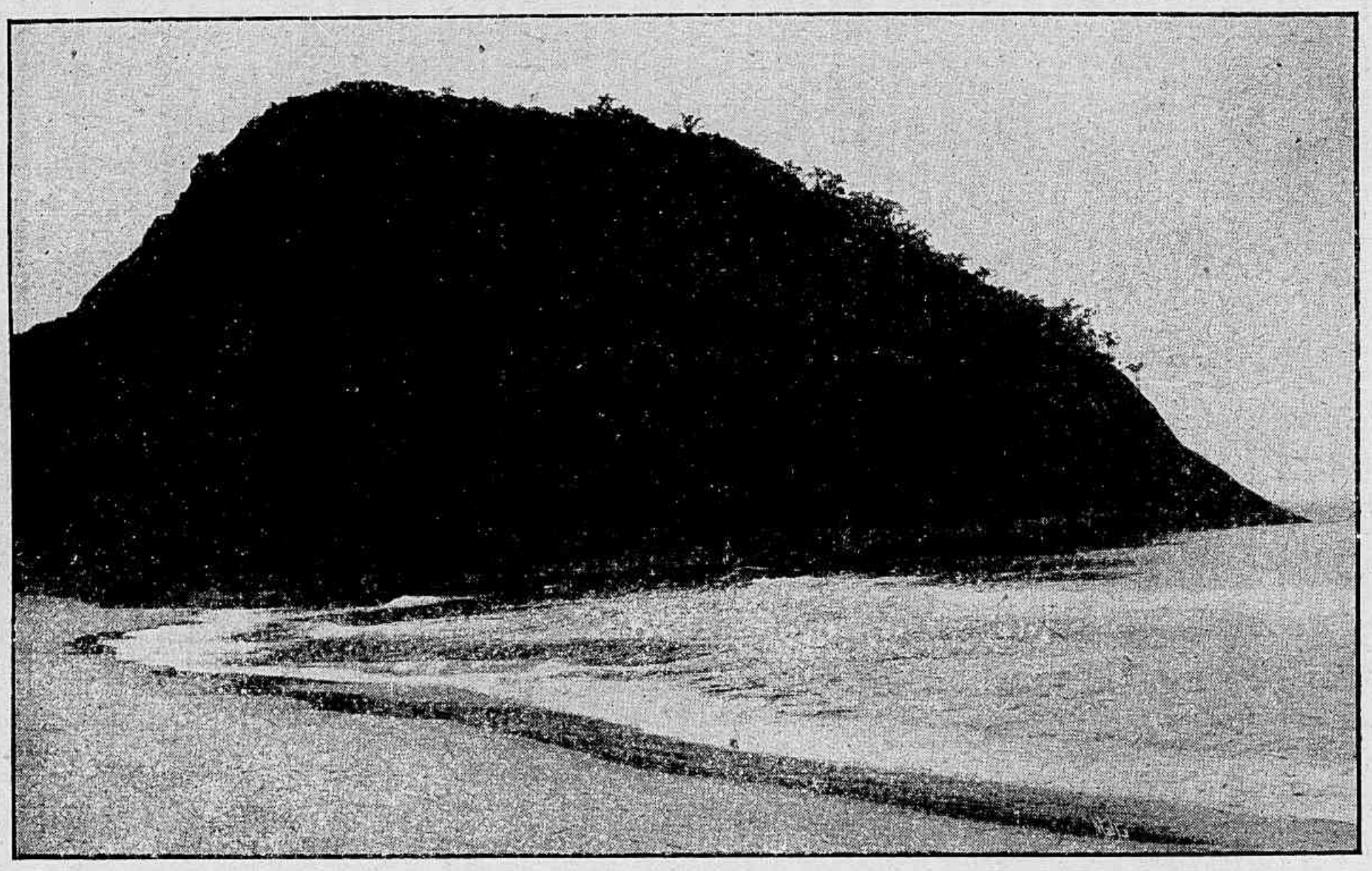
Era de aspecto agreste e formosissimo a antiga furna, hoje civilisada e adornada pela artistica iniciativa da Prefeitura ; nos logares onde hoje se estendem bellissimos relvados, e se arredondam como minusculos oasis, lindos *capões* de flôres e de escolhidas folhagens, o cipoal emmaranhado, atirava outr'ora raizes, que vinham do alto dos penedos disputar a seiva ao sólo, coberto por um basto capoeiral de espinhosas e entrelaçadas vergonteas.

Amplos salões, cujo tecto e paredes se formam de blócos superpostos, aqui e além, fendidos pela desaggregação dos veios feldspathicos, ou lascados pela scentelha electrica da atmosphera, antros, talvez queridos pelas hordas troglodytas de outras epochas, hoje cariciosamente transformados em ninhos de alegres convescótes, onde o cimento complacentemente arredondou bancos

PIANOS RITTER Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

poeticos e apraziveis mesas : eis a região enigmatica, cuja origem e formação se apresenta ao geologo como o problema de OEdipo aos viajantes gregos das antigas edades.

Hartt, o pranteado geologo norte-americano, que tão attento estudou e escreveu sobre cousas e factos da nossa terra, não deixou tambem de visitar e perlustrar essas interessantes regiões, onde, com o eminente professor que o succedeu, o illustre paleontologista Orville Derby, destruiu todas as duvidas que ainda pudessem pairar, negando a possibilidade da origem erratica dos penedos da Tijuca, vindos sobre bancos fluctuantes do gêlo antarctico.



Praia do Leme.

Foram elles que revelaram a existencia do largo *dyke* dioritico, que corta o principal massiço da montanha, ramificando-se e indo emergir além, atravez das massas de gneiss porphyroide do morro da Babylonia, por detraz do cemiterio de S. João Baptista, com aspecto de uma rocha negra e aphanitica, e tornando a surgir mais além da bahia em outros pontos da estrada, que liga Jurujuba ás praias de Fóra e de Imbuhy, sob o aspecto de nodulos encaixados, como verdadeiras bombas eruptivas consolidadas na massa ainda pultacea do gneiss, rico em bellissimos crystaes de oligoclase.

De onde vieram tão grandes penedos rolados, aqui e além, na vertente maritima da Tijuca e na escarpa interior da montanha do Pico ?

Admittir que elles resultam do rolamento e das erosões provocadas por enormes caudaes encachoeirados, é reconstituir um planalto por onde rolassem tão grandes massas d'agua, a cavalleiro das mais altas collinas, que circumdam a bahia de Guanabara, continuando seus valles com os das Serras da

Estrella e dos Orgãos, onde se despenhassem penedos nos rapidos de poderosas cascatas, em demanda do mar ou de extensos banhados lacustres, cujos molluscos pleistocenicos, ainda se encontram, disseminados em conchas em alguns morros de barro da vizinha cidade de Nictheroy.

Mas, se no fim da edade terciaria poude existir um tal planalto, cuja existencia não está provada, terrivel desabamento fundeou em pavoroso cataclysma a bacia de Guanabara, engolfando o mar na enorme caverna assim formada.

A ossatura granitica ficou á descoberto, erguida em rampas abruptas e descalvadas, em torno da placida bacia, e do terrivel momento geologico restam em testemunho as gigantescas massas dos penedos tombadas e roladas sobre as encostas e alcantis.

Não pensemos, porém, na possibilidade de tão gratuita hypothese.

Si um tal facto porém, jámais se deu n'essa formosa bahia, ou somos forçados a crêr na doutrina diluvial da epocha glaciaria, ou devemos acreditar que esses blócos resultaram da desaggregação *in situ* de uma farta rêde de veios feldspathicos, servindo de trama conjunctivo, ás massas hoje desunidas em maravilhoso equilibrio.

O que se deve entender pela edade denominada glacial por quasi todos os geologos ?...

O que se deve entender por esse temeroso prologo das formações quaternarias, isto é, da epocha em que hoje vivemos ?

Os seus documentos jazem por todo o mundo; são devastações e enxurradas diluviaes, reveladas aqui, por numerosos deslocamentos de seixos rolados, nos campos da Pomerania prussiana, por penedos erraticos, arrancados aos Alpes Scandinavos!

Além, na Lagôa Santa, um pouco por toda a parte, pelos depositos de ossadas de sêres vivos surprehendidos nas cavernas, ou cimentados nas brechas ossüarias.

Os seus documentos se lêem inscriptos nas penedias, pelas estrias das poderosas geleiras e tambem na legenda dos povos pela lembrança de assustadores diluvios, dos quaes o homem primitivo foi testemunha contemporanea.

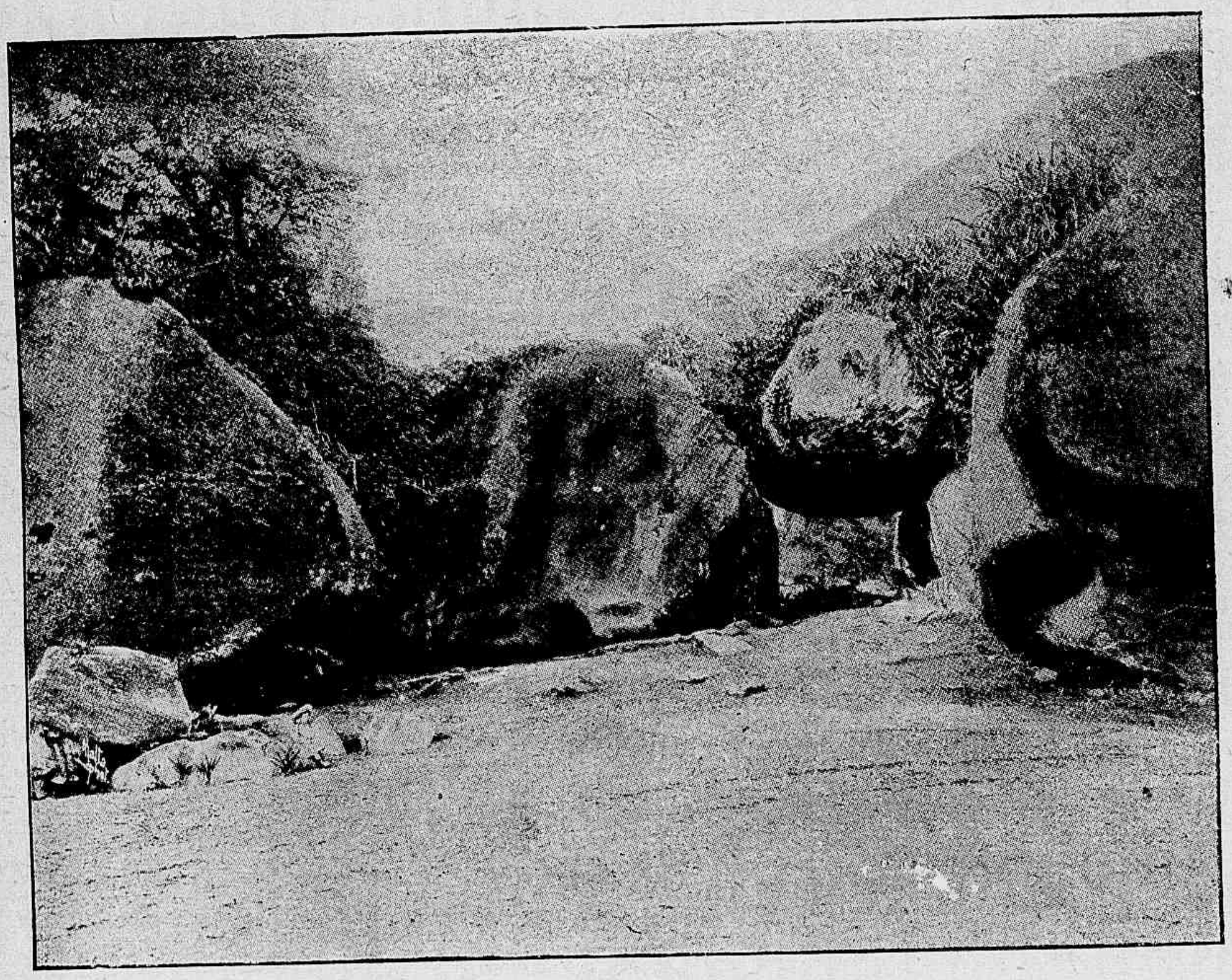
Não iremos agora discutir a causa que fez apparecer no planeta a edade glacial, de que valem raciocinios sobre tão aleatorio assumpto!

Julgue quem quizer, mais plausivel a opinião de Babinet, que attribuiu esse accidente cosmico, á interceptação do calor solar por uma nuvem espe-

REX pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa está habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.

cialissima, interposta. Pense quem quizer que o Sol poderia ter arrastado n'essa epocha o seu cortejo de planetas, atravez de extensões mais frias, dos espaços sideraes; attribuam os discipulos de Lyell essa edade a um predominio excessivo dos oceanos sobre as estreitas fachas continentaes emersas, gerando mais largas evaporações, neves mais copiosas e maiores geleiras.

Pensem, enfim, os sectarios do geologo dinamarquez Frederico Klee que a sublevação da cordilheira dos Andes poderia deslocar o centro de gravidade



Tijuca. — Entrada das Furnas.

terrestre e com elle o eixo de rotação, gerando uma enorme onda heliçoidal, que, teria varrido os continentes, transformando a posição das bacias oceanicas e o relevo das terras.

Hypotheses mais ou menos gratuitas, umas revelam uma ingenuidade primitiva, outras, mais ou menos sagazes, bem mostram não receiar a contraprova experimental.

Ao olhar attento do observador, porém, nenhuma d'ellas esclarece a formação das *furnas* de Agassiz nem a da gruta do Pico : faltam as provas objectivas da passagem de uma geleira por essas encostas.

Deveremos então acreditar que esses blócos grupados, resultam de uma decomposição local ?...

A ninguem que os vir distanciados e regularmente distribuidos, constituidos, ora por diorito, ora por gneiss, poderá occorrer idéa semelhante.

Não seria impossivel admittir que blócos de uma mesma rocha fossem irregularmente percorridos por veios contorcidos de feldspatho orthoclase, que, sob as intemperies atmosphericas, podiam se desaggregar, abandonando desunidas as partes que anteriormente ligavam.

No grupo de penedos, porém, que visitámos, tal hypothese por si mesmo se elimina.

A decomposição das rochas pela acção combinada dos agentes atmosphericos, e da vegetação, é um facto diariamente observado e cuidadosamente descripto pela inolvidavel penna do Barão de Capanema.

O lichen, parasitando á *conidia* de uma alga, é um exemplo de symbiose que permitte a uma planta, vida independente do supporte onde ella deposita o seu sporo conjugado; serve elle tambem de explicação para a primeira crosta vegetal que se fórma sob um penedo inhospito.

Toda a vegetação de lichens só vive para morrer e gerar em holocausto anonymo as condições de vida em um sólo onde se possa desenvolver o musgo e a samambaia.

Os pellos radiculares das plantas que sobre ellas nascem, excretam gaz carbonico e condensam humidade sufficiente, para lentamente transformarem os silicatos das rochas em carbonatos e attacarem-lhe a estructura digerindo-a lentamente, facilitando a sua desaggregação e dando presa ás raizes das mais possantes plantas que se superpõem desde os rasteiros cryptogamos até as poderosas arvores phanerogamicas, representantes dos seres superiores do reino vegetal.

Assim, as obscuras gerações morrem e se substituem ignoradas, no pedestal dos portentosos chefes vegetaes, assim, como nas sociedades, nas grandes luctas das raças, mal se percebe de quantos modestos sacrificios e de que desconhecidos operarios se constitue o nimbo fulgurante dos heróes!

Em torno á gruta, as rochas atacadas poderosamente pela vegetação e pelos factores atmosphericos haviam-se desaggregado, formando fertilisantes camadas de *humus* e de argillas, mais ou menos ferruginosas.

A immobilidade e estabilidade mineral haviam lucrado, pela perda de cohesão, que dá facil accesso aos elementos moveis da atmosphera, a facilidade de formar compostos de grande instabilidade molecular, nos quaes se fundamentou o potencial da vida.

Fazia-se tarde e aproximava-se a hora de deixar as sombrias *furnas:*

REX pianista, adapta-se a qualquer piano: uma criança pode tocal-a. CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

estava finda a excursão, quando, fixando o portico da gruta, veio-me á memoria a estrophe de Dante:

« Nel mezzo del cammin di nostra vita
« Mi ritrovai per una selva oscura,
« Che la diritta via era smarrita...
.....
.....
.....
« Ma poi ch'io fui appié d'un collegiunto
« La ove terminava quella valle,
« Che m'avea di paura il cuor compunto.
« Guardai in alto, e vidi... un leone.

« Questi parea che contra me venesse
« Con la testa alta e con rabbiosa fame... »
.....

E emquanto a turma alegre de companheiros se despedia, pitorescamente espalhando-se pelo leito pedregoso da cachoeira, ou interpretava a imagem do leão voraz de Dante, como um appello da fome, sempre exigente do seu tributo de victualhas, pensava eu na promessa que já me havieis arrancado, de dar á imprensa as minhas impressões pessoaes durante essa seductora excursão.

Oh! como me parecia então que esse horrendo leão de Dante, que me escancarava as fauces, da porta da gruta, representava bem a critica mordaz dos companheiros da imprensa, que, feita para irradiar a luz, o saber e a fraternidade, é tantas vezes transformada em ergastulo das reputações, antro de diffamação e de injuria! e o meu espirito achava prazer em repetir com Dante:

« Per me si va nella cittá dolente
« Per me si va nell'eterno dolore:
.....
« Fecemi la divina Potestate
« La somma Sapienza, e'l primo amore.
.....
« Diverse lingue, orribili favelle,
« Parole di dolore, accenti d'ira
« Voci alte e fioche, e suon di man com elle
« Facevano un tumulto, il qual s'aggira
« Sempre in quell'aria senza tempo tinta
« Come la rena quando'l turbo spira.
.....

Vencida a timidez, envio-vos emfim as minhas impressões.

Possam essas esparsas linhas entreter por algum tempo a vossa attenção e recordar-vos os bellos momentos em que juntos admirámos a majestosa natureza em algumas quebradas da cinta gneissica que envolve a nossa esplendida cidade.

Dezembro de 1906.

NERVAL DE GOUVÊA.
Da E. Polytechnica.

Um Quadro de Rembrandt no Brasil

ENTREVISTA COM O POSSUIDOR Sr. M. DIAS CARNEIRO

Tendo chegado recentemente da Europa o nosso compatriota que é o feliz possuidor da grande obra de arte a qual de ha mezes a esta parte vem reoccupando os jornaes, pareceu-nos ser occasião de obter, numa entrevista directa com elle, notas ineditas, se possivel fosse, sobre o caso.

Contavamos prevalecer-nos de uma vantagem: a de não irmos bater á porta de um indifferente, e sim de um cavalheiro amigo, cujas relações tinhamos tido a fortuna de ganhar no estrangeiro da primeira vez que elle estivera em Paris.

Sabiamos: depois que o visitámos aqui no Rio, já mudara de residencia, — dahi a necessidade de uma rapida passagem pela Galeria Rembrandt, — de que elle é um frequentador habitual, — (*et pour cause*) para obtermos o seu novo endereço.

Além disso, fôra na Galeria Rembrandt, — conforme as informações dos jornaes, que o Sr. M. Dias Carneiro comprara a preciosidade, já agora famosa. Não seria possivel começar justamente por ali? Podia-se dar que na casa conseguissemos saber alguma coisa de novo em relação á historia do quadro, antes do seu reivindicador e possuidor ultimo adquiril-o.

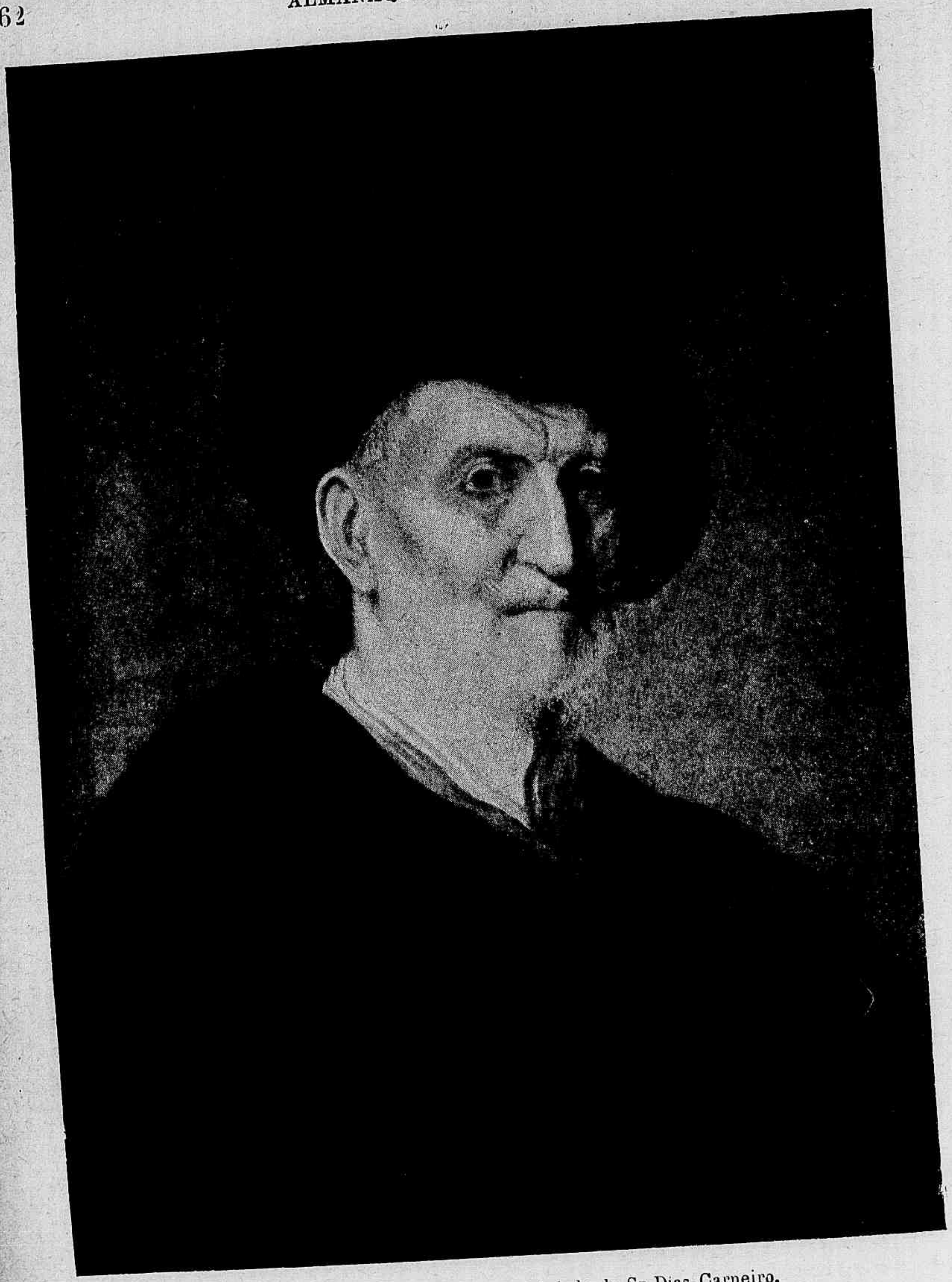
Maior boa vontade não podiamos encontrar; mas ali se nos confirmaram sómente as historias que antes do recemnascido *Brasil* existir já os seus veteranos collegas tinham podido colher e contar. Ainda até este momento ninguem poude tirar a limpo como esse quadro veio parar ao Rio de Janeiro, se elle ornou *Vryburg* (*sans souci*), — o sumptuoso palacio que o conde de Nassau construiu ás suas expensas, em Olinda, com bellos torreões de vigia sobre o mar, — ou então o *Schoonzigt* (Boa Vista) — deliciosa vivenda de verão que mandou edificar no continente.

Quem sabe se não o trouxe comsigo o pintor Franz Post ou outro dos muitos artistas que vieram com o conde e se occuparam na construcção de *Mauritzstadt* (a cidade Mauricia)?

O nobre e magnifico administrador hollandez veio para o Brasil quando Rembrandt contava vinte e nove annos de edade, — época, mais ou menos, em que, segundo os mais seguros juizos que se tem podido colher, este quadro devia ter sido feito. Não gozava então de renome esse que muitos consideram hoje o maior dentre todos os pintores do mundo, mas cuja fama foi ainda mais tardia do que mesmo a de Shakespeare. Conseguintemente, é bem possivel que elle tivesse dado de presente esta obra a um desses seus collegas, que partiam para tão longe, e desejariam trazer lembranças como essa.

Até mesmo que o caso se houvesse passado por fórma ainda mais vulgar:

WILLIAMS VISIVEL, a machina de escrever mais resistente e simples.
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.



Retrato do pai de Rembrandt, propriedade do Sr Dias Carneiro.

esse trabalho póde ter vindo em um carregamento da Companhia das Indias, como um humilde *camelot*, refugado e desdenhado no mercado de origem, e conseguintemente proprio para a exportação colonial.

Da sua historia aqui no Rio confirmou-se-nos o pouco que se sabe.

O fallecido Cambiaso comprou-o de um particular, cujo nome contestado, (dizem alguns ser o do pernambucano Rocha e Silva,) é a primeira obscuridade

que se esfuminha na historia desta obra de arte. Cambiaso desembolsou nessa operação 400$000, um bom negocio, tendo podido desfazer-se do quadro por 1.000$000, que o amador João de Andrade lhe pagou generosamente. Nesse dia Cambiaso esfregou as mãos, na plausivel alegria commercial de quem ganha mais de cento por cento numa venda que faz. Teve sorte, porque o outro, quando, por circumstancias, houve de entregar ao martelo do leiloeiro Dias o meio deteriorado retrato, não obteve mais do que 840$800. Adquiriu-o o proprietario da Galleria Rembrandt, que foi quem o vendeu ao Sr. Dias Carneiro por 1.200$000.

— Mas, meu amigo, perguntei ao amavel informante que me fornecia estes dados no estabelecimento em questão, como é possivel que, sendo sua casa frequentada por todos os artistas que ha no Rio, ninguem houvesse presentido o valor desta obra e não lhe tivesse aberto os olhos a respeito?

— Não faltou quem me dissesse que o trabalho era feito á maneira de Rembrandt, respondeu-me elle. Mas ninguem ousava formular a hypothese de que uma tela do proprio mestre viesse cair aqui no Brasil.

Ninguem pensou nem na estadia dos hollandezes em nossas terras nem no commercio assiduo e intenso que havia entre flamengos e portuguezes nos tempos coloniaes. Que quer o Sr.? foi um bilhete de loteria com a sorte grande que eu comprei, mas impensadamente fui passando adiante.

Chegada a conversação a este ponto, colhido quanto ali se nos podia fornecer, nós não tinhamos mais do que apertar a mão agradecidamente ao nosso primeiro informante, e seguir para Botafogo, solicitar egual obsequio daquelle a quem a fortuna permittira receber o premio do bilhete sorteado, para completar a narração.

Dava-se o que previamos. Dentro de um instante apenas de espera, apparecia-nos com a phisionomia franca e acolhedora de sempre o nosso joven e distincto amigo, Sr. Dias Carneiro. Encaminhou-nos desde logo para o luxuoso salão de sua magnifica vivenda, á rua de S. Clemente, depois do abraço brasileiro, affectivo e estreito, de que só nós temos o segredo e que os europeus estranham um pouco pelo caracter meridional que lhe imprimimos.

— Mas estou inteiramente á sua disposição, respondeu-nos elle, desde que lhe demos a conhecer as intenções que nos levavam ali.

Tinhamos acompanhado desde o começo a interessante questão, na medida em que vinham chegando as noticias dos passos que dava o nosso amigo, interessado na reivindicação do seu thesouro. Sabiamos que em Paris elle procurara, antes de todos, o illustre Emile Michel, membro do Instituto de França, autor da grande obra « Rembrandt, sa Vie, son OEuvre et son Temps », considerado como o mais notavel critico rembrandtiano de todos os tempos.

— E' exacto, confirmou-nos o Sr. Dias Carneiro. O meu primeiro acto foi justamente procurar esse homem. E elle é quem me proporcionou obter tambem desde logo a opinião do grande Bonnat. A' primeira inspecção do trabalho, o eminente critico encheu-se de tal en-

SMITH VISIVEL, a machina de escrever que reûne as qualidades de todas as outras.
CLUBS CASA STANDARD.

thusiasmo, que dirigiu um convite a esse famoso pintor, de quem é muito amigo, para que viesse á sua casa ver o meu quadro.

Sabiamos mais que, além desses, o illustre Reinach, director da *Gazette des Beaux-Arts* — a mais importante revista de arte que se publica em Paris, — havia tambem opinado que se tratava de um retrato do pai de Rembrandt, pintado pelo proprio artista.

Ainda mais, não ignoravamos que concordaram com essa opinião Wilhelm Brode, director do Museu de Berlim, F. Schmidt Degener, eminente critico d'arte hollandez, mas de renome perfeitamente universal e Hofstede de Groot, notavel critico d'arte de origem flamenga, mas residente em Paris. Por conseguinte, os mais notaveis criticos rembrandtianos que se conhecem. Tinhamos, porém, uma objecção a fazer.

— Por que em vez de procurar criticos propriamente ditos, mas sómente criticos, o Sr. não confiou o seu trabalho aos *experts* ou peritos profissionaes?

— Mas ahi justamente é que está a minha rara fortuna, respondeu-nos o Sr. Carneiro. O que é difficil na Europa é justamente obter a opinião das grandes personalidades da critica, cujo prestigio vem justamente da independencia com que emittem as suas opiniões. O interesse delles está em serem justamente os arbitros supremos das questões em que andam todos os dias os peritos ou *experts*. Estes ganham sua vida como costumam ganhar os advogados, — são muito mais faceis em esposar causas de uma seriedade discutivel. Não ha quem não obtenha entre essa classe a opinião que deseja, desde que possa chegar a um acôrdo relativamente á remuneração. Os *experts* não estão hoje em cheiro algum de santidade.

— E como conseguiu que os criticos abrissem uma excepção para o seu caso?

— Muito simplesmente, — e isto vem apenas confirmar o credito que na verdade elles merecem. Affirmei-lhes desde logo que era meu proposito firme não entrar em transação no mercado, fosse qual fosse o valor do meu quadro.

— Houve, no emtanto, um desses criticos, lembrámos-lhe, — que divergiu da opinião dos seus collegas, attribuindo a obra a um discipulo desconhecido de Rembrandt.

— Houve, não tem duvida. Foi Bredius, conservador do Museu da Haya...

— E esse homem é apenas um conservador, não é homem tambem de iniciativas?... interrogámos, fixando os olhos de um modo particular nos olhos rasgados e francos do nosso interlocutor.

— De iniciativas em que sentido? perguntou-nos o entrevistado por sua vez, querendo ler-nos na phisionomia mais do que nossas palavras podiam dizer. Elle tambem negocia em quadros... e faz historia de arte — muito boa historia, aliás.

— E depois da controversia, o amigo não recebeu delle alguma offerta?

— As coisas não podiam chegar a esse ponto, dada a preliminar que eu estabelecera. Não quero discutir a opinião de Bredius. Aliás fel-o implicitamente por mim, — e com a competencia que eu absolutamente não possuo, — o grande Emile Michel. Elle demonstrou que até hoje não se conhecia discipulo algum de Rembrandt que houvesse executado obra de valor semelhante ao do quadro em questão. Discutiu-o num artigo em que, apezar disso, se sente a influencia das opposições que Bredius formulou. Possúo, no emtanto, cartas desse illustre critico em que me declara estarem completamente dissipadas em seu espirito as

restricções que fazia nessa sua publicação. Actualmente Emile Michel acredita de modo orthodoxo na authenticidade da obra de Rembrandt que possúo.

— Agora, outra questão. Apezar de não querer fazer negocio na Europa com o seu quadro, creio que o amigo obteve uma avaliação?

— Sim. A opinião geral foi que elle vale 650.000 francos. Sabe, a obra de Rembrandt está em alta crescente, do ponto de vista mercantil. Veja estes dados que ha neste livro: em 1906 o conde de Schoenborn, de Vienna, vendeu um Rembrandt, — o retrato oval de Margarette van Bilderbeccq por 420.000 frs., a seis habitantes de Francfort, entre os quaes um dos irmãos Rotschilds que o offereceram ao museu da cidade. Note-se: trata-se de um retrato *oval*, que se presta muito pouco a uma execução em que o artista se possa mostrar á toda a altura de seu valor: e, além disso, não é um retrato de pai, em que os autores costumam pôr todo o ardor do seu genio, inspirados pelos sentimentos que o assumpto lhes proporciona. Ha outros factos: o retrato do marquez Cataneo, por Vandyck, medindo 24/22 pollegadas (portanto, muito menor do que o meu, que mede 68/56 pollegadas), custou 325.000 francos. *Os dois philosophos*, de Rembrandt, quadrinho que está no Louvre, e que a principio se vendeu por 50 florins, obteve depois 3.000 libras, e, afinal foi cedido ao governo francez por 14.000 libras.

— Publicou-se que o amigo está prompto a ceder o seu thesouro ao governo do Brasil, em egualdade de condições.

— Póde corrigir, respondeu-me o Sr. Dias Carneiro, uma vez que resolvam adquiril-o para a Escola de Bellas Artes, ou um dos nossos palacios, não farei questão de cedel-o até por menos do que o que se me possa offerecer no estrangeiro.

— E onde lhe parece que elle deva ficar collocado, — uma vez que o Governo brasileiro o adquira?

— Este quadro é digno da sorte que teve o de *Las meninas*, de Velasquez, collocado em uma sala do Museu del Prado, em Madrid, sala em que não ha outro objecto de arte senão esse. Não ha um Rembrandt em todo o Brasil. Ha quem diga que a nossa Escola de Bellas Artes é uma mina inexplorada de obras estrangeiras originaes; que muitos quadros, tidos hoje como copias, estão nesse caso, — mas ninguem ainda aventurou que exista nessa mina um trabalho, sequer, do incomparavel flamengo. Meu quadro seria um astro solitario em todo o nosso paiz, desse ponto de vista.

Não sabemos por que, essa palavra *astro* determinou a impossibilidade de continuarmos a conter um desejo que nos atormentava desde que transpuzemos o limiar daquella casa.

— Vamos ver a maravilha? dissemos-lhe, levantando-nos resolutamente e saindo do gabinete para o qual, no meio da conversação, passáramos.

O Sr. Dias Carneiro fitou-nos sorrindo, lisongeado no fundo pela chamma que via em nossos olhos, e com uma fidalguia perfeita, calou-se, caminhou comnosco. Atravessamos o salão, abriram-se duas batentes, como se fossem a porta de um templo, e o nosso desejo estava

SMITH VISIVEL TEM O MAIOR INVENTO em machinas de escrever : ARTICULAÇÕES COM ESPHERAS.

satisfeito. Tinhamos deante dos olhos o trabalho de Rembrandt.

Só o genio, não tem duvida, póde fazer coisas assim. O retrato é empolgante como uma maravilha. Espanta que em uma obra de mocidade, como parece ser essa, tenha podido um pintor pôr tanto e tão extraordinario caracter. Só o sentimento filial, naquella edade, podia emprestar o senso divinatorio de que elle dá conta. A profundidade de alma que esse trabalho revela, fóra todas as grandes qualidades de technica que representa, quer se trate das linhas geraes, quer dos seus pormenores, do seu acabado inexcedivel, dá-lhe realmente um grande valor, mesmo dentro da obra do psychologo profundo e singularissimo colorista que foi Rembrandt.

Ao despedirmo-nos do nosso generoso amigo, fizemol-o com o sentimento não só de quem sae captivo de tantas finezas como de quem se tornou profundamente grato a um homem que lhe permittiu enriquecer para sempre a sua reminiscencia com a vista de um espectaculo immortal.

N. V.

Outubro 1907.

A ARVORE

A Luiz Edmundo

Erguendo ao sol de Maio a fronde avelludada,
Verde como um lençol esmeraldino, quêda,
Ella fica a banhar-se aos raios da alvorada
Na sombria mudez da sombria alameda.

Olhando o céo em cima e olhando em baixo, a estrada,
Parece que ella escuta o que o vento segreda.
Emquanto a voltijar pela copa doirada.
Busca o nectar da flõr, a phalena de sêda.

Perto, soluça o rio os seus tristes pezares,
E a alma da tarde sobre a planura dos ares
Chora quando em lethargo a natureza morre.

E á noute, sem romper a quietude do ninho,
A arvore guarda ao seio alfombrado de arminho
Os raios do luar que entre os ramos escorre...

OLEGARIO MARIANNO.

POETAS DO NORTE

(V. Corrêa)

São nada menos que cinco os jovens poetas que se reuniram e escreveram os *Descantes* (1907) inspirados na poesia popular. A respeito delles, diz VIRIATO CORRÊA :

« Os cinco estudantes troveiros deram-nos uma collecção de quadras admiravel, quadras com o cheiro das quadras do povo, mas magnificamente feitas, de um lyrismo sadio e moço.

O livrinho é feito para as moças, « para as vossas cestinhas de costura : é o nosso presente de maio ».

E vale a pena ver-lhe o mimo, o encanto das quadrinhas.

Aqui está uma, feita por Silveira Carvalho :

« Deus ! Senhor de astros e mares,
Do mundo supremo dono,
Por que fizestes luares,
Por que nos déstes o somno? »

Uma outra quadra de Silveira Carvalho é de uma surpreza fulgurante :

« Disse, olhando o céo turqueza:
Por que o sol 'stá longe assim?
Vinhas. Voltei-me... Surpreza !
Vi o sol junto de mim. »

Silveira de Carvalho tem quadras de uma seducção e de um lyrismo suavissimos. Esta aqui é de um sentimento dulcissimo :

« Tenho a lembrar os dispersos
Castellos que outr'ora ergui,
A pasta cheia de versos,
E os versos cheios de ti. »

Mais estas duas:

« Ando pensando e receio
Que de pensar crie ruga.
Por que modo, por que meio
Deus uma estrella me aluga?

CLUBS DA CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio :
VENDAS A PRESTAÇÕES SEM AUGMENTO DE PREÇO.

Quero, do mundo afastado,
Gozar a lua de mel;
Deus não perturba um noivado
Para cobrar aluguel. »

Adelmar Tavares tem quadras que deixam na gente umas visões serenas :

« Canto... e abre-se a janella,
E apparece a imagem tua.
— Meus Deus, que coisa tão bella:
Um lyrio fitando a lua! »

Esta outra, que tem a suavidade de uma prece, esta outra que parece um credo de amor:

« A chamar-me, não te afoites,
« Atheu », amada Maria,
Que eu rezo todas as noites,
O que me dizes de dia. »

E ainda estas :

« A' noite, quando me deito,
E os olhos fecho, arquejante,
A tua visão brilhante
Vem visitar o meu leito.

E despertando, não nego,
Lamento os sonhos sonhados;
E choro por não ser cego,
Ter sempre os olhos fechados... »

Carlos Estevam tem estas duas quadrinhas de uma sentimentalidada perturbadora :

« Quem cega (uma vez na feira
Dizia um cego a cantar)
Só *vê* na propria cegueira
Aquillo que o fez cegar. »

Se assim é, fica sabendo,
Meu impossivel desejo:
Ceguei, os teus olhos vendo,
Pois outra coisa não vejo. »

Estas duas não desmerecem das que vão acima:

« De uma gentil feiticeira
Os sapatinhos achei,
E nelles, por brincadeira,
Meu nome escripto deixei.

Desde ahi (que maravilha!)
Toda vez que a noite desce,
Em cada estrella que brilha
Meu nome escripto apparece! »

Outro troveiro excellente é Moreira Cardoso. Os seus versos têm amor e ás vezes originalidade.

Apresentando o Manuel Monteiro (nos *Descantes* um poeta é sempre apresentado pelo outro), faz esta qnadrinha, que é perfeita :

« Quem esses descantes leu
Ha de ter sobejas provas
De que a trova não morreu
Porque o Monteiro faz trovas. »

Outra :

« Pois este amor que me inspira
E' cova, mal comparando,
Que tanto mais se lhe tira
Tanto maior vai ficando. »

Outra :

« O céo é fita azulada;
E a lua, que em scismar fito,
E' médalha pendurada
No pescoço do infinito. »

E ainda mais :

« P'ra minha tristeza crua
Busco amparo que me acoite,
Tomando banhos de lua
Dentro do tanque da noite. »

Para terminar, para mostrar até onde vai o fulgor e o mimo do talento poetico de Moreira Cardoso, esta quadra :

« Lua, pandeiro de prata,
Gemendo ás mãos do infinito,
Seja, ao fim da serenata,
P'ra ti meu ultimo grito. »

Falta falar apenas de Manuel Monteiro. Só esta quadra bastaria para dizer quem é elle :

« Quando, após o nascimento,
Teus olhos se descerraram,
Duas estrellas faltaram
No manto do firmamento. »

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

Mas ha tambem estas :

« Vem aos meus braços abertos,
Desce do teu quinto andar,
Que os anjos do céo, espertos,
Procuram te namorar.

Aprendi, cheio de ardor,
Pensando no paraiso,
O *a b c* do amor
Na carta do teu sorriso. »

E o livro é todo cheio dessas coisinhas assim leves, assim commovedoras. E' um livro que se fica amando. Para mim, principalmente, se elle fez tanta lembrança, tanta saudade! »

PORQUE CAHIO O IMPERIO

O Imperador foi desthronado, victima da sua politica.

O mundo tem sido governado até hoje com tres grandes forças sociaes que, estando de commum acôrdo, constituem o mais bello conjuncto de ordem nas sociedades.

A autoridade reside nellas : na força moral, na força physica e na força intellectual.

Na Egreja, no Exercito e na Escola.

A historia da humanidade é a da evolução dessa trindade creadora de tudo quanto tem existido e existe no mundo, como organização politica e social.

A espada, a penna e o baculo, os seus symbolos, são effectivamente os tres instrumentos formadores de todos os Estados.

Elles estatúem a disciplina, sitiam eternamente o homem, com as suas influencias directoras, que vão da persuasão meiga e doutrinadora ao imperativo severo, do apostolado e da propaganda civica ao dogma e á lei.

Os antigos imperios e as republicas modernas surgiram á evocação do Ser Supremo; e foram cimentadas todas as instituições pela acção da espada, pela ascendencia moral e pela instrucção publica systhematizada; com o auxilio do mysticismo, com a razão ou com o pulso de ferro.

Com duas dessas grandes forças, obtem-se um equilibrio relativo; mesmo com uma sómente, consegue-se evitar a anarchia; mas sem nenhuma dellas, é impossivel governar.

Actualmente verificamos o seguinte.

A Allemanha pretende utilizar todas tres. A Allemanha inteira é um quartel. As escolas e universidades obedecem a uma orientação unica dictada do alto, e o Imperador vive em conciliação com os catholicos e protestantes.

A França abandona « as Egrejas », faz « a separação » e procura apoiar-se, mais do que nunca, no Exercito e na Escola. A França abandona a concepção genial de Napoleão, o destruidor do gallicanismo, o autor da Concordata. Julga a Allemanha atrazada e Guilherme II um simples mystificador, sem lhe emprestar idéas profundas.

Os Estados-Unidos, se não contarmos a recente tendencia para o augmento dos armamentos, bazeia o seu governo exclusivamente no desenvolvimento escolar.

No Brazil, o Imperador Pedro II parece ter tido a illusão de manter o Poder sem se estribar em alguma dellas. Foi anti-militarista, desconfiava do exercito. Num dado momento teve a velleidade de substituil-o, a exemplo do rei-*poire* Luiz Philippe, pela guarda nacional.

Foi livre-pensador, aprisionador de bispos com os quaes não soube fazer liga ; ciumento da influencia do clero, que elle podia, aliás, manobrar em proveito proprio. Guardou sempre um secreto despeito, sempre alerta, contra os padres, com a recordação amarga da parte da primeira phase da sua instrucção e educação entregue a um religioso.

Concedeu cadeiras de ensino superior a republicanos, a inimigos. Não teve a noção do ensino imperial, á napoleonica, impulsor de homogeneidade e coordenação de idéas e opiniões. A sua preocupação quanto ao ensino era a de um simples mestre-escola, meticuloso, sem vistas de conjuncto, perdido nos detalhes, que nada valem se não são subordinados a um plano geral.

O nosso Segundo-Imperio devia ser a phase organizadora da Monarchia que fundara o primeiro D. Pedro, a sua epocha militante, o periodo heroico. O Imperador devia elle mesmo vencer batalhas, ser a primeira espada do seu paiz e realizar em pessoa a obra pacificadora de insurreições de que se encarregou Caxias.

O Imperador quiz, entretanto, viver na paz de uma bibliotheca calma.

Não tinha ambição. E a sua quéda dar-se-ia quando fosse absoluta a sua incompatibilidade com os militares descontentes, com os padres desdenhados e com os pedagogos republicanos.

Sua Majestade julgava-se inattingivel aos golpes de mão dos republicanos.

Acreditava na dedicação, na sinceridade cortezã, na gratidão aos beneficios, no lealismo monarchista.

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

Pensava que era o seu throno um isolador efficaz entre as coleras partidarias, superior ás escaladas dos aventureiros e dos theoristas, que não acreditava homens de acção.

Ao throno iam de facto resvalar todas as lanças que se atiravam os partidos em pelejas eleitoraes e parlementares.

Quando os politicos renunciavam as suas inimizades, o monarcha era dado como o responsavel das injustiças que se tinham feito, o ateador de discordias, por um egoismo machiavelico, pretendendo reinar e governar sósinho através de uma teia de intrigas.

O throno foi-se carcomendo por esses continuos embates, que a habilidade do Imperador devia afastar, praticando sinceramente o parlamentarismo, desde que entendia que era esse o systema constitucional que mais nos convinha, dando a responsabilidade do andamento dos negocios publicos aos ministerios, sem exercer a funcção que competia ao Parlamento, de derrubador de « situações ».

D. Pedro não quiz ser nem um autoritario, nem um imperador rigorosamente constitucional.

Hesitou a sua vida inteira. Sem um temperamento feito de energia e decisão, a sua existencia foi um completo desmentido á significação que se poderia deduzir do seu celebre « Quero já ».

Elle desejava a paz. Mas era preciso fundar antes o Imperio.

Havia alguma coisa a aproveitar, mas muitos alicerces precisavam ser mais profundos, mais solidos.

Tornava-se preciso crear inimigos, sem medo.

O Imperador não podia deixar de firmar fortemente o seu prestigio, não sómente orientando pessoalmente a direcção das tres grandes forças de que falamos, como tambem falar directamente ao povo, á sua imaginação, ao seu enthusiasmo patriotico, pronunciando dessas phrases immorredouras, que se gravam indelevelmente no coracão popular, dessas phrases que impressionam com um vigor irresistivel e que Carlyle dizia que eram algumas dellas, pronunciadas por Bonaparte, « tão bellas como batalhas de Austerlitz. »

O Imperador em todo o seu reinado, não teve a felicidade de encontrar uma dessas expressões, um desses gestos, que empolgam a sensibilidade popular, que conquistam de uma vez milhares de sympathias, que provocam o culto das multidões, definindo novos rumos, creando affeições indestructiveis, mesmo deante dos maiores erros.

A monarchia alienou aos poucos todos os seus grandes amigos naturaes; tornou-se impopular, sendo democratica, sem uma nobreza hereditaria, sem espirito militar : um absurdo.

Não cogitou de estabelecer um systema de defesa, viu-se por isso, um bello dia, sem ninguem ao seu lado.

A mania dominante no mundo official do Rio era a anglomania, a politica

ingleza exercendo singular fascinação. Os estadistas, por suggestão do Imperador, estudavam com afinco as grandes paginas constitucionaes britannicas. Os homens de Estado inglezes eram conhecidos, citados a cada passo e, o que era peor, imitados pelos Deputados e Senadores imperiaes.

O Brazil, na America, tentava, sem o confessar abertamente, abrir uma escola de liberalismo para deslumbrar as Republicas americanas como a Inglaterra deslumbrava na Europa, o continente.

O gosto pelas coisas politicas inglezas degenerava em mania. Recordo-vos aquelle trecho dos *Sonhos de Ouro* de José de Alencar, em que o parlamentar-romancista, descrevendo um bello cavallo de raça, arrogante e forte, comparou-o simplesmente, na sua pôse altiva, a Fox lançando um epigramma contra Pitt.

O Imperador soube, aliás, combinar durante cincoenta annos o liberalismo inglez e o escravagismo indigena.

A dynastia dos Braganças tinha os seus dias contados desde que se evidenciou que o Imperador não era um homem de acção, não possuindo a noção exacta dos arduos deveres que a sua alta missão lhe impunha, em beneficio do paiz, que precizava no começo da sua vida de nação, de um guia seguro, incapaz de intransigencias com a ideologia demagogica, inspiradora de reacções revolucionarias, de instabilidade, de ineptas utopias.

O genero de estudos que preferia D. Pedro explica o desgoverno da monarchia. S. M. não gastava o seu tempo com as sciencias sociaes. As literaturas antigas, como a da Grecia e de Roma, eram a sua preoccupação. A philologia encantava-o. A historia natural, fertil em minuciosidades pitorescas, seduzia-o. A astronomia, então, tornava-se uma predilecção a que não podia fugir. D. Pedro pelos oculos longos dos seus telescopios olhava os astros, admirava a harmonia do systhema planetario, a sua paz eterna. E acreditava que no seu paiz tudo se passaria assim nessa calma enegualavel dos espaços.

A sua sciencia era encyclopedica, e é dizer tudo.

E' mais do que evidente que um homem que estava perante a historia com o dever de estabelecer definitivamente um imperio, não podia ter tempo para se deixar absorver pela geologia do Sr. Agassiz, pela cosmographia do Sr. Liais, pela chimica, o hebraico, o sanskrito, a physica, a archeologia do Sr. Lund, a mathematica, a botanica, e pela interpretação da *Divina Comedia*, ainda por cima.

Era indifferente ao Imperador que o Brazil enterrasse um barrete phrygio pela cabeça. Elle é que, por propria vontade, no caso de seu pai, não teria obedecido ao famoso conselho do seu avô D. João VI.

A casa VACHERON e CONSTANTIN, de Genève, tem 123 annos.
Unico representante no Brasil : Casa Standard.

Acredito que estimaria mais a vida de excursionista sabio, frequentador e socio de varias academias, que teve durante algum tempo o seu lembrado professor José Bonifacio, que era entretanto muito menos contemplativo do que o seu discipulo, que partiu daqui para o exilio, segundo contou André Rebouças, lendo uma novella de Theuriet, do insipido André Theuriet.

O Imperador tinha a vocação burocratica e viveu methodicamente, sem vôos de imaginação, como um exemplar chefe de secção, o mais exemplar dos chefes de secção da administração brasileira.

Quando se viu fóra da secretária, sem o seu lapis, fóra dos seus habitos, sem fiscalizar os amanuenses em que havia transformado todos os seus Ministros, julgou que o mundo acabára.

E guardou, então, a melancolia indizivel de um empregado publico aposentado; livre dos aborrecimentos do cargo; um pouco triste, um pouco alegre, como sem comprehender nada...

JOAQUIM VIANNA.

ORTOGRAPHIA REFORMADA

No correr do anno de 1907 a Academia Brasileira por proposta de Medeiros e Albuquerque e com a collaboração da maioria dos seus membros estudou a questão da orthographia portugueza, adoptando a final a simplificação cujos principios serão expostos adiante.

A reforma mereceu a approvação do Ministro da Instrucção, Dr Tavares de Lyra, que mandou que a tolerassem nos exames publicos e foi logo adoptada por muitos mestres, escritores e por varios jornaes do paiz.

Diz o boletim da Academia :

« A Academia Brazileira sentindo a necessidade de firmar uma ortografia para as suas publicações oficiais rezolveu organizar um vocabulario ortografico. Para isso determinou que na sua elaboração se adotassem as seguintes regras :

REGRA PRIMEIRA. — Sempre que se encontrem diversas grafias autorizadas da mesma palavra, escolherse-á a que mais se aproxime da boa pronuncia, rezervando-se a Academia o direito de fixar qual a pronuncia que lhe pareça bôa. Desde logo, porém, daí decorrem os seguintes corolarios :

Primeiro corolario : — Os ditongos *au*, *eu* e *iu* que tambem se escrevem *ao*, *eo* e *io* devem sempre escrever-se com *u*. Assim : *mau*, *pau*, *chapéu*, *véu*, *partiu*, etc. Nenhuma alteração se fará nas palavras em que o digrama *io* não constitue ditongo, como em *fio*, *frio*, *rio*, *tio*, *vazio*, etc.

Segundo corolario : — O ditongo *ai*, que tambem se escreve *ae*, deve sempre escrever-se com *i*. Assim, *pai*, *mãi*, *cái*, *sái*, etc.

Terceiro corolario : — As palavras que alguns autores escrevem com *e* e outros com *i* inicial, como *idade*, *igreja*, *igual*, etc. devem sempre escrever-se com *i*.

REGRA SEGUNDA. — Eliminar-se-á, por completo, o uzo das letras *k*, *y* e *w* em todas as palavras portuguezas. Assim, as que eram escritas com *k*, serão escritas, ou com *c* antes de *a*, *o* e *u*, ou com *qu* antes de *e* e *i*. As que eram escritas com

w serão escritas com *v* ou com *u*, conforme o som que tivérem.

Exemplos : em vez de *kaleidoscopio*, *képi*, *kilo*, *kola* e *kusso* escrever : *caleidoscopio*, *quépi*, *quilo*, *cola*, e *casso*; em vez de *wormio* e *wigandias*, escrever *vórmio*, e *uigandias*; em vez de *martyrio*, *mysterio*, etc., escrever *martirio*, *misterio*, etc.

Regra terceira. — Eliminar-se-á o uzo do *h* no meio das palavras, salvo nos seguintes cazos : 1º) quando se tratar dos grupos *ch*, *lh* e *nh*, soando como consoantes palatinas : *chamar*, *achar*, *mulher*, *brilho*, *lenha*, *banho*, etc.; 2º) quando se tratar de palavra que seja composta de outra que tenha o *h* inicial.

Assim, pois que se escreve *honra*, *haver*, *herdar*, escrever-se-á *dezhonra*, *rehaver*, *dezherdar*, etc. Em todas os outros cazos eliminar-se-á o *h* médio : *surpreender*, *apreender*, *distraír*, *tezouro*, etc.

Nota. — A conservação do *h* inicial não obedece, na deliberação da Academia, a nenhum principio especial. Ella reconhece que essa letra devia dezaparecer tambem do inicio das palavras. Parece-lhe porém, util pela frequencia e até pela natureza das palavras em que é uzada, tranzijir com a sua conservação.

Primeiro corolario : — Nunca se escreverá *ch* com o som duro de *c*. Nos cazos em que tal som era atribuido a esse digrama será elle substituido ou por *c* antes de *a*, *o* e *u* e de todas as consoantes ou por *qu* antes de *e* e *i*. Assim, em vez de *chaldeu*, *chelonios*, *chimica*, *chorografia*, *chromo*, *technico*, etc., escrever *caldeu*, *quelonios*, *quimica*, *corografia*, *cromo*, *tecnico*, etc.

Segundo corolàrio : — Nunca se escreverá *ph* com som de *f*. Nesses cazos, substituír-se-á esse digrama por *f*. Assim, em vez de *ortographia*, *philosophia*, etc., escrever *ortografia*, *filozofia*, etc.

Regra quarta. — Eliminar-se-á o uzo do *g* com o som de *j* no meio das palavras : Assim, em vez de *agir*, *legislativo*, etc., escrever *ajir*, *lejislativo*, etc.

Nota. — A conservação do *g* inicial com o som de *j* é tambem uma medida de tranzição, para não alterar muito o aspeto da escrita. Como, porém, o *j* e o *g* brando são letras que se permutam frequentemente (*anjo*, *angelico*, *geito*, *rejeitar*, etc.), não ha motivo para respeitar o *g* inicial nas palavras compostas.

Regra quinta. — Eliminar-se-á sempre o uso do *s* com o som de *z*, como acontece entre vogaes e em alguns outros cazos. Assim, em vez de *rosa*, *casa*, *transigir*, *deshonra*, etc., escrever *roza*, *caza*, *tranzigir*, *dezhonra*, etc.

Regra sexta. — Salvos os cazos em que se empregam os *ss* e os *rr* dobrados, os pronomes pessoaes *elle*, *ella*, e seus derivados *aquelle*, *aquella*, *aquillo*, suprimir-se-ão todas as consoantes geminadas.

Em nenhuma palavra, portanto, aparecerão *b*, *d*, *f*, *g*, *m*. *n*, *p* ou *t* duplicados. Os *cc* só aparecerão duplicados, quando, o primeiro tivér o som forte e o segundo brando como acontece em *sucção* que se lê *suqsão*. Mas, quando ambos soarem do mesmo modo como em *distincção*, *extincção*, etc., escrever-se-á *distinção*, *extinção*, etc. Só haverá *ll* geminados nas palavras acima mencionadas. Assim em vez de *sabbado*, *prelecção*, *adduzir*, *affeiçoar*, *aggregar*, *alludir*, *immediato*, *innocente*, *applaudir*, *attenção*, etc., escrever *sábado*, *preleção*, *aduzir*, *afeiçoar*, *agregar*, *aludir*, *imediato*, *inocente*, *aplaudir*, *atenção*, etc.

Nota. — A Academia reconhece que tirando ao *s* o som de *z* era possivel suprimir os *ss* dobrados. Mas as duas modificações feitas ao mesmo tempo interessariam um tão grande numero de palavras, que lhe pareceu melhor nada alterar no uzo do *ss* dobrado. E' assim uma simplificação que se prepara para o futuro. Por outro lado, respeitando a grafia dos nomes proprios, de que propozitadamente não tratou, respeitou tambem a dos pronomes pessoaes e seus derivados, que sendo palavras de uzo muito frequente são daquellas cujas modificações mais avultam no aspecto de qualquer texto escrito.

Regra setima. — Nenhuma palavra se escreverá empregando consoante que não

A casa **VACHERON** e **CONSTANTIN** obteve o **UNICO** primeiro 1º premio no

CONCURSO INTERNACIONAL DE REGULAMENTO DE CHRONOMETROS.

tenha nella valor. Do grupo *sc* suprimir-se-á a letra *s*. Assim, nenhuma alteração se terá de fazer na grafia das palavras *abdicar*, *intelectual*, *acne*, *fleugma*, *gnomo*, *recepção*, *bacteria*, *optar* e outras em que as letras *bd*, *ct*, *cn*, *gm*, *gn*, *pç*, *ct* e *pt* soam separada e distintamente; mas, em vez de *activo*, *anecdota*, *augmentar*, *alumno*, *gimnazio*, *optimo*, *theze*, *crescer*, *sciencia*, etc., escrever *ativo*, *anedota*, *aumentar*, *aluno*, *ginazio*, *otimo*, *teze*, *crecer*, *ciencia*, etc.

Regra oitava. — Nunca se começará palavra alguma com ç. Assim, em vez de *çapato*, como querem alguns lexicografos, de *çadi*, *çamarra*, *çamouco*, *çarigueia*, *çorça*, *çaçuapara*. etc., escrever *sapato*, *sadi*, *samarra*, *samouco*, *sarigueia*, *sorça*, *suçuapara*, etc.

Regra nona. — Nos cazos em que os dicionarios admitem a mesma palavra, ora com *s* ora com ç, a grafia com s deve ser perferida. Assim, escrever sempre *dansa*, *bolsar*, *cansar*, *bolso*, etc.

Regra decima. — Os substantivos e adjetivos, cuja terminação tonica seja no singular em *az*, *ez*, *iz*, *oz* e *uz*, devem escrever-se com *z* final. O som forte *ás*, *és*, *ís*, *ós* e *ús*, de substantivos e adjetivos, só se escreve com *s* quando a palavra está no plural.

Nestes termos, nenhuma alteração é feita na grafia uzual dos pronomes *nós* e *vós*, de todos os verbos que nas segundas pessoas se escrevem com *s* e nas terceiras com *z* (*amarás*, *lês*, *sentis* e *praz*, *fez*, *diz*). A regra só se entende com substantivos e adjetivos. Desde que estes terminem no singular em silaba forte em *az*, *ez*, *iz*, *oz* ou *uz* escrevem-se com *z*. O *s* fica apenas nessas partes do discurso para indicar pluraes. Assim em vez de *português*, *francês*, *pés*, *cós*, etc., escrever *portuguez*, *francez*, *pez*, *coz*, etc. Rezervar o *s* final para as silabas longas dos pluraes. Assim escrever *pás*, *pés*, *ardís*, etc.

Regra undecima. — As palavras terminadas no som *ão* ou *ã* longo, empregam a vogal *a* com o til, as terminadas nos mesmos sons com a pronuncia breve terão a vogal *a* seguida de *m* ou *n*. Assim, em vez de *manhan*, *pagan*, *orfão*, *amão*, etc. escrever *manhã*, *pagã*, *orfam*, *amam*, etc.

Regra duodecima. — Não se empregará o sinal de sinalefa nas contrações *deste*, *desta*, *disto*, *neste*, *nesta*, *nisto*, *nelle*, *nella*, *daquelle*, *daquella*, *daquillo*, *destoutro*, *aquelloutro*.

Sala das Sessões da Academia Brazileira, em 17 de agosto de 1907. — *Machado de Assis*, Prezidente. »

Já appareceram varios livros escritos de conformidade com a ortografia academica, e escritores da imprensa diaria, Medeiros Albuquerque, Souza Bandeira, Almachio Diniz (na Bahia) adoptam-na nos seus artigos. O exito da reforma cada vez mais se accentúa.

A simplificação da ortografia adoptada pela Academia Brazileira foi muito bem acolhida en Portugal pelos filologos e gramaticos que se tem occupado com esta questão. Gonçalves Vianna no seu *Vocabulario* (prologo) applaude-a, ainda que com pequenas restricções, e tambem Candido de Figueiredo, Julio Moreira e outros, reconhecem a importancia e a benemerencia da Academia brazileira realizando esta imprescíndivel reforma.

Eis o que diz Candido de Figueiredo em um dos muitos artigos que escreveu sobre o ossumpto :

« Um bom o velho amigo envia-me do Rio de Janeiro o projecto de reforma ortografica, apresentado á Academia Brazileira pelo Sr. Medeiros e Albuquerque, e deseja ouvir-me a tal proposito.

Não tenho que intervir num debate, aberto numa douta Academia, em que não tenho voto ; mas devo congratular-me pelo incontestavel triumpho, que o alludido projecto importa á causa da simplificação ortografica.

Quando ha trinta annos tive a audacia de pugnar praticamente por essa causa, eliminando dos meus escritos o *y*, os grupos *ph*, *th*, *rh*, etc., de encontro á moderna pratica geral, fui considerado revolucionario ou pregador de devaneios e utopias. Mas... *gutta cavat lapidem*: vinte annos depois, tinha já ao meu lado importantes folhas diarias, revistas pedagogicas e, a pouco trecho, escriptores e filologos, como Gonçalves Viana, Carolina Michaelis, Vasconcellos Abreu, Dr. Gonçalves Guimarães, e muitos mais. Um passo ainda, e tinhamos já simplificado notavelmente a ortografia, em livros escolares, officialmente approvados.

Este movimento de bom senso e de interesse literario reflectiu-se naturalmente na Academia das Sciencias, que, sacudida involuntariamente pelo preção de uma reforma que lhe ia alterar os habitos, delegou a discussão da causa numa Commissão, de que faço parte, e que pouco ou nada fez nem fará, porque ainda se não descobriu o meio de conciliar os conceitos oppostos de alguns collegas meus, que irreductivelmente se entrincheiraram nas suas theorias e praticas.

Claro é que o mutismo da Academia das Sciencias não tem obstado a que a simplificação ortografica, mais ou menos irregular, mais ou menos methodica, se tenha desenvolvido extraordinariamente em Portugal.

A Academia Brazileira não está nas condições da Academia das Sciencias, porque é uma Academia *nova* de uma nação *nova*, e de bom grado aceitará todos os progressos que revertam em beneficio das letras e em interesse da lingua. As suas resoluções, embora restringidas a trabalhos academicos, não poderá deixar de influir beneficamente na escrita geral da nação, sobretudo se essas resoluções não forem tão radicaes, que briguem essencialmente com habitos explicaveis, e com as tradições que não contrariam a mais judiciosa simplificação.

Se me permittem o trocadilho, *simplificar* não é tão *simples*, como a muitos se antolha. O que para uns é simples, é complicado para outros: e, se cada um de nós fôsse arbitro de uma simplificação ortografica, teriamos um verdadeiro labirinto. Depois, é facil, e não é raro, dizer-se que devemos escrever como fallamos; mas, dentro da mesma lingua ha divergencias phoneticas, de região para região, de classe para classe, e até de individuo para individuo. Por isso se têm gorado varias tentativas de simplificações, visto que os suppostos reformadores, como Barbosa Leão, João Felix Pereira e outros, subordinaram á sua pronuncia individual a pronuncia geral; e por isso avisadamente propõe o Sr. Medeiros e Albuquerque a fixação prévia da orthoépia brazileira. »

No *Correio do Norte* do Porto, Julio Moreira filologo de grande merito, já conhecido no Brazil, tambem applaudiu a reforma, como se vê do contexto do artigo que vamos transcrever, ainda que delle se entrevê que o autor não tinha informação exacta, nem conhecia o boletim autentico da Academia, o que tambem em menor grau foi o caso de C. de Figueiredo:

« Segundo as ultimas noticias, foi apresentado á Academia Brazileira de

PIANOS RITTER, adoptados pela **CASA IMPERIAL DE ALLEMANHA**.

Os mais sonoros, harmoniosos e apropriados aos paizes quentes.

Letras, do Rio de Janeiro, um projecto de reforma da ortografia portugueza.

Não conheço as bases d'esse projecto, mas em compensação tenho presentes as de outro que o snr. Medeiros e Albuquerque propôs em substituição daquelle.

Seria para desejar que a Academia Brazileira conseguisse simplificar e regularizar a nossa caótica ortografia, visto que está discutindo este assunto, do qual se desinteressou a Academia de Sciencias de Lisboa, apesar de lhe haver sido exposto em um trabalho metodico e bem orientado, que hoje se encontra reproduzido pelo seu illustre autor, o snr, A. R. Gonçalves Vianna, com maior desenvolvimento, no excellente livro intitulado Ortografia Nacional.

E' esta obra que deveria ser tomada como base de discussão pela Academia do Rio de Janeiro. Ai se encontram tratadas de modo satisfatorio quasi todas as questões que ella terá de ponderar e resolver.

***

« Farei algumas ligeiras observações ao projecto do snr. Medeiros. Nelle enuncia a seguinte regra: « Escrever com *u* os vocabulos *Deus*, *ceu*, *veu*, *meu*, *teu*, *seu*, para uniformidade das desinencias, apesar da autoridade dos grammaticos que os fazem proceder dos ablativos latinos *Deo*, *cœlo*, *velo*, *meo*, *tuo*, *suo*, e não dos nominativos *Deus*, *cœlum*, *velum*, *meus*, *tuus*, *suus*. »

Ha aqui varias inexatidões. Notarei as seguintes:

1º Nenhum grammatico, digno d'este nome, sustentará hoje que os nomes portuguezes (substantivos e adjetivos) provenham do ablativo latino. E' principio assente, desde muito, para os romanistas, que as formas actuaes resultaram do accusativo e que são em pequenissimo numero aquellas que representam outros cazos.

2º Está exactamente nestas condições, isto é, não provém do accusativo mas do nominativo a palavra *Deus*, como algumas outras, especialmente nomes proprios: *Mateus*, *Marcos*, etc. Se estes vocabulos resultassem do ablativo, como se explicaria o s da sua terminação?

Em outra regra pretende-se fazer substituir a grafia *ão* do ditongo nasal das terminações átonas dos verbos por *am*, v. g.: *amaram* em logar de *amárão*.

Sem duvida a representação mais perfeita do som d'essas terminações seria *ão*, poisque a pronuncia exacta d'ellas corresponde a um ditongo nasal (*ão*) e não a uma simples vogal nasal (*am*). Os eminentes filologos srs. Epifanio Dias e Leite de Vasconcellos, juntamente com quem estas linhas escreve, adoptaram a grafia *ão*, não só por aquelle motivo, mas ainda porque tinha a seu favor a tradição entre nós e o emprego quasi geral nos escritores brazileiros, que todavia nestes ultimos tempos vão deixando de a seguir, dispostos, como se póde concluir da proposta apresentada á Academia, para a abandonarem completamente. Cessou por consequencia de subsistir uma razão importante para que nós a conservassemos, aumentando com ella o numero consideravel das divergencias ortograficas. E' por isso que não a emprégo já ha muito tempo, como tambem Leite de Vasconcellos nos seus escritos recentes.

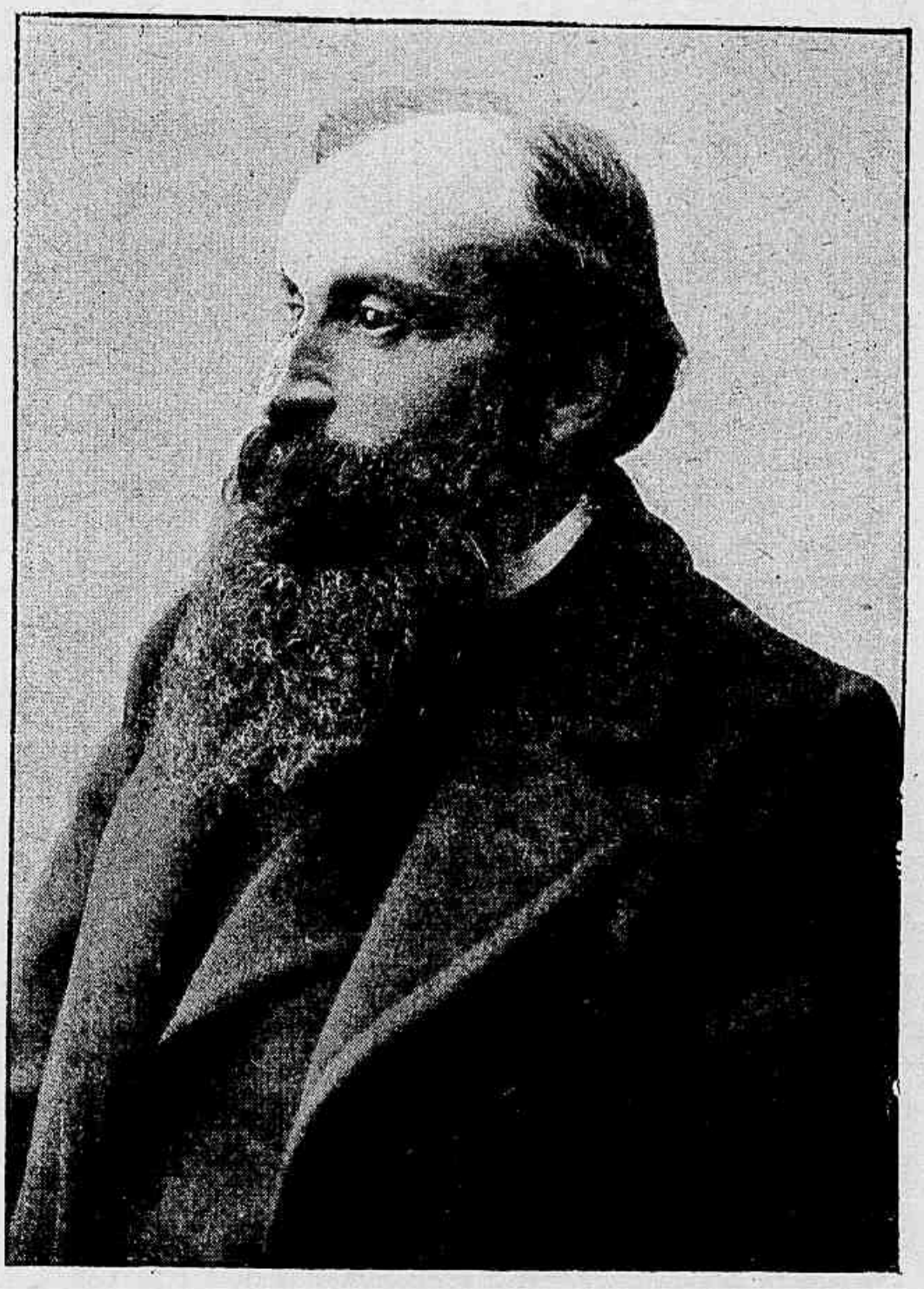
Devo observar que tratei aqui d'este facto principalmente porque Gonçalves Vianna, a p. 135 do livro citado, se refere a nós ao discuti-lo.»

Vê-se que, ainda que mal informado, o philologo applandiu a reforma.

GUERRA JUNQUEIRO

Sobre Guerra Junqueiro tem-se escripto muito, e tem-se dito muito pouco. O grande cantor da *Morte de D. João* não foi ainda estudado como precisa a sua figura enorme, nem o poderá ser com precisão e profundeza, sem que nos dê principalmente as suas theorias, sem que publique esses *Ensaios espirituaes*, onde o pensador ascende a alturas de prodigio.

A partir dos *Simples*, a sua obra accentúa um modo de ser philosophico, que a propria forma em crystaes maravilhosos guarda e reflecte admiravelmente em syntheses. Mas essa synthese escapa naturalmente á maioria dos espiritos.



Guerra Junqueiro.

Do poeta d'outrora, especie de archanjo flammejante da Biblia, clamando Verdade e Justiça, Junqueiro ascendeu, modificando-se. O fogo exterminador e purificante, transformou-se divinamente em luz... Dir-se-ia que o poeta titanico, cujos versos eram dardos de oiro e lume, vestiu a alma de burel humilde, floriu a musa de rozas espirituaes immarcesciveis — mas que cresceram no pleno marulhar da natureza esplendida. A propria physionomia exterior do poeta modificou-se. Este homem extraordinario tem no aspecto a simplicidade adoravel do seu trato, que é um encanto. As barbas cresceram-he, como as de Ruskin; e com ellas, de certo, cresceu a sua piedade...

Como o Poeta trabalha

O grande poeta não tem habitos regulares de trabalho. Levanta-se cedo, como Miguel Angelo, deita-se tambem cedo. Faz versos *quando elles querem* — costuma dizer; isto é, quando essas estrophes immorredouras affloram na sua alma, como flores chimericas de Sonho á tona dum mar de luz.

PIANOS RITTER Medalhas de Ouro em todas as Exposições Universaes,
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

É andando que Guerra Junqueiro compõe grande parte dos seus poemas. Passeia immenso, numa constante laboração mental. Tem as pernas infatigaveis dum *globe-trotter*. É muitas vezes passeando que expõe as suas theorias scientificas, as suas descobertas estranhas, que mais duma vez precederam d'annos as de grandes homens de sciencia europeus. Lembramo-nos de algumas — que mais tarde publicou com exito extraordinario Flammarion.

Toda essa maravilha dos *Simples*, a satyra sangrenta e epica da *Patria*, foi passeando que enlevadamente as ouvimos ao poeta. Os que o escutavam (ás vezes fazia um luar, como eu creio que só ha em Portugal) deixavam-se levar no rythmo dos Versos, profundos como o oceano que tambem os ouvia, e que lembravam uma chuva d'estrellas. A elegia enorme do *In pulverem*, lembra — nos ainda como se a voz do poeta trouxesse diluida a poesia eterna das cousas, o zumbir das abelhas divinas, o aroma serrano das urzes da sua terra, onde o castanheiro morre.

« *Que feliz cadaver, que até cheira bem!...* »

As balladas do Doido, na *Patria*, eram, como hão de ser sempre, assombros shakespeareanos. Nós, os que o ouviamos, ficavamos em silencio — que é a linguagem do extasi. A noite corria infinitamente luminosa e mysteriosa. E apenas o mar suspirava, como nos tempos epicos, e as estrellas ficavam mais vivas para aureolar o Poeta...

A sua philosophia reduz tudo a phenomenos moraes e religiosos. Uma *Ethica cosmica* — no seu proprio dizer. Os seus autores preferidos são naturalmente Empedocles, Plotino, Spinosa, Lebnitz, Schelling e Schopenhauer. — S. Francisco d'Assis e Beethoven são os homens que elle mais admira. Christo e Budha são para si os symbolos supremos dos super-homens.

Em arte as suas predilecções vão de Eschylo até Dante, Shakespeare, Hugo, Goëthe, Shelley, Camões, Anthero, João de Deus, Michelet, Carlyle, Emerson e toda a poesia popular.

São estas as figuras que o grande Poeta mais ama. Dos vivos, não seria difficil, conhecida a sua trajectoria esthetica, indicar aquelles que o seu immenso espirito ou o seu grande coração preferem.

A Habitação

A casa é o espelho da alma.

O *home* dum grande poeta e dum grande pensador como Guerra Junqueiro tem naturalmente reflexos do seu portentoso espirito. Ao invez do que aconteceu aos Goncourt, no dizer dum ensaio de Bourget, aos quaes o amontoamento de *bibelots* e coisas d'arte foram formando certa maneira de ser litteraria, no caso do poeta dos *Simples* deu — se a simplificação e escolha de certa arte — que marca na decoração e nos objectos aproveitados a linha ascendente e definitiva da sua evolução esthetica.

A casa do extraordinario poeta não tem luxuosas ostentações. O seu gabinete de trabalho é extremamente simples : grandes estantes cheias de livros de arte e de sciencia, algumas gravuras nas paredes, e uma mesa de pinho, sobre que poisam alguns retratos queridos : Tolstoï, Hugo, Renan, Pasteur, Luiza Michel...

Das suas magnificas collecções de faianças, dos seus rutilantes contadores hispano-arabes, que abertos pareciam de coral e d'oiro, e que se diriam feitos para guardar a correspondencia ardente dos namorados das *Mil e uma noites;* emfim do seu mobiliario e dos seus quadros — apenas o poeta aproveitou para uma ou outra sala um delicioso museu d'arte gothica anterior ao seculo XVI.

Aquella decoração não é d'arte pela arte : é da arte vista atravez das formas definitivas e supremas da emoção e da ideia. De toda a casa irradia ventura e virtude, uma paz imperturbavel, uma grandeza duma religiosidade suave e transcendente, que se prende ás raizes mais profundas da vida... Nos seus objectos d'arte — muitos de grande, inimitavel arte — ha sempre, como na sua combinação symetrica, aquella harmonia que não pode faltar aos grandes poetas, que são, nesta gleba de cardos, os enviados de Deus.

Em tudo ha rythmo: nas linhas nobres do mobiliario antigo, nas esculpturas dos seus Christos, nos armarios de castanho da Renascença, naquellas lindas arcas portuguezas, que tão bem guardariam o bragal de linho fresco, cheirando a camoeza, da Joaninha do Valle de Santarem.

Sempre uma linha harmoniosa e pura — como na natureza inteira, apparentemente irregular e cahotica. « Deus é algebrico » — dizia Novalis.

Na sala de visitas ha muitos quadros admiraveis. A destacar entre as telas, esse prodigioso *Christo no monte Olivete,* que é um grande quadro do museu, de figuras sublimes, com uma tinta vaga de transcendente espiritualidade. Depois o poeta, com os seus olhos de genio, illumina-o de symbolos immensos... O quadro é de Greco, o mestre de Velasquez ; o pintor excelso tantos annos quasi desconhecido !

Muitas pinturas italianas e flamengas, inolvidaveis ; e entre estas um Van Eyk simplesmente divino pela doçura das figuras que pisam a terra, mas que evidentemente desceram do céu... Não esquece nunca a frescura da côr, a espiritualidade archangelica do quadro !

Que nos lembre entre tantas maravilhas d'arte religiosa e candida — d'aquella que mais exprime a grandeza humana — as madonas e os santos, as esculpturas deliciosas da sala de jantar de madeira e jaspe, as arcas d'uma suggestão biblica e os retabulos em relevo — que nos lembre, só numa sala

REX pianista, mais perfeita e duravel. Qualquer pessoa está habilitada a tocar as musicas as mais difficeis sem conhecer uma nota.

destaca a nota demoniaca dum prodigioso desenho original de Goya : é um conluio de bruxas. Dir-se-ia que o poeta quiz dar o contraste d'essas expressões estheticas, desses dois polos tão distantes da alma hnmana : Van Eyk, o divino, e o macabro caliginoso e genial dos *Caprichos!*

Nos seus quadros e esculpturas, enfim nos objectos d'arte plastica que hoje possue, como nos escriptores, nos musicos que prefere, se sente esta sua maneira de ver a arte : — « Ella vale mais ou menos, segundo a porção d'amor que abrange e que revela. A arte soberana é a que conjuga a natureza toda, — homens e monstros, aguas e arvores, pedras e nuvens, sóes e nebulosas, com verbo infinito e perfeito, o unico verbo creador, que é o verbo amar. O universo atomico, particulas innumeras e vagabundas, fraterniza em Deus, unificado numa só alma e num só corpo ».

Um Retrato e uma Estatua de Nun'Alvares

O grande poeta possue o unico retrato do Santo Condestavel — que elle tão epicamente cantou em tercetos immorredoiros. Lembram-se?

« E a patria! o meu amor! a patria bella!...
Em que mingoa eu a vejo!... Quem a abraça,
Quem vae lidar até morrer por ella?!... »

Não existe outro retrato a oleo, embora, segundo a *Chronica dos Carmelitas*, tivesse havido « grande variedade de imagens, abertas em differentes reynos e tambem em Roma : e o que mais é, que as pintam com *diademas* e *resplandores, como se fôra canonizado* ».

O *Conde Santo* foi canonizado pelo povo. « Invocado por elle, promptamente lhe accedia ás supplicas ». A patria inteira santificára o heroe mystico de Aljubarrota. Roma ainda não.

Mas voltando ao retrato que Guerra Junqueiro possue — e que é talvez a sua tela mais amada — vamos transcrever a descripção que algum coevo fez de Nun'Alvares (*Chronica dos Carmelitas*, tomo I, parte III) e que a tela reproduz exactamente.

— « Foy o virtuoso condestavel de meam estatura, teve o rosto comprido, côr branca, o nariz afilado, e agudento, os olhos pequenos, mas muy viventos, as sobrancelhas arcadas e ruivas, e assim era o seu cabello, não só da cabeça mas tambem da barba, com algumas ruguizas na testa e nos cabos dos lagrimaes, a bôca pequena com o seu sembrante muy amezurado ».

*
* *

A esculptura em madeira que o autor dos *Simples* pôde adquirir tambem é de certo unica. O Condestavel teve, effectivamente, muitas estatuas, adoradas nos altares de todo o reino — mas com o dominio dos Filippes desappa-

receram todas. O Demonio do meio dia, de feito, não gostaria de ver aquelle que representava a Patria no que ella tinha de mais cavalleiroso, de mais epico e mystico! Queimaram-nas, partiram-nas. Facto registavel, não e verdade, para a moral dum povo!

Hoje Guerra Junqueiro não conhece outra esculptura senão a que possue — a não ser que ainda a do convento de Moura, que os religiosos chrismaram em Santo Amaro, com medo dos invasores. As insignias, porém, eram do Condestavel, e totalmente alheias ao abbade Santo Amaro, diz ainda a *Ch. dos Carmelitas*. Tinha na mão esquerda um livro, na direita um bordão que volta na face superior, e pendente ao peito sobre o habito, o Relicario que lançava ao pescoço, quando entrava nas batalhas. (Idem).

A estatua de madeira que o grande poeta possue (e que pensa deixar, com o retrato, ao museu das Janellas Verdes) não offerece duvida ser do Condestavel. O talhe da barba, o afilado do nariz e do rosto, condizem inteiramente com o retrato a oleo, e com a descripção que nós já trasladamos. Além d'isso, o habito, o baculo « em que descansava depois de enfraquecido » e o livro de meditações « que sempre comsigo trazia ». Mais ainda, um detalhe interessantissimo. Diz a *Ch. do Carmo*, a pag. 478: — « Havia um *barrete de faces* (como lhe chama o allegado fr. Jeronymo da Encarnação) com o qual o Santo Condestavel, depois de vestir o habito religioso, cobria a cabeça. Conservou-se com a estimação devida por muitos annos neste convento, até que o perdemos, e se emprestava aos enfermos de queixas graves, que o punham tambem na cabeça, e alcançavam milagrosamente do Senhor, por intercessão d'aquelle virtuoso Servo ».

Ora, para mais certeza, além da semelhança physionomica, do baculo, do livro — a estatua de Junqueiro tem esse *barrete de faces* miraculoso, que mais lhe accentua a significação e o caracter.

As « Orações »

« Rezar o universo é polarisal-o no infinito amor. Rezar é o superlativo divino do cantar. A oração é a canção angelisada, a canção chorada e de mãos postas. O universo absorve-a, comprehende-a. Ouve-a Deus, os homens escutam-n'a, e as ondas, as aguas e os rochedos vagamente a percebem, como um halito amigo, uma caricia branda e luminosa. »

Guerra Junqueiro.

Fallar dum poeta (sobretudo dum poeta que representa a mais nobre e mais profunda poesia moderna) é um doce momento da existencia do homem,

REX pianista, adapta-se a qualquer piano : uma criança pode tocal-a. CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

porque é sempre consolador recordar, em meio do egoismo, da vaidade e da mentira, o que traga um reflexo de Belleza suprema — essa auréola que é tecida de genio e lagrimas, e por isso cada vez mais sagrada e fulgente.

Um Poeta ou um Santo são as expressões mais augustas da vida : e estas duas palavras começam de confundir-se, felizmente, para darem a synthese de toda a grandeza humana.

Para fallar dum grande poeta é necessario um cantico. As palavras pesam, oxidam-se, tropeçam : o que é divino adora-se. E eu cuido que a natureza lhe agradece os seus poemas, quando sinto os pinheiraes, num murmurio de reza, o aroma, que é o sonho das florestas, e as litanias do vento, em noites vagas, que não sei bem porquê me lembram Shakespeare.

Houve tempo em que ser-se poeta era ser-se maltrapilho e faminto : hoje, mais do que nunca, o poeta tem fome... Mas essa fome da alma, jorro de luz fecunda e esplendorosa, que procura alumiar a fugitiva Essencia, é que leva o homem a cantar, como agora acontece, em versos nunca escutados, o coração mysterioso da Vida .. Conscientemente? De certo. As *Orações* são a expressão do lyrismo philosophico do homem mais caracteristicamente genial do nosso tempo ; e como se lhe não bastasse um pensar tão profundo, e um sonhar tão divino, a sua arte, por isso mesmo que é nova e mundial, faz da forma quanto ha de mais subtil, mais musical, mais ethereo — como se a sua lyra, enchendo o espaço inteiro, fosse tocada mysteriosamente pela propria Luz que o poeta vae cantando...

Guerra Junqueiro ha muito que chegou ao mais alto da montanha encantada. Esse instante da existencia deve confundir-se com a eternidade. A visão do universo é nova e augusta. A esphera dos céus ha de ter uma translucidez imperturbavel ; é só ahi que se abrem as flores immortaes ; é só ahi que se escuta o psalmo extasiante, que os deuses tocam em grandes theorbas d'oiro... E a natureza deve ser tão outra do que se mostra aos nossos pobres olhos, que o crystal e a flor começam a fallar a mesma lingua cosmica, em dialogos que só raros poderam articular ou presentir. A essencia das coisas illumina-se ; o mundo transfigura-se. É que os poetas de genio têm o condão legendario de auscultarem o mundo...

Mas assim como dum bolbo sepulto nasce uma flor redolente e doirada, tambem de dôr e de lentos soluços se deve ter formado a atmosphera que envolve os grandes homems, amorosa e luminosa como os olhos de Jesus.

As *Orações*, diziamos, são o cantico augusto e lyrico da Vida. Deus creou estes poetas para serem os interpretes da sua obra. Elles são os seus enviados, ainda tanta vez incomprehendidos. O sentido do universo ahi está nesses poemas prodigiosos. A sua musica é a mesma da harmonia dos mundos ! o universo é rythmico.

A dôr e o amor supremo, commungando, dão essa poesia fluida, que me recorda o mar : pela sua vastidão, pelo seu carme, pelo seu anceio constante

do céu... Para mergulhar nas suas aguas de crystal e mysterio, não admira que tenhamos muitas vezes a vertigem que os mergulhadores e os aeronautas hão de sentir nos ares mais longinquos (onde a lua é mais bella), ou nos mares mais profundos (onde já tudo é divinamente tranquillo !...)

A *Oração ao Pão* e a *Oração á Luz* são, em versos d'oiro, toda a « ethica cosmica » do poeta. A *Oração á Luz* dir-se-ia a propria luz feita verbo — com o condão de doirar o pelago das consciencias, e de alumiar a genio os labyrinthos do Destino. É preciso haver sido um estranho mineiro, com uma estrella nos olhos, atravez de toda a immensa escuridão das cousas, para assim a inundar de fulgores offuscantes !

Porque será que escapam, tanta vez, as concepções do Poeta ? Por synthe-ticas e immensas, porque num verso se condensa a cultura de seculos ; porque o poeta põe, num crystal apenas, a agua toda dum mar... Depois, são do fu-turo, naturalmente, os prophetas ; e a vida interior, a vida moral, em certos homens parece uma mendiga, para sempre adormecida e cheia de fome... Nós, ao lel-as, sentimos desabrochar em flores, na alma extatica, a propria prece ; sentimos um rio sagrado que a lava, um lume que a depura, a exalta, e nos ensina com uma doçura, que poucos grandes homens, desde Platão a Tolstoï, tiveram assim na palavra archangelica. É uma doçura luminosa e magnetica...

Esse o seu lyrismo excelso, o seu condão divino. Ao beber na concha da mão um trago d'agua, eu posso ignorar o que seja a agua, mas eu a bem-digo, porque me mata a sede. A philosophia do poeta, a sua esthetica, conver-teram-se no hymno sublime, palpitam em sonho e musica nas orações aben-çoadas, como de resto a luz se transformou em flor e em lagrima... E o *orpailleur* encantado que ahi fôr buscar oiro, traz as mãos cheias d'elle !

Publicados os seus *Ensaios espirituaes*, as suas assombrosas theorias com verdadeiras descobertas de vidente, (1) o mundo culto ha-de então assis-tir a notações prodigiosas. Mas aquella ancia de verdade e de sciencia, que tanto absorve o poeta, — e que em artistas só encontro similar num Goëthe ou num Leonardo de Vinci — casando-se a uma imaginação proteica e a uma bondade milagrosa, vae-nos dando a maravilha d'essa poesia verdadeiramente reveladora, e que no bello dizer do poeta « fará talvez rezar os laboratorios ».

Evidentemente, para ler Junqueiro, é necessario, como para ler todos os grandes innovadores de genio, estar-se dentro da sua maneira de ver, do seu modo de interpretar e explicar o universo. Mas, sobretudo, a um poeta é necessario amal-o : que a nossa consciencia tente voar tambem para a mesma

(1) A primeira a apparecer será a memoria sobre o Radium (*Estudo de sociologia atomica*).

WILLIAMS VISIVEL, a machina de escrever mais resistente e simples.
CLUBS CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio.

estrella redemptora; que cada um possa dizer com elle, como se S. Franscisco d'Assis, desnudo e casto, viesse cantar um novo hymno ao Sol :

« Farei de ti, luz dum momento,
A Luz eterna, a luz divina, a luz do Amor! »

« Os philosophos, os Artistas e os Santos, eis aqui os homens verdadeiros, os homens que se separam do reino animal ».

Estas palavras são de Frederico Nietzhche, o desgraçado grande homem, inolvidavel poeta de *Zarathoustra*. E cito-o, como um philosopho polarisado tão oppostamente ao nosso immenso autor.

O que é certo é que Junqueiro agrupa luminosamente modalidades supremas do homem nietzcheano. Elle seria um dos *heróes* de Carlyle ; seria um dos mais perfeitos *representantes da humanidade*, de Emerson. Para nós é a maior gloria da nossa terra. O que é grande é grande — para aquelles que poderem admirar e amar.

E não é essa a maior consolação da existencia?

Vida Ironica

O genio popular afaz-se ás grandes figuras — e mais ainda ás que são de grandes poetas — pelo lado pitoresco da anecdota. O dito de espirito, o que ha em cada homem de aventuroso e decorativo, abala as imaginações ingenuas, para quem a grandeza augusta da vida é a dum folhetim mais ou menos scintillante.

Uma *boutade* ás vezes illumina-nos uma figura : uma phrase revela, na sua synthese de luz, um pensador ou um poeta... Mas é sobretudo a aza irisada da graça, a vespa ardente do epigramma, que interessam o maior publico. Isto a par dum grande gesto heroico, ou das aventuras novellescas.

Que sabe muita gente de Bocage, de D. Franscisco Manuel de Mello ? Chalaças do seculo XVIII, ou grandes scenas de amor. De Camillo conhecem-se a aventura e o sarcasmo; de Quevedo, fóra de cenaculos eruditos, mesmo na radiosa Hespanha, falla-se de epigrammas, e lances de duello com botes formidaveis. E a vida theatral, que absorve e escurece o brilho, tantas vezes eterno, da vida profunda...

O nosso grande poeta foi até á elaboração dos *Simples* — janella immensa, d'onde começa a jorrar sobre a vida cosmica outra belleza e outra luz — foi, diziamos nós, uma das mais extraordinarias figuras peninsulares : pelos lampejos incomparaveis da sua ironia caustica, pelo alor da sua mocidade esplendente. Fallar do grande poeta que troçára do Diabo, que matára D. João e que envelhecêra o proprio Padre Eterno, — era evocar uma chuva de satyras, uma aurora boreal com flexas d'oiro, que ficassem cravadas, scintillando, em Falstaff, em Tartufo, ou nas orelhas de Mr. Prudhomme...

Elle era nesse periodo de demolição altiva e riso olympico — qualquer cousa de Apollo e de Hercules Farnesio, cuja clava fosse de sarcasmo e *verve*.

É d'esse tempo a historia já vulgarisada d'aquelle padre obeso e mastodontico, com quem Junqueiro se encontrou num comboio. Logo começou a palestrar com o clerigo, que não tardou, bem conduzido o dialogo, a apostrophar violentamente o autor da *Velhice*, demoníaco e maldito, sobre quem lançou excommunhões, enxofre, e todas as bestas do Apocalypse.

Pela sua banda o poeta tambem amaldiçoava o energúmeno, e deixava extasiado o padre, que assim via atacado por um homem ainda moço e de tamanho talento dialectico, o poeta do mundo que elle mais odiava.

— Caspité! Bravo! Bravissimo! — clamava o padre.

Commovido, encantado, acceitou que tirassem os dois uma photographia — queria possuir um retrato junto ao de um tão poderoso engenho!

E pitadeando-se, com frouxos de riso, num enthusiasmo, respondia aos ditos incomparaveis do poeta a respeito da *Velhice* :

— D'arromba! Caspité! Bravissimo!

Os senhores estão a ver a cara do homem, quando lhe disseram que aquelle retrato era... de Guerra Junqueiro, o endemoninhado!...

Seria difficil relatar as anecdotas que se lhe attribuem — *o cisco da vida*, como diz hoje o poeta. Num *magazine* reproduziremos ainda uma ou outra nota do seu espirito caustico.

Certo dia, já depois das transigencias de Antonio Rodrigues Sampaio, numa roda d'amigos em que estava o grande jornalista, Guerra Junqueiro definia em traços esplendidos varias individualidades de arte e de politica.

— Rubens, dizia o poeta, é um marchante de carne Olympica. Dá vontade de se lhe dizer : dê cá costelletas de deusa!

Então alguem lembrou — a definição de Sampaio. O pamphletario do *Espectro* reclamou tambem a sua definição. E a definição foi esta :

— Era um javali, Domesticaram-no. É um porco.

Um titular, que em tempos fôra barbeiro em Coimbra — esta é deliciosa — e que mais tarde versejou toscamente, encontrando o grande poeta exclamou com emphase :

— Como está, mestre?!

Junqueiro sorriu nos olhos penetrantes, e respondeu :

— Fréguez, fréguez...

Guerra Junqueiro não foi um *bric-à-braquista* no sentido trivial da palavra. Procurava nas formas antigas ou perdidas da arte uma suggestão superior de belleza. E os prodigiosos artistas como elle, bem sabem quanto é doce

SMITH VISIVEL, a machina de escrever que reúne as qualidades de todas as outras.
CLUBS CASA STANDARD.

esse gozo esthetico, a evocação de civilizações e de epochas distantes nos aspectos mais variados e nas expressões mais diversas — um gozo espiritual, talvez como o de contemplar num esmalte um rosto de mulher linda, ha muito tempo amada e já perdida...

Nessas conquistas de *bric-à-brac*, Guerra Junqueiro foi bastas vezes heroico. Conquistou alguns quasi com mesma a difficultade com que Annibal passou os Alpes.

Ha anecdotas duma graça infinita. Algumas se passaram na Hespanha — nessa Hespanha catholica, que ainda nos velhos burgos parece guardar em carne e osso os desenhos macabros de Goya.

Junqueiro falla a primor o castelhano.

— Appetecia passear por lá, para praguejar á vontade, dizia o poeta.

De resto, essas velhas terreolas estão cheias ás vezes de esculpturas admiraveis, de quadros, de obras d'arte, maravilhas lendarias. Numa pequena villa topa-se ás vezes com um pequeno museu delicioso. As tradições aninham-se por toda a parte; sentem-se os passos lentos dos inquisidores, que vão pegar fogo ás fogueiras purificatorias... E nós sentimo-nos de capa negra, a espada de velhos copos tilintando, o sombreiro descido, á cata dum grande amor novellesco ou, como no caso do nosso grande poeta, á procura dum Zurbaran ou dum Ribera.

Ora, quando Junqueiro juntava a sua maravilhosa collecção de faianças, alguem que ia pernoitar na estalajem de *Villa Vieja* (as estalajens são ainda as mesmas dos tempos de D. Quixote) perguntava ao estalajadeiro quem havia por companheiro na pousada.

O homem respondeu que era um sujeito de borjaca, que andava com um burro á arreata, a encher os alforges de antiqualhas.

— Como se chama?

Su nombre... su nombre... me parece que es Junquera.

Ficou o portuguez a parafusar na identidade desse desconhecido ferrovelho — até que lhe appareceu o nosso grande poeta. Tornou-se-lhe num eden a terreola antiga. Ha lá deserto insupportavel, quando o illumina a scintillante conversa e a verve de Junqueiro!

No dia seguinte, ao sol magnifico, tangendo *el rucio*, o poeta lá partiu pelas ruas tortuosas, pregoando:

— *Quien tiene para vender cuencas, palanganas, medias fuentes!*

Abriam-se as adufas. E como nos tempos do Cid, espreitavam os rostos morenos das raparigas, e os das velhas, que ainda são todas bruxas.

O poeta erguia o grito claro, ao sol formoso:

— *Cuencas, palaganas, medias fuentes!*

E logo as adufas desciam... Nas ruas, no adro, os magotes rodeavam Junqueiro, ao sol fulgente num quadro soberbo de colorido e pitoresco.

E *Villa Vieja* ficou, dessa vez, sem um prato.

Ha já annos vieram dizer-lhe que havia um confeiteiro, que vendia quadros antigos de grande valor.

O poeta foi ver.

Appareceu-lhe, numa pastelaria sebenta, um homemzarrão com ares terri veis — que se sumiu num sotão a buscar mysteriosamente os grandes quadros.

Trouxe uns tres ou quatro.

— De quem é este? perguntou Junqueiro.

— Rubens! exclamou o homem, arregalando os olhos.

— Quanto vale?

— Dez contos de réis.

— E este, de quem é? perguntou o poeta, apontando outra detestavel tela.

— Raphael! gritou o homem. Seis contos de réis.

— E este?

Velasquez, escola hespanhola — seis contos de réis.

Então o poeta, olhando á volta, descobriu um pastel cheio de moscas, de baixo d'uma gaze esverdeada e suja...

— E este pastel, quanto custa?

— Um vintem — disse o homem com má sombra, esbogalhando immensamente os olhos.

— Pois levo-lh'o. É a unica cousa authentica, e verdadeiramente antiga, que o senhor possue!

D'esse tempo são os seus versos esplendidos da *Lanterna magica*, o seu dandysmo estranho, — uma epocha de juventude ardente e de gloria que não passou de certo, mas que apenas lhe mudou em flores de perfume divino o purpureo esplendor das camelias desfeitas...

JULIO BRANDÃO.

CUCULARIA

Lê-se em fr. Luiz de Granada, INTRODUCÇÃO AO SYMBOLO DA FÉ, ed. de 1593, p. I, pag. 227 :

« Nem entre as aves, assim como entre os homens, faltam enganos, adulterios e furtos. Porque do cuco se conta que vai comendo a pouco e pouco os ovos de alguma outra ave, e em logar delles vai pondo os seus; e desta astucia aufere elle dois proveitos : um, sustentar-se dos ovos alheios; outro, poupar-se ao trabalho de chocar e criar os seus. E daqui resultam dois prejuizos para a ave rou-

SMITH VISIVEL TEM O MAIOR INVENTO em machinas de escrever : ARTICULAÇÕES COM ESPHERAS.

bada, que são : matarem-lhe os filhos e encarregar-se da criação dos alheios. E' esta a condição dos ladrões e tyrannos — procurarem sempre o seu proveito, mesmo á custa do prejuizo de outrem. » (*)

Por isso, que é uma reproducção do l. X, cap. XI da HISTORIA NATURAL de Plinio, com certo lardo moralista, deviamos chamar *cucos*, não aos trahidos, e sim aos trahidores, na vida conjugal.

Entre os homens, as victimas do adulterio são sempre os ingenuos e descuidosos, como entre as aves, que forneceram esta asa de comparação a Braz Garcia de Mascarenhas, ed. de 1846, c. IV, est. VII :

« Que aos mais símples e alegres passarinhos
Rouba o cuco aleivoso os caros ninhos. »

E daquella guisa procediam os latinos do tempo de Plauto, ao que nol-o revelam os versos 900 e 911 da ASINARIA.

Artemona, ao surprehender o velho esposo Demeneto no aposento de Philenia, querida de seu filho Argyrippo, brada com dupla indignação :

« At etiam cubat cuculus : surge, amator; i domo. »

(Mas, o cuco ainda está deitado : levanta-te, amante; vai para casa.)

E, depois :

« Cano capite cuculum uxor ex lustris rapit. »

(Tua mulher vem arrancar-te deste antro, a ti, cuco de cabellos brancos.)

Entretanto, os francezes, por observarem superficialmente as visitas das femeas dos cucos aos ninhos dos outros passaros, inverteram a applicação do vocabulo, e communicaram aos portuguezes esse erroneo emprego metaphorico.

Gil Vicente metteu um diabo a falar em dialecto picardo, ou pretendido tal, no AUTO DAS FADAS. Obras, ed. de 1852, t. III, pag. 97 :

« Dime tos xem que tu vens
Fame d'um vilhom cocu. »

E, no final da FARÇA DE IGNEZ PEREIRA, vol. cit,, pag. 156 a 157, deu-nos a assás expressiva cantiga dialogada :

« *Ignez.* — Marido cuco me levades
E mais duas lousas.
Pero. — Pois assi se fazem as cousas.
Ignez. — Bem sabedes vós, marido,
Quanto vos quero;
Sempre fostes percebido
Pera cervo :
Agora vos tomou o demo
Com duas lousas.
Pero. — Pois assi se fazem as cousas.

(*) No Brasil ha um passaro com habito analogo ao do cuco, pois serve-se dos ninhos alheios; chama-se : Chico Preto, no Piauhy ; caraúna, em Pernambuco; vira-bosta, no Rio de Janeiro ; chopim, na Paraná, S. Paulo e Minas.

Ignez. — Bem sabedes vós, marido,
Quanto vos amo;
Sempre foste percebido
Pera gamo.
Carregado ides noss'amo
Com duas lousas.
Pero. — Pois assi se fazem as cousas. »

A phrase da segunda personagem, obrigada mediante compromisso prévio, tem o cunho popular do estribilho.—*Eu tambem* — do brinco infantil ainda em voga aqui. — *Eu fui indo por um caminho e encontrei*, etc.

No seculo já se designavam por *ante-cucos* e *cucos* os *percebidos pera cervo* e *pera gamo*. Vid. EUPHROSINA.

Com o rodar dos annos, augmentou-se a nomenclatura dos infelizes, consoante o attesta, na MISCELLANEA, fr. João de S. Joseph de Queiroz, a quem o marquez de Pombal, muito amigo de Brasil, fez bispo do Grão Pará em 1759.

Refere o douto esmiuçador da vida alheia que Manuel dos Reis Pereira, dando noticia de varias travessuras a João Jacques de Magalhães, dividia o universal dos *Esganarelos* (Vid. Molière, *passim*) em : « Ante-cuco... cuco... recuco... postcuco... »

Supprimimos as explicações, adduzidas parallelamente ás palavras transcriptas, por julgarmol-as ociosas...

Que é que os monges não sabiam de miudo em historia natural e social?!

Releva notar que antigamente se considerava o cuco ave de virtudes divinatorias sobre o casamento, conservando algures esse caracter para o vulgo crendeiro.

E. Rolland, na FAUNE POPULAIRE DE LA FRANCE, t. II, pag. 84, *apud* Theophilo Braga, registrou a appellação infra :

« Coucou des villes,
Coucou des bois,
Combé aí-z'y d'annés
A me maria (marier).

E J. Leite de Vasconcellos, nas TRADIÇÕES, pag. 146, archivou as seguintes consultas :

« Cuco de Maio,
Cuco de Aveiro,
Quantos annos
Hei de ficar solteiro ? »

« Cuco da ramalheira,
Quantos annos me dás de solteira ? »

« Cuco da vidárada,
Quantos annos me dás de casada ? »

« Cuco da carraspuda,
Quantos annos me dás de viuva ? »

CLUBS DA CASA STANDARD, Ouvidor, 72, Rio :
VENDAS A PRESTAÇÕES SEM AUGMENTO DE PREÇO.

Porque se lhe toma o canto como prognostico de enlace matrimonial, cremos ser elle quem figura no anexim de relação mythica : *Ver passarinho verde* (sul do Brasil) ou *adivinhar passarinho verde* (norte do Brasil), applicavel a pessoa enamorada quando se mostra jubilosa por haver deparado com o ente caro ou presentindo-o apenas.

O absurdo apparente da identificação cessa, uma vez sabido que o adjectivo *verde* não se refere a côr, e isto se demonstra reproduzindo a expressão original e a variante portuguezas, das quaes promanaram as nossas.

Na AULEGRAPHIA, a. III, x. I, o quinhentista Jorge Ferreira de Vasconcellos poz na bocca de Rocha :

« *De prazer* vem vosso amo; algum *passarinho novo viu lá.* »

Tambem nas *Aventuras de Basilio Fernandes* de Camillo C. Branco, cap. VII:

— Como tu vens alegre, menina — dizia a Snra D. Custodia — e tu, tambem, Manuelzinho! vocês *viram passarinho novo* lá na festa.

E na GIRIA PORTUGUEZA, de Alberto Bessa, publicação de 1901, vêmos :

« *Adivinhar passarinho verde* (bras.) Estar alegre; satisfeito. (Nós temos o *adivinhar passarinho novo*, que significa o mesmo.) »

Não indagaremos agora, sómente por abreviar, a causa da translação de *novo* paro *verde*, operada neste paiz pois diversas hypotheses curiosas nos occorrem.

O certo é que, de primeiro, o anexim era. — *Ver passarinho novo*, fórma que persiste pouco degenerada alem-mar, não tendo, portanto, nascido da superstição que o beija-flor de rabo verde traz ventura, ao passo que o de rabo branco traz desgraça, como escreveu Silvio de Almeida, melhorando Castro Lopez, mas preso igualmente á idéa falsa de matiz.

E pensamos que o cuco fosse designado assim, no velho reino lusitano, pela época do seu retorno : ave migradora, que passa da Europa á Africa em sentindo avizinhar-se sombrio outomno, volta quando a primavera resurge esplendente de luz.

Arauto do tempo novo, nuncio da estação propicia ao amor, a cujo doce influxo tudo medra, recebe ella no Minho, onde se empoleira nos altos castanheiros, manifestações de sympathia em tom grotesco.

No dia de S. Bento, 21 de março, os de Villa Nova de Famalicão, realisam uma cerimonia, com rudimentar fórma dramatica, descripta á pag. 146 do ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS para 1857 :

« Vai o Cuco-Mór mettido numa liteira, puxada por dois burros lazarentos; depois segue-se o trem, que consiste em tachos, bacias, caldeirões, etc., tudo muito velho, carregado em jumentos, e atraz de tudo segue o brazão d'armas dos irmãos da confraria, que é outro jumento carregado de chifres de boi. Em todos os largos pára esta linda comitiva, e o Cuco-Mór envia então varias aves pequenas como pardaes, chascos, etc., dizendo com grande alegria dos espectadores : — Ahi vai um cuco para a freguezia de tal, outro para a freguezia de tal. E aissim corre toda a villa. »

Tal costume festinante, epitome dos conhecimentos avariados do povo, relativamente ao cuco, é uma satira com que se lhe solemniza a chegada.

Campinas (E. de S. Paulo).

ALBERTO FARIA.

Cicinha

Perdi da vida todo o entendimento
Quando morreu a pobre pequenina;
Numa larga extensão do firmamento
Do meu ser fez-se treva repentina.

Algo finou-se em mim com a sua morte;
Um galho de minh'alma, decepado,
Rolou no chão ao subitaneo corte
Que o meu corpo prostrou inanimado.

Algo finou-se em mim eternamente;
Nem ha poder que inda o meu eu integre;
Guardo um soluço tragico, latente,
Onde outrora resoava um canto alegre.

Por mais que se prolongue a minha vida,
Nunca mais hei de achar affecto ou goso
Que me faça esquecer desta ferida
O implacavel pungir angustioso.

Atomo humano, que um momento vibra
E se extingue depois obscuramente,
Do sentimento que me anima a fibra
Que sabe a Natureza indifferente?

Mas homem sou e, altivo, me revolto
Contra o destino estupido e funesto,
E emquanto o coração me sangra, eu solto
Ante a face de Deus o meu protesto.

Chóro, sim, porém chóro blasphemando,
Punhos erguidos contra a divindade.
Porque morreu essa innocente, quando
No mundo ha tanta falta de bondade?

Egoismo da dor! que vale a minha,
Profunda, embora, eterna, immensuravel,
Junto ao soffrer horrendo que espesinha
A alma infeliz da mãi inconsolavel?

Ai! quantos corações despedaçados
Pelo mysterio do fatal minuto,
Para sempre á tristeza condemnados,
Orphãos vestindo para sempre o luto!

Nosso olhar, espancando o pesadêlo
Que o povoou nessa infanda noite escura,
O seu rostinho sorridente e bello
Pela face da terra inda procura.

Vemos-lhe os olhos meigos scintillando,
Vemos-lhe a bocca a rir rosea e facêta,
Pelas salas a vemos deslizando,
Como uma grande e clara borboleta...

Ouvimol-a falar, a casa enchendo
De crystalinos, limpidos harpejos;
Cremos estar na face recebendo
A divina caricia dos seus beijos...

Doce illusão que subito se apaga!
A coitadinha é para sempre morta!
Da nossa dor a tenebrosa vaga
Em vão do campo santo estúa á porta.

Obra prima vivente, esse entesinho
Como crer que a moldasse o augusto escopro
Com requintes de apuro e de carinho
Para depois a desfazer com um sopro?

Vós, que crêdes, e achais em vossa crença
Explicação ao lugubre mysterio,
Que eu não desvendo nessa sombra immensa
A pairar sobre o Céo e o Cemiterio,

Direis, quando de horror eu me confranjo,
Da magua entregue ao desespero fundo:
— « Oh! não choreis! Cicinha foi um anjo
Que incognito passou por este mundo!

— Deus que a viu sobre a falsa trajectoria,
Na senda ingrata do viver terreno,
Azas lhe deu, e ao páramo da gloria
A convidou com paternal aceno. »

Si anjos ha, ella, ao certo, um anjo era;
Mas que custava a Deus, si Deus existe,
Deixar esse clarão de primavera
Da vida em meio á bruma hiberna e triste?

Anjo, direis, mas antes disso — filha
Dessa que ahi está banhada em pranto eterno,
No céo os olhos em que a creança brilha
E tendo n'alma todo o horror do inferno!

Não tenteis explicar o tredo enigma,
Ou vossa fé se abysmará no nada...
Dores ha ante cujo negro estigma
Foge a consolação apavorada.

Do coração que soffre e se rebela
Deixai rolar a lagrima candente;
Consolar-me é impossivel, pois com ella
Algo finou-se em mim eternamente...

ANTONIO SALLES.

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

A Poesia em Relação com a Moral (*)

> Le *Vates* Prophète, pourrions-nous dire, a saisi ce mystère sacré (o mysterio do Universo) plutôt du côté moral, comme Bien et Mal, Devoir et Prohibition ; le *Vates* Poète du côté que les Allemands appellent esthétique, comme Beau et autre chose pareille. L'un, nous pouvons l'appeler un révélateur de ce que nous devons faire, l'autre de ce que nous devons aimer. Mais en vérité ces deux provinces pénètrent l'une dans l'autre, et ne peuvent être disjointes.
>
> THOMAS CARLYLE. — *Les Héros.* (Trad. de Jean Izoulet).

SENHORES DA « NOVA CRUZADA »:

Quando, nos ultimos dias do mez findo, tive sciencia de que havieis assentado offerecer-me este publico testemunho de estima, desde logo suspeitei que elle se inspirava num sentimento de approvação aos esforços que tenho dedicado á obra em que tambem andaes empenhando a mocidade e o viço dos vossos talentos: a guarda e cultura de tradições que a Bahia se habituou a prezar como titulos de gloria da sua intelligencia.

Tinheis em vista (e não me enganei) manifestar a vossa solidariedade de homens de letras áquelle que, julgado com benevolencia, vos parecera merecer mais do que a sympathia tantas vezes accentuada em palavras e opiniões a seu respeito, — uma affirmação de applauso, collectiva e solenne, que o animasse no meio desse labutar pela Arte, nem mais glorioso nem menos improbo que os trabalhos geral e devidamente honrados pelo prisma utilitario do nosso tempo.

Fazieis, por certo, e fazeis da arte literaria ou do mistér das letras uma idéa inteiramente opposta á daquelles que o denunciam, e não estão longe de menosprezal-o, como uma simples fórma da ociosidade. Na escala dos valores sociaes sabeis discernir o logar que lhe pertence como factor da civilização, e sentis por isso mesmo o legitimo orgulho de poder repetir as sentenciosas palavras de Renan : « Um bello sentimento vale um bello pensamento; um bello pensamento vale uma bella acção. Um systema de philosophia vale um poema, um poema vale uma descoberta scientifica ; uma vida de sciencia vale uma vida de virtude. »

Da comprehensão desta equivalencia que resgata a literatura e o labor literario de um desapreço já hoje felizmente raro, partistes para enaltecer a minha fidelidade ao culto da arte, a firmeza e o fervor com que, não obstante os meus afanosos dezoito annos de jornalismo, lhe tenho rendido preito.

Unidos em valorosa cruzada por amor do mesmo idéal, acreditastes no meu concurso e quizestes premiar, deste modo, aquelle que, á parte essa

(*) Discurso pronunciado na sessão solenne realisada em honra do auctor, no Lyceu de Artes e Officios da Bahia, a 9 de Setembro de 1906, pela sociedade literaria « Nova Cruzada ».

dedicação em que ninguem vos excede, tem apenas o merito de ser, entre vós, um companheiro mais velho de jornada.

Sendo este o sentido da vossa espontanea manifestação, resta-me protestar a cada um de vós a sinceridade do agradecimento que sinto penetrar-me e saturar-me, como um effluvio, e que perdurará no meu ser, reproduzindo-se em ondas de gratas evocações, no perfume doce e inextinguivel do reconhecimento...

E aqui se despediria a minha palavra, se não me tentasse o desejo de fazer uma confissão e algumas reflexões que a devem completar.

***

Confesso-vos, Senhores, que se esta manifestação foi para mim uma surpresa, não me enleia todavia como um phenomeno inexplicavel, sem outra razão além do merecimento que me attribuis. Seja-me permittido o prazer de levar a indagação até a sua causa mais recondita, aos moveis e estimulos que lhe deram esta fórma em extremo gentil, que no mesmo gráu me obriga.

O que aqui fazeis é verdadeiramente, evidentemente, uma acção de poetas; é um desses actos que só os explica a moral do homem quando a impregna a essencia das emoções superiores e mais nobres da alma: a poesia. A poesia na expansão da vida social, como inspiradora da vontade, como suggestão da conducta, nos aspectos que esta assume, nos feitios por que aquella se conforma, passando do pensamento, do desejo, da imagem, das inclinações ao acto, forneceria ainda hoje thema para interessantes e talvez uteis desenvolvimentos...

Por mais ardente e audaz que seja, a minha curiosidade não se arroja a pisar o campo desses factos, onde se arriscaria á sorte dos que se aventuravam no famoso dédalo. Passearei pelas orlas do campo. Lançarei de longe os olhos sobre as relações da moral com a arte, na presumpção de que, se essas relações estão descobertas e pensadas, nem por isso será baldo o esforço de entendimento ou o carinho de analyse que cada qual empregue para comprehender por si a influencia da exaltação affectiva que caracterisa o pensar do poeta, a efficiencia desse dom creador, desse principio vital que anima o proprio marmore entre as mãos do esculptor e communica movimento ás linhas traçadas num pedaço de téla.

Não falo da poesia que se escreve, da que se revela e crystaliza em poemas de palavras, de côres, de sons, de fórmas. Falo desta e da que sobeja na fonte viva e perenne das nossas emoções; da que se não exhaure nas obras d'arte, mas lá está, pullulante e copiosa, ora fremente, ora adormecida como um lago entre os massiços de um bosque, alastrando e banhando as raizes do coração humano.

Li, não sei onde, que se póde pôr poesia em semear grão ou em tecer uma corbelha. Quanto mais admissivel não é que a ponhamos no entrelaçar corações, no semear sorrisos e finezas, que por sua vez inspiram a quem os recebe e lhe accendem o estro necessario para compor a estrophe da gratidão!

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

A esta luz, sobre essa eurythmia social, essa formação de harmonias do caracter, é que me apraz verificar a influencia do sentir poetico.

Bem sei que tal influencia não é das mais abonadas por certo espirito industrialista, que a considera antagonica em relação aos seus triumphos. Ha quem a menoscabe como uma fraqueza e quem a esconjure como um enguiço. São os que se contentam, em materia de arte, com a contemplação das grandes e pequenas maravilhas da mechanica; os que achariam num daquelles museus de Kensington, de que fala o pensador italiano, a suprema inventiva e a suprema expressão do genio artistico. Ha mesmo quem folgue de annunciar a decadencia e a morte da poesia.

Seja dito, porém, sem desafio aos partidarios do utilitarismo intransigente, aos apologistas da vida sem sonho, da vida desencantada, implacavelmente positiva, pratica, fazendeira, — a poesia vive e viverá, irreductivel, progressiva, todo o tempo que viver a humanidade, não só desabrolhando nos primores da arte, mas penetrando a moral, a religião, a sciencia, todos os productos e todas as fórmas da mentalidade culta. Resistir-lhe, escarnecel-a, exorcisal-a não basta para que se julgue eliminado o seu poder. O mais duro e revesso utilitario, este mesmo, será muitas vezes, posto que o não confesse, o joguete dessa força.

A poesia não é sómente um encanto na vida; ella participa tambem no seu governo. Grande quantidade dos effeitos que apreciamos no mundo moral é creação deste agente. E havemos de ver que são dos melhores effeitos. As idéas que agitam e revolucionam a face da terra seriam tão inertes quanto as pedras, se não as envolvesse a chamma do sentimento: e a poesia é o orgão por excellencia da nossa vida sensivel.

Quando no mytho de Orpheu vemos rochedos e arvores em marcha, rios interrompendo o seu curso, animaes ferozes acudindo das brenhas, mansos e como que humanizados, qual é o poder que esta formosa fabula symbolisa se não o poder da poesia... a poesia volatilizada nos sons de uma lyra?

Fala-nos Chateaubriand de um monge christão que, no seculo VIII, tendo pintado um quadro do juizo final, o expoz a um truculento monarcha refractario á verdade evangelica: e tanto bastou para convertel-o ao Christianismo. — De quem esse triumpho senão da poesia?

No areopágo grego os magistrados zelosos e rectos absolvem Phrynéa logo que o seu patrono lhes desvenda ao olhar as formas harmoniosas e fascinantes da hetaira... Não é um voto insuflado pela eloquencia da poesia?

Dante faz-nos ouvir a historia do amor de Francisca de Rimini e do joven Malatesta. Liam ambos um dia, sósinhos e sem desconfiança, o romance de Lancelot, quando a certo passo intensamente apaixonado entre o cavalleiro e a rainha da lenda, Francisca e Paulo sentem-se fulminados da mesma vertigem, reproduzindo automaticamente a scena que acabavam de ler. E confessa, a doce amante:

Galeoito fu il libro e chi lo scrisse.

Isto é, o livro e aquelle que o escrevera foram para ella um novo Galeotto, revelador da paixão que era até ali um mysterio para o seu proprio ser... Eis ahi ainda o turbilhão magnetico da poesia manifestando-se nas paginas de uma igenua narrativa e precipitando uma para outra duas almas que hesitavam.

E que mola é essa que levanta no theatro as multidões, que as impelle de

subito, vibrando do mesmo abalo, como um só corpo e uma só alma, a victoriar o artista creador e o interprete de uma situação, de um caracter, de uma simples verdade que a imaginação tenha vestido com a sua teia luminosa e transparente? E' sempre a virtude impulsiva da poesia, esta força de que a belleza — substancia da arte — offerece nas obras d'arte maravilhosas transformações.

Um grande espirito, philosophando sobre estes segredos, não teve duvida em affirmar que se um Napoleão arrasta vontades, não as arrastam menos, posto que de outro modo, um Corneille e um Victor Hugo. E' porque estes possuiam no coração a potencia dominadora da poesia, uma sensibilidade que depois de reforçar e ampliar as imagens, as sensações, as idéas, se transmuda em actividade e vai render outros corações ao seu commando.

Toda a efficacia, todo o imperio attribuido á arte em relação ás nossas faculdades activas implica a potencia ineluctavel da poesia, que é o substractum da arte. Esta, de facto, realiza a belleza, que só aquella nos descobre. Sem o dom poetico, incluso no homem, que attractivo restaria ao mundo, a que se reduziriam as bellezas moraes e os encantos naturaes com que tanto nos seduzem os artistas?

A natureza dispõe de pequenos meios, como dizia Heine, para produzir grandes effeitos: são os astros, as flores, a agua, os raios do sol, mas tambem e principalmente — o amor no coração do homem. Este « grande poeta » que é a natureza, precisa desta emoção pessoal, desta psesia subjectiva que nas suas obras se incorpora para lhes dar valia e sentido. Sem ella, acrescenta o gracioso ironista dos *Reisebilder*, o sol não teria mais que tantas leguas de diametro, as arvores prestariam apenas para ser cortadas e reduzidas a lenha, as flores para ser classificadas segundo os seus estames, e a agua não passaria de um liquido. Deante desses elementos e de outros incomparavelmente minimos, inertes, inexpressivos; deante das scenas mais communs, dos seres mais humildes, das coisas mais vulgares collocae um desses apparelhos sensiveis e ampliadores, — uma alma capaz de commover-se e vibrar com intensidade, — e tudo isso se exaltará, se transfigurará, ganhará relevo, significação, prestigio. Assim é a poesia ao mesmo tempo geradora de movimento e reveladora da belleza. Se a arte é uma especie de fada bemfazeja a ornar e enriquecer a existencia dos povos, deve-o a essa varinha magica, a esse condão, que é o agente de todas as suas maravilhas, a energia fecunda que longos seculos de cultura esthetica ainda não esgotaram.

Que a emoção poetica é uma fonte de energia, uma origem de impulsões mais poderosas que a propria autoridade da razão, a cujo mando suppomos obedecer na maioria dos nossos actos, não sou eu quem o diz, é a sciencia nova da alma ao deslindar o mecanismo psychologico da vontade, da actividade consciente e inconsciente, e o influxo do sentimento em geral sobre essa dupla actividade. Ella nos autoriza a affirmar que a nossa vontade está ás ordens das nossas paixões, que até quando acreditamos ter a razão prevalecido a um sentimento é

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

que este foi vencido por outro sentimento, — o que a razão apenas sanciona.

Abrange o dominio dessas forças incontrastaveis, que têm por séde o coração humano, o sentimento poetico. Não é tudo dizer?...

*
* *

Mas importa saber, além disso, em que sentido nos impelle esta verdadeira potencia moral. Produzindo acção, arrastando vontades, actuando sobre a vida, que direcção lhe imprime ou a que resultados conduz, sob o ponto de vista social e ethico.

Falemos com a robusta fé do crente, que aqui ao menos não se distancia da razão do sabio: a poesia é sempre uma allucinação benefica, durante a qual, adquirindo azas, o espirito se remonta a uma altura incompativel com a visão e o trato das miserias de que se compõe a realidade ordinaria da vida. Ungido por ella, o pensamento eleva-se, resplandece e irradia como um astro; eliminada ella, o espirito cahirá, materializado, grosseiro, opaco, fazendo lembrar essas massas mineraes que se despenham da região das estrellas. E' ella que dá os tons mais suaves e as perspectivas mais profundas á paizagem moral do mundo. Supprimi-a, e abafareis num estreito circulo sem horizonte. Sem ella póde subsistir e talvez progredir a sociedade; mas não passará de uma somma de actividades, de um commercio de egoismos mais ou menos attenuados, sem nunca chegar a ser, como convém, uma perfeita fusão de almas, uma formula da fraternidade.

A verdadeira poesia é inseparavel da grandeza d'alma, disse Lamartine, com o assentimento de um philosopho que mais tarde tambem havia de escrever: — « a poesia anda a par da generosidade do coração ». No vae-vém das brutalidades e truculencias que são os meios communs de luctar para viver, haveis de ter surprehendido algumas vezes, e gozado como uma consolação, o effeito de uma gota desse philtro nas veias daquelles que mais empedernidos vos pareciam, mais inexpugnaveis na couraça dos sentimentos egoistas. A poesia, que na origem da palavra quer dizer — creação, e que de facto cria de novo a natureza nas artes, é ainda, em semelhantes casos, uma creação de deveres.

O sentimento poetico dilata como nenhum outro o coração, ao ponto que nelle agazalha o idéal. Todos os bens que podem ser alvo da ambição humana, todas as perfeições, todos os idéaes presuppõem no individuo ou no povo que os afaga e propugna uma vehemencia de sentir só habitual nos allucinados que os antigos privilegiavam com faculdades divinas.

O idéal politico, por exemplo, não se cultiva sem uma dose de poesia no caracter. E' necessario possuir essa sensibilidade no gráu em que a possuem os poetas para achar o desprendimento que requerem as obras, cujos beneficios não se espera gozar ou não serão gozados sem partilha. Aquelle que vè na arvore tão sómente a lenha com que entreter o fogo da sua lareira é um ente immoral, e é immoral porque não é poeta. A poesia dá outro valor e outro aspecto ás cousas. Tornando-as bellas, acrescenta-lhes á utilidade um attributo que em tempo algum desmereceu a sympathia, a benevolencia, o amor, o enthusiasmo, porque nelle chegou a mente humana a descobrir um reflexo da perfeição devina.

Citei ha momentos o conceito de um amavel philosopho, segundo o qual flo-

resce a poesia ao lado da generosidade. Isto foi dito a proposito daquelle excelso idealisador que inscreveu numa pagina das *Contemplações* este verso, digno de figurar entre os versiculos do Evangelho :

Béni soit qui me hait, et béni soit qui m'aime.

Se assim fala o poeta, que só o é quando empresta sua voz á sinceridade e faz da palavra uma projecção do pensamento, é que á poesia bem se ajustam os termos em que a definiu outro dos seus eleitos : ella é, na verdade, o heroismo do espirito e da alma.

*
* *

Dizendo o bem que posso da poesia, eu não ignoro, Senhores, certas restricções que espiritos argutamente analyticos têm feito a esta confiança, de que participo, na sua beneficencia. Assignam elles, não directamente á poesia, mas á arte, que vive do seu alento creador, a possibilidade de effeitos menos salutares sobre a moral e o destino da sociedade.

Ha em primeiro logar o perigo de que o artista, valendo-se dos meios eminentemente suggestivos de que dispõe, nos mova á sympathia pelas paixões grosseiras e elementares, pelos caracteres degradados, pelos instinctos que intercalam na vida civilizada excerptos da vida barbara e da vida dissoluta. « Quem sabe, pergunta Guyau, o numero de libertinagens reaes a que tem induzido a pintura da libertinagem? » E tanto maior se afigura o damno possivel, quanto mais timbra o artista em proclamar, em quanto artista, a sua independencia em face da moral. Mas pergunto eu : o estado psychologico, de imaginação e sensibilidade em que um escriptor, um pintor inventa ou reproduz da natureza espectaculos que contradizem a cultura das idéas, os sentimentos do seu tempo, a moralidade já adquirida pela sua sociedade, será porventura o genuino estado poetico, o momento de inspiração ou allucinação que transfigura a natureza e dá vista para os infinitos horizontes de além do real? Haverá poesia em certos quadros de uma excessiva e rasteira escola realista, onde não fulge siquer a esperança furtiva de um mundo e de um destino melhores? Duvidemos. E' o proprio Guyau quem nos anima a duvidar, protestando com o seu pensamento alto e generoso : « Mas as idéas mais elevadas do espirito, que são a meu ver o thema da grande poesia e da grande arte, consideramol-as nós como inherentes á propria poesia, mais ainda, como constitutivas da alma do poeta ou do artista. » Seguramente, nem tudo o que luz é ouro. Nem tudo quanto se diz feitura de arte implica necessariamente o estro poetico, a flamma interior a cuja radiação nos sentimos tanto acima da crua materialidade quanto a estrella está do verme. Conheceis as obras sem elevação e sem enthusiasmo : são as obras sem poesia.

Cabem aqui as palavras de outro excellente mestre da esthetica moderna, a proposito desse realismo que fez absoluta abstracção do sentimento moral : « A poesia é o idéal e o progresso ; a emoção poetica outra não é senão a emoção da alma á face do que a eleva

CHRONOMÈTRE ROYAL, VACHERON e CONSTANTIN, de Genève,
O primeiro relogio do Mundo.

a engrandece e lhe traça mais vivamente o caminho para esse progresso a que ella aspira. » E mais esta irrecusavel these do mesmo Véron : « Todas as cousas eguaes, a obra que respira o amor e a intelligencia da liberdade será evidentemente de ordem superior á que fôr animada por menos generoso pensamento. »

Outra influencia deleteria attribuida á arte é a que assignala Émile Hennequin — sobre algumas virtudes nacionaes, a coragem, o patriotismo, as virtudes guerreiras, em que se funda o poder e a propria existencia dos povos. Assegura-se que o gosto, a paixão das letras e das artes jámais preparou as nações para as grandes emprezas e campanhas que requerem extremos de actividade e energia; que a satisfação ociosa desse gosto, substituindo por emoções estheticas, ficticias, o desejo de experimentar emoções reaes, debilita *ipso facto* a vontade, amollece o caracter, inhibe a impetuosidade precisa para as refregas em que o homem tem não raro necessidade de ser leão... e outras vezes de ser lobo.

Amansando os caracteres, adoçando os costumes, — argumenta o sabio critico, — a arte vai tornando os homens compassivos para com os semelhantes e impedindo-lhes que se odeiem com odio selvagem. Consequencia : mantido o estado de guerra entre os povos, menos males infligirá aos outros o povo letrado que o povo sem artes. « Assim, o habito dos prazeres estheticos, favoravel á solidariedade humana, vem a ser prejudicial á existencia das nações. »

Senhores, que maior elogio se poderá fazer da arte do que fazer-lhe esta critica? Qual de vós, filhos da civilização, lhe preferira essa activa e prestimosa barbaria, com todas as suas qualidades batalhadoras, seus instinctos formidandos de defesa, suas vantagens na aggressão, sua potencia furiosa e malefica, ainda ao serviço das patrias que muito sacrificio merecem? A civilização não está precisamente na quéda dessas garras de tigre?

A civilização, diz Sergi, « não consiste no numero de canhões e soldados, nem na posse da melhor cidade ou das melhores rêdes ferro-viarias; estes são os productos da cultura e da sciencia, effeitos uteis do progresso para o bem-estar individual e social. A verdadeira civilização consiste na perda dos sentimentos da violencia e na acquisição dos da brandura e da paz, communs com os da sympathia social mais extensa possivel. »

Se a poesia é o oleo capaz de amainar as tempestades humanas, se a arte possue a virtude de illudir essas disposições hostis que o moralista, o philosopho, o sabio, o estadista, o publicista, o politico, o sacerdote combatem com tanto ardor, acreditando fazer honra á humanidade, não será esse um argumento em prol da cultura, sempre mais extensa e mais intensa, do sentimento poetico e das emoções artisticas? Se ha perigo, este subsiste apenas, claro está, emquanto não se verifica a universalidade dessa cultura. Desde que todos os povos, todas as sociedades, todas as classes adquirissem os mesmos sentimentos sympathicos e pacificos ou se nutrissem das mesmas emoções, nenhuma necessidade mais dessa reserva de força e temibilidade no caracter : estabelecido o equilibrio, o homem teria emfim alcançado a divina cidade do amor e da justiça, que é o seu grande sonho e o seu mais nobre ideal.

Eis, Senhores, para onde nos leva o suave impulso da poesia. Eis para onde marchamos ao soar dessa lyra que os melhores, se nem sempre os maiores

da Especie, trazem pendurada ao coração, vibrando em alguns — nos poetas cantores — com a alta resonancia das expressões do bello; em outros, no maior numero, naquelles a quem chamarei — os poetas mimicos — extremecende num soido secreto e concentrado, marcando o rythmo da sua vida moral attrahida para o bem. E de um ou de outro modo, insinuando esta conclusão que rejubila as consciencias : essa magico instrumento foi dado ao homem para reger a harmonia universal.

***

Depois do que tenho dito, e porque assim pensava, Senhores, não me podia em certo sentido surprehender que vós, poetas, confidentes da musa magnanima que « inspira os nobres sentimentos e as nobres acções, assim como os nobres escriptos », olhasseis com sympathia para essa especie de thebaida donde vou prestando, como posso, a minha homenagem á Deusa.

Esta festa... é ainda um poema. Sim, um poema feito de bondade e graça radiosa, com os delicados gestos, encantadores, muito gentis, mas muito naturaes, de vossa alma.

XAVIER MARQUES.

Um Brasileiro em Coimbra, Gomes da Silva

São de um folhetinista portuguez as seguintas linhas a respeito de um nosso espirituoso patricio, quasi desconhecido no Rio de Janeiro :

« Quando eu fui para Coimbra, faz agora justamente cinco annos, a minha casa era a antiga casa do celebretico Anthero, o lente Felippe de Quental. O proprio Anthero ahi viveu, segundo a tradição, num quarto destinado, ao tempo em que se constituiu a minha republica, a Antonio Gomes da Silva — talvez o mais engraçado e delicado poeta que o Brasil até hoje enviou para Coimbra e que, desde que voltou para terras de Santa Cruz, nunca mais deu signal de si aos amigos de Portugal.

Nessa casa, foi-me adjudicado o quarto maior, comprido e largo como um eirado de herdade rica. Esse privilegio não me foi concedido pelos meus bonitos olhos, mas por ser eu quem levava mais mobilia. Minha mãi enchera malas e malas com o meu enxoval de caloiro. A minha cama era larga como um leito de casados — affirmavam, a uma, a lavadeira, a engommadeira e as outras tricaninhas que, por acaso, se utilizavam da minha aposentadoria.

Eu levava uma grande commóda, uma grande estante, vastos bahús, uma secretária, cadeiras, lavatorio com pedra de marmore ; e, a primeira compra que lá fiz — por dezeseis tostões, se bem me lembro — foi uma larga banheira, onde ás 4 da manhã, na força do inverno, eu martyrizava o corpo com grandes esponjadas de agua fria.

De modo que, sem querer, sem dar por isso, quasi me constituo rival do celebrado Cerqueira, um ricaço esplendoroso, que se permittia o luxo de trazer,

todos os dias, crysanthemos na botoeira, de ter carruagem com trintanario e de regalar com ceias sumptuosas o ventre de muito literato esfaimado.

A meia duzia de tarécos, que encostei ás paredes do quarto e que em Lisboa seriam uma vergonhosa mobilia, em Coimbra quasi fizeram escandalo: e muito risonho algarvio, muito beirão deslumbrado me entrou pelo quarto dentro, limpando respeitosamente os pés e dilatando as narinas de gózo, como num "boudoir", de uma condessa de Bourget.

Gomes da Silva adoptara involuntariamente uma simplicidade ascetica no seu quarto de dormir. Tinha apenas tres moveis, além da mala: uma cadeira coxa, uma mesa cambaleante, com véla, tinta, papel e penna, para as vigilias literarias, e finalmente uma cama, que servira de modelo, a Siqueira, para o catre de Camões — uma cama estreita, baixa, com um lençol sobre que o poeta atirava á noite, á laia de cobertores, o casaco, o collete, a camisa, as calças, as meias e as ceroulas.

Durante tres annos eu soube, apenas por tradição, que Gomes da Silva possuia um casacão magnifico, estofado, luxuoso, siberiano como um casacão de principe. Ao ir e ao voltar de férias, tomavamos comboios differentes, elle para o Porto e eu para Lisboa. E, como ao chegar e antes de entrar em casa, Gomes da Silva o ia sempre pôr em logar seguro, de onde só sahia quando o dono tornava a deixar Coimbra, nunca me foi dado enxergar o mysterioso casacão, durante os tres primeiros annos da minha formatura. Finalmente, num dia de viagem em commum, tive o alegrão de o ver entrar no comboio, com o casacão maravilhoso, na verdade magnificamente invejavel, emquanto eu tiritava no meu sobretudo delgado e baratinho.

Do proprio contraste entre o meu quarto e o delle, tirou Gomes da Silva a desforra, quando houve um começo de incendio na cozinha da republica. A casa encheu-se toda de fumo e, emquanto eu hesitava, perplexo, sem saber se havia de pôr a salvo ou a estante, ou a commoda, ou a secretária, ou os bahús, o Gomes da Silva, muito risonho, levava para a rua todos os seus bens, dentro de uma mala de mão!

Escritores e Artistas

Como de costume, o *Almanaque* registra ainda neste numero uma serie de retratos de intellectuaes, prosadores ou poetas.

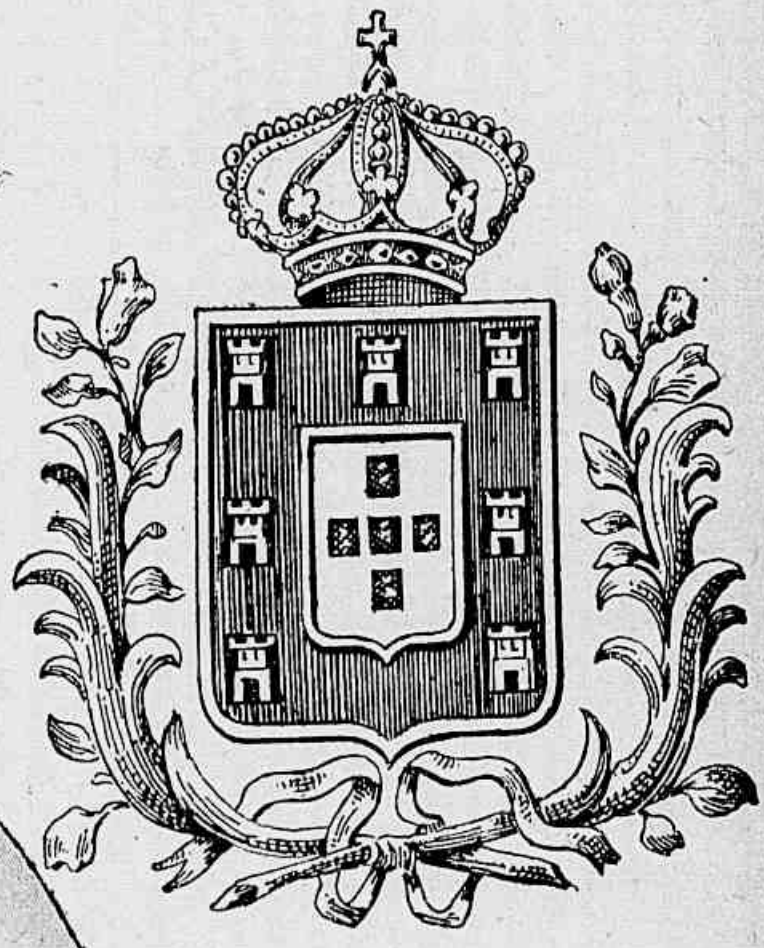
Reunem-se aqui: o publicista mineiro Nelson de Senna, bacharel em direito, nascido em Sorro Frio, 1876, e autor de numerosas obras literarias, criticas e scientificas que lhe tem grangeado solida reputação; o Ernesto Senna, jornalista, redactor do *Jornal do Commercio*, que se dedica a excavações historicas nas horas que lhe deixa livres o seu labor da imprensa diaria e os demais, que são quasi todos jovens, mas já familiares ao publico.

Paginas de Retratos

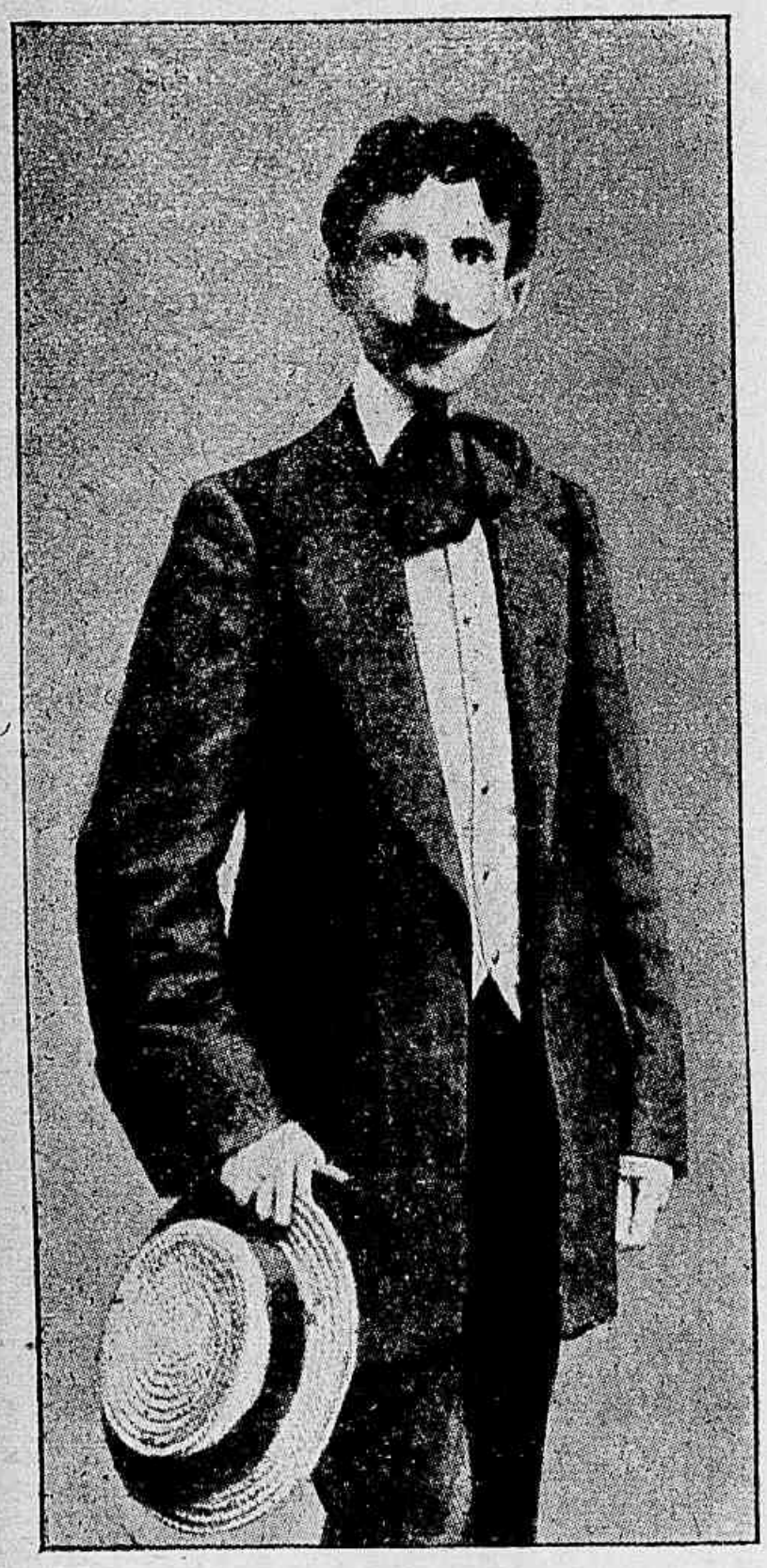
Sua Magestade D. Manuel II,
Rei de Portugal.

Dr. Affonso Penna, Presidente
da Republica dos E. U. do Brazil.

Dr. Nilo Peçanha, Vice-presidente
da Republica dos E. U. do Brasil.



Sua Alteza D. Affonso, actual principe herdeiro de Portugal.



O poeta Luis Pistarini.

O poeta Giovanni Costa (Piauhy).

Elysio de Carvalho,
critico.

A. Timoteo, premio de viagem.

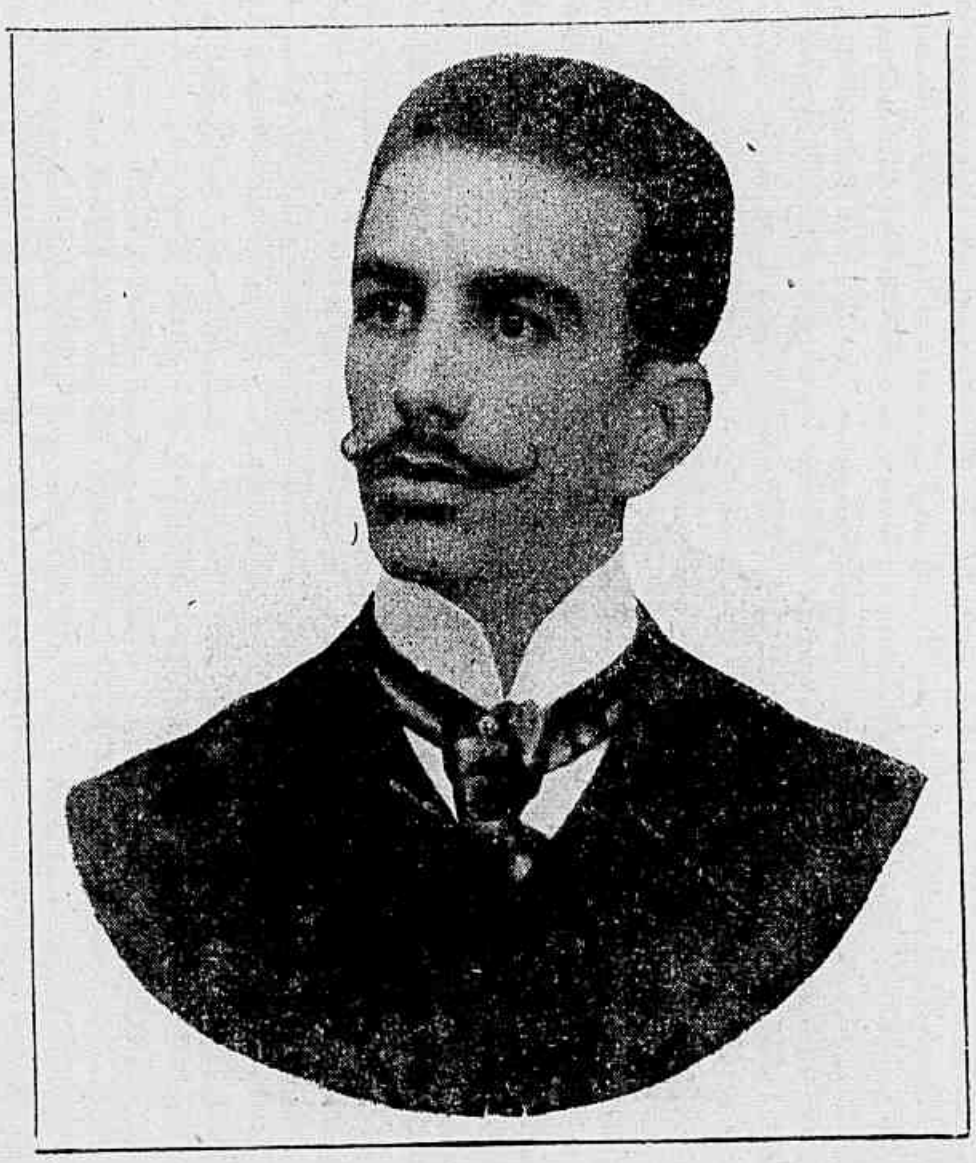
ERNESTO SENNA,
Redactor do *Jornal do Commercio*.

OLEGARIO MARIANNO,
poeta.

CARLOS CHAMBELLAN,
1º premio de viagem, E. B. Artes 1906.

O escriptor Dr Nelson de Senna.

Theodoro Rodrigues, poeta.



Almachio Diniz.

PAGINA ARTISTICA

Exposição de Bellas Artes

Quadro de A. Timoteo

Quadro de Chambellan que obteve o 1º premio de viagem. (*Retrato de José Marianno.*)

Quadro de A. Timoteo.

Samaritana

Eil-o a seguir assim, passo tropego, incerto.
Essa poeirosa estrada onde, de espaço a espaço,
A tristeza e a dor, o infortunio e o cansaço
Fazem alas e vão-n'o seguindo de perto.

Segue tristonho e só. E cada vez o deserto
O apavora, de mais e mais tropego o passo
Se torna, ao claro sol, cujo ardente mormaço
De sêde e de calor vae matal-o, de certo.

Porém, um pouco além, no seu caminho, vêde,
Ha alguem que se adeanta e com pasmo e com magoa
Dá'lhe balsamo e alivio ao cansaço e á sêde.

Sêde egual ou maior que essa do pobre, eu trago-a
Em meu peito e não daes a este pobre que pede
Nem um pouco de amor, nem um cantharo d'agoa.

VEIGA MIRANDA.

Perystilo do Sonho

Templo de Budha, templo de Nirvana,
Que eu entro agora exhausto de cansaço,
Chego as teu sólio e dispo essa profana
Véste que arrasto ha muito e a despedaço.

Quero o socego, a calma, a soberana
Indifferença e o sonho... E em teu regaço
Busco tudo isso que na estepe humana
Fugia como a sombra ante o meu passo.

Quero encontrar na tua face muda,
O' Cákia Muni Sonhador, ó Budha,
O desprendido e sabedor exemplo

Que ha de deixar no livro que ora escrevo
Essa penetração e esse enlevo
Que se respiram dentro do teu templo.

VEIGA MIRANDA.

Teu Nome

Teu nome para mim é orvalho cristalino
Que, viçosas, me faz desabrochar no seio
As flores já fanadas ;
— Harpa eolia que me arrouba em ineffavel himno,
Em vertigem de som, de amôr, febre, de anceio,
Dedilhada por fadas.

Teu nome para mim — sól que extermina
Toda a noute polar que tenho dentro da alma,
Acerba e lancinante,
E' mar em cujo bojo em mistica surdina
Ha sereias cantando em remansosa calma,
Berceuse fascinante.

Teu nome para mim — aroma capitoso,
Redolencia subtil de lírios e de rosas
Que a vida me inebria, —
E' o calice onde sorvo o nectar dulçoroso
Do amavio, da paz, das emoções ditosas,
Da luz e da harmonia.

Teu nome para mim é vara sacrosanta
Que me faz rebentar no rochedo do peito
A Castalia do amor!
E' o terno rouxinól que, rithmico me canta
Sobre as ruinas da alma, alacre e satisfeito
Em magico dulçôr!

Fortaleza.

MARIO LINHARES.

Versos

A tua voz tão doce
E meigamente branda.
Vence o gradil que nos separa e vem
Encher-me a casa, como si ella fosse
A voz de meu canario, na varanda,
Chorando a ausencia de um perdido bem.

E ella vibra no espaço
Da minha Soledade,
Como os raios de luz de um sol de amor;
E, pelos altos muros do terraço,
Vae, com aureos festões, cobrindo a grade
Que nos divide, um jasmineiro em flor.

Não sei si és linda ou feia,
Porque (desgraça minha!)
Ainda o rosto não te pude ver,
Mas ouvindo a voz, voz de sereia,
Supponho não haver no céo, visinha,
Quem possa em formosura te exceder.

Então, desejo immenso
Mudar-me em jasmineiro
E destes altos muros atravéz,
Ficar, florindo, sobre ti, suspenso,
E, quando a voz te ouvir, como um chuveiro,
Cobrir-te o corpo, da cabeça aos pés...

Minas Geraes.

BELMIRO BRAGA.

INSTALLAÇÕES

DE

Machinas Industriaes

PARA

METAES E MADEIRAS

ACCESSORIOS E FERRAMENTAS

Especialidade n'essa Importação

GRANDE EXPOSIÇÃO PERMANENTE

Agentes e Depositarios :

DE IMPORTANTES FABRICAS INGLEZAS E AMERICANAS

Motores a vapor, Gazolina, Gaz pobre e Electricos.

Aparelhos " OZONE "

de Gaz inexplosivo para Illuminação e Cozinha

SCHILL & Cº

Rua S. Bento, 30 (esqª da Avenida Central) RIO

MANCHESTER, BUENOS-AYRES, SÃO PAULO, VALPARAIZO, ETC.

O POETA DOS BEIJOS

A Alfredo Pujol.

Numa linda manhã de maio ultimo, a cujo sol desabrochavam rosas, enchendo-me de suggestivos perfumes o gabinete, estive a palestrar com Bruno Seabra, que floresceu e fructificou ahi por 1862.

Sacudido o pó da capa, esburacada já pelas traças irreverentes, baixara elle de esquecida estante, para, junto á secretaria em que trabalho, entreabrir os labios de velho, paginas do passado, num lento reconto de seus gostos, — gostos, não vicios.

Fôra doido por beijos um paraense de largas melenas e grosso *cavaignac*, a quem os historiographos literarios collocaram á frente dos poetas de transição, assignalando-lhe qualidades de lyrico humorista.

Cantou, menos indiscretamente: descantou numerosas damas claras e morenas, solteiras e viuvas, jovens e anciãs, que acudiam a nomes diversos, ora burguezes, ora fidalgos — Anninhas, Beta, Cora, Delia, Eugenia, Felicia, Francina, Graziella, Ignez, Joanninha, Julieta, Lucia, Lydia, Masilia *et reliquae*.

Si lhe faltava uma para a letra *H* ou para a letra *K*, tinha tres para a letra *F*, duas para a letra *J* e outras tantas para a letra *L*, o que estabelacia o equilibrio do alphabeto amoroso pela theoria das compensações...

Adivinhando João de Deus, com o qual teve pontos de contacto intellecto-labiaes, convencera-se de que

« Um beijo na face
Pede-se e dá-se »,

e pediu e deu beijos, a torto e a direito. Isto, no sentido commum e juridico; pois chegou a furtar não poucos, sem temor das penas comminadas no artº 257 do antigo Codigo Criminal, a que corresponde o 330 de lei penal vigente.

Nas beijocas furtatorias, então rencontrava um sabor especialissimo, o do fructo prohibido; reputava-as superiores ás de mais, emprestando-lhes valia exagerada quiçá:

« Prefiro... um beijo a furto á gloria de um laurel. »
« ..... é achar um thesouro
Conseguir um beijo a furto. »

Assim nos descreveu o despertar de uma *bella adormecida:*

« Desperta... em meus braços... furtava-lhe um beijo.
Ninguem me condemne, que o réo foi Amor. »

E Cupido que marchasse para o xadrez, entre dois guardas civis, a espiar a culpa, sem appello nem aggravo!

Em tados os seres da natureza descobria imitadores, não escapando insectos e aves os mais innocentes:

« Uma abelha disse á Rosa:
— A' rainha do vergel
A sultana da colmêa
Traz um beijo todo mel. »

« Olha as flores vem sorrindo,
Dos verdes ramos caindo
Aos beijos do colibri. »

Mas não admira que tal succedesse, porquanto no torrido norte, segundo o vate, homens e passaros andavam á compita amorosa em vindo a frescura da tarde:

« Os amantes colhem beijos
A' sombra dos laranjaes;
E os cupidinhos das flores,
Os colibris inconstantes,
A exemplo dos amantes,
Se beijam nos cafezaes. »

Era talvez quando se lhe alterava a visão. A seus olhos, os beijos pareciam juritys ou canarios, e os cabellos de Anninhas violetas ou jasmins. Pululavam os trocados, como:

« Eu vi *aninhar-se* um beijo
Nas flores de tuas tranças. »

Em outros momentos, elle proprio se julgava armado de azas... para melhor exercitar as gratas funcções:

« Si tu me desses um beijo,
Eu, colibri, que me alento
Do mel que alguns labios tem,
Te abraçava num adejo,
E, de teus beijos sedento,
Dera-te... um beijo tambem. »

Uma feita, esvoaçante e de bico em riste, accommeteu certa Felicia, que tratou logo de professar com receio de novos ataques.

Bruno Seabra não chorou, mas riu amarello:

« Adeus, raparigas! Estou decidido...
Não sou mais quem era, mudei de carreira;
Pois façam de conta que tenho morrido,
Que vou-me a ser frade no claustro da freira! »

Os beijos constituiam uma verdadeira obsessão no saudoso trovador; andava sempre ás voltas com pensamento dos mesmos:

« A' noite, nos meus delirios,
Da febre de amor e zelos,
Beijo um a um os fios
Da trança de teus cabellos.

Cada beijo é uma estancia
Dessa magica poesia,
Que no craneo me labora
O peso dessa agonia. »

Coitado!

No baile, si gentil patricia, reclinada a seu flanco, agitava langorosamente o leque plumoso, a refrigerar os seios, inda offegantes da valsa, murmurava supplice, tremulo de emoção:

« Agora... agora... que propicio instante
Para o beijo de amor, que amor implora! »

E na rua?

Na rua, bastava-lhe ver uma pequena, dessas da *côr da pipóca do lado que não rebenta*, para avançar com o indefectivel peditorio:

« Moreninha, dás-me um beijo?
— E o que me dá, meu senhor?
— Este cravo.
— Ora, esse cravo!
De que me serve uma flôr?
Ha tantas flores nos campos...
Hei de agora, meu senhor,
Dar-lhe um beijo por um cravo?
E' barato; guarde a flôr.

— Dá-me o beijo, moreninha,
Dou-te um córte de cambraia.
— Por um beijo... tanto panno:
Compro de graça uma saia!
Olhe que perde na troca,
Como eu perdera co'a flôr.
Tanto panno por um beijo...
Sai-lhe caro, meu senhor.

— Anda cá... ouve um segredo.
— Ai! Pois quer fiar-se em mim?
Deus o livre eu falo muito:
Toda a mulher é assim.

E' um segredo... um segredo...
—Pelos modos que lhe vejo,
Quer o meu beijo de graça.
Um segredo por um beijo?!

— Quero dizer-te aos ouvidos
Que tu és uma rainha...
— Acha, pois? e o que tem isso ?
Quer ser rei, por vida minha?
— Quem dera que tu quizesses...
— Não duvide que o farei.
Meu senhor, case com ella,
A rainha o fará rei...
— Casar-me? inda sou tão moço...
— Como é criança esta ovelha !
Pois eu p'ra beijar crianças,
Adeusinho! já estou velha. »

Na esperança de apanhar uma roceirinha, até não se importava de *passar pelo diabo:*

« Donde vens, Laura?
— De casa.
— Vais á festa?
— Já se vê.
— Tão sósinha!
— E que tem isso ?
— Vou comtigo...
— Para que?

— Para ensinar-te o caminho...
— Agradeço-lhe o favor;
Eu sei de cór estas bandas;
Obrigada, meu senhor.

— Olha, o demo se te encontra...
— Pergunto ao demo: « Que quer? »
— E si elle quizer um beijo?
— Dou-lhe até mais, si quizer.

— Ora, anda cá; dá-me o beijo,
Porque o demonio em mim vês...
— Já me estava parecendo;
Ficará para outra vez...

— Vá, desta vez um abraço...
— Abraço?
— Sim; o que têm?
— Mamãe me disse outro dia...
— E que te disse a mamãe?

— Que a rapariga solteira,
Em abraçando um rapaz,
Ferve-lhe o sangue nas veias
E depois...
— E depois?
— Zas!

Arregaçando o vestido,
Deitou-se Laura a correr
Deixando-me boqui-aberto
Co'o sangue todo a ferver. »

Cruzes, canhoto! creio ouvir de uma virtuosa matrona (as matronas são, regra geral, virtuosas).

As representantes do sexo fragil no extremo septentrional, quando não de todo ariscas, se mostravam algo desconfiadas, pelo menos :

« Formosa, Lucia, confesso
A teus olhos que não peço
Outro beijo a mais ninguem
Desde esta hora bemdita.
— Não acredito...
— Acredita,
Juro-te, Lucia!
— Por quem?
— Por este amor!

— Basta, basta;
Juramentos dessa casta
Falham muito.
— Si eu jurar
Por um vestido de folhos,
Que te prometto?
— Meus olhos
Querem ver para acreditar.

Alguma, porêm, mais ambiciosa, ou mais tola, escorregava, devido ao mel que o nosso heroe lhe passava pelos beiços.

Haja vista áquella cachopa sedenta de figurar em um romance, cujo autor, ao terminal-o, lhe desse a mão de esposo...

O poeta, que principiára blandicioso e excitante :

« Dá-me um beijo... Póde um beijo
Deixar-te, acaso, senão? »

« Mesquinha! pródigas, outras
Quantos beijos ahi dão? »

acabou logrando-a e divulgando o logro :

« Beijei-a... Porêm o beijo.
Arrefeceu-me a paixão...
Hei de compôr-lhe o romance;
Mas, casar com Lydia? Não! »

Os versos das FLÔRES E FRUCTOS, a sua melhor obra, que não tem beijos, carecem simplicidade, ternura e graça. E são poucos esses, porque até paraphraseando uns do francez, em que não havia beijos, poz-lh'os de casa...

A lyra que tangia contava uma só corda, o thema musical não variava ; ler um canto, é ler todas : beijos e mais beijos, beijos sobre beijos, beijos ainda e sempre beijos!

Desta conversa com a mumia, em matinal lazer do mez das flores, concluí :

1º) Que a obra em questão, aliás interessante, raia, a espaços, pela monotonia, de que nem o sublime se livra, quando continuado;

2º) Que o poeta, honesto embora, era um exemplar typico de erotomano, como os cavalleiros andantes da idade Media, pertencendo igualmente á literatura e á psychiatria.

Já tel-o-ia dito Osorio Duque Estruda, nas repetidas conferencias sobre *O beijo?*

Ignoro-o...

Bruno Seabra, que veio ao mundo em 1837 e delle se partiu em 1876, sem haver fundado, como desejaria, a Ordem de Beijo, viveu e talvez morresse pela bocca, á maneira do peixe do proverbio.

Si a sua alma, convertida num colibri doirado, transpoz as montanhas azues, da tradição indigena, errará agora pelos jardins do céo, em torno ás cabeças das Onze Mil Virgens, da lenda catholica.

E nada mais teria pedido ao bom Deus, no derradeiro paroxismo, ao vidrarem-se-lhe os olhos, com a imagem das formosas da terra na retina, o meigo Barba-Azul, ou por obediencia á technologia, *Cavaignac*-Azul das patrias letras!

Compinas (E. de S. Paulo), 907.

ALBERTO FARIA.

DUPRAT & C^IA
Casa fundada em 1850

Fabrica de Livros em branco e de Carimbos de borracha.
Secção especial de Clichés em Zincographia, Autotypia, Stereotypia e Galvanosplastia.
Trabalhos em Trichromia, etc., etc.
Artigos para Escriptorio.
Dezenho, Pintura e fantasia, Carteiras e Cadernos escolares.
Importação directa de todos os artigos concernentes ao nosso ramo de negocio.

PAPELARIA
TYPOGRAPHIA
DOURAÇÃO
PAUTAÇÃO
ENCADERNAÇÃO

OFFICINAS E DEPOSITO : Rua 25 de Março, 40
PAPELARIA : Rua Direita, 14

Telephone, 78* SÃO PAULO *Caixa Postal, 52
Endr. Telegr. : ***" INDUSTRIAL "***

RODOLPHO AMOEDO

— Na calma das 2 horas da tarde subimos ao *atelier* do mestre Amoedo.

O *atelier* fica no segundo andar de um enorme predio da avenida Sete de Setembro, separado da Cathedral apenas por uma travessa, que é a rua do Carmo.

Ha nesse predio professores de mathematica, consulados e mais pintores, pois que o Sr. Fiuza e o Sr. Macedinho tambem ahi montaram *ateliers*. As escadas rangem. Estamos bem num trecho do Rio Moderno, o Rio que vai a se parisienar abandonando as pequenas habitações por estes collossaes phalansterios.

Rodolpho Amoedo tem o *atelier* rodeado de janellas. Caustique a cidade um calor assolador, naquelle remanso ha sempre a suave atmosphera refrescada pela viração do mar; e seja sob o esplendor do sol ou sob nuvens de chuva, aos olhos dos que chegam ás janellas desdobra-se um panorama vivaz com toda a vida formigante do morro do Castello, o amontoado do casarão trepado na montanha, os grandes pannos de *squares* do antigo largo do Paço.

Amoedo, logo que entrámos, tem uma exclamação :

— Seja bem vindo por esta sua casa!

— O importuno que vem perturbar a eclosão da arte, não é assim?

Não, não é assim, Amoedo, o mestre

Jesus em Capharnahum. — R. Amoedo. — Paris, 1887.

Más noticias. — R. Amoedo. — Rio, 1894.

admiravel da *Partida de Jacob* e da *Mulher Nua*, de jaquetão de brim e bengala na mão, fuma um cigarro, passeando pelo *atelier*. Não trabalha; está pensando. A's vezes um bocado de palestra vem lhe suggerir idéas, vem ferir-lhe ao vivo a inspiração. E' que Amoedo pensa muito as suas obras antes de compol-as. O trabalho de preparo cerebral para a *Narração de Philetas*, a *Partida de Jacob*, a *Saudade* foi de tres á quatro annos. O artista lembra o quadro, o gesto, a idéa que esse gesto tem de exprimir e começa a contruil-o

na imaginação com todos os seus complementos. Depois inicia os estudos. Quantos estudos de carneiros na meia tinta do Angelus fez Amoedo para a *Partida de Jacob?*

Quantos estudos de ambiente para a *Saudade*, procurando aquella hora indecisa de dia já quasi noite em que para os lados da Gavea as sombras são roxas?

Ha no *studio* do mestre uma quantidade desses pequenos trabalhos preparativos.

Mas todos julgarão que, uma vez achado o tom geral, Amoedo realiza com facilidade a obra?

Amoedo é talvez o mais completo, o mais refinado temperamento de artistas da nossa época. O escrupulo, a consciencia artistica, aquelle delirio do incontentavel que tortura todos os creadores, elle os tem desenvolvidamente. E é ainda na grande tela a luta, a batalha surda para domar a inspiração, para fixar um instante, com tudo quanto possa ter de mysterioso, um gesto da natureza, uma vibração de alma nesse gesto.

Está claro que, depois desse trabalho nós temos a sensação de uma grande obra ao ver um quadro de Amoedo. Se deante da maioria dos quadros que por ahi andam, a impressão é a da mediocridade habil ou a do talento sem habilidade, Amoedo impõe-se-nos bem como o mestre da technica e como o suggestionador.

E é essa a sua qualidade precisa, a qualidade dos grandes mestres. Quanto diz de candura, de poesia, de encanto a attenção de Daphins e Clonvo *Narração de Philetas!* Como toda a paizagem é bem o hymno amoroso dessa rhapsodia da Belleza! E quanta tristeza nos traz á alma essa *Saudade* amargurada, a Saudade que parece ser de vez em quando a Musa do pintor, tão sensivel, tão fino, tão vibratil sob a camada de artificialismo do homem de sociedade...

Mas Amoedo, no seu *atelier*, onde os divans de esteirinha são convidativos, vai me mostrando telas, historiando a vida desses pedaços de sua vida. Ha pelas paredes retratos de meninas que são hoje senhoras casadas, retratos de meninos que são agora officiaes de marinha, recordações de Paris, trechos de paizagem da França, uma copia, feita pelo proprio autor, da *Partida de Jacob*, uma encaustica, *Christo descendo o Jardim das Oliveiras*, e retratos, retratos de contemporaneos, retratos que vivem, parecem sahir da tela, vir conversar comnosco, impor a sua opinião.

Mas no canto, entre a janella e a parede, descubro uma tela.

— E isto?

— Ah! isto é um trabalho que eu ando fazendo...

Um novo trabalho de Amcedo, uma das suas telas notaveis! Mas, o mestre não o quer mostrar. Se é ainda uma tentativa, uma simples idéa...

— Como se chama?

— *La nuit choyant l'amour*. Posso apenas dizer-te que é uma especie de visão no luar. A noite preme nos braços o amor e o amor, que está a dormir, é magrinho, é doente...

— O amor! Interessante artigo seria um sobre a concepção do Amor na pintura, desde os amores rochonchudos do Renascimento até os de hoje!

— E' que o amor do tempo de Ticiano, meu amigo, era realmente muito mais solido que o de hoje na época dos automoveis.

E Amoedo, cuidadosamente, esconde a sua tela, receioso que os olhos indiscretos a vejam antes de terminada.

(Extr.)

JOE.

Mater Amabilis

A Francisco Guimarães

Entre montanhas de Galiléa
Venho de baixo, vou para cima;
Trago a mais bella da Judéa
No ouro da Rima!

Subo á Capella, que é de mim mesmo,
— Cruz no telhado, rosas pelo adro —
E sobre as flores que achei, a esmo,
Eu bordo o quadro!

Montes e valles... é de assim terdes,
Ao luar dia do vosso arroubo!
Montes e valles! frios e verdes,
E a uivar um lobo!...

Pomba! Maria procura o ninho,
Na jumentinha de José... Vamos,
Tambem seguindo pelo caminho
Os cães, e os gamos...

Abre-se em flores todo o deserto
Da madrugada nos intervallos.
Ao luar ouvimos, de longe ou perto,
Cantar os gallos.

Ha de o sol de ouro, no azul mostrar-se
Logo, não tarda, rompendo o dia.
E eu trago a estrella do meu disfarce,
Na Ave, Maria:

Ave, Maria! Cheia de graça!
Vae Jesus rindo no vosso collo!
Abre-se em astros o céu, em massa,
E em flôro sólo!

Oh! mãe bemdita, mystica rosa,
Que a jumentinha de José leva;
Abriu-se o encanto que a manhã gosa,
Fechou-se a treva!

Ave, Maria, Nossa Senhora,
Divina e Santa Mãe de Jesus.
Flôr que a minh'alma tambem adora...
Desço da Cruz!

3 de Máio, 1907.

B. Lopes.

FABRICA DE MOVEIS E SERRARIA

AULER & Cia

Fabricação de moveis de estylo e fantasia

Trabalhos de Esculptura, installações de luxo em

CASAS COMMERCIAES E ESCRIPTORIOS

63, Rua Uruguayana, 63

Telephones 476/472

FABRICA:
Rua dos Invalidos, nº 92

RIO DE JANEIRO

Farondola das Horas

A Jayme Guimarães.

Sobre nuvens de ouro,
Com festões de louro,
Passa aéreo bando,
Gyrando!

Claras como auroras
Dansam no ar as horas,
Com gentis meneios
De seios.

Os braços nevados
Como electrisados,
E as ancas redondas
Como ondas,

Sob finas vestes
Se succedem prestes
Em um torvelinho
De arminho.

Circulo de gaze,
Vozes de uma phrase,
Volateando suaves
Como aves!

Fita da que passa
Pelo rosto esvoaça
Da outra que vem vindo
Sorrindo!

De ouro é o traje desta
Que volteia lesta:
E'a hora transitoria
Da gloria!

Essa que se avista
Veste de amethysta:
Vendo-a dizer-se-ha de
Saudade!

Rubro em fina téla
Cobre o corpo áquella:
A hora má do crime
Exprime.

Meu olhar dolente
Sobre a sorridente
Hora da Esperança
Descança...

Tem idéal belleza
A hora da tristeza...
E quem pois resiste
A'triste?

Sob um véo cinzento
Passa em desalento,
Olhos razos d'agoa
A magoa!

Esta que deslisa
Leve como a brisa,
E que após se esgueira
Ligeira,

Rapida e fugace,
Um clarão na face,
E de azul celeste
Se veste,

Hora é de inaudito
Gozo, de infinito
Bem, que apenas sôa...
E vôa!

Essa côr dos ares
Hora é dos scismares...
A outra, toda risos
E guizos

Hora é da folia,
Rósea e fugidia,
Como doudejante
Bacchante!

Passam... voltam todas
D'um festim de bodas,
Leves como a bruma...
Mas, uma.

A feliz, não volta
Pela onda revolta,
Entre o claro bando
Gyrando,

Nunca mais! Apenas
Voltam as das penas
Tardas, somnolentas
E lentas...

Olho o espaço, e em breve
Nuvem côr de neve
Vae se diluindo,
Fugindo...

E pelo ar vazio
Meu olhar envio
Para o claro loto
Remoto

De uma estrella que arde
Vesperal na tarde
Em que a alma se abysma
Na scysma...

28—8—907.

J. M. GOULART DE ANDRADE.

AMORES DE GONZAGA

« ... aquelle augmenta
A bulha que Dirceu com Lauro teve
Por ciumes crueis da sua amasia. »

CARTAS CHILENAS, XI, 15 a 17.

Silvio Roméro acoimou de amphibologico o trecho acima, por não lhe parecer liquida a relação de posse estabelecida pelo determinativo, *sua*, inquirindo de quem era a *amasia*: si de *Dirceu*, ou de *Lauro*? Ora, claro está que do primeiro, pois é elle o sujeito da clausula.

Demais, para nós, nem existiu o segundo, que alli figura devido a simples inadvertencia: o copista do original, ou o compositor typographico, tomando um *a* por um *o*, facilmente confundiveis em manuscripto, masculinizaria a querida menos idéal do poeta... Si houvesse, de facto, similhante desaffecto de Thomaz Antonio Gonzaga, gemeria no potro da satira vingadora, como *Riberio* (Manuel Joaquim Ribeiro), *Silverino* (Joaquim Silverio dos Reis) e tantissimos de cognomes levemente deturpados!

Robustece a nossa conjectura não se encontrar noticia alguma de Lauro, ao passo que se topam duas referencias a Laura, e interessantes ao caso.

Examinemos taes referencias, accentuando-lhes o particular interesse.

São ambas do proprio bardo e acham-se na p. I das LYRAS.

Na de nº IV, o autor deixa perceber, incidente mas não vagamente, que com ella tinha colloquios:

« *Falando com Laura*
— Marilia — dizia,
Sorria-se aquella,
E eu conhecia
O erro de amor. »

Tomava a nuvem por Juno...

Na de nº XVI, verdadeira carta de explicações, melhor, de satisfações á promettida consorte, procura inspirar-lhe confiança, exaltando a fidelidade suspeita, senão increpada de qualquer modo :

« Que tens, Marilia,
Que ella suspire !
Que ella delire !
Que os montes gire
Louca de amor !
Ella é que sente
Esta desdita. »

Temos na passagem supra a descripção allegorica dos desatinos, « ciumes crueis », da outra, a « amasia », feita com vivacidade graciosa á noiva.

O vate, porém, lisongeando esta, accede não poder supplantal-a a rival, inferior physica e moralmente :

« Marilia bella,
Nunca receies
Damno daquella
Que igual não fôr.
Que mais desejas?
Tens lindo aspecto :
Dirceu se alenta
De puro affecto,
De pundonor. »

Quando quizessem considerar apocryphos esses versos, pelo motivo unico de não virem na edição de 1810, a mais antiga das brasileiras, restar-nos-iam os seguintes, que constam da mesma :

« Eu sei Marilia
Que outra pastora (*sic*)
A toda a ora,
Em toda a parte,
Cega namora
Ao teu pastor.
Ha sempre fumo
Aonde ha fogo :
Assim, Marilia,
Ha zelos, logo
Que existe amor. »

.....

« Não anda Laura
Nestas campinas
Sem boninas
No seu cabello,
Sem pelles finas

No seu gibão.
Porém, que importa?
O rico asseio
Não dá, Marilia,
Ao rosto feio
A perfeição. »

A pintura da que, *cega o namorava, a toda a hora e em toda a parte*, equivale á da que por elle *girava os montes, louca de amor.*

Curioso é o cytharedo qualificar, agora, de *rosto feio* o que, antes, tomava pelo de *Maria* a bella.

Desdem postiço de quem comprara e não queria prestar conta exacta...

Do confronto das poesias em analyse, vê-se que numa, a natural, ha a sinceridade do movimento intimo; noutra, a forçada pela circumstancia premente, ha dissimulação reclamada por exterior conveniencia social.

Não acreditamos no platonismo serodio de Thomaz Antonio Gonzaga, homem de 44 annos, nem talvez acreditasse nisso Maria Dorothea Joaquina de Seixas, que, comtudo, lhe perdoaria as fraquezas carnaes, contentando-se com o seu devotamento espiritual em relação a ella, como pensa Olavo Bilac.

Mas, si a nova dos desembaraços publicos da luxuosa Laura chegara á modesta Marilia no recato do lar, compellindo Dirceu á palinodia, nada descobrimos de indiscreto na allusão de Critillo, tanto mais quanto é certo que este, ao contrario dos genuinos anonymos, buscava tambem attenuar o arruido de provavel inimigo maligno: « ... aquelle *augmenta* a bulha, etc. », i. é., *empresta-lhe gravidade que não tem* realmente. Os decasyllabos 15 a 17 da XI das CARTAS CHILENAS collimam, pois, o alvo ferido já em toda a lyra XVI. Podiam e deviam até ser escriptos por Thomaz Antonio Gonzaga sob a mascara de Critillo; na hypothese, o pseudonymo era elemento de prestigio: a verdade apparecia como proclamada por terceiro...

Acresce que, entre o grosso dos jurisdiccionados do ouvidor, não teria causado grande escandalo qualquer bate-bocca delle com Laura, por *ciumes crueis* desta, *sua amasia* (a quem ás vezes confundia com a casta diva, confusão desagradavel a amantes; convenhamos).

Claudio Manuel da Costa, que cantava honestas beldades estando em uso de rapé e de chinó, exerceu as altas funcções de secretario do governo da capitania, sem quebra de respeitosa estima pelo facto de ser amancebado.

A licença de costumes imperava no cyclo da mineração decadente.

O mesmo cabouqueiro arrojado da HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA externou ao proposito:

« A população mineira do tempo de Critillo era em geral séria, activa e conservadora; atravessava, porém, a época do depauperamento das minas. *A sociedade da capital se habituara aos prazeres, ás aventuras romanescas, aos amores occultos.*

« Villa Rica era, guardadas as proporções, como as pequenas côrtes ducaes da Europa, *com os seus deboches*, aliás proprios do seculo passado. »

E importa consignar que, no tocante ás ligações clandestinas do arcade posto

na berlinda da critica, houve exagero, porquanto sabemos, por depoimentos de familiares seus no processo da inconfidencia (devassa de Minas), que *sempre se recolhia cedo a casa.*

Não vivia *de cama e pucarinho com Laura*, não contava amante *teuda e manteuda*, conforme imaginaram os julgadores postumos, dando ao vocabulo — amasia — um sentido restricto, uma força especial, que não tinha ainda na linguagem commum.

Sem rigor demasiado, nem indulgencia excessiva, cumpre paragraphar os ditos amores no capitulo das infidelidades necessarias ou gozos faceis.

Assim, fica á mostra o calcanhar vulneravel do argumento Achilles de Joaquim Norberto, — adoptado não só por Francisco Adolpho Varnhagen, intelligencia de penetração harto duvidosa, mas tambem e infelizmente por Silvio Roméro e Tito Livio de Castro, espiritos de agudeza inconteste, — para excluir do preito da autoria das CARTAS CHILENAS o valente adversario do *Fanfarrão Minezio*...

Em 1865, o operoso membro do Instituto historico do Brasil escrevia com irreflexão e entono — *estar mais que provado não pertencerem as* CARTAS CHILENAS *a Thomaz Gonzaga, porque a este repugnaria*, como magistrado e sobretudo como noivo de Maria Dorothea, *tratar de disputas que com outrem tivera por causa das suas amasias* (quantas e onde lobrigaria o investigador?), *tam sómente para refugir á paternidade das celebres satiras!*

Méro preconceito, como acabamos de demonstrar, logica e singelamente.

Campinas (E. de S. Paulo).

ALBERTO FARIA.

SAUDADE

(*Num postal*).

Saudade — sól que alvorece
De um riso, de uma affeição,
E' estrella que resplandece
Nas noutes do coração.

Filha da alma que se aquece
Do amôr ao doce clarão,
As duras magoas esquece
Só na paz da solidão.

Quando sentimos no peito
Todo o nosso imo desfeito
Num atlantico de amôr,

E' a saudade a ave que trina,
Que canta sobre a ruina
De uma alma cheia de dor!

Fortaleza.

MARIO LINHARES.

Brasil e Portugal Litterarios

BOSQUEJO COMPARATIVO

Quem quer que se interesse pela litteratura de nossa lingua, e conheça, mais ou menos, a evolução das lettras, no Brazil e em Portugal, ha de, notar, sob esse ponto de vista, a manifesta inferioridade, do primeiro dos dois paizes.

E' preciso reconhecer esta verdade.

Ramificação da velha arvore genealogica portugueza, vivemos, aqui, na America do Sul, assimilando a cultura do Velho Continente.

Ainda hoje somos o mercado da intelligencia de Portugal. Lemos tudo que lá se produz, sem que, no entretanto, elles, os portuguezes, conheçam o que de bom nós possuimos.

E' mistér acabar com semelhante situação subalterna. Necessario se faz tornar populares as producções dos engenhos brazileiros na antiga metropole.

Em nosso paiz são familiares (pelo menos entre os homens de lettras) não sómente a litteratura contemporanea portugueza, como tambem os seus classicos.

E' verdade que dos primeiros seculos da colonisação nada temos (e nem isso era possivel) que mereça a attenção de Portugal.

Em quanto no XVI seculo elle contava historiadores, chronistas e poetas como João de Barros, Diogo do Couto, Damião de Goés, Fernão Lopes de Castanheda, Fernão Mendes Pinto, Camões, Antonio Ferreira, Bernardim, Sá de Miranda, Diogo Bernardes, Fernão do Oriente, Francisco de Moraes, Frei Luiz de Souza e tantos outros espiritos illustres, nós que possuiamos? Apenas um poeta mediocre : Bento Teixeira Pinto, que o nosso illustre Varnhagen desenterrou, do pó do esquecimento, e Frei Vicente do Salvador, autor da primeira historia do Brazil.

No XVII seculo Portugal, além de dois grandes e castiços escriptores como o genial Padre Antonio Vieira e o excellente Manuel Bernardes, autor da *Nova Floresta*, contava ainda D. Francisco Manuel de Mello, grande epistolographo; Jacintho Freire de Andrade e Domingos Maximiano Torres, poetas ambos.

São tambem dessa épocha Francisco Rodrigues Lobo, o delicioso bucolico; Sá de Menezes, autor da *Malaca Conquistada;* Vasco Mousinho de Quevedo Castello Branco, do *Affonso africano;* Jeronymo Cortereal, do *Naufragio de Sepúlveda*; e, finalmente, Gabriel Pereira de Castro, da *Ulysséa*, um formoso poema, que certa critica zarolha pretendeu collocar acima dos Luziadas.

No mesmo seculo tinhamos nós Gregorio de Mattos, um poeta positivamente inferior, mesmo para o tempo em que viveu; Eusebio de Mattos, seu irmão; Botelho de Oliveira, Antonio de Sá e outros de nenhum realce.

Sebastião da Rocha Pitta, que é desse tempo deu-nos, no começo do seculo immediato, a *Historia da America Portugueza*, escripta mais para agradar os poderosos da época, do que para ser consultada, no futuro.

Vem o XVIII seculo. Na sua segunda metade fórma-se, no Brazil, o que o erudito Sr. Sylvio Roméro chama — *escola mineira*. Della fazem parte Claudio Manuel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, os dois Alvarengas, Basilio da Gama e Santa Ritta Durão.

Frei Francisco de S. Carlos é desse estadio. E' o autor do poema *A assumpção da virgem*.

Se me não falha a memoria, é o citado autor da *Historia da litteratura brazileira* que diz ser o nucleo dos mencionados poetas superior aos que floresciam, no mesmo tempo, em Portugal.

E' um absurdo.

Para sobrelevar a todos os nossos, basta um : Manuel Maria de Barbosa du Bocage.

Depois deste, Pedro Antonio Corrêa Garção, o autor da sublime *Cantata de Dido*, uma das mais bellas producções do moderno espirito litterario, *Cantata* que o poeta deixou sepultada no meio de um drama insipido; Nicolau Folentino de Almeida, um grande e admiravel poeta; Domingos dos Reis Quita, que, apezar de seu modesto officio de cabelleireiro, compunha tão lindas eclogas; Belchior Curvo Semedo; José Agostinho de Macedo, o terrivel adversario do autor da *Pena de Talião;* Francisco Dias Gomes, D. Antonio Caetano de Souza, Antonio José, a illustre victima da inquisição; Ribeiro dos Santos, Barbosa Machado e outros, no theatro e na chronica; e, finalmente, Antonio Diniz da Cruz e Silva, que escreveu muitas cousas melhores que o *Hissope*, e a cujo merito devemos fazer justiça, apezar da posição antipathica que, como juiz, assumiu, perante os martyres sublimes da Conjuração Mineira.

O confronto que acabo de fazer é-nos, evidentemente, desfavoravel.

Entre nós, Claudio Manuel da Costa, Gonzaga e Silva Alvarenga são os precursores inconscientes da grande refórma litteraria que devia realisar-se na Europa e na America, vinte annos depois. Não tardava o crepusculo do classicismo. Alvorece o romantismo, no começo do seculo seguinte, na culta Allemanha. Ali, na litteratura, Schiller e Gœthe são os seus maiores representantes. Na Inglaterra e nos Estados Unidos surge com Byron, Thomas Moore e Cooper. Na França com Chateaubriand, Madame de Staël, Lamartine, Victor Hugo, Alfredo de Musset e outros. Na Italia com Manzoni e Foscolo. E na Hespanha com Martinez de la Rosa.

O romantismo abrange quasi toda a litteratura do XIX seculo.

Collocado entre o classicismo e o naturalismo, teve que lutar, para não ceder á acção esmagadora das duas escolas. Ha quem supponha que elle não é mais do que a reacção inevitavel do espirito religioso contra o espirito philosophico do XVIII seculo.

O materialismo litterario desse tempo, e cujos principaes representantes são Balsac, Byron, Sainte-Beuve, Edgar Poë e Baudelaire, vem desmentir semelhante assérto.

O que é indiscutivel é que o romantismo é um retorno disfarçado (e explicavel á luz do criticismo historico) á vida e ao gosto da Edade-Média. E' uma como reacção contra o Renascimento.

Seja como fôr elle abriu novos horisontes á nossa litteratura. Teve uma influencia decisiva sobre ella.

Alvares de Azevedo saturou-se das idéas byronianas. Victor Hugo, com seu ardente lyrismo, teve aqui innumeros proselytos. Que o digam Castro Alves, Tobias Barretto e Victoriano Palhares. Musset influenciou poderosamente espiritos brilhantes como José Bonifacio (o moço), Bittencourt Sampaio Teixeira de Mello e Franklin Doria, Casimiro de Abreu, Bernardo Guimarães, Aureliano Lessa e Guimarães Junior.

No romance José de Alencar fez a primeira tentativa de nacionalisação de nossa litteratura.

No theatro Penna e Agrario são os de maior vulto. São autores de comedias que, para o tempo, não deixavam de ter algum merito.

Nascido no Brazil, em 1836, com os *Suspiros poeticos* de Domingos José Gonçalves de Magalhães, o romantismo parece ter prolongado a sua existencia até nossos dias.

Abrindo caminho entre o naturalismo e quanta escola litteraria se tem formado nestes ultimos vinte annos, elle ahi está, assim na litteratura, como na politica.

Em 1825 já elle entrava em Portugal pela mão de Almeida Garret. O poema *Camões* foi o primeiro golpe atirado contra os moldes classicos na Europa Occidental.

O periodo romantico teve ali trez representantes maximos: Alexandre Herculano, Antonio Feliciano de Castilho e o citado autor de *D. Branca*. Alem desses, ha mais uma dezena de nomes distinctos, dentre os quaes Antonio Augusto Soares de Passos e Luiz Antonio Rebello da Silva. Quem tinhamos a contrapôr a tamanhos vultos?

José de Alencar e Gonçalves Dias com os seus indios poetisados? Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Alvares de Azevedo, Castro Alves, Tobias Barretto, Varella, Porto-Alegre? São grandes, porém menores que seus contemporaneos portuguezes.

Dae-me Castilho, e só Castilho! e eu vos darei quasi toda a geração romantica do Brazil. Penso que, durante esse periodo, Portugal nos levou a palma.

Em materia litteraria só lhe temos a contrapôr, com triumpho manifesto para nós, a brilhante geração de poetas que appareceram no decennio que vai de 1880 a 1890.

São desse tempo os Srs. Alberto de Oliveira, Raymundo Corrêa, Luiz Murat, Angusto de Lima e Olavo Bilac. O extraordinario poeta Sr. Luiz Delphino vem doutras gerações, e com elle o Sr. Machado de Assis.

E' o nucleo mais fulgurante de nossa poesia. Veio com as idéas parnasianas, trazidos de Paris por Arthur de Oliveira, o bohemio genial.

A reforma operada, na França litteraria por Leconte de Lisle, Theodoro de Bauville, Theophilo Gautier, José Maria de Heredia e outros teve uma influencia notavel no destino da poesia brazileira. Que aproveitou ella com o advento do parnasianisino?

O culto da Forma, e isso é bastante. Mas Portugal já tinha, antes de 1870, dois grandes poetas, que bem podemos considerar parnasianos, que de facto o eram. Quero referir-me a Guilherme Braga, autor dos *Heras e Violetas*, uma nobre victima do esquecimento dos homens, e Claudio José Nunes, das *Scenas Contemporaneas*, de quem disséra um seu compatriota e eminente escriptor que fazia versos francezes como Victor Hugo, e portuguezes como ninguem.

Guerra Junqueiro é o nome mais glorioso desse tempo.

***

Parece-me provada a nossa superioridade, no dominio da poesia, de 1870 para cá.

E no terreno da historia e da critica? Onde é que já tivemos um Oliveira Martins, um Theophilo Braga, um Camillo, um Pinheiro Chagas, um Alexandre Herculano?

No romance jámais chegámos a ter um Eça de Queiroz.

O nosso melhor romancista vivo é, sem contestação, o Sr. Aloysio de Azevedo. Deve-se, depois delle, lembrar o Sr. Joaquim Maria Machado de Assis, autor de dois romances que poderão ser lidos, com agrado, em qualquer tempo, pelas bellezas de estylo e apuro de phrase. Alludo ás *Memorias posthumas de Braz Cubas*, e a *Quincas Borba*.

E o Sr. Coelho Netto?

E' o maior exemplo de operosidade litteraria, neste paiz. Operosidade excessiva.

Mas a culpa será do escriptor?

Fico que não. Tivesse o Sr. Coelho Nelto uma vida repousada, de pleno conforto, possuisse uma solida cultura scientifica e philosophica, fosse outro o meio onde floresce o seu brilhante espirito, e legaria á nossa litteratura, não direi uma dezena de romances daquelles que fizeram a fortuna e a immorta-

lidade de Zola, mas trez ou quatro dos que grangearam para Eça de Queiroz o justo renome de que gosara.

E' preciso que nos recordemos de que este paiz de vinte milhões de habitantes conta 80 % de analphabetos. Não estamos ainda preparados para as cousas do espirito.

As lettras aqui são uma iguaria muito fina e delicada, que poucos poderão apreciar.

A indifferenca é aniquiladora.

O publico dos poetas são os proprios poetas. Ser litterato nesta parte da America é uma pessima recommendação.

Muitos o encaram como um ser incapaz para as grandes lutas da vida.

Presentamente nós possuimos escriptores e poetas, que honrariam a mais culta litteratura do mundo, e que se acham fatalmente condemnados á asphixia de um meio brutificador.

Os Srs. Alberto de Oliveira, Luiz Delphino, Luiz Murat, Raymundo Corrêa, Olavo Bilac e outros seriam portadores de um nome universal, se tivessem nascido na França.

Se a lingua de Vieira fosse tão falada com o são as de Byron e Lamartine, os nomes de João Ribeiro, Julio Ribeiro, Raul Pompeia, Mello Moraes Filho, Sylvio Roméro, Xavier Marques e outros muitos escriptores nacionaes, já teriam transposto os nossos horisontes.

Com o advento de nossa emancipação litteraria, tentada por Alencar e Gonçalves Dias, no começo da segunda metade do seculo passado, nos avantajamos, visivelmente, do velho Portugal, no terreno da poesia.

Que dizer da novissima geração que vem raiando do outro lado do Atlantico, e que já conta, entre os seus espiritos mais brilhantes, o Sr. Antonio Corrêa de Oliveira, um grande poeta do seculo XVI, surgido, pela lei do atavismo, no seculo XX?

Nunca o Brazil viu um geração tão fraca como a ultima que ahi está.

Refiro-me áquelles que têm apparecido de 1900 até hoje. Muita producção barata, reveladora de pouco estudo.

Preferem ler Rostand e outros poetas da moda, a lerem o velho e inegualavel Camões (de Camões elles só conhecem os Luziadas), Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Ferreira, Sá de Miranda, Rodrigues Lobo, Bernardes, Vieira, Bocage, Philinto, Castilho e tandos outros sabedores da lingua que falamos.

São uns velhos bolorentos, dirão.

Velhos sublimes! fostes vós a alma creadora desta lingua, bella e harmoniosa, que presamos, e ás vezes tão maltratada por aquelles que a tentam profanar!

Prefiro a convivencia dos velhos á companhia dos moços.

Mas no meio desta geração a que acabo de referir-me, é de justiça mencionar alguns nomes que se estão impondo, pelas esperanças que despertam.

São elles os Srs. José Maria Goulart de Andrade, um poeta de muito talento objectivo; Annibal Theophilo, um temperamento de fino estheta; Alves de Faria, autor das *Rosas*, um vigoroso poeta; Silveira Netto, uma alma de philosopho; Pereira da Silva, um emocional de muito merecimento; Gonçalo Jácome e Luiz Piztarini, duas organisações accentuadamente lyricas.

São nomes muito promissores esses que destaco da ultima geração de lettras do Brazil. Mas estão ainda longe de emparelhar com os da brilhante geração que immediatamente a precede, e que é a melhor que possuimos. E' chegado o tempo dos nossos novos intellectuaes se convencerem de que só pelo estudo da sciencia, da philosophia, da historia e da alta litteratura é que deverão triumphar.

Sem os conhecimentos das sciencias positivas, base de toda cultura humana, jámais conseguiremos amadurecer o pensamento, encadeando os nossos raciocinios.

Sou dos que prevêem a morte da poesia. As sociedades humanas caminham para uma phase de utilitarismo, para a formação do homem pratico.

A sciencia, a philosophia e a historia tendem a dar cabo da litteratura amena.

Os espiritos mais graves, aquelles que se preoccupam com os phenomenos mais serios da vida, preferem a muito romance que nos mandam de França e de Portugal, um folheto que se occupe da valorisação de nosso café, no estrangeiro.

Estou com estes ultimos.

Não ha nada mais prejudicial a temperamentos delicados, que um livro mediocre, desses que fazem parte de litteratura da encommenda.

A America do Sul será, por muito tempo ainda, o melhor mercado para a ralé da producção litteraria da Europa.

Não ha mais seguros consumidores para quanto ingrediente se prepara na outra metade do planeta.

Até quando viveremos nós, parasitariamente, aqui, á beira do Atlantico?

Quando teremos uma musica e uma poesia, verdadeiramente nacionaes? A poesia popular do Brazil é de emprestimo. Importamol-a dos portuguezes.

Propriamente nossos, parece-me, são os chamados *romances de vaqueiros*, que o Sr. Araripe Junior, andou a colligir no Ceará.

As xacaras ou romances publicados, em volume, pelo eminente Sr. Sylvio Roméro, são os mesmos que figuram (mais ou menos modificados, confórme a adoptação local) nos romanceros portuguezes de Garret e Theophilo Braga.

E o typo nacional?

E' um mytho. A concurrencia dos trez elementos ethnicos que formaram o povo brazileiro é a maior das nossas infelicidades.

Povo sem tradições e sem costumes proprios, de uma ethnogenia complexa, tão cedo não teremos um typo definitivo, caracteristico de nossa raça.

Somos, por assim dizer, um producto teratologico na grande familia latina.

Vêde a Italia, a França, Hispanha, Portugal e as nações da America Castelhana; meditae nas suas origens, nos elementos que as constituiram, e dizei-me se fôram tão infelizes como nós!

Somos o paiz dos matizes.

Herdamos a indolencia do indio, as más qualidades do luzitano e a sensualidade caprica do negro.

Mas somos generosos, e amamos a belleza.

Trabalhemos, para progredir.

Só o trabalho vale alguma cousa nesta vida.

Cabe á geração intelligente que vem surgindo alevantar o nome desta terra, que, por suas riquezas naturaes, pelo talento de seus filhos, está fadada a grandes destino na historia do mundo.

ANNIBAL AMORIM.

CARTAS PHILOLOGICAS

Meu caro amigo — Na carta de hoje submetto ao seu exame a solução de mais um dos problemas apresentados pelo erudito autor das *Curiosidades grammaticales*, — o sr. Martinez Garcia, no cap. X, segunda parte, do seu utilissimo volume. E' uma questão de genero formulada nos seguintes termos pelo esclarecido philologo hespanhol: « Se fosse uma mulher a que julgasse, como se lhe chamaria, *a juiz* ou *a juiza?* » Responde-se que antigamente o substantivo *juiz*, do mesmo modo que em latim, servia para ambos os generos, como se vê de um exemplo citado, nos seus valiosos *Subsidios para um diccionario completo*, pelo sr. dr. A. A. Cortesão, — nome dos mais distinctos na philologia portugueza contemporanea. O exemplo é do classico quinhentista Francisco de Moraes, autor da *Chronica de Palmeirim de Inglaterra*: « Senhora, pois de tão longe vos escolhemos por *juiz*, mandae-lhe segurar o campo. » (*Palmeirim*, tomo II, cap. 80, p. 27).

Mas hoje — criação da *analogia* —, essa filha do instincto natural da imitação, principio que exerce influencia larga e fecunda na phonetica, na morphologia, na syntaxe, no sentido das palavras e, digamol-o duma vez, em todo o dominio da linguagem (quem quer que haja lido o magistral capitulo que sobre a importancia da *analogia* deixou Sayce estampado nos seus PRINCIPIOS DE PHILOLOGIA COMPARADA, ha de ter-se convencido da immensa influencia da analogia no desenvolvimento da linguagem) hoje diz-se, no feminino, *juiza*. Em Castilho colhemos um exemplo, e dois em Camillo. Vejamol-os: « Acordou mãe Rosa logo ao primeiro toque (e mas fôra elle quási imperceptivel), não dado com a aldraba, mas com os dedos, a medo, e desacompanhado de palavras. Acordou logo, porque o seu coração não dormia, e porque, naquelle mesmo bater submisso, lhe trovejára um novo raio de ciume: era a consciencia do réo que desmaiava chegando ao tribunal da *juiza* offendida. » (Castilho —

Casos do meu tempo, volume V, p. 14, ediç. das obras completas do insigne poeta, dirigida por um de seus filhos.) — « Então a senhora é *juiza* e algoz nesta casa? » (Camillo — *A freira no subterraneo*, cap. « III, p. 44). — « Salvaste-me, filha! Se não fosses tu, póde ser que tambem aquellas duas mulheres viessem a ser *juizas* das minhas torpezas. « (Id. — *Narcoticos*, vol. I, *O sr. ministro*, cap. XI, p. 230). Creio que, citando a Castilho e a Camillo, não poderia citar duas autoridades literarias de maior credito no nosso tempo.

Entre parenthesis: neste vocabulo *juiz* fez-se tambem sentir a acção da analogia na derivação. O étimo de *juiz* é *judice*, pronunciado não esdruxula, mas paroxitonamente, dando-se a deslocação do accento tónico da antepenultima para a penultima syllaba, e esta metathese do accento ou *hyperbibasmo*, como lhe chamam alguns phoneticistas, deve-se á analogia com os nomes cujo nominativo terminava em *ix*, mas cujo genetivo era *icis*, sendo longo e accentuando-se tonicamente o *i* da penultima syllaba, como *radix*, *radicis*. Esta explicação não é minha: demos o pai á criança: é do grande romanista José Leite de Vasconcellos, que nol-a dá com a sua inexcedivel competencia na REVISTA LUSITANA, vol. III, p. 276.

Está fechado o pequeno parenthesis. O feminino *juiza* é, como dito fica, uma formação analogica. No numero destas formações pelo processo criador da analogia, entram os femininos dos nomes em *ôr*, substantivos ou adjectivos, e dos adjectivos agudos ou oxytonos em *ês* (incorrecta e inexactamente escriptos com *z*, pois que a terminação *ês* é a fórma evolutiva do suffixo *ense*) significativos de nação ou paiz, os quaes são hoje biformes, mas que eram, em português antigo, communs aos dois generos: *alma peccador, minha senhor, uma bella pastor, mulher morador em Lisboa, princeza caçador, gente português, mulher milanês, provincia carthaginês, potencia leonês, moeda francês etc.* Os nossos comparativos syntheticos ou organicos (*maior, menor, melhor, peor*) e aquelles que, etymologicamente, tambem o são, como *exterior, interior, superior, inferior, posterior, anterior*, conservam-se invariaveis. Substantivamente, porém, diz-se *superiora*, como se vê nesta passagem de Camillo, — *O retrato de Ricardina*, cap. 9, p. 90: De Ricardina todas as religiosas formavam conceito sem laivo de desconfiança. Deixavam-na *as superioras* deter-se na cerca até noite, suavizando-lhe as asperezas claustraes. »

Em Aragão, segundo Menendez Pidal (*Gram. Hist. Esp.*, Madrid, 1904, pg, 117) diz-se *la menora*, a mulher de menor idade. Dos terminados em *ês* são ainda uniformes *cortês, montês* e poucos mais. Outro vestigio da primitiva invariabilidade generica dos adjectivos patrios ou gentilicos em *ês* dá-nol-o a formação dos adverbios em *mente* construidos com o feminino: *portuguêsmente* e não *portuguesamente*: « O homem pasmava dos nomes daquelles objectos, nenhum dos quaes soava *portuguêsmente*. » (Camillo — *A quéda de um anjo*, c. 23, pg. 197). Cf. do mesmo autor *Noites de insomnia*, núm. 1, pg. 27 e núm. 11, p. 73, *A doida do Candal*, c. 24, p. 184 e *O degradado*, pg. 14. A paginas 12, introducção, do *Sangue*, o grande romancista deixou escripto: « O repasto do hotel Francfort foi leve. Quem come *francêsmente* cria alma; corpo é que não. » *Inglêsmente* usou Almeida Gar-

rett (*Helena*, c. 6, pg. 41): « O velho francês, com a sua habitual galanteria de antigo regime, tomou a mão que lhe offerecia Isabel; mas em vez de a sacudir *inglesmente*, se inclinou com respeito e a levou aos labios. »

Passemos a outro caso. Com mais frequencia do que dantes, e por analogia com os biformes em *o*, *a*, damos hoje a substantivos em *nte*, de origem participial, a fórma feminina com a desinencia *a*: *uma governanta*, *uma parenta*, *uma infanta*. A grande maioria, porém, dos vocabulos formados com os suffixos adjectivos *ante*, *ente*, *inte*, e que, como adjectivos, são uniformes (*brilhante*, *calmante*, *fulgurante*, *nascente*, *contundente*, *seguinte*, *constituinte*...), manteem-se, ainda depois de substantivados, communs aos dois generos, e não admittem inflexão em *a*, ou porque exprimem uma qualidade que mais commummente se atribue a homens, como *presidente*, *estudante*, ou porque não ha, na vida pratica, necessidade de distinguir os sexos. Se hoje em dia dizemos *a infanta* d. Maria, *uma parenta*, *a governanta*, ninguem dirá — o que seria sobremodo dissonante — *a innocenta*. *a serventa*, *a amanta*, *a ouvinta*, em vez de *a innocente*, *a serviente*, *a amante*, *a ouvinte*, *a pedinte*, *a habitante*, *a imperante*, *a regente*, *a penitente*, *a paciente*, *a doente*, *a delinquente*, *a minha confidente*, *a sua cliente* etc., permanecendo invariavel o suffixo *ante*, *ente*, *inte*.

E note-se que, nos proprios escriptores modernos, as fórmas criadas pela analogia — *infanta* e *governanta* não excluem *infante* e *governante* como femininos. Não é só o velho chronista Ruy de Pina quem diz, por ex., *a infante* dona Filippa, *a infante* d. Joanna, mas tambem Camillo Castello Branco (*Mosaico*, pg. 148): « D. Mecia, em qualidade de dama *da infante* d. Beatriz, filha del-rei d. Manoel... »

Quanto a *governante*, citarei este exemplo do eminente escriptor (*A corja*, c. 5, p. 181): « O seu collega Velloso tinha *uma governante*, irmã do escudeiro de José Macário. »

Parente conserva-se invariavel na expressão *parente ou adherente*, que póde inscrever-se na lista das phrases estereotypadas, *phrases feitas*, nas quaes as palavras que as formam, não obedecem ás mesmas leis a que obedecem quando independentes. Muitas dessas phrases datam de longe, e intactas atravessam as éras, como unidades phoneticas. Da expressão *parente ou adherente*, em referencia a mulheres, usou Camillo nas duas passagens que vamos transcrever: « Então tu governas em Thomazia? — tornou a risonha senhora. — Ella é tua *parente ou adrente*? » (*O sangue*, c. 2, p. 42.) — « Deixa-a lá, que a leve o demo. Não é *nossa parente nem adrente*. » (*Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado*, c. 4, p. 40).

O agente dessas transformações genericas que deixamos apontadas, é a analogia, cujo poder é tão grande que ás vezes faz esquecer o genero natural e existente, e deduz derivações anormaes, formando-se femininos de termos originariamente masculinos. O nosso prezado e illustradissimo mestre João Ribeiro notou nos seus *Estudos philologicos* que a palavra *freira* é construida sobre o typo *freire* (*frater*) cujo feminino é *soror*; que se formam *patrôa* em vez de *matrona*, *padroeira* em vez de *madroeira*, *varôa* sobre o typo *varão*. No sul do Brasil, no Rio de Janeiro — acrescenta o sabio grammatico — diz-se *carneira* em vez de *ovelha*.

De *frade* sacou burlescamente Camil-

lo Castello Branco o feminino *frada*, como se vê neste fragmento de um dialogo entre um estudante e uma menina travessa:

— « Vmcê estuda para frade?

— Que lhe importa se estudo para frade?

— E' que se vmcê fosse frade, eu queria ser *frada*, e haviamos de ter uma casinha ambos e um quintalinho, e as nossas gallinhinhas,... » (*A filha do arcediago*, c. 7, p. 44).

A acção da analogia faz-se sentir efficazmente nos nomes a que os grammaticos chamam *epicenos* ou *sobre-communs*, isto é, os que com uma só terminação teem um unico genero, masculino ou feminino, e tanto se applicam ao varão ou macho como á femea, concordando com o artigo e mais adjectivos no genero que teem fixado: O Joaquim é *uma ingrata creatura*, o João é *uma excellente pessoa*, esta mulher é *um monstro* de ingratidão, o seu filho é *uma creança* galante, Pedro e Paulo são *duas testemunhas falsas*, etc. O correctissimo e primoroso Manoel Bernárdez escreveu: « A Madre Francisca do Santissimo Sacramento, Religiosa Carmelita Descalça no seu Mosteiro de Pamplona, foi *sujeito* de tão raras virtudes, e enriquecido por Deus com tão particulares e frequentes favores, que mereceu a sua vida ser assumpto de particular historia. » (*Luz e calor*, p. 292). Este exemplo tral-o Cortesão nos seus *Subsidios para um Dicc.*, e acrescenta: — « O povo diz *uma'sujeita*, assim como diz *uma individua*. » E' justa a observação do erudito philologo. Não ha duvida que entre o vulgo existe assignalada propensão para accommodar ao sexo a fórma da palavra, dando-se a alguns epicenos dupla terminação, sempre que seja possivel e haja vantagem em distinguir os sexos. Esta tendencia produziu a feminisação de *individuo* e *sujeito*, segundo observou o sr. dr. Cortesão. *Monstra*, fem. de *monstro* encontra-se em Castilho, — *O doente de scisma*, act. I, scena II. Pela mesma tendencia deu Camillo ao subst. *official* a desinencia em *a*: *officiala*. *Officiala de modista* lê-se a paginas 196, c. 23, da *Quéda de um anjo*, e *officiala de alfaiate* a paginas 190, c. 15, do *Sangue*. Todavia, no plural, o grande escriptor português deixou *official* como commum de dois, ou seja com uma só terminação, — *officiaes* e não *officialas*: « Acaso soubera ella que uma notavel modista francesa, estabelecida em Lisboa, mandára escripturar em Paris *algumas officiaes*. » (*Coração, cabeça e estomago*, primeira parte, c. 5, p. 35).

O inverso de *uma sujeita*, *uma individua*, *uma monstra* dá-se em *creanço* que é a masculinisação de *creança*, em *criaturo*, que o é de *creatura*, e em *figuro*, que o é de *figura*, — usados todos na linguagem popular. Castilho, no *Fausto*, p. 73, escreveu:

« O senhor nesse tempo era *um creanço*, e mesmo assim andava em roda viva co'o paezinho por casa dos enfermos. »

Camillo tambem emprega varias vezes o masculino *um creanço*, cõmo se póde ver nos logares que apenas indico, sem os trasladar para aqui, por economia do papel: *O sangue*, cap. ultimo, p. 249, *Maria Moisés*, segunda parte, p. 5, e *O filho natural*, primeira parte, p. 60. *Creaturo* é usado por Camillo, quando põe na bôca de um inculto lavrador êstas palavras: « — Mas se ella quer, homem de Deus!... — Filha, diz lá tu... desengana *este creaturo*. » (*Mysterios de Fafe*, c. I, p. 15). *O tal figuro* é de Castilho, — *Sonho duma noite de S. João*, act. I, scena VIII, p. 40.

Aos nomes epicenos ácima citados, e documentados com exemplos, deu-se-lhes dupla terminação para que correspondam mais claramente á idéia masculina ou feminina. Mas ha grande número de seres vivos cujo sexo o homem não tem nenhum interesse em discernir ou é de si mesmo indicernivel. E' o que acontece com certos nomes genericos de animaes que são uns masculinos e outros femininos: *a pulga, a mosca, a mariposa, a formiga, a sardinha, o rouxinol, o cisne, o corvo, o castor*, e cada um desses nomes designa igualmente um e outro sexo. Póde dizer-se de modo geral que só no caso de se lhe representar de alguma utilidade o discrime dos sexos é que o homem designa cada um delles por um nome particular: um *boi* e uma *vaca*, porque os seus destinos são differentes; ou então quando o aspecto é muito diverso: *gamo* e *corça*. Em todos os outros casos uma só palavra basta a exprimir ambos os sexos.

Pingo aqui o ponto final, deixando para a seguinte carta o tratar de outros modos de obrar a analogia na alteração das terminações e fórmas indicativas do genero, como sejam a accommodação da fórma ao genero grammatical, e inversamente e accommodação do genero grammatical á fórma material do vocabulo.

Adeus. Seu amigo.

MARIO BARRETO.

RIO ABANDONADO

O geographo norte-americano Morris Davis revelou o « cyclo vital » dos rios. Era uma concepção revolucionaria; e não houve scientista jungido á enfezada geographia descriptiva, dominante ainda entre nós, que se não escandalizasse ante o conceito desassombrado do Yankee. Mas o antagonismo foi passageiro e fragil. Uma simples monographia, *Rivers and valley of Pennsylvania*, deslocou, de golpe, desde 1889, toda a fortaleza inerte da rotina; e firmou um novo rumo ao criterio geographico, não já apenas pelo associar á fórma a estructura dos terrenos, completando os facies inexpressivos das superficies com os elementos geologicos, senão tambem esclarecendo a genesis dos mais breves accidentes e descobrindo nas linhas pinturescas da movel physionomia da terra a expressão eloquente das energias naturaes que a modelaram e sem cessar a transfiguram. Por fim ninguem mais estranhou que Morris Davis, impellido aos ultimos corollarios da nova doutrina, se abalançasse a uma especie de physiologia monstruosa e descrevesse dramaticamente as complexas vicissitudes da existencia millenaria dos fartos cursos de aguas, mostrando-nol-os com uma infancia irriquieta, uma adolescencia revolta, uma virilidade equilibrada e uma velhice ou uma decrepitude melancolica, como se elles fossem estupendos organismos sujeitos á concurrencia e á selecção, destinados ao triumpho ou aniquilamento, consoante mais ou menos se adaptam ás condições exteriores.

Não acompanharemos o genial biographo dos rios pennsylvanicos no explanar a theoria admiravel que é o caso impressionador de uma entrada triumphante — ou de uma *rush* atrevida — da imaginação e da fantasia nos remansos da sciencia. Baste-nos notar que

ella foi aceita em toda a linha e é infrangivel, esteiando-se em dados inductivos e seguros.

Todas as caudaes, de feito, atravessam periodos inevitaveis, de rythmos uniformes e constantes, máo grado a variabilidade do theatro em que se operam : a principio indecisas, errantes e frageis, derivando ao acaso, ao viez dos pendores, como á procura de um berço em cada dobra do chão, e accumulando-se nos numerosos lagos, incoherentemente esparsos, onde repousam ; depois, definidas nas primeiras linhas de drenagem mais estaveis e fundas para onde convergem, adensadas, as chuvas, formando-se o apparelho das correntes, reprofundando-se os leitos esboçados e iniciando-se com a energia tumultuaria das cachoeiras o choque secular com as asperezas da terra, longo tempo; até que, extinctos os empeços estructuraes, estabelecido um leito e definido um traçado, o rio se constitua, com os seus affluentes fixos, um declive continuo em curvaturas regulares, um thalweg ajustado á contextura do sólo e á differenciação morphologica que lhe reflecte a um tempo os seus varios estadios — das cabeceiras onde perduram as aguas selvagens do antigo regimen torrencial, ao curso médio que lhe caracteriza a situação presente, e ao trecho inferior, prefigurando-lhe a decrepitude, onde elle se espraia repousadamente e constróe, pela « colmatage » das vazas que acarreta com velocidade insensivel, a propria planicie alluvial em que descansa.

E' a phase de madureza. O rio está na plenitude da vida, depois da molduragem complexa de todos os relevos. Attinge-a rematando um esforço pertinaz, que é por vezes toda a historia geologica da região.

Não houve um ponto em todo o percurso de centenares ou de milhares de kilometros que elle não atacasse, um grão de areia que não removesse, balanceando as excavações a montante com os aterros a jusante — construindo-se a si mesmo — obediente á tendencia universal para as situações estaveis. Adquirio, por fim, o seu perfil longitudinal de equilibrio, e este, ainda abrupto nas vertentes onde a correnteza é maxima e o volume minimo, vem continuamente amortecendo-se, em successivo decahir de declive, até ao quasi horizontalismo no nivel da base, da foz, onde aquelles elementos se invertem, resultando o equilibrio dynamico do systema da relação inversa entre as massas liquidas e as velocidades que as arrastam.

Como quer que seja, desde que alcança este periodo todos os elementos do seu thalweg projectados em plano vertical, desenham-se com a fórma approximada de um ramo de desmedida parabola, de concavidade volvida para as alturas.

Assim se traduz geometricamente um facto mecanico complexo. E bem que a tendencia para aquella figura seja em geral perturbada ou extincta nas camadas de resistencia variavel, onde as rochas desvendadas originam o antagonismo das cachoeiras, é innegavel que a curva parabolica se delineia nos terrenos homogeneos como sendo a fórma definitiva da secção longitudinal de todos os rios no remate de suas vicissitudes evolutivas.

* * *

O Purús é um dos melhores exemplos.

Desenhando-se-lhe o perfil em toda a extensão itineraria de 3.210 kilometros que vai da embocadura no Solimões aos ultimos manadeiros do ribeirão Pucani,

na serrania deprimida e sem nome que separa as maiores bacias hydrographicas da terra, chega-se muito approximadamente áquelle ramo de parabola.

Pelo menos nenhuma outra curva o definirá melhor.

Demonstra-o este quadro onde os varios trechos se succedem de modo a acompanhar-se em todo o seu percurso a queda regularissima das aguas :

SECÇÕES	Distancias itinerarias	Differenças de nivel	Declividade geral	Declive kilometrico
	(Kms.)	(Mts.)		
Das nascentes ao Curiuja.....	117	189	1/619	1m.60
Do Curiuja a Curanja.....	278	60	1/4500	0m.22
De Curanja á foz do Chandless ..	304	49	1/6500	0m.16
Do Chandless á foz de Yaco.....	300	39	1/7700	0m.13
Do Yaco ao Acre.	237	27	1/8700	0m.115
Do Acre ao Panhiny	233	20	1/11600	0m.085
Do Panhiny ao Mucuim.....	740	58	1/12900	0m.077
Do Mucuim ao Solimões.....	990	15	1/66700	0m.015

Ahi só ha um dado vacillante : o que resulta da differença de nivel nos pontos extremos do ultimo trecho. Deduzimol-o adoptando um minimo de 18 metros para altura da foz do Purús, sobre o nivel do mar, quando ella é certamente maior e mais favoravel, portanto, ás nossas conclusões. Os demais elementos, devemol-os aos trabalhos de William Chandless e ás nossas observações recentes.

Ora, ao mais rapido lance de vista, e sem que se exija um desenho facilimo, verifica-se que o grande rio, atravessando um terreno homogeneo e mais ou menos impermeavel, subordinado a um declive que, apezar de diminuto, é dominante na vasta planura, onde as chuvas se distribuem com regularidade incomparavel — é dos que mais se adaptam ás condições theoricas indicadas por Morris Davis; e no ultimar a sua evolução geologica retrata-se admiravelmente na parabola magestosa de que tratámos ha pouco.

No estudar o seu regimen geral vamos, portanto, com a firmeza de quem discute a equação de uma curva.

Assim, considerando o primeiro trecho, aquella declividade de 1m,60 por kilometro, tão diversa da que se lhe succede, de 0m,22, diz-nos para logo, dispensando o exame local, que o verdadeiro Alto-Purús — demarcado officialmente a partir da bôca do Acre, e estendido por alguns geographos ainda máis para jusante — principia de facto muito além, a 3.019 kilometros da foz, na confluencia do Cujar e do Curinja, os dous tributarios em que elle se reparte numa dichotomia perfeita, perdendo o nome e esgalhando-se largamente fraccionado pelos mais remotos pontos da sua vasta bacia de captação.

Por outro lado, o declive real de $\frac{1}{619}$ mal se approxima da conhecida relação $\frac{1}{500}$ firmada como o limite minimo das vertentes torrenciaes.

Conclue-se, então, de prompto, que o rio, até no seu ultimo segmento, onde é sempre mais difficil e remorada a regularização dos leitos, está numa phase avançadissima de desenvolvimento. E' o caso excepcional de uma grande arteria, entre as maiores existentes, capaz de ser navegada nas mais extremas nascentes, durante as cheias que lhe encubram os numerosos degráos das corredeiras — porque em tal quadra, admittindo que as aguas subam de tres metros numa calha de dez, com aquel-

le declive, que corresponde a 0m,0016 por metro, o simples emprego da formula de d'Aubuisson, nos diz que as correntes derivarão com a velocidade maxima de apenas 2m,20, facilmente balanceada por uma lancha veloz.

Ora, estas deducções resultantes de breve contemplação de um quadro tão expressivo que dispensa o diagramma correspondente, resaltam, vivamente, ás mais incuriosas vistas de observador escoteiro, que alli passe depois de varar a planura amazonica num itenerario de quinhentas leguas.

De facto, o que sobremaneira o impressionou é o espectaculo da terra profundamente trabalhada pelo indefinido e incommensuravel esforço dos formadores do rio. Chega, depois de trilhar o *canon* colleante do Pucani, ao sopé das ultimas vertentes; defronta a clivosa escarpa de uma corda insignificante de cerros deprimidos; vinga-lhe em tres minutos a altura relativa de sessenta metros escassos — e não acredita, obstinadamente, que esteja na fronteira hydrographica mais extraordinaria do globo, podendo ir de uma passada unica do valle do Amazonas ao valle do Ucayalê...

A altura em que se vê não lhe basta a desapertar os horizontes, ou a atalaiar as distancias. E' inapreciavel. Não ha abrangel-a com a escala mais favoravel dos mappas. E sem duvida jámais comprehenderia tão indeciso *divortium aquarum* a tão opulentas arterias se ao buscar aquelles rincões, varando, ao arrepio das itaipavas, por dentro das calhas reprofundadas do Cujar, do Cavaljane e do Pucani, o observador se não habituasse a contemplar, longos dias, os mais energicos effeitos da dynamica poderosa das aguas que transmudaram a paragem outr'ora mais em relevo e dominante. Não lhe importa a inopia de conhecimentos paleontologicos ou a carencia de fosseis norteadores. Está, evidentemente, sobre a ruinaria de uma sublevação quasi exincta, cuja synclinal elle pôde reconstruir, prolongando as linhas dos estratos que afloram nos sulcos onde se encaixam aquelles ultimos tributarios, denunciando todos na tranquillidade relativa, quasi remansados nos intervallos de suas corredeiras (restos de velhissimas cataduas destruidas), a derradeira phase de uma luta em que o Purús, para alongar a sua secção de estabilidade, teve que derruir montanhas. Pelo menos a actividade erosiva e o volume de materiaes arrebatados de todos aquelles pendores, foram incalculaveis, para que as linhas de drenagem se abatessem até ao substractum rochoso e declinassem, como vimos, aos gráos apropriados aos cursos navegaveis.

Apezar disto, a transição para o trecho seguinte ainda é repentina. Passa-se da declividade kilometrica de 1m 60 para a de 0m22.

Mas é o unico salto. Dahi por diante, como o revela o quadro anterior, até ao ultimo segmento extremado pela foz, onde para descer-se um metro se tem de caminhar 66.700, a attenuação dos declives prosegue com uma regularidade perfeita, incluindo o Purús entre as caudaes de todo regularizadas, cujo « cyclo vital » progressivo vai cerrando-se.

Não aprofunda mais o leito. Os proprios afloramentos de grês (*Parasandstein*) apparecendo nas vasantes, dispersos entre Huytanahan e a embocadura do Acre, e dalli para cima ainda mais raros até pouco além do Yaco, reforçam a affirmativa, bem que na apparencia a invalidem. Restos de antigas corredeiras desmanteladas, surgem como testemunhas das erosões primiti-

vas e não provocam, em geral, o minimo desnivelamento. O pequeno povoado da Cachoeira, que se erige defrontando um trecho tranquillo do rio, tem o mais improprio dos nomes, expressivo apenas no recordar um accidente perdido em remoto passado geologico e do qual perduram apenas alguns blocos desordenadamente accumulados em minusculos recifes, e breves « travessões ». Alli, como nos outros trechos, o mesmo quadro da terra estirando-se, complanada, pelos quadrantes, ou docemente ondulada, denunciando a mais completa molduragem, associa-se aos demais caracteres no suggerir a derradeira phase do processo evolutivo do valle.

Um elemento apenas falta : a regularidade na successão das curvas de nivel das vertentes immediatas ás margens, que se fronteiam. Qualquer secção transversal do Purús representa as mais das vezes uma praia deprimida que mal se alteia vagarosamente até ao rebordo longinquo da planicie pouco elevada, contraposta a uma barranca despenhada, como a da margem opposta á bôca do Chandless, ou cahindo ás vezes a prumo, feito uma muralha, como na situação admiravel do Cathay.

E' que á immutabilidade daquelle perfil de equilibrio se antepõe a variabilidade da sua planta, em escala capaz de justificar aos que o incluem entre os rios « cujos leitos e margens não estão sequer delineados em seus perfis de estructura definida e assente. » (*)

Realmente, o Purús, um dos mais tortuosos cursos dagua que se registram, é tambem dos que mais variam de leito. Divaga, consoante o dizer dos modernos geographos. A propria velocidade diminuta, que adquirio e vai de-crescendo sempre até ao quasi rebalsamento, nas cercanias da foz, alliada á inconsistencia dos terrenos alluvianos, formados por elle mesmo com os materiaes conduzidos das nascentes, determina-lhe este caracter voluvel. A's suas aguas, derivando em correntezas fracas, falta a quantidade de movimento necessaria ás direcções intorciveis. O minimo obstaculo desloca-as. Um tronco de samaúma que tombe de uma das margens, abarreirando-as ligeiramente, desvia o empuxo da massa liquida contra a outra, onde de prompto se exercita, menos em virtude da força viva da corrente que da incoherencia das terras, intensissima erosão de effeitos precipitados.

A indecisa arqueadura, que logo se forma, circularmente, se accentua, e, á medida que augmenta, vai tornando mais violentos os ataques da componente centrifuga da correnteza que lhe solapa a concavidade crescente, fazendo que em poucos annos todo o rio se afaste, lateralmente, do primitivo rumo. Mas como este se traçou adscripto aos pontos determinantes de um perfil de equilibrio inviolavel, aquelle desvio nunca é uma bifurcação, ou definitiva mudança. O rio, depois de rasgar o amplo circo de erosão, procura volver ao antigo canal, como quem contorneou apenas um obstaculo encontrado em caminho.

O circulo por onde elle se alonga tende a fechar-se. De sorte que toda a área de terrenos abrangidos se transmuda em verdadeira peninsula, ligada por um isthmo tão delgado, ás vezes que o caminhante o atravessa em minutos, emquanto gasta um dia inteiro de viagem, embarcado, para perlongar o contorno da terra quasi insulada. Por fim esta se destaca, ilhando-se de todo. No sobrevir de uma enchente o Purús

(*) Vide *Jornal do Commercio — Fronteira Norte da Republica*, — pelo Major Gomes de Castro.

despedaça a fragil barreira do isthmo; e retoma, de golpe, o primitivo curso, deixando á margem, a relembrar o desvio por onde divagou, um lago annular, não raro amplissimo. Prosegue. Reproduz adiante outros meandros caprichosos, completados sempre pela creação dos mesmos lagos, ou *saccados*. E assim vai — perpetuamente oscillante aos lados de seu eixo invariavel, num rythmo perfeito, reflectindo o jogar de leis mecanicas capazes de se synthetizarem numa formula, que seria a traducção analytica de curioso movimento pendular sobre um plano de nivel.

Desta maneira, alli se resolve naturalmente um dos mais serios problemas de hydraulica fluvial. De facto, aquelles lagos são verdadeiros diques, funccionando com um duplo effeito: de um lado impedem as inundações desvastadoras absorvendo os excessos das cheias transbordantes; de outro lado, regulam o regimen das aguas, durante as grandes estiagens, em que se abrem por si mesmos, automaticamente, *estourando*, para usar uma expressão local, e restituindo ao rio empobrecido da vasante parte das massas liquidas que economizaram.

Não se calcula o valor destes trabalhos colossaes da natureza.

Revela-nol-os bem um confronto expressivo. Os hydraulicos francezes que averbaram em 1856, como pormenor inverosimil, uma subida de 10m 90 das aguas do Garonne, originando uma das inundações mais funestas que têm occorrido na Europa, — certo não comprehenderiam a propria existencia do vasto territorio amazonico convizinho ao Purús (que vale cêrca de cincoenta Garonnes cheios) se soubessem que elle se alteia 15 metros na foz, onde tem uma milha de largo, e que dalli á montante as aguas tufam num crescendo espantoso até 23 metros sobre as estiagens, na confluencia do Acre.

No emtanto estas enchentes são innocuas.

A massa liquida, inflada logo ás primeiras chuvas, sobe, galgando velozmente as barrancas, e em poucos dias vai bater nos esteios dos barracões erectos nos « firmes » mais altos do terreno... e todo este diluvio em marcha não acachôa, não tumultúa, não se arremessa em correntezas vertiginosas, não enleia as embarcações torcendo-as nas espiraes vibrantes dos remoinhos e não devasta a terra. Diffunde-se; extingue-se silenciosamente; perde-se inoffensivo naquelles milhares de valvulas de segurança; e espraiando-se, razo, pelo chão das matas, ou espalmando-se, desafogadamente, em desmarcadas superficies onde repontam, salteadas, as ultimas ramas floridas dos igapós afogados, vai ao contrario, regenerando aquella mesma terra, e reconstruindo-a, porque a torna de anno em anno mais elevada com a « colmatage » perfeita de toda a vasa que acarreta.

Assim, em toda aquella planura, o notavel affluente amazonico, serpenteando nas innumeraveis sinuosas que lhe tornam as distancias itinerarias duplas das geographicas, inclue-se entre os mais interessantes « rios trabalhadores », construindo os diques submersiveis que o alliviam nas enchentes — e lhe repontam, intermittentemente ás duas bandas, ora proximos, ora afastados, salpintando todas as varzeas ribeirinhas, e avultando maiores e mais numerosos á medida que se desce, e se amortecem os declives, até a larga baixada centralizada em Cantuama, onde as grandes aguas tranquillas derivam magestosamente, equilibradas, sulcando de meio a meio a vastidão de nivel de um mediterraneo esparso.

Mas esta formação de lagos ou reservatorios naturaes, cuja funcção benefica vimos de relance, acarreta inconvenientes de tal porte, que tornam, por vezes, em alguns pontos, quasi impenetravel uma arteria fluvial que pelos elementos privilegiados de seu perfil concorre com as mais accessiveis á navegação regular.

Realmente, nesse affanoso derruir de barrancas, para torcer-se em seus incontaveis meandros, o Purús entope-se com as raizes e troncos das arvores que o marginam.

A's vezes é um lanço unido, de kilometros, de « barreira », que lhe cahe de uma vez e de subito em cima, atirando-lhe, desarraigada, sobre o leito, uma floresta inteira.

O facto é vulgarissimo, Conhecem-n-o todos os que por alli andam. Não raro o viajante, á noite, desperta sacudido por uma vibração de terremoto, e atturde-se apavorado ouvindo logo após o fragor indescriptivel de myriades de frondes, de troncos, de galhos, entrebatendo-se, ranjendo, estalando e cahindo todos a um tempo, num baque surdo e prolongado, lembrando o assalto fulminante de um cataclysmo e um desabamento da terra.

São, de facto, as « terras cahidas », das quaes resultam sempre duas sortes de obstaculos: de um lado o inextricavel acervo de galhadas e troncos, que se entrecruzam á superficie dagua, ou irrompem em pontas ameaçadoras, do fundo; e de outro as massas argilosas, ou argillo-arenosas, que a corrente pouco veloz não dissolve, permittindo-lhes accumularem-se nas minusculas ilhotas dos « torrões », ou, mais prejudiciaes, nos razos bancos compactos dos « salões », impropriando a passagem aos mais diminutos calados.

Não precisamos insistir neste facto.

A sua gravidade é intuitiva. E, considerando-se que elle se reproduz em toda a extensão de 480 kilometros, que vai da embocadura do Yaco á do Curiuja, onde se accumulam cada vez mais aquelles entraves, indefinidamente crescentes, chega-se a concluir que o Purús, depois de haver conseguido um dos mais regulares perfis de toda a hydrographia e de apparelhar-se com os melhores elementos predispostos a uma rara fixidez de regimen, erigindo-se modelo admiravel entre as caudaes mais bem talhadas á grande navegação — está, agora, a pouco e pouco perdendo a maior parte dos seus requisitos superiores, com o progredir de um atravancamento em larga escala, que o tornará mais tarde inteiramente impenetravel.

Dizemol-o baseando-nos em penosa experiencia culminada por um naufragio. Sobretudo além da embocadura do Chandless, multiplicam-se tanto estes empecilhos de todo extranhos á « tectonica » especial do rio, que em longos « estirões » com a profundidade média de cinco a seis pés, nas vasantes, onde passariam carregadas as mais poderosas lanchas, mal póde deslizar uma montaria ligeira. Excusamo-nos de exemplificar alongando estas considerações ligeiras. Notemos apenas que a partir do tributario precitado até á bifurcação Cujár-Curiuja, o Purús em varios lugares parece correr por cima de uma antiga derrubada. Vai-se como entre os galhos estonados e revoltos de uma floresta morta. E se observarmos que, além dos empeços em si mesmas encerrados, estas tranqueiras, rebalsando as aguas que se filtram entre os ramos unidos, facilitam a formação de toda a sorte de baixios, comprehender-se-ha em toda a sua latitude o progredimento continuo dessa obstrucção prejudicialissima.

Porque os homens que alli mourejam — o caucheiro peruano com as suas *tanganas* rijas, nas montarias velozes, o nosso seringueiro com os varejões que lhes impulsionam as ubás, ou o regatão de todas as patrias que por alli mercadeja nas ronceiras alvarengas arrastadas á sirga — nunca intervêm para melhorar a sua unica e magnifica estrada; passam e repassam nas paragens perigosas; esbarram mil vezes a canôa num tronco cahido ha dez annos junto á beira de um canal; insinuam-se mil vezes com as maiores difficuldades numa ramagem revolta barrando-lhes de lado a lado o caminho, encalham e arrastam penosamente as canôas sobre os mesmos « salões » de argila endurecida; vezes sem conta arriscam-se ao naufragio, precipitando, ao som das aguas, as ubás contra as pontas durissimas dos troncos que se enristam invisiveis, submersos de um palmo — mas não despendem o minimo esforço e não despedem um golpe unico de facão ou de machado num só daquelles páos, para desafogar a travessia.

As lanchas, e até os vapores, que alli vão apparecendo mais a miude, á medida que avultam as safras dos cento e vinte opulentos seringaes que já se abriram acima da confluencia do Yaco, viajam, invariavelmente, nas quadras favoraveis das cheias, quando aquelles entraves se afogam em alguns metros de fundo.

Sobem, velozes, o rio; descarregam, precipitadamente, em varios pontos as mercadorias consignadas; carregam-se de borracha; e tornam logo, precipites, aguas abaixo, fugindo. Apezar disto, algumas não se forram a repentinas descidas de nivel, prendendo-as. E lá se ficam, longos mezes — esperando a outra enchente, ou o inesperado de um « repiquete » propicio, invernando paradoxalmente sob as soalheiras caniculares — nas mais curiosas situações: ora em pleno rio, ágarradas pelos centenares de braços das arvores seccas, que as immobilisam; ora a meio da barranca, onde as sorprendeu a vasante, grosseiramente especadas, encombentes, com as prôas afocinhando, inclinadas, em riscos permanentes de queda; ora no alto de uma barreira, como authenticos navios-fantasmas, apparecendo, de improviso e sorprendedoramente, em plena entrada da mata magestosa.

O contraste desta navegação com as admiraveis condições technicas immanentes ao rio é flagrante. O Purús — e como elle todos os tributarios meridionaes do Amazonas, á parte o Madeira — está inteiramente abandonado.

Entretanto o simples enunciado destes inconvenientes, evidentemente alheios ás suas admiraveis condições estructuraes, delata que a remoção delles, embora demorada, não demanda trabalhos excepcionaes de engenharia e excepcionaes dispendios.

O que resta fazer, ao homem, é rudimentar e simples.

Os grandes, os serios problemas de hydraulica fluvial que alli houve, resolveu-os o proprio rio agindo no jogo harmonioso das forças naturaes que o modelaram.

E elles representam um trabalho incalculavel. O Purús é uma das maiores dadivas entre tantas com que nos esmaga uma natureza escandalosamente perdularia.

Vejamol-o, de relance.

Toda a hydraulica fluvial parece ter nascido entre os leitos do Garonne e do Loire, taes e tantos os monumentos que alli levantou a engenharia franceza. Nunca o homem arremetteu com tamanha pertinacia e brilho com a brutali-

dade dos elementos. Os Romanos transfigurando a Argelia e os Hollandezes construindo a Hollanda, emparelham-se bem com os abnegados profissionaes que durante um seculo, impassiveis ante successivos revezes, se devotaram á empreza exhaustiva de paralyzar torrentes, de attenuar inundações e de encadeiar avalanches, na dupla tentativa de falicitar a navegação e de proteger os territorios ribeirinhos. E todo esse magnifico esforço em que se immortalizaram Deschamps, Dieulafoy e Belgrand, resultou em grande parte inutil. Inutil ou contraproducente. Os primores da engenharia estragaram o Loire.

Os diques submersiveis ou insubmersiveis, destinados a salvarem as povoações, os canaes de soccorro que se lhes annexavam, as margens artificiaes ladeando em dezenas de kilometros o leito menor das caudaes, os enrocamentos antepostos ás erosões, as barragens antepostas ás correntezas — tinham em geral a duração ephemera dos seis mezes da estiagem, tal a inconstancia irreparavel daquellas arterias.

Por fim engenharam-se estupendos reservatorios alcandorados nos Pyrenêos, escalonando-se por todos os pendores, para armazenar as inundações. E armazenavam catastrophes — rompendo-se-lhes os muros, de onde saltavam as ondas despenhadas varrendo povoados inteiros...

Mas ainda quando estas rupturas dos reservatorios compensadores não formassem os episodios mais dramaticos da historia da engenharia, e elles pudessem erigir-se estaveis e sem riscos, nós, quaesquer que fossem os nossos esforços e os nossos dispendios, jámais os construiriamos como nol-os construio o Purús.

Considere-se, para isto, este exemplo. Duponchel, para dar ao Neste — um pequeno rio com a despeza média de 25 metros cubicos — um modelo constante, que lhe amortecesse as inundações, calculou um reservatorio de..... 300.000.000.000 de litros, e recuou ante o algarismo colossal.

Ora, o Neste é tres vezes menor que o Yaco, que, entretanto, não se inclue entre os maiores affluentes do Purús.

Diante destes dados formidaveis põe-se de manifesto que a construcção de reservatorios compensadores no grande rio seria o mesmo que fazer um mar; e conclue-se que os existentes, numerosissimos, ás suas margens, representam um capital inestimavel e acima dos mais ousados orçamentos.

Precisamos ao menos conserval-o. Aproveitemos uma lição velha de um seculo. O Mississipe que no seu curso inferior retrata o traçado do Purús com a exacção de um decalque, era, pelas mesmas causas, ainda mais inçado de empecilhos, tornando-o quasi impenetravel e em muitos lugares de todo intransponivel. Alguns do seus tributarios não estavam apenas trancados; desappareciam, litteralmente, sob os abatizes.

No emtanto o grande rio, hoje, transfigurado, desenha-se como um dos traços mais vivos da pertinacia norte-americana.

Lá está, porém, no seu valle, em um de seus affluentes, o rio Vermelho, um caso desalentador. E' um rio perdido. O yankee descobrio-o tarde demais. A desmedida tranqueira, *the great raft*, exactamente formada como as que estão formando-se no Purús, estira o labyrintho de seus madeiros e das suas frondes mortas por 630 kilometros — e lá está, indestructivel, depois de desafiar durante vinte e dous annos os

maiores esforços para uma desobstrucção impossivel.

Estabelecida a proporção entre aquelle rio minusculo e o Purús, entre nós e os norte-americanos, aquilatam-se as difficuldades que nos aguardarão, se progredirem os obstaculos apontados, e cuja remoção actual, completando-se com a defeza embora rudimentar das margens mais ameaçadas pelas erosões, é ainda de relativa facilidade. Ao mesmo passo se attenuarão consideravelmente as « divagações » precitadas, que constituem verdadeira anomalia num rio apparelhado de um perfil de estabilidade demonstravel até geometricamente, como vimos.

De qualquer modo urge iniciar-se desde já modestissimo, mas ininterrupto, passando de governo a governo, numa tentativa persistente e inquebrantavel, que seja uma especie de compromisso de honra com o futuro, um serviço organizado de melhoramentos, pequeno embora em começo, mas crescente com os nossos recursos — que nos salve o magestoso rio.

Von den Stein, com a agudeza irrivalisavel de seu bello espirito, comparou, algures, pinturescamente, o Xingú a um « enteado » da nossa geographia.

Estiremos o parallelo.

O Purús é um engeitado.

Precisamos incorporal-o ao nosso progresso, do qual elle será, ao cabo, um dos maiores factores, porque é pelo seu leito desmedido em fóra que se traça, nestes dias, uma das mais arrojadas linhas da nossa expansão historica.

EUCLYDES DA CUNHA.

D. MARIA DE SOUSA

(Episodio historico-dramatico)

Sala de uma casa nobre de Pernambuco, na epoca da invasão hollandeza.

SCENAS FINAES

PADRE VICENTE, LUIZ E CAPITÃO MANOEL DE SOUSA.

CAPITÃO, *entrando*. — Com vossa licença, padre-mestre. Perdoae, si vos interrompo.

PADRE, *levantando-se*. — Capitão!

LUIZ, *idem* — Vós?! (*Acercando-se do capitão*). Que novas trazeis? Que se passou hontem? Falae. Onde está Gil?

CAPITÃO. — Já deve estar ao lado de vossa mãe, fazendo por consolal-a. Coragem, Luiz! Perdestes mais um irmão.

LUIZ. — Estevão?! Oh!... Ainda este golpe! Minha mãe... Minha mãe... (*sáe*).

PADRE VICENTE E CAPITÃO MANOEL DE SOUSA.

PADRE. — Que desgraça!

CAPITÃO. — Que desgraças, deveis dizer. De desastre em desastre, já nos vai fugindo dos pés esta terra de nossos avós.

A resistencia tem sido heroica, superior, por vezes, a forças humanas. Ainda hontem. (*Sentam-se.*) « Convindo ao inimigo expulsar desta villa o nosso general, para desembaraçar-se do cuidado que lhe dava a sua vizinhança, resolveu atacal-o.

Confiou esta facção ao sargento-mór-general André Zon, dando-lhe oito centos homens escolhidos, com os quaes, e á vista do pequeno numero dos nossos, marchou tão certo do bom exito, que até lhe pareceu que o nosso general o não esperaria e por isso conduzia alguns carros com roupa, para poder alojar-se, nesse mesmo dia, dentro da villa. Mas elles lhe serviram depois para ministerio bem differente do que imaginára.

Veio marchando muito cedo, investindo pelo mesmo logar pelo qual o havia feito em 18 de Março. Achou os mesmos tres capitães Affonso de Albuquerque, Antonio André e Gaspar Pinto, que, por todos, teriam oitenta homens e alguns indios, com seus capitães Antonio Cardozo e João de Almeida.

Toda a nossa força, emfim, consistia no animo.

Tocando-se a rebate e avisando o general, sahiu elle logo com a pouca gente que tinha, em soccorro dos referidos capitães. Depois de pelejar-se por um espaço não pequeno, foi-nos impossivel defender mais o posto; e, retirando para o Serinhaem, se approximou tanto o inimigo, que ia em nosso alcance, que o general, vendo-se empenhado, resolveu-se a mandar passar o rio mais acima para reunir sua gente e voltar á carga em logar mais accommodado. Operou-se isto com tal resolução e presteza, que, julgando o inimigo que eramos mais, voltou as costas, com menos alguns, que alli ficaram mortos. Reconhecendo, porem, que eramos poucos, virou-se e insistiu.

Todavia, o valor dos nossos, estimulado com a presença do general e de seu irmão Duarte, fez que André Zon não se apresentasse nesse dia em Villa Formosa, como tinha julgado, durando a batalha das dez horas do dia até sol posto. Retirou-se, emfim, deixando mais de cento e vinte degolados e levando setenta feridos nos carros em que trazia a roupa e que bem necessarios lhe foram agora. »

Entre os mortos, alem de um dos nossos capitães, ficou esse desventurado Estevão Velho ..

PADRE. — Que perda! Que sensibilissima perda! (*chora*).

CAPITÃO. — Como tem sido alanceado o coração dessa heroica senhora...

OS MESMOS, que se levantam, D. MARIA DE SOUSA, GIL, LUIZ, IGNEZ E ANGELA.

D. MARIA. — Senhor capitão, eu e meu marido vos agradecemos a visita, neste momento mais que doloroso. (*O capitão curva se*). E como tão tremendos golpes não conseguiram amortecer em nós o sentimento da patria e da religião de nossos pais, permitti que, por vosso intermedio, enviemos ao general Mathias de Albuquerque os dous filhos que nos restam e que...

(*Muito commovida, não póde conter as lagrimas. Recobra-se logo depois e dirige-se aos filhos com voz já firme*). « Neste momento, meus filhos, chegou a vosso pai e a mim a noticia de haver o inimigo morto vosso irmão Estevão, que já é o terceiro filho que nesta guerra perco, alem de um genro.

Mas, bem longe de desviar-vos dos mesmos perigos, quero collocar-vos na carreira delles. (*Animando-se*).

Portanto, já e já, tomae a espada e ide dar a vida, com a mesma honra que vossos irmãos, por Deus, pelo rei e pela patria! »

Ide (1). Eu vol-os entrego, senhor capitão.

CAPITÃO. — Senhora D. Maria de Sousa...

Que grandeza de alma! Vosso nome ha de ser perpetuado na historia. A posteridade saberá bem dizer a pernambucana illustre que, numa crise penosa de sua terra, soube collocal-a tão alto, dando um exemplo sublime de abnegação e de firmeza.

Um povo que possue um typo dessa elevação moral é digno de figurar entre os eleitos da humanidade.

É já tempo de Portugal reivindicar a sua independencia, tão injustamente conculcada!

PADRE. — Sim. Viva Portugal independente!

GIL E LUIZ. — Viva Pernambuco!

CAPITÃO. — Viva D. Maria de Sousa!

(*Quadro. — Gil e Luiz, um de cada lado de D. Maria, beijam-lhe as mãos, pondo um joelho em terra. Ignez e Angela abraçam-se chorando. O capitão e o padre curvam-se.*)

A. C. CHICHORRO DA GAMA.

O MAESTRO MACEDO

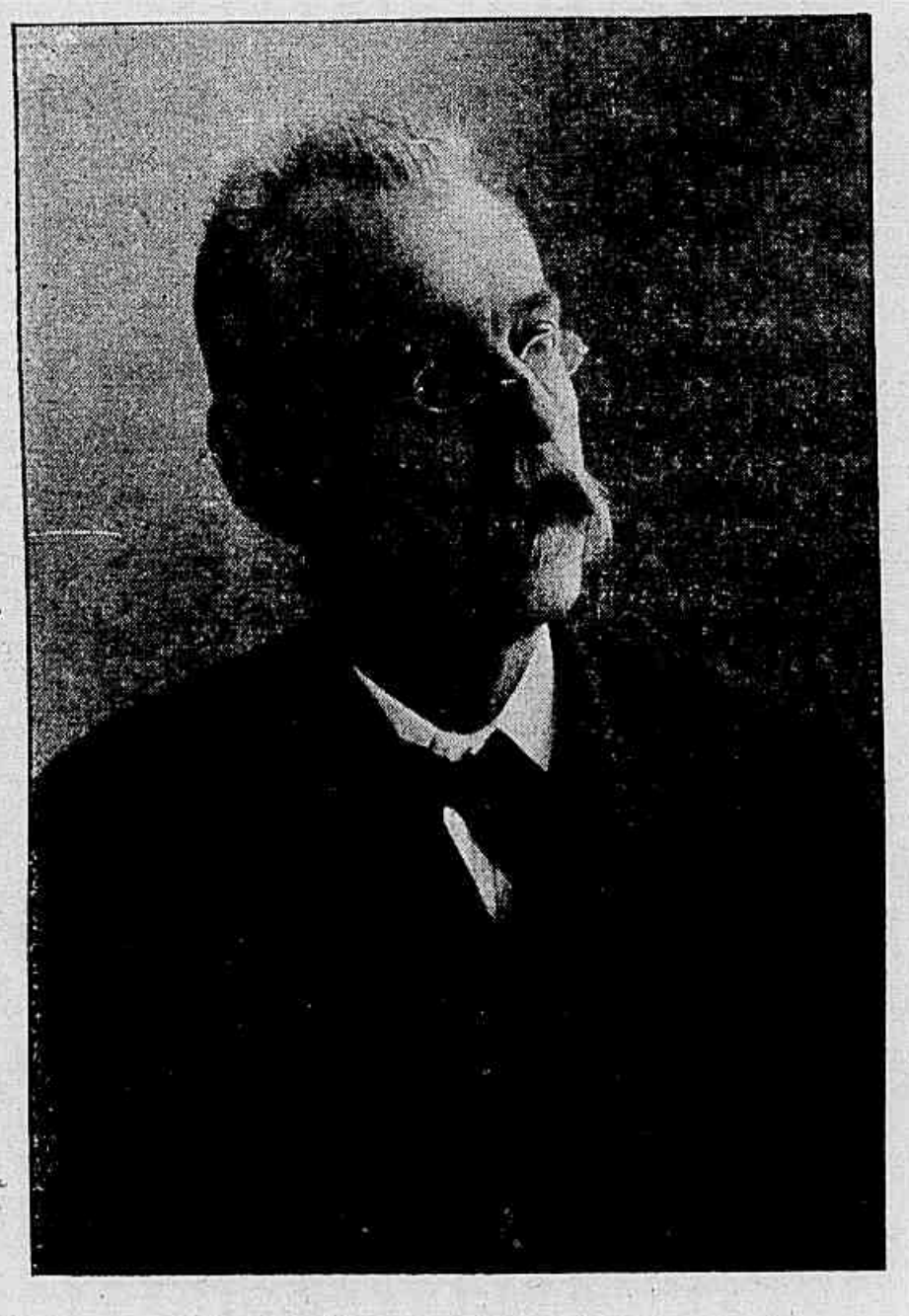
Publicamos n'este numero do *Almanaque Garnier* uma composição musical e o retrato do nosso compatriota, o *maestro* Macedo, cuja modestia, retrahimento e quasi exilio em que vive, tornou pouco familiar um nome que devia ser popular em todo o Brasil.

« Quando em Setembro ultimo estive em Juiz de Fóra, travei ali relações com um dos maiores artistas brasileiros, um musico de grande saber e de grande talento, que vive como que homisiado no seu desanimo e na sua modestia, a dar lições de fazenda em fazenda, ou na cidade.

Releva dizer que vi o artista, tive a honra de conversar com elle, mas não ouvi nenhuma das suas composições;

(1) *Memorias diarias da guerra do Brasil*. Pag. 106.
Idem. Pag. 107.

entretanto, foram taes as referencias que delle me fizeram pessoas autorizadas, e vem de tão longe a fama do seu merecimento, que estou convencido de que o Brasil possue no "maestro" Manoel Joaquim de Macedo um artista excepcional. Basta dizer que é discipulo de Wagner, e adoptou nas suas composições os processos do



O Maestro Macedo.

grande mestre de Beyruth. D'ahi, talvez, a penumbra em que vive, porque no Brasil a musica de Wagner, em que pese ao meu illustre collega Luiz de Castro, continúa a ser a musica do futuro.

O "maestro" Macedo, como todos os homens de grande valor, é refractario á exhibição e ao annuncio; tem, necessariamente, consciencia do que vale, mas não gosta que lh'o digam, nem a ninguem o diz.

O meu proposito firme, desde que me convenci de quem elle era, foi arrancal-o, se pudesse, daquella sombra e mostral-o aos nossos compatriotas, chamando para elle a attenção dos poderosos e dirigentes; mas faltavam-me dados sobre a sua vida, e eu não me atrevia a pedir-lh'os, porque m'os negaria.

Um amigo meu e delle prometteu proporcionar-me esses dados; levou dois mezes a reunil-os e só agora m'os remetteu. Transcrevo-os em seguida tal qual os recebi. Eil-os :

"Manoel Joaquim de Macedo, sobrinho de Joaquim Manoel de Macedo, o autor da "Moreninha", nasceu em Cantagallo, Estado do Rio de Janeiro. Deve ter approximadamente 60 annos.

Desde creança revelou tanta vocação para a arte musical, que a familia mandou-o para o Conservatorio de Bruxellas, naquelle tempo considerado o melhor. Ali teve Fetis como seu professor de harmonia e composição, ao mesmo tempo que aprendia violino com Leonard e Vieuxtemps. Este ultimo indicou-o para 1º violino do Covent-Garden de Londres.

Depois de permanecer nove annos na Europa, onde recebeu os mais calorosos applausos das notabilidades musicaes de então, voltou em 1871 ao Brasil, e foi aqui nomeado mestre da capela imperial.

Todos sabem o que era naquelle tempo e o que ainda é hoje, infelizmente o nosso meio musical; entretanto, Macedo não sairia do Rio de Janeiro se não fosse obrigado, para viver, a procurar outro clima.

Se essa especie de desterro interrompeu a serie dos seus successos, de mondo algum lhe enfraqueceu o talento, e o mestre continuou a manifestal-o pela sua actividade preferida : a composição.

Eleva-se a perto de 200 o numero dos seus trabalhos, todos concluidos

e quasi todos ineditos. Entre elles destacam-se oito concertos de grande folego, um primoroso poema symphonico inspirado por Floriano Peixoto, sonatas, nocturnos, romances, etc.

Agradecendo-lhe a remessa de uma das suas producções, Massenet escreveu em 1897 as seguintes palavras: "J'y ai remarqué beaucoup d'habileté et de brio. A l'exécution instrumentale, avec l'orchestre, il doit y avoir de fort belles et puissantes sonorités."

Em 1904, a proposito de outra producção, Joachim, o grande morto de hontem, cujo nome echoa ainda em todo o mundo mandava-lhe este juizo: "E' composição de quem conhece profundamente a technica do violino e escreve brilhantemente para esse instrumento."

O notavel violinista Diaz Albertini, que ha pouco tempo recebeu nesta capital a mais brilhante consagração, assim se exprime sobre Macedo, em carta escripta em Agosto do corrente anno:

"A minha opinião sincera sobre o meu illustre amigo e collega Macedo póde resumir-se em duas palavras: respeito e admiração. Conheço varias de suas composições em que se admiram, a par de nobreza e elevação das idéas, a sciencia e a profunda erudição do autor. Possa a boa sorte conceder-me um dia o prazer de ouvir e applaudir no theatro a sua bella partitura "Tiradentes", obra verdadeiramente notavel desse grande artista, tão grande quanto modesto."

Essa opéra, ou antes, esse drama lyrico, "Tiradentes", é a sua obra definitiva, o supremo esforco a que o seu espirito ascendeu. O libreto é de Augusta de Lima."

Ahi está o notavel artista nacional, que a estreiteza do nosso meio e o seu proprio caracter retraido e reservado têm condemnado a uma obscuridade absurda. »

Estas linhas que acabamos de transcrever são de Arthur Azevedo.

A GARANTIA DA AMAZONIA

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida

SUCCURSAES E AGENCIAS EM TODOS OS ESTADOS DA UNIÃO

No balanço de 1907 as reservas elevam-se a Rs. **7.075:000$000**,
os lucros para segurados e outros fundos de reserva a Rs. **3.209:000$000**
SINISTROS PAGOS : **Mais de sete mil contos (7.000:000$000)**

INTEIRAMENTE MUTUA

DEPARTAMENTO DOS ESTADOS DO SUL :

Avenida Central, nº 85, RIO DE JANEIRO

TAYUPIRA

Depurativo Vegetal Brazileiro

Especifico das Molestias da Pelle e Syphilis

A Tayupira, preparada exclusivamente com vegetaes, é um repositorio dos principios activos das mais preciosas plantas depurativas que a flóra brazileira encerra no seu magestoso e abundante seio. Pela sua composição a **Tayupira** tornou-se o depurativo eleito, entre todos até agora conhecidos; cada uma das plantas que a enriquecem tem a sua acção prevista e estimavel :

AZOUGUE dos POBRES (LIANA MERCURIALIS) — Cuja parte usada, a resina, — possue a acção do mercurio, sem os inconvenientes decorrentes da sua applicação. Empregaram-no com muito successo, entre muitos outros os Drs. JOSÉ JOAQUIM SILVA e VIEIRA DE MATTOS, na cura das escrophuloses. A resina da **Liana Mercurialis** tem excellente acção de PURGATIVO

VELAME do CAMPO (CROTON CAMPESTRIS) — Empregado com grande exito na cura das erysipelas brancas, empingens, darthos, affecções venereas ulceras, e elephantiases. Favorece o apparecimento do fluxo nas menstruações difficeis. Na sua BOTANICA BRAZILEIRA, o Dr. MELLO MORAES proclama-o— " o melhor depurativo dos humores venereos ". E' notavel a sua acção de ANTI-ESCROPHULOSO

SUCUPIRA (BOWDICHEA MAJOR) — Parte usada, — a batata, — que contém mais subtancia activa que as cascas e ainda que os fructos. Sobre a tinctura das batatas de **Sucupira** ha conhecimento de casos verdadeiramente maravilhosos, agindo sobre individuos que apresentaram ulceras repellentes nas pernas e no rosto. A pelle das pessoas que fazem uso da **Sucupira** apresenta ao toque, o grato contacto do setim. Contam-se por centenas os casos de rheumatismo e de eczemas que tem sido debellados pela batata de **Sucupira**, que, além de ser amarga e adstringente, é reputada como grande TONICO

MANACA (FRANCISCEA UNIFLÓRA) — O Dr. CALDWELL tratou pelo extracto fluido de **Menacá** 35 casos de rheumatismo, com bellissimos resultados, sobretudo nos casos sub-agudos. O Dr. GOTTHÉIL tambem o considera anti-rhematismal e desalterante. NICOLÁO MOREIRA chama a attenção sobre sua acção nao só de excitante poderoso do systema lymphatico, como tambem de diaphoretico e DIURETICO

JUNÇA (CYPERACEA BRAZILEIRA) — Parte usada : os tuberculos da raiz, que sao dispostos em rosario, são aromaticos e excitantes; tem propriedades carminativas energicas e anodynas. Deve a sua entrada na **Tayupira** devido a sua preciosa actividade como DIGESTIVO

SILVA ARAUJO e C^IA

1 e 3, Rua 1.° DE MARÇO, 1 e 3

RIO DE JANEIRO

A' Illustre Cantora

Condessa GUITANINA FRIGGERI

" Una Lacrima "

ROMANCE

para mezzo soprano

(COM ACOMPANHAMENTO DE PIANO)

Poesia italiana de ***

Musica de **M. J. DE MACEDO**

Lento

1

espress

sf

cresc e slargando

cresc poco agitato.

con dolore.

a Tempo

dim.

sempre dim

pp poco rall.

Sot_____ to il mi_o

p a Tempo *sf*

ci _ glio o la _ cri_ma o la _ crima.

f *poco rit*

Ri _ manti a tut_ti i _ gno _ _ ta, Scendimi

cresc *suivez*

a Tempo *dim.*

dentro all' a _ nima, Senza ba_gnar _ _ la go_____

dim.

_ta.

che - - ni um cor in_dis -

_cre - to. Guar_do mi legga in cor Guar_do mi legga in

cres. poco agitato

cor Quand' esso è più se _ cre _ to Men'as _ proè ' il

cresc. poco agitato.

f poco tenuto.

mi o do _ lor. Men' as _ proè il mio do_

f poco tenuto.
con dolore.

_lor.

espress

con dolore

dim.

Vo _ glio pas sar tra_gli _

dim.

8f

tr

uo _ _ _ _ mi_ni uo _ mi_ni

f

Sde _ _ gnosa e sor ri _ den _ _ te Pi_e _

poco rit

ta ? confor _ to ste _ ri_le Chi 'o sprezzo dal _ la gen _ _ _ _

suivez

_ te.

Per _ _ _ chè so _ lin _ ga

espress

stil _ la, Locchio m'offuschi an_cor! Locchio m'offuschi an_

_ cor! Sgom_bra la mi _ a pup _ pil _ la, Va...

f

poco agitato

f

agitato

cresc

dim

f

ti ri - cac - cia in cor. ti ri-caccia in

f a Tempo. *dim*.

espress.
in Tempo.

ff

cor. Va - - - - - - - - - - - - -

ti ri-cac - cia in cor. *animato*.

p *ff*

rallentendo

V

dim.

pp *ff* V

CAPISTRANO DE ABREU

Ha cerca de dez annos esteve aqui no Rio o escriptor portuguez Moniz Barreto, que pouco tempo depois, ao voltar ao seu paiz, morreu. A morte foi o unico tropeço da sua gloria, que seria grande. Era um espirito forte, labo-

Capistrano de Abreu (*Instantaneo de Fon-pon*).

rioso, honesto, fecundo: sabia muito e aprendia sempre com a serenidade de um benedictino, o gosto de um artista e a sofreguidão de um incipiente. Era sobretudo serio. Não dizia senão o que julgava, e o seu juizo não era leviano, não estava subordinado á occasião nem ao interesse. Quando não podia dizer bem, calava, para não dizer mal; e evitava assim a mentira, ainda na sua forma desculpavel de polidez, e a confiança jactanciosa dos irreflectidos, os quaes de tudo pretendem saber e julgar. Eu que já o conhecia de nome e de escriptos, gostei de conhecel-o pessoalmente: pareceu-me chão e discreto e todas as palavras que lhe ouvi parecem-me ainda hoje acertadas.

E não é em vão que o lembro agora, querendo fallar de meu mestre Capistrano de Abreu. Capistrano de Abreu foi aqui apresentado a Moniz Barreto por Domicio da Gama, amigo de ambos e companheiro do ultimo êm Paris nas visitas a Eça de Queiroz. O encontro foi por volta de meio dia: Capistrano e Moniz Barreto entraram num café e conversaram. Separaram-se ás 4 horas da tarde e ao chegar á livraria Garnier, a primeira cousa em que fallou Moniz Barreto foi no saber de Capistrano de Abreu. Estava sorprendido de tão vasta e tão variada erudição. Ouvira-o durante quatro horas sem fadiga, entretido pela abundancia e pela solidez de seus conhecimentos, expostos naturalmente, com simplicidade, ao acaso da conversa.

Eu estava presente no Garnier, e ouvindo essa impressão, confesso que, apezar de avaliar em muito o saber do meu mestre, de conhecer-lhe a vida intima de incessante estudo, a palavra de Moniz Barreto foi quasi uma revelação, foi pelo menos uma demonstração a que eu por mim mesmo não chegaria, e outros não chegariam ou não chegaram porque o tratamos de perto e diariamente. Para essas revelações não ha como o extrangeiro, que é a posteridade antecipada, porque não vê com preconceitos nem sentimentos pessoaes. No caso de Capistrano de Abreu e em relação a mim é certo que a sympathia

e a amizade só podiam influir para a opinião affirmativa e mesmo excessiva. Mas ha um feitio nelle que embaraça os seus mais intimos de medir-lhe o valor da intelligencia e da cultura: é a sua maneira natural de caracter educada pela consciencia de sabio.

Modesto e desinteressado, por mais que estude e por mais que saiba, não esquece a suprema verdade, que o saber é relativo e ainda o mais sabedor é um ignorante. Sendo um professor por officio e gosto, teme parecer que o é no commercio com amigos ou simples conhecidos. Por isso evita o tom de quem falla ensinando. Raro se lhe ha de ouvir uma affirmação, sem que l'ha peçam. Na propria materia em que é autorizado por prova publica e profissional, elle prefere ouvir a dizer, prefere consultar a mostrar que já sabe o que consulta. E não procede assim por simulação insidiosa: é por modestia e ao mesmo tempo por curiosidade. A conversa, em vez de ser uma exhibição, é um estudo ameno em que elle, se não fica conhecendo mais idéas, fica conhecendo, sem intenção embora, o interlocutor. Este se quizer aprender, consulte-o, e ha de aprender o que deseja em quasi tudo. Levada por esse modo, a palestra delle é uma lição substanciosa e excellente, expressa com a clareza e fluidez de uma fonte: vem-lhe promptas as idéas, sem embaraço, sem mistura, como da propria nascente. E é a outra qualidade do seu espirito, a assimilação facil do que aprendeu. A sua erudição não foi adquirida para adorno, não lhe ficou depositada no cerebro para as necessidades previstas ou possiveis; procurada, reclamada pela aguda curiosidade da intelligencia, entrou-lhe na massa do sangue. Chamar-lhe só erudito é limitar a sua cultura larga e profunda e esquecer-lhe a intelligencia de primeira agua, sem a qual a erudição fora apenas obra de paciencia, e improductiva. A producção original de Capistrano de Abreu seria grande se elle quizesse, ou se não fizesse — admiravel contradicção de um espirito clarevidente! — tão pouco caso de si mesmo. Quem melhor nascido e provido do que elle para a critica de idéas e costumes? Agudez de observação psycologica, capacidade de representação, sentimento de harmonia, percepção rapida dos contrastes, faculdade de generalização, e o dom — precioso para um romancista — de descobrir quasi de relance as caracteristicas individuaes e fundil-as, fixal-as num traço; tudo isso elle possue de natureza. Não aproveitou em maior extensão essas qualidades para a obra escripta, por que a curiosidade do sabio absorve a iniciativa do escriptor, o qual tambem não achou no nosso meio estimulos fortes para a producção da sua obra.

Ainda assim não é facil dizer nem comprehender o que principalmente determinou a sua abstenção da publicidade frequente. Seria a demasiada exigencia do autor descontente de sua obra? Seria a pura modestia? Seria o gosto da conversa, que é uma fórma de publicidade, limitada embora, mas que satisfaz a alguns grandes espiritos? O que é certo é que Capistrano de Abreu só não tem produzido mais porque não quer; mas o que produzio e é muito, se for, além dos folhetos e prefacios, collegido o que anda ignorado e esquecido nos jornaes, desde ha 30 annos, sem assignatura quasi sempre, é tudo de valor, nada somenos, e só faz lamentar que elle não publicasse mais e logo na forma definitiva de livro.

Do Ceará, quando veio para o Rio, Capistrano já era um espirito formado, independente, nutrido de muito saber

que só esperava utilização. Qual seria o genero de trabalho, a que o applicasse, supponho que elle proprio não sabia então. Os accidentes e as circumstancias de sua vida é que tinham de fixal-o, como succedeu effectivamente. Mas um facto era já então verificado, a sua vocação de escriptor.

Escrever, expor idéas, notar observações das cousas e dos homens, era uma necessidade para a sua intelligencia em constante elaboração, era impulso a que elle obedecia, sem cogitar do publico e da nomeada. A forma adequada a esse estado de espirito é o diario, e nesse tempo elle o começou a escrever e, como me disse, ahi registrava dia a dia as conversas que tinha com meu pai. Ia visital-o ao cahir da tarde em S. Clemente, fazendo o trajecto a pé, ida e volta, desde Santa Thereza, onde residia. Nunca me foi dado ler esses escriptos, naturalmente reservados pelas notações intimas que comprehendem, mas imagino que precioso documento ha nelles, pela materia tratada e pelo modo da expressão. Pódem avalial-o os que conhecem o autor de perto, os que lhe ouviram alguma vez definir incisivamente factos e pessoas.

Do que elle publicou nesse tempo nada tenho presente. O seu mais remoto trabalho que achei agora foram algumas linhas escriptas sobre meu pai em 1883 na *Revista do Centro Litterario e Scientifico José de Alencar*, em commemoração do anniversario de sua morte. São breves e vou transcrevel-as porque são caracteristicas.

« Ninguem, melhor que elle (Alencar), teve a intuição da vida colonial ; e ha paginas do *Guarany* e das *Minas de Prata* que valem por longas monographias.

Foi tambem elle quem primeiro manifestou as tendencias modernas, e, o que ha de bom e natural no estylo dos escriptores tambem actuaes, é de seu exemplo que deriva. »

Não sei se me engano, mas neste simples trecho ha uma revelação de escriptor. Ainda que mais nada houvesse delle, com essas duas phrases apenas se poderia verificar um typo litterario, como faria um naturalista concluindo e reconstruindo de um osso uma especie natural desapparecida ou ainda ignorada. Esse breve escripto demonstra um estylo. Tem clareza, sobriedade, concizão e rythmo, que são qualidades fundamentaes da boa prosa ; e revela além disso capacidade da melhor critica, porque é uma expressão synthetica das feições do romancista brasileiro. Desdobrado, daria a materia de um livro. Póde-se concluir, sem erro nem exagero que o autor estava apparelhado pelo pensamento e pela forma para o exercicio da litteratura.

O acaso de um emprego determinou a preferencia do genero litterario, em que teria de usal-os; a pratica da paleographia e diplomatica, que são conhecimentos obrigatorios na Bibliotheca Nacional, a consulta e catalogação de manuscriptos, quasi todos brasileiros, e a atmosphera brasileira formada naquella casa pelos preparativos e realização da exposição de Historia do Brasil, foram factores da especialização do estudo e trabalho de Capistrano de Abreu. Annos depois o concurso para a cadeira de Historia do Brasil do Collegio D. Pedro II completou a preferencia com a obrigação do officio.

Antes, porém, já em 1886, era elle um historiador acabado. Com uma consciencia menos exigente, poderia desde então fazer a historia do nosso paiz e a teria feito a melhor, a mais completa de quantas havia. Estava provido das informações originaes, tinha a cultura

geral e o sentimento da terra e da gente, e sobre isso uma habilidade de investigação minuciosa, alliada a um methodo de comparação, deducção e exposição de uma simplicidade transparente. Chronicas e papeis antigos não lhe serviam sómente para objecto de compilação, eram creaturas que elle se comprazia em reviver, conversar, discutir e em seguida apresentar renovadas, sem a poeira do tumulo, com as suas feições recompostas.

Perfeito trabalho de arte critica, com que o estudioso, honesto e paciente preparava a sua obra futura. São desse tempo os prefacios ás *Informações* de Anchieta e á Historia de Fr. Vicente do Salvador. Sente-se ao lêl-o a carinhosa attenção que elle punha no estudo desses achados manuscriptos, a seriedade com que os tratava, a aguçada perspicacia que o fazia discernir a authenticidade e o prestimo de cada obra, a faculdade de esmerilhar e destacar nos pequenos factos os valores essenciaes ou accidentaes da operação historica.

E' do prefacio ao trabalho de Anchieta o seguinte trecho:

« A importancia dos *Apontamentos*, a julgar pelos fragmentos aqui reunidos, deve ser grande. Anchieta era um grande observador, sabia reunir pequenos factos caracteristicos, desenhar os retratos com grande nitidez, e dar-nos a sua nota pessoal dos documentos humanos que enfeixava. O que elle escreveu sobre o Padre Manoel da Nobrega é mais instructivo psychologicamente que muitos volumes.

« Das *Informações* ha muito que aprender; a falta de açougues (pags 34 e 37), a preguiça da terra e a falta do engenho dos estudantes (pag. 37), a pintura dos engenhos (pag. 47), e muitos outros pontos rasgam perspectivas novas.

« Chamarei a attenção rapidamente para dous delles: o primeiro é que os primitivos colonos achavam a terra melancolica, e tinham razão porque bastavam as privações descriptas ás paginas 20 e 21 e que não eram privativas dos Jesuitas: as cobras que cahiam dos telhados sobre as camas ou mettiam-se nas botas (pag. 51), as formigas que obrigavam os moradores todas as noites a andarem de facho a catal-as (pag. 52): os receios dos inimigos externos que, segundo Gabriel Soares, os traziam de constante sobresalto, bastavam para produzir uma irritação constante. Ora, segundo a bella expressão de Taine, as sensações fazem a sensibilidade. *Por ser nesta terra,* diz-nos Anchieta, pag. 38. E' o que todo mundo dizia então e pensava.

« O segundo ponto é que os filhos de Portuguezes nascidos no Brasil eram tratados com desdem: *faltos de engenho*, diz o autor, pag. 37, *affeiçoados aos costumes dos indios*, diz. pag. 70. Cousas semelhantes diz elle nas suas cartas, e repetem os contemporaneos.

« Este ponto, — o desdem pela terra, o desdem pelos naturaes, *mazombos*, como então os chamavam em opposição aos *reinoes*, — é capital em nossa historia, e se quizermos definir em poucas palavras o periodo que começa com o descobrimento de Cabral e ramata com a conquista do Maranhão, nem um ha tão caracteristico. Neste periodo que se póde chamar *transoceanico*, de nosso ponto de vista particular ou, segundo a classificação genial de Ratzel, periodo da *distribuição peripherica*, é elle que tudo domina, tudo explica e systematiza. »

Completam esse trecho dous paragraphos que se seguem, e em que elle estuda a exploração do interior e das minas. Todo prefacio de Capistrano tem

um valor duplice, o da analyse particular e exhaustiva da obra e o da synthese de largos periodos da nossa historia. Reunidos e apenas coordenados, esses trabalhos formam um admiravel resumo da civilização colonial do Brasil.

Delles se póde dizer o contrario do que disse Capistrano de Abreu sobre a obra de Fr. Vicente do Salvador:

» Sobre seu estylo pouco ha a dizer; um ou outro trocadilho innocente (pão e pão, dominio e demonio), suppressão de uma palavra para dar a outra duplo emprego. Quanto ao mais, simples, familiar, tomando a côr da parte que copia. *Seu livro, no fundo, é uma collecção de documentos, antes reduzidos que redigidos; mais* HISTORIAS *do Brasil, que* HISTORIA *do Brasil; menos uma flor que um ramalhete.* E é uma vantagem: do tom do estylo dependem as cousas que se podem incluir nelle; compare-se um classico e um romantico e mesmo un romantico e um realista. No de Fr. Vicente cabe tudo: e historia não se lhe antolha de cothurno, mas de chinellos. »

Mas com esse preparo e essa aptidão, que já eram consumados em 1886, com o que aprendeu depois, em todo o tempo de magisterio, porque não escrevia elle a *Historia do Brasil?* Era a pergunta reiterada e instante dos amigos. Respondia que não era chegado o tempo, ainda lhe faltava muita cousa. Excesso de honestidade, é que era: escrupulo de consciencia exigente de mais. Havia sempre um ponto obscuro a esclarecer, um documento a consultar, a necessidade de um manuscripto que pertencia a uma bibliotheca da Europa; e entretanto elle ia derramando o saber em monographias, em artigos de jornaes e revistas, e nos intervallos, alongados o mais possivel, continuava o estudo.

A leitura é tão necessaria para elle, tão dominadora como um vicio. Acredito que passaria um dia em jejum ou sem fumar, mas não passaria sem ler. Numa interrupção de somno, alta noite, repousa lendo. Lê no bonde, ás horas da comida, em toda parte, e lê de tudo, poesia, obras de ficção, direito, sciencias physicas e naturaes, philosophia, economia politica, e ainda lhe sobra attenção para acompanhar os jornaes daqui e os principaes do extrangeiro. Devora um artigo de revista da mais enfadonha materia com a brevidade facil com que se lê um conto interessante. A sua curiosidade intellectual é infinita. Assumpto que o interessa leva-o de livro a livro até que outro lhe agarra o espirito. E nunca se sente transviado, porque tem a seu serviço uma memoria colossal, tanto para as grandes como para as minimas cousas. Affeito a tamanho goso, esquiva-se quanto póde ao trabalho de produzir, que é sempre penoso para as intelligencias serias e cultas.

Apezar disso, porém, era certo que elle havia de compor finalmente a sua obra definitiva, e independente de resultado pecuniario. Era uma questão de tempo e tambem de condição mental. O seu espirito estava saturado de historia brasileira; precisava descansar para que se renovasse o impulso da producção contente. Antecipou a opportunidade e convite para collaborar na obra « O Brasil, suas riquezas naturaes, suas industrias». Pediram-lhe uma noticia e elle escreveu um livro, a que chamou modestamente *Capitulos de historia colonial* (1500-1800).

Ainda não é a *Historia*; é, porém, mais do que tudo anteriormente feito por elle: é já o alicerce da sua construcção, são as paredes mestras de arcabouço acabado. Pelos fundamentos

que ali estão, pelas paredes, sabe-se o que será o edificio e a architectura, na qual « o bello não será senão a honestidade absoluta, a razão », como da architectura de Athenas disse Renan. « As partes occultas do edificio serão tão cuidadas como as que ficarem á vista ». Não haverá artificio a disfarçar fraquezas de travejamento. Tudo solido e duradouro como a verdade concreta.

São 11 capitulos: I. Antecedentes indigenas; II. Factores exoticos; III. Os descobridores; IV. Primeiros conflictos; V. Capitanias hereditarias; VI. Capitanias da Corôa; VII. Francezes e Espanhóes; VIII. Guerras flamengas; IX. O sertão; X. Formação dos limites; XI. Tres seculos depois. E' uma visão de conjunto e ampla, de quem já não caminha por atalhos; conhece-os todos, palmo a palmo; percorreu a estrada real, demoradamente, e disse o que vio. Annos que passem, ninguem verá melhor, nem com maior segurança. Não é em vão que um espirito prendado da natureza e enriquecido de saber, se detem por tanto tempo no estudo paciente, pesquizando, accumulando factos, comparando e corrigindo observações, concentrado num esforço continuo, sem evitar difficuldades, sem pressa, quasi indifferente á gloria que o solicita.

Não pretendo analysar o livro, particularizando o seu valor, para não parecer presumpçoso. E' um livro de mestre para mestres, e a estes cabe discutil-o. Mas de sua estructura não haverá que tirar, nem mudar. Falta apenas completal-o, e eu tenho a esperança de vel-o completado em breve pelo proprio autor, ao qual já não é licito parar na construcção da sua obra, austero monumento, com que perpetuando a passada civilização do paiz concorre para a demonstração da nossa mais alta cultura no momento actual e das qualidades de espirito que em alguns Brasileiros se podem achar, não differentes nem menores das que mais avultam nos centros intellectuaes do mundo.

Se vale alguma cousa a minha palavra, peço ao meu mestre Capistrano de Abreu que não interrompa mais a conclusão da sua obra, e estas linhas só tiveram esse intuito, além da homenagem que lhe devo da minha admiração e da minha amizade.

MARIO DE ALENCAR.

23 Dezembro 1907.

A nobre Arte de Elyseu Visconti

« On n'imite jamais somme toute que ce qu'on éprouve à un certain degré, ce que l'on retrouve de soi-même dans le modèle qu'on se propose. »

P. GAULTIER.

Elyseu Visconti, esse bello artista, esse grande poeta, buscou no scenario magnifico do *quattrocento* a inspiração sublime de sua nobre arte.

A influencia ancestral do espirito e da intelligencia daquelles grandes mestres que cinzelaram na biblia de ouro da alma latina uma das mais fulgurantes paginas, — essa grande floração esthetica de uma raça privilegiada que a

historia da arte conhece pelo nome de pequena renascença, — resurgiu no escudo rutilante da alma vibratil e sensivel desse guerreiro novo, galhardo e forte. Visconti é um primitivo sincero, convicto. Pre-Raphaelita de sangue, é um classificado na grande arte. Fóra dos moldes academicos, insurgído contra as receitas empiricas dos que professam a mediocridade e della se fazem pontifices supremos, a sua arte não vem do academicismo estreito de Bouguereau ou de Gelli, porque deriva do seu temperamento, do seu estylo, da sua propria alma, com todo esse sabor classico delicioso e extranho que tem a inflexão nervosa de uma linha fixa, espiritualisando um gesto, ou sorprehendendo um movimento original e inedito.

Contemplemos um momento essa deliciosa tela que se chama a *Dansa das Oreadas*. Aqui, um bosque solitario, um bosque cheio de sombra, e cheio de silencio. Por toda a parte paira a mysteriosa quietude das grandes tristezas. A noute vem perto, noute longa de outomno, porque pelo dorso avelludado das arvores esguias, o crepusculo silencioso e mudo escorre como uma lagrima sentida. A alma da paysagem, a alma tão mystica da natureza se vem mansamente insinuando pelas cousas como um phantasma errante, indeciso e ethereo. Subito, um rosario idéal de corpos alados atravessa o valle illuminado, e penetra lesto o bosque umbroso. São as *Oreadas*.

Ei-las que vêm, o corpo sinuoso e fragil, balouçando a cabelleira de ouro fulvo pela folhagem densa. Não trazem o pequenino arco, terror da corça selvagem. Cantam. Dansam. E porque a voz tem a magia plangente de um oboé tangido em surdina, as aves esvoaçam em torno, voluptuosamente.

E ellas vão, num espreguiçamento espasmodico de serpente, pelo labyrintho da floresta escura...

A *Dansa das Oreadas*, justamente apontada no momento actual como a obra prima do artista, fixa de modo decisivo as suas tendencias e as suas preoccupações. A sua paysagem, assim naquelle magistral trabalho como aliás em todos os demais, porque Visconti guarda com a intransigencia orthodoxa dos convictos a sua orientação primeira, — a sua paysagem não fica limitada ao interesse decorativo de *scenario*. Identificada profundamente com o homem, fraternisa com a sua alma e nella se completa. Confundir no mesmo carinho e no mesmo amor a natureza e as cousas, é obra essencialmente humana e nobre. Para senti-lo é mister a sensibilidade de uma alma de poeta. E ficou reservado aos artistas da envergadura de Millet e Visconti o segredo de no-lo revelar com igual força de emoção.

Falar na *Dansa das Oreadas*, é evocar a *Gioventu*, uma das mais brilhantes victorias de Visconti. A *Gioventu* esperou longamente, pacientemente, com toda a meiguice de seu pequenino rosto de porcellana, que a nossa Escola de Bellas Artes se apiedasse della. Mas a mesma Escola mendiga que não poude adjudicar ao patrimonio nacional a *Dame à la Rose* de Belmiro, fechou somnolentamente os olhos e não se deteve em contempla-la.

* * *

O prestigio da arte de E. Visconti escapa não raro ao criterio banalissimo de julgamento comesinho de nossos criticos.

Certo, elle não reside no colorido pomposo dos pintores de palheta farta, onde se casam num singular amalgama de côres todos os tons mais ou menos prodigiosos que vão da massa de tomate á tintura de iodo. Se na *Dansa das Oreadas* aquelle verde escuro intenso da floresta, que eu bem quizera poder chamarde verde-augusto, conserva a maxima energia de uma unidade chromatica, o seu vigor extremo é discretamente velado pela luz que o envolve. Visconti é um artista de côres delicadas, de harmonias suaves, das meias tintas veladas e modestas. Entretanto a sua phantasia tem-no levado a repetidas incursões no dominio do impressionismo, incursões de resto victoriosas, por que Visconti se apraz em experimentar a habilidade de seu pincel disciplinado como um diletante qualquer.

O parentesco intellectual do nosso mestre com os mui famosos reformadores da pintura ingleza de 1848, é notavel. Educado nos mesmos principios, commungando o mesmo ideal, a sua arte tem affinidades espirituaes com a arte de Gabriel Rossetti, e os *neoraphaelitas* da nobre escola de Herkomer. A affinidade de factura com esse ultimo, pareceu-me longo tempo inconteste. A sobriedade das suas tintas, a nobreza de suas delicadas nuances, o abandono quasi systematico das côres complexas de complicadas harmonias, essa tendencia accentuada á simplificação, vinham em auxilio do meu julgamento. Mas Visconti é um incontentado, um insatisfeito. A sua ultima orientação technica parece ser a do fulgurante Besnard.

Deixemos um momento a parte material de sua arte. Já sabemos da volubilidade de sua factura. O seu pincel tem percorrido todos os estados intermediarios que vão da transparencia ao pointillisme de *Walts* sem esquecer a decadencia de expressão da arte Monet e Renoir.

Buscando na sua arte a sua essencia e o seu espirito, o que os nossos olhos veem, maravilhados, é a delicadeza, a emoção extrema de um desenho fino, subtil, precioso muita vez, mas espiritualisado sempre na linha impeccavel de seu contorno. Visconti é o artista das attitudes excentricas, dos gestos expressivos e originaes.

Possuindo como Raphael Kirchner um alto sentimento decorativo, a sua arte é menos uma pretenção ao original, do que um nobre protesto contra o vulgar. Dahi o capricho de suas composições, a phantasia de sua imaginação.

Elyseu Visconti, dispondo na plenitude de seu desenvolvimento artistico de excepcionaes conhecimentos technicos, que muito recommendam a sua larga e bem orientada cultura esthetica, constitue á hora em que escrevo a maior e mais robusta affirmação da arte brazileira dos ultimos annos.

Rio de Janeiro 1908. JOSÉ MARIANNO, FILHO.

O NOVO MERCADO

Realizou-se a 14 de Dezembro a inauguração official do Novo Mercado, erecto nos terrenos da outrora praia de D. Manoel, destinado a substituir o Mercado da praça das Marinhas que servio como principal mercado desta Capital desde a primeira metade do seculo XIX.

A Companhia Mercado Municipal do Rio de Janeiro instituio-se em 7 de Maio de 1903, com o capital de 5.000 : 000$ dividido em 25.000 acções de 200$, para explorar o contrato de 20 de Agosto de 1891, feito pela então Intendencia Municipal com o Engenheiro Nuno Alvares Pereira de Souza, para construcção de um mercado nos terrenos da praia de D. Manoel, tendo-se, antes de installada a Companhia, formado a empreza sob a firma Alencar Lamberti e C., que mais tarde se fuzionou com a de Pupo de Moraes e C. sob a razão social de Alencar, Lamberti e C.

Para levar a effeito a construcção do Mercado, de que se constituio concessionaria, a Companhia Mercado Municipal do Rio de Janeiro, em 1 de Julho de 1903, por intermedio da Companhia Edificadora e intervenção do corrector Carlos Mauricio Paula Berla, lançou um emprestimo de 4.000 : 000$ por debentures de 200$, ao par, juro de 10 por cento e amortização annual de 10 por cento a começar em 1907, emprestimo este que foi resgatado, em 20 de Novembro do corrente anno pela emissão de um outro emprestimo de 5.000 : 000$ por debentures de 200$, ao typo de 97 1/2 e amortização annual de 1/2 por cento, por intermedio do *Brasilianische Bank fur Deutschland* e intervenção do corrector Adolpho Simonsen.

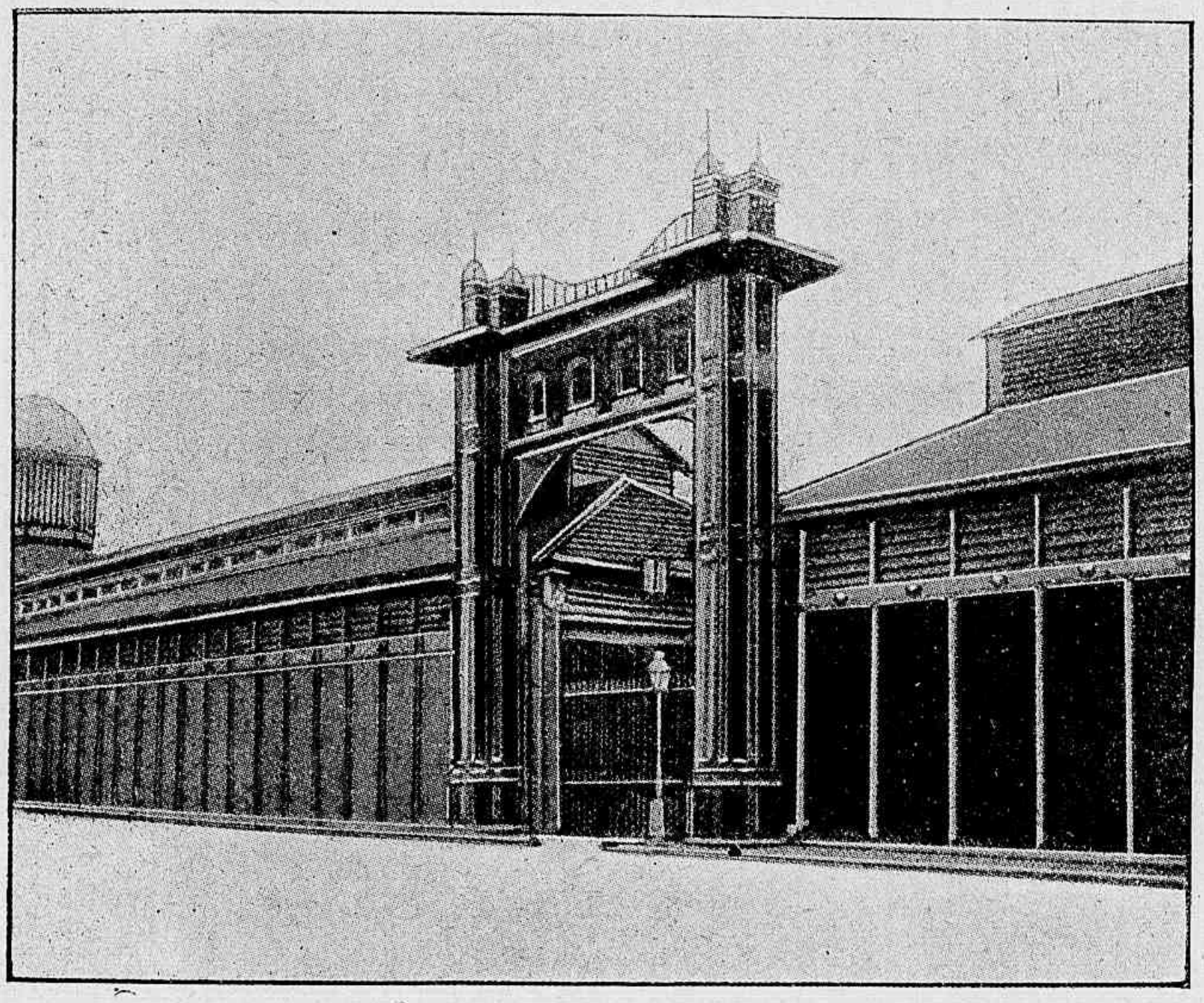
Rio. — Antigo mercado.

As obras do Novo Mercado foram iniciadas em 23 de Junho de 1903, por empreitada da Companhia Edificadora, segundo os delineamentos da Directoria

da Companhia, convertidos em projectos approvados pela Prefeitura Municipal, elaborados pelo engenheiro Sr. Dr. Azevedo Marques.

As obras por parte da Edificadora foram concluidas, segundo a escriptura de quitação reciproca, em 15 de Agosto do corrente anno, excepto o frigorifico.

draçado e no centro ergue-se um torreão dominante, encimado por um lanternim com relogio de quatro mostradores orientados aos pontos cardeaes e munido de indispensavel pára-raios. No pavimento terreo deste torreão estão installadas as camaras frigorificas em numero de quatro, com a capacidade total de 800 metros cubicos e respectivos



O novo mercado. — Porta da entrada.

O edificio, todo de ferro, occupa uma área de 22.500 m. quadrados, tendo quatre faces de 150 metros cada uma, no centro das quaes se erguem quatro portões monumentaes pesando cada um 35.000 kilos, assentes sobre oito pegões de 30 metros cubicos de pedra e cimento.

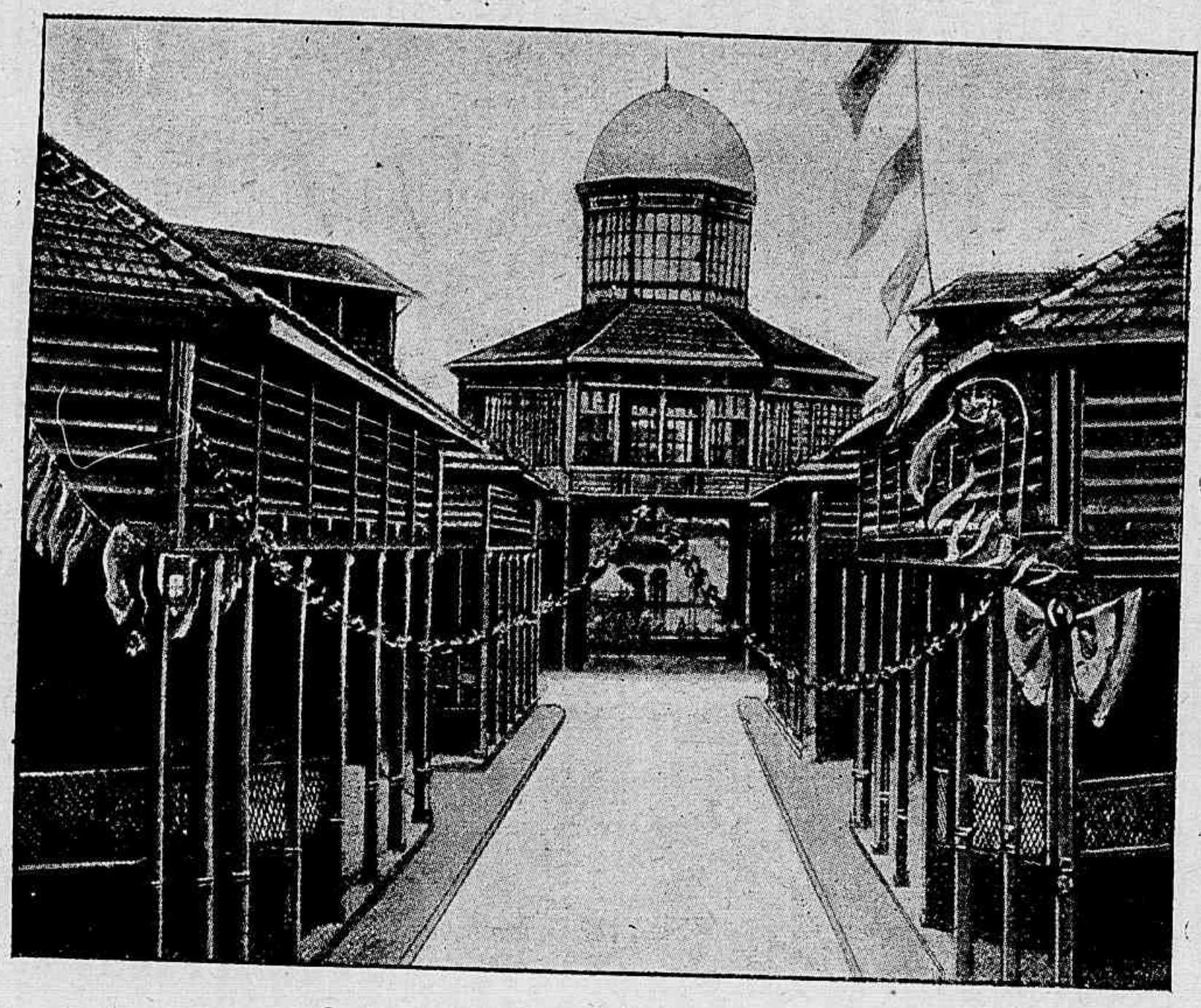
As quatro faces do edificio são orientadas pelos pontos cardeaes, dando ao norte para a Companhia Cantareira, ao sul para o Arsenal de Guerra, a leste para o mar (cáes Del Vecchio) e a oeste para o largo do Moura.

Em cada um dos quatro angulos tem um torreão com andar superior envi-

machinismos de Worshams e Sons, de Londres, compressor "Zero", systema de gaz carbonico aperfeiçoado e inoffensivo, bomba aspirante de agua salgada, tudo accionado por um motor a kerosene podendo trabalhar até á maxima força de 55 cavallos.

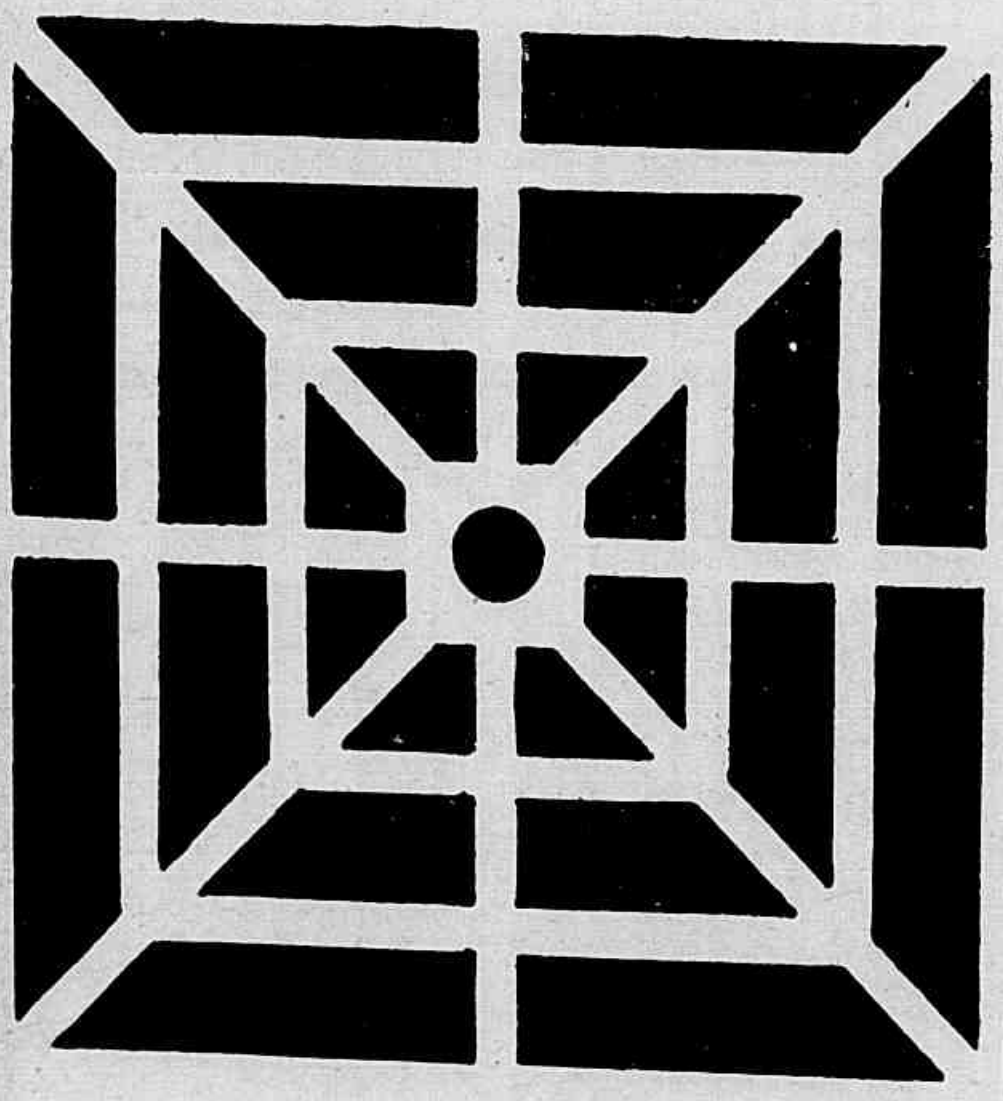
O accesso do edificio faz-se por quatro largas ruas em cruz que partem dos quatro portões de ferro monumentaes e ainda por quatro largas ruas diagonaes que partem dos angulos, convergindo todas para a praça central onde se levanta o grande pavilhão.

Essas oito ruas são trasversalmente



O novo mercado. — Pavilhão central.

cortadas por outras oito ruas. As ruas na totalidade de 16 são designadas pelos caracteres romanos de I a XVI, calçadas a parallepipedes de juntas tomadas, assentes sobre concreto de pedra britada, cimento e areia. A's margens das ruas e frentes dos compartimentos correm passeios de um metro de largura



revestidos de ladrilhos denominados *trottoir*.

O schema ao lado dá uma idéa da disposição das 16 ruas.

Além do pavilhão octogono central e dos quatro pavilhões tambem octogonos, o edificio contem 472 compartimentos destinados a negocio de carne, de peixe, de verduras, de frutas, de cereaes e de outros artigos, todos de pavimento estanque e ladrilhos de mosaico e todos providos de agua, de esgoto e de gaz.

Para serviço dos inquilinos e do publico ha oito compartimentos com apparelhos sanitarios inglezes dos mais aperfeiçoados, iguaes aos adoptados pela Prefeitura Municipal em varios pontos da cidade.

O edificio em geral é de ferro.

O Mercado Municipal do Rio de Janeiro é, sem contestação, um grande melhoramento entre os muitos de que, nos tempos recentes, tem sido dotada a Capital da Republica.

Cartões postaes falantes

O. Snr. Eduardo Campos de Oliveira realizou este anno na sala de algumas redacções de jornaes interessantes experiencias com um apparelho telephonico de sua invenção que, si bem se conservar, e fôr de um funccionamento seguro, como parece ser, fará verdadeira revolução nos modos usados da correspondencia epistolar.

A correspondencia não será escripta, mas fallada, com a vantagem e a sensação agradavel de ouvir-se a propria voz do ente querido e longe de nós, como se com elle proprio conversassemos.

O apparelho do Sr. Campos Oliveira é um pequeno phonographo que occupa o espaço de 0m,22 por 0m,33 com a altura de 0m,14, mais ou menos, recebendo o som por um tubo acustico usual e munido dos competentes diaphragmas para recepção e para emissão dos sons. Sobre um plano semelhante ao dos grammophones é adaptado, fixo por um caixilho movel, um cartão postal, em cuja face destinada ao endereço vão sendo impressas em circulos concentricos as palavras representadas por traços analogos aos do phonographo de cylindro de cera. E' no revestimento do cartão postal de materia analoga á cera, á parafina ou á stearina que está o segredo da invenção.

Dando-se corda ao machinismo que faz gyrar o diaphragma circularmente sobre o cartão postal, este recebe ou emitte os sons pelos tubos acusticos, porque são dous : um de receber e outro de emittir. Assim tombem são dous os diaphragmas — de audição e de recepção.

A funcção desse apparelho para as correspondencias por cartões postaes é intuitiva. Desde que duas pessoas o possuam facilmente trocarão, qualquer que seja a distancia que as separe, correspondencia oral.

Quem a expede fala e quem a recebe ouve pelo apparelho o que lhe diz o amigo ausente.

E' pois um phonographo tão engenhoso como o de Edison, com os mesmos fins, tendo porém sobre o do famoso sabio americano a utilidade de applicação mais simples e de preço muitissimo menor.

Transmissão das imagens á distancia

Os jornaes de Paris registram uma importante victoria da sciencia franceza.

O engenheiro Edouard Belin, que conta apenas trinta annos de idade, descobrio um apparelho que transmitte as imagens a grandes distancias, sem o emprego do selenio, pelo simples manejo de auxiliares electricos e photographicos.

Esse engenhoso apparelho permitte facilmente a transmissão ou recepção de uma imagem, em menos de cinco minutos.

A operação consiste na applicação do relevo apresentado pelas chapas photographicas tiradas em gelatina bichromatada, semelhantes ás provas tiradas com o carvão. A imagem a transmittir é formada por uma chapa positiva ou negativa transportada para um cylindro pelo mais simples dos processos.

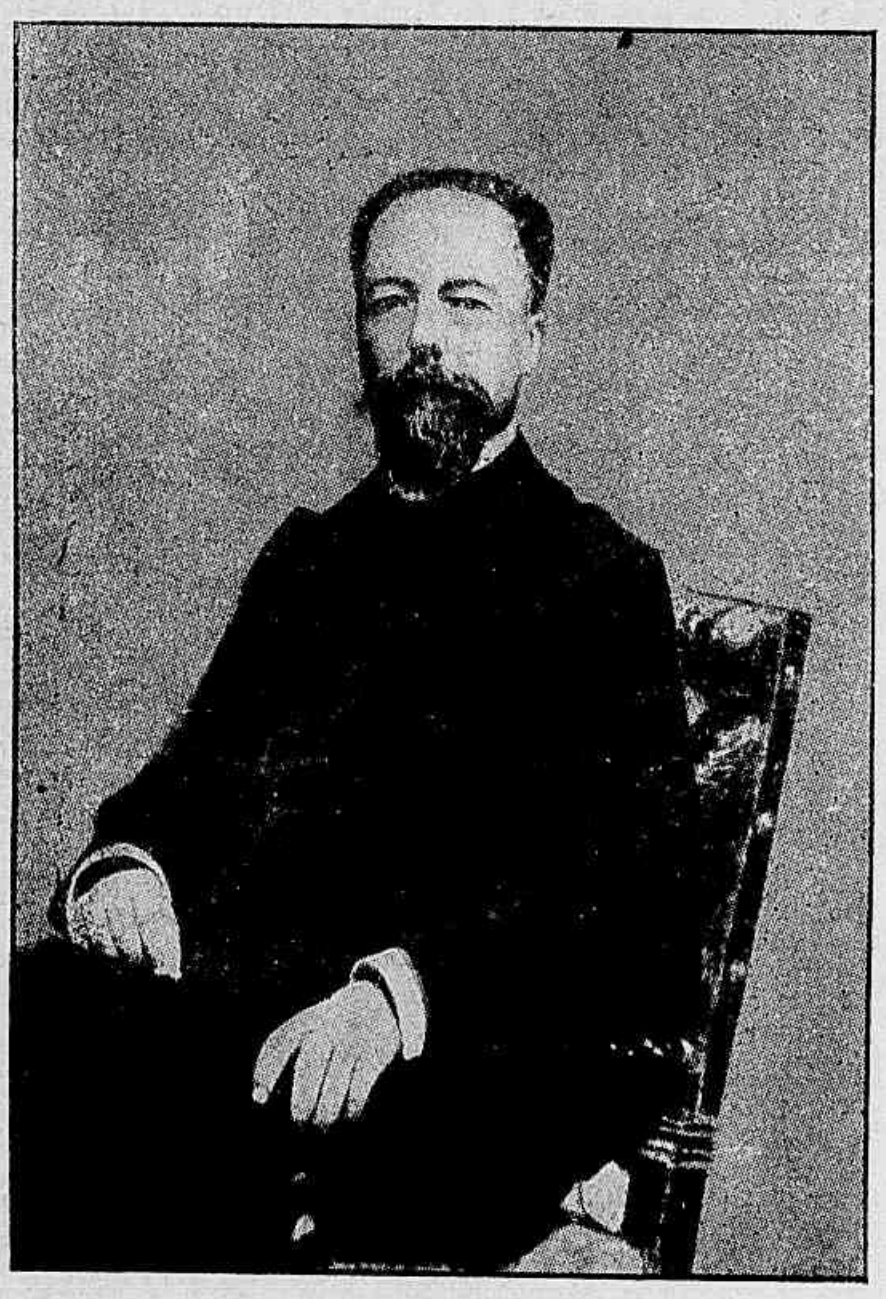
O apparelho do Sr. Belin funccionou no laboratorio da Sociedade Photographica, com o maior exito. E os jornaes são unanimes em pensar que o problema que o professor allemão Korn abordara está definitivamente resolvido.

PAUL DOUMER

Chegando ao Rio de Janeiro a 1.º de Setembro, foi nosso hospede cerca de um mez essa illustre figura franceza, das mais proeminentes no mundo politico actual.

Paul Doumer é, em todo o rigor da expressão, um filho das suas obras. De modesto professor de mathematicas elevou-se ás primeiras posições do Estado.

Depois de uma vigorosa campanha jornalistica, no departamento do Aisne, muito joven ainda, pois nasceu em 1857, era nomeado chefe do gabinete de Floquet, na presidencia da Camara dos Deputados.



Paul Doumer.

Aos trinta annos o Snr. Doumer sahia eleito deputado no correr da legislatura de 1885 a 1889, e desde então sua actividade se revelou em varios ramos, sobretudo nas questões economicas e financeiras. De 1893 a 1895 coube-lhe a importante funcção de relator do orçamento, de onde passou em 1895 ao cargo de ministro da Fazenda no gabinete Bourgeois.

Depois disto, em 1897, aceitou elle o cargo de governador da Indo-China, onde prestou grandes serviços á França, durante cinco longos annos de sacrificio num clima ingrato.

Finda essa commissão, e restituido á França, voltou elle para o parlamento. De 1902 a 1904, coube-lhe a presidencia da commissão do orçamento, de que foi alma, e em 1905 foi eleito Presidente da Camara, cuja cadeira conservou até o fim da ultima legislatura, sendo nesse periodo que se levantou a sua candidatura, tão brilhantemente suffragada, á Presidencia da Republica.

Ao mesmo tempo, sempre attento ás grandes questões que se agitam no mundo, elle tem ultimamente viajado não só na Europa, até á Russia, mas tambem na America. Ainda este anno fez-se applaudir em Pitisburgo e depois em Nova-York, desenvolvendo diante de auditorios de escol as suas idéas sobre as relações dos europeus com os povos modernos e até com os de raça e religião differentes.

Suas viagens têm assim um duplo objecto de estudo e propaganda. Se elle agora veiu ao Brasil, attrahido pelo que lhe disseram a nosso respeito e pelo

convite que lhe fizeram personalidades eminentes, é tambem para pôr-se em contacto com uma civilização nova e cheia de futuro, trazendo-lhe a palavra do velho mundo e levando a este as impressões reaes de esclarecida observação.

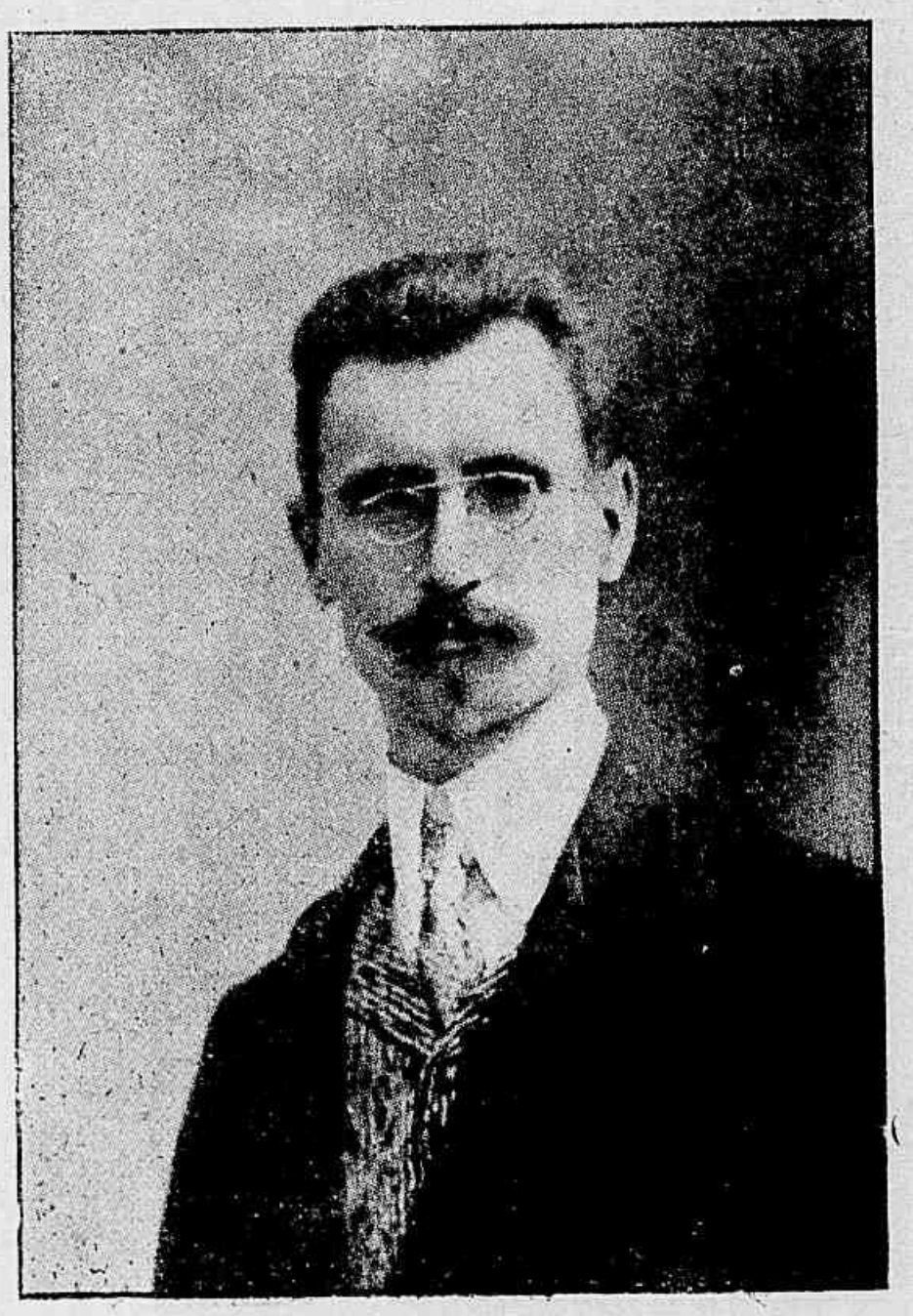
O Snr. Paul Doumer não se limitou a visitar a capital da Republica. Aqui esteve muitos dias, dos quaes alguns aproveitou para fazer algumas conferencias publicas sobre varios assumptos, conferencias que foram muito concorridas e apreciadas pelo publico a que se destinavam. Em seguida, porem, fez uma rapida excursão a S. Paulo, Paraná e Minas Geraes.

Graças a isso, poude ficar conhecendo mais completamente o Brasil, em favor do qual, de volta agora para o seu paiz, já tem feito em França uma generosa propaganda, que ha de echoar por todo o mundo, graças ao prestigio desse excellente collaborador que tivemos a fortuna de achar na pessoa do eminente homem francez.

GUGLIELMO FERRERO

Tambem nos deu a honra de sua visita este eminente escriptor italiano, que chegou ao Rio de Janeiro, de volta do Prata, a 23 de Setembro, regressando para a Italia a 1.º de Novembro.

Bem moço ainda, elle ja conseguiu, pela talento, pela perseverança e rara illustração de seu espirito, transpôr as fronteiras da Italia para o resto da Europa, adquirindo rapidamente uma notoriedade universal. « E' que Guglielmo Ferrero, alem de literato e estudioso, — como o disse um nosso estimado homem de letras, — é verdadeiramente um pensador, é uma alma forte e sincera, uma alma para quem a existencia do dever e a profunda seriedade da vida são genuinos artigos de fé. »



Guglielmo Ferrero.

Antes de vir á America do Sul, o illustre escriptor italiano visitou a França e foi recebido em Paris com calorosos applausos, que valem naquella terra priveligiada por uma sancção universal.

Guglielmo Ferrero é autor de varias obras notaveis, entre ellas o « Militarismo » e a « Italia Joven »; mas o seu livro monumental é a « Grandeza e

Decadencia de Roma », em que se revela um historiador de qualidades verdadeiramente proprias, tendo conseguido, por assim dizer, quasi que renovar de todo esse velho assumpto.

E' que elle « junta ao conhecimento cabal e ao confronto esclarecido dos documentos, — diz ainda o nosso referido escriptor, — á capacidade das idéas geraes, á comprehensão das correntes intellectuaes, dos factos moraes e economicos, em summa á immensa cultura philosophica e scientifica, um grande poder de synthese, uma notavel agilidade conjectural, e essa faculdade suprema de reconstituir a vida sem a qual o historiador descamba na cathegoria de enumerador archeologico ou de fastidioso chronista. »

O nosso digno hospede realisou diversas conferenciaes aqui e em S. Paulo, que, pelo seu encanto e grande valor, constituiram o successo da occasião entre nós.

Acompanhou-o, nesta excursão pelas nossas plagas, sua esposa, a Snra Gina Ferrero, — uma notavel escriptora por sua vez — e filha do grande psychiatra e anthropologista Cesare Lombroso.

Já chegaram ao Brasil a esta hora os echos das generosas e captivantes expressões que, de volta a Europa, Guglielmo Ferrero tem tido, referindo-se ao nosso cavalheirismo para com aquelles que nos visitam, e dos honrosos conceitos com que elle ha confirmado o juizo que sahiu fazendo do nosso estado de cultura e da nossa capacidade de progresso.

" LE MESSAGER DE S. PAULO "

9e ANNÉE

Organe défenseur des Intérêts Français dans l'Amérique du Sud

Directeur-propriétaire

E. HOLLENDER

Rua Senador Feijó, 27

S. PAULO-BRASIL

Prix de l'abonnement : **12$000 rs.**

Etranger : **24$000 rs.**

NECROLOGIOS DO ANNO DE 1907

Conselheiro Francisco de P. Mayrink

Os jornaes de 1.º de Janeiro de 1907 noticiavam o fallecimento, que se dera na vespera, do Conselheiro Francisco de Paula Mayrink, um dos nomes que ficarão mais salientes na historia financeira, não só da primeira década da Republica, como dos ultimos tempos do Imperio.

Conselheiro Francisco de P. Mayrink.

Mas ja havia vinte e cinco ou trinta annos que o Conselheiro Mayrink era uma figura na praça do Rio de Janeiro. Possuindo fortuna pessoal, que augmentou casando-se com uma senhora da familia Itamaraty, os negocios bancarios attrahiram-no de preferencia, e ao lado destes começou a envolver-se em negocios de estrada de ferro. Antes, porem, de penetrar no grande campo em que figurou na epoca acima assignalada, sua especialidade foi o credito real, de que fundou o conhecido banco não ha muito liquidado.

A incorporação do Banco Constructor, em cuja directoria figuravam politicos eminentes dos ultimos annos da Monarchia, foi o acontecimento precursor do grande « Encilhamento » chamado, que só terminou depois do Golpe de Estado de 3 de Novembro, já na Republica. A casa em que se tomaram as assignaturas dos subscriptores de acções por pouco que não foi assaltada pelos que pretendiam figurar nas listas. Era quasi impossivel entrar, tal a multidão que disputava esses titulos, promissores de agio nunca visto.

Pouco depois, com o advento da Republica, esta resolvia tomar

caminho diverso do seguido pelo Gabinete Ouro-Preto. Para executor do decreto de 7 de Janeiro, creando o Banco dos Estados Unidos do Brasil, com emissões sobre lastro de apolices, foi escolhido o Conselheiro Mayrink.

O mundo phantastico de emprezas que então se engendraram gyrava em torno do Conselheiro Mayrink como em torno de um astro-rei. A sua boa vontade, o seu favor, o seu conselho decidiam da sorte dos negocios, que brotavam como cogumelos no terreno encharcado pelas emissões. Nunca se viu um homem mais envolvido por amigos de toda especie, mais procurado, mais solicitado.

A fortuna do Conselheiro Mayrink cresceu naquelle momento ao ponto de fazel-o o homem mais rico do Brasil. Para que maior brilho se juntasse á sua fama, elegeram-no deputado á Constituinte, onde se deu o seu encontro com o Conde de Figueredo, de quem sempre se considerou o emulo, encontro que os annaes parlamentares ficaram registando nos discursos que ambos então produziram num duelo de doutrinas financeiras oppostas entre si.

Com as diversas transformações por que passou o Banco da Republica dos Estados Unidos do Brasil, o Conselheiro Mayrink perdeu para os seus innumeros admiradores a fascinação que em tempo sobre elles exercera. Eleito deputado por Minas Geraes, de onde era filho, passou a consagrar modestamente seu tempo ás funcções do mandato e á liquidação dos seus negocios pessoaes. Toda a immensa fortuna que chegara a conseguir estava ligada a mil negocios que tinham surgido no « Encilhamento » e participavam da fragilidade da sua base.

O Conselheiro Mayrink era o que se chama entre nós « uma grande alma », como o disse o *Jornal do Commercio*, noticiando o seu fallecimento. « Muito bondoso, confiando em tudo e em todos, deixava-se envolver em negocios e negocios que depois se constituiam em embaraço para a sua vida. Os admiradores pressurosos, que o enleiavam em tantas combinações, sabiam mais que elle proprio, que muitas vezes ignorava o que possuia ou via escapar-lhe o que julgava seu. »

Morreu deixando uma fortuna insignificante, á vista da situação sem egual que teve em nosso paiz.

Dr. Carlos Ferreira França

Não era um homem celebre o Dr. Carlos Ferreira França, lente de literatura no Gymnasio Nacional. Outros o tem sido, porem, com muito menos valor. Só lhe faltava para transpôr o circulo modesto em que sempre viveu a coragem e a imponderação dos ambiciosos. Intelligente e culto, o Dr. Carlos França pertenceu á classe desses homens que se respeitam, que se ouvem com attenção e que mesmo chegam a influir nos meios selectos, mais, muitas vezes, do que o chronista leviano e não mui raro sem grande escrupulo que o vulgo acredita e eleva.

Alem disso, era de uma grande bondade e de uma sociabilidade extrema, dentro das suas linhas de correcção e modestia, este delicado espirito, cujo passamento foi na verdade sentido pelos seus muitos amigos e apreciadores.

Dr. Felix Gaspar

Falleceu a 27 de Janeiro o Dr. Felix Gaspar de Barros Almeida, Juiz de Direito desta Capital e ex-ministro da Justiça e Negocios Interiores.

No Congresso, na administração e na magistratura deixou elle um nome respeitado e saudoso pelo muito que fez e pela correcção com que se houve.

Nomeado Ministro da Justiça, na vaga deixada pelo Sr. Dr. Joaquim Seabra, tomou posse e entrou em exercicio a 29 de Maio de 1906, exactamente dez annos depois de haver deixado o lugar de Juiz de Direito da Feira de Sant'Anna para assumir o de Secretario da Segurança Publica da Bahia, no governo do Sr. Dr. Luiz Vianna.

Serviu com grande lealdade e perfeita dedicação ao governo do Snr. Rodrigues Alves, imprimindo aos negocios da sua pasta uma direcção firme e brilhante.

O Congresso de Instrucção, de que foi um presidente assiduo e interessado, ficará como o primeiro passo dado com resolução para a reforma do ensino.

Tambem a bella iniciativa que tomou em favor dos hospitaes para tuberculose ficará como demonstração do seu espirito de humanidade e previdencia social.

Visconde de Cabo-Frio

O funccionalismo superior da Republica perdeu a 15 de Janeiro um dos seus mais dignos e honrados servidores com a morte do Visconde de Cabo-Frio, Director geral da Secretaria das Relações Exteriores.

Joaquim Thomaz do Amaral nasceu nesta cidade do Rio de Janeiro, na então rua do Cano, hoje Sete de Setembro, a 16 de Agosto de 1818.

Iniciou sua carreira publica a 14 de Outubro de 1840, como Commissario Arbitro da commissão mixta brasileira e ingleza na Serra Leôa, e desde então sua actividade exerceu-se sempre na esphera da diplomacia, desempenhando elle honrosamente e com brilho differentes commissões no exterior, até que a 21 de Março de 1865 foi nomeado Director Geral da Secretaria de Estado. Desse cargo, porem, ainda teve de se afastar temporariamente uma vez, quando a 20 de Dezembro de 1867 foi nomeado Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario em missão especial na Argentina e no Uruguay, missão de que só foi dispensado a 27 de Janeiro de 1870.

Foram de tal ordem e em tão grande numero os pareceres que elaborou e apresentou a respeito das multiplas e complicadas questões internacionaes que preoccupavam a Chancellaria brasileira, que, quasi se pode dizer, sem o concurso da sua sabedoria e dos seus profundos conhecimentos, prestando valiosos subsidios ao Conselho de Estado, não raro a causa do paiz teria soffrido, sinão pereclitado, nessas pendencias diplomaticas com outras nações.

A Republica veiu encontral-o no seu posto. Era um velho servidor do Imperio, habituado ás praxes do regimen, mas bastante alheio a preoccupações de ordem politica. O visconde de Cabo-Frio não hesitou em acceder ao pedido que então lhe foi feito para continuar a prestar ao Brasil republicano os serviços que prestara ao Brasil imperial. Ficou, pois, no seu lugar e continuou a ser a encarnação perfeita da tradicção diplomatica brasileira, o exemplo vivo de quanto pode produzir a persistencia na carreira adoptada.

Com o novo regimen, a pasta do Exterior tornou-se movimentada e importantissima, como não o fôra no Imperio, de modo que o velho e já tão benemerito servidor teve ahi occasião de dar ainda maiores provas da sua capacidade e de seu zelo, importando numa medida de

grande e raro acerto da parte dos homens responsaveis pela nova situação o haverem pensado em conserval-o naquelle ministerio e terem-no conseguido. Houve épocas, na Republica, como já houvera na Monarchia, em que o verdadeiro e real Ministro do Exterior foi elle, quando passaram pela pasta homens que não tinham feito uma especialidade daquelle ramo de administração.

Foram grandes as provas de estima e apreço representadas pelas homenagens que se pretaram ao visconde de Cabo-Frio, o benemerito brasileiro, por occasião da sua morte, não só as de origem official, coms as da população do Rio de Janeiro, de differentes pontos da Republica e até de muitos paizes amigos.

Emmanuel Guimarães

Num dos primeiros dias do mez de Fevereiro noticiou a imprensa a morte desse moço, que não havia muito começara a ser conhecido do publico com o apparecimento de dois livros seus, — « Jorge do Barral » e « A Todo Transe », — romances de folego — e obras que foram bastante apreciadas pela critica nacional.

Emmanuel Guimarães, ou antes, o Dr. Adolpho Emmanuel Guimarães, filho do Conselheiro Domingos Theodoro de Azevedo Junior, era um moço de talento e que fizera estudos regulares, tendo-se formado em direito pela Faculdade de S. Paulo e indo completar esses seus estudos na Europa, pelo que, chegando em Paris, matriculou-se na Escola respectiva. Terminou ali o curso de sciencias philosophicas e economicas com o gráo de distincção.

Pouco tempo antes de fallecer, publicou no *Jornal do Commercio* varios artigos em que estudava o problema da valorisação do café, artigos escriptos com capacidade e criterio.

Era, assim, um espirito complexo e solidificado por bons estudos o desse moço, a cuja existencia uma implacavel enfermidade poz termo tão cedo.

Ultimamente foi publicado o seu romance posthumo, — « O Irreparavel », — tambem acolhido com elogios pela critica nacional.

Dr. Vicente Machado

O Dr. Vicente Machado da Silva Lima, que succumbiu a 3 de Março, em Coritiba, capital do Paraná, no cargo de Presidente daquelle Estado, foi uma figura politica representativa no seu tempo, fallecendo ainda moço, pois contava apenas quarenta e seis annos de edade.

Começou sua carreira como Promotor Publico de Coritiba, cargo de que tomou posse em 1882, sendó, porem, chamado nesse mesmo anno para Secretario do então Presidente da Provincia, o Dr. Carlos Augusto de Carvalho.

Em 1883 foi nomeado Juiz Municipal da cidade de Ponta-Grossa, ainda no Paraná; mas dahi a pouco, no anno seguinte, deixava esse cargo por ter sido eleito deputado á legislatura provincial, sendo reeleito em 1887.

Foi nessa segunda legislatura, quando a propaganda republicana já ia adiantada, e lá mesmo no Paraná haviam-se fundado Clubs e iniciado uma franca agitação, que elle adheriu ao movimento, de modo que veiu a accupar o cargo de Chefe de Policia do Estado logo depois da proclamação da Republica.

Foi depois Presidente da Camara Municipal de Coritiba, Superintendente geral do Ensino, e eleito afinal, deputado á Constituinte, desde cujo momento começou a ganhar um crescente prestigio politico, até se constituir o chefe incontestavel do partido que tem sido o dominante naquelle Estado.

O golpe de 3 de Novembro de 1891, contra o qual se pronunciou, achando-se no poder por essa occasião, no Estado, o partido a que elle era adverso, e depois a revolta de 6 de Setembro, que achou o Dr. Vicente Machado no cargo de Governador do Paraná, do qual sahiu só depois da pacificação, consolidaram definitivamente a sua situação politica.

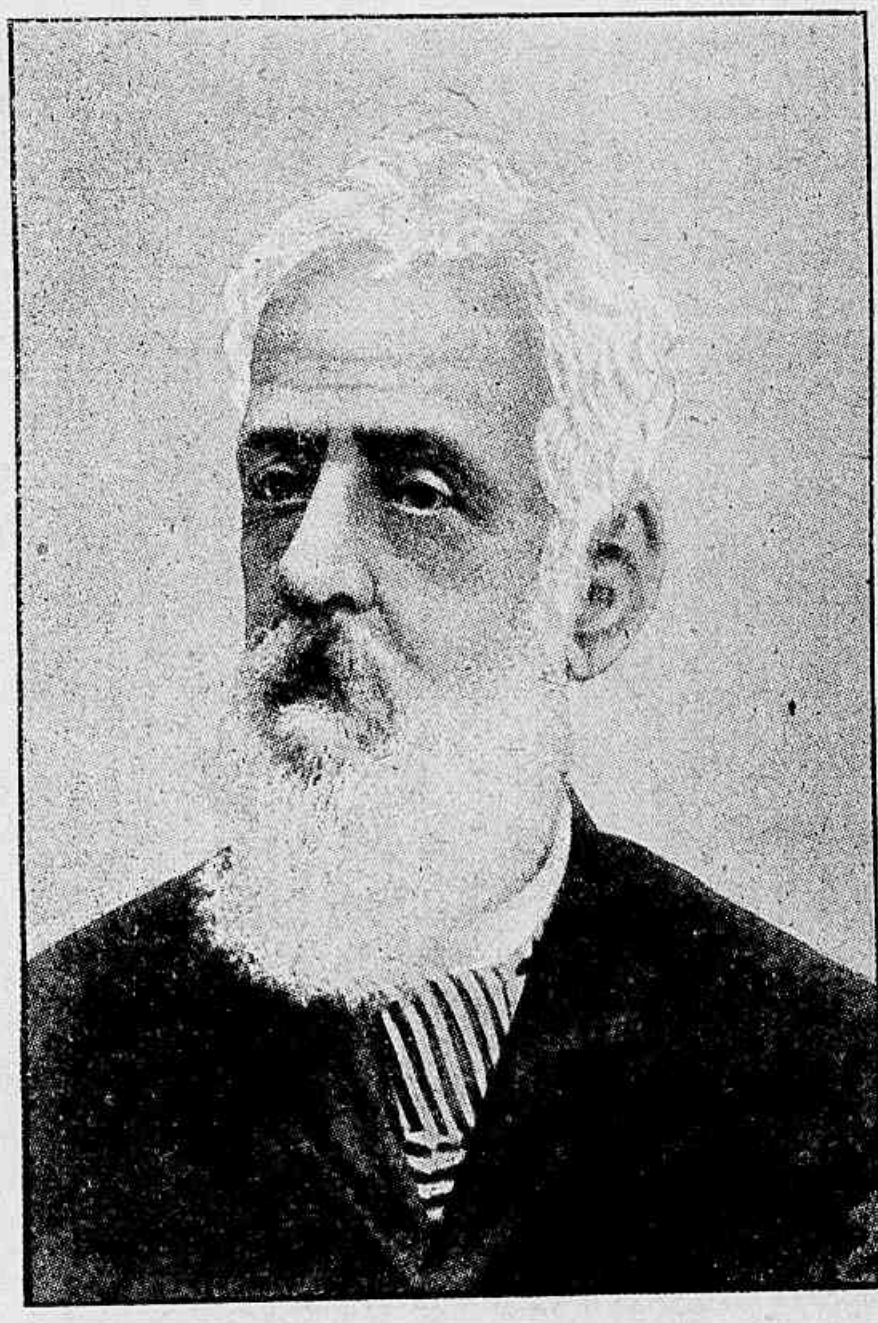
Em 1895 foi elle feito Senador com mandato até 1902, e deixando esse cargo foi eleito de novo Governador do Estado, situação em que a morte o veiu colher.

Era intelligente, activo, emprehendedor, e dispunha, como poucos, das qualidades de adaptação necessarias para a politica, e por outro lado das que o mando requer, principalmente nas épocas de organisação proprias de um novo regimen.

Entre as outras felicidades da sua carreira, e da do partido que dirigiu, uma occorreu, bem notavel: com o desenvolvimento dos paizes do Prata, — grandes consumidores do matte do Paraná, — e a ecclosão da industria do pinho, facilitada pela vantagem das estradas de ferro que ali ja se acham construidas, o Estado floresceu a olhos vistos no seu tempo, de modo a augmentar ainda mais o prestigio dos governantes daquella terra e a dar-lhes mesmo a gloria que sempre acompanha o bom exito.

Dr Paranhos Pederneiras

Falleceu no dia 6 de Março o velho redactor do *Jornal do Commercio*, Dr. Manoel Velloso Paranhos Pederneiras, cuja morte penalisou a sociedade fluminense inteira, que o conhecia e pela qual, sem discrepancia, era tão estimado. « As suas preciosas qualidades de coração e os seus meritos intellectuaes, servidos por uma palavra facil e brilhante e por uma penna experimentada e habil, davam-lhe, entre os profissionaes do nosso jornalismo, uma feição typica, que tão cedo não se apagará da memoria de seus collegas », como disse, noticiando o triste facto, o grande orgão a que elle dedicou boa parte da sua vida.



Dr. Paranhos Pederneiras.

A'geração de hoje quasi que não se afigurava possivel separar a individualidade do Dr. Paranhos Pederneiras do importante jornal de que sempre o conheceramos representante, por tal modo a sua figura veneravel e sympathica se consubstanciara na nossa imaginação com a folha de cuja corporação fazia parte. Sua vida, no emtanto, foi complexa e affanosa, na phase em que o homem se acha em plena posse de suas forças e dispõe da actividade maxima de que é capaz.

Formado pela Faculdade de medicina desta capital em 1855, exerceu diversas commissões medicas por occasião do cholera-morbus,

serviços que lhe valeram ser agraciado cavalleiro da Ordem da Rosa pelo governo imperial.

Foi depois nomeado lente da Escola militar preparatoria do Rio Grande do Sul, a qual dahi a pouco era transferida para Porto-Alegre, para onde, por isso, elle teve de seguir.

Foi ahi que, convivendo com o pessoal da redacção do *Correio Mercantil*, elle tomou gosto pela vida jornalistica, acabando por entrar para a redacção dessa folha.

Mas, tendo rebentado a guerra do Paraguay, para lá seguiu, como medico do exercito, prestando ali muito bons serviços, pelo que foi elevado a official da Ordem da Rosa.

De volta, por fim, ao Rio de Janeiro, ainda desempenhou diversas commissões do ministerio da guerra, nas suas funcções medicas.

Teve a seu cargo muitos outros serviços, mas já então, ao mesmo tempo, collaborava na *Folha Nova* e no *Diario de Noticias*, acabando por entrar para a redacção do *Jornal do Commercio*.

Em todas as grandes festas e solemnidades, em todas as reuniões intimas ou populares, sua presença era quasi sempre infallivel, e recebida com grande satisfação. « De alto porte, — são ainda palavras do *Jornal do Commercio*, — com aquelles prateados e ennovelados cabellos e aquella longa barba nevada pelos annos, sua figura impunha certa respeitabilidade, e fazia lembrar a do velho imperante. Foi por isso que, representando o *Jornal* em uma das viagens do fallecido monarcha ao Estado de Minaes, que o confundiram com D. Pedro II, recebendo elle vivas acclamações da população, que o cobriu de petalas de flores, alem do que até lhe foram prestadas continencias militares. »

Dr. Miranda de Azevedo

Recebia-se de S. Paulo, a 12 de Março, a noticia do fallecimento do Dr. Augusto Cezar de Miranda Azevedo, lente da Faculdade de Direito daquella Capital.

Era natural de Sorocaba, e formou-se em medicina na Escola do Rio de Janeiro em 1878.

Propagandista das idéas novas, foi companheiro de Ramiro Barcellos e Lopes Trovão, fundando o jornal — *O Radical Academico*.

Depois trabalhou em pról da abolição, e da Republica, collaborando nos jornaes *A Opinião Nacional*, o *Correio Nacional* e *A Republica*, onde teve por companheiros Aristides Lobo, Rangel Pestana, Limpo de Abreu e outros. Regressando a S. Paulo, collaborou na antiga *Provincia*.

Transferindo sua residencia para Guaratinguetá, ali fundou o partido republicano.

Voltou novamente a S. Paulo, onde desde 1884 estabelecera consultorio medico, conseguindo obter a maior clientela da Capital.

Proclamada a Republica, fez parte do Congresso Constituinte Paulista. Foi Deputado Federal diversas vezes e representou o Brasil no Congresso de medicina reunido em Vienna.

Vice-Almirante Manhães Barreto

Foi um militar correcto e distincto o Vice-Almirante graduado Dionysio Manhães Barreto, fallecido a 31 de Março.

Exerceu os cargos de Vice-Director da Escola de Marinha, Director do Collegio Naval, Director da Escola Naval, de membro effectivo e de Vice-Presidente do Conselho Naval, o de Chefe do Estado maior general da Armada, etc., etc.

Commandou os couraçados *Tamandaré*, *Lima Barros*, *Aquidaban* e *Javary*, a corveta *Nitheroy*, as canhoneiras *Araguary* e *Itajahy* e o vapor *Onze de Junho*, como ainda o Batalhão Naval e o Corpo de Marinheiros Nacionaes.

Tomou parte no forçamento e passagem de Humaytá, nos bombardeamentos e passagens de Curuzú, Itaipyrú e Curupayti, onde foi ferido, sendo elogiado pelo Commandante em chefe da Esquadra.

Foi deputado ao Congresso Nacional pelo Estado do Rio de Janeiro.

Era um dos signatarios do manifesto dos 13 generaes, que o Marechal Floriano reformou, sendo depois esse acto annullado pelo poder judiciario.

Conselheiro Carlos Affonso

Falleceu a 5 de Abril o Conselheiro Carlos Affonso de Assis Figueredo, irmão do Snr. Visconde de Ouro Preto e figura saliente na politica do Imperio.

Homem de caracter energico e de fortes convicções, teve occasião de revelar-se como era, não só durante a sua vida activa, que cessou com a queda da Monarchia, como depois, na manutenção da linha severa que sustentou, na qualidade de adversario intransigente e destemido do novo regimen, que sempre foi.

Ja havia annos, era elle reprensentante da então Provincia de Minas, sua terra natal, na Camara dos Deputados, quando em 1882, com a retirada do Ministro Martinho Campos, organisou novo Gabinete o Visconde, hoje Marquez de Paranaguá, entrando então para o Ministerio o Dr. Carlos Affonso como ministro da Guerra.

A gestão dessa pasta foi muito agitada pelo incidente levantado com o commandante de um dos corpos da guarnição da Côrte, que relutara em obedecer a uma ordem de embarque dada pelo ministro. A energia demonstrada nesse incidente pelo Conselheiro Carlos Affonso foi acerbamente criticada no parlamento e na imprensa. Na Camara respondeu elle com altivez á opposição, sustentando a necessidade de ser mantida a todo custo a disciplina do Exercito. Sendo feita na imprensa a opposição ao ministro em parte por officiaes-alumnos da Escola militar e de corpos scientificos, o ministro da Guerra puniu a todos que chegou a conhecer com transferencias para Matto-Grosso e para outras guarnições afastadas da Côrte.

Com a retirada do ministerio Paranaguá, ficou o Conselheiro Carlos Affonso na sua cadeira de Deputado, mas não tomou mais parte muito saliente na politica, até que, annos depois, incumbido o Snr. Visconde de Ouro Preto de organisar o Gabinete que viria a ser o ultimo da Monarchia, foi elle nomeado Presidente da Provincia do Rio de Janeiro, cargo que exerceu até ao dia da revolução. Nesse momento elle presidia tambem a Camara dos Deputados em sessão preparatoria.

Collaborou activamente com o Presidente do Conselho, seu irmão, nos actos iniciados na noite de 14 de Novembro de 1889 para combater a revolução, e partilhou da sorte delle com a mesma coragem e egual sobranceria.

Deportado com sua familia para a Europa pelo Governo Provisorio, lá se demorou, até firmar-se a legalidade pela Constituição de 24 de Fevereiro.

Retirou-se da vida publica, sem mais ambições politicas, exercendo dahi por diante o professorado e a advocacia.

Como adversario da vanguarda, que era, o Conselheiro Carlos Affonso soffreu os ataques de seus contendores nos primeiros tempos, no periodo revolucionario da Republica, e, é justo dizel-o, supportou-os com coragem e altivez, sem fraquezas nem capitulações. Passada a phase critica do novo regimen, porem, todos o respeitavam pela excellencia do seu caracter, pela pureza de sua vida.

Conselheiro Souza Ferreira

Fallecendo em edade avançada, — aos setenta e seis annos de edade, — João Carlos de Souza Ferreira, — o decano dos nossos jornalistas, — ja era mal conhecido da geração presente. Elle foi contemporaneo de José de Alencar, de Cezar Muzzio, Manoel de Almeida, França Junior, Coaracy, Caetano Filgueiras, Almeida Braga, Joaquim Serra e outros que ha quarenta annos atraz occuparam os primeiros lugares da imprensa e das letras brasileiras.

Nesse tempo era raro o jornalista que não fosse um literato, — um cultor das boas letras e da boa linguagem.

Souza Ferreira escreveu durante annos no *Diario do Rio de Janeiro*, dirigido por José de Alencar. O autor de *Cinco minutos* estimava tanto a cooperação literaria de seu companheiro, que lhe deu o folhetim dos domingos, secção que tinha grande importancia jornalistica então, tanto que não era folhetinista domingueiro escriptor sem renome.

Depois passou elle para o *Correio Mercantil*, de seu cunhado Francisco Octaviano, a quem substituiu, quando este, em 1865, foi em missão diplomatica para o Rio da Prata. Nesse jornal occupou-se tambem de politica. Quando, nesse annos, — a guerra do Paraguay e os actos diplomaticos da guerra Oriental, que a precedera, agitavam todo o paiz, escreveu e publicou um pamphleto, — « A Questão Paranhos », — em que tratava da paz assignada com tanta previdencia e patriotismo pelo então Conselheiro Paranhos, e que os contemporaneos tão mal julgaram.

Em 1868 entrou para o *Jornal do Commercio*, em que veiu a exercer a chefia da redacção interinamente, na ausencia do Dr. Luiz de Castro, e definitivamente afinal, por morte deste.

Em 1888 mereceu do governo imperial a graça do titulo de

Conselheiro, fóra muitas condecorações que teve, do paiz e do estrangeiro.

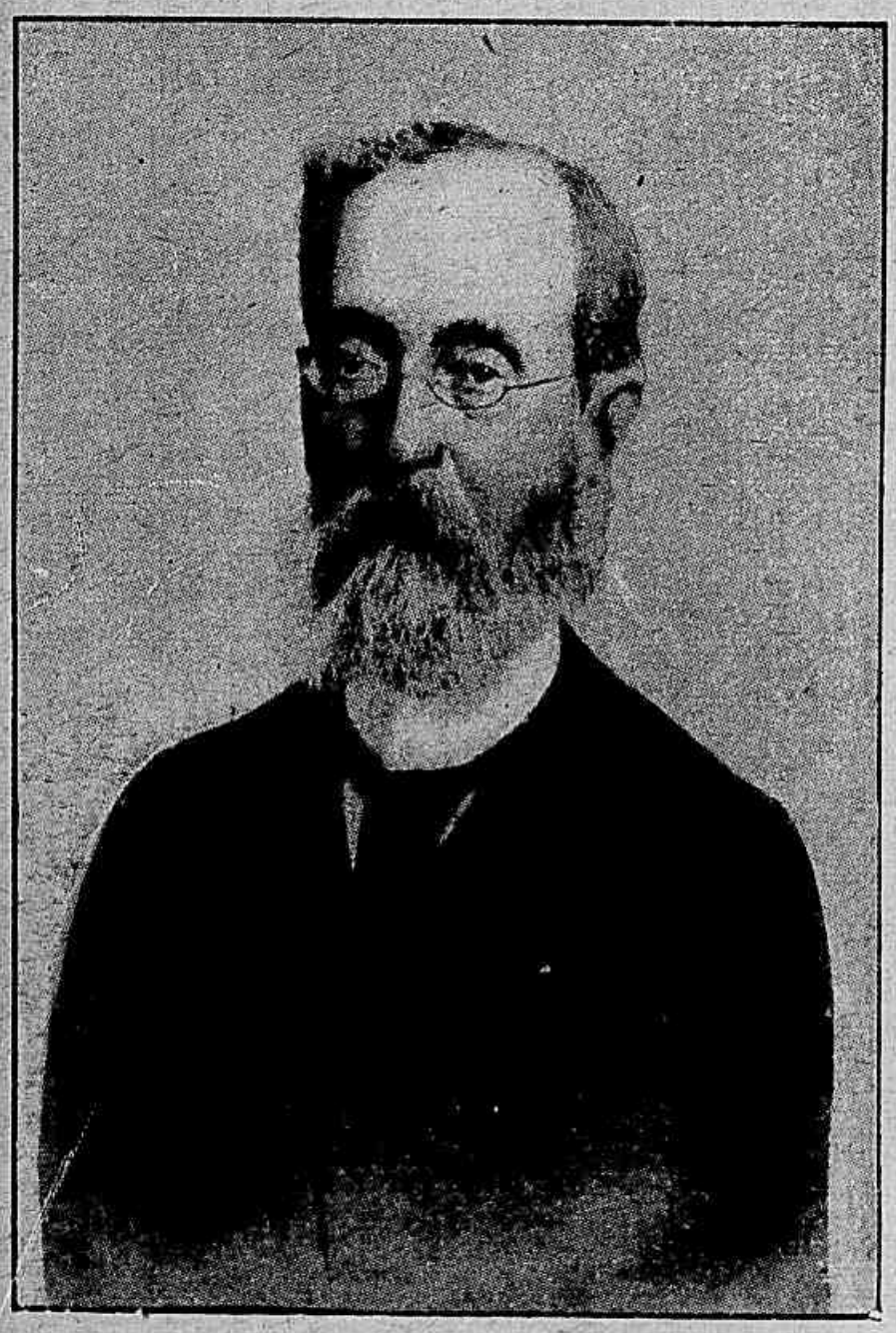
Manteve-se na direcção politica do *Jornal do Commercio* até 16 de Outubro de 1890.

O Conselheiro Souza Ferreira era autor de uma biographia estimada de Evaristo Ferreira da Veiga, o jornalista patriota, redactor da *Aurora Fluminense*. Publicou tambem um trabalho biographico que tinha por assumpto o Barão de Mauá.

Era membro do Conselho Fiscal do Banco da Republica, quando veiu a fallecer.

Dr. Texeira de Mello

Morreu velho e viveu uma vida toda de labor o sympathico e valioso homem de letras, Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, a quem devemos uma referencia nestas paginas. Elle nasceu a 28 de Agosto de 1833 e veiu a fallecer a 10 de Abril de 1907.



Dr. Texeira de Mello.

Em 1858 publicava-se o seu primeiro livro de versos, *Sombras e Sonhos*, que assim precedia as *Primaveras*, de Casemiro de Abreu, vindas á estampa só um anno depois, em 1859.

Nesta data formava-se Teixeira de Mello em medicina, e no começo do anno seguinte partia para Campos, sua terra natal, onde se casou, fez clinica e residiu ininterruptamente até 1875, anno em que se mudou para esta capital.

Depois do seu primeiro livro de versos, ainda um outro publicou, — os *Myosotis*, — mas desde ahi, o poeta que nelle havia eclypsou-se até á morte.

No começo da sua vida, como socio da Academia Philosophica do Rio de Janeiro, tomou parte effectiva na publicação dos *Annaes* da mesma Academia.

Depois foi socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, sendo eleito afinal, 1° Secretario e redactor da *Revista* do referido Instituto.

Voltando em 1875 para o Rio, foi no anno seguinte nomeado Chefe da Secção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

Vê-se por estes dados que desde bem moço Teixeira de Mello, ao lado do seu pendor para a poesia, mostrou tambem inclinação para os generos literarios chamados de estudo e que por fim sua entrada para a Bibliotheca Nacional, onde fez carreira, aposentando-se como seu Director só em 1900, deve ter concorrido para leval-o a optar inteiramente por esta sua outra tendencia, como se deu.

O seu primeiro trabalho feito naquella repartição foi uma muito habil e interessante codificação chronologica dos manuscriptos que ali existiam referentes ao nosso litigio com a França sobre a Guyana, trabalho publicado nos *Annaes* da Bibliotheca e de que se tiraram 200 exemplares depois. Seguiram-se a este numerosos outros escriptos de verdadeiro valor.

Mas uma obra a que Teixeira de Mello consagrou bons annos de ingrato labor são as *Ephemerides Nacionaes,* de que estão publicados alguns volumes, restando outros ineditos, pois até aos ultimos dias da sua vida, ja atormentados por cruel molestia, elle tinha por dever acrescentar quotidianamente mais algumas linhas a esse seu util, embora modesto trabalho.

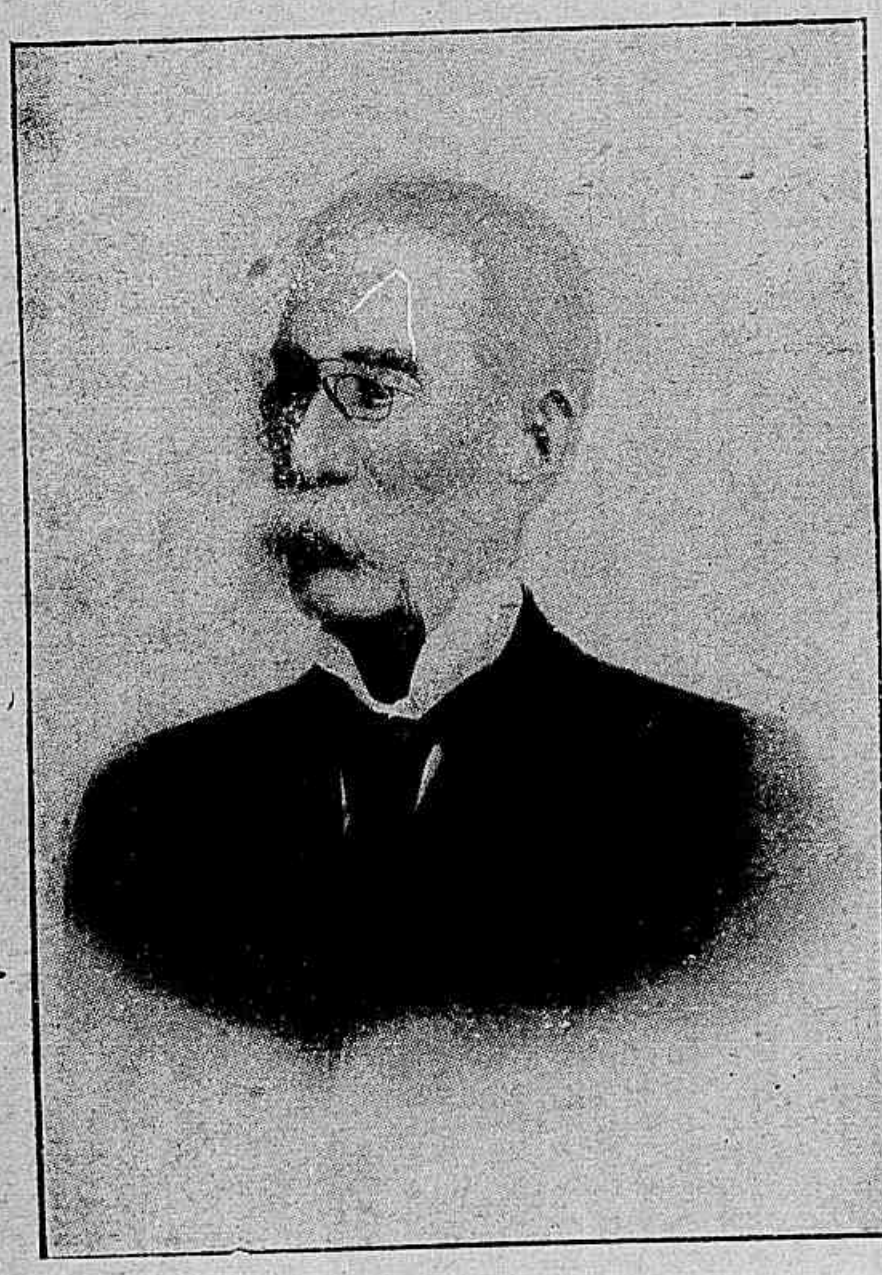
O interessante é que, tendo deixado de figurar como poeta desde os seus vinte e seis ou vinte e sete annos de edade, é por essa qualidade, no emtanto, que mais realce elle merece, porque foi poeta de valor, na verdade, como nenhum naquelle tempo o foi mais. Seu talento era de genero menos impressionante, talvez, do que o de Casemiro de Abreu; alem disso, este morreu moço, e com uma lenda de soffrimento, que muito concorreu para o seu renome. Mas Teixeira de Mello era tambem um legitimo poeta, e mais culto, mais correcto, do que aquelle sympathico moço, que se tornou o idolo de toda uma epoca.

Escrevendo, a sua *Historia da Literatura* Brasileira o intrepido Snr. Sylvio Romero tornou esse facto evidente, e isso valeu para Teixeira de Mello quasi que por uma ressurreição. Graças ao reconhecimento geral das suas tão distinctas qualidades, organisando-se a Academia de Letras, lhe foi ali offerecida uma cadeira de socio fun-

dador, de modo que elle morreu prestigiado por mais esse titulo, que representava uma perfeita justiça feita ao tão modesto quanto harmonioso cantor das *Sombras e Sonhos* e dos *Myosotis*.

Joaquim Catunda

A 29 de Julho fallecia imprevistamente, atacado por subita e violenta molestia, o Senador Joaquim Catunda, representante do Estado do Ceará, e um dos membros mais justamente respeitados daquella Casa.



Joaquim Catunda.

A vida desse homem, que morreu velho, pois ja contava setenta e quatro annos de edade, foi difficil e de um labutar incessante, durante muito tempo, mas por isso mesmo particularmente valiosa para aquelles que o conheciam de perto.

Homem de talento, não tendo feito estudos regulares, porem, sinão os que lhe deram um diploma de agrimensor pela antiga Escola Central, foi ser empregado da Fazenda, em cuja carreira se conservou por alguns annos.

Indo para o Ceará, onde nascera, teve de abandonal-a, por certas questões politicas, e fez-se professor primario no interior, fixando residencia em Itú.

Só aos 45 annos de edade voltou para a Capital da antiga Provincia, num momento favoravel, tanto que foi logo nomeado official — maior da Secretaria do governo; e depois Professor do Lyceu e Lente de Allemão da Escola Militar.

Fundou em 1888 o Centro Republicano Cearense, e teve a fortuna de ver triumphante um anno depois a idéa que abraçara.

Eleito Senador á Constituinte, o Ceará renovou-lhe sempre o mandato, que desempenhou correcta e brilhantemente. Espirito culto, latinista respeitado, estudioso e sisudo, era deveras querido e respei-

tado pelos seus pares, que, alem disso, reconheciam a sua rectidão de caracter e bondade de sentimentos.

O Senador Joaquim Catunda deixa inedita uma obra, *A Historia do Ceará*, a que dedicava amorosamente os seus lazeres.

Dezembargador Zacharias Monteiro

Causou surpresa e consternação a morte do Dezembargador Zacharias Monteiro, membro da Côrte de Appellação.

Nascido em 1864, por conseguinte ainda moço, o seu fallecimento foi prematuro e, na verdade, para sentir-se, porque nelle se perdeu um juiz recto e um homem de merecimento real. De um tirocinio já relativamente longo, elle se ia apurando de cada vez mais no exercicio de suas nobres funcções.

O Dr. Zacharias encetou a vida publica como juiz municipal em Meia Ponte (Goyaz), ainda no Imperio.

Depois de proclamada a Republica, foi successivamente juiz municipal na Barra do Pirahy, em Santo Antonio dos Pobres e Maxambomba. Desta ultima comarca sahiu para juiz de direito na cidade do Carmo, tendo mais tarde pedido exoneração.

Em 1894 foi pelo Dr. Prudente de Moraes nomeado juiz da Quarta Pretoria.

Por occasião do attentado de 5 de Novembro, commettido na zona sob sua jurisdicção, teve ensejo de levantar a questão da competencia do fôro para o processo dos implicados nesse crime, que uns reputavam politico e outros commum.

Nomeado para a Camara Criminal, ahi teve exercicio varios annos.

Na ultima reforma judiciaria coube-lhe uma das varas de orphãos. Desempenhou tambem as funcções de director do Forum.

Occupou afinal na Côrte de Appellação a vaga aberta pelo fallecimento do Dezembargador Miranda Ribeiro.

Dr. Chapot Prevost

Foi uma grande perda a que soffreu a sciencia brasileira com o fallecimento do Dr. Eduardo Chapot Prevost, na tarde do dia 19 de Outubro.

Elle era um medico, e um grande medico, na extensão da palavra. Ao talento reunia o estudo, ao estudo o enthusiasmo pela sciencia, a este o espirito de humanidade sem o qual não pode haver a inteira comprehensão do sacerdocio que tal profissão representa e, como opêrador, a todos esses outros dotes reunia uma rara habilidade, dessas com que o indivuo ja nasce e pode apenas de cada vez mais aperfeiçoar com o tirocinio.

Alem disso, o Dr. Chapot Prevost achava-se ainda em plena posse das suas forças, da sua vitalidade, pois, tendo nascido a 25 de Junho de 1864, na cidade de Cantagallo, contava apenas 43 annos de edade.

Dr. Chapot Prevost.

Matriculou-se na Escola de Medicina do Rio de Janeiro em 1880, doutorando-se cinco annos depois.

Estudante distincto, estimado dos professores, querido dos collegas, foi chamado para a commissão do Dr. Domingos Freire, que se entregava a estudos sobre a febre amarella. Nessa commissão foi elle mais do que um auxiliar, tornou-se um collaborador do seu chefe.

No ultimo anno lectivo e alumno do Dr. Erico Coelho, escreveu a these de doutoramento sobre as *Fórmas clinicas do puerperismo infeccionado e seu tratamento*.

No anno seguinte ao seu auspicioso doutoramento, em 1886, concorreu para o lugar de adjunto da cadeira de histologia da Faculdade, cujos bancos acabava de deixar.

Em 1887, pela capacidade mostrada nesse concurso, em que aliás não tivera a classificação de primeiro lugar, foi nomeado adjunto interino da cadeira de anatomia descriptiva.

Foi nesse anno que se casou com a Sra. D. Laura Caminhoá, cujo passamento ferio-lhe fundo o coração e marcou-o talvez com o primeiro estigma dos soffrimentos a que devia succumbir mezes depois.

Em 1889, em concurso cujo brilho foi um dos acontecimentos da nossa Faculdade de Medicina, conquistou com o applauso de todos a

cathedra de lente. Tinha então 25 annos de edade e não havia exemplo de um lente tão moço, tão illustrado assim o saber.

Acompanhou a Berlim em commissão official o Dr. Domingos Freire em 1890 e alli conheceu o bacteriologista Koch.

Depois de ter viajado pela Allemanha, Belgica e França regressou ao Rio de Janeiro, onde installou em sua residencia um laboratorio bacteriologico. Foi ahi que elle hauriu o cabedal opulento de saber que o distinguio na sua nobre profissão, foi alli que consumio uma existencia que deveria ser longa para maior honra do seu nome e gloria do seu paiz.

Sacrificou muitas vezes os legitimos proventos de sua clinica a essas laboriosas, pacientes e não raro vezes arriscadas pesquizas scientificas.

Cirurgião illustre, clinico de consummada pericia e de admiravel tino medico, o Dr. Chapot Prevost era naturalmente muito procurado. A attenção e os cuidados que a todos prestava no seu consultorio, nas suas visitas, faziam dos seus clientes outros tantos amigos. Amigos do medico querido eram com effeito e tanto mais gratos quanto a sua rara abnegação, o seu desinteresse, o devotamento com que os tratava, abriam em cada um divida que nem sempre outros serviços poderiam remir.

Seu enterramento foi de uma pompa excepcional, mas antes de tudo pela enorme concorrencia de collegas, amigos e admiradores que lhe quizeram prestar essa ultima homenagem. Viam-se no cemiterio grande numero de homens e senhoras que choravam. Eram clientes a quem elle tinha salvado a vida com bravura, eram pais, eram mãis, eram irmãos de entes queridos a cuja cabeceira, com dedicação e desprendimento de interesses materiaes, muitas vezes, o illustre clinico conquistara gratidões fundas e impericiveis.

Por todo o Brasil, e mesmo no estrangeiro, até onde ja chegara o seu renome, essa perda foi verdadeiramente lamentada, de modo que este homem não precisou morrer velho para morrer grande e glorioso.

Dr. Pedro Velho

A 9 de Dezembro, estando de viagem para esta capital, falleceu no Recife, victima de uma syncope cardiaca, o Senador Pedro Velho de Albuquerque Maranhão.

Achava-se a bordo do paquete *Brasil*, e o triste acontecimento

deu-se no instante em que o vapor levantou ferro, em movimento de partida. Seu corpo foi transportado para a terra, afim de ser embalsamado e trasladado para o Rio Grande do Norte, seu Estado natal, em satisfação aos desejos da familia.

O Sr. Senador Pedro Velho nasceu na Capital do Rio Grande do Norte a 27 de Novembro de 1856. Foi alumno distincto do Collegio Abilio, onde fez o seu curso de humanidades, matriculando-se depois na Faculdade de Medicina da Bahia.

Alli fez parte do curso medico, que concluio nesta Capital, em 1880, com varias distincções.

Voltando ao seu Estado fundou o *Boletim Norte Riograndense* e dedicou-se ao magisterio, obtendo por concurso a cadeira de historia universal no Atheneu Natalense.

Dirigiu ali a campanha abolicionista, com grande ardor a enthusiasmo, conseguindo a libertação dos escravos em quasi todos os municipios da então provincia, antes da decretação da lei 13 de Maio; e se esta houvesse demorado mais dois mezes não teria encontrado escravos no Rio Grande do Norte, pois estava assentado que a 11 de Julho seriam libertados os ultimos.

Feita a abolição, o Sr. Dr. Pedro Velho tomou a direcção da propaganda republicana, fundado o jornal *Republica*, no qual escreveu um manifesto politico.

Com a quéda do Imperio, foi acclamado governador do seu Estado e em seguida eleito deputado á Constituinte.

Posteriormente, esteve no Governo do Rio Grande do Norte duas vezes como Vice-Governador, em substituição aos Drs. Adolpho Gordo e João Gomes Ribeiro.

Desde que se proclamou a Republica o Dr. Pedro Velho foi o chefe do partido; e, tendo deixado o Governo em 1896, voltou á Camara, na vaga do Dr. Junqueira Ayres. No anno seguinte foi eleito para o Senado, onde a morte o encontrou.

Dispunha de grande influencia entre os seus co-estadoanos que o cercavam da mais justa e merecida confiança.

Fez parte da commissão executiva do partido republicano federal, depois da scisão que se operou no seio deste, durante a administração do Dr. Prudente de Moraes.

Cavalheiro distincto, de fino trato, intelligente e culto, o Sr. Dr. Pedro Velho tinha um grande circulo de relações.

A sua acção politica transpoz por vezes as raias de seu pequeno Estado para se reflectir na politica nacional. Mais de uma vez, em momentos difficeis, o seu conselho foi acatado e seguido pelos seus amigos e correligionarios politicos.

O golpe de Estado e o adiamento do Congresso tiveram a sua reprovação calma, mas tenaz e previdente.

O Senador Pedro Velho deixou numerosa prole, em nobre e honrada pobreza.

Foram muitas e bem significativas as homenagens prestadas á sua memoria, não só na sua terra natal, como no Rio de Janeiro.

Marechal Mallet

Com o Marechal Mallet, fallecido a 11 de Dezembro, desappareceu um bello typo de militar e um dos mais dignos servidores deste paiz.

A's melhores qualidades pessoaes, reunia uma verdadeira paixão pela farda, o gosto do seu officio, uma cultura profissional esmerada, profundo sentimento do dever e da disciplina, e comprehensão exacta das necessidades de sua classe.

Era um soldado na mais bella e moderna accepção da palavra.

Apezar de proceder de uma época em que por assim dizer a bravura pessoal do combatente valia tudo, elle sabia perfeitamente que ao militar de hoje não basta o ser affouto e resoluto. Ninguem fôra na peleja mais animoso do que elle, que regressara

Marechal Mallet.

do Paraguay com o peito coberto de medalhas e fama consolidada entre os companheiros de armas. Mas tambem modernamente ninguem o excedeu no zelo pelo progresso do Exercito e na elevação com que o serviu.

E' de hontem a administração do Sr. Campos Salles e não carecemos dizer quanto nella se distinguiu o distincto Marechal. Elle encontrou o Exercito em decadencia e insuflou-lhe uma vida nova.

Toda gente sabe que administração apertada foi aquella. As finanças do paiz impunham economias severas e nenhum Ministerio se desviava do programma do Governo.

O Sr. Marechal Mallet, nessa phase de penosa reconstrucção economica, achou meios de melhorar as cousas do Exercito. A elle se deve inquestionavelmente o impulso inicial da reorganização que se está operando. O seu espirito organizador viu tudo, comprehendeu tudo, e poude lançar com exito os fundamentos da reforma que agora se ultima.

Na sua longa vida de militar esse serviço ficará como um dos mais relevantes prestados ao paiz e tambem como um exemplo para que os seus continuadores não desanimem nem abandonem a tarefa patriotica.

O Marechal João Nepomuceno Medeiros Mallet nasceu no Estado do Rio Grande do Sul em 16 de Maio de 1840, sendo filho do General Emilio Luiz Mallet, Barão de Itapery.

Tendo assentado praça voluntariamente a 12 de Março de 1857, já era 1.º tenente, havendo concluido o curso de artilheria e engenharia militar no anno anterior, quando pelos fins de 1864 marchou para o Sul, por occasião da nossa intervenção na Republica Oriental, que precedeu a guerra do Paraguay.

Tomou parte em diversos combates e reconhecimentos, assistindo ao sitio e capitulação da capital uruguaya.

Dahi por diante, pois só regressou do Paraguay em 1870, no posto de major em commissão, sua fé de officio regista actos de bravura frequentes, elogios, promoções e condecorações, como só na dos melhores soldados póde haver.

A 25 de Abril, depois de ter com o exercito transposto as fortificações do Passo da Patria, abandonadas pelo inimigo, foi pelo Commando em Chefe elogiado por se ter portado com bravura e distincção nos combates de 16 e 17 de Abril.

Tomou parte no combate de Estero Bellaco. Assistiu ao reconhecimento feito no dia 22, sendo elogiado pela valentia com que se conduziu na batalha de 24 de Maio, contribuindo para que esse dia fosse de verdadeira gloria para o Exercito brasileiro.

Por Decreto de 17 de Agosto, foi nomeado Cavalleiro da Ordem de Christo pelos serviços prestados nos combates de 16 e 17 de Abril e 24 de Maio.

A 21 de Março de 1868, tomou parte no combate de « Espenilho ».

A 11 de Abril, foi nomeado official da Rosa, pelos serviços prestados no combate de 31 de Julho de 1867.

A 30 de Julho foi nomeado Cammandante do 4º Corpo provisorio de artilheria e guarneceu com o mesmo os reductos avançados durante o cêrco do Humaytá, assistindo ao reconhecimento que se fez ás fortificações da mesma praça, bem assim ao seu bombardeamento.

Tomou parte no reconhecimento feito á viva força sobre as fortificações de Pequeciry; o Marechal Duque de Caxias, Commandante em chefe das forças, em sua ordem do dia elogiou-o pela coragem, galhardia, calma e boa ordem, com que pelejou.

Assistiu á tomada de Lomas Valentinas e á rendição de Augustura.

A 29 de Janeiro de 1869 foi-lhe conferida a medalha de prata da campanha do Estado Oriental do Uruguay.

A 3 de Agosto foi-lhe concedida a medalha de merito militar em attenção aos actos de bravura praticados nos combates de 21 e 27 de Dezembro de 1868 em Lomas Valentinas.

Por Diploma de 1 de Junho de 1872 obteve a Medalha Geral da Campanha do Paraguay com o passador de ouro n. 5.

Por decrecto de 5 de Junho de 1873 foi nomeado Cavalleiro da Ordem de S. Bento de Aviz.

A 16 de Março de 1878, foi promovido por merecimento, ao posto de Major, e a 7 de Dezembro, no mesmo anno foi promovido a Tenente-Coronel tambem por merecimento.

A Republica encontrou-o no posto de tenente-coronel. A 7 de Janeiro de 1890 foi promovido ao posto de coronel por serviços relevantes.

A 15 de Fevereiro foi nomeado Intendente Geral da Guerra.

A 19 de Julho foi-lhe concedida a medalha da Campanha do Paraguay outorgada pela Republica Argentina.

A 16 de Setembro foi nomeado official da Ordem de S. Bento de Aviz.

A 15 de Abril de 1891 foi nomeado commandante das Armas da Provincia de Matto Grosso e Governador da mesma até ser constituida em Estado em virtude da mudança de Regimen.

Em 1892 foi nomeado commandante dos corpos do Estado-Maior de 1ª e 2ª classe.

A 27 de Março foi promovido ao posto de General de Brigada.

A 24 de Fevereiro de 1893 foi reformado no posto de Marechal graduado, e a 25 de Março de 1894 reverteu ao quadro effectivo do Exercito.

A 28 de Março de 1896 foi nomeado Quartel-Mestre General.

Por decreto de 7 de Novembro de 1897 foi nomeado Ajudante-General do Exercito, e a 15 do mesmo mez foi promovido ao posto de General de Divisão.

A 3 de Outubro de 1898 foi nomeado Ministro de Supremo Tribunal Militar.

Por decreto de 15 de Novembro desse ultimo anno foi nomeado Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Guerra.

A 5 de Janeiro de 1900 foi promovido a Marechal.

Por decreto de 24 de Maio de 1902 foi-lhe concedida a medalha militar de ouro, visto contar màis de 30 annos de serviços.

Foi segundo commandante da Escola Militar da Côrte ; commandante das armas da Provincia do Pará, commandante da Escola Militar do Ceará e depois Governador do mesmo Estado.

Tomou parte no Paraguay em muitos combates, que aqui não se acham mencionados ; tem innumeros elogios e desempenhou durante a sua vida militar muitas commissões.

Contava 55 annos, 8 mezes e 23 dias de serviço.

O BRAZIL NA HAYA

Sob este titulo publicou a *Review of Reviews*, de Novembro do anno passado, um numero especial illustrado, em que vem um artigo monumental da lavra do seu eminente director, Snr. William Stead, que *A Imprensa*, desta capital, traduziu quasi que na integra, traducção que tomamos a liberdade de transcrever nestas paginas:

O SCENARIO MUNDIAL

Fez o Brasil este anno a sua estréa no scenario mundial e tão brilhante foi o seu exito que para tal facto converge actualmente a preoccupação universal.

Foi a Haya o local escolhido para essa apparição e não podia ser mais feliz o acaso da preferencia.

Como é sabido, durante 30 annos, de 1624 a 1654, os hollandezes dominaram grande parte do Brasil, e é para tal facto attestar que figuram austeramente nas paredes de Mauritz Huis os retratos de seus grandes capitães daquella época, cujos esforços convergiram para o grande ideal de um Brasil hollandez.

Não foi, porém, para saudar a sombra de seus antigos dominadores que veio o Brasil para Haya. O seu fito era preencher no parlamento mundial o logar que, no caracter de Republica independante e soberana, lhe fôra designado desde 1899, por occasião da conferencia anterior, pelo nobre appello do Czar, e que naquella occasião difficuldades internas o haviam privado de occupar.

A ultima Conferencia da Paz estava fixada para 1906; porém, por conveniencias do Brasil e dos Estados vizinhos, o velho mundo esperou de bom grado 12 mezes. O novo mundo celebrava então a sua grande união no Rio de Janeiro; era, pois, necessario que terminasse a Conferencia Pan-Americana de 1906, para que se pudesse reunir regularmente a conferencia mundial da Haya de 1907.

Quando os delegados das nações se reuniram na Sala dos Cavalheiros, no celebre Binnenhof da Haya, todos os Estados do mundo, excepto a Abyssinia, a Liberia e Marrocos, estavam alli representados.

Cada delegação era em regra presidida por um embaixador do mais alto grão de reputação no serviço de seu paiz. Junto a essas delegações achavam-se addidos militares ou navaes, technicos ou juridicos, secretarios diversos, etc.

Os 44 Estados estavam emfim representados por mais de duzentas pessoas, naturalmente oriundas das mais altas espheras intellectuaes e moraes dos seus respectivos paizes.

Foi, portanto, perante o mais selecto dos auditorios que o Brasil estréou a sua acção no parlamento internacional.

E o não podia ter feito num momento mais solemne.

Que tal foi o desempenho?

E' o que passo a relatar, eu, que da 1ª. fila, pude apreciar as occurrencias. E' uma narração de grande interesse

historico, na qual se regista uma recordação de honra e de gloria para o Brasil.

O REPRESENTANTE DO BRASIL

Grande era a curiosidade, por occasião da Conferencia da Haya deste anno, com relação aos representantes da America latina. Bem poucos a principio poderam perceber a grande importancia

Dr. Ruy Barbosa.

da presença desses novos convidados e manda a justiça, entretanto, dizer que entre os poucos que a sentiam se destacavam os russos alli presentes, com a perspicacia notavel de seus diplomatas.

Informados por um collega de delegação e secretario de redacção da Conferencia, o conde Prosor, da situação que estudara no Brasil e Argentina, onde tinha representado por algum tempo o seu paiz, prepararam-se desde logo a acolhel-os cordialmente.

O mesmo não se dava com outras delegações. A delegação da Allemanha, por exemplo, tinha sempre para elles um olhar interrogador.

O barão Marschall, que a dirigia, ostensivamente recusava ouvir os discursos dos delegados da America do Sul, e nas suas proprias orações deixava sem resposta os argumentos por elles expendidos, excepto, porém, os do Dr. Ruy Barbosa.

Os norte-americanos, que todos suppunham introductores, na Conferencia, de seus irmãos meridionaes e a elles vinculados pela communhão das idéas, abandonaram-nos ás proprias tendencias, accarretando com isso muitas vezes resultados pouco de accordo com o interesse de ambos.

A primeira surpresa que revelava durante a Conferencia a influencia possivel da Sul America foi causada pela nomeação do Dr. Ruy Barbosa para presidente honorario da 1ª. commissão.

Esta grande distincção honorifica, suggerida pela Russia, tinha sido sómente dispensada na Conferencia aos mais altos representantes de alguns paizes.

Eram os seguintes os companheiros que Ruy Barbosa encontrava neste quadro de honra do concurso das nações reunidas em parlamento de paz: na 1ª. commissão acompanhavam-no o Sr. Kapos-Meré e Sir Edward Fry; na 2ª. estavam o barão Marschall, o general Porter e o marquez de Soveral; na 3ª. Mr. Choate, Mr. Low Zseng-Zsiang e Curkhan-Pachá e na 4ª. o Sr. De Villa-Uruhia e o Sr. Zsudzuk, do Japão.

Ao serem conhecidas estas informações e ao espanto causado pela collocação tão alta do Dr. Ruy Barbosa, os delegados da Russia a todos informavam que o Dr. Ruy Barbosa era um dos homens mais distinctos da Conferencia; que era embaixador, presidente do Senado brasileiro, orador celebrisado e um dos juristas mais eruditos da America do Sul;

que as informações chegavam a todos de que esta brilhante posição fôra conquistada aos 56 annos de idade apenas, após uma vida de continuos estudos e de acção decidida; que, deputado durante a monarchia, o Dr. Ruy Barbosa recusou em 1889 a pasta do Imperio; tomou parte activa na revolução que derrubou no Brasil a ultima monarchia da America, fôra antes jornalista, jurista, legislador e chefe da opposição; que, ao cahir o Imperio, lhe coube a tarefa de organisar a nova Constituição de sua terra; que foi tambem obra sua a lei de separação das Igrejas e do Estado na nova Republica; e é um facto extraordinario que, tendo sido até hoje esta tarefa fatal em toda parte a muitas reputações, foi por elle entretanto concluida no Brasil sem alteração de amisade entre as partes contractantes; que por occasião da revolta da marinha de guerra, em 1893, foi o dr. Ruy Barbosa forçado a deixar por algum tempo o Brasil e, vendo, como sempre viu, na Inglaterra uma segunda patria, escolheu Londres para sua morada de exilado em companhia de outros refugiados distinctos.

De Londres escrevia elle nessa época para o Brasil uma serie notavel de *Cartas de Inglaterra*, consideradas geralmente como o mais alto e completo estudo da evolução e das idéas sociaes e politicas do decennio derradeiro do seculo dezenove.

Uma dessas cartas, mórmente, collocou para sempre Ruy Barbosa no posto invejado de arauto supremo da justiça humana: foi ella o primeiro toque de clarim que vibrou no mundo em signal de protesto contra a sentença iniqua da questão Dreyfus, mais de um anno antes da grande agitação provocada em França pela grande coragem de Emilio Zola.

De volta do exilio, reassumiu Ruy Barbosa a sua posição na vanguarda dos estadistas da Republica, e se acaso tivesse desejado elevar-se á direcção suprema de seu paiz tel-o-ia conseguido facilmente, sendo, porem, agora corrente que, máo grado seu, é provavel para breve a sua eleição.

Entre os trabalhos de legislação que ultimamente absorvem a sua mentalidade, figura o Codigo Civil Brasileiro, de cuja revisão ficou incumbido.

Chegando brevemente ao Brasil, voltará a exercer a sua profissão, não qual, como jurista, não tem rival na America do Sul.

Tudo isto se dizia na grande assembléa relativamente ao valor do Dr. Ruy Barbosa; e sobre isso pouco tempo demorou a incerteza dos membros que a compunham.

Desde as primeiras sessões o Dr. Ruy Barbosa tomou parte nos mais importantes debates.

Sobre a tranquillidade e imperturbavel constancia com que o fez, foi a principio lançado o ridiculo. Mais tarde a ironia veio a transformar-se em grosseira censura, como meio de abafar essa voz importuna que obstava de subito a execução do programma que se resolvera impor.

Em seguida, porém, o ridiculo e a censura tiveram que ceder a um sentimento de respeito. Percebeu-se que o Dr. Ruy Barbosa era um luctador insigne e que nunca os seus golpes eram tão efficazes como quando em resposta aos seus aggressores, que, aniquilados, ao primeiro embate, se retiravam logo do campo da lucta.

E' difficil descrever o contraste observado entre a primeira e a ultima semana da Conferencia da Haya.

A apparição na primeira deste pequeno estrangeiro, tranquillo e teimoso,

que alguma cousa tem sempre a dizer, e que está resolvido a dizel-a quando e conforme melhor lhe parece, irrita a muitos dos seus collegas, que na conversa em voz alta com os vizinhos encontram o meio efficaz de lhe abafar a palavra abundante e verdadeira. Chamavam-no então o *Sr. Verbosa.*

Em breve, porém, a situação se transforma e o auditorio verifica pouco a pouco que tem no Dr. Ruy Barbosa um dos homens mais poderosos da Conferencia; e, por fim, nos debates que se travam, apparecem destacadas as duas forças, cuja lucta caracterisa a situação moral da humanidade ante o gigantesco problema da Paz.

Uma, era a força dos canhões, representada pela Allemanha, cujo poder militar, sempre presente á imaginação dos delegados, tinha á sua frente o barão Marschall.

A outra era a força do Direito e da Justiça, amparada por uma Republica desconhecida e longinqua, incapaz de qualquer acção militar e possuidora de uma frota que ainda não sahiu dos estaleiros.

Ao terminar a Conferencia, entretanto, o Dr. Ruy Barbosa era mais poderoso que o barão Marschall...

Não houve exemplo, durante a Conferencia, de um triumpho pessoal maior, accrescido esse triumpho pela circumstancia de ter sido alcançado sem auxilio de ninguem.

Effectivamente, o Dr. Ruy Barbosa não tinha alliados; rodeavam-no muitos rivaes e muitos inimigos se lhe oppunham.

Venceu, entretanto; e essa victoria muito contribue para o bom credito do Brasil.

E é preciso notar tambem que entre o governo do Brasil e o seu representante não havia sómente communicação constante; havia uma intima, leal e amistosa cooperação, que justifica, para o caso, a sentença de que para um tal governo só um delegado assim.

Tudo demonstrava que esse delegado não tinha inimigos em seu paiz natal. Era propheta em sua terra, o que tão raro acontece; e, áquella hora, tanto na patria que o mandara como no seio das outras delegações, elle era realmente uma imagem do seu grande Brasil.

Aprendendo, pois, a respeital-o, a conferencia honrava insensivelmente o seu paiz.

A DELEGAÇÃO BRASILEIRA

A delegação brasileira era brilhante e numerosa; a sua capacidade, porém, demonstrou-se melhor pela maneira por que centralisou no seu chefe a sua iniciativa e a sua acção, reservando para si cada um dos delegados a honra de amparar e de animar os seus esforços.

Nesta situação não havia proposito, porquanto a attitude sempre modesta do Dr. Ruy Barbosa, influindo assim sobre os companheiros e dominando pouco a pouco a Conferencia da Paz, creou-se puramente pela força do caracter e da intelligencia.

A delegação brasileira occupava o 1ª. andar ao lado sul do Palace-Hotel de Schœveningen. O barão Marschall habitava os aposentos correspondentes da ala norte.

Achavam-se assim sob o mesmo tecto os chefes das duas correntes politicas que se degladiavam na Conferencia.

O barão Marschall estava só, tendo-se retirado desde Julho a sua esposa. O Dr. Ruy Barbosa era mais afortunado; tinha em sua companhia a senhora e duas filhas.

Chegaram no principio e só no fim se retiraram.

Mme. Ruy Barbosa e suas filhas, no elemento feminino que compunha a Conferencia, faziam parte do grupo das figuras mais distinctas e Baby Barbosa, com 13 annos de idade, nascida na Inglaterra, era uma das mais sympathicas e agradaveis crianças do grande e populoso hotel, que, em certas occasiões, poude ostentar nada menos de 16 bandeiras de Estados differentes que assístiam á Conferencia.

Mme. Barbosa e suas filhas acompanhavam quasi sempre o Dr. Ruy Barbosa quando este, em seu automovel, seguia para as sessões da Conferencia.

Na volta compareciam ao jantar de familia os secretarios, residentes no mesmo hotel. Não era sómente o Brasil politico, porém o social e domestico que se achava em evidencia durante mezes na Hollanda.

E a impressão foi boa. Os brasileiros conquistaram todos, pela simplicidade e bondade que os distinguem, grande numero de amisades, sem nunca inspirarem desaffeições.

O TRIUMPHO DO BRASIL

A primeira impressão entre os delegados sul-americanos foi que o Dr. Ruy Barbosa havia chegado á Haya nas mesmas condições que o Sexta-feira na novella de Robinson Crusoé.

A visita do Sr. Root ao Brasil, a esplendida recepção que lhe haviam feito no Rio de Janeiro, a realisação da Conferencia Pan-Americana naquella cidade — eram factos que pareciam traçar ao Dr. Ruy Barbosa uma linha de conducta impossivel de alterar.

Esta supposição ainda mais se firmou quando em um de seus primeiros discursos o Dr. Ruy Barbosa tomou a defesa do pedido apresentado pelos americanos para a abolição do direito de captura da propriedade privada no mar em tempo de guerra.

Os americanos tambem, por seu lado, não indagaram das verdadeiras disposições do meio em que se achavam.

A crença geral era, entretanto, que a America do Norte tinha vindo á Conferencia com o apoio prévio da phalange macedonea das Republicas do seu continente e que por isso tinha certeza da assistencia dellas.

Isto, porém, não se deu.

A America do Norte conservou-se afastada por completo da America do Sul, e mesmo tratando os do norte de assumptos de interesse dos meridionaes, nenhuma consulta lhes dirigiram.

A delegação britannica estava igualmente indifferente a tudo, e, em vez de formar com as duas Americas uma colligação robusta, permanecia com ellas desorientada e, dellas desunida.

Era isto um mal, não só para a Conferencia, como para o proprio progresso humano ; foi entretanto uma occasião propicia para o surto de um chefe que tivesse a coragem de suas convicções e o auxilio de seu governo.

O homem da emergencia foi o Dr. Ruy Barbosa. Elle não creara a situação que lhe coube aproveitar. Si estivesse em suas mãos, talvez que a situação tivesse sido outra; porém as circumstancias o levaram para a frente sem dependencia da sua vontade.

O barão do Rio Branco foi logo, ao que parece, sabedor de tudo, porquanto os outros delegados da America do Sul receberam ordens de seus governos para auxiliar o Dr. Ruy Barbosa, e a America do Norte no fim de contas rendia-se á discreção.

Em seu ultimo discurso declarou o Dr. Ruy Barbosa que só havia uma alma em ambas as Americas : eu podia acrescentar que, se essa alma existisse,

ra elle no hemispherio occidental o mais fiel de seus interpretes.

Mais notavel se torna, entretanto, o triumpho do Dr. Ruy Barbosa quando se recorda o incidente que, logo em começo, salientou o antagonismo serio em que se achava o Brasil para com os outros Estados da America.

Quando o general Porter apresentou a sua emenda em substituição á doutrina Drago, foi ella impugnada por todos os latino-americanos, pelo facto de importar na sancção implicita do emprego da força para cobrança das dividas, em caso de recusa de arbitramento.

Repugnava por completo á America hespanhola o direito da força em qualquer caso para o effeito em questão.

Contra essa decisão unanime veiu a declarar-se o Dr. Ruy Barbosa, ponderando que a reluctancia em admittir a contingencia do emprego da força em certos casos seria diminuir conscientemente o credito dos paizes que tenham necessidade dos emprestimos para activar e accrescer as suas forças economicas.

Admittiu então, com effeito, o Dr. Drago que a diminuição da facilidade dos emprestimos resultava realmente do seu projecto, sendo essa, porém, a seu ver, uma vantagem da doutrina, porquanto parte dos emprestimos era desviada por funccionarios corruptos, que roubavam, de accordo com financeiros sem escrupulos, onerando o povo com o juro de dinheiros que muitas vezes nem chegavam ao thesouro nacional.

Com maior vivacidade notou, entretanto, o Dr. Ruy Barbosa que mais sensivel seria o mal, não podendo o Brasil levantar os emprestimos de que carecesse, do que o bem de pôr cobro aos abusos do systema em outros paizes.

Contrariando, portanto, a opinão de seus vizinhos, defendeu todavia a proposta americana, de accordo com os reaes interesses de Brasil.

Como, entretanto, com as prevenções creadas por este incidente, que fazia crer numa certa ligação do delegado brasileiro com os americanos, poude o Dr. Ruy Barbosa encontrar-se mais tarde á testa de toda a America do Sul contra a delegação dos Estados Unidos?

Essa transformação se effectuou com o apparecimento do plano americano de um Tribunal Supremo de Justiça Arbitral.

Esta idéa, por demais adiantada, talvez, não teria sido acolhida se não fosse o inesperado apoio do barão Marschall, que veio assegurar-lhe o auxilio da Allemanha.

Dahi resultaram o afastamento de uma proposta russa, muito modesta e muito pratica, de um tribunal de juizes residentes na Haya e a convergencia dos esforços das grandes nações presentes para que fosse elaborado e acceito o projecto suggerido pelos americanos.

Bem poucos delegados comprehenderam nesse dia a grande differença existente entre o mecanismo proposto e o tribunal actual de arbitramento da Haya.

O Dr. Ruy Barbosa foi entretanto dos que logo o perceberam e viram o perigo que aguardava, nessa combinação, os Estados menores, caso ella fosse adoptada com o auxilio germanico.

Num discurso, que foi uma rara obra de arte, de lucida e succinta exposição, apontou nesse dia a disparidade evidente entre os dous tribunaes.

« O que existe, disse elle, é um tribunal de arbitramento; o que se propõe é uma côrte de justiça. A justiça é por natureza intransigente e pautada pela lei escripta. O arbitramento é va-

riavel no criterio que adopte, pois assenta no accordo entre as partes que o aceitam. A primeira provém da autoridade e impõe obediencia, emquanto o segundo nasce da liberdade e aceita a transacção.

« Aquella convirá aos individuos, porém ás nações só este se applica, pois emana da propria soberania que as distingue e da qual nunca se poderão despir.

« Seria a creação de um poder judiciario internacional; mais um passo e teriamos um executivo universal, realisando os Estados Unidos de todo o globo, com os seus agentes armados efficazmente contra os insubmissos e descontentes de seu dominio incontrastavel.

Seria o dominio da força em logar do equilibrio das soberanias. »

Declara mais que o tribunal existente satisfaz por completo e que só falla do novo pela aceitação que vae tendo a idéa que combate.

Admittindo, porém, a sua formação, uma condição devia ser imposta : os direitos iguaes e soberanos de cada Estado independente seriam respeitados na formação do tribunal e na nomeação dos juizes.

A enunciação desta doutrina fez do Dr. Ruy Barbosa o orador official da America latina no salão da Conferencia, em flagrante antagonismo com a America do Norte.

Viu-se então surgir, desafiando o talento dos homens alli reunidos, o problema mais complexo que lhes podia ser proposto; e felizmente a Conferencia viu-se elevarem á altura dessa solemnidade homens capazes de pugnar pelas idéas que sobre a materia se justapunham: o Poder e o Direito. O barão Marschall defendia as prerogativas do primeiro.

O Dr. Ruy Barbosa, qual David ao enfrentar Golias, caminhou resoluto em defesa do segundo.

Não considerando as proporções dos seus physicos, um do outro eram dignos os dous antagonistas.

O barão Marschall era na Conferencia o delegado de maior altura physica depois de Battle y Ordoñez, do Uruguay.

O Dr. Ruy Barbosa, era ao contrario, o homem de menor tamanho.

Ambos juristas, ambos oradores, antigos parlamentares e ambos convencidos da razão que distinguia os seus argumentos e do erro demonstravel da opinião do adversario.

Foi nesta discussão que o Dr. Ruy Barbosa conseguiu attrahir pouco a pouco os norte-americanos, separando-os por fim do seu alliado germanico.

Ambos sustentavam os seus argumentos com grande eloquencia e logica notavel; o barão Marschall fazendo a apologia das prerogativas divinas do poder, o Dr. Ruy Barbosa sustentando que o direito soberano e igual de cada Estado jazia no alicerce da jurisprudencia das nações e que todo o desrespeito a essa igualdade viria ultrajar o principio mesmo do direito das gentes.

Procurou-se, modificando o principio allemão, tornar aceitavel a nova idéa, porém estas modificações nada conseguiram, porquanto conservavam o mal justamente apontado, que dava a certas potencias o direito de ter no tribunal os juizes permanentes, emquanto ao restante das nações deixava o direito de collocar por successão os juizes temporarios.

Pareceu existir então entre o Dr. Ruy Barbosa e a delegação americana um formal antagonismo de idéas.

Entretanto, após um exame demorado da base sobre a qual o delegado brasi-

leiro assentava o seu criterio, chegou ella á conclusão de que sem reconhecer a todos os Estados iguaes direitos era impossivel a formação do tribunal.

Relirou, portanto, o voto que empe-hara a principio, suggerindo finalmente que ficasse no projecto consagrado o principio da eleição dos juizes por todas as potencias, sujeitando-se porém essa eleição a um processo especial; cada potencia teria 15 votos para distribuir entre 15 candidatos de sua nomeação; e sómente os 15 que recebessem a maioria de votos fariam parte do tribunal.

Esta solução, porém, nem vinha satisfazer a condição do Dr. Ruy Barbosa, nem podia agradar ao barão Marschall; e ambos votaram contra a proposta americana.

E assim terminou a Conferencia a questão do tribunal.

Esta difficuldade de um accôrdo com relação ao tribunal trará em consequencia, porém, no futuro, a formação, pelas grandes potencias, de um tribunal seu? Conservarão ellas o que hoje funcciona? Chegarão ellas a realisar a idéa federativa, guardando proporção entre os Estados diversos?

Seja como fôr, embora se tente afastar da futura Conferencia as potencias menores, será isso impossivel, devido á politica de varias nações de primeira ordem.

O Dr. Ruy Barbosa levou ainda á conclusão logica os principios que propagava, votando contra o Tribunal internacional de Presas.

Foi do Brasil o *não* isolado que se fez ouvir nessa votação: e não podia ser de outro modo: reuniam-se as nações para nomear juizes que resolvessem as questões, evitando a guerra; não era justo que se separassem escolhendo juizes que só funccionariam depois da guerra em acção.

As cogitações relativas á nomeação dos juizes terão por theatro, d'ora em diante, cada uma das nações presentes ao Congresso.

E' natural que ella forme e consolide a união da America em geral, pois, quanto ás Republicas latino-americanas, essa solidariedade effectuou-se quasi por encanto ao encetar-se a discussão, e, nessa discussão, coube sem duvida ao Brasil a posição mais saliente.

Conservar esse posto é o grande papel que o estreante da Haya deve representar nos annos vindouros e a experiencia que acaba de fazer não permitte alimentar receios.

O DR. RUY BARBOSA JURISTA.

Por muitas fórmas se salientou o Dr. Ruy Barbosa na Conferencia da Haya.

Mereceu, como jurista, o respeito universal, distinguindo-se entre aquelles que mais destaque merecem.

Eleito presidente honorario, sem nada ter dito ainda, foi depois indicado por consenso unanime um dos sete incumbidos de adoptar a solução possivel com respeito aos juizes do tribunal supremo.

Chamavam-se *os sete sabios*; e ninguem lhe contestou o direito de collocação entre os sete.

Era, além disso, o campeão de sua crença e era forte na sua fé.

Após longos debates teve a satisfação de ver partilhada a sua idéa pela America do Norte. Abandonado o intuito de dar ás potencias mais fortes os melhores logares, todos os juizes haviam de ser eleitos e todos os paizes, grandes ou pequenos, haviam de ter um voto igual.

Não reputando ainda boa esta solução apresentou, finalmente, o Dr. Ruy Barbosa um projecto seu para formação do tribunal, e este projecto foi a contribuição mais valiosa que poderia dar á

legislação constructiva da Conferencia.

Por este plano, ficavam os Estados por ordem alphabetica em tres grupos. Cada Estado nomeava o seu juiz por nove annos, porém cada juiz funccionava sómente tres annos.

Aos litigantes ficava, entretanto, livre a escolha, para julgal-os, dos juizes mesmo que no momento não tivessem assento no tribunal, ficando assim garantido o direito que tinha cada Estado de escolher os seus juizes, conforme faz o tribunal actual, que este novo faria supprimir.

Existiria sempre, portanto, um tribunal, composto cada tres annos de juizes de um dos grupos acima referidos, devendo taes juizes fixar residencia a distancia não maior de 24 horas da cidade de Haya.

Uma vez abandonada pelos Estados Unidos a indicação original, que dividia as nações por categorias, não poude essa delegação dissimular o despeito que lhe causou a falta de apoio por parte do Brasil para o plano que apresentara, de um tribunal electivo.

O que, porém, teria sido facil por meio de accordo antes da lucta, não era possivel uma vez que esta começára.

O Brasil e outros Estados latino-americanos já não podiam fazer concessões.

O mundo verá, pelas negociações que se hão de celebrar de futuro, em qual dos dous planos poderá basear-se a constituição do tribunal : se no brasileiro ou no germano-americano.

O plano brasileiro, pela liberdade que concede para escolha dos juizes, conserva a feição arbitral; o outro, levando os litigantes á presença de juizes permanentes, faz prevalecer o tribunal de justiça sobre o juizo arbitral. Ora, o mundo em geral não parece disposto á essa permuta.

Foi em defesa do projecto brasileiro contra os ataques geraes que o Dr. Ruy Barbosa fez na Conferencia o seu ultimo discurso.

E nessa occasião a Conferencia sentiu a influencia que exercia o representante brasileiro naquelles debates.

Quando, numa celebre occasião desse dia, quizera o Sr. Martens insinuar que delle partiam intenções politicas, respondeu por uma réplica concisa e mordaz, provando a lealdade de sua conducta e a ingenuidade dessa accusação.

Reivindicando para o Brasil a alta collocação já conquistada nos julgamentos honrosos com que contribuira no passado para os tribunaes de arbitramento entre nações, produziu elle a melhor das impressões; porém o que mais despertou a attenção dos ouvintes foi o aviso velado que elle deu á Europa, do perigo provavel de sua attitude perante a idéa dos direitos iguaes de todos os paizes.

Notava-se um tom de altivez e de honesta indignação na voz do Dr. Ruy Barbosa quando abria os olhos dos adoradores do poder material de hoje na sua cegueira com relação aos successos de amanhã.

Depois de apontar os defeitos do projecto, que elle accusa de deter na antecamara os Estados menores, aos quaes só é facultado annuir ás decisões das grandes potencias, o Dr. Ruy Barbosa faz considerações sobre as surpresas, que podem de futuro aguardar a Europa, e mostra como o Japão entrou no concerto europeu pelo portão da guerra, que elle abriu a golpes de espada.

Pondera que a America latina fôra convidada a entrar na Conferencia pela porta da paz, e diz :

« Chegamos, entretanto, aos humbraes deste recinto e vós nos recebeis como parceiros de um trabalho tanto de paz como de guerra. »

Notai porém que, se formos illudidos,

si daqui volvermos com as illusões perdidas quanto ás vossas intenções e se a experiencia nos mostrar que a grandeza das nações só se póde avaliar pela força das armas, o resultado do nosso esforço na 2ª. Conferencia da Paz terá consistido em voltar a tendencia do mundo em direcção á guerra e em levar anós todos á construcção de poderosas marinhas e á formação de grandes exercitos, que façam valer a digna posição que em vão merecemos pela nossa cultura, população e riqueza. »

Em todos os discursos sobre este assumpto brilham o patriotismo ardente e a fé exultante no grande futuro da America do Sul.

O Dr. Ruy Barbosa não queria, entretanto, na Haya representar o papel de innovador, e por isso limitou-se a principio a fazer opposição aos projectos lesivos dos interesses que defendia.

Raramente apresentou, como idéa sua, projecto algum para ser votado.

O proprio projecto de sua lavra, organisando o Tribunal Permanente de Arbitramento, foi-lhe arrancado por constantes aggressões.

Houve, entretanto, uma proposta sua que embora não tivesse entrado em debate, será uma lembrança do quasi unico protesto que se lavrou no Conferencia contra a liberdade sem limites no direito de conquista. Essa proposta determina que as potencias signatarias se compromettam a nunca ampliar as suas fronteiras por meio da guerra contra outras nações, salvo recusa de arbitramento ou desrespeito do laudo arbitral. « Violado este preceito, diz a proposta, nenhum valor juridico terá a annexação pelas armas que dessa violação resultar. »

Sem arbitramento nenhum dominio extra-territorial — é a formula que o futuro registrará.

O Dr. Ruy Barbosa nos debates em que se empenha é de uma calma imperturbavel. Nada existe do orador commum na sua eloquencia. Chama irresistivelmente á razão, em linguagem que presume um auditorio elevado; sente-se, porém, em todo o tecido de seus argumentos o brilho fogoso da paixão occulta que o domina.

A HOSPITALIDADE BRASILEIRA.

Os banquetes das delegações da Conferencia da Haya eram quasi tão uteis quanto as sessões que celebrava, e dentre essas festas é preciso declarar que as do delegado brasileiro eram, de todas, as mais imponentes.

Sessenta e seis jantares foram servidos no Palace-Hotel de Schœveningen, de 14 de Junho a 28 de Agosto proximo passado.

Destes o Brasil deu 8, bem como a França; a Allemanha, 9, e os Estados Unidos, 13.

O Brasil, não sendo, portanto, a maior entre as maiores potencias pelo numero dos banquetes, era, entretanto, a primeira das nações no esplendor e no luxo de sua hospitalidade.

Dos jardins da Hollanda vinham as mais preciosas flores nos dias de festa brasileira. Sobre a mesa estendiam-se em tapete as violetas mais bellas e os tectos das salas estavam guarnecidos de orchideas e lyrios no meio das glorias floraes de todo o mundo.

Nada igualava o bom gosto dos hospedes que davam essas festas, na paciencia combinada com que se utilisavam da musica, dos espelhos, das luzes, da pintura, das flores e das folhagens.

Os banquetes no Brasil parece pertencerem tanto á fina arte como durante o Imperio Romano.

Se nada mais fosse feito na Haya,

disse o barão Marschall, bastariam, para constituir uma obra valiosa, os seus jantares e palestras. Nelles se effectuava noite por noite a reunião de homens de todas as cores e raças em perfeita situação de igualdade; nelles succedia que americanos brancos eram hospedados por gente do Hayti e S. Domingos e que aristocratas orgulhosos da Europa durante horas se sentassem ao lado de chinezes, provando a perfeita sociabilidade humana.

Muitas amisades se travaram então entre homens que por outra fórma só de vista se teriam conhecido e, deste modo, sobre tudo, é que muito trabalho se fez e que a Conferencia viu aplainarem-se grandes difficuldades.

ELEGUS

Tandem jam superest tantum valedicere vobis ;
Quandoquidem cedo, stante magisterio,
Quod finitum hodie nunquam mihi forte reduci
Possit, aliquî cadat sic litteris dociles
Formandi juvenes , quid ita ? certo grave munus
Commissum immerito parvo aliquando mihi
Vellem, Discipuli, vobis, qui repetis isthuc,
Ut possem sapiens, in rudibus tenebris
Lumen ego prœferre, erudiens itidem, et vos,
Memet, adhuc video, viribus exiguis,
Quam doceo, desunt autem magnœ Sophiœ m
Principia, atque ideo jam cogor ad studium.
At vos licturus ; desiderio madefit cor
Planctibus obtectis , ergo valete, Boni.
Semper ero, atque fui, inter amicos me numerate.
Vos quî pendo, dabunt tempora temperiùs.

Itabaiana, pridie kal. Decembri. MDCCCLVIII.

Tobias Barreto de Menezes.

Os Turcos e Syrios no Brasil

Foi na éra de 1873 a 1874 que se estabeleceram, entre nós, os primeiros syrios. De 1876 a 1881 o seu numero não attingia ainda a 100. As antigas provincias de S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas foram e são ainda os pontos preferidos por esses immigrantes espontaneos. Em 1887 o numero de syrios no Brasil subiu a dez mil, operando um movimento commercial no importancia de 35.000:000$. Mas o apogeu desse commercio foi no periodo comprehendido entre os annos de 1890 a 1894. Mais de trezentos estabelecimentos commer-

ciaes existiam no Rio, além de centenares de pequenos negociantes espalhados por muitas capitaes, cidades, villas e povoados de todo o Brasil.

O jornalista Salhab avalia a colonia syria, actualmente, em mais de 60 mil almas, pois que, diz elle, em 1893 já havia 50 mil espalhados pelo Brasil, produzindo um movimento commercial na importancia de 800.000:000$000. Vê-se, pois, que, embora desenvolvendo e transformando as condições de sua actividade, os syrios são essencialmente commerciantes obstinados, em geral de pequena escala, mas formando no conjunto um capital avultado.

Viajando, porém, na maioria dos Estados brasileiros, o joven escriptor e representante da colonia assegura que ella augmenta todos os dias e vai alargando a esphera da sua actividade economica e social. Contesta que o syrio não tenha aptidão para outra funcção que não seja a commercial. Declara que ha, actualmente, entre os seus patricios, medicos, advogados, dentistas, marmoristas, barbeiros, carpinteiros e até fazendeiros e agricultores. Salhab faz muita questão de provar esse conceito, comprehendendo que essa ultima fórma de actividade é a que mais convém ao Brasil. A nossa colonia, diz elle, era pobre, por isso demandava o pequeno commercio. Sómente agora, depois que os nossos patricios vão dispondo de capitaes, entram na exploração da terra. Em S. Paulo já se contam alguns fazendeiros, além dos industriaes e proprietarios de fabricas, principalmente de calçados, em cujo mistér se occupa grande numero de syrios.

Declara que a mesma tendencia se verifica em Minas, onde alguns syrios hão tentado a sericultura que, em sua terra natal, é a primeira fórma de actividade a um tempo agricola e industrial. Os governos desse Estado, onde se tem já empregado capitaes para a exploração dessa riqueza, nada conseguiram com outros colonos estrangeiros. Nunca se aproveitaram dos syrios, cuja immigração é espontanea e jámais custou a menor despeza da União e dos Estados. Salhab não tem duvida em garantir que o colono syrio é o mais apropriado para realizar essa aspiração industrial do maior futuro.

Não parecem descabidas as affirmações do jornalista. Na serra de Baturité, em pleno sertão cearense, encontram-se alguns syrios como exploradores da maniçoba, cuja borracha é uma das principaes fontes de riqueza do Estado. No Amazonas e no Acre, de onde chega agora o mesmo representante da colonia, encontram-se seringueiros syrios affrontando a inclemencia do clima com a mesma ousadia do cearense. O syrio percorre muitas regiões e se instala em todo o Brasil.

Exceptuando os Estados de Sergipe e Alagôas, onde já houve alguns syrios, em todos os outros, presentemente, a colonia tem os seus representantes mais ou menos numerosos. No Estado do Epiririto Santo ha funccionarios publicos, presidentes de camaras municipaes, um agente do Lloyd Brasileiro em Guarapary e — o que demonstra ainda melhor a nacionalização facil dessa colonia — existem até coroneis da guarda nacional!

Ao sul da Bahia ha fazendeiros de cacáo e café e, nos Estados interiores, encontram-se já alguns criadores de gado. A perspicacia do jornalista, em seu inquerito verdadeiramente curioso, revela-se no cuidado em assignalar a aptidão dos seus patricios para as formas de trabalho mais caracteristico da vida brazileira. Os seus dados consignam o facil entralaçamento dos syrios com os nacionaes. Vinte e cinco por cento dos colons casam-se com brasileiras, naturalizando-se e abandonando até os passeios á terra natal.

O jornalista syrio diz que o seu orgão da imprensa paulista é muito lido nas duas Turquías e no Egypto. E' por elle que se faz a propaganda do Brasil em taes regiões. Um syrio escreveu a historia do nosso paiz; e Salhab, agora, escreve uma informação economica de todos os Estados brasileiros, afim de attrair mais numerosos membros á colonia. Somos, diz elle — e o repete constantemente no discorrer da palestra — somos amigos deste paiz. Assimilamos os seus costumes e amamos o trabalho da terra, apesar de quanto dizem em contrario os nossos adversarios. Nenhuma outra colonia é mais pacifica, nenhuma é mais espontanea. Aqui chegamos todos viajando á nossa custa. A nossa imprensa desenvolve-se no Rio e em S. Paulo; fazemos agora uma obra systematica de educação e solidariedade da nossa colonia dispersa por todos os ambitos deste formoso paiz.

Taes palavras, mais ou menos assim ditas, lembravam e confirmavam brilhantemente os conceitos lisonjeiros do Sr. José Carlos Rodrigues sobre os syrios no Brasil. Modestos, mas pacificos e trabalhadores. Cumpre não esquecer que espontaneamente procuram este paiz e acompanham de perto o novo surto do seu progresso economico e social.

CURVELLO DE MENDONÇA.

UNIVERSIDADE NO BRASIL

Um jornalista argentino, Manuel Bernardes, que foi gentilissimo hospede do Brasil, pensa que a nossa Universidade tantas vezes projectada deve ser situada em Villa Ricá.

Eis o trecho de um *interview* que teve com um nosso *reporter*:

— Ha uma opinião minha que eu teria desejo de ver exposta no Brasil especialmente, e que até risquei do plano dos meus artigos para o *El Diario*.

— E é?

— E' uma carta a Olavo Bilac.

— A respeito?

— Acabo de chegar de Minas, como sabe. E não sei porque fui visitar Ouro Preto antes de Bello Horizonte. Não imagina a impressão que me causou a velha cidade mineira. Essa cidade é talvez unica no Brasil pela sua situação,

pela sua tradição. De longe, á illuminação da noite, pareceu-me um gigante á espreita na montanha. Ao atravessal-a, apesar da sua grandeza, eu a senti morta, desfallecendo aos poucos. Bello Horizonte absorve-lhe a vida. Mas a paz das ruas, a pureza do ar, a quietude geral e principalmente a historia que a cada passo me contava nos edificios a vida e o começo do espirito de liberdade, enchiam-me o coração de um respeito quasi religioso.

Seria uma grande tristeza ver essa cidade, o coração d'ouro negro da riquissima Minas, decair. As cidades devem ter o nosso respeito, e quando uma cidade representa na historia de um paiz o que representa a ex-Villa Rica, chega a ser um crime. Subindo as ruas, descendo por outras, eu me sentia dolorisado com a idéa de ver Ouro Preto, tão curiosa por tantos aspectos, poder vir a ser um dia uma cidade quasi a desapparecer. E sendo estrangeiro, eu fiquei com uma certa prevenção contra Bello Horizonte...

Nós rimos.

— E essa prevenção resistiu?

— Oh! não. Ao ver Bello Horizonte, que é uma cidade monumental, admiravel mesmo, com bellissimos edificios, culturas esplendidas, a prevenção desappareceu inteiramente. E' como se a gente visse um rebento pujante cujo ascendente perece. Por isso Bello Horizonte, Minas inteira devem se voltar para dar um novo alento a Ouro Preto.

Essa sympathia pela velha cidade mineira por parte de um jornalista estranho era evidentemente muito sympathica. Mas de certo a palestra tomara rumo diverso, e era preciso voltar á carta já falada.

— Mas isso não explica a sua carta a Olavo Bilac.

— Eu mandar-lhe ei a carta. E' pró Ouro Preto. E eu peço ao illustre poeta patrocinar a minha idéa.

— Qual é ella?

— O Brasil não tem uma cidade universitaria, como Portugal tem Coimbra, a Hespanha Salamanca, a Argentina La Plata.

A minha idéa era fazer de Ouro Preto a cidade universitaria do Brasil. Tudo ali convida ao silencio, á reflexão, tudo ali aconselha o estudo e prepara o coração. Ouro Preto deve ser a cidade universitaria do Brasil. Lá já existem duas escolas : a de engenharia e a de pharmacia. A de Direito, não sei porque, foi mudada para Bello Horizonte.

Era este o assumpto da minha carta a Bilac. Uma campanha nesse sentido, aqui, neste paiz que tão nobremente aceita as idéas generosas, daria de certo resultado, e Ouro Preto se conservaria a cidade da intellectualidade brasileira, a Coimbra do Brasil. Mas Manuel Bernardes ia sahir para os ultimos preparativos da sua volta a Buenos-Ayres.

E apertando-nos a mão :

— Vai publicar esta minha idéa?

— Naturalmente.

— Publique-a ao menos quando eu já estiver em Buenos-Ayres. E' uma opinião tão pessoal.

— Mas tão sympathica.

— ... que só de longe eu ousaria.

E sahiu a tomar o automovel, que o esperava.

Essa idéa de Manuel Bernardes deve ser agradavel a todos os mineiros e estaria nas mãos de um mineiro, o Sr. Affonso Penna, o realizal-a.

E' curioso ainda approximar do trecho antecedente a opinião de José Bonifacio, o patriarca da Independencia, que desde as primeiras decadas do seculo passado sonhava com a creação de uma Universidade brasileira. E' o que se vê de uma carta sua de Julho de 1812 escrita ao Conde de Funchal; nella expõe o sabio e politico admiravel o esboço de uma Universidade para o Brasil :

« A Universidade terá assento em S. Paulo pelo bom clima e salubridade do ar, barateza de comestiveis e alojamento, e pela facil communicação com as capitanias do Centro e costa. Poderá abrir as suas aulas no convento do Carmo, que tem muitas accomodações e bom sitio.

Constará de 3 Faculdades, Philosophia, Jurisprudencia e Medicina: a Theologia será ensinada nos Seminarios dos Bispos.

A Universidade será governada por um Cancellario, que será sempre um Principe de sangue; e por um Reitor triennal, tirado por turno seguido dos Lentes das Faculdades, o qual alem do ordenado da sua cadeira terá de ajuda de custo no tempo do Reitorado 600 mil reis.

A Universidade terá a Directoria geral dos Estudos publicos de todo o Ultramar, a qual será dirigida por uma Junta de 5 Deputados, um dos quaes será Secretario, presidida pelo Reitor.

Para os negocios pecuniarios haverá uma Thesouraria, composta de um Thesoureiro, um Contador, um fiscal, e 9 officiaes papelistas, e presidida pelo Reitor.

A Universidade terá uma Tipographia, um Laboratorio chimico, um Observatario Astronomico, um Museo de historia natural, uma Livraria e um Hospital.

As cadeiras das 3 Faculdades são as seguintes:

Philosophia em 3 classes.

Classe de sciencias naturaes:

Cadeira primeira, — Historia Natural ou Zoologia e Botanica.
» segunda. — Chimica e Docimasia.
» terceira. — Phisica.
» quarta. — Mineralogia em toda a sua extensão.

Philosophia racional e moral:

Cadeira quinta. — Logica e Moral.
» sexta. — Mataphysica e Esthetica.
» setima. — Historia, Cronologia e Geographia.

Sciencias mathematicas:

Cadeira oitava. — Mathematica Pura.
» nova. — Phoronomia.
» decima. — Astronomia.

Jurisprudencia:

Cadeira primeira. — Instituições de Direito Natural e das Gentes.
» segunda. — Direito Romano com a sua Historia.
» terceira. — Direito Canonico com a sua Historia.
» quarta. — Direito Patrio.
» quinta. — Economia Politica e de Fazenda.

Medicina:

Cadeira primeira. — Materia Medica e Pharmacia.
» segunda. — Anatomia.
» terceira. — Physiologia e Pathologia.
» quarta. — Medicina Clinica.
» quinta. — Chirurgia e Arte Obstreticia.

Azul Negro

Levanto o meu olhar de entorpecido lume,
Por tanto olhar no mundo essa humana miseria;
E vejo se estender lá na amplidão etherea
A côr do céo, a côr azul, a côr do ciume!

Sempre a me perseguir, como um maldito nume,
Essa côr que me traz só tristeza funerea!
Tinha o esquife de Esther, feita immovel materia,
A côr do céo, a côr azul, a côr do ciume!

E Laura — esta mulher que me odeia e domina,
Tem no olhar infernal essa côr celestina:
— Sombra da minha dôr que toda a dôr resume!...

Para mais completar a minha desventura,
Ella veste, sómente, a côr que me tortura,
A côr do céo, a côr azul, a côr do ciume!

F. Irinêo Filho

HORAS DO CAMPO

N'um destes dias de mau estar, que nos assaltam tantas vezes, em que amanhecemos irritados e encarando mal tudo que nos apparece, ha um lenitivo suave que nos consola e até cura esses males da alma.

E' o bem estar do campo, é a paz do ermo, é o contacto acariciador da natureza.

Nesses dias de irritação e canceira, quando os nervos estão exgotados da lucta e da actividade e quando a gente se sente neurasthenico, convém ir, sem perda de tempo, gosar essa paz do deserto e perder-se no ermo, ouvindo as doces vozes da natureza e embeber-se dessa suave poesia bucolica, embalado no grande encantamento das cousas eternas e naturaes.

Então, a gente vai ver os campos, os bellos campos do sertão; vai vogando incerto através de umas arvores que deitam sombra, ouve acolá um passaro cantar, uma brisa soprar na copa do arvoredo e as folhas se balouçarem mansas...

Ha um trilho que as creações fizeram passando por uma vereda fresca; a gente entra por ella, recebe o bafejo da varzea e segue acompanhando aquelles caminhos incertos, ora curvando aqui, voltando a um lado, colleando para alli e singrando tortuosamente pelo campo, sem rumo...

Num alto descobrem-se umas rezes pastando no capim verde, abanando a cauda e lambendo com gula as moitas novas...

Passa no ar um bando de maracanãs gritando e doidejando numa cantarola que atordoa os ares e que não se entende. Parece uma algazarra de crianças mal criadas e teimosas que por pirraça passam perto da gente gritando; e quando se pensa que se foram embóra, eis que voltam de novo e tornam a grazinar nos nossos ouvidos. Mas tudo

aquillo tem muita graça, o ouvido recebe bem aquellas malcriações.

Estamos em pleno campo. Um garrote musculoso lá vem pela chapada enchouriçado e temivel, urrando, escarvando o chão, arrancando poeira e retezando o pescoço garboso e truculento.

Num outeirinho fronteiro um novilho acaricia uma novilha alvaçã que não parece se importar com as caricias do fedelho. O novilho empina, chucha com os chavelhos a barriga da joven vacca, que mal se apercebe do offerecido amigo.

Depois tudo estremece; ha um calafrio no ar. Corre um pavor em roda e todos escutam. O garrote lá vem á disparada. Vem comendo chão. Ouve-se um gemido surdo acompanhando o estrepito da carreira. Parece que um cataclysmo se vai dar naquella hora. Todos escutam. As cabeças se levantam e os ouvidos ficam á escuta, orelhas em pé, arfando...

Ouve-se logo um berro estrepidante que retumba tudo, acompanhado de medonha algazarra. Ouve-se o estrallar de chifradas, um urro estridente e depois o grito prolongado do animal abatido sob as patas possantes do hippocentauro.

Ha um brado de victoria! O hippopotamo regressa ao lado da joven vacca, amante e terno, recebendo e trocando affagos, com o semblante airoso e risonho dos triumphadores.

As arvores do campo, a brisa que passa, as folhas que murmuram, são então as unicas testemunhas de um idyllio amoroso que se dá no meio da tranquilidade do campo verde e bonançoso, entrevisto apenas pelas aves innocentinhas que pipilam nas copas adjacentes. Depois o campo se agita sob outros aspectos.

Ouve-se a toada amiga de um vaqueiro que lá vem no chapadão tocando as vaccas de leite para o curral, que elle fôra buscar no pasto distante para o custeio do terreiro. Vêm todas paridas, com os bezerrinhos novos capengando ao lado, tropegos e « perrengues », vigiados de passo a passo pelo olhar ciumento e egoista das mães.

São vaccas que pariram longe e ainda não vieram ao curral. Os moleques da fazenda contaram que as tinham avistado lá para os lados dos buritysaes e os bezerrinhos careciam de ser curados.

Então o Damião que naquelle dia estava de « campeio » foi juntal-as a galopar no cavallinho fogoso e agóra lá vem satisfeito com as crias tocadas adiante, arrebanhando-as numa cantarola monotona para entretel-as até á casa.

O sól já vem descambando do meio dia, as cigarras chiam monotonas pelos páus seccos e nos galhos dos páus-terras, em volta das criações, cantam os gaviões « cará-carás », preparando-se para esvoaçar sobre as vaccas a catar os parasitas.

O Damião vem pensando em casa, na Chiquinha, que agora andava arisca e gostando de outros.

O peito arfa-lhe inquieto... E ao avistar a fazenda lá ao longe, batida pelo sól, com os telhados escuros e as paredes escaioladas, explose-lhe no peito toda a emoção de amor.

Pica o cavallo, faz trotar a vaccaria pela estrada da fazenda e lá se some pela quebrada, cantando uma canção que diz assim :

Chiquinha, ó bella Chiquinha,
Já te jurei, pódes crer,
Has de ser sómente minha,
Toda a vida, até morrer...

O sol vai descambando. O horizonte é todo vermelho, morrendo o dia num arrebol sanguineo.

O campo respira paz e amor. A voz dos campeiros esmaece ao longe, até perder-se completamente. Farfalham as folhas. As criações se acariciam no aconchego das vesperas da noite.

Ha uma paz balsamica em tudo. Parece que naquella hora todo o universo se concilia e fraternisa.

E a alma sai dalli alegre e reconfortada, num indizivel encantamento, aspirando a felicidade de viver.

30 Setembro 1905.

LINDOLPHO XAVIER.

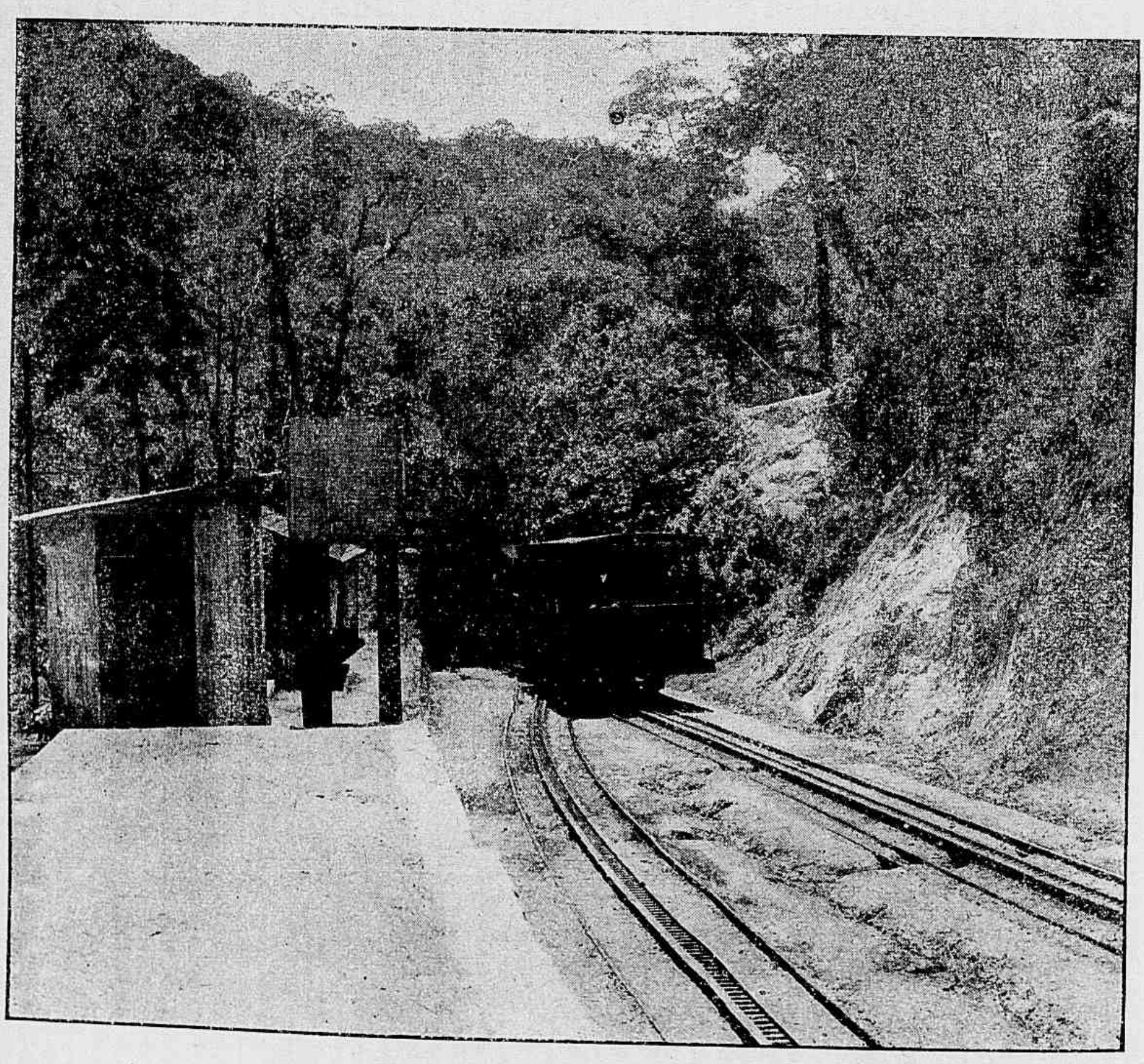
Progresso material do Rio de Janeiro

Entre as grandes obras publicas que se realizaram ou estão em andamento destacam-se algumas que pela sua importancia reclamam especial menção.

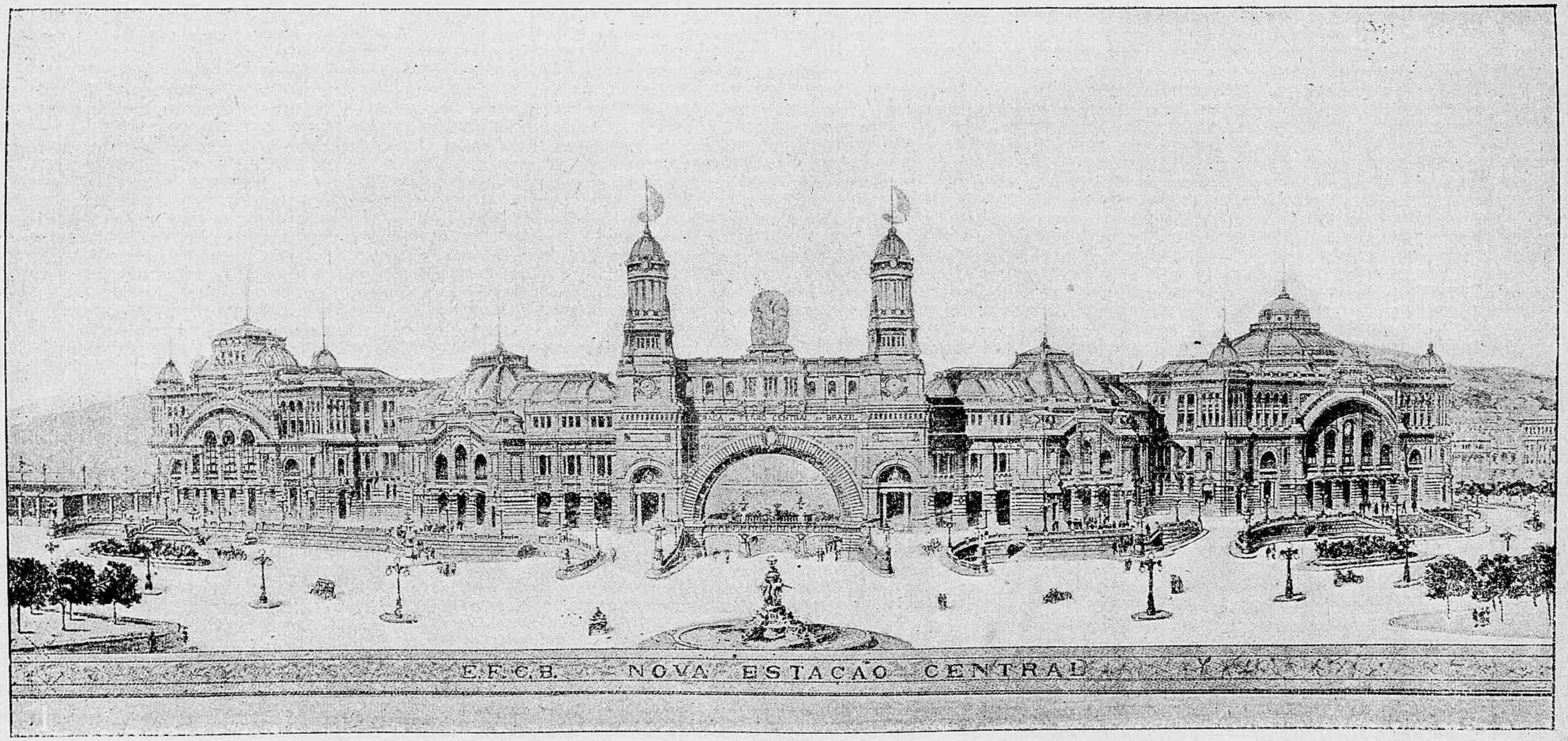
A grande *Estação Central* da *Estrada de Ferro* vae ser inteiramente substituida por outra de largas dimensões, em praça aberta no local da antiga, com a expropriação de grande numero de casas e até ruas adjacentes.

O edificio será o mais grandioso do Rio de Janeiro pelas proporções e pela belleza do plano e é digno da grande capital que se está formando n'esta bahia maravilhosa do Guanabara.

E' essa substituição da Central que preoccupa agora o Dr. Aarão Reis.



Entrada da E. das Paineiras.



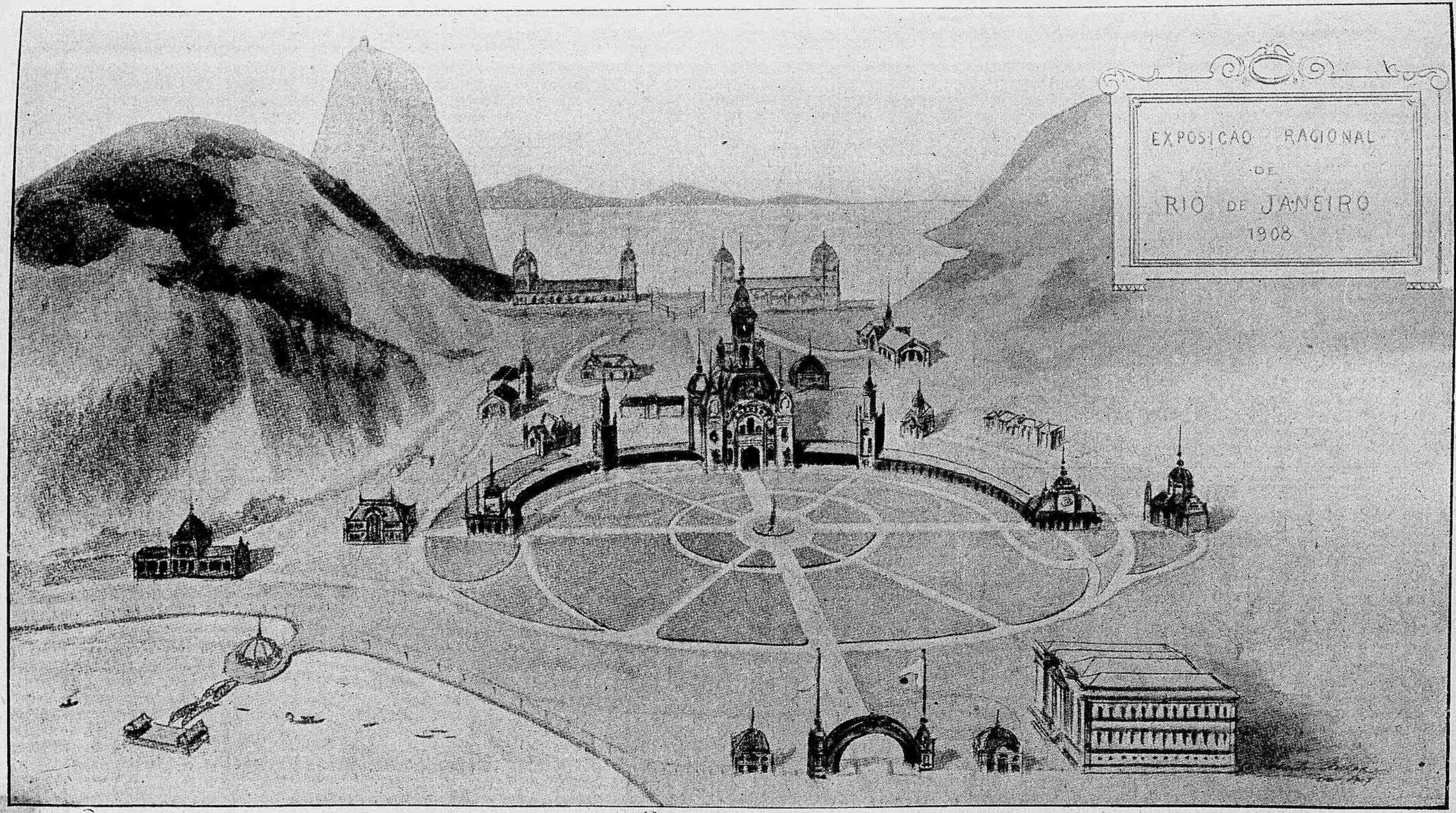
Melhoramentos do Rio de Janeiro. — A nova Estação Central que será construida no logar da actual.

O actual director da Central pensa resolver a questão da área, estendendo a estação até ladear com a rua Barão de São Felix, supprimindo assim um trecho da rua Senador Pompeu e o quarteirão da rua General Caldwell que fica entre essas duas outras. No amplo espaço obtido desse modo, o Dr. Aarão Reis colloca, distinctas uma da outra, as linhas de tracção a vapor parao

Vista tomada do Morro do Castello.

nterior e a linha de tracção electrica, esta em plataforma circular, para o trafego dos suburbios. Colloca mais ahi, em um unico edificio, as dependencias da administração, que hoje se espalham mal collocadas, em meio de linhas ás vezes, no terreno escasso que possue actualmente a Central.

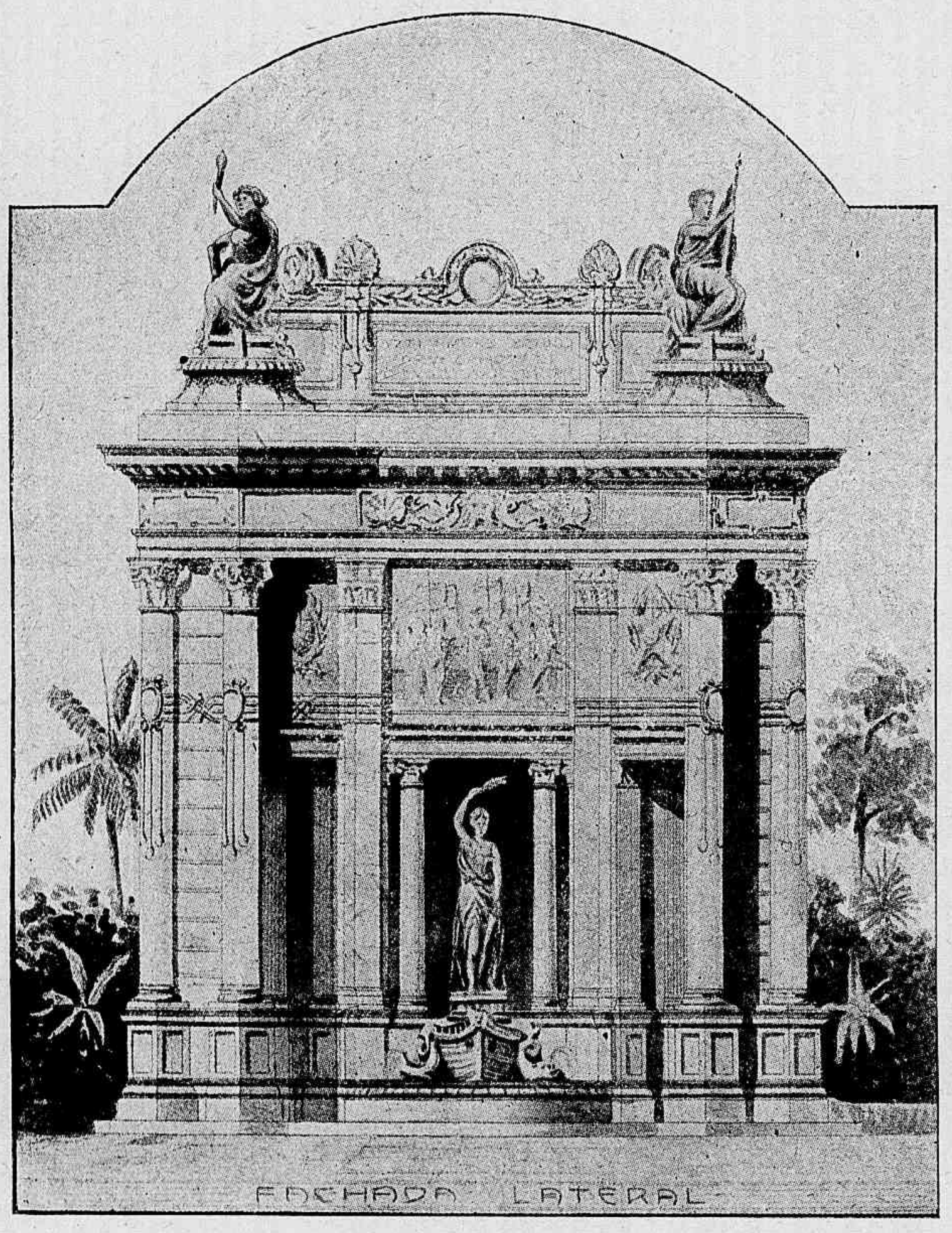
Como compensação á absorpção dos trechos de via publica, a rua Barão de São Felix é prolongada pelo flanco da estrada, com a largura de 33 metrós, até á rua da America, communicando por ella com o caes do porto e servindo de grande escoadouro para as mercadorias que d'ali venham para aquella zona da cidade. Além disso, a posição da estação é modificada e deixa esta a posição obliqua que tem em um recanto da praça da Republica, para estender-se em uma bella fachada pára a rua João Ricardo, parallela ao quartel do 10 :, recuando até ao canto da praça com a rua General Pedra e deixando, desse



O primeiro plano da Exposição de 1908, apresentado pelo Dr. Buarque de Macedo.

modo, na sua frente, uma larga avenida ou praça ajardinada, de cerca de 50 metros de largura, por onde circularão desafogadamente pessoas e vehiculos.

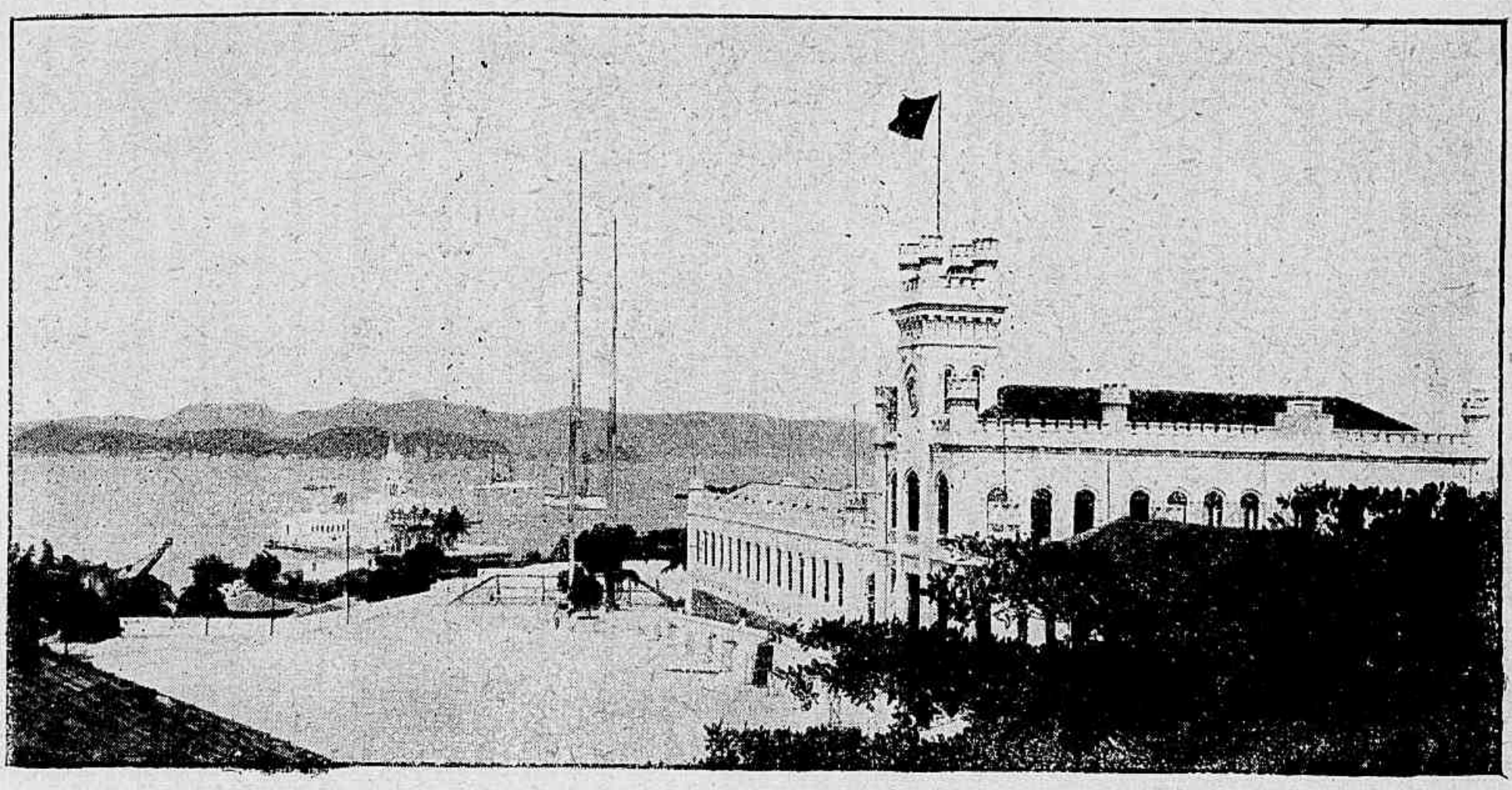
Do lado da rua São Diogo a rua é alargada tambem em toda a extensão da face lateral da estrada, podendo sel-o no resto do seu traçado por deliberação da Prefeitura.



Um projecto de Arco commemorativo da abertura dos portos do Brasil.

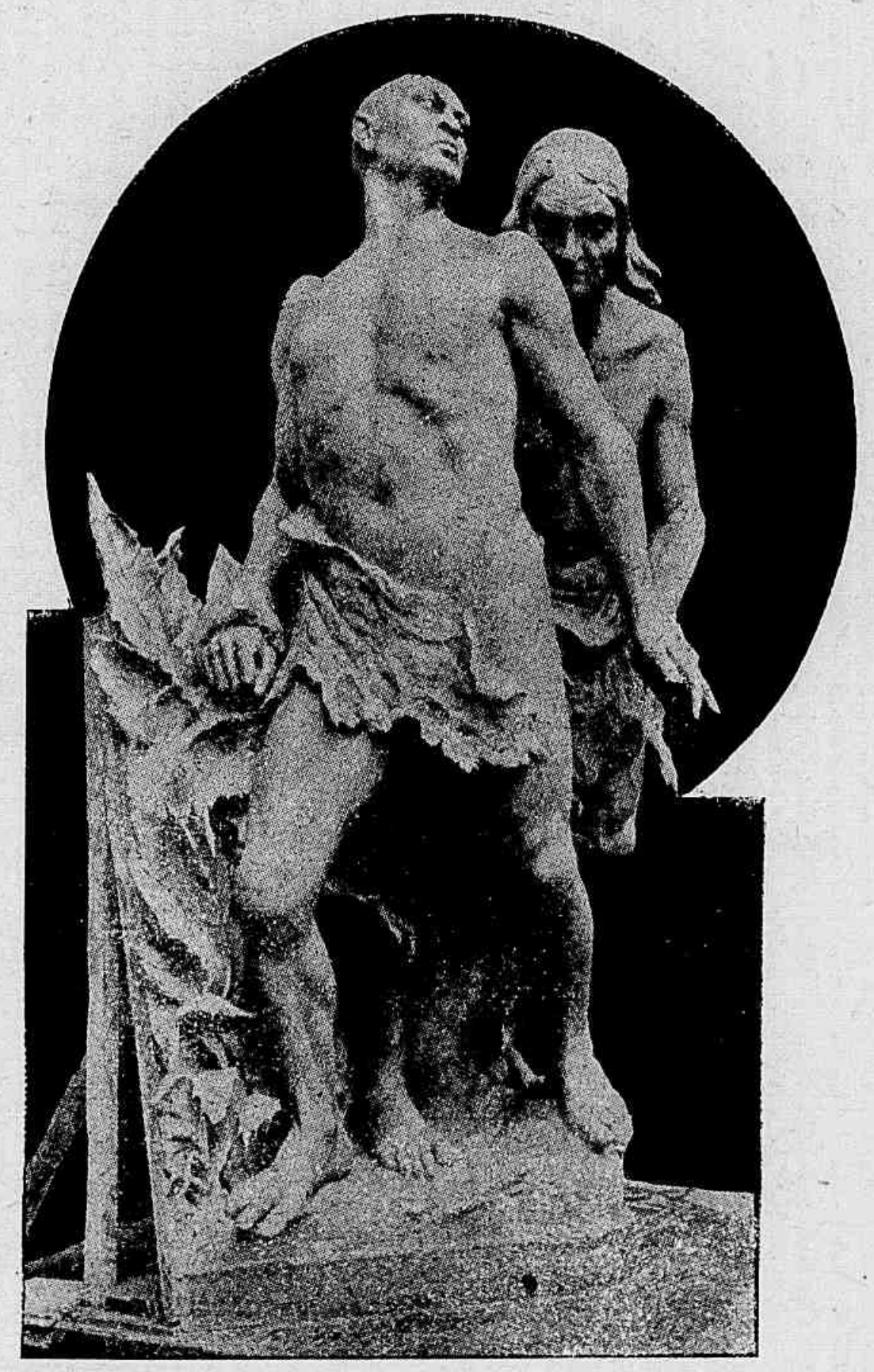
Outra das grandes obras é a serie de edificios e construcções que devem formar a Exposição nacional de 1908. Reproduzimos aqui um esboço que não será definitivo, mas dá talvez a idéa da grandeza do projecto e genio inventivo dos seus autores. A Exposição será localizada na planicie que se estende entre a Praia da Saudade e a Praia Vermelha, e implica a continuação da Avenida Beira-Mar desde a enseada de Botafogo. As obras serão realizadas com grande rapidez e neste momento em que escrevemos ha duvida de que estejam promptas no mez de Junho proximo.

Outras obras de arte verá o Rio de Janeiro: o *Arco Commemorativo* do centenario da abertura dos portos do Brasil (1808) ao commercio do mundo, acto de D. João VI inspirado por Cayrú; as estatuas de Tamandaré e de Floriano, erigidas no percurso da Avenida Central e Beira-Mar, o prolongamento dos jardins da Avenida, em Botafogo até o local da exposição, o ajardinamento total da mesma Avenida, melhoramentos realizados pela Prefeitura e outros



Quartel do batalhão Naval na Ilha das Cobras.

que ella iniciará com firmeza tendojá resolvido a questão financeira e reposto o equilibro das rendas da municipalidade, conquistando com sensatez e segurança o prestigio que hoje goza.



I. Grupo do Y.-Juca-Pyrama. — Estatua do Marechal Floriano.

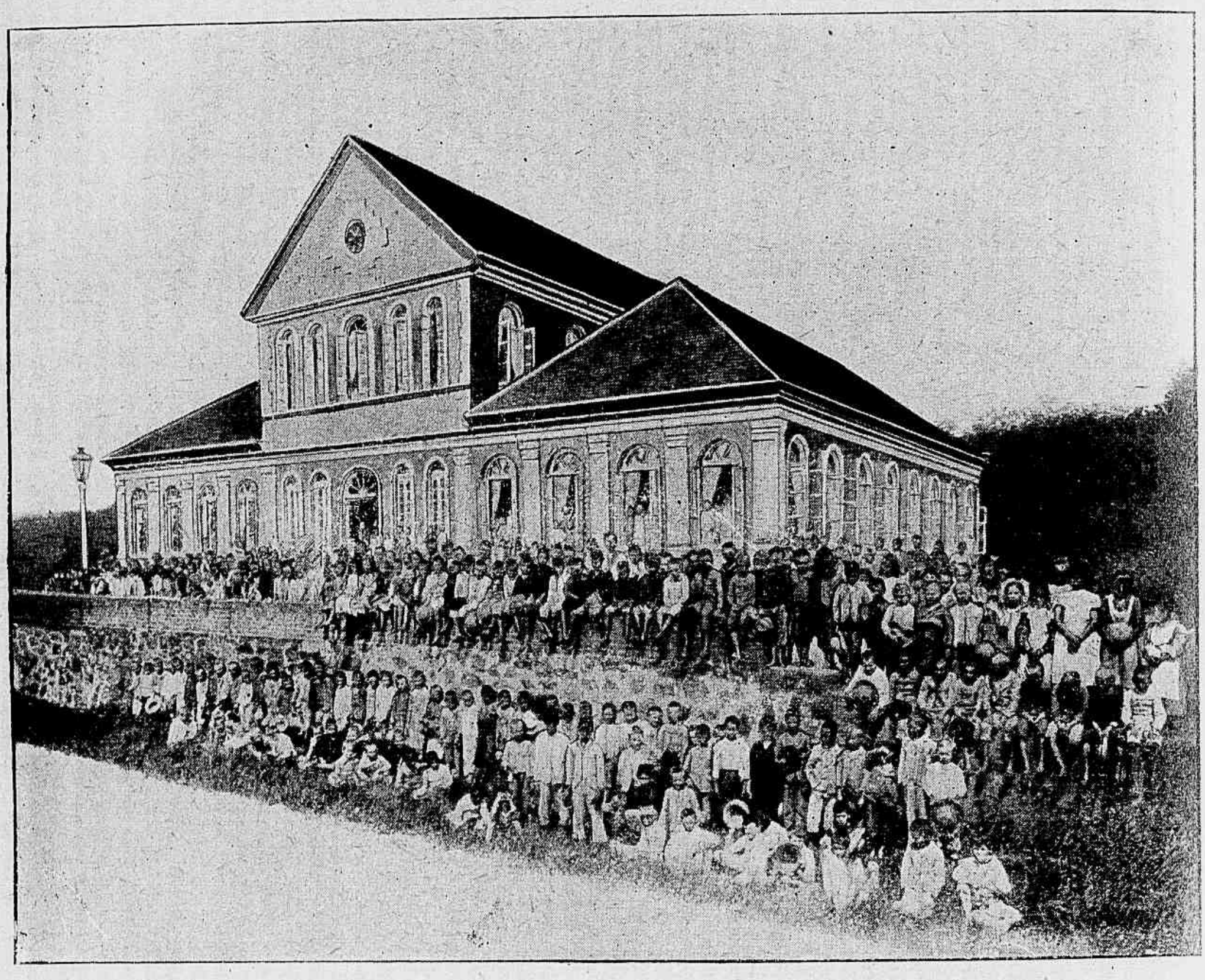
II. Grupo do Y.-Juca-Pyrama. — Estatua do Marechal Floriano.

COLONIAS ALLEMANS

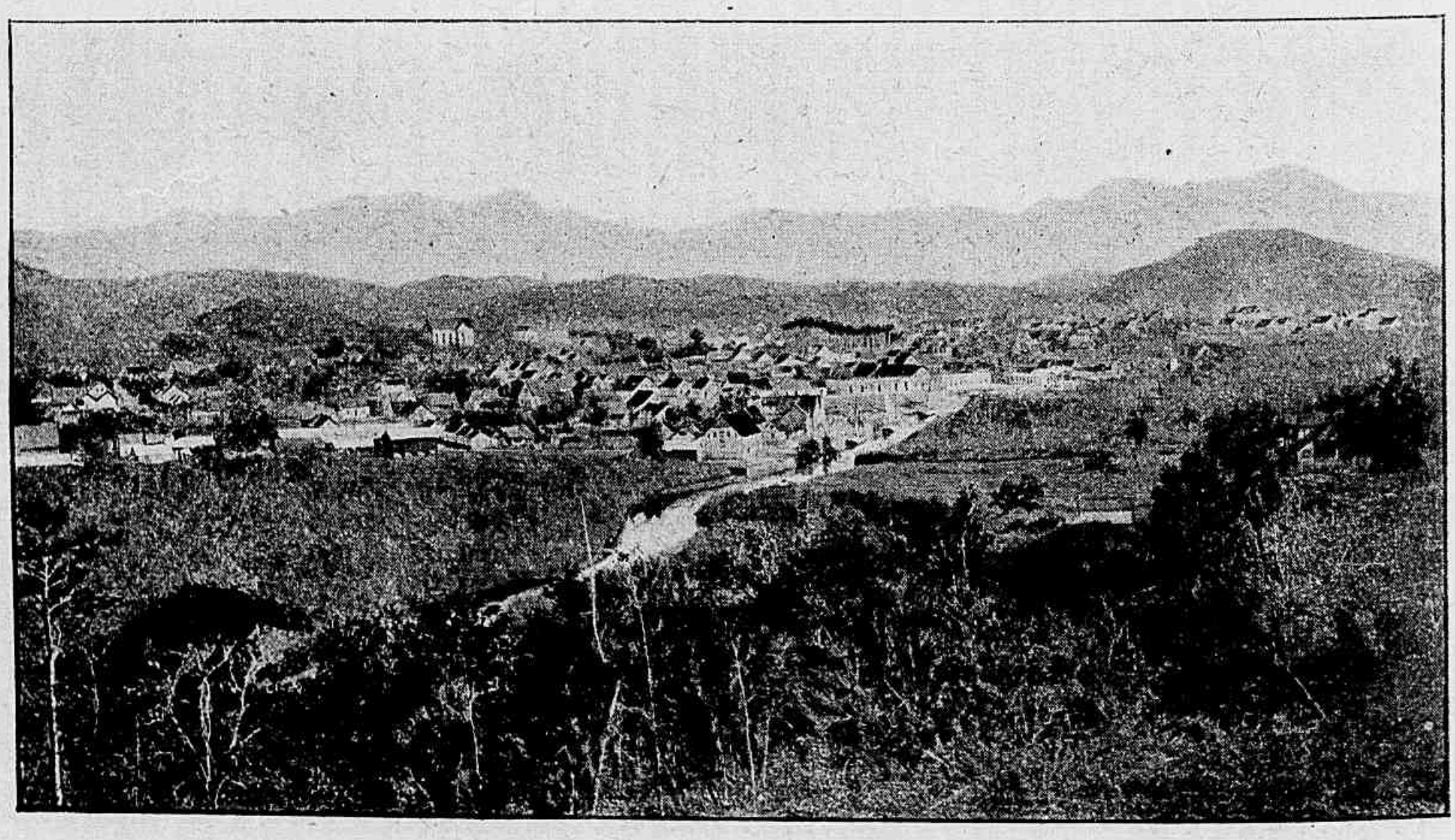
Ao obsequio de um dos nossos collaboradores Curvello de Mendonça, devemos as fotografias que publicamos das adiantadas colonias allemans de Santa

Rua des Palmeiras.

Catharina. Duas são de Blumenan, a do Collegio Municipal, que tem cerca de 500 alumnos, e uma rua das Palmeiras da mesma cidade e que lembra a alameda do Jardim botanico do Rio, ainda que as palmeiras de Blumenan sejam relativamente recentes, ao passo que as do Rio já attingem quasi o seu centenario e datam de D. João VI. Outra fotografia é uma vista panoramica de Joinville com a corda de serras ao fundo e uma das bellas paisagens daquellas regiões.

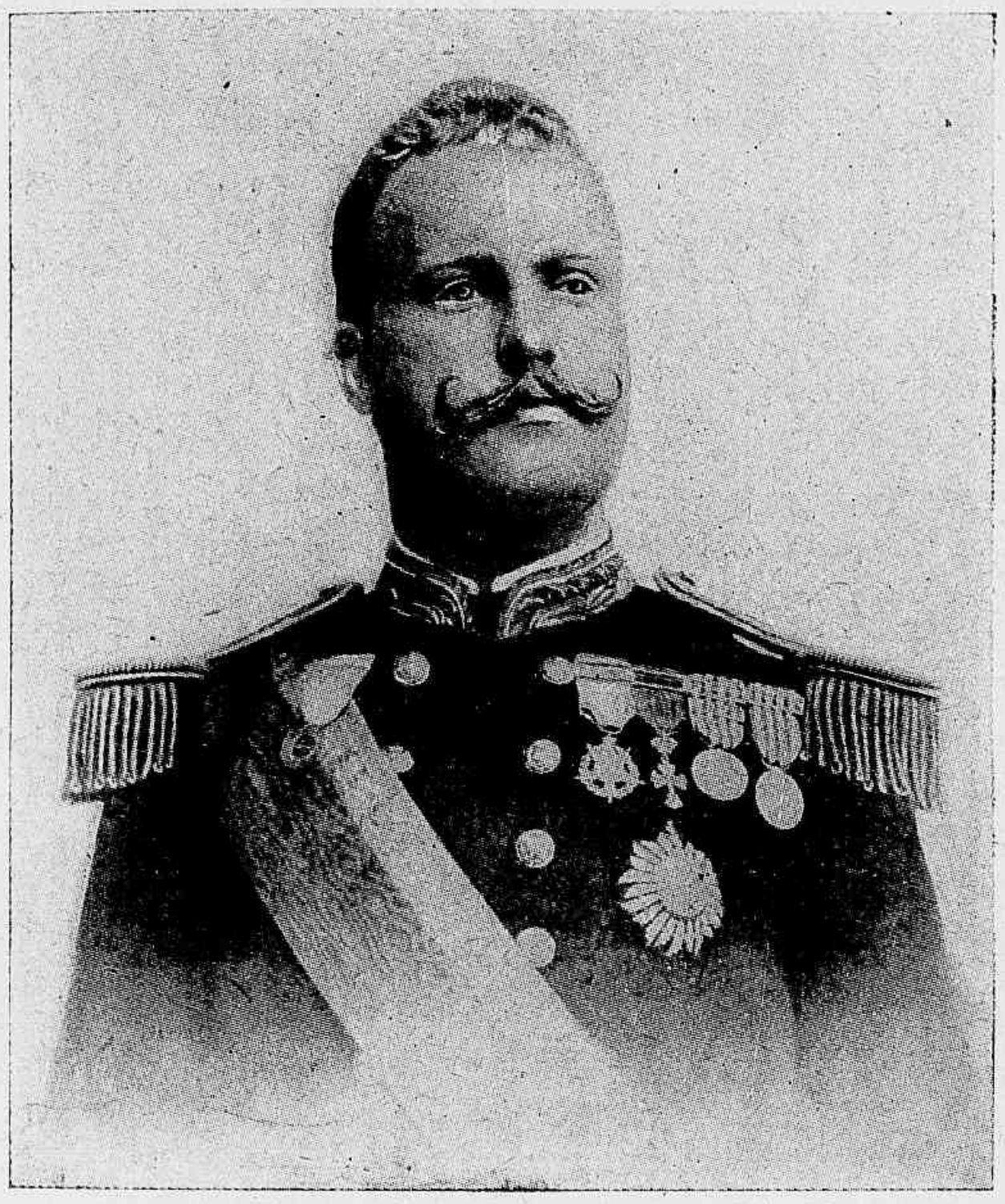


Collegio Municipal.



Vista de Joinville.

A TRAGEDIA DE LISBOA



Dom Carlos I.

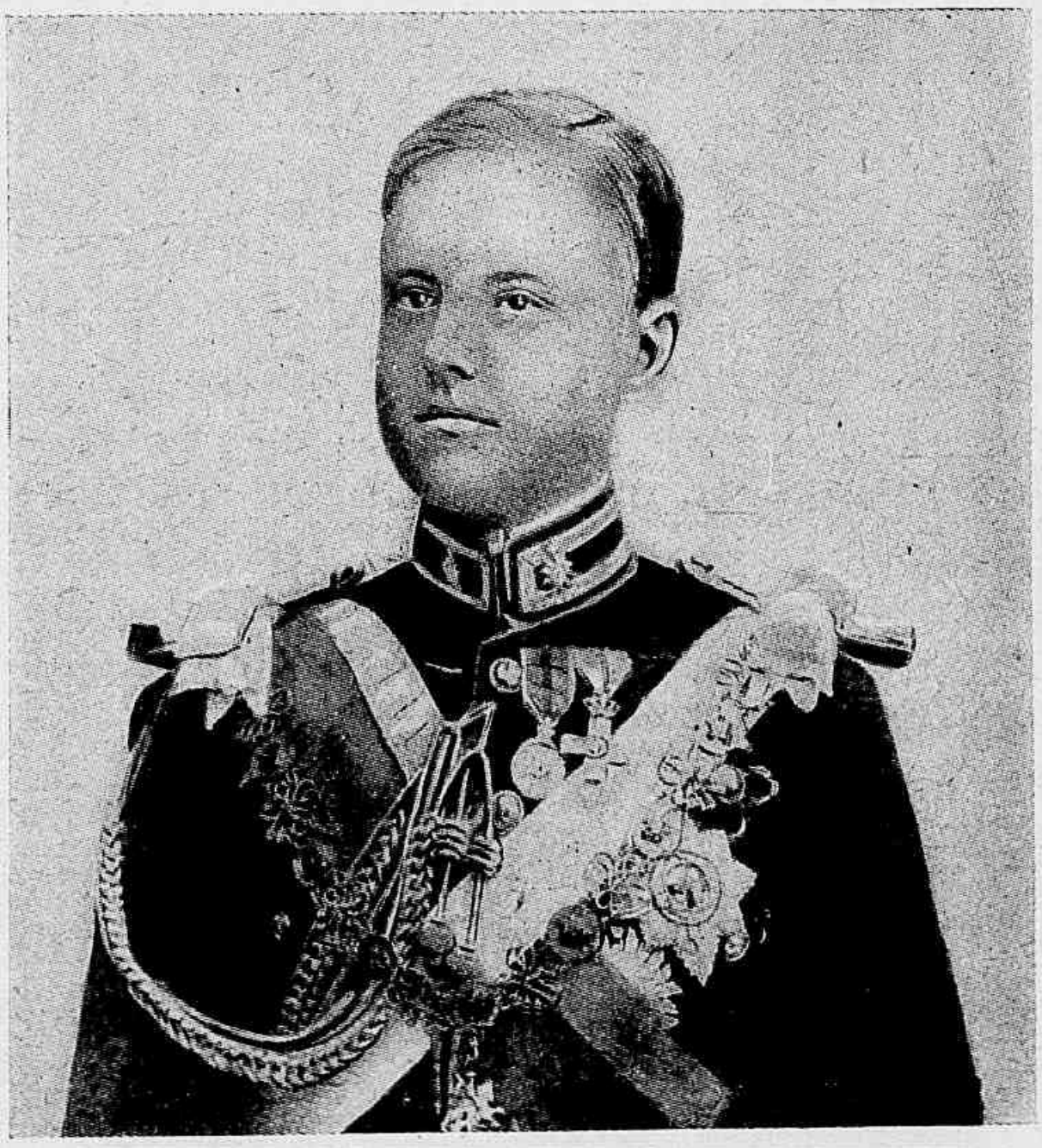
No dia 1º de Fevereiro um fremito de surpreza e dôr abalou toda a cidade do Rio de Janeiro. Chegava a noticia da horrivel tragedia do Terreiro do Paço. O velho Portugal lealista e monarchico caía no ról commum das nações onde a anarchia já começou a dar os seus venenosos fructos. Voltava a familia real de uma caçada no parque da propriedade em Villa Viçosa; a presença do Rei, em momento de grave crise politica, era anciosamente reclamada em Lisboa.

Quando as carruagens da comitiva real faziam a curva do Terreiro do Paço para entrar na rua do Arsenal, alguns anarchistas em-

buçados e armados de carabinas e revolvers alvejaram a familia real, prostrando em tiros successivos *el Rei D. Carlos*, o *Principe D. Luiz Felipe*, e quasi victimaram a *Rainha D. Amelia* e o *Infante D. Manuel*, hoje Rei acclamado, que felizmente escaparam á sanha feroz dos regicidas.

O lance angustioso foi tremendo para a rainha espoza e mãe e nem é mais necessario relembral-o, nem as scenas pungentes que se seguiram quando os corpos exanimes das victimas foram transportados ao Arsenal.

Os tristemente célebres dos assassinos Manoel Buiça



O principe Luiz Felippe.

e Alfredo Costa, homens de qualquer sorte dotados de instrucção, mas desvairados pela paixão politica que então se desencadeiava no velho reino, pagaram com a vida, ali no mesmo scenario, a cegueira, a allucinação e o crime que foram levados a commetter.

Manoel dos Reis da Silva Buiça, o que assassinou o rei, contava apenas 32 annos, era professor exemplar de um collegio em Lisboa, e viuvo cuidava no futuro de duas filhas de pouca edade.

Alfredo Luiz da Costa, o assassino do principe, não tinha mais de 23 annos de edade, e ao contrario do primeiro que era taciturno, fazia-se notado pela paixão e desvario na sua linguagem ardorosa sempre contraria á forma monarchica na qual elle resumia a desgraça da sua patria.

No Rio de Janeiro, onde a população portugueza é maior que a de qualquer cidade do reino, excluida Lisboa, celebraram-se grandes e solemnes exequias na cathedral e manifestações seriam unanimes n'esta colonia se já a não dividisse o antagonismo entre monarchicos e republicanos.

O reinado de D. Carlos não foi esteril; são dignos de ser lembrados a Campanha contra o rei Gungunhana, a guerra contra os Namarraes, e as victorias contra o Cuamato. Muitas linhas ferreas foram construidas, e feito o cabo submarino para os Açores. O rei era um artista de nota, na literatura que cultivou e na pintura de que deixa documentos notaveis. Pessoalmente, era a bondade e a cortezia e digno esposo d'essa admiravel rainha tão mal ferida pelo infortunio. Entretanto não poude dominar a tempestade politica creada pelo seu poderoso ministro João Franco, estadista energico, excepcional e unico no meio de tantos outros incapazes de reagir contra a corrupção é a decadencia moral do momento; foi, pois, egualmente victima, não de arma traiçoeira, mas da explosão de todas os odios que n'elle querem achar a responsabilidade da grande catastrophe.

A BELLA MADRUGADA

Rua 13 de Junho, nº 64

CORUMBÁ — MATTO GROSSO

IMPORTANTE ESTABELECIMENTO DE :

Fazendas, Modas, Armarinho, Perfumarias, Ferragens, Louças, Calçados para Homens, Senhoras, Senhoritas e Crianças, Chapéos para Cabeça, Chapéos de sol, Perfumarias, Fumos e seus preparados, Brinquedos, etc.

Livros de literatura, para collegios, commerciaes, papel e artigos para escriptorio.

MOLHADOS E MUITOS ARTIGOS DE CONSUMO GERAL.

Tudo recebido directamente dos mais importantes fornecedores da Europa, Rio de Janeiro e Estados Unidos.

Os Proprietarios, SILVA & ESTEVES.

O TRATADO DE PETROPOLIS E O LITIGIO PERU-BOLIVIANO (1)

(A proposito do livro do Dr. Euclydes da Cunha.)

« Para mim, vale mais esta obra, em que tive a fortuna de collaborar... do que as outras duas, julgadas com tanta bondade pelos nossos concidadãos e que pude levar a termo, em condições muito mais favoraveis. » (Barão do Rio Branco. « Exposição de motivos do Tratado »).

As questões de limites, já o disse um publicista argentino, constituem a parte mais importante da vida internacional da America latina, pois representam a historia de sua diplomacia, de suas guerras e de suas allianças.

Se assim é, porque complical-as com theorias exclusivistas e singulares, que só pódem offerecer interesse historico e alimentar controversias infindaveis?

Não ha muito, na « Nueva Revista de Buenos Aires », o illustre publicista porteño A. Alcorta, criticando o conhecido « Tratado de Direito internacional », de Carlos Calvo, arguiu contra este o facto de não cogitar siquer do chamado « Direito internacional americano », especialmente no tocante ao dominio territorial e ao « uti-possidetis » de 1810, como criterio para a solução das questões de limites.

Calvo, em resposta, fez ver que o Direito internacional rege as relações dos povos civilizados, e não admitte distincções, nem supremacia de nenhuma especie (« Rev. » cit. vol. VIII pag. 631).

O supposto Direito internacional americano seria, quando muito, um direito consuetudinario, que só obrigaria ás nações que houvessem figurado nos actos que lhe déssem origem.

No terreno movediço e instavel da vida politica e internacional de quasi todas as republicas hispano-americanas, fundar-se um direito das gentes singular, seria o mesmo que edificar-se sobre a areia do deserto; o « simoun » dos « pronunciamientos », á mercê dos caudilhos, faria ruir ao solo o edificio, apenas iniciado. O proprio Riche-

(1) Do excellente livro. *Estudos contemporaneos* do professor dr. J. C. Gomes Ribeiro, do Instituto Historia de S. Paulo.

lieu, para realisar o seu programma, na America, só precisaria cruzar os braços, impassivel!

Querer-se impor a toda a America latina ou mesmo ás republicas hispano-americanas sómente, o celebre « uti-possidetis de direito », tambem chamado do anno de 1810, como querem os publicistas argentinos V. Quesada e A. Alcorta e outros, do continente, é uma utopia gratuita, repellida, aliás, por muitos precedentes em tratados e congressos internacionaes, em que têm figurado o Perú, Bolivia, Paraguay, Brasil e outras nações sul-americanas.

Por outro lado, tentar-se restaurar, em questões de dominio territorial, a vigencia absoluta de tratados antiquados, entre as velhas metropoles hespanhola e portugueza, de 1750, 1777 e 1778, como o querem escriptores e chancellarias hispano-americanas, para manietar a soberania do Brasil, facto historico, definitivo e irrefragavel desde 1822, é violar de frente principios basicos do Direito Internacional.

« Um Estado novo não póde ser obrigado ás clausulas de um tratado, em que não foi parte, pois elle não é continuador nem successor do Estado contratante ». (Bonfils n. 220, que cita precisamente o caso das colonias sul-americanas. Vide mais — H. A. Moulin. « Rev. Gen. de Droit Int. » 1904).

O Perú, entendendo ser « res inter alios » o Tratado de Petropolis, insiste no julgamento arbitral pelo governo argentino, do seu litigio de fronteiras com a Bolivia, sobre a base estranha da reivindicação de um largo trecho de territorio, áquem da sua divisa antiga, pelo Ucayaly e pelo Inambary, comprehendendo parte importante do territorio do Acre, e, o que é mais, invadindo, em suas pretenções, cerca de 251.330 kilometros quadrados, que a tanto sóbe a área abrangida, entre as cabeceiras principaes do Javary, o Madeira e a linha obliqua Javary-Beni, isto é, pretende « que lhe seja doada grande parte do Estado do Amazonas, já com varias povoações e até uma cidade Labréa, notoriamente brasileiras! »

Como fundamento para tão descommunal reclamação, articula apenas o Perú as demarcações do Tratado de S. Ildefonso (1777), obrigatorias, « segundo elle », em todas as questões de limites entre o Brasil e as republicas de origem hespanhola, olvidando-se de que elle proprio aceitára, como base do Tratado de limites de 1851 com o mesmo Brasil o criterio da posse actual », isto é, na technica consà-

grada, mas injuridica, o « uti-possidetis de facto », e o mesmo fizéra a Bolivia, em 1867.

O valor negativo desse argumento já o demonstrámos atraz; apenas faremos nossas aqui, as palavras autorisadas do professor de direito internacional da Universidade de Dijon, o citado Moulin :

« Quaesquer que sejam os direitos historicos, que, em apoio das suas reclamações territoriaes, o Perú se reserve, para allegar contra o Brasil, suas reivindicações devem ficar sem effeito, porquanto o Perú pretende, « baseado em tratados antiquados », a posse de territorios que ha muito já estão occupados pelo Brasil. »

Teria elle, sim, o direito de fazer rectificar pelo Brasil, « sua fronteira antiga com a Bolivia », entre a nascente de Javary e o parallelo de 11.°, mas isto já está previsto e providenciado pelo artigo VIII do Tratado de Petropolis, e já foram iniciadas as preliminares diplomaticas de tal rectificação. (Mensagem presidencial de 3 de Maio do corrente anno).

Convém recordar aqui, que, ao discutir-se, no Senado, o Tratado de Petropolis, alguns srs. senadores, como o conselheiro Ruy Barbosa, Lauro Sodré e outros, manifestando o receio de complicações com o Perú, oriundas do Tratado, o senador B. de Mendonça, respondeu-lhes cabalmente, lendo apenas a nota seguinte, do ministro das relações exteriores daquella Republica, sr. Rivas Aguero, com data de 1874 :

« Terminados os trabalhos da commissão demarcadora, nomeada em virtude do artigo 7, do Tratado de 1851, cumpriu-se uma das mais importantes estipulações desse pacto internacional.

« Ha, pois, justo motivo para que se congratulem os governos da Republica e de s. m. imperial, pelo resultado obtido, em proveito de ambos os paizes, « cujos limites assim ficam marcados de modo pratico, sobre o terreno, comprehendendo a extensão entre a confluencia do Apaporis com o rio Japurá e as vertentes do Javary ».

Como, pois, allegar hoje, o Perú direitos de dominio sobre a zona á leste dessa linha definitiva de fronteiras e em extensão de mais de 200.000 kilometros quadrados?

Será isso mais uma reincidencia historica da afamada « fé punica »?

A allegação da acquisição de dominio « a non domino », pelo Tratado de Petropolis, feita hoje perante o arbitro argentino, seria

« res inter alios », para o Brasil, e, portanto, sem effeito no caso, pois não consta ter a nossa chancellaria aceitado o juizo arbitral, como parte ou como assistente da Bolivia.

Demais, não se comprehende como poderá o arbitro tomar conhecimento das reclamações peruanas, quanto ao Brasil, estando, como se acha, em pleno funccionamento, no Rio, o tribunal arbitral brasilio-peruano. (Mensagem presidencial cit.)

Em summa, contra as pretenções do Perú, podemos clamar com segurança : « Legem habemus »; pois têm esse caracter os tratados de 1851 com aquella nação, e de 1867 com a Bolivia, além do precedente consagrado com o Paraguay, em 1856. O Perú só protestou contra o tratado de 1867, após 8 mezes.

O estupendo livro do dr. Euclydes da Cunha, « Perú versus Bolivia », « estupendo », repetimos nós, tanto no fundo como na forma, de parte algumas increpações menos justas á chancellaria imperial, só póde ser equiparado, em merito scientifico, ao celebre livro de J. Caetano da Silva « L'Oyapoc et l'Amazone », que tanta luz derramou sobre a questão da Guyana franceza e se impôz na Europa.

Sua contextura quasi epica faz lembrar as construcções cyclopicas dos Pelasgos, que, sotopondo apenas blocos enormes de granito, sem argamassa, desafiavam as forças destruidoras da natureza, impassiveis deante o perpassar dos seculos! Esse livro veiu revelar-nos uma nova face do talento peregrino de seu autor — a de internacionalista erudito.

Comquanto pouco se occupe directamente do Tratado de Petropolis, rechassa elle victoriosamente as pretenções absurdas do Perú contra a Bolivia, escalpellando a fundo os obsoletos tratados de 1750, 1777 e 1778, as « cedulas reaes » que organisaram e delimitaram as circumscripções ou « audiencias » de Lima e de Charcas, os mappas antigos e os testemunhos, por vezes contradictorios, de Paz Soldan e de Raimondi, salientando por fim a antinomia flagrante entre os mappas recentes da Sociedade de Geographia de Lima e do Archivo Especial de Limites, sobre os territorios do dominio do Perú. Ainda assignala elle a incongruencia deste, penitenciando-se hoje, do erro que allega ter commettido, em 1851, por aceitar a « posse actual », como fundamento do dominio.

Esse livro, si importa para a Bolivia em valioso e espontaneo patrocinio dos seus direitos, para o nosso paiz representa uma clava

de Hercules, esmagadora da cerebrina theoria, vulgar entre os publicistas hispano-americanos e já referida, de que o Brasil está adstricto, em todas as suas questões de limites, á letra dos tratados da velha metropole.

Pobre Brasil! O criterio da « posse de direito » lhe é negado, como argumento de defesa, pois só cabe elle ás Republicas hispano-americanas, decorrendo da data de sua emancipação ; não lhe é facultado o criterio da « posse de facto », porque esta envolve o vicio da usurpação, da violencia e do dolo, « proprios da raça portugueza » ; resta-lhe apenas o recurso aos tratados, em que não foi ouvido (« nondum natus erat »), que estes, sim, estão escoimados de usurpação e de dolo, quer de uma parte, quer da outra!

São paladinos dessa doutrina, entre outros illustres publicistas, na Argentina, os srs. V. Quesada e A. Alcorta ; no Chile, Moncayo e, na Colombia, Quijano Otero. (Vide « Rev. de Buenos Aires » cit. Tomo 12 pag. 273 e seguintes.)

Como brilhantemente o comprova E. da Cunha, em questões territoriaes como esta, não é possivel eliminar-se o elemento preponderante do facto da expansão fatal e sempre crescente das populações para as regiões inhabitadas e quasi desconhecidas na época, como eram as das bacias do Madeira, Purús, Juruá e outros rios importantes, sobre tudo quando tal expansão se acha, como no caso, reconhecida e sanccionada por tratados insophismaveis, entre nações soberanas, os quáes vieram dar um titulo legal á posse de facto, consagrando o dominio definitivo.

« O tratado de Petropolis, (não somos nós quem o diz, é o illustre Moulin), em seu conjuncto, veio resolver de modo feliz, a desintelligencia entre o Brasil e a Bolivia. Elle deu uma resolução equitativa e necessaria, estipulando a cessão amigavel do territorio do Acre ».

Constitue esse tratado, a obra capital da patriotica gestão da chancellaria brasileira.

E' facil demonstral-o.

O « statu quo », isto é, a imminencia da conquista do Acre pelos acreanos e a posterior annexação delle ao Brasil, seria a conquista disfarçada; o arbitramento, alvitre proposto pelo eminente conselheiro Ruy Barboza, que por isso, se exonerou da commissão de plenipotenciario, foi condemnado por Moulin e não poderia ser aceito, attenta a quasi certeza do laudo contrario a nós, já pelo reconheci-

mento explicito dos direitos destes, por alguns chefes da nossa chancellaria, entre outros, o dr. O. de Magalhães, em 1899; o alvitre lembrado por nós, por esta folha e pela « Rev. do Instituto Historico Paulista », tambem não seria aceitavel, como o reconhecemos, attenta a attitude do Perú, hoje franca, contra a Bolivia.

Esse alvitre consistia em obter-se, pelos meios convenientes, a cessão de um porto livre do Perú ou do Chile, para cedel-o á Bolivia, desencravando-a e desinteressando-a da apropriação e utilisação de territorios e cursos fluviaes da Amazonia (1).

Si fôra licito perscrutar-se o mysterio do futuro laudo arbitral argentino, cremos que não seria temerario affirmar-se, no tocante á Bolivia, que elle será favoravel a esta, tanto quanto se póde colligir da opinião do actual ministro das relações exteriores da Argentina, dr. E. Zeballos, manifestada em um mappa por elle organisado em Washington, no qual assignala, « como boliviana », a zona em litigio (E. Cunha, pag. 150).

Quanto ao tratado, sejam quaes forem as pretenções do Perú, ha de se manter de pé, porque, como o disse o sr. barão do Rio Branco, « foi elle apenas o desdobramento do estipulado no Tratado de 1867; não fez cessão, apenas fez permuta de territorios, habitados por cidadãos dos dois paizes, segundo o precedente norte-americano. Pelos tratados do Amapá e das Missões, manteve-se intacto o patrimonio territorial da nação; por este, fez-se mais, ampliou-se esse territorio, por meio diplomatico e sem eiva de conquista ».

A obra internacional do Acre, das Missões e do Amapá attesta a clarividencia, o patriotismo e o tino diplomatico do Sr. barão do Rio Branco, e o sagrará, amanhan, senão desde já, perante a posteridade, como o « Primeiro dos Brasileiros ».

Outubro 1907.

JOÃO COELHO GOMES RIBEIRO.

(1) Vide o Estudo anterior — « A questão do Acre ».

Vilancetes

I

(Ao poeta J. M. Goulart de Andrade)

Jasmim, do seu coração,
Jasmim, de subtil odôr,
Beijo no seio de flôr.

Porque esse collo de alvura,
E de um suave perfume,
E' vida, — brilhante lume
De minha mór desventura ?
Não sei donde mais tortura:
— Do seio que tem a flôr,
Ou do fino seu odôr.

Já não tenho liberdade,
Já não sei o que fazer,
E mudo fico a rever
O seu collo de bondade.
De mim não tem piedade,
Porque dôr por sobre dôr
Sobrepõe o seu amôr.

Vou morrendo, de mansinho,
Sem poder sequer gemer;
E, vendo o collo de arminho,
Fonte de tanto querer,
Fonte de muito morrer,
Eu quero querer a flôr,
Morrendo do seu amôr.

II

(Ao tenente M. A. Reisch Luna)

Como a sombra segue o corpo,
Sigo, no meu padecer,
Quem de mim não quer saber.

Vai serena, vai suave
A vida passando em sonho;
E no seu andar tão grave
Lembrança de mim não ponho...
E' o meu viver medonho:
Não me séda o padecer
Quem de mim não quer saber.

Sol de graça, não clemente,
De amor enche todo o espaço;
Mas a mim não vem o traço
De sua luz resplendente.
Mesmo perto, estou aûsente
Do seu humano querer,
Pois de mim não quer saber.

E um castigo atrós, estranho,
Esse claro Sol terá;
Pois dôr e prazer tamanho
Num só acto se verá:
— Sua luz projectará
A sombra que eu hei de ser
Queira ou não de mim saber.

HEMETERIO DOS SANTOS.

IGNEZ SABINO

A illustre escritora brazileira, Ignez Sabino, que tão extensa reputação grangeiou nas letras brazileiras, é filha do celebre medico brazileiro Dr Sabino Olegario Ludgero Pinho, autor de varios tratados da medicina homeopathica.

Ignez Sabino foi educada na Europa onde aprimorou as qualidades artissicas e literarias que logo cedo se manisfestaram no seu espirito; a morte do seu progenitor impediu que alcançasse o diploma de Bacharel em Letras, a que aspirava.

Escreveu e ainda escreve para quasi todos os jornaes do Norte. No meio de tanta passividade, ella é formosamente activa; e, já no tempo do *Ensilhamento*, foi presidente de duas companhias; ella é da Academia Pernambucana, da Academia Cearense de Letras, do Instituto Bahiano, do Instituto archeologico e geographico de Pernambuco e de innumeros gremios artitiscos, literarios e scientificos.

Fez parte do Congresso scientifico Latino Americano onde com fascinação feminina, fez figura proeminente.

As suas obras principaes são: *Noites Brasileiras*, *Mulheres illustres do Brasil* (editor, Garnier), *Contos e lapidações*, (editor Laemmert) *Luctas de Coração* (editor J. Santos) romance de costumes.

Não é para extranhar que a vejamos um dia ocupando um *fauteuil* da nossa Academia Brasileira, o que parece ser talvez a sua aspiração. Para nós a quem ella revelou as joias do seu escrinio, não é segredo que a escriptora illustre possue manuscriptos preciosos que rouba ciosamente á luz publica,

mas que provavelmente serão publicados. Entre elles, notamos o *Crime de Amor*, estudo profundo do coração humano, *Psychologia de varios homens de letras*, e as *Memorias do meu paiz*.

Nas mais celebres revistas e illustrações de Portugal e Brazil e em varios Almanaques tem saido o seu retrato com a competente biographia, não porque haja solicitado, mas por que os seus admiradores lhe violentam o comedido e discreto valor da sua modestia, que é grande como sóe ser a dos verdadeiros talentos.

Enviando estas linhas ao *Almanaque Garnier*, acreditamos que correspondemos á opinião esclarecida que proclama os dotes e merecimentos da illustre escriptora brazileira.

T. G.

Ballada Livre

I

Alma que trago em mim, saudosa e fria,
Dominadora deste fragil ser,
Dá-me forças, calor, vida, energia,
Que só assim conseguirei vencer.
Vem levantar-me deste abatimento!
Faze tu que eu, mortal, possa transpôr,
Num instante, mais rapido que o vento,
Os infinitos deste grande amôr.

II

E'-me, na vida, a unica alegria,
Pois tudo acabo por aborrecer.
Faz-me sentir o que eu jámais sentia :
Um ingenito orgulho de viver.
Querel-o e conserval-o é meu intento,
Nelle encontro um dulcissimo sabor;
E' mais do que meu sonho, é meu alento
Neste abandono desconsolador.

III

Se nos fizessem, vivos, na sombria
Mansão dos mortos desapparecer,
Abraçado com elle, acabaria
Fechando os olhos, para não no ver.
Para esquecer meu mal, meu desalento,
Meus desenganos e meu dissabor,
Quantos prazeres muita vez invento!
Quantas vezes escondo o meu rancôr!

IV

Ah! no silencio, quanto eu choraria,
Desconfortado, livido, a tremer,
Se alguem o meu amor viesse, um dia,
Antecipadamente a conhecer!
Amo-o, de coração, a meu contento,
Seu doce nome escuto no rumor
Que faz, passando, por acaso, o vento...
E dil-o o mar, quebrando, com fragor.

V

Não é filho da minha fantasia
O amor que vejo dentro em mim crescer;
Por elle tudo eu sacrificaria,
Pouco importára o bem-estar perder.
Soffrer e amar é meu contentamento,
E' para mim o meu prazer maior :
E as minhas magoas cada vez augmento,
Só por motivo deste grande amor.

ANNIBAL AMORIM.

Norddeutscher Lloyd, Bremen

Sahidas dos paquetes quinzenalmente do Rio de Janeiro para

BAHIA, MADEIRA, LISBOA e LEIXÕES
ANTUERPIA e BREMEN

tocando um vapor por mez em ROTTERDAM

PAQUETES : *Erlangen* *Crefeld* *Bonn* *Halle*
Aachen *Würzburg* *Coblenz* *Heidelberg*

Todos os paquetes tem boas e modernas accomodações para passageiros e têm medico, creada e cosinheiro portuguez a bordo.
A Companhia fornece conducção gratuita aos Srs. passageiros e suas bagagens.
Os vapores acceitam cargas directamente para MADEIRA, LISBOA e LEIXÕES.

Preços das Passagens

	1.ª classe	2.ª classe		1.ª classe	2.ª classe
Madeira	Lb. 17	Rs. 120$000	Rotterdam	M. 500	Lb. 10
Lisboa	Lb. 17	Rs. 160$000	Antuerpia		
Leixões			Bremen:		

Excluindo o imposto de transporte

Para passagens e mais informações trata-se com os agentes geraes para o Brasil **Herm. Stoltz & C.**

Avenida Central 66 a 74 — Rio de Janeiro

AGENTES NOS ESTADOS :

Santos	Zerrener, Bulow e C.ª	**Pernambuco**	Neesen e C.ª
Bahia	Behrmann e C.ª	**S. Francisco do Sul** . .	Carl Hoepcke e Cª.

CATULLO CEARENSE

Corria a bella festa, serena e sumptuosa, como sempre são as daquelle doce e carinhoso lar do dr. Mello Moraes Filho.

Tinhamos ouvido já estrophes deliciosas, magnificas, borbotoantes como catadupas de lavas, vindas da alma do nosso grande Alberto de Oliveira.

Tinhamos já sentido cantos e musicas—tudo isso que tempera as almas para o sagrado convivio, e que dá um tom muito fino, muito vivo á jovialidade dos corações que se encontram.

E continuavamos todos numa acclamação unisona e incessante ao illustre poeta em honra de quem ali estavamos.

Lá pela meia noite corrêra entre os convivas a noticia de que havia chegado á casa o Catullo Cearense.

Francamente, este nome não me era estranho. Por vezes me havia soado aos ouvidos, sob gestos inexpressivos, e sem nada que revelasse coisa alguma de excepcional e extraordinario.

Não sei bem porque, mas é certo que no meu espirit o vagava esta idéa—fugidia e imprecisa—de que Catullo não era mais que um simples cantador de modinhas, um desses bohemios chefes de *lyra*, bardo de violão ao luar, sabendo gemer, entre um pigarro e outro, uma porção de banalidades sobre o velho estafado thema do amor.

Não fizemos, portanto, eu e uns intimos que discreteavamos fóra do bulicio da festa, muito caso do annuncio que se espalhára.

Dahi a pouco, fomos chamados á sala, onde já encontramos todo aquelle mundo em fórma, numa grande espectação de coisas solennes.

O typo do cantor não deixou de impressionar-nos. Tal era, porém, o nosso estado de espirito que ali ficamos calados, um tanto incredulos, e alguns até suspeitosos de que estavamos sob a imminencia de mais uma desillusão na triste vida...

Catullo Cearense é, de facto, uma figura que se destaca, muito fóra do commum. Tudo nelle tem alguma coisa de singular: a larga fronte aberta e illuminada; o nariz a Cyrano-exuberante, mas discreto: uns grandes olhos meigos e brilhantes; a bocca recortada, onde paira um sorriso quasi continuo, que se não sabe si tem mais de irrisão subtil ou de ingenuidade e modestia. Um semblante em summa, de bondade e de carinho, com o qual num momento se familiarisam todos. A cabeça dir-se-ia que se não move: acompanha os movimentos rapidos do tronco.

O accionado—sobrio, amplo e magnifico... A gesticulação—espontanea e flagrante—como si toda a alma agitada lhe viesse ao gesto e fulgurasse pelo olhar fixo e incisivo. Quando canta, tem uns arremessos para afrente uns impetos de ir para cima...

Tudo isso dá-lhe uns ares de aguia incitada e captiva, a ancear por espaço...

Mas, já me ia adiantando.

Como disse, em muitos dos que ali estavam, a incredulidade não se dissimulava senão até as conviniencias da etiqueta.

O cantor começou, sem grande ceremonia.

Primeiro—uma modinha popular, de um perfume suave de bosque, de um candido bucolismo pagão.

Depois—uma outra, na qual se accentúa a doce e exquisita originalidade da musa anonyma e bohemia... mas já transfigurada, ao sentir que se encontra com um devoto estranho.

A assistencia está entre o espanto e uma curiosidade anciosa, dir-se-ia pungente.

Ha nos olhares uma como interrogação de mysterio.

O homem levanta-se, e vem para o meio do salão. E desde quelle instante—digam os que ali tiveram a fortuna de estar—elle foi senhor daquellas almas, como si fosse a alma de todos nós!

Cantou... creio que *Os Olhos della*.

Como se vê, é um thema tão batido e que parece não deixar mais nada á inspiração dos poetas. Mas elle disse taes coisas, antitheses tão imprevistas, figuras tão originaes; teve tanta intensidade de expressões; pôz na voz um timbre tão sentido, no olhar um tal incendimento, e em toda a acção um fulgor tão desconhecido — que a maravilha de todos esteve em sentir que aquelle artista havia descoberto aspectos, doçuras, brilhos novos nos olhos que cantava.

Na sala então se fez uma atmosphera de assombro: sacudido por aquelle verbo de fogo, arrebatado por aquella figura de trasgo insurgido — o auditorio extasia-se, illumina-se, exalça-se, como si a flamma daquella alma passasse subitamente para todas as almas!

E quando o vulto do cantor minguou na sala deixando escapar-se-lhe dos labios o ultimo verso — houve uma verdadeira explosão de delirio, tão expontanea, tão ruidosa, tão vibrante como si um formidavel tufão barafustasse naquelle ambiente.

Não eram palmas, eram gritos de acclamação, transportes, arrebatamentos — quasi insania e desatino— em que se confundia o enthusiasmo daquella assistencia allucinada, a envolver o cantor num turbilhão de alaridos, num fremito de ternura vehemente, impetuosa e commovida.

E dali por diante, a sensação que se tinha naquelle ambiente era qualquer coisa de semelhante a alternativas de bonança e vendaval: ora (em quanto se ouvia) — um grande silencio de almas que se reprimem: ora (acabando de ouvir) — um trovejar de victoria.

Cada canto era uma ovação.

***

Digo-o, agora, ufano desta justiça, e sem receio de que a minha sympathia e a minha admiração me enganem : Catullo é um grande artista!

Depois daquella noite, já tive occasião de ouvil-o mais uma ou duas vezes.

Sei ainda que outros muitos, poetas notaveis, grandes intellectuaes, o têm apreciado e têm sentido a mesma surpresa que senti. Ainda ninguem me fez reservas que ao menos me deixassem suspeitoso contra o meu coração.

Digo — desassombradamente:

Catullo é um grande poeta.

A meu ver, tem elle na alma alguma coisa mais que a exuberante e enthusiastica do nosso povo : nos seus versos, nos seus cantos, fala a excelsa musa anonyma e immortal da raça. E sente-se isso tanto mais quanto essa musa, pelo estro deste poeta, nos fere na alma umas grandes notas, que nos dizem como ella se commove agora, apercebida do que foi nos tempos do velho culto, saudosa das edades mortas, e ufana de resurgir para outras edificações.

ROCHA POMBO.

Nosce te Ipsum

Que mysterio profundo e pelago insondavel
Não és, ó alma humana, ó humano destino?
Quem te pode medir, ó fonte inexgotavel
De amargura e de mel, de paz e desatino?

Hontem, o peccador, revél, insaciavel,
Agora, arrependido, humillimo, divino!
Amanhã, que serás? — Tua estrella mutavel
Far-te-á, desgraçado, um misero assassino!

E's o dia e a noite, és a treva e a luz.
Um anjo e um demonio, um Judas e um Jesus,
Um infinito nada, e um infinito tudo!

Prometteu amarrado, á materia jungido,
Cégo, tudo enxergando; orgulhoso abatido,
Tens alma e és mortal, tens a palavra e és mudo!

JOSÉ CARVALHO.

O Anno Litterario e Bibliographico

Gonçalves Maia. — « Livro de viagem ».

Apollinario Luiz Carlos da Silva. — « Arco-Iris », versos e prosa.

Magalhães de Azeredo. — « O Hymno da Purpura », poesia.

João Pinheiro. — « Solar dos Sonhos », versos.

Angelo Guarinello. — « O Tenente Evaristo ».

Antonio Lima. — « Halos », versos.

« Lyra de Crisiemo », collecção de versos.

Felicio Buarque. — « Folhas Soltas »,

Dr. Eduardo Poirier. — « A melhor Diplomacia », conferencia.

« Il Brazile e gli Italiani », publicação do *Fanfulla* de S. Paulo.

Teixeira Mendes. — « Le seul gouvernement français actuellement selon Auguste Comte ».

Commissão geographica e geologica do Estado de S. Paulo. — « Exploração dos rios Feio e Aguapehy ».

José Eduardo de Macedo Soares. — « O contra-almirante Luiz Felippe Saldanha da Gama ».

Affonso A. de Freitas. — « Geographia do Estado de S. Paulo ».

Coelho de Carvalho. — « A Mentira », conferencia.

Augusto Franco. — « O Direito e a Economia ».

Dr. Felisbello Freire. — « Archivos Parlamentares do Brazil », 1°. volume.

Dr. Dias de Barros. — « Manifesto politico aos Sergipanos ».

Dr. Alcibiades Paes. — « O Cigarro », these.

Dr. Eurico da Costa. — « Protecção á mulher antes e depois do parto », these.

Dr. João Borges Filho. — « O coração renal », these.

Sebastião da Rocha Pitta. — « Historia da America Portugueza », nova edição.

Dr. Smith de Vasconcellos. — « Apsychologia de Sonho », these.

Euclydes da Cunha. — « Contrastes e Confrontos », chronicas.

Chrispim Mira. — « Municipio de Joinville ».

Dr. Henrique Barreto. — « Liberdade Profissional ».

Capitão Alfredo Pretextato. — « Os generaes do Exercito Brazileiro ».

Padre Antonio Vieira. — « A Arte de Furtar », nova edição.

Diogo de Paiva de Andrade. — « O Casamento Perfeito », nova edição.

Ferdinand Denis. — « O'Brazil », traducção, nova edição.

Odorico Mendes. — « O Virgilio Brazileiro », nova edição.

— « Almanaque Brasileiro Garnier ».

Thomaz Lopes. — « Historias da Vida e da Morte », contos.

Baptista Cepellos. — « Os Corvos », versos.

Mello Moraes Filho. — « Historia e Costumes ».

Damasceno Vieira. — « A Critica na Litteratura.

Ernesto Senna. — « José Clemente Pereira », Notas da historia.

Helio Lobo. — « Sabres e Togas ».

D. Eunice Caldas. — « Scenas Domesticas ».

2° *Tenente Abrilino P. Bandeira.* — « Processo Analytico Topographico ».

D. Lodegaria de Jesus. — « Corôa de Lyrios », versos.

Dr. J. A. Magalhães. — « Dentologia medica », these.

Dr. Torres Vianna. — « Pathogenia da Albuminuria ».

Wells. — « O Alimento dos Deuses », traducção.

Walter Scott. — « Kenilworth », traducção.

Dr. Jayme Silvado. — « O Beriberi na marinha militar do Brasil ».

Leopoldo Cirne. — « Regeneração e Reincarnação ».

Dr. Couto Magalhães. — « A Carteira de um jornalista ».

Arthur Azevedo. — « O Oraculo », comedia.

José de Abreu. — « Primeiras Constellações », versos.

Rodrigues de Brito. — « Aguas Pluviaes », memoria.

Dr. J. C. Gomes Ribeiro. — A Capital Federal e a Constituição da Republica.

Dr. Pires de Almeida. — « Homosexualismo ».

Silvino Bicidio. — « Guia do Contramestre Sapateiro ».

Arthur de O. Fausto. — « Verbos Francezes »,

Argemiro da Silveira. — « Giovanni B. Libero Badaró », traducção.

Dr. Nilo Cairo. — « Tratamento Homoepathico da Influenza ».

Dr. Pinheiro Bittencourt. — « Compendio de Geographia Geral ».

Americo B. A. de Moura. — « A Grammatica Expositiva e o « Se » Sujeito ».

J. P. Xavier Pinheiro. — « O Inferno », traducção de Dante.

Dr. Aurelio de Magalhães. — « Prophilaxia e Ensaios do Tratamento da Raiva », these.

P. Lauret. — « A. B. C. do Massagista ».

« Homenagem ao Dr. Demetrio Ribeiro », pelos seus admiradores e correligionarios do Rio Grande do Sul.

J. M. Goulart de Andrade. — « Poesias ».

J. Candido Freire. — « Paginas Diversas ».

Raphael Duarte. — « D. Clarita », romance.

Alexandrino do Amaral e Ernesto do S. Silva. — « Consolidação das Leis e Posturas Municipaes ».

D. Julia Lopes de Almeida. — « Historias da minha Terra ».

Eugenio de Sá Pereira. — « Poesias ».

Osorio Duque-Estrada. — « Trovas Populares », conferencia.

Dr. Francisco Eiras. — « Respiração Nasal e Tuberculose ».

John Branner. — « Geologia Elementar ».

Luiz Edmundo. — « Poesias ».

Julio Costa. — « Algebra Elementar ».

Francisco de Paula Oliveira. — « Subsidios ao Estudo da Geologia do Brasil ».

Hemeterio dos Santos. — « Da Construcção Vernacula ».

Dr. Chichorro da Gama. — « D. Maria de Souza », episodio historico-dramatico.

Meira de Vasconcellos. — « Elementos de Pharmacia ».

Pedro Augusto Pinto. — « A Arte de Formular ».

« Annuario Brasileiro commercial Illustrado ».

Alberto A. F. Vieira e Leonel da Fonseca. — « Grammatica da Lingua Esperanto ».

Eduardo de Noronha. — « O Heroe de Chaimite ».

Capitão Liberato Bittencourt. — « Princípes Generaux d'Organisation des Armées ».

« Annuario Commercial Brasil-Portugal ».

Dr. Lacerda de Almeida. — « Expulsão de Estrangeiros do Territorio Nacional ».

Victor Godinho e Adolpho Lindemberg. — « Norte do Brasil », impressões de viagem.

Eduardo Carlos Pereira. — « Questões de Philologia ».

Elysio de Carvalho. — « As Modernas Correntes Estheticas na Literatura Brasileira ».

J. B. G. da Rocha. — « Consultor Maritimo ».

« Exploração do Rio Paraná » pela Commissão Geographica e Geologica do Estado de S. Paulo.

Pinheiro Bittencourt. — « Elementos de Historia do Brasil ».

Almirante Arthur Jaceguay. — « De Aspirante a Almirante », novo tomo.

Teixeira Brandão. — « A Educação Nacional no Regimen Republicano ».

Flexa Ribeiro. — « Litania Pagan », versos.

« As Festas Cardinalicias », collectanea.

« Estatistica Agricola e Zootechnica de Matão », pelo Secretario da Agricultura de S. Paulo.

Coelho Netto. — « Theatro ».

João Luso. — « Historias da Vida », contos.

Castro Rebello. — « Ardentias », versos.

Eduardo Nazareno. — « Horizontes », versos.

E. Vandervelde. — « O Socialismo e a Evolução Industrial », traducção.

Henrique Ferri. — « Socialismo e Sciencia Positiva », traducção.

Luiz Pistarini. — « Sombrinhas e Postaes ».

G. B. Cecchi. — « I Progressi di S. Paulo ».

« Guia Mercantil », publicado em Porto-Alegre.

Varnhagen. — « Historia Geral do Brasil », primeiro tomo, organisada por Capistrano de Abreu.

Dr. Felisbello Freire. — « Os Portuguezes no Brasil », estudo historico e critico.

Modesto de Carvalhosa. — « Escripturação Mercantil ».

Arlindo Costa. — « Lyrios do Valle », versos.

Dr. E. Moscoso. — « Dois Casos de Esophagotomia Externa ».

Padre Antonio Vieira. — « Sermões », nova edição.

José Avelino. — « Escriptos de um Impressionista ».

« Leis e Regulamentos da Policia Civil do Districto Federal ».

« Annuario Franco-Luso-Brasileiro ».

Argileo Silva. — « Perolas », versos, 2ª. edição.

Mackeldey. — « Elementos de Direito Romano », traducção do Dr. Bento de Faria.

Moreno Brandão. — « O Baixo S. Francisco ».

Sylvio Romero. — « A Patria Portugueza ».

Coelho Netto. — « As Sete Dôres de Nossa Senhora ».

João Lourenço de Souza. — « Criação de Aves ».

Aggripino Nazareth. — « Pyrilampos », versos.

Luigi Palomba. — « Vita di Giuseppe Garibaldi ».

Dr. Octavio de Oliveira Pinto. — « A Luta anti-paludica no Brasil », these.

Dr. Pedro Nacarato. — « Contribuição ao estudo da etiologia e tratamento da inserção anormal da placenta », these.

Hilario Ribeiro. — « Grammatica Elementar », nova edição.

P. Commelin. — « Nova Mythologia Grega e Romana », traducção.

Medeiros e Albuquerque. — « Contos Escolhidos ».

Padre Faber. — « Tudo por Jesus », traducção.

Petrucelli della Gattina. — « As Memorias de Judas », traducção.

Dr. José Tavares Bastos. — « As Attribuições do Promotor Publico na Republica ».

E. Weber. — « Sports Athleticos », edição brasileira.

Dr. Zepherino Meirelles. — « Febre Amarella ».

Sir Andrew Carnegie. — « Conciliação International pela Arbitragem », traducção.

J. M. de Macedo. — « Lições de Historia do Brasil », nova edição.

« Aventuras de Roberto Crusoe », traducção.

Conego Fernandes Pinheiro. — Grammatica Theorica e Pratica », 3ª. edição.

Padre Saint-Omer. — « Novena Efficacissima a N. S. do Perpetuo Soccorro », traducção.

Hilario Ribeiro. — « Primeiro Livro », Segundo Livro », e « Terceiro Livro de Leitura », nova edição.

Paulo Tavares. — « Mário », equivalente ao 4º. livro de leitura.

Eduardo Carlos Pereira. — « Grammatica Expositiva ».

H. Abisead. — « Conselheiro do Povo ».

Aristides Alves Cazaes. — « Noções de Telegraphia ».

Santos Marques. — « Nas Trevas », versos.

General Rafael Uribe y Uribe. — « Colombia », conferencia.

« Annuario da Escola Polytechnica de S. Paulo ».

Augusto Ramos.— « Industria Cafeeira ».

D. Guilhermina Barradas.— « Guia Pratico de Exercicios de Composição ».

Ernesto Mattoso. — « O Dr. Augusto Montenegro », estudo biographico.

Dr. Reynaldo Porchat. — « O Direito de Retenção a Convexidade entre a Divida e a Cousa Retida ».

João do Rio. — « Variações sobre o Flirt ».

Antonio Chaves, Zito Baptista e Celso Pinheiro. — « Almas Irmãs », versos.

Tapajós Gomes. — « Através do 3º. Anno ».

Rotschild.— « Guia Illustrado da Cidade de S. Paulo ».

Carlos D. Fernandes. — « Solans », versos, nova edição.

A. B. Trajano. — Arithmetica Elementar Illustrada ».

Fraser. — « A America do Norte em Trabalho », traducção.

Oscar Lopes. — « Livro Truncado », contos.

Dr. Pinheiro Guimarães. — O « Ensino Publico ».

Dr. David Ottoni. — « Da Siphilis Ocular no Brasil em Geral », these.

« Almanaque de Lembranças ».

João Candido Martins. — « Consultor Theorico e Pratico do Commercio ».

João Luso. — « O Amor Tragedia e Farça ».

Dez. A. F. de Souza Pitanga. — « Organisação Penitenciaria dos Paizes Latino-Americanos ».

Alipio de Miranda Ribeiro. — « Fauna Brasiliense, Peixes ».

Magalhães de Azeredo. — « Canção de Mignon », traduzida de Goethe.

Barbosa Netto. — « Columnas », versos.

Dr. Domingos Jaguaribe. — La Radiation des Effluves Humaines ».

Dr. Joaquim de Oliveira Botelho. — « El Clima del Brasil ».

Eugenio Werneck. — « Arithmetica Primaria e Calculo Mental ».

Euclydes da Cunha. — « Perú Versus Bolivia ».

Dr. Eudoxio de Oliveira. — « Annuario da Estatistica Demographo-Sanitaria da Cidade de S. Salvador ».

Dr. Eduardo Meirelles. — « Bacterias da Agua ».

J. Capistrano de Abreu. — « Capitulos de Historia Colonial ».

Samuel Martins. — « Eduardo de Carvalho », elogio academico.

« Cultura do Algodão », guia pratico.

« Canna de assucar », sua historia, sua cultura.

« Almanaque das Familias Catholicas ».

Olympio Galvão. — « Teu Livro », versos.

J. C. Rodrigues. — « Catalogo de Livros sobre o Brasil ».

Gustavo Macedo. — « Profissão de Fé ».

G. Mello e Cunha. — « Curso de Desenho Geometrico e Elementar ».

Garcia Redondo. — « Salada de Fructas », contos e chronicas.

Arthur Goulart. — « Azul Celeste », Sonetos.

Dr. Sá Vianna. — « Das Fallencias ».

Dr. J. M. Barreto de Aragão. — « Breves Considerações sobre a Hernia Inguinal ».

Manuel d'Huicque. — « Café Brasileiro », meios de propaganda.

Dr. Dias Martins. — « Necessidade do Ensino da Hygiene Rural ».

Miguel Calmon. — « Producção e Commercio de Borracha ».

« Estatistica do Commercio do Porto de Santos ».

Centro Industrial do Brasil. — « O Brasil », suas riquezas naturaes, suas industrias, 1º. volume.

Passos Miranda. — « As Riquezas do Norte do Brazil », conferencia. « O Valle do Amazonas », conferencia.

Aurelino Leal. — « A Reforma do Ensino do Direito no Brasil ».

Enéas Galvão. — « Dualidade da Justiça no districto Federal ».

Soriano de Albuquerque. — « O Direito e a Sociologia ».

Waldemiro Ferreira. — « Crysanthemos », versos.

Raul Pederneiras. — « Idyllio », entreacto em versos.

Carlos Porto Carrero. — « Cyrano de Bergerac », de Edmond Rostand, traduzido em verso portuguez.

Almeida Nogueira. — « A Academia de S. Paulo », tradições e reminiscencias.

Jacques Ourique. — « O Amazonas e o Acre ».

Capitão Almeida Cavalcanti. — « Mathematica ou Logica ».

Barão de Villa da Barra. — « A Divina Comedia », de Dante, traducção em verso, nova edição.

Frei Francisco de Mont'Alverne. — « Obras Oratorias ».

Eduardo Philipps. — « Direito Internacional Publico », traducção.

Walter Scott. — « A Formosa Donzella de Perth », « O Misanthropo », traducções.

Oliveira Lima. — « Pan-Americanismo ».

Poussard. — Cem Jogos de Paciencia ou Sortes », traducção.

Walter Scott. — « Os Puritanos », traducção.

G. H. Niewenglowski. — « Tratado Elementar de Photographia Pratica ».

Ernesto Senna. — « Jornal do Commercio ».

Dunshee de Abranches. — « Actas e Actos do Governo Provisorio ».

Adolpho Pinto. — Cartas da Europa ».

Felicio Terra. — « Contos e Chronicas ».

Alfredo de Carvalho. — « Horas de Leitura ».

Norival de Lemos. — « Pyraustas ».

Fernando Caldas. — « Opalandas », versos.

A. Souza Pinto. — A Doutrina de Drago ».

Paul Doumer. — Livro de meus Filhos », Traducção.

A. Moniz Sodré de Aragão. — As Tres Escolas Penaes ».

Chichorro da Gama. — « Através do Theatro Brasileiro ». Resenha bibliographica.

Sociedade Nacional de Agricultura. — « Inquerito sobre o gado Zebú ».

M. A. Duarte de Azevedo. — « Controversias Juridicas ».

Gaspar Guimarães. — A Sciencia Humana e o Problema da Vida ».

Manuel de Azevedo. — Meu Coração », versos.

José Curcio Palmieri. — « Pronuncia Ingleza ».

Carlos D. Fernandes. — « Torre de Babel », folhetins e chronicas.

Arthur Guimarães. — « O Allemanismo no Sul do Brasil ».

Rocha Pombo. — « Historia do Brasil », 2º. volume.

Arthur Thiré. — « Rudimentos de Ensino Scientifico ».

Honorio Jovino. — « Rimas Velhas », versos.

D. Julia Cesar. — « Horas Vagas », versos.

D. Amelia e Clovis Bevilaqua. — « Literatura e Direito ».

Dr. Raphael Corrêa. — » Conferencia Sobre o Jury ».

Justiniano de Serpa. — « Reforma da Legislação Cambial », discursos.

« Estatistica das Estradas de Ferro da União e das fiscalisadas pela União ».

Clodomiro R. de Vasconcellos. — « O Estado do Rio de Janeiro ».

Perry de Almeida. — Relatorio sobre Assistencia Publica », impressões de viagens.

José Feliciano. — « A Bandeira Nacional ».

Dr. Julio Novaes. — « Topographia dos Anesthesicos no Beri-beri ».

Carlos Ottoni. — « Nortista Illustre ».

« Guia Geral do Rio de Janeiro ».

Olavo Freire. — « Mappa do Brasil ».

Lindolpho Xavier. — « Flores e Fructos », contos.

Adalberto Peregrino. — « Ode a Satan! ».

Francisco Mangabeira. — « Ultimas Poesias ».

Carlos Ottoni. — « A' Memoria de Theophilo Benedicto Ottoni », biographia.

Mendes de Oliveira. — « A Passagem de Itororó », poemeto.

José Carneiro da Silva. — « Memoria Typographica e Historica sobre os Campos dos Goytacazes », nova edição.

Lopes Trovão e Sylvio Romero. — « Na Estacada », pamphleto quinzenal.

José Maria de Sá. — « O Coqueiro », producção e industria, 2ª. edição.

D. Virginia de Castro. — « Terra Bemdita ».

T. Coelho Gomes Ribeiro. — « Estados contemporaneos ».

« Guia geral dos Touristes e Indicador commercial ».

Militino P. de Carvalho. — Memoria sobre o Serviço Postal no Interior da Republica.

Dr. A. C. de Souza Castro. — « Resecção do pulmão », memoria.

Lemos Brito. — « Guerra do Paraguay ».

Oliveira Lima. — « O Papel de José Bonifacio no movimento da Independencia », conferencia.

Oliveira Lima. — « Padre Manoel de Moraes ».

Alfredo de Carvalho. — « O Tupy na Geographia Pernambucana ».

Dr. J. B. de Lacerda. — « Le Microbe de la Fièvre Jaune, découvert, démontré et classé ».

Dr. J. B. de Lacerda. — « Contribution à l'étude de la cause du beriberi ».

Paulino de Brito. — « Collocação dos Pronomes ».

Agliberto Xavier. — « Da Fermentação e theoria microbiana », conferencias.

Francisco de Paula Oliveira. — « A molybdenita », estudo deste mineral e dos seus derivados.

Deoclydes de Carvalho. — « Nublados », versos.

Dr. Afranio Peixoto. — « Clima e Doenças do Brasil ».

J. Wilson da Costa. — « O Avicultor Pratico ».

« Almanaque do Ministerio da Marinha ».

Dr. Galdino Siqueira. — « Pratica Forense ».

F. C. de Almeida Moraes. — « Braz Cubas », subsidios para a biographia do fundador de Santos.

Dr. Clemente Ferreira. — « A Dieta Feculenta ».

— « Guia Levy », varios volumes correspondentes aos mezes do anno.

— « Vademecum Paulista », tiragem mensal.

— « Estatisticas » Agricolas e zootechnicas dos diversos municipios de S. Paulo, publicadas pela Secretaria da Agricultura do Estado.

— « Boletins » mensaes de Estatistica Demographo-Sanitaria da cidade do Rio de Janeiro.

Filinto de Almeida. — « O beijo », Comedia em versos alexandrinos.

Dr. Almir Nina. — « As novas tendencias da Pedagogia. Maranhão ».

— Reforma da Ortografia. *Separata* das publicações da Academia brazileira.

Alcides Cruz. — « Epitome da Guerra entre o Brasil e as Provincias Unidas do Prata ». Volume I. Porto Alegre.

— « A Peste » ; sua transmissão e meios de evital-a. Publicação da Direct. geral de Saúde Publica.

Cesar de Castro e Christovam Barcellos. — « Rumores do silencio e Expansão. » Porto Alegre.

Vieira Maldonado. — « Ortografia portugueza; estudo evolutivo ». Carangola.

Almachio Diniz. — « A reforma ortografica ». Bahia.

Silva Freire (Victor). — « Ensino technico. Dados praticos recentes ». S. Paulo.

Tancredo do Amaral. — « O Barão do Rio Branco » S. Paulo.

Arthur Orlando. — « Reforma do Ensino ». Rio.

Zeferino Galvão. — « Atravez dos seculos. Epicombos. Versos. Pesqueira ».

A. Borges dos Reis. — « A historia do Brazil ». Bahia.

Gastão Diniz. — « O palhaço e o bêbedo. » Monologos em versos. Pernambuco.

Rocha Moreira. — « Brocatelos » ; versos. Pará.

A. Ferreira Rodrigues. — « Bento Manuel Rodrigues; revolução riograndense de 1835 ».

Euclydes da Cunha. — « Castro Alves e o seu tempo ». Rio.

Augusto Sá. — « Intruso. Typos trasvistos. » Romance de costumes militares. Porto Alegre.

Ildefonso Bezerra. — « Horas perdidas ». Versos. Paraiba do Norte.

C. R. Teixeira de Freitas. — « Sonhos de Moço » versos. Curitiba.

C. Milnerzetté. — « Album ». Versos. Curitiba.

Tasso Fragoso. — « Theoria geral das Projecções geographicas segundo Tissot ». Rio de Janeiro.

A. de Castro. — « Questões orthographicas. Franca ». (S. Paulo.)

Nelson de Senna. — « Notas e Chronicas. Paginas da Historia religiosa do Brazil. Seculos XVI a XX ». S. Paulo.

Thomaz Lopes. — « Coração sensivel ». Contos. Lisboa.

João Ribeiro. — « Livro de Exercicios e de composição elementar ». Rio.

J. Ribeiro. — « Autores contemporaneos ». Edição anotada. Rio.

Porto Carrero. — « Cyrano de Bergerac ».(tradução em versos).

Dr. Maximino Maciel. — « Elementos de chimica geral ». Rio.

Cesar de Castro. — « Flosculos », Porto Alegre.

Ch. Morel. — « L'Etat de São Paulo ».

Joaquim Nabuco. — « Pensées détachées et souvenirs ». Paris.

Sebastião Sampaio. — « A tortura do real ». Contos. Prefacio de J. do Rio.

Americo de Moura. — « *Se* sujeito ». Monografia. Campinas.

Paulino de Brito. — « Collocação dos pronomes. » Pará. Paris.

Eugenio Houssak.— O palladio e a platina no Brazil. Trad. de A. Lisboa. Bello Horizonte.

Arrogado Lisboa. — Bibliographia mineral e geologica. Bello Horizonte.

— Occorencias e evolução das theorias relativas á genesis dos seixos facetados. Bello Horizonte.

— Seixos facetados no planalto brazileiro. Bello Horizonte.

FRANCISCO LEAL & C.

IMPORTADORES DE

CARVÃO DE PEDRA DE TODAS AS QUALIDADES,

COKE E FERRO GUSA PARA FUNDIÇÕES

Escriptorio-RUA PRIMEIRO DE MARÇO N. 67-1° Andar

TELEPHONE N. 530

Deposito :

Rua da Gambôa Ns. 14 a 26

TELEPHONE N. 1.526

End. Telegraphico : *LEAL*

RIO DE JANEIRO

TABELLAS — NOTAS — INFORMAÇÕES

GOVERNO DA REPUBLICA

(Até 15 de Novembro de 1910.)

Presidente. — Dr. Affonso Augusto Moreira Penna.

Casa civil do presidente. — Secretario Dr. Edmundo Veiga; officiaes de gabinete, Dr. Alvaro Penna e tenente-coronel Francisco José Alvaro da Fonseca.

Casa militar. — Chefe coronel Feliciano Mendes de Moraes; sub-chefe capitão de corveta Pedro Velloso Rebello; ajudantes de ordens capitães-tenentes Galvão Bueno e José Maria Penido e capitães do exercito João Baptista Neiva de Figueredo e Affonso Monteiro.

Vice-presidente. — Dr. Nilo Peçanha.

Ministros de Estado:

Do Interior e Justiça, Dr. Augusto Tavares de Lyra.
Da Fazenda, Dr. David Campista.
Da Industria e Viação, Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida.
Do Exterior, barão do Rio Branco.
Da Guerra, Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca.
Da Marinha, Contra Almirante Alexandrino de Faria Alencar.

GOVERNADORES DOS ESTADOS

AMAZONAS (1904-1908)
Major dr. Antonio Constantino Nery.

PARÁ (1905-1909)
Dr. Augusto Montenegro.

MARANHÃO (1906-1910)
Dr. Benedicto Pereira Leite.

PIAUHY (1908-1912)
Dr. Aurelino de Abreu.

CEARÁ (1904-1908)
Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly.

RIO-GRANDE DO NORTE (1908-1914)
Dr. Alberto de Albuquerque Maranhão.

PARAHIBA (1908-1912)
Monsenhor Walfrido Leal.

PERNAMBUCO (1904-1908)
Dr. Segismundo Antonio Gonçalves.

ALAGÔAS (1906-1909)
Dr. Euclides Malta.

SERGIPE (1906-1909)
Dr. Guilherme Campos.

BAHIA (1908-1912)
Dr. Araujo Pinho.

ESPIRITO-SANTO (1908-1912)
Dr. Jeronymo Monteiro.

RIO DE JANEIRO (1907-1910)
Dr. Alfredo Backer.

S. PAULO (1908-1912)
Dr. Albuquerque Lins.

PARANÁ (1908-1912)
Dr. Xavier da Silva.

SANTA CATHARINA (1906-1910)
Dr. Ricardo Richard.

RIO-GRANDE DO SUL (1903-1908)
Dr. Carlos Barbosa.

MINAS-GERAES (1906-1910)
Dr. João Pinheiro.

GOYAZ (1905-1909)
Coronel Rocha Lima.

MATTO-GROSSO (1903-1907)
Coronel Generoso Ponce.

SENADO FEDERAL

SENADORES

Alagôas. — Manoel de Araujo Góes e Manoel José Duarte.

Amazonas. — Antonio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto e Silverio José Nery.

Bahia. — Ruy Barbosa, Virgilio Climaco Damasio e Severino Vieira.

Ceará. — Francisco Sá, Pedro Augusto Borges.

Capital Federal. — Augusto de Vasconcellos, Lauro Sodré e Candido Barata Ribeiro.

Espirito Santo. — José de Mello Carvalho Muniz Freire, Cleto Nunes Pereira e Luiz Siqueira da Silva Lima.

Goyaz. — Braz Abrantes, Urbano Coelho de Gouveia e José Joaquim de Souza.

Maranhão. — Urbano Santos da Costa Araujo, Augusto Olympio Gomes de Castro e Manoel Ignacio Belfort Vieira.

Matto Grosso. — Antonio Francisco de Azevedo e José Maria Metello.

Minas-Geraes. — Feliciano Augusto de Oliveira Penna e Julio Bueno Brandão.

Pará. — Arthur Indio do Brazil, José Paes de Carvalho e Justo Leite Chermont.

Parahyba. — Alvaro Lopes Machado, Antonio Alfredo da Gama e Mello e João Gonçalves Coelho Lisboa.

Paraná. — Candido Ferreira de Abreu, e Brazilio Ferreira da Luz.

Pernambuco. — Antonio Gonçalves Ferreira, Francisco de Assis Rosa e Silva e Herculano Bandeira de Mello.

Piauhy. — Anizio Auto de Abreu, Firmino Pires Ferreira e Raymundo Arthur de Vasconcellos.

Rio-Grande-do-Norte.— Joaquim Ferreira Chaves e José Bernardo de Medeiros.

Rio-Grande-do-Sul. — José Gomes Pinheiro Machado e Julio Anacleto Falcão da Frota.

Rio de Janeiro. — Lourenço Maria de Almeida Baptista, Carlos Augusto de Oliveira Figueredo e Eurico Marinho da Gama Coelho.

Santa Catharina.— Hercilio Pedro da Luz, Lauro Müller e Felippe Schmidt.

São Paulo. — Francisco Glycerio, Joaquim Lopes Chaves e Alfredo Ellis.

Sergipe. — José Luiz Coelho e Campos e Martinho Cesar da Silveira Garcez.

SECRETARIAS DE ESTADO

SECRETARIA
DA JUSTIÇA E DOS NEGOCIOS INTERIORES

Director geral da justiça, dr. Pelino da Costa Guedes.
Director geral do interior, Candido Augusto Coelho da Rosa.
Director geral da contabilidade, João Carlos de Sousa Bordini.
Funcciona na Praça Tiradentes, n. 65.

DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Director geral, interino, Frederico de Carvalho.
Funcciona na rua Marechal Floriano Peixoto n. 150.

DOS NEGOCIOS DA FAZENDA

Director do Expediente, Alfredo Regulo Valdetaro.
Director de Contabilidade, Francisco Ferreira da Costa junior.
Director do Contencioso, dr. Pedro Teixeira Soares.
Director de Rendas publicas, Luiz Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque.
Funcciona na rua do Sacramento n. 17.

DOS NEGOCIOS DA GUERRA

Director geral, dr. Francisco Manuel das Chagas.
Funcciona no quartel-general á praça da Republica, n. 56.

DOS NEGOCIOS DA INDUSTRIA, VIAÇÃO E OBRAS PUBLICAS

Director geral da industria, dr. José Francisco Soares Fº.
Director geral de obras e viação, dr. José Freire Parreiras Horta:
Director geral de contabilidade, Joaquim Maria Machado de Assis.
Funcciona na praça Quinze de Novembro.

DOS NEGOCIOS DA MARINHA

Director geral, Henrique Rodrigues Nobrega, cap. de mar e guerra.
Funcciona na rua Visconde de Inhaúma, praia dos Mineiros.

TRIBUNAL DE CONTAS

(R. do Sacramento, 17.)

Presidente. — Dr. Didimo Agapito da Veiga.
Directores. — Alvaro Arthur Ewerton, Drs. Thomaz Wallace da Gama Cochrane, Augusto Olympio Viveiros de Castro.

CORPO DIPLOMATICO BRASILEIRO

AMERICA :

Na *America Central e Cuba*. — Ministro residente, Dr. Fontoura Xavier.
Na *Republica Argentina*. — Enviado extr. e min. plenipotenciario, Dr. Domicio da Gama.
Na *Bolivia*. — Enviado extr. e min. plen., Dr. Alfredo de M. Gomes Ferreira.
No *Chile*. — Enviado extr. e min. plen., Dr. Henrique Carlos Ribeiro Lisbôa.
Na *Colombia*. — Min. residente, Dr. José Manoel Cardoso de Oliveiro.
Nos *Estados-Unidos*, — Embaixador, Dr. Joaquim Nabuco.
No *Mexico*. — Env. extr. e min. plen., Dr. José Cordeiro do Rego Barros.
No *Paraguay*. — Env. extr. e min. plen., Dr. Gastão da Cunha.
No *Perú*. — Env. extr. e min. plen., Dr. Enéas Martins.
No *Uruguay*. — Env. extr. e min. plen., Dr. Francisco Xavier da Cunha.
Na *Venezuela*. — Min. resid. Dr. Luiz Rodrigues de Lorena Ferreira.

EUROPA :

Na *Allemanha*. — Env. extr. e min. plen., Dr. José Pereira da Costa Motta.
Na *Austria-Hungria*. — Env. extr. e min. plen., Dr. Cyro de Azevedo.
Na *Belgica e Suecia*. — Env. extr. e min. plen., Dr. Manoel de Oliveira Lima.
Na *França*. — Env. extr. e min. plen., Dr. Gabriel de Toledo Piza e Almeida.
Na *Gran-Bretanha e Noruega*. — Env. etxr. e min. plen., Dr. Francisco Regis de Oliveira.
Na *Hespanha*. — Env. extr. e min. plen., Dr. Pedro de Araujo Beltrão.
Na *Italia*. — Env. extr. e min. plen., Dr. Alberto Fialho.
Nos *Paizes-Baixos*. — Env. extr. e min., plen., Dr. Eduardo Felix dos Santos Lisbôa.
Em *Portugal*. — Env. extr. e min. plen., Dr. Brasilio Itiberé da Cunha.
Na *Russia*. — Env. extr. e min. plen., Dr. José Augusto Ferreira da Costa.
Na *Santa-Sé*. — Env. extr. e min. plen., Dr. Bruno Chaves.
Na *Suissa*. — Env. extr. e min. plen., Dr. Olyntho Maximo de Magalhães.

ASIA :

No *Japão e China*. — Env. extr. e min. plen., Dr. Manoel Carlos Gonçalves Pereira.

CONSULADOS NO RIO

AMERICA:

Argentina, Alfandega, 1.
Bolivia, Ouvidor, 54.
Colombia, Alfandega, 107.
Costa Rica, Praça do Commercio.
Cuba, S. Pedro, 33.
Chile, S. Pedro, 2.
Dominicana, Hospicio, 105.
Estados Unidos da America, Rua Primeiro de Março, 99.
Equador, Primeiro de Março, 39.
Guatemala, Flamengo, 72.
Honduras, Flamengo, 32.
Mexico, São José, 102.
Nicaragua, Flamengo, 32.
Perú, Ouvidor, 130.
Paraguay, Rozario, 29.
Uruguay, Ouvidor, 42.

EUROPA:

Alemanha, Avenida Central, 146.
Austria-Hungria, Primeiro de Março, 27.
Belgica, Alfandega, 140.
Dinamarca, General Camara, 88.
França, Alfandega, 83.
Grecia, Ouvidor, 130.
Hespanha, Primeiro de Março, 39.
Hollanda, General Camara, 38.
Inglaterra, General Camara, 2.
Italia, Caes Pharoux, 7.
Noruega, São Pedro, 72.
Portugal, General Camara, 1.
Russia, Primeiro de Março, 69.
Suecia, São Pedro, 72.
Suissa, Quitanda, 19.
Turquia, Ouvidor, 130.

ASIA:

Persia, Quitanda, 141.
Japão, Petropolis.

DIAS DE SESSÕES E AUDIENCIAS, SÉDE DOS TRIBUNAES, ETC.

O Snr. Presidente da Republica despacha collectivamente com os seus ministros todas as quintas-feiras. Dá audiencia publica aos sabbados, de 1 ás 3 horas da tarde.

O Snr. Ministro do Exterior dá audiencias publicas ás quartas-feiras; o da Justiça, aos sabbados; o da Industria e Viação, ás segundas-feiras; o da Guerra, todos os dias; o da Marinha, ás quartas-feiras; o da Fazenda, ás terças-feiras.

REPARTIÇÕES PUBLICAS E ECCLESIASTICAS:

Prefeitura Municipal. — Prefeito. — General Francisco Marcellino de Souza Aguiar; Secretario, Olavo Bilac. Dá audiencia publica ás terças e sextas-feiras em sua Secretaria na praça da Acclamação.

Camara dos Senadores, rua do Areal, 2.

Camara dos Deputados, rua da Misericordia, 1.

Procurador Geral da Republica, rua Primeiro de Março, 26. Dr. Oliveira Ribeiro, Ministro do Supremo Tribunal Federal.

Tribunal do Thesouro, rua do Sacramento, 17, ás quintas-feiras, ás 11 horas da manhã.

Tribunal de Contas, no Thesouro, rua do Sacramento, 17, todos os dias, ás 10 horas da manhã.

Thesouro Federal, rua do Sacramento, 17, todos os dias, ás 10 horas da manhã.

Supremo Tribunal Militar, rua Marechal Floriano, 154, ás segundas, quartas-feiras e sabbados, ás 10 horas da manhã.

Commando Superior da Guarda Nacional, rua da Constituição, 41.

Auditoria da Guerra, rua Marechal Floriano, 154, ás segundas, quartas e seixtas-feiras, ás 10 horas da manhã, Dr. Olegario Moura.

Auditoria da Marinha, rua Conselheiro Saraiva, 8, ás quartas-feiras e sabbados, ás 10 horas da manhã, juiz Dr. Vicente Saraiva de Carvalho Neiva.

Conselho Naval, Carta Maritima. — Rua da Misericordia n. 1, antigo edificio do Club Naval. As audiencias do Conselho Naval realizam-se ás terças e sextas-feiras.

Club Naval. — Provisoriamente na Avenida Central n. 40. E' seu presidente o Contra-Almirante José Porfirio de Souza Lobo.

Junta Commercial, Praça do Commercio. Edificio da Bolsa, ás segundas e quintas-feiras, ás 10 horas da manhã.

Chefe de policia e seus delegados, rua Lavradio, 88 e 90, todos os dias, das 10 da manhã ás 3 horas da tarde.

Vigararia Geral do Arcebispado, monsenhor Pires de Amorim, palacio da Conceição, ás terças e sextas-feiras, ás 12 horas da manhã.

Juizo Ecclesiastico, palacio da Conceição, ás terças e sextas-feiras, á 1 hora da tarde.

Directoria Geral do Serviço de Povoamento. — Avenida Central, 23. Director Dr. Joaquim Gonçalves Junior; Sub-Directores Drs. João Carlos Greenhalgh e Silvino Faria; Secretario Sr. José Teixeira Raposo; Consultor Juridico Dr. Mesquita Barros; Chefe do serviço de informações Dr. Mario Brant; Chefe do escriptorio de immigração Dr. Alfredo Pirajá.

Funcciona todos os dias das 10 horas da manhã em diante.

Justiça federal.

Supremo Tribunal Federal. — Sessões, ás quartas-feiras e sabbados, ao meio dia. — Rua Primeiro de Março n. 26.

Presidente, Dr. Pindahyba de Mattos.

Procurador Geral de Republica, Rua Primeiro de Março, n. 26, Dr. Pedro Antonio Oliveira Ribeiro. — Secretario Dr. João Pedreira do Couto Ferraz.

Juizes Federaes. — Da 1.ª *Vara*, Dr. Godofredo Xavier da Cunha, audiencias, ás terças e sextas-feiras ao 1/2 dia, Rua Primeiro de Março n. 26, Escrivão, Alfredo Prisco Barbosa. — Da 2.ª *Vara*, Dr. Antonio Pires de Carvalho Albuquerque, audiencias, ás segundas, quintas-feiras, ao 1/2 dia, Rua Primeiro de Março n. 26. Escrivão, Hemeterio José Pereira Guimarães.

Juizes substitutos. — Da 1.ª *Vara*, Dr. Henrique Vaz Pinto Coelho da Cunha. — Da 2.ª *Vara*, Dr. J. Metello.

Distribuidor, Contador e Partidor, João Luiz de Paula Azevedo.

Procuradores Seccionaes da Republica. — 1.º Dr. Cesario Pereira, 2.º Dr. Alfredo Angra de Oliveira, 3.º Dr. Carlos Olyntho Braga. Todos funccionam á rua Primeiro de Março n. 26.

JUSTIÇA DO DISTRICTO FEDERAL.

Côrte de Appellação. — Rua do Lavradio n. 72.
Presidente, Dr. Cassiano Candido Tavares Bastos.
Procurador Geral do Districto, Dr. Luiz Guedes de Moraes Sarmento.
Secretario, Dr. Evaristo da Veiga Gonzaga.

1.ª *Camara.* — Sessões ás segundas e quintas-feiras, ás 11 horas.
Presidente, Dezembargador Agostinho de Carvalho Dias Lima.
Escrivão, Dr. José Piza.

2.ª *Camara.* — Sessões ás terças e sextas-feiras, ás 11 horas.
Presidente, Dezembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga.
Escrivão, Antonio Geraldo Ferreira Coelho.
Contador. — Delphim Erasmo Valente Sadock de Sá — Invalidos n. 64.
Distribuidor Geral. — Rua dos Invalidos n. 105 — Dr. Adalberto Dias Ferraz de Abreu
Tribunaes do Jury. — 1.º Rua da Relação, no pavimento terreo da Côrte de Appellação; 2.º Rua dos Invalidos n. 108.
Promotores Publicos. — 1.º Dr. Estevam Lobo Leite Pereira; 2.º Dr. Honorio Pinheiro Teixeira Coimbra; 3.º Dr. Renato Carmil; 4.º Dr. Luiz Pio Duarte Silva; 5.º Dr. Francisco Cesario Alvim.
Adjuntos dos Promotores. — Dr. José Saboia Viriato de Medeiros, José de Souza Lima Rocha. Manoel da Costa Ribeiro, José Joaquim da Silva Santos, José Antonio de Souza Gomes e Dr. Alfredo Machado Guimarães.
Escrivães do Jury. — 1.º Luiz Marcondes de Andrade Figueira; 2.º José Caetano Machado; 3.º Alberto Pinto da Costa; 4.º José Balduino de Albuquerque, o 1.º, 2.º e 4.º têm cartorio á rua da Relação, na casa onde funcciona o 1.º Tribunal do Jury. O 3.º na rua dos Invalidos n. 118, 2.º andar.
Juizes de Direito. — Despacham todos diariamente das 11 horas ás 2 da tarde, na rua dos Invalidos n. 108.
Da Provedoria e Residuos. — Dr. Diogo José de Andrada Machado. — Audiencias, ás terças e sabbados, ás 11 3/4 horas.
Escrivães: Do 1.º Officio, José Senra da Oliveira, rua dos Invalidos n. 113, nos fundos do pavimento terreo; Do 2.º Officio, Dr. Luiz Murat, no sobrado.
Orphãos e Ausentes. — Da 1.ª *Vara*, Dr. Nestor Meira, audiencias ás terças e sabbados, ao meio dia. Escrivães: Do 1.º Officio Dr. Joaquim Ferreira Velloso, rua dos Invalidos n. 113, pavimento terreo: Do 2.º Officio Dr. Camões dos Santos Luna Thompson, rua dos Invalidos n. 110.
2.ª *Vara*, Dr. Pedro Augusto Moura Carijó, audiencias ás segundas e quintas-feiras, ao meio dia.
Escrivães. — Do 1.º officio, Dr. Augusto da Cunha; Do 2.º Officio, Coronel Dr. Augusto Bizerra. Ambos á rua dos Invalidos n. 108.
Cartorio do 1.º Officio de Ausentes: Escrivão, Dr. Arthur Bellegarde Muniz

Maracájá, rua dos Invalidos n. 110. *Do* 2.º *Officio* : Escrivão, Antonio Nunes de Aguiar, rua dos Invalidos n. 110.

Distribuidor e Contador do Juizo de Orphãos e Ausentes, Delphino Erasmo Valente Sadock de Sá, rua dos Invalidos n. 64.

Partidores Serventuarios Vitalicios : Julio Pimentel e Lourenço da Silva Oliveira, rua dos Invalidos n. 104.

Varas do Commercio. — Da 1.ª Dr. Cicero Seabra, audiencias, ás terças e sextas-feiras, ao meio dia. Escrivão, Francisco de Borja de Almeida Côrte Real. — Da 2.ª *Vara*, Dr. Torquato Baptista de Figueiredo, audiencias ás terças e sextas-feiras, ás 11 1/2 horas. — Escrivão, Antonio Lopes Domingues. — Da 3.ª *Vara*, Dr. J. Affonso Lamounier Junior, audiencias ás terças e sextas-feiras, ás 11 3/4 horas. — Escrivão, João de Souza Pinto Junior.

Varas Civeis. — Da 1.ª Dr. Virgilio de Sá Pereira, audiencias ás segundas e quintas-feiras, ao meio dia. — Escrivão, Vicente de Paula Bastos. — Da 2.ª *Vara*, Dr. Geminiano da Franca, audiencias ás segundas e quintas-feiras, ao meio dia. — Escrivão, José Candido de Barros. — Da 3.ª *Vara*, Dr. José Calheiros de Mello, audiencias, ás segundas e quintas-feiras, ao meio dia. — Escrivão, Manoel Estanislau da Cruz Galvão.

Juiz dos Feitos da Fazenda Municipal. — Dr. Joaquim José Saraiva Junior, audiencias ás terças e sextas-feiras, ao meio dia, na rua dos Invalidos n. 108. Escrivão, Dr. Tobias Nunes Machado, cartorio rua de S. Pedro n. 328 A.

Procuradores dos Feitos da Fazenda Municipal. — 1.º João Carneiro de Souza Bandeira, rua do Rosario n. 68. — 2.º José de Miranda Valverde, rua do Rosario n. 68. — 3.º José de Siqueira Alvares Borgerth, rua do Rosario n. 68.

Juizes de Direito das Varas Criminaes. — Da 1.ª *Vara*, Dr. João Rodrigues da Costa, audiencias ás quartas e sabbados, ao meio dia. — Escrivão, Frederico de Castro. — Da 2.ª *Vara*, Dr. Elviro Carrilho da Fonseca e Silva, audiencias ás quartas e sabbados, ás 11 1/2 horas. — Escrivão, Domingos Iorio. — Da 3.ª *Vara*, Dr. Antonio Marques da Costa Ribeiro, audiencias, ás quartas e sabbados, ao meio dia. — Escrivão, Ozéas Esteves de Jesus. — Da 4.ª *Vara*, Dr. Pedro Francelino Guimarães Filho, audiencias, ás quartas e sabbados, á 1/2 hora da tarde. — Escrivão, José Accioly Cavalcante de Albuquerque. — Da 5.ª *Vara*, Dr. Raymundo da Mòtta Azevedo Corrêa, audiencias, ás quartas e sabbados, á 1 hora. — Escrivão, Alberto Lima da Fonseca.

Pretorias (Juizes) :

1.ª Candelaria e ilha de Paquetá, rua do Rosario n. 54, audiencias : ás quartas-feiras e sabbados, ás 12 horas da manhã, pretor Dr. João Coelho Rego Barros.

2.ª Santa Rita e ilha do Governador, rua da Prainha, 20, sobrado, ás quartas-feiras e sabbados, ás 11 horas da manhã, pretor Dr. Leopoldo Augusto de Lima.

3.ª Sacramento, Praça Tiradentes n. 75, ás quartas e sabbados, ás 12 horas da manhã, pretor Dr. João Baptista de Campos Tourinho.

4.ª S. José, rua de Santa Luzia, 5, ás quartas-feiras e sabbados, ás 12 horas da manhã, pretor Dr. Auto Barbosa Fortes.

5.ª Santo Antonio, rua do Rezende n. 2, ás segundas e quintas-feiras, ás 12 horas da manhã, pretor Dr. Alfredo de Almeida Russell.

6.ª Gloria, Praça Duque de Caxias n. A 1, ás terças e sextas-feiras, ás 12 horas da manhã, pretor Dr. Edmundo de Almeida Rego.

7.ª Lagôa e Gavea, rua Farani, A-2, ás terças e sextas-feiras, ás 12 horas da manhã, pretor Dr. João Buarque de Lima.

8.ª Sant'Anna, praça da Republica, 10, Palacio da Justiça, ás segundas e quintas-feiras, ás 12 horas da manhã, pretor Dr. Luiz Augusto de C. e Mello.

9.ª Espirito Santo, rua Haddock-Lobo n. 10, ás segundas e quintas-feiras, ás 12 horas da manhã, pretor Dr. José Jayme de Miranda.

10.ª S. Christovão, rua S. Januario n. 2 ás terças e sextas-feiras, ás 12 horas da manhã, pretor, Dr. Luiz Augusto Sampaio Vianna.

11.ª Engenho Velho, rua do Mattoso n. 80, ás terças e sextas-feiras, ás 12 horas da manhã, pretor Dr. Enéas Carrilho de Vasconcellos.

12.ª Engenho Novo, rua Archias Cordeiro (antiga Goyaz) n. 28 no Meyer, ás terças e sextas-feiras, ás 12 horas da manhã, pretor Dr. José Ovidio Marcondes Romeiro.

13.ª Inhaúma, Engenho de Dentro, rua Manoel Victorino n. 71, ás quartas-feiras e sabbados, ás 11 1/2 horas da manhã, pretor Dr. José Augusto de Oliveira.

14.ª Irajá e Jacarépaguá, rua Campinho. 56 A, Cascadura, ás quartas e sabbados, ás 12 horas, pretor Dr. Joaquim Alberto Cardoso de Mello.

15.ª Santa Cruz, Guaratiba e Campo Grande, Largo da Matriz de Campo Grande, ás quartas e sabbados, ás 11 horas da manhã, pretor Dr. Alfredo Machado Guimarães.

Juizo dos Feitos da Saude Publica. — Praça da Republica n. 17, Juiz Dr. Eliezer G. Tavares. — Escrivão, Francisco M. de Moraes.

Curador Geral de Ausentes — Dr. Eugenio de Barros Falcão de Lacerda, Rua do Rosario, 25.

Curador Geral de Orphãos — Dr. José Pinto de Souza Dantas, Rua do Rosario, 74.

Curador de Residuos — Dr. João Maximiniano de Figueiredo, Rua do Rosario, 98.

Curador de Massas Fallidas. — Dr. Luiz Teixeira de Barros Junior, Rua General Camara n. 32.

Contador Geral do Civel Crime e Commercio. — Dr. Sizenando Carneiro da Cunha, rua dos Invalidos n. 108.

OFFICIAL DO REGISTRO ESPECIAL :

Registro especial de titulos e documentos — Official Dr. José Mariano, rua do Rosario n. 36.

REGISTRO GERAL DE HYPOTHECAS :

1.º Districto — Dr. João Kopke, rua Marechal Floriano Peixoto n. 142.

2.º Districto — Major Quintino Bocayuva Junior, rua da Uruguayana n, 74, sobrado.

3.º Districto — Dr. Lopes Trovão, rua do Carmo n. 36, sobrado.

TABELLIÃES

1.º Cartorio. — Dario Teixeira da Cunha. Rua do Rosario n. 111.
2.º Cartorio. — Carlos Guimarães, rua do Rosario n. 94.
3.º Cartorio. — Evaristo Valle de Barros, rua do Rosario, n. 56.
4.º Cartorio. — Antonio Joaquim de Catanheda Junior, rua do Rosario n. 70.
5.º Cartorio. — Dr. Ibrahim Carneiro da Cruz Machado, rua do Rosario 23.
6.º Cartorio. — Gabriel Ferreira da Cruz, rua do Rosario 69.
7.º Cartorio. — Belmiro Corrêa de Moraes, rua do Rosario 36.
8º Cartorio. — José Affonso de Paula e Costa, Hospicio 134.
9.º Cartorio. — Dr. Fonseca Hermes, rua do Rosario, 105.
10.º Cartorio. — Dr. João Roquette Carneiro de Mendonça, Rosario 42.

Delegacias de policia.

1.º Districto. — Candelaria — Rua da Assembléa, 35.
2.º Districto. — Santa Rita — Rua da Prainha, 49.
3.º Districto. — Sacramento — Rua do Hospicio, 157.
4.º Districto. — Tiradentes — Rua Senhor dos Passos, 120,
5.º Districto. — S. José — Rua Senador Dantas, 29.
6.º Districto. — Gloria — Rua do Cattete, 14.
7.º Districto. — Lagôa — Rua 19 de Fevereiro, 53 C.
8.º Districto. — Gambôa — Rua Commandante Maurity, 12.
9.º Districto. — Espirito Santo — Rua Catumby, 47.
10.º Districto. — S. Christovão — Rua Coronel Figueira de Mello, 28.
11.º Districto. — Saude — Rua da Harmonia, 279.
12.º Districto. — Santo Antonio — Rua do Lavradio, 178.
13.º Districto. — Santa Thereza — Rua Taylor, 10.
14.º Districto. — Sant'Anna — Rua Benedicto Hyppolito, 27.
15.º Districto. — Engenho Velho — Rua Haddock Lobo, 137.
16.º Districto. — Andarahy — Rua Barão de Mesquita, 9.
17.º Districto. — Tijuca — Rua Conde de Bomfim. 124.
18.º Districto. — Engenho Novo — Rua Jockey Club, 20-C.
19,º Districto. — Meyer — Rua Lucidio Lago, 7.
20.º Districto. — Piedade — Estação do Engenho de Dentro.
21,º Districto. — Gavea — Rua Marquez de S. Vicente, 24.
22.º Districto. — Inhauma — Rua Engenho da Pedra, 20:
23.º Distèicto. — Irajá — Rua Domingos Lopes, 89.
24.º Districto. — Jacarepaguá — Rua Candido Benicio, 60.
25.º Districto. — Campo Grande — Largo da Matriz.
26.º Districto. — Guaratiba — Estrada da Matriz.
27.º Districto. — Santa Cruz — Rua Felippe Cardoso, 10.
28.º Districto. — Ilhas — Rua Formosa do Zumbi (Ilha do Governador).

PAGAMENTO DE IMPOSTOS

Janeiro. — Fóros vencidos, federaes e municipaes. Na Prefeitura Municipal os alvarás de renovação de licença até Fevereiro, sem multa; e na Recebedoria Federal tiram-se neste mez e no seguinte os registros para a venda de mercadorias sujeitas ao imposto de consumo; na falta, a multa de 300$000.

Fevereiro. — Na Prefeitura Municipal os alvarás de renovação de licença, sem multa, até o fim de mez. — Na Recebedoria Federal tiram-se os registros para a venda de mercadorias sujeitas ao imposto de consumo e paga-se a 2ª prestação do imposto do consumo de agua, do exercicio anterior, por hydrometro, e a 1ª do imposto de industrias e profissões, sendo essa cobrança feita de uma só vez, se o imposto computado annualmente não exceder de 200$ e se exceder será metade cobrado nesta época e a outra em Agosto.

Março. — Na Prefeitura Municipal a 1ª prestação do imposto predial e da taxa sanitaria.

Abril. — Na Recebedoria Federal paga-se o imposto sobre vehiculos (bondes); e na Prefeitura faz-se a entrega das collectas sobre predios, de accôrdo com o disposto no Dec. 432; pena : multa correspondente a um anno do imposto.

Maio. — Na Recebedoria Federal, a 1ª prestação do imposto sobre o vencimento e subsidio dos serventuarios de officios de justiça. Na Prefeitura Municipal o imposto sobre animaes de sella, particulares e de aluguel; e faz-se a entrega das collectas sobre predios, de accôrdo com o disposto no Decr. 432; pena : multa correspondente a um anno de imposto.

Junho. — Na Recebedoria Federal o imposto sobre pennas de agua.

Julho. — Neste mez, e durante todo o anno pagam-se, na Recebedoria Federal, os impostos de *consumo*, *transmissão de propriedade*, *fóros de terrenos e de dividendo*, etc.; e do mesmo modo, na Prefeitura Municipal, os alvarás de primeiras licenças, laudemios e outras contribuições municipaes. As licenças tiradas depois de Fevereiro, pagam multa.

Agosto. — Na Recebedoria Federal, 1ª prestação do imposto de consumo de agua, por hydrometro e a 2ª prestação do imposto de industrias dos estabelecimentos que pagam mais de 200$ por anno.

Setembro. — Na Prefeitura Municipal, a 2ª prestação do imposto predial e a da taxa sanitaria.

Outubro. — Na Prefeitura Municipal o imposto territorial.

Novembro. — Na Recebedoria Federal, a 2ª prestação do imposto sobre o vencimento e subsidio dos serventuarios de officios de justiça.

Os estabelecimentos industriaes, que mudarem de firma e local, devem requerer, communicando esta occurencia no prazo de 8 dias, seb pena de multa de 50$ a 200$000.

Na falta do pagamento á bocca do cofre dos impostos federaes supra, é o contribuinte obrigado á multa de 10 °/₀ sobre o valor devido nas precisas epocas e a 15 °/₀ o que realizar o dicto pagamento depois do dia 20 de Março do trimestre addicional de cada exercicio, e não realizando o pagamento dos impostos municipaes tambem á bocca do cofre incorre o contribuinte na multa de 25 °/₀

dentro de seis mezes e d'ahi por diante na de 50 % além da pena que lhe possa caber.

Os impostos sobre industrias e profissões e de transmissão de propriedade não se pagam mais na Recebedoria Federal, porém na Prefeitura Municipal ; mas continuam ainda a servir para indemnizar, por intermedio do Thesouro Federal. as despezas feitas pela União com o Corpo de Bombeiros, Gaz e Esgotos da Capital Federal.

OBSERVAÇÃO

Pagam-se durante todo o anno, na Recebedoria Federal, os impostos não especificados acima, como os de *consumo*, *transmissão de propriedade*, *fóros de terrenos e de dividendo*, etc., e do mesmo modo, na Prefeitura Municipal, os alvarás de primeiras licenças, laudemios e outras contribuições municipaes. As renovações de licenças, tiradas depois de Fevereiro, pagam multa, como está determinado.

As companhias (sociedades anonymas) são obrigadas ao imposto de 2 ½ 0/0 sobre o total dos dividendos a distribuir semestralmente, o que deve ser effectuado na Recebedoria Federal, *dentro de 3 dias, depois da primeira publicação pela imprensa do annuncio para pagamento*, e na falta a multa de 20 a 50 0/0.

Não confundir este imposto com o do sello, que pagam as acções e obrigações (*debentures*), na razão da taxa fixada na tabella A § 7 (300 réis), imposto que deve ser pago dentro de 30 dias contados da primeira publicação de annuncio.

E' ainda muito conveniente ter em vista :

Que os adquerentes de predios estão obrigados a transferir para si as pennas de agua que os mesmos tiverem, no prazo de 30 dias, a contar da data da escriptura, sob pena de multa de 20$ a 50$000.

IMPOSTO DO SELLO

Resumo do regulamento approvado em 22 de Janeiro de 1900

TABELLA A

Papeis sujeitos ao sello proporcional

§ 1º DIVERSOS

Sello de estampilhas

Letras de terra; e as de cambio, mesmo quando estas forem sacadas em paiz estrangeiro, desde que sejam aceitas, protestadas ou exequiveis no paiz; bilhetes á ordem, pagaveis em mercadorias (Decretos n. 165 A, de 17 de Janeiro e n. 370 de 2 de Maio de 1890) ; cartas de ordens e escriptos á ordem ; facturas ou

contas assignadas (art. 219 do Codigo Commercial); contas correntes de commerciante a commerciante e de commissario a committente, assignadas ou reconhecidas pelo devedor do saldo, quando tenham de ser demandadas; creditos ou titulos de emprestimo de dinheiro; escripturas de hypothecas; contractos de sociedade, não comprehendida a anonyma, e os actos de sua dissolução ou liquidação; contractos de aforamento ou emphyteuse, arrendamento ou locação, sub-emphyteuse, arrendamento ou locação, sub-emphyteuse ou sub-locação e outros não designados especialmente, em que se transmittam o uso e gozo de bens immoveis, moveis e semoventes, titulos de emphyteuse e sub-emphyteuse de terrenos nacionaes; transferencia de titulos da divida publica interna da União, excepto por transmissão *causa motis* ou doação *inter vivos* (Reg. art. 12 n. 1); transferencias de acções de sociedades anonymas e em commandita, nacionaes e estrangeiras; actos translativos de embarcações, excepto por doação *inter-vivos*, por compra e venda, dação *in solutum* e actos equivalentes; (Reg. art. 12 n. 1), actos translativos embarcações estrangeiras, quando adquiridas por nacionaes (Lei n 428 de 10 de Dezembro de 1896, art. 35); contractos de fiança por escriptura publica ou particular: contractos de fiança e outros quaesquer por termos lavrados do juizo federal ou estadoal ou nas repartições publicas federaes; cartas de credito e abono; bilhetes definitivos de deposito de metaes preciosos, emittidos pela Casa da Moeda (Reg. n. 5,536 de 31 de Janeiro de 1874, art. 45, § 2º); titulos de garantia de mercadoria (*warrant*) emittidos pelas Alfandegas, por companhias de docas, pelos armazens geraes, armazens ou trapiches alfandegados e pelos armazens das estradas de ferro (Decr. n. 2.502, de 24 de Abril de 1897, art. 16 e Lei n. 559 de 31 de Dezembro de 1898, art. 3º, IX, § 6º); recibos de generos recolhidos a armazens de deposito, com valor declarado; (Cod. Comm., art. 88 III); endosso dos titulos sem prazo, o dos que o tiverem, quando elle se verificar depois do vencimento, o dos que forem sacados á vista, desde o momento de sua apresentação ao pagamento (Reg. art. 13); titulos de deposito extra judicial; recibos que declarem valor recebido por conta de pessoa differente da que ordena o pagamento, excepto os que forem *duplicata* dos passados no documento, em que o pagamento é ordenado: termos de responsabilidade, assignados nas Alfandegas, para despachos de reexportação (Lei n. 428 de 10 de Dezembro de 1896, art. 30, paragrapho unico); contas de venda de leiloeiro (Lei n. 559 de 31 de Dezembro de 1808, art. 8º); papeis em que houver promessa ou obrigação de pagamento ou traspasso, ainda que tenham a fórma de recibo, carta ou qualquer outra; os que contiverem distracto, exoneração, subrogação ou garantia e liquidação de sommas ou valores :

Até o valor de 200$000.....	$300
De mais de 200$000 até 400$.....	$440
» » » 400$000 » 600$.....	$660
» » » 600$000 » 800$.....	$880
» » » 800$000 » 1.000$.....	1$000

E assim por diante, cobrando-se sempre mais 1$100 por conta ou fracção desta quantia.

Dias em que não se vencem letras e obrigações Commerciaes

JAN.	FEV.	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUN	JULHO	AGOS.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.
1	3	3	7	3	2	7	4	1	6	2	1
5	10	10	14	5	9	14	11	7	12	3	8
12	17	17	21	12	16	21	18	8	13	10	15
19	24	24	28	13	23	28	25	15	20	15	22
26		31		19	30			22	27	17	29
				26				29		24	

Quando o vencimento cahir em algum destes dias a obrigação vence no dia util antecedente.

BANCOS E ESTABELECIMENTOS DE CREDITO

Banco Alliança do Porto. — Rosario, 104.
Banco Brasil e Norte-America. — Hospicio, 38.
Brasilianische Bank für Deutschland. — Guitanda, 109.
British Bank of Sud America. — Primeiro de Março, 31 *A.*
Braco Commercial do Porto. — Visconde de Inhauma, 4.
Banco Commercial do Rio de Janeiro. — Primeiro de Março, 57.
Banco Credito Movel. — Rosario, 24.
Caixa Economica. — Marechal Bittencourt, 9.
Banco do Commercio. — General Camara, 4.
Banco de Depositos e Descontos, — Rosario, 43.
Banco do Estado do Rio de Janeiro. — Primeiro de Março, 65.
Banco Italia-Brasile. — Primeiro de Março, 41.
Banco do Minho. — Primeiro de Março, 89.
Banco di Napoli. — Primeiro de Março, 19.
Banco da Lavoura e do Commercio. — Primeiro de Março, 61.
London Brasilian Bank. — Candelaria, 11.
Monte de Soccorro. — Marechal Bittencourt, 9.
Banco Nacional Brasileiro. — Alfandega, 20.
Banco Popular Brasileiro. — Primeiro de Março, 33.
Banco Real de Minas Geraes. — Primeiro de Março, 97.
Banco da Republica do Brasil. — Alfandega, 9.
River Plate Bank. — Alfandega, 19 e 21.
U. A. do Brasil de Credito Real. — Hospicio, 50.
Banco União do Commercio (em liquidação). — Primeiro de Março, 43.

TAXAS DO CORREIO

Cartas ordinarias. — 100 rs. para a capital 200 rs. para o interior e 300 rs. para o exterior por 15 grammas ou fracção de 15 grammas.

Cartas-bilhete. — 200 rs. por cada uma com circulação geral dentro do paiz. Para o extrangeiro 300 rs.

Bilhetes-postaes. — 50 rs. os bilhetes simples, 80 rs. os bilhetes duplos (circulação em todo o paiz). Para o extrangeiro 100 rs. os simples, e 200 rs. os com resposta paga.

Manuscriptos, autos, cópias, desenhos, partituras de musicas, guias, etc. — 150 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso. Não podem exceder ao peso de 2 kilogr. cada maço, nem apresentar dimensões maiores de 45 centimetros; em rôlo, porém, podem ter o comprimento de 75 centimetros sobre 10 de diametro. Os autos judiciaes são recebidos sem limitação alguma. Para o extrangeiro pagam 100 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso (porte minimo 250 rs.)

Impressos, preços correntes, livros, brochuras, felicitações, participações de casamento, photographias, gravuras, etc. — 20 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso. Para o extrangeiro pagam 50 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso.

Jornaes e revistas (publicações diarias ou periodicas, não excedendo o periodo de um trimestre) 10 rs. por 100 grammas ou fracção d'este peso. Para o extrangeiro 50 rs. por 50 gramma ou fracção d'este peso.

Amostras de mercadorias. — 150 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso. Para o extrangeiro 100 rs. por 50 grammas ou fracção de 50 grammas (porte minimo para o extrangeiro 150 rs.). Não devem exceder as dimensões de $0,^{m}30 \times 0,^{m}20 \times 0,^{m}10$, nem passar do peso de 250 grammas.

Encommendas (com registo obrigatorio). — 150 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso. Não podem exceder o peso de 3 kilogr. nem ter dimensões superiores a $0,^{m}40 \times 0,^{m}22 \times 0,^{m}16$. Para o extrangeiro não são expedidas encommendas.

Encommendas com valor declarado (além da taxa relativa ao peso). — Até 10$000 rs. pagam 500 rs. De 10$ a 15$000 pagam 750 rs. De 15$ a 20$000 pagam 1$000 rs., e assim por diante na razão de mais 250 rs. por cada 5$000 rs. ou fracção d'esta quantia.

Avisos de entrega. — Nacional 100 rs., extrangeiro 200 rs.

Registo de correspondencia. — A taxa do registo é de 200 rs. além do porte respectivo. Para o extrangeiro 400 rs.

Registo com valor declarado. — Pela remessa de um valor declarado dentro de uma carta paga-se, além da taxa do porte da carta, o premio de 2 % sobre o valor do seguinte modo : até 10$ rs. 300 rs.; de 10$ a 15$ — 450 rs.; de 15$ a 20$ — 600 rs. e assim por deante até o maximo de 300$000 rs., crescendo sempre 150 rs. por 5$000 rs. ou fracção de 5$000 rs. As cartas com valor devem ser registadas e pagar taxa de registo.

Vales postaes. — Estes vales podem ser nominaes ou ao portador á vontade dos tomadores. Pagam o premio de : 400 rs. até 25$ rs., 700 rs. até 50$ rs.;

1$200 até 100$ rs., 1$750 rs. até 150$ rs. e assim por diante mais 500 rs. por 50$000 rs. ou fracção de 50$000 rs. até o maximo de 1:000$000 rs.

Os vales postaes ao portador não podem exceder a 200$ rs. quando tiverem de ser pagos no Rio de Janeiro ou nas administrações de 1.ª classe; de 100$000 rs. nas outras administrações, e de 50$000 rs. nas agencias de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe.

Os vales nominaes poderão ir até 1:000$000 rs., quando tiverem de ser pagos no Rio de Janeiro ou nas administrações; até 200$000 rs. para as agencias de 2. e 3.ª classe para isso autorizadas.

Os vales postaes devem ser remettidos em cartas registadas.

Expedem-se vales postaes para Portugal até o maximo de 180$000 rs. não se aceitando fracções de 1$000 rs. Taxa de 2 %.

Correspondencia official. — Expedida por auctoridades e repartições estaduaes e municipaes, officios até 25 grammas ou fracção 100 rs.; maços e manuscriptos até 50 grammas ou fracção de 50 grammas 50 rs.; impressos até 100 grammas ou fracção de 100 grammas 20 rs.

Exempções. — São exemptas de taxa as correspondencias dirigidas ás auctoridades federaes, serviço eleitoral, judicial, saúde publica, hygiene, estatistica e impressos relativos á Instrucção Publica.

Sómente as correspondencias trocadas entre as autoridades e repartições federaes ou dirigidas por estas ás autoridades e repartições estadoaes ou municipaes e vice-versa ficam isentas da franquia postal.

A correspondencia relativa ao serviço postal é a unica isenta de taxa para o exterior da Republica.

Toda e qualquer outra correspondencia, embora emanada de autoridades ou repartições federaes e representantes seus, fica sujeita ás taxas communs.

Saques e encommendas para Portugal. — O Correio se incumbe de enviar encommendas até 5 kilos e de remetter qualquer quantia, desde 1$000 até 180$000.

Vales postaes nacionaes. — Os tomadores de vales postaes nacionaes pagarão, além da taxa e registro : até 25$, 400 rs.; até 50$, 700 rs.; até 100$, 1$200; até 150$, 1$750; até 200$, 2$250; e 500 rs. por 100$ ou fracção excedente de 200$.

E' obrigatorio o registro de cartas remettendo vales.

Assignatura de caixas. — Preços por semestres adiantados : na Capital Federal : 25$; nas administrações e agencias de 1ª classe, 20$; nas outras administrações e nas sub-administrações, 16$; nas demais agencias, 10$000.

Encommendas postaes com Portugal. — O Correio executa o serviço de permutação de encommendas postaes, sem valor declarado, com Portugal. As encommendas são recebidas nos dias uteis das 8 horas da manhã ás 5 da tarde, e pagam :

Portugal (continente).....	4.25	francos
Ilha da Madeira.....	4.75	»
Ilha dos Açores.....	5.25	»

por volume até 3 kilos.

O pagamento é feito em moeda brazileira, sendo a respectiva reducção feita pela cotação official da vespera do registro, affixada na Camara Syndical dos Corretores.

A entrega das encommendas vindas de Portugal effectua-se nos dias uteis, das 10 horas da manhã ás 2 da tarde.

Nesta capital a entrega é feita em um dos armazens da Alfandega, em frente ao Correio.

Permutação de fundos com Portugal. — O Correio desta Capital, Campos e Petropolis e de outros estados do Brazil incumbe-se de remetter qualquer quantia para Portugal, desde 1$000 até 180$000, cobrando o premio de 2 %. Esse serviço é executado todos os dias uteis das 10 horas da manhã ás 2 da tarde, na Thesouraria dos Correios.

Vales postaes internacionaes. — Executa ainda o Correio o serviço de permutação de fundos por meio de vales postaes que firmaram o accôrdo de Washington relativo a esse serviço.

O valor maximo de cada vale é de 500 francos ou seu equivalente.

As importancias entregues para conversão em vale postal internacional serão sempre em moeda brazileira, e essa conversão será effectuada ao cambio official do ultimo dia util anterior á operação.

Esses vales pagam os premios de 25 centimos por 25 francos ou fracção até 100 francos e para o que exceder de 100 francos 25 centimos por 50 francos ou fracção até 100 francos.

A emissão de vales é effectuada nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 2 da tarde.

O telegramma urgente paga o triplo da taxa variavel.

O telegramma cotejado paga mais 25 % sobre a taxa variavel.

O telegramma de imprensa, em linguagem clara, paga 50 % da taxa variavel.

O telegramma urbano paga a taxa de 500 réis até 20 palavras e mais 200 réis por cada 10 ou fracção de 10 palavras.

Contagem das palavras. — Tudo quanto escreve o expeditor na minuta do telegramma entra no cálculo da taxa, inclusive qualquer caracter isolado, letra, algarismos, aspas, parentheses ou alineas.

Exceptuam-se os signaes de ponctuação, traços de união e apostrophos.

O logar do destino conta-se sempre por uma palavra, embora se componha de duas ou mais palavras, por exemplo : *Rosario-Norte*, *Rosario-Sul.*

O maximo limite de uma palavra é fixado em quinze caracteres; os excedentes de quinze caracteres são contados como mais uma palavra.

Nos numeros escriptos em algarismos conta-se cada grupo de 5 por uma palavra, os excedentes até cinco são contados como mais uma palavra.

O maximo da extensão de um telegramma é de 200 palavras.

Os telegrammas com resposta paga estão sujeitos a duas taxas fixas.

Os de mais de 100 palavras pagam igualmente duas taxas fixas.

Os despachos escriptos em cifra são contados em grupo de cinco letras por uma palavra, do mesmo modo que os escriptos em algarismos.

Os vales de resposta prescrevem dentro de seis semanas da data de sua expedição, não cabendo nenhum direito ao reembolso.

Os telegrammas devem ser escriptos de modo bastante claro, para evitar dúvidas na transmissão, correndo por conta do expeditor os erros originados por calligraphia illegivel.

TARIFA PARA O SERVIÇO TELEGRAPHICO "INTERIOR" DA UNIAO

TAXA POR PALAVRA

ESTADOS DE PROCEDENCIA	ESTADO DE DESTINOS																		
	Pará	Maranhão	Piauhy	Ceará	Rio Grande do Norte	Parahyba	Pernambuco	Alagôas	Sergipe	Bahia	Espirito-Santo	Rio de Janeiro	S. Paulo	Paraná	Santa-Catharina	Rio Grande do Sul	Minas-Geraes	Goyaz	Matto Grosso
Pará	**100**	200	200	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300
Maranhão	200	**100**	200	200	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300
Piauhy	200	200	**100**	200	200	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300
Ceará	300	200	200	**100**	200	200	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300
Rio Grande do Norte	300	300	200	200	**100**	200	200	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300
Parahyba	300	300	300	200	200	**100**	200	200	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300
Pernambuco	300	300	300	300	200	200	**100**	200	200	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300
Alagôas	300	300	300	300	300	200	200	**100**	200	200	300	300	300	300	300	300	300	300	300
Sergipe	300	300	300	300	300	300	200	200	**100**	200	200	300	300	300	300	300	300	300	300
Bahia	300	300	300	300	300	300	300	200	200	**100**	200	200	300	300	300	300	300	300	300
Espirito-Santo	300	300	300	300	300	300	300	300	200	200	**100**	200	200	300	300	300	200	300	300
Rio de Janeiro	300	300	300	300	300	300	300	300	300	200	200	**100**	200	200	300	300	200	200	300
S. Paulo	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	200	200	**100**	200	200	300	200	200	200
Paraná	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	200	200	**100**	200	200	300	200	300
Santa-Catharina	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	200	200	**100**	200	300	300	300
Rio Grande do Sul	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	200	200	**100**	300	300	300
Minas-Geraes	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	200	200	200	300	300	300	**100**	300	300
Goyaz	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	200	200	200	300	300	300	**100**	200
Matto Grosso	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	200	300	300	300	300	200	**100**

Na taxação dos telegrammas de e para Goyaz e Matto Grosso não se considera como um Estado a travessia do Triangulo Mineiro. (Aviso n. 187, de 10 de Dezembro de 1907, do Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas.)

TARIFA PARA O TRAFEGO COM A "WESTERN"

Preço por palavra do Rio de Janeiro para :

BRASIL (*)

Pará	1$000
Maranhão	1$000
Ceará e Piauhy R. G. Norte	$850
Parahyba	$600
Recife e Alagôas	$600
Bahia, Sergipe, E. Santo	$400
Santos, S. Paulo	$200
Desterro	$500
R. Grande	$600
Paraná	$400
Goyaz	$500
M. Grosso	$600

ASYLOS

Asylo do Bom Pastor, rua do Bom Pastor, na Fabrica das Chitas.

Asylo dos Invalidos da Patria, na Ilha do Bom Jesus.

Asylo Isabel, rua Mariz e Barros, 32.

Asylo de Mendicidade, rua Visconde de Itaúna, 299.

Asylo das Orphãs da Sociedade Amante da Instrucção, rua Ipiranga, n. 20.

Asylo das Orphãs de S. Francisco de Paula, collegio dos Santos Anjos, á rua Barão de Mesquita.

Asylo de S. Luiz, ponta do Cajú.

Asylo de S. Cornelio, rua do Cattete n. 2.

Asylo da Santa Casa da Misericordia, rua de S. Clemente, 166.

Asylo de Santa Maria, rua da Passagem, 107.

Asylo Gonçalves de Araujo, campo de S. Christovão, 102.

Escola Correccional Quinze de Novembro, rua de S. Christovão n. 168.

Asylo de Nossa Senhora Auxiliadora, rua Humaitá, 56.

Casa dos Expostos, rua Evaristo da Veiga 60 e 62.

Recolhimento de Santa Theresa, rua General Severiano.

Asylo Santa Leopoldina, Icarahy (Nitheroy).

Casa de S. José, rua General Canabarro, 50.

Instituto Profissional do Sexo Masculino, Boulevard 28 de Setembro, em Villa Izabel.

Instituto Profissional Feminino, rua S. Francisco Xavier, 15.

Recolhimento das Velhas da Immaculada Conceição, rua General Camara, 182.

Recolhimento das Orphãs da Santa Casa de Misericordia.

(*) Mais a taxa fixa de 800 rs. por telegramma.

HOSPITAES PARTICULARES

Hospital da Santa Casa da Misericordia, praia de Sta. Luzia.
Hospicio de S. João Baptista, rua da Passagem, esquina da de Copacabana.
Hospicio de N. S. do Soccorro, praia de S. Christovão, 165.
Hospicio de N. S. da Saúde, rua da Gamboa, 215.
Hospicio de N. Sa das Dôres, Cascadura.
Hospital da Beneficencia Portugueza, rua de Santo Amaro, 24.
Hospital da O. S. Francisco de Paula, rua Duque de Saxe, 33.
Hospital dos Lazaros, praia dos Lazaros, em S. Christovão.
Hospital da Ordem 3º do Carmo, rua do Riachuelo.
Hospital da Ordem 3º da Penitencia, Largo da Carioca.
Casa de Saúde S. Sebastião, dr. Simões Corrêa, rua Bento Lisboa, 104.
Casa de Saúde do dr. Eiras, fim da rua Marquez de Olinda, Botafogo.
Casa de Saúde do dr. Catta Preta, rua Fresca, 3.
Hospital Evangelico, rua do Bom Pastor.

JARDINS E PASSEIOS

Jardim Botanico, na estrada da Gavea, aberto das 7 horas da manhã ás 6 da tarde.

Passeio Publico, rua do Passeio em frente á das Marrecas; está aberto das 6 horas da manhã ás 10 da noite.

Praça da Republica (antigo Campo de Sant'Anna), aberto das 7 horas da manhã ás 9 da noite.

Praça Tiradentes (antigo largo do Rocio), aberto das 6 horas da manhã ás 10 da noite.

Praça Quinze de Novembro (antigo largo do Paço).

Praça Duque de Caxias (antigo largo do Machado), aberto das 6 horas da manhã ás 10 da noite.

Parque da Bôa Vista, na Quinta da Bôa Vista, em São Christovão, onde se acha o Museu Nacional.

Pedregulho, no alto do Pedregulho, onde existe a Caixa d'Agua.
Praça Onze de Junho (antigo Rocio Pequeno.)
Praça da Penha, na freguezia de Irajá.
Jardim Zoologico, em Villa-Isabel, para onde ha bondes a todas as horas do dia.
Floresta da Tijuca, servida pelos carros da Estrada de Ferro Electrica.
Morro do Corcovado. Tem um bom restaurante, nas Paineiras.
Silvestre, morro de Santa Thereza.
Sumaré pelomosso de Santa Thereza.
Praça Septe de Março, no fim do Boulevard Villa-Isabel.
Praça da Gloria, Avenida Beira Mar.

Jardim da Praia de Botafogo, Avenida Beira Mar.
Jardim da Praia do Russell. Avenida Beira Mar.
Jardim da Praia de Flammengo. Avenida Beira Mar.
Jardim do Vallongo, na rua Camerino.
Avenida Central.
Avenida do Mangue.
Jardim do Campo de S. Christovão.
Leme e Ipanema, na Praia de Capacabana.

PARTIDA E CHEGADA DOS TRENS RAPIDOS E NOCTURNOS

Da Central para Minas.

O Diurno parte ás 5 da m. e chega a Burnier as 8.35 da n.
O Rapido parte ás 6.15 da m. e chega a General Carneiro ás 8.13 da n.
O Nocturno parte ás 7 da n. e chega a General Carneiro ás 10.07 da m.

De Minas para a Central

O Diurno parte de Burnier ás 6.45 da m. e chega ás 9.45 da n.
O Rapido parte de G. Carneiro ás 6.28 da m. e chega ás 8.40 da n.
O Nocturno parte de G. Carneiro ás 3.32 da t. e chega ás 7.00 da m.

Da Central para S. Paulo.

O Diurno parte ás 5.00 da m. e chega ás 8.25 da n.
O Rapido parte ás 7.10 da m. e chega ás 6 h. da t.
O Nocturno parte ás 8 h. da n. e chega ás 7.50 da m.

De S. Paulo para a Central.

O Diurno parte ás 5.15 da m. e chega ás 9.45 da n.
O Rapido parte ás 7.10 da m. e chega ás 6 da t.
O Nocturno parte ás 8.00 da n. e chega ás 8 h. da m.

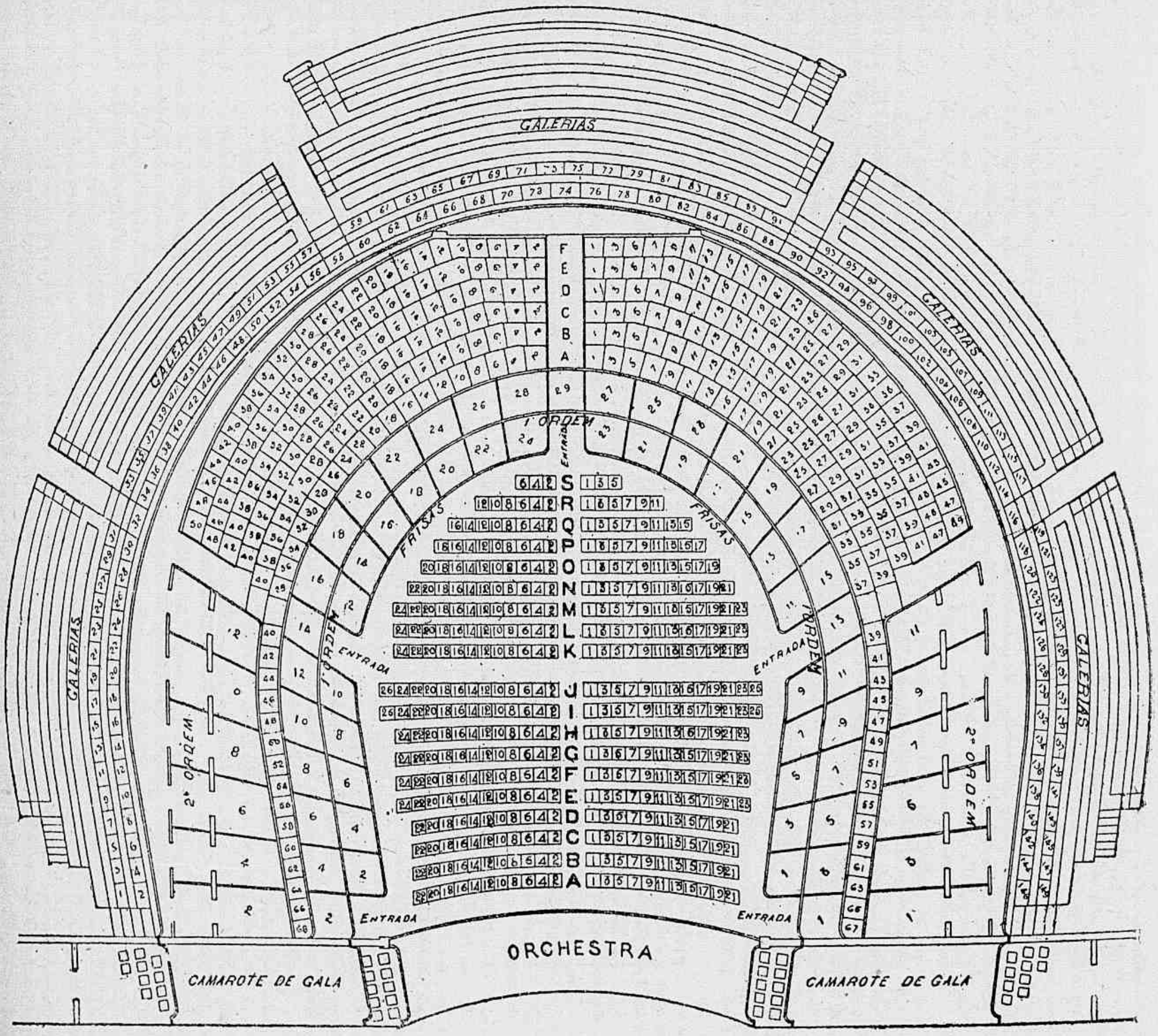
NO RESTAURANT.

O FREGUEZ. Tenha cautella, homem, você vem mettendo os dedos na sôpa.
O CREADO. Não faz mal, o caldo está pouco quente.

THEATROS

Theatro Municipal (Avenida Central); *Eden Theatro* e *Theatro Appollo*, rua do Lavradio; S. *Pedro de Alcantara* e S. *José*, Praça Tiradentes; *Lyrico*, na rua 13 de Maio; *Carlos Gomes, Lucinda, Recreio dramatico, Moulin Rouge* e *Maison Moderne*, na rua do Espirito Santo; *Parque Fluminense*, na Praça Duque de Caxias; *Palace Theatre*, na rua Joaquim Nabuco (ex do Passeio).

THEATRO MUNICIPAL



PLATEA

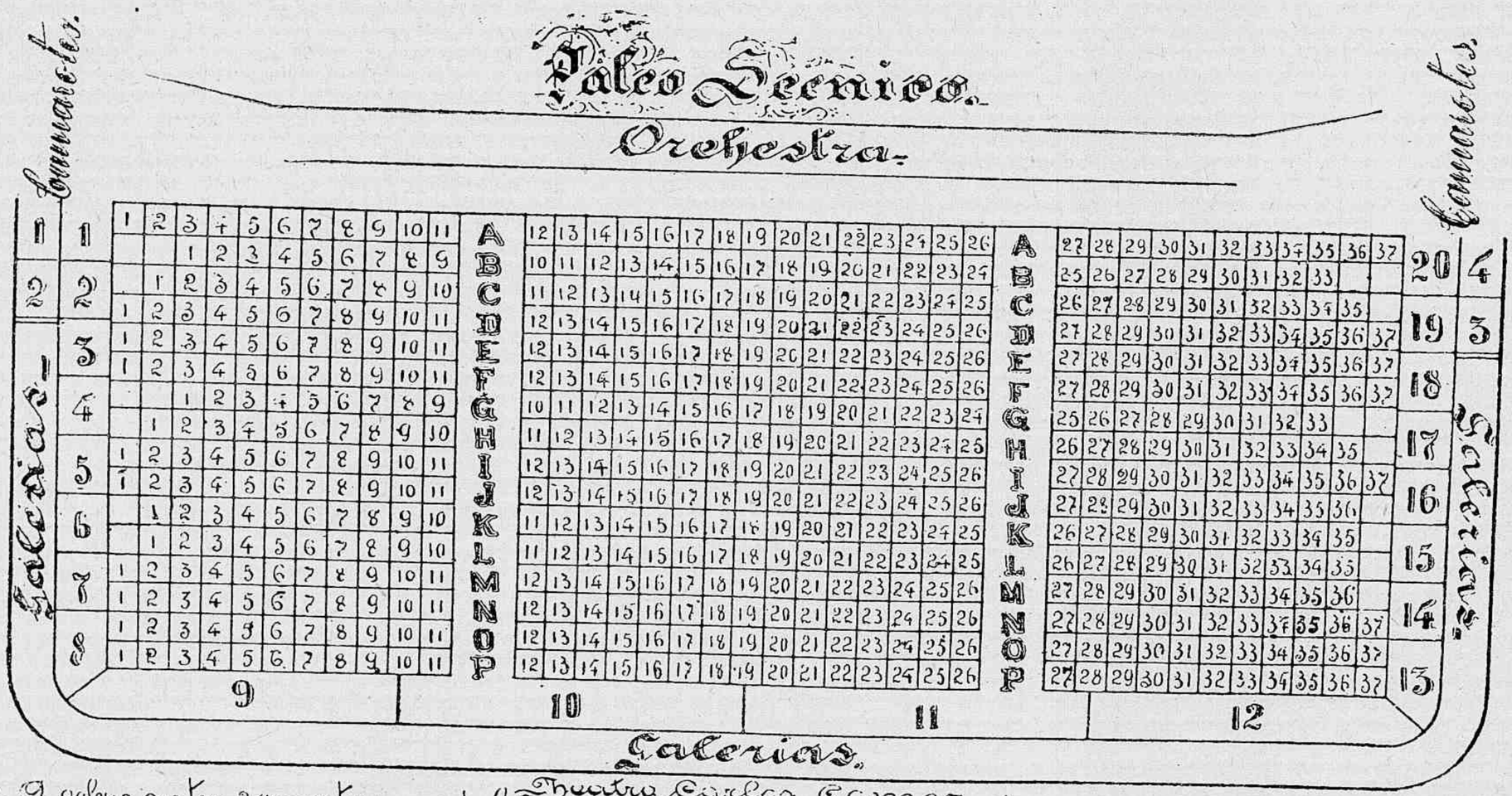
Construcção do Dr. Francisco de Oliveira Passos

O amor, como o menino, começa brincando e acaba chorando.

MARQUEZ DE MARICÁ.

THEATRO CARLOS GOMES

Rua do Espirito Santo



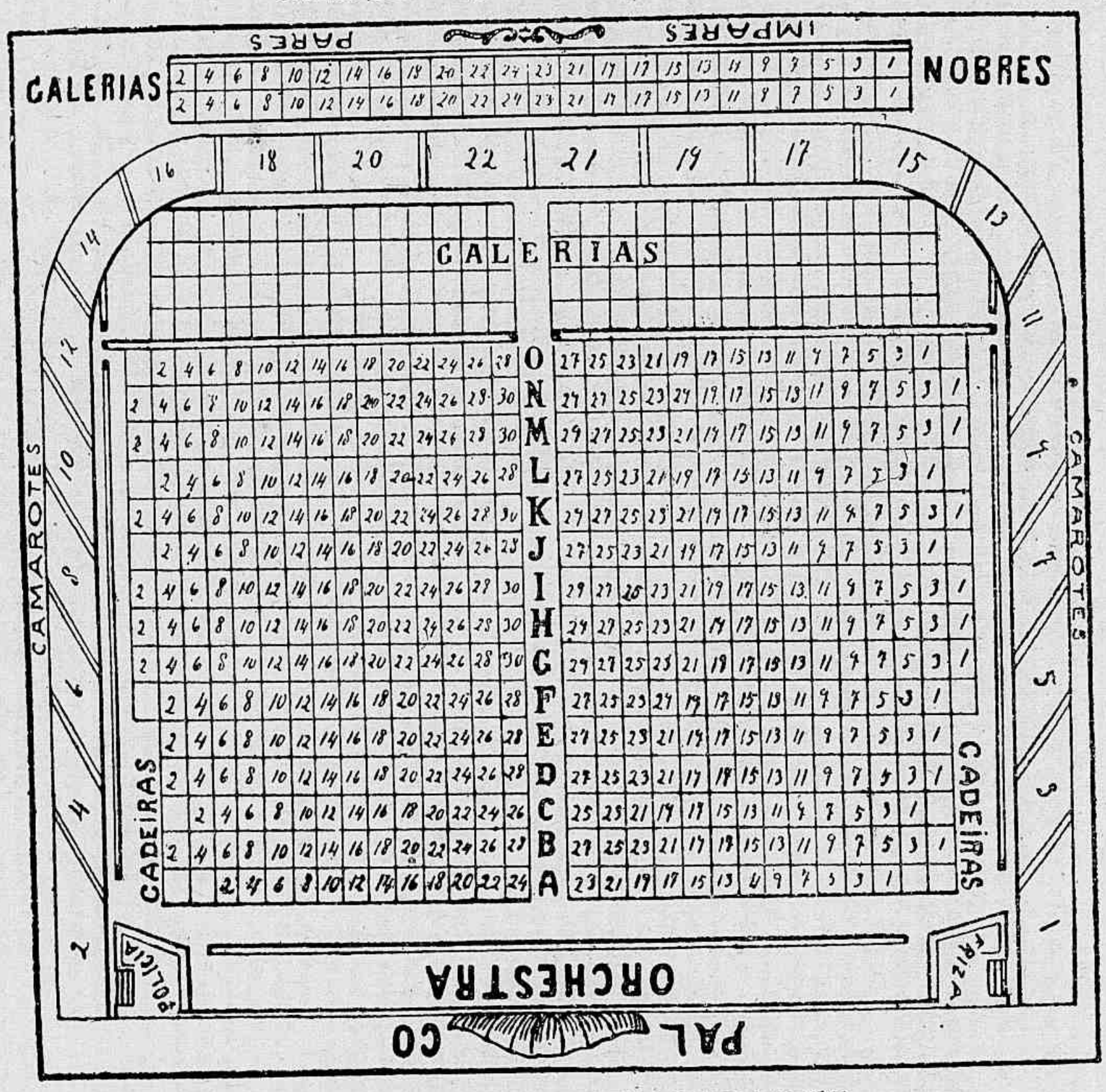
NB. A galeria que tem 2 camarotes por cada lado corre por cima dos camarotes. - Tem uma fuza ao lado direito do proscenio que não figura nesta planta.

Dimensões: Comprimento da Platéa - 14,90 = Largura - 17,00 = Altura do tecto - 9,20 = Largura da bocca de scena - 10,50 = Altura - 8,00. Comprimento do Sulco scenico - 10,30 = Largura - 22,00.

Lotação: Lugs. 1. Camarotes de 1ª 20 de 2ª 4 = . Cadeiras - 537 = Galerias - 250 = Entradas Geraes - 500. -

THEATRO LUCINDA

Rua do Espirito-Santo, 45



PLANTA DAS LOCALIDADES

Numa pequena cidade do Norte representa-se um melodrama no qual figurava un grupo de salteadores. Por debaixo dos nomes dos principaes personagens lia-se o seguinte :

« *Os papeis dos ladrões são desempenhados por amadores da localidade.* »

* * *

A Sñra. X..., uma grande tagarela, acaba de fallecer.

Eis os termos em que o genro participou esta morte a um amigo :

« Minha sogra acabou... de fallar, esta manhã, ás 7 e um quarto.

* * *

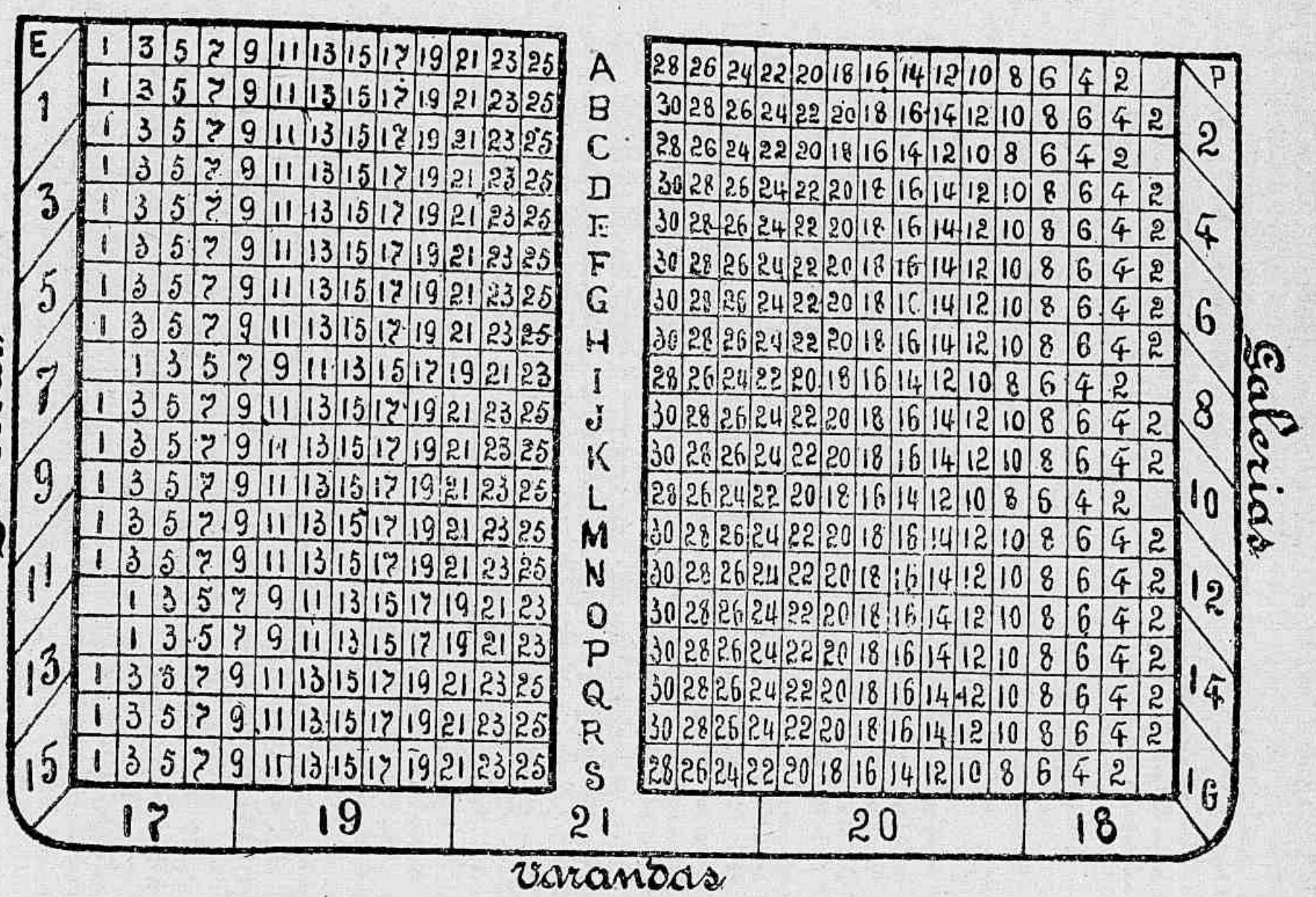
A Sñra. Aurelia encontra-se no seu estado interessante pela segunda vez ; a ama do primeiro bébé, que tinha ficado como creada para todo o serviço, queixa-se á patrôa :

— V.Exª podia ter-me prevenido ; eu teria feito o preciso para ser a ama do segundo filho de V.Exª.

THEATRO S. JOSÉ

Palco.

Orchestra.



Varandas

1ª Fila.	23	22	21	20	19	18	17	16	15	14	13	12	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1
2ª Fila	21	20	19	18	17	16	15	14	13	12	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1		
3ª Fila.	23	22	21	20	19	18	17	16	15	14	13	12	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1.

Dimensões do Theatro S. José = Comprimento da Platéa 19,10. Largura 14,30. Altura do tecto 9,50
Largura da bocca de scena 7,90. Altura 7,10. Comprimento do Palco Scenico 14,90 = Largura 13,00.

Lotação: Frizas 2 - Camarotes 21 - Cadeiras 524 - Varandas 67 - Galerias 250 E. Geraes 500

Francisco, que tem sempre más notas nas lições, falla d'um seu condiscipulo que é sempre o primeiro na sua classe

— Eis, diz-lhe o pae, um rapaz de quem eu desejaria ser pae.
— Oh não... Não desejavas.
— Porque?
— Por que o pae morreu com a influenza!

* * *

— E' verdade, papáe, que nós fomos feitos de po'?
— E' sim, meu filho.
— E os pretos?
— Os pretos tambem.
— Mas então, diga, foi com pó de carvão?

TABELLA DE PREÇOS DOS CARROS E DOS TILBURYS

NOTA. — Para os pontos não designados nesta tabella, ou não incluidos nas zonas pelas mesmas indicadas, o preço será previamente ajustado. — A hora principiada será contada por inteira.

	TILBURYS		CARROS	
	Das 6 da manhã ás 10 da noite	Das 10 da noite ás 6 da manhã	Das 6 da manhã ás 10 da noite	Das 10 da noite ás 8 da manhã
1.º Praça do mercado da Gloria, Rua do Visconde de Sapucahy, desde o canto da rua do Conde até á subida do Sacco do Alferes, praça da Harmonia e rua Nova do Livramento :				
Para largar o passageiro.	1$000	2$000	3$000	4$000
Cada hora.	1$500	3$000		
Cada uma das horas que se seguirem. . .			2$500	3$000
2.º Ponte do Cattete, ponte do Guanabara nas Larangeiras, praia do Flamengo, ponte do Engenho Velho, na entrada do Rio Comprido, rua do Itapirú, do canto da rua do Conde até no ponto terminal dos bonds de Catumby :				
Para largar o passageiro.	1$500	2$500		
Cada hora.	2$000	3$000		
Pela 1.ª hora			5$000	6$500
Pelas que se seguirem			3$000	4$000
3.º Ponto dos bonds no fim da praia de Botafogo, Jardim das Larangeiras, Cova da Onça até á primeira subida, Rio Comprido, rua da Bella pista, ponte da Segunda-feira, no Engenho Velho, rua da Babylonia, canto da de S. Francisco Xavier, campo de S. Christovão e igrejinha de S. Christovão :				
Para largar o passageiro.	2$500	3$000		
Cada hora.	$500	4$000		
Pela 1.ª hora			7$000	9$000
Pelas que se seguirem.			4$500	5$000
4.º Rua da Real Grandeza, Cemiterio de S. João Baptista, Escola Militar, Aguas Ferreas nas Larangeiras, rua de S. Januario, Portão Vermelho, no Andarahy, Alto do Pedregulho, Cemiterio de São Francisco Xavier, morro de Santa Thereza até ao largo do Guimarães :				
Para largar o passageiro.	4$000	5$000		
Cada hora.	3$000	3$500		
Pela 1.ª hora			9$000	10$000
Pelas que se seguirem.			5$000	5$000
5.º Do Alto do Pedregulho até a estação do Engenho Novo :				
Para largar o passageiro.	6$000	8$000		
Cada hora.	3$000	4$000		
Pela 1.ª hora			10$000	12$000
Pelas que se seguirem.			5$000	5$000

6.º Da rua da Babylonia ao boulevard de Villa Isabel até ao ponto terminal dos bonds :				
Para largar o passageiro	5$000	6$000		
Cada hora	3$000	3$000		
Pela 1.ª hora			7$000	8$000
Pelas que se seguirem			3$000	4$000
7.º Lagôa Rodrigo de Freitas, rua do Jardim Botanico, Jardim até as Tres Vendas, rua Conde de Bomfim até ao ponto dos bonds da Tijuca :				
Para largar o passageiro	7$000	9$000		
Cada hora	4$000	5$000		
Pela 1.ª hora			12$000	15$000
Pelas que se seguirem			5$000	6$000

TABELLA PARA ALUGUEL DE AUTOMOVEL

(Provisoria).

Uma volta na Avenida Central 3$000 | Corridas . . . . . 5$000

Limites das corridas : Largo do Matadouro; Largo do Estacio, Rua das Larangeiras, esquina da rua Guanabara; Avenida Beira-Mar, até á esquina da rua Senodor Vergueiro.

VIAGENS :

Primeira hora. . . . . 15$000 | As demais que se seguirem. 10$000

Limites das viagens : Largo da Segunda-Feira, Ponte de Maracanã, Campo de S. Christovão, Leme, Gavea, Igrejinha, Santa Thereza, Ipanema.

VIAGENS PARA O ALTO DA BOA VISTA :

Primeira hora. . . . . 20$000 | Pelas demais que se seguirem. 15$000

Observações. — A primeira hora será sempre contada por inteiro, do ponto de partida ao de chegada, e as demais, por fracção de meia hora. Quando a lotação do automovel fôr maior de quatro pessoas será cobrada mais a quantia de 3$000, por hora ou fracção de meia hora.

ENTERROS

O serviço de enterros é feito por intermedio da Empresa Funeraria (commettida á Sancta Casa da Misericordia) e estabelecida em um dos salões do edificio da mesma Santa Casa, na praia de Santa Luzia.

O expediente principia ás 9 horas da manhã e termina ás 5 horas da tarde de todos os dias.

A pessoa que tiver de tratar de um enterro deve munir-se do attestado de obito passado pelo medico e dirigir-se á pretoria respectiva, onde obterá a certidão necessaria para ir então ao escriptorio da Empresa. Ahi, mediante prévio pagamento (ou fiança de pessoa conhecida), se encarregam do fornecimento de tudo pelos preços estabelecidos nas tabellas seguintes.

Si a pessoa fallecida pertencer a alguma das corporações religiosas que têm cemiterio privativo, deverá o encarregado do entêrro dirigir-se (munido do diploma ou outro documento comprobatorio) á secretaria da respectiva ordem, onde lhe darão a guia para o cemiterio.

TABELLA PARA FUNERAES DE ADULTOS E DONZELLAS

Classes	Caixão	Vehiculo	Sepultura rasa	Carneiro	Certidão de obito	Vestimenta	Altar	Eça	TOTAL
1ª	360$000	180$000	28$	250$	1$	200$	36$	40$	1:095$000
2ª	200$000	94$000	28$	250$	1$	70$	28$	20$	691$000
3ª	117$000	82$000	28$	250$	1$	36$	20$	20$	554$000
4ª	75$400	58$000	14$	250$	1$	26$	16$	16$	456$400
5ª	41$600	47$000	14$	250$	1$	14$	...	...	367$600
6ª	22$100	16$000	6$	250$	1$	13$	...	...	308$100
7ª	14$000	8$200	6$	250$	1$	8$	...	...	287$200
8ª	12$000	8$200	5$	250$	1$	6$	...	...	282$200

TABELLA PARA FUNERAES DE ANJOS

Classes	Caixão	Vehiculo	Sepultura rasa	Carneiro	Certidão de obito	Vestimenta	Altar	Eça	TOTAL
1ª	160$000	100$000	20$	160$	1$	....	36$	40$	517$000
2ª	108$000	71$000	20$	160$	1$	....	28$	28$	416$000
3ª	62$400	58$000	20$	160$	1$	....	20$	20$	341$400
4ª	40$800	42$000	10$	160$	1$	....	16$	16$	295$800
5ª	28$800	24$000	10$	160$	1$	....	...	...	233$800
6ª	16$000	14$000	4$	160$	1$	....	...	...	195$000
7ª	10$000	8$200	4$	160$	1$	....	...	...	183$200
8ª	8$000	8$200	4$	160$	1$	....	...	...	181$200

As armações estão na unidade de cada vão por 8$, 4$, 3$, e 2$000.
As vestimentas só são referentes a donzellas.

APPLICAÇÃO DAS TABELLAS

As pessoas que não quizerem muito luxo podem obter um entêrro simples e decente pelos seguintes preços :

PARA ADULTOS

1.ª Combinação : — Caixão n. 3. Carro n. 2. Carneiro. Certidão.....	462$000
2.ª Combinação : — Caixão n. 4. Carro n. 3. Sepultura rasa. Certidão.	186$400
3.ª Combinação : — Caixão n. 5. Carro n. 5. Sepultura rasa. Certidão.	103$600
4.ª Combinação : — Caixão n. 7. Carro n. 6. Sepultura rasa. Certidão.	37$000

PARA DONZELLAS

1.ª Combinação : — Caixão n. 3. Carro n. 2, Carneiro. Certidão.....	462$000
2.ª Combinação : — Caixão n. 3. Carro n. 3. Sepultura rasa. Certidão.	180$400
3.ª Combinação : — Caixão n. 5. Carro n. 5. Sepultura rasa. Certidão.	103$600
4.ª Combinação : — Caixão n. 7. Carro n. 6. Sepultura rasa. Certidão.	37$000

PARA ANJOS

1.ª Combinação : — Caixão n. 3. Carro n. 2. Carneiro. Certidão.....	294$400
2.ª Combinação : — Caixão n. 3. Carro n. 5. Sepultura rasa. Certidão.	97$400
3.ª Combinação : — Caixão n. 6. Carro n. 5. Sepultura rasa. Certidão.	51$800
4.ª Combinação : — Caixão n. 7. Carro n. 6. Sepultura rasa. Certidão.	29$800

OBSERVAÇÕES

Os caixões para adultos e donzellas de ns. 1 e 2 que tenham mais de 60 pollegadas pagarão por pollegada de excesso : o n. 1 mais 6$000 e o n. 2 mais 3$000.

Os de ns. 1 e 2 para anjos maiores de 30 pollegadas pagarão : os de n. 1 mais 5$ e os de n. 2 mais 2$500 por pollegada.

Os preços fixados nas tabellas acima são para os enterros dos fallecidos dentro dos limites da cidade. Os fallecidos fóra dos limites, ainda que dentro das freguezias de S. João Baptista, da Lagôa, S. Francisco Xavier e S. Christovão, pagarão mais :

Os caixões de ns. 1 a 5.	5 %
Os vehiculos de conducção	20 %

CRIANÇA OBEDIENTE

— Ouve, Luizinha ; quando estiverem visitas e que tu tenhas necessidade de te ausentar, não digas o que vaes fazer, mas simplesmente : « Mamãe, deixa-me ir ao jardim colher uma rosa ? ».

Dois dias depois, grande reunião. No fim do jantar Luizinha levanta-se :

— Mamãe, deixa-me ir ao jardim colher uma rosa ?

— Vae sim, minha Luizinha.

— Mas, mamãe... não tenho papel.

* * *

Contam á pequena Emilia a historia de Guilherme Tell, que esta escuta com muita attenção. Finda a narração pergunta ella :

— E a maçã, quem é que a comeu ?

* * *

Julio ouve attentamente sua mãe, que procura fazer-lhe comprehender a differença entre o accento agudo e o grave.

— Já comprehendi, mamãe, exclama elle ; assim quando papae se queixa de seu rheumatisco agudo, não é grave.

CAIXA DA CONVERSÃO

Quadro demonstrativo dos equivalentes das notas conversiveis em moedas extrangeiras e as fracções destas pagaveis em prata

Libra—16$000
Menor moeda ouro—10 shillings

Nota conversivel	Shillings	Fracção menor de 10 shillings.	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	12,6	2,6	2$000
20$000..	25,0	5,0	4$000
50$000..	62,6	2,6	2$000
100$000..	125,0	5,0	4$000
200$000..	250,0	—	—
500$000..	625,0	5,0	4$000

Marco—$785,11850
Menor moeda ouro — 10 marcos

Nota conversivel	Marcos	Fracção menor de 10 marcos	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	12,73706	2,73706	2$149
20$000..	25,47412	5,47412	4$298
50$000..	63,68530	3,68530	2$893
100$000..	127,37060	7,37060	5$787
200$000..	214,74120	4,74120	3$722
500$000..	636,85300	6,85300	5$380

Peso argentino — 3$179,71332
Menor moeda ouro—5 pesos

Nota conversivel	Pesos argentinos	Fracção menor de 5 pesos	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	3,144938	3,144938	10$000
20$000..	6,289876	1,289876	4$101
50$000..	15,724690	0,724690	2$304
100$000.	31,449380	1,449380	4$609
200$000..	62,898760	2,898760	9$217
500$000..	157,246900	2,246900	7$144

Dollars — 3$295,80306
Menor moeda ouro — 5 dollars

Nota conversivel	Dollars	Fracção menor de 5 dollars	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	3,034162	3,034162	10$000
20$000..	6,068324	1,068324	3$521
50$000..	15,170810	0,170810	$563
100$000..	30,341620	0,341620	1$126
200$000..	60,683240	0,683240	2$252
500$000..	15,1708100	1,708100	5$629

Réis fortes—3$560,90814
Menor moeda ouro — 5$000

Nota conversivel	Réis fortes	Fracção menor de 5$000	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	2$308,273	2$808,273	10$000
20$000..	5$616,546	$616,546	2$195
50$000..	14$041,355	4$041,355	14$391
100$000..	28$082,710	3$082,710	10$977
200$000..	56$165,420	1$165,420	4$150
500.000..	140$413,550	$413,550	1$473

Francos—$635,94270
Menor moeda ouro 10 francos (*)

Nota conversivel	Francos	Fracção menor de 10 francos	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	15,72469	5,72469	3$641
20$000..	31,44938	1,44938	$922
50$000..	78,62345	8,62345	5$484
100$000..	157,24690	7,24690	4$609
200$000..	314,49380	4,49380	2$858
500$000..	786,23450	6,23450	3$965

Corôa austriaca—$666,66666
Menor moeda ouro — 10 corôas

Nota conversivel	Corôas	Fracção menor de 10 corôas	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	15,00	5,00	3$333
20$000..	30,00	—	—
50$000..	75,00	5,00	3$333
100$000..	150,00	—	—
200$000..	300,00	—	—
500$000..	1,500,00	—	—

Mil réis ouro (ao cambio de 27 d.)—1$800,000
Menor moedo ouro — 5$000

Nota conversivel	Mil réis ouro	Fracção menor de 5$000	Equivalente em réis ao cambio de 15 d.
10$000..	5$555,555	$555,555	1$000
20$000..	11$111,111	1$111,111	2$000
50$000..	25,777,777	2$777,777	5$000
100$000..	55$555,555	$555,555	1$000
200$000..	111$111,111	1$111,111	2$000
500$000..	277$777,777	2$777,777	5$000

(*) O franco belga, suisso, a lira italiana e a peseta hespanhola são iguaes ao franco francez.

PESOS E MEDIDAS

Synopse do Systema metrico decimal

UNIDADES LINEARES

ITINERARIAS

Myriametro	Mm	10000m	= 10km
Kilometro	km	1000	= 1
Hectometro	hm	100	= 0.1
Decametro	Dm	10	= 0.01

GEOMETRICAS

Metro (1)	m	1m	= 0km001
Decimetro	dm	0.1	
Centimetro	cm	0.01	
Millimetro	mm	0.001	

UNIDADES DE SUPERFICIE

AGRARIAS

Myriametro quadrado	Mm²	100000000 M²	= 100km²
Kilometro »	km²	1000000	= 1
Hectaro (hectom. quad.)	ha (hm²)	10000	= 0.01
Aro (decam. »)	a (Dm²)	100	
Centiaro (metro »)	ca (m)	1	

GEOMETRICAS

Metro quadrado	m²	1m²
Decimetro quadrado	dm²	0.01
Centimetro »	cm²	0.0001
Millimetro »	mm²	0.000001

UNIDADES DE VOLUME OU CAPACIDADE

Metro cubico	m³	1m³
Decimetro cubico	dm³	0.001
Centimetro »	cm³	0.000001
Millimetro »	mm³	0.000000001

PARA LIQUIDOS E SECCOS

Hectolitro	hl	100 l
Decalitro	Dl	10
Litro	l	1
Decilitro	dl	0.1
Centilitro	cl	0.01

PARA LENHA

Decastereo	Ds	10s
Stereo	s	1^{m3}
Decistero.	ds	0.1

UNIDADES DE PESO

MÉDIO OU GRANDE

Tonelada.	t	1000^{kg}	
Quintal.	q	100	
Myriagramma.	Mg	10	= 10000^{g}
Kilogramma	Kg	1	= 1000
Hectogramma.	Hg	0.1	= 100
Decagramma	Dg	0.01	= 10

PEQUENO

Gramma (1).	g	$0^{kg}001$	= 1^{g}
Decigramma	dg		= 0.1
Centigramma	cg		= 0.01
Milligramma	mg		= 0.001

Medidas itinerarias e topographicas independentes do systema metrico

MILHA NAUTICA

O comprimento da milha nautica sendo definido como a sexagesima parte de um grau, tomado em um círculo maximo da esphera póde assumir diversos valores, conforme o círculo maximo fôr um meridiano ou o equador. A repartição hidrographica americana *Coast and Geodetic Survey*, com o fim de impedir inevitaveis confusões, adoptou officialmente para a *milha nautica* o valor de *uma sexagesima parte do comprimento de 1º do circulo maximo de uma esphera, cuja superficie fosse igual á da terra.*

Este valor calculado com os elementos de Clarke para o espheroide terrestre dá para *uma milha : 1853 m. 248.*

Eis como comparação, differentes valores da milha deduzidos de outras definições :

Comprimento de 1' de longit. no Equador.	$1855^{m}34$
Comprimento de 1' de latitude no Equador	1842.79
Comprimento de 1' de latitude a 45º. . . .	1852.18
Comprimento de 1' de latitude no pólo . .	1861.65

(1) Theoricamente deveria ser o *metro* $\frac{1}{1.000,000}$ da quarta parte do meridiano terrestre, praticamente adoptou-se como valor fundamental do metro o comprimento da regua denominada *mètre des archives*, medido na temperatura de 0ºC.

(1) Peso *normal* (isto é, no vacuo e na temperatura de 4 graus centigrados) de 1 cm^{s} d'agua distillada.

Medidas itinerarias independentes do systema metrico

Milha geographica de 15 ao grau equatorial.	7422m
Legua de 18 ao grau meridiano médio . . .	6174
Legua de 25 ao grau meridiano médio . . .	4145
Milha maritima de 60 ao grau (M)	1852
Legua marit. de 20 ao grau merid. m. (3M).	5557
Milha maritima quadrada (M²).	3km². 4366
Legua maritima quadrada (9M²).	30km². 8776

MEDIDAS BRASILEIRAS ANTIGAS

Por lei de 26 de Junho 1862, o systema metrico foi tornado obrigatorio a contar de 1 de Janeiro de 1874 ; entretanto tem-se conservado no interior o uso de muitas das medidas antigas, que por essa razão é ainda util conhecer.

Tonelada (54 a)	13 1/2 (1)	793kg. 2384
Quintal	4	58 . 7584
Arroba a	32	14 . 6896
Arroba metrica em uso no commercio .		15 kg.
Libra (lb)	2	458 g. 050
Marco.	8	229 g. 825
Onça (on)	8	23 g. 691
Oitava.	3	3 g. 586
Escropulo	24	1 g. 195
Grão.		0 g. 04981

MEDIDAS

DE COMPRIMENTO

Braça (b)		2m. 20
Vara (5 pm)		1m. 10
Pé (12 pl)	1 1/2	0m. 33
Palmo (pm)	8	0m. 22
Pollegada (pl)	12	0m. 0275
Linha (ln)	12	0m. 00228
Ponto		0m. 000191
Covado		0m. 68
Passo geometrico		1m. 65

ITINERARIAS

Legua.	3	6km. 600
Milha		2km. 200
Legua geometrica		6 km
Milha geometrica		2 km

(1) Relação entre cada unidade e a seguinte, a não ser esta irregular.

DE SUPERFICIE AGRARIA

Legua quadrada	9	$43^{km2}.56$
Milha quadrada		$4^{km2},84$
Alqueire de Minas Geraes e do Rio de Janeiro (10.000 b^2).		$4^{ha}.84$
Alqueire de S. Paulo (5.000 b^2)	25	$2^{ha}.42$
Geira (400 b^2).		$19^{a}.36$
Tarefa (na Bahia, 900 b^2)		$43^{a}.56$

DE SUPERFICIE

Braça quadrada (100 pm^2).		$4^{m2}.84$
Pé quadrado (1.44 pm^2).		$0^{m2}.1089$
Palmo quadrado		$0^{m2}.0484$
Pollegada quadrada.	65	$7^{cm2}.5625$
Linha quadrada.	144	$5\ ^{2}.2533$
Ponto quadrado	144	$0\ ^{2}.0365$

DE VOLUME

Braça cubica (100 pm^3)		$10^{m3}.648$
Pé cubico (1 pm^3. 728)		$35^{dm3}.957$
Palmo cubico.		$10^{dm3}.648$
Pollegada cubica	512	$20^{cm3}.796875$
Linha cubica.	1728	$12^{mm3}.040481$
Ponto cubico.	1727	$0^{mm3}.006968$

DE CAPACIDADE PARA SECCOS

Moio.	15	$21^{hl}.762$
Fanga.	4	1451.08
Alqueire.	8	$36^{l}.27$
Quarta.	8	$9^{l}.0675$
Selamim.		$1^{l}.1334$

DE CAPACIDADE PARA LIQUIDOS

Tonel	2	$840.^{l}$
Pipa.		$420.^{l}$
Almude	12	$31^{l}.944$
Canada.	4	$2^{l}.662$
Quartilho		$0^{l}.6655$

Quilate para peso dos diamantes : $0^{dg}.1922$

Ninguem se agasta tanto do desprezo eomo aquelles que mais o merecem.

* * *

O orgulho pode parecer algumas vezes nobre e respeitavel, a vaidade é sempre vulgar e desprezivel.

MARQUEZ DE MARICÁ.

MEDIDAS INGLEZAS E SUA CONVERSÃO

TABELLAS PARA A CONVERSÃO DAS MEDIDAS INGLEZAS EM MEDIDAS METRICAS, VICE-VERSA (COAST Y GEODETIC SURVEY, 1893 REPORT)

Medidas lineares

INCHS	MILLIMETROS	FEET	METROS	YARDS	METROS	MILES (.)	KILOMETROS
1	25.4051	1	0.304 801	1	0.914 402	1	1.609 35
2	50.8001	2	0.609 601	2	1.828 804	2	3.218 69
3	76.2002	3	0.914 402	3	2.743 207	3	4.828 04
4	101.6002	4	1.219.202	4	3.657 609	4	6.437 39
5	127.0003	5	1.524 003	5	4 572 011	5	8.046 74
6	152.4003	6	1.828 804	6	5.486 413	6	9.656 08
7	177 8004	7	2.133 604	7	6.400 815	7	11.265 43
8	203.2004	8	2.438 405	8	7.315 216	8	12.874 78
9	228.6005	9	2.743 205	9	8.229 616	9	14.884 12

Medidas de superficie

SQ. INCHS	CENT. QUADR.	SQ. FEET	DEC. QUADR	SQ. YARDS	MET. QUADR.	ACRES	HECTARES
1	6.452	1	9.290	1	0.836	1	0.4047
2	12 903	2	18.581	2	1.672	2	0.8094
3	19.355	3	27.871	3	2.508	3	1.2141
4	25.807	4	37.161	4	3.344	4	1.6187
5	32.258	5	46.452	5	4.181	5	2.0234
6	38.710	6	55.742	6	5.017	6	2.4281
7	45.161	7	65.032	7	5.853	7	2.8328
8	51.613	8	74.323	8	6.689	8	3.2375
9	58.065	9	83.613	9	7.725	9	3.6322

(*) Para transformar rapidamente qualquer numero de milhas inglezas *Statute miles* em seu valor equivalente em kilometros e subdivisões lança-se mão da *seguinte regra prática* muito approximada :

Addiciona-se ao numero dado de milhas, sua metade, mais a decima parte e mais a centesima parte ; a somma é em kilometros o equivalente do numero de milhas :

Exemplo : sejam 9 milhas a transformar em kilometros.

1/2 de 9 = 4.50 ; 1/10 = 0.9 : 1/100 = 0.09.

Somma 9.0 + 4.5 + 0.9 + 0.09 = 14 k. 490 em logar de 14 k. 484, valor rigorosamente exacto

Medidas de volume

CUBIC. INCHS.	CENT CUBCS.	CUBIC. FECT.	METS. CUBCS.	CUBIC. YARDS.	METS. CUBCS.	BUSH	HECTOLITROS
1	15.387	1	0.02832	1	0.765	1	0.35239
2	32.774	2	0.05663	2	1.529	2	0.70479
3	49.161	3	0.08495	3	2.294	3	1.05718
4	65.549	4	0.11327	4	3.058	4	1.40957
5	81.936	5	8.14158	5	3.823	5	1.76196
6	98.323	6	0.16990	6	4.587	6	2.11436
7	114.710	7	0.19822	7	5.352	7	2.46675
8	131.097	8	0.22654	8	6.116	8	2.81914
9	147.484	9	0.25485	9	6.881	9	3.17154

Medidas de capacidade para liquidos

FLUID. DRACHMS	CENTS. CUBCS.	FLUID. OUNC.	CENTS. CUBCS.	QUARTS.	LITROS	GALLONS AMER.	LITROS
1	3.70	1	29.57	1	0.94636	1	3.78543
2	7.39	2	59.15	2	1.89272	2	7.57087
3	11.09	3	88.72	3	2.83908	3	11.35630
4	14.79	4	118.29	4	3.38543	4	15.14174
5	18.48	5	147.87	5	4.73179	5	18.92717
6	22.18	6	177.44	6	5.67815	6	22.71261
7	25.88	7	207.02	7	6.62451	7	26.49804
8	29.57	8	286.59	8	7.57087	8	30.28348
9	33.27	9	266.16	9	9.51723	9	34.06891

Medidas de peso

GRAINS	MILLIGRAMMAS	AVOIR DU POIDS OUNCES	GRAMMAS	AVOIR DU POIDS POUNDS	KILOGRAMMAS	TROY OUNCES	GRAMMAS
1	64.7989	1	28.3499	1	0.45359	1	31.10348
2	129.5978	2	56.6991	2	0.90719	2	62.20696
3	194.3998	3	85.0486	3	1.36078	3	93.31044
4	259.1957	4	113.3981	4	1.81437	4	124.41392
5	323.9946	5	141.7476	5	2.26796	5	155.51740
6	388.7635	6	170.0972	6	2.72156	6	186.62088
7	453.5924	7	198.4467	7	3.17515	7	217.72437
8	518.3914	8	226.7962	8	3.62874	8	248.82785
9	583.1903	9	255.1457	9	4.08233	9	279.93133

Medidas lineares

METROS	INCHS	METROS	FEET	METROS	YARDS	KILOM.	MILES
1	39.37	1	3.28083	1	1.093611	1	0.62137
2	78.74	2	6.56167	2	2.187222	2	1.24274
3	118.11	3	9.842 0	3	3.280833	3	1 86411
4	157.48	4	13.12333	4	4.374444	4	2.48548
5	197.85	5	16.40417	5	5.468056	5	3.10685
6	236.22	6	18.68500	6	6.561667	6	3.72822
7	275.59	7	22.96583	7	7.655278	7	4.34959
8	314 96	8	26.24667	8	8.748889	8	4.97096
9	354.32	9	29.52750	9	9.842500	9	5.59233

Medidas de superficie

CENT. QUADR.	SQ. INCHS	MET. QUADR.	SQUARE FEET	MET. QUADR.	SQUARE FEET	HECT.	ACRES
1	0.1550	1	10.764	1	1.196	1	2.471
2	0.3100	2	21.528	2	2.392	2	4.942
3	0.4650	3	32.292	3	3.588	3	7.413
4	0.6200	4	43 055	4	4.784	4	9.884
5	0.7750	5	53 819	5	5.980	5	12.355
6	0.9300	6	64.583	6	7.176	6	14.826
7	1.0850	7	75.347	7	8.372	7	17.297
8	1.2400	8	86.111	8	9.568	8	19.768
9	1.3950	9	96.875	9	10.764	9	22.239

Medidas de volume

CENT. CUB.	CUB. INCHS	LITROS	CUB. INCHS	METROS CUB.	CUB. FEET	METROS CUB.	CUB. YARDS
1	0 0610	1	61.023	1	35.314	1	1.308
2	0.1220	2	122.047	2	70.629	2	2.616
3	0.1831	3	183.070	3	105.943	3	3.924
4	0.2441	4	244.094	4	141.258	4	5.232
5	0.3051	5	305.117	5	176.572	5	6.540
6	0.3661	6	366.140	6	211.887	6	7.848
7	0.4272	7	427.164	7	247.201	7	9.156
8	0.4882	8	488.187	8	282.516	8	10.464
9	0.5492	9	549.210	9	317.830	9	11.771

Medidas de capacidade

CENT. CUBICOS	FLUID DRACHMS	CENTILITROS	FLUID OUNCES	LITROS	QUARTS	DECALITROS	GALLONS (AMERIC)	HECTOLITROS	BUSHELLS
1	0.27	1	0.338	1	1.0567	1	2.6417	1	2.8377
2	0.54	2	0.676	2	2.1134	2	5.2834	2	5.6755
3	0.81	3	1.014	3	3.1700	3	7.9251	3	8.5132
4	1.08	4	1.353	4	4.2267	4	10.5668	4	11.3510
5	1.35	5	1.691	5	5.2834	5	13.2085	5	14.1887
6	1.62	6	2.029	6	6.3401	6	15.8502	6	17.0265
7	1.89	7	2.367	7	7.3968	7	18.4919	7	19.8642
8	2.16	8	2.705	8	8.4535	8	21.1336	8	22.7019
9	2.43	9	3.043	9	9.5101	9	24.7753	9	25.5397

Medidas de peso

MILLIGRAMMAS	GRAINS	KILOGRAMMAS	GRAINS	KILOGRAMMAS	OUNCES AVOIR DU POIDS	KILOGRAMMAS	POUNDS AVOIR DU POIDS
1	0.01543	1	15432.36	1	0.35274	1	2.20462
2	0.03086	2	30864.71	2	0.70548	2	4.40924
3	0.04630	3	46297.07	3	1.05822	3	6.61387
4	0.06173	4	61729.43	4	1.41096	4	8.81849
5	0.07716	5	77161.78	5	1.76370	5	11.02311
6	0.09259	6	92594.14	6	2.11644	6	13.22773
7	0.10803	7	108026.49	7	2.46918	7	15.43236
8	0.12346	8	123458.85	8	2.82192	8	17.63698
9	0.13889	9	138891.21	9	3.17466	9	19.84160

1 **kilogramma** = 32.1507 Ounces troy.

1 **tonelada metrica** = 2204.6 Pounds avoir du poids

1 **tonelada ingleza** (20 cwts) = 1016.0 kilogrammas.

1 **quintal** (cwt), 112 lbs. = 50.8024 **kilogrammas.**

1 **braça ingleza** (fathom) = 1.829 metros.

1 **milha nautica** 1853.25 metros.

1 imperial gallon (inglez) = 4.5435 litros.

1 imperial busbell (inglez) = 36.3477 litros.

A casa mais curiosa do mundo é talvez a que habita, em S. Luiz, nos Estados Unidos, um fabricante de cerveja, chamado Fritz Schenner. Essa casa é inteiramente construida com toneis de cerveja, empilhados uns sobre os outros da maneira mais symetrica e até mais artistica. Duas linhas superpostas de toneis de trinta litros formam os alicerces ; dezoito filas de toneis de dezoito litros formam o corpo do edificio até a linha de separação do primeiro e segundo andar.

A partir dahi, os toneis diminuem de capacidade á medida que se sóbe. A madeira escura dos toneis é ornada de curiosas esculpturas allemãs.

Tabella de coefficientes para passar das unidades metricas para as diversas unidades inglezas ou americanas e vice versa

POR

C. W. Hunt, M. Am. Soc. M. E., e completada por H. M.

PARA PASSAR DAS UNIDADES METRICAS PARA AS INGLEZAS

Millimetros × 0.039937 = polleg. inglez.
Centimetros × 0.3737 = idem idem
Metros × 35.37 = idem idem
Metros × 3.281 = pés inglezes
Metros × 1.094 = jardas
Kilometros × 0.621 = milhas terrestr.
Kilometros × 3280,7 = pés
Millimet. quad. × 0.0155 = polleg. quad.
Centimet. quad. × 0.155 = polleg.quad.
Metros quadr. × 10.764 = pés quadrad.
Kilometros quadrados × 247.1 = acres
Hectaros × 247.1 = acres
Centimetr. cub. × 0.0610 = polleg. cubic.
Cent.cub. × 0.271 = fluid drachms U.S.P.
Cent.cub. × 0.0338 = fluid ounces U.S.P.
Metros cubicos × 35.315 = pés cubicos
Metros cubicos × 1.308 = jardas cubicas
Metr. cub. × 264.2 = gallões (de 231 inchs³)
Litros × 61.022 = pollegadas cubicas
Litros × 34.84 = fluid ounces
Litros × 0.2642 = gallões (de 231 inchs³)
Grammas × 15.432 = grãos
Gramma × 981 = dynes (C. G. S.)
Joule × 07.373 = pés-libra
Kilos × 2.2046 = libras
Kilos × 35.3 = ounces avoir du poids
Kilogrammetros × 7.223 = pés libra
Kilos por cent. quad. × 14.223 = libras por poll. quadrada
Kilos por metro × quadrado × 0.672 = libras por pé quadrado.
Kilowatts × 1.34 cavallos vapor inglezes
Cavallos vapor francezes × 0.986 = cavallos vapor inglezes.

PARA PASSAR DAS UNIDADES INGLEZAS PARA AS METRICAS

Pollegadas inglezas × 25.4 millimetros
Pollegadas × 0.0254 = metros
Pés × 0.30479 = metros
Jardas × 0.91438 = metros
Milhas × 1.609 = kilometros
Pés × 0.000305 = kilometros
Pollegadas quadradas × 645.1 = millimetros quadrados
Pollegadas quadradas × 6.451 = centimetros quadrados
Pés quadr. × 0.0927 = metros quadr.
Acres × 0.004047 = kilometros quadr.
Acres × 0.40479 = Hectaros.
Pollegadas cubicas × 16.387 = cent cubic.
Fluid drachms × 3.69 = cent. cubicos.
Fluid drachms × 3.69 = cent. cubicos.
Fluid ounces × 29.57 = idem idem
Pés cubicos × 0.02832 = metros cubicos
Pés cubicos × 28.316 = litros.
Galões americanos × 3.785 = litros
Bushells (americanos) (210.4 inchs ³,) × 0.3521 = Hectolitros.
Bushells inglezes × 0.3635 = Hectolitr.
Ounces (avoir du poids) × 28.35 = gram.
Libras × 0.4536 = kilos.
Toneladas × 1016.05 = kilos
Quintaes × 50.80 = kilos
Pés-Libra × 0.13826 = kilogrametros.
Libras por pollegada quadrada × 0.0703 = kilos por centimetro quadrado
Libras por pé quadrado × 1 488 = kilos por metro quadrado
Cavallos vapor inglezes × 1.01386 = cavallos vapor francezes
Kilowatts × 1.3596 = caval. vapor franc.

TABELLAS DE JUROS

I

Juros simples

NUMEROS	3 °/o	3 1/2 °/o	4 °/o	4 1/2 °/o	5 °/o	5 1/2 °/o	6 °/o
1	0.008	0.009	0.011	0.012	0.014	0.015	0.016
2	0.016	0.019	0.022	0.025	0.027	0.030	0.033
3	0.025	0.029	0.033	0.037	0.041	0.045	0.049
4	0.033	0.038	0.044	0.049	0.055	0.060	0.066
5	0.041	0.048	0.055	0.062	0.068	0.075	0.082
6	0.049	0.057	0.066	0.074	0.082	0.090	0.099
7	0.057	0.067	0.077	0.086	0.096	0.106	0.115
8	0.066	0.077	0.088	0.099	0.110	0.121	0.132
9	0.074	0.086	0 098	0.111	0.123	0.136	0.148
10	0.082	0.096	1.110	0.123	0.137	0.151	0.164
20	0.164	0.192	0.219	0.247	0.274	0.301	0.329
30	0.247	0.288	0.329	0.370	0.411	0.452	0.493
40	0.329	0.384	0.438	0.493	0.548	0.603	0.658
50	0.411	0.479	0.548	0.616	0.685	0.753	0.822
60	0.493	0.575	0.658	0.740	0.822	0.904	0.986
70	0.575	0.671	0.767	0.863	0.959	1.055	1.151
80	0.657	0.767	0.877	0.986	1.096	1.206	1.315
90	0.740	0.863	0.986	1.110	1.233	1.356	1.480
100	0.822	0.959	1.096	1.233	1.370	1.507	1.644
200	1.644	1.918	2.192	2.466	2.740	3.014	3.288
300	2.466	2.877	3.288	3.699	4.110	4.521	4.932
400	3.288	3.835	4.383	4.931	5.479	6.027	6.575
500	4.110	4.794	5.479	6.164	6.849	7.534	8.219
600	4.931	5.753	6.575	7.397	8.219	9.041	9.863
700	5.753	6.712	7.671	8.630	9.589	10 548	11.507
800	6.575	7.671	8.767	9.863	10.959	12.055	13.151
900	7.397	8.630	9.863	11.096	12.329	13.562	14.795
1.000	8.219	9.589	10.959	12.329	13.699	15.068	16.438
2.000	16.438	19.178	21.918	24.657	27.397	30.137	32.877
3.000	24.657	28.767	32.877	36.986	41.096	45.205	49.315
4.000	32.877	38.356	43.835	49.315	54.794	60.274	65.753
5.000	41 096	47.945	54.794	61 644	68.493	75.342	82.192
6.000	49.315	57.534	65.753	73.973	82.192	90.411	98.630
7.000	57.534	67.123	76.712	86.301	95.890	105 120	115.068
8.000	65.753	76.712	86.671	98.630	109.589	120.548	131.507
9.000	73.973	86.301	98.630	110.959	123.288	135.616	147.945
10.000	82.192	95.890	109.589	123.288	136.986	150.685	163.383

Modo de usar. — Multiplica-se o capital pelo numero de dias durante os quaes venceu juros. Tira-se ao producto a fracção (si elle a tem) e mais dous algarismos. O numero que resta divide-se em milhares, centenas, dezenas e unidades. Procuram-se na tabella os juros d'estas partes (conforme a columna da taxa) e sommando-se estes juros parciaes, tem-se o juro total procurado. Exemplo : Qual o juro de 6:252$000 rs. em 125 dias a 5 1/2 °/o? O producto do capital pelo n.º de dias é 781.500. Tirando-se dous algarismos, resta 7.815. Procurando-se na tabella o juro de 7.000, de 800, de 10 e de 5, acha-se 115.068; 13.151; 0.164 e 0.082. Sommando estas parcellas, tem-se 128$ 65, o juro desejado.

Para os multiplos de 10.000, para 70 ou 80 mil (por exemplo) toma-se o juro de 7.000 ou 8.000 e multiplica-se por 10. Para várias quantias durante numeros de dias differentes com a mesma taxa de juro, obtem-se primeiro os *numeros* (producto das quantias pelos numeros de dias). Sommam-se os varios numeros e com a sua totalidade vai-se á tabella em busca dos juros.

Juros compostos

II

Mostra o valor do capital 1$000 réis collocado a juro composto capitalizado annualmente, a diversas taxas, no fim de annos.

ANNO	a 1 °/o	a 1 ½ °/o	a 2 °/o	a 2 ½ °/o	a 3 °/o	a 3 ½ °/o
10	1,105	1,161	1,219	1,280	1,343	1,411
20	1,220	1,347	1,486	1,638	1,806	1,990
30	1,348	1,563	1,811	2,098	2,427	2,807
40	1,489	1,814	2,208	2,564	3,262	3,960
50	1,644	2,105	2,692	3,437	4,384	5,586
60	1,817	2,443	3,281	4,400	5,891	7,879
70	2,007	2,835	4,010	5,632	7,918	11,122
80	2,217	3,291	4,875	7,210	10,640	15,677
90	2,449	3,819	5,943	9,229	14,300	22,112
100	2,705	4,432	7,245	11,814	19,220	31,190
110	2,990	5,144	8,831	15,122	25,829	44,016
120	3,305	5,971	10,765	19,356	34,714	62,106

ANNO	a 4 °/o	a 4 ½ °/o	a 5 °/o	a 5 ½ °/o	a 6 °/o	a 6 ½ °/o
10	1,480	1,553	1,629	1,708	1,790	1,877
20	2,191	2,412	2,653	2,918	3,207	3,524
30	3,243	3,745	4,322	4,984	5,743	6,614
40	4,801	5,716	7,040	8,513	10,286	12,416
50	7,107	9,033	11,467	14,542	18,420	23,307
60	10,520	14,027	18,679	24,840	32,988	43,750
70	15,571	21,784	30,426	42,430	59,077	82,124
80	23,050	33,830	49,561	72,476	105,780	154,159
90	34,120	52,537	80,730	123,800	189,470	289,377
100	50,505	81,589	131,499	211,469	339,312	543,200
110	74,760	126,709	214,202	361,218	607,638	1:019,662
120	110,662	196,780	348,912	617,007	1:088,188	1:914,048

ANNO	a 7 °/o	a 8 °/o	a 9 °/o	a 10 °/o	a 11 °/o	a 12 °/o
10	1,967	2,159	2,367	2,593	2,839	3,105
20	3,870	4,661	5,604	6,728	8,062	9,646
30	7,612	10,063	13,267	17,450	22,892	29,960
40	14,97[illegible]	21,724	31,410	45,260	65,001	93,050
50	29,357	46,902	74,360	117,391	184,565	289,002
60	57,946	101,257	176,030	304,482	524,058	897,596
70	113,989	218,606	416,730	789,744	1:488,017	2:787,795
80	224,234	471,954	986,552	2:048,401	4 225,108	8:658,430
90	441,103	1:018,914	2:335,526	5:313,024	11:996,879	26:891,925
100	866,716	2:199,757	5:529,038	13:780,603	34:064,173	83:522,308
110	1:706,925	4:749,120	13:089,247	35:743,306	96:722,590	259:407,485
120	3:357,784	10:522,980	30:987,730	92:708,936	274:635,720	805:680,963

DIVISORES FIXOS

Para calcular juros a diversas taxas

TAXAS ANNUAES	TAXAS MENSAES	DIVISORES FIXOS	TAXAS ANNUAES	TAXAS MENSAES	DIVISORES FIXOS
1	—	36000	9½	—	3789
1⅛	—	32000	9¾	—	3692
1¼	—	28800	10	⅚	3600
1½	⅛	24000	10¼	—	3512
1¾	—	20571	10½	⅞	3428
2	⅙	18000	10¾	—	3349
2¼	—	16000	11	—	3273
2½	—	14400	11¼	—	3200
2¾	—	13091	11½	—	3130
3	¼	12000	11¾	—	3064
3¼	—	11077	12	1	3000
3½	—	10285	12½	—	2880
3¾	—	9600	13	—	2769
4	⅓	9000	13½	1⅛	2667
4¼	—	8471	14	1⅙	2571
4½	⅜	8000	14½	—	2483
4¾	—	7579	15	1¼	2400
5	—	7200	15½	—	2323
5¼	—	6857	16	1⅓	2250
5½	—	6545	16½	1⅜	2182
5¾	—	6261	17	—	2118
6	½	6000	17½	—	2057
6¼	—	5760	18	1½	2000
6½	—	5538	18½	—	1946
6¾	—	5333	19	—	1895
7	—	5143	19½	1⅝	1846
7¼	—	4965	20	1⅙	1800
7½	⅝	4800	20½	—	1756
7¾	—	4645	21	1¾	1714
8	⅔	4500	21½	—	1674
8¼	—	4364	22	1⅚	1636
8½	—	4235	22½	1⅞	1600
8¾	—	4114	23	—	1565
9	¾	4000	23½	—	1532
9¼	—	3892	24	2	1500

Explicação. — Torna-se facil por meio d'esta tabella calcular os juros de uma quantia durante qualquer numero de dias. Basta muliplicar o capital ou a quantia pelo numero de dias e dividir o producto pelo divisor fixo correspondente á taxa. O quociente da divisão é o juro procurado. Convém não confundir as taxas annuaes com as taxas mensaes, que são dadas em columnas separadas.

Não guardes para amanhã o que poderes fazer hoje.
— Então, papãe, dá-me o resto do bolo para que o acabe hoje.

MOEDAS

I

Moedas brasileiras : especies, valores, pesos, titulos e modulos

ESPECIE	VALOR em reis	PESOS em grammas	TITULO em millesimos	METAL puro em grammas	MODULO em millim.^{os}	DECRETOS
Ouro..	20$000	17,930	917	16,441	30	Decreto n.º 6143 de 10 de Março 1876.
	10$000	8,965	917	8,220	22,5	
	5$000	4,482	917	4,110	—	Está desmonetizada.
Prata.	2$000	25,500	917	23,383	37	Decreto n.º 4822 de 18 de Novembro 1871.
	1$000	12,750	917	11,691	30	
	500	6,375	917	5,845	25	
Nickel	400	12,000	25 °/₀ de nickel e 5 °/₀ de cobre com a tolerancia de 1 °/₀ para mais ou para menos.		—	Estão desmonetizadas as antigas moedas de nickel.
	200	8,000			—	
	100	5,000			—	
Cobre.	40	12,000	95 partes de cobre		30	Decreto n.º 5469 de 19 de Novembro 1873.
	20	7,000	5 partes de estanho		25	Decreto n.º 4019 de 20 de Novembro 1867.
	10	3,500	1 parte de zinco		20	

NOTA. A *tolerancia* no peso das *moedas de ouro* é : de 5 centig. para mais ou para menos nas de 20$; e de 25 *millig.* nas de 10$; — no peso *das moedas de prata* é : de 10 centig. para mais ou para menos nas de 2$; de 5 centig. ras de 1$ e de 25 millig. nas de 500 reis; — no peso *das moedas de nickel* é de 2 °/₀ para mais ou para menos. — A *tolerancia no titulo* tanto das moedas de ouro como das de prata é de dous millesimos. — As moedas de prata são acceitas em pagamento nas estações públicas sem limitação alguma; os particulares não são obrigados a receber em pagamento mais de 20$. As moedas de nickel são dadas e recebidas em pagamento até 1$; as de cobre até a a quantia de 200 reis. A relação legal entre o ouro e a prata é de 1 : 14,22. — As moedas de prata cunhadas no periodo de 30 de Sept. 1867 a 3 de Sept. 1870 têm o peso : de 25 gram. as de 2$; de 12.5 gr. as de 1$; de 6,25 gr. as de 500 reis e de 2,5 gr. as de 200 reis; as duas primeiras, do titulo de 900, as duas últimas, do título de 835; as do titulo de 900 têm menos 4 °/₀ de valor entrinseco, e as do titulo de 835 menos 10,5 °/₀ do que as actuaes. — A lei de 3 Sept. 1870 mandou desmonetizar todas as moedas de prata do titulo de 900 e as de valor de 200 reis do mesmo metal.

II

Principaes moedas extrangeiras

ALLEMANHA

Leis monetarias de 4 de Dezembro de 1871 e 9 de Julho de 1873.

Relação de ouro á prata 1 : 13.95.

Unidade : Reichsmark de ouro — 1fr.23457.

		Peso em gram.	VALORES AO PAR Francos	Reis
Ouro a 900 .	20 marcos ou dupla corôa	7.965	24.69	8,719
	10 marcos ou corôa	3.982	12.35	4,359
	5 marcos.	1.991	6.17	2,179
Prata a 900 .	5 marcos.	27.777	5.555	1,972
	2 marcos.	11.111	2.222	786
	Marco, dividido em 100 pfennig	5.555	1.111	393
	1/2 marco, ou 50 pfennig	2.777	0.555	197
	1/5 de marco, ou 29 pfennig.	1.111	0.222	78

Nickel	10 pfennig	0.111	93
	5 pfennig	0.055	19
Cobre	2 pfennig	0.022	7
	1 pfennig	0.011	4

Por decisão de Junho de 1888, a circulação das moedas extrangeiras, no Imperio Allemão, ficou prohibida a contar de 1 de Junho do mesmo anno.

A circulação fiduciaria da Allemanha é regulada pela lei de 30 de Janeiro de 1875.

ARGENTINA (REP.)

Lei de 5 de Novembro de 1881.

Unidade : Peso de prata = 5 fr.

		Peso em gram.	VALORES AO PAR francos	reis
Ouro 900	Argentino	8.064	25.00	8.829
	Médio Argentino	4.032	12.50	4.414
Prata a 900	Peso dividido em 100 centavos	25.000	5.00	1.765
	50 centavos	12.000	2.50	882
	20 centavos	5.000	1.00	353
	10 centavos	2.500	0.50	176
	5 centavos	1.250	0.25	88
Cobre	2 centavos		0.10	35
	1 centavo		0.05	17

Quasi toda a circulação metalica compõe-se de soberanos inglezes, de moedas de 20 francos de França, de Hespanha e dos Estados hispano-americanos.

Na provincia de Buenos-Aires conta-se em *peso-papel*. Este peso, na época da sua creação representava uma piastra forte : hoje não vale sinão 72 reis (ouro) do Brasil, valor determinado por um decreto do governo da provincia em 1866. Divide-se o papel em 8 reaes.

Nas outras provincias conta-se por piastras fortes, de 1.910 reis (ouro) do Brasil.

Em Buenos-Aires, as mercadorias e os titulos são pagos em peso-papel. No commercio por atacado não é raro servirem-se de barras de ouro ou de prata para os pagamentos.

FRANÇA

Lei monetaria de 7 de Abril e 15 de Agosto de 1795, 28 de Março de 1803, 25 de Maio de 1864, 27 de Junho de 1866, 2 de Agosto de 1872, 31 de Julho e 31 de Outubro de 1879.

Unidade : Franco 1 = fr.

		Peso em gram.	VALORES AO PAR francos	reis
Ouro a 900	100 francos	32,258	100.00	35.316
	50 francos	16,129	50.00	17.658
	20 francos	6,452	20.00	7.063
	10 francos	3,226	10.00	3.352
	5 francos	1,613	5.00	1.766

Prata a 900	5 francos	25,000	5.00	1.766
Prata a 835	2 francos	10,000	1.86	657
	Franco, dividido em 100 centesimos.	5,000	0.93	328
	50 centesimos	2,500	0.46	164
	20 centesimos	1,000	0.19	67
Bronze	10 centesimos	10,000		37
	5 centesimos	5,000		13
	2 centesimos	2,500		5
	1 centesimo	1,000		3

ESTADOS-UNIDOS

Leis monetarias de 12 de Fevereiro de 1873 e 28 de Fevereiro de 1878.

Relação de ouro a prata, 1 : 15.98.

Unidade : Dollar de ouro = 5 fr. 1825.

Ouro a 900	Fifty Dol (California)	80,718	259.130	91.510
	Aguia dupla, 20 dollars	33,436	103.655	36.607
	Aguia, 10 dollars	16,718	51.827	18.303
	Meia aguia, 5 dollars	8,359	25.913	9.151
	3 dollars	5,015	15.548	5.491
	Quarto d'aguia 2 1/2 dollars	4,179	12.956	4.575
	Dollar (Lei de 12 de Abril de 1873)	1,672	5.182	1.830
Prata a 900	Dollar de 100 cent. (Lei de 28 de Fev. 1878)	26,729	5.345	1.888
	1/2 dollar, 50 cents	12,500	2.50	883
	3/4 de dollar, 25 cents	6,250	1.25	441
	2/5 de dollar, 20 cents	5,000	1.00	453
	Dime. 10 cents	2,500	0.50	176

INGLATERRA

Leis monetarias de 1816, 4 de Abril de 1870 e 17 de Maio de 1887.

Unidade : Libra esterlina, soberano ou pound = 25 fr. 22128.

A libra esterlina divide-se em 20 shillings, cada shilling em 12 pence e cada penny em 4 farthings.

		Peso em gram.	VALORES AO PAR Francos	Reis
Ouro a 916.66	5 soberanos	39,940	126.107	44.536
	2 soberanos	15,976	50.442	17.813
	Soberano (sovereign)	7,988	25.221	8.906
	Meio soberano	3,994	12.610	4.453

Prata a 926	Corôa, 5 shillings	28,276	5.811	2,052
	Meia corôa	14,138	2.905	1.006
	Duplo florim, 4 shillings	22,620	4.648	1.640
	Florim, 2 shillings	11,300	2.325	820
	Shilling	5,655	1.161	410
	6 pence	2,828	0.580	205
	4 pence (groat) (*)	1,885	0.387	137
	3 pence	1,414	0.291	101
	2 pence	0,942	0.195	21
	Penny	0,471	0.097	25
Prata a 893	Escudo de banco ou dollar de Jorge III.	28,717	5.22	1.860
	5 shillings	13,030	3.19	1.127
	1 shilling	8,015	1.59	562

(*) Essas moedas são cunhadas exclusivamente para a distribuição da *caridade real*, no dia da quinta-feira santa de cada anno. O lord grão esmoler e a deão de Windsor, seguidos de numeroso pessoal da aristocracia e do alto clero, distribuem, em nome do soberano, vestuarios e dinheiro a tantos pobres de ambos sexos quantos são os annos do monarcha; o numero de peças de moeda em cada bolsa, é tambem igual ao dos dictos annos. Cunham-se cada anno 193 libras d'essas moedinhas; as sobras, depois da distribuição, são remettidas á rainha, Este uso remonta a Carlos II, 1666.

A SUL AMERICA

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

Séde social — Rua do Ouvidor, 56

RIO DE JANEIRO

Succursaes e Agencias em todos os Estados da União e em varios paizes Sul Americanos

FUNDOS DE GARANTIA

Mais de 21 mil contos de réis

SINISTROS PAGOS EM 12 ANNOS

Mais de 12 mil contos

MAIORES GARANTIAS E MAIORES VANTAGENS

Sómente se encontram na SUL AMERICA

PEÇA PROSPECTOS

CAMBIO

Valor dos metaes e das moedas dos principaes paizes que têm relações commerciaes com o Brasil segundo o estado do cambio entre o Brasil e a Inglaterra.

Cambio sobre Inglaterra: Dinheiros por 1$000 Rs.	Inglaterra		França 1)	Portugal	Allemanha	Estados Unidos	Uruguai	Repub. Argent.	Premio do ouro	Desc. do papel
	Valor da £	Valor do shilling	Valor do franco	Valor de 1$000 réis fortes	Valor do reichsmark	Valor do dollar	Valor do peso	Valor do peso	%	%
6—	40$000	2$000	1$589	8$899	1$962	8$235	8$510	7$945	350,00	77,78
1/16	39$587	1$979	1$572	8$807	1$941	8$151	8$422	7$863	345,36	77,55
1/8	39$183	1$959	1$556	8$717	1$921	8$067	8$335	7$770	340,82	77,31
3/16	38$787	1$939	1$541	8$629	1$902	7$986	8$252	7$704	336,36	77,08
1/4	38$400	1$920	1$525	8$543	1$883	7$906	8$170	7$627	332,00	76,85
5/16	38$019	1$900	1$510	8$458	1$864	7$828	8$089	7$552	327,72	76,62
3/8	37$647	1$882	1$495	8$375	1$846	7$751	8$010	7$478	323,53	76,39
7/16	37$281	1$864	1$481	8$294	1$828	7$676	7$932	7$405	319,42	76,16
1/2	36$923	1$846	1$466	8$214	1$811	7$602	7$855	7$334	315,38	75,93
9/16	36$571	1$828	1$452	8$136	1$793	7$530	7$781	7$264	311,43	75,69
5/8	36$226	1$811	1$439	8$059	1$776	7$458	7$707	7$195	307,55	75,46
11/16	35$887	1$794	1$425	7$984	1$760	7$389	7$635	7$128	303,74	75,23
3/4	35$555	1$777	1$412	7$910	1$744	7$320	7$565	7$062	300,00	75,00
13/16	35$229	1$761	1$399	7$837	1$728	7$253	7$495	6$997	296,33	74,77
7/8	34$909	1$745	1$386	7$766	1$712	7$187	7$423	6$934	292,73	74,54
15/16	34$594	1$729	1$374	7$696	1$696	7$122	7$360	6$871	289,19	74,31
7—	34$285	1$714	1$362	7$627	1$681	7$059	7$292	6$810	285,71	74,07
1/16	33$982	1$699	1$350	7$560	1$666	6$996	7$230	6$750	282,30	73,84
1/8	33$684	1$684	1$338	7$493	1$652	6$935	7$166	6$690	278,95	73,61
3/16	33$391	1$669	1$326	7$428	1$637	6$875	7$104	6$632	275,65	73,38
1/4	33$103	1$655	1$315	7$364	1$623	6$815	7$043	6$575	272,41	73,15
5/16	32$820	1$641	1$303	7$301	1$609	6$757	6$983	6$519	269,23	72,92
3/8	32$542	1$627	1$292	7$239	1$596	6$700	6$923	6$464	266,10	72,68
7/16	32$268	1$613	1$282	7$179	1$582	6$644	6$865	6$409	263,02	72,45
1/2	32$000	1$600	1$271	7$119	1$569	6$588	6$808	6$356	260,00	72,22
9/16	31$735	1$586	1$260	7$060	1$556	6$534	6$752	6$303	257,02	71,99
5/8	31$475	1$573	1$250	7$002	1$543	6$480	6$696	6$252	254,10	71,76
11/16	31$219	1$560	1$240	6$945	1$531	6$428	6$642	6$201	251,22	71,53
3/4	30$967	1$548	1$230	6$889	1$518	6$376	6$588	6$151	248,39	71,30
13/16	30$720	1$536	1$220	6$834	1$506	6$325	6$536	6$102	245,60	71,06
7/8	30$476	1$523	1$210	6$780	1$494	6$275	6$484	6$053	242,86	70,83
15/16	30$236	1$511	1$201	6$726	1$483	6$225	6$433	6$006	240,16	70,60
8—	30$000	1$500	1$191	6$674	1$471	6$176	6$382	5$959	237,50	70,37
1/16	29$767	1$488	1$182	6$622	1$460	6$129	6$333	5$912	234,88	70,14
1/8	29$538	1$476	1$173	6$571	1$448	6$081	6$284	5$867	232,31	69,91
3/16	29$312	1$465	1$164	6$521	1$437	6$035	6$236	5$822	229,77	69,68
1/4	29$090	1$454	1$155	6$472	1$426	5$989	6$189	5$778	227,27	69,45
5/16	28$872	1$443	1$147	6$423	1$416	5$944	6$143	5$734	224,81	69,22
3/8	28$656	1$432	1$138	6$375	1$405	5$900	6$097	5$692	222,39	68,98
7/16	28$444	1$422	1$130	6$328	1$395	5$856	6$052	5$650	220,00	68,75
1/2	28$235	1$411	1$121	6$281	1$384	5$813	6$007	5$608	217,65	68,52
9/16	28$029	1$401	1$113	6$235	1$374	5$771	5$963	5$567	215,33	68,29

1) A columna relativa ao valor do franco de França serve tambem para os *francos belgas* e *suissos*, para as *liras italianas* e para as *drachmas gregas*.

BANCO DO BRASIL

BALANÇO EXTRAHIDO DO RELATORIO APRESENTADO Á ASSEMBLÊA GERAL DOS ACCIONISTAS

Em Abril de 1908

BALANÇO EM 28 DE JUNHO DE 1907

Activo

Acções a emittir		25.000:000$000
Apolices em garantia do fundo de reserva		91:018$100
Contas correntes garantidas		19.713:969$209
Letras descontadas		30.920:685$307
Letras a receber		1.049:048$250
Valores caucionados		41.217:220$223
Valores depositados		42.249:000$191
Agentes no Brasil e na Europa		11.243:019$934
Titulos do Banco :		
£ 1.130.000 a 27	10.045:700$000	
Outros titulos	42:256$500	10.087:956$500
Titulos em liquidação		448:178$094
Edificio e mobilia do Banco		1.430:000$000
Diversas contas		21.550:631$175
Caixa		32.309:585$675
		237.310:312$658

Passivo

Capital		70.000:000$000
Fundo de reserva		195:275$415
Contas correntes sem juros		15.939:094$255
Contas correntes com juros		18.425:031$350
Contas correntes do exterior		201:610$265
Contas correntes a prazo fixo		192:385$230
Agentes no Brazil e na Europa		13.598:441$560
Letras a premio		4.051:928$770
Depositos judiciaes		2.329:873$974
Depositantes de titulos e valores		83.466:220$414
Thesouro Federal, c/corrente		17.703:006$301
Thesouro Federal, c/cambiaes £ 1.000.000 a 27		8.888:888$880
Bonus		231:380$000
Dividendos do Banco :		
Saldo de 1º a pagar	59:868$000	
2º de 4 % a distribuir	900:000$000	959:868$000
Diversas contas		1.112:343$900
Lucros o perdas		11:964$344
		237.310:312$658

Rio de Janeiro, 9 de Julho de 1907. — *A. Mesquita*, chefe da contabilidade. — *João Ribeiro de Oliveira e Souza*, presidente.

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA DE LUCROS E PERDAS EM 28 DE JUNHO de 1907

Debito

A juros :			
Pelos accumulos ás letras a premio	152:603$936		
Menos: os pertencentes ao futuro semestre	80:670$750	71:933$186	
Pelos creditos a diversos durante o semestre		303:604$850	375:538$036

A descontos :		
Pelos redescontos durante o semestre		1:455$100
A commissões :		
Pelas creditadas a diversos, durante o semestre		9:952$750
A despezas de administração :		
Saldo desta conta		501:913$078
A fundo de reserva :		
10 % sobre os lucros liquidos verificados por balanço desta data		103:829$371
A dividendos do Banco :		
Pelo 2º a distribuir sobre 225.000 acções á razão de 4$		900:000$000
A porcentagem da directoria :		
1/2 % sobre o dividendo de 900:000$000		22:500$000
Sáldo para o semestre seguinte		11:964$344
		1.927:152$739

Credito

Saldo do semestre anterior		15:826$900
De juros :		
Pelos debitados a diversos durante o semestre		625:809$910
De descontos :		
Pelos de letras commerciaes durante o semestre	1.219:512$647	
Menos: os pertencentes ao futuro semestre	222:342$770	997:169$877
Pelos de letras a premio durante o semestre	958$060	998:127$937
De juros de titulos do Banco :		
Saldo desta conta		222:578$174
De commissões :		
Pelas debitadas a diversos durante o semestre		60:872$318
De despezas de administração :		
Porcentagem sobre o 1º dividendo deste Banco, não recebida pelo Sr. Presidente		3:937$500
		1.927:152$739

A. Mesquita, Chefe da Contabilidade.

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1907

Activo

Acções a emittir		25.000:000$000
Apolices em garantia do fundo de reserva		194:617$000
Contas correntes garantidas		24.833:208$451
Letras descontadas		35.103:972$630
Letras a receber		1.634:927$198
Valores caucionados		55.479:142$187
Valores depositados		37.695:099$051
Agentes no Brasil e na Europa		33.885:641$768
Titulos do Banco :		
£ 1.130.000 a 27 d	10.045:700$000	
Outros titulos	652:227$500	10.697:927$500
Titulos em liquidação		448:178$094
Edificio e mobilia do Banco		1.400:000$000
Diversas contas		15.979:223$686
Caixa		31.886:076$285
		274.268:013$850

Passivo

Capital		70.000:000$000
Fundo de reserva		413:888$378
Contas correntes sem juros		45.789:190$512
Contas correntes com juros		31.671:784$231
Contas correntes do exterior		168:540$865
Contas correntes a prazo fixo		250:281$850
Agentes no Brasil e na Europa		12.465:188$509
Letras a premio		4.834:394$130
Depositos judiciaes		2.106:829$196
Depositantes de titulos e valores		93.174:211$238
Thesouro Federal, c/corrente		787:209$934
Thesouro Federal, c/cambiaes £ 1.000.000 a 27		8.888:888$880
Bonus		171:620$000
Dividendos do Banco :		
Saldo do 1º e 2º a pagar	98:197$500	
3º de 6 % a distribuir	1.350:000$000	1.448:197$500
Diversas contas		1.513:991$655
Lucros e perdas		583:766$672
		274.268:013$850

Rio de Janeiro, 9 de Janeiro de 1908. — *A. Mesquita*, Chefe da contabilidade.
João Ribeiro de Oliveira e Souza, presidente.

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA DE LUCROS E PERDAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1907

Debito

A juros :			
Pelos accumulados ás letras a premio.	201:041$331		
Menos : os pertencentes ao futuro semestre	84:899$010	116:142$321	
Pelos creditos a diversos durante o semestre		294:907$990	411:050$311
A descontos :			
Pelos redescontos durante o semestre			8:781$710
A commissões :			
Pelas creditadas a diversos durante o semestre			11:279$066
A despezas de administração :			
Saldo desta conta			523:962$416
A fundo de reserva :			
10 % sobre os lucros liquidos verificados por balanço desta data			218:612$963
A dividendos do Banco :			
Pelo 3º a distribuir sobre 225.000 acções á razão de 6$000			1.350:000$000
A porcentagem da Directoria :			
1/2 % sobre o dividendo de 1.350:000$000			33:750$000
Saldo para o semestre seguinte			583:766$672
			3.141:203$138

Credito

Saldo do semestre anterior			11:964$344
De juros :			
Pelos debitados a diversos durante o semestre			862:251$410
De descontos :			
Pelos de letras commerciaes durante o semestre	1.720:227$737		
Menos : os pertencentes ao futuro semestre	441:318:$000	1.278:909$737	
Pelos de letras a premio durante o semestre		3:075$730	1.231:985$467

De juros de titulos de Banco :	
Saldo desta conta.....	241:634$050
De commissões :	
Pelas debitadas a diversos durante o semestre.....	73:806$113
De operações de cambios :	
Saldo desta conta.....	669:561$454
	3.141:203$138

A. Mesquita, Chefe da Contabilidade.

Agencia do Banco do Brasil-Manáos

BALANCETE EM 29 DE FEVEREIRO DE 1908

Debito		Credito	
Contas correntes garantidas.....	971:970$180	Contas correntes sem juros.....	628:982$960
Letras descontadas....	1.015:040$000	Contas correntes com juros.....	237:165$800
Letras a receber.....	62:999$150	Letras a premio.....	1:057$660
Valores caucionados...	4.903:162$977	Banco do Brasil, c/corrente.....	5.445:191$605
Valores depositados...	109:167$390	Banco do Brasil, c/de cobranças.....	57:819$900
Despezas de installação.	26:854$510	Depositantes de titulos a valores.....	5.012:330$367
Mobilia.....	22:429$300	Lucros e perdas.....	56:652$680
Contas correntes com. juros	424:615$380		
Diversas contas.....	129:434$550		
Caixa.....	3.827:527$535		
	11.493:200$972		11.493:200$972

Manáos, 29 de Fevereiro de 1908.

José Joaquim Monteiro de Andrade, gerente. — *C. Pinto*, contador. — *Créso de Almeida Miranda*, escripturario.

BANCO ALLIANÇA

Fundado em 1863

Capital Reis Fortes 4.000:000$000

Caixa Filial no Rio de Janeiro

106, RUA DO ROSARIO, 106

Saques, cartas de credito e de ordens sobre

Portugal, Ilhas, Hespanha, Italia, França, Londres, Allemanha, Hollanda, Belgica e Suissa.

Saques telegraphicos sobre Portugal, Hespanha, Paris e Londres

O Banco Alliança não tem outras succursaes no Rio de Janeiro.

Cambio sobre Inglaterra: Dinheiros por 1$000 Rs.	Inglaterra		França 1)	Portugal	Allemanha	Estados Unidos	Uruguai	Republ. Argent.	Premio do ouro	Desc. do papel
	Valor da £	Valor do schilling	Valor do franco	Valor de 1$000 réis fortes	Valor do reischmark	Valor do dollar	Valor do peso	Valor do peso	%	%
8 5/8	27$826	1$391	1$105	6$190	1$364	5$729	5$920	5$527	213,04	68,06
11/16	27$625	1$381	1$097	6$146	1$355	5$688	5$877	5$487	210,79	67,83
3/4	27$428	1$371	1$089	6$102	1$345	5$647	5$835	5$448	208,57	67,59
13/16	27$234	1$361	1$082	6$058	1$335	5$607	5$794	5$409	206,38	67,36
7/8	27$042	1$352	1$074	6$016	1$326	5$567	5$753	5$371	204,22	67,13
15/16	26$853	1$342	1$066	5$974	1$317	5$529	5$713	5$334	202,10	66,90
9—	26$666	1$333	1$059	5$932	1$308	5$490	5$673	5$296	200,00	66,67
1/16	26$482	1$324	1$052	5$891	1$298	5$452	5$634	5$260	197,93	66,44
1/8	26$301	1$315	1$044	5$851	1$290	5$415	5$596	5$224	195,89	66,21
3/16	26$122	1$306	1$037	5$811	1$281	5$378	5$557	5$188	193,88	65,97
1/4	25$945	1$297	1$030	5$772	1$272	5$342	5$520	5$153	191,89	65,74
5/16	25$771	1$288	1$023	5$733	1$264	5$306	5$483	5$119	189,93	65,51
3/8	25$600	1$280	1$017	5$695	1$255	5$271	5$446	5$085	188,00	65,28
7/16	25$430	1$271	1$010	5$657	1$247	5$236	5$410	5$051	186,09	65,05
1/2	25$263	1$263	1$003	5$620	1$239	5$201	5$375	5$018	184,21	64,82
9/16	25$098	1$254	$997	5$583	1$23	5$167	5$340	4$985	182,35	64,59
5/8	24$935	1$246	$990	5$547	1$223	5$134	5$305	4$952	180,52	64,35
11/16	24$774	1$238	$984	5$511	1$215	5$100	5$271	4$921	178,71	64,12
3/4	24$615	1$230	$977	5$476	1$207	5$068	5$237	4$889	176,92	63,89
13/16	24$458	1$222	$971	5$441	1$199	5$036	5$203	4$858	175,16	63,66
7/8	24$303	1$215	$965	5$407	1$192	5$004	5$171	4$827	173,42	63,43
15/16	24$150	1$207	$959	5$373	1$184	4$972	5$138	4$797	171,70	63,20
10—	24$000	1$200	$953	5$339	1$177	4$941	5$104	4$767	170,00	62,96
1/16	23$850	1$192	$947	5$306	1$169	4$910	5$074	4$737	168,32	62,73
1/8	23$703	1$185	$941	5$273	1$162	4$880	5$043	4$708	166,67	62,50
3/16	23$558	1$177	$935	5$241	1$155	4$850	5$012	4$679	165,03	62,27
1/4	23$414	1$170	$930	5$209	1$148	4$821	4$981	4$650	163,41	62,04
5/16	23$272	1$163	$924	5$177	1$141	4$791	4$951	4$622	161,82	61,81
3/8	23$132	1$156	$919	5$146	1$134	4$762	4$921	4$594	160,24	61,58
7/16	22$994	1$149	$913	5$115	1$127	4$734	4$892	4$567	158,68	61,34
1/2	22$857	1$142	$908	5$085	1$121	4$706	4$863	4$540	157,14	61,11
9/16	22$721	1$136	$902	5$055	1$114	4$678	4$834	4$513	155,62	60,88
5/8	22$588	1$129	$897	5$025	1$107	4$650	4$806	4$486	154,12	60,65
11/16	22$456	1$122	$892	4$995	1$101	4$623	4$777	4$460	152,63	60,42
3/4	22$325	1$116	$886	4$966	1$095	4$596	4$750	4$434	151,16	60,19
13/16	22$196	1$109	$881	4$938	1$088	4$570	4$722	4$408	149,71	59,95
7/8	22$068	1$103	$876	4$909	1$082	4$543	4$695	4$383	148,27	59,72
15/16	21$942	1$097	$871	4$881	1$076	4$518	4$668	4$358	146,86	59,49
11—	21$818	1$090	$866	4$854	1$070	4$492	4$642	4$333	145,45	59,26
1/16	21$694	1$084	$861	4$826	1$064	4$466	4$615	4$309	144,07	59,03
1/8	21$573	1$078	$857	4$799	1$058	4$441	4$590	4$285	142,70	58,90
3/16	21$452	1$072	$852	4$772	1$052	4$417	4$564	4$261	141,34	58,57
1/4	21$333	1$066	$847	4$746	1$046	4$392	4$539	4$237	140,00	58,33
5/16	21$215	1$060	$842	4$719	1$040	4$368	4$513	4$214	138,67	58,10
3/8	21$098	1$054	$838	4$693	1$034	4$344	4$489	4$190	137,36	57,87
7/16	20$983	1$049	$833	4$668	1$029	4$320	4$464	4$168	136,07	57,64

1) A columna relativa ao valor do franco de França, serve tambem para os *francos belgas* e *suissos*, para as *liras italianas* e para as *drachmas gregas*.

BANCO COMMERCIALE

Italo Brasiliano

SOCIEDADE ANONYMA

Capital Social : 5.000:000$000

Fundo de Reserva : 1.000:000$000

Rio de Janeiro, S. Paulo,

Santos, Botucatú, Espirito Santo, Ribeirão Preto,

S. Carlos do Pinhal.

Dinheiro em conta corrente — Descontos — Lettras

Vales para a Italia

e para todos os paizes do mundo.

Remessas telegraphicas, Cambio, Cobranças,

Depositos a prazo fixo.

45, Rua Primeiro de Março, 45

RIO DE JANEIRO

31, Rua 15 de Novembro, 31

S. PAULO

Cambio sobre Inglaterra: Dinheiros por 1$000 Rs	Inglaterra		França 1)	Portugal	Allemanha	Estados Unidos	Uruguai	Republ. Argent.	Premio do ouro	Desc. do papel
	Valor da £	Valor do shilling	Valor do franco	Valor de 1$000 réis fortes	Valor do reichsmark	Valor do dollar	Valor do peso	Valor do peso	%	%
11½	20$869	1$043	$829	4$642	1$023	4$297	4$440	4$145	134,78	57,41
9/16	20$756	1$037	$824	4$617	1$018	4$273	4$416	4$122	133,51	57,18
5/8	20$645	1$032	$820	4$593	1$012	4$250	4$392	4$100	132,26	56,95
11/16	20$534	1$026	$815	4$568	1$007	4$228	4$369	4$078	131,02	56,71
3/4	20$425	1$021	$811	4$544	1$001	4$205	4$345	4$057	129,79	56,48
13/16	20$317	1$015	$807	4$520	$996	4$183	4$322	4$035	128,57	56,25
7/8	20$210	1$010	$802	4$496	$991	4$161	4$300	4$014	127,37	56,02
15/16	20$104	1$005	$798	4$472	$986	4$139	4$277	3$993	126,18	55,79
12—	20$000	1$000	$794	4$449	$981	4$117	4$248	3$972	125,00	55,56
1/16	19$896	$994	$790	4$426	$975	4$096	4$233	3$952	123,83	55,33
1/8	19$793	$989	$786	4$403	$970	4$075	4$211	3$931	122,68	55,10
3/16	19$692	$984	$782	4$381	$965	4$054	4$189	3$911	121,54	54,86
1/4	19$591	$979	$778	4$358	$960	4$033	4$168	3$891	120,41	54,63
5/16	19$492	$974	$774	4$336	$956	4$013	4$147	3$871	119,29	54,40
3/8	19$393	$969	$770	4$314	$951	3$993	4$126	3$852	118,18	54,17
7/16	19$296	$964	$766	5$293	$946	3$973	4$105	3$833	117,09	53,94
1/2	19$200	$960	$762	4$271	$941	3$953	4$085	3$813	116,00	53,71
9/16	19$104	$955	$759	4$250	$937	3$933	4$064	3$794	114,93	53,47
5/8	19$009	$950	$755	4$229	$932	3$914	4$044	3$776	113,86	53,24
11/16	18$916	$945	$751	4$208	$927	3$894	4$024	3$757	112,80	53,01
3/4	18$823	$941	$747	4$187	$923	3$875	4$005	3$739	111,76	52,78
13/16	18$731	$936	$744	4$167	$918	3$856	3$985	3$721	110,73	52,55
7/8	18$640	$932	$740	4$147	$914	3$838	3$966	3$702	109,70	52,32
15/16	18$550	$927	$737	4$127	$909	3$819	3$946	3$685	108,69	52,09
13—	18$461	$923	$733	4$107	$905	3$801	3$927	3$667	107,69	51,85
1/16	18$373	$918	$729	4$087	$901	3$783	3$909	3$649	106,69	51,62
1/8	18$285	$914	$726	4$068	$896	3$765	3$890	3$632	105,70	51,38
3/16	18$199	$909	$723	4$048	$892	3$747	3$872	3$615	104,73	51,15
1/4	18$113	$905	$719	4$029	$888	3$729	3$853	3$598	103,77	50,92
5/16	18$028	$901	$716	4$010	$884	3$711	3$835	3$581	102,81	50,69
3/8	17$943	$897	$712	3$992	$880	3$694	3$817	3$564	101,86	50,46
7/16	17$860	$893	$709	3$973	$876	3$677	3$800	3$547	100,93	50,23
1/2	17$777	$888	$706	3$955	$872	3$660	3$782	3$531	100,00	50,00
9/16	17$695	$884	$703	3$936	$867	3$643	3$765	3$515	99,07	49,76
5/8	17$614	$880	$699	3$918	$864	3$626	3$747	3$499	98,16	49,54
11/16	17$534	$876	$696	3$900	$860	3$610	3$730	3$483	97,26	49,30
3/4	17$454	$872	$693	3$883	$856	3$593	3$713	3$467	96,36	49,07
13/16	17$375	$868	$690	3$865	$852	3$577	3$696	3$451	95,47	48,84
7/8	17$297	$864	$687	3$848	$848	3$561	3$680	3$436	94,59	48,61
15/16	17$219	$860	$684	3$830	$844	3$545	3$663	3$420	93,71	48,38
14—	17$142	$857	$681	3$813	$840	3$529	3$647	3$405	92,85	48,14
1/16	17$066	$853	$678	3$796	$837	3$514	3$631	3$390	91,99	47,91
1/8	16$991	$849	$675	3$780	$833	3$498	3$615	3$375	91,15	47,68
3/16	16$916	$845	$672	3$763	$829	3$483	3$599	3$360	90,30	47,45
1/4	16$842	$842	$669	3$746	$826	3$467	3$583	3$345	89,47	47,22
5/16	16$768	$838	$666	3$730	$822	3$452	3$565	3$331	88,64	46,99

1) A columna relativa ao valor do franco de França serve tambem para os *francos belgas* e *suissos*, para as *liras italianas* e para as *drachmas gregas*.

THE BRITISH BANK
OF
South America, Ltd.

Casa Matriz :

2-A, MOORGATE STREET (London, E. C.)

Capital subscripto. £ 1,000,000 | Capital realisado.... £ 500.000
Fundo de Reserva..... £ 425,000

Filiaes : S. Paulo, Bahia, Buenos Ayres, Montevidéo e Rosario.

Agentes em Santos : F. S. Hempshire e C. Limited,

Correspondentes em : Manáos, Pará, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Maceió, Curityba, Paranaguá, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Pelotas e Porto Alegre.

Sacca sobre a « Casa Matriz » de Londres e tambem sobre : The London Joint Stock Bank Limited=London e cidades principaes da Inglaterra.

Heine e Co	Paris.
Banque de Bordeaux	Bordeaux.
J. Berenberg, Gossler e Co	Hamburgo.

e Correspondentes na Allemanha.

Ressi e Co	Milão.
Banca Commerciale Italiana	Genova.
Societá Bancaria Italiana	Genova.

e Correspondentes na Italia.

E. Sainz e Hijos	Madrid.
Garcia Calamarte e Co	Madrid.

e Correspondentes na Hespanha.

Crédit Franco-Portugais	Porto.
Banco de Portugal	Lisboa.

e Correspondentes em Portugal.

The Bank of New-York N. B. A.	New-York.

Tambem sacca sobre « Africa do Sul » — Australia — Nova Zelandia e as principaes cidades da costa Occidental da America do Sul.

Abre Contas Correntes — Recebe depositos em Conta Corrente e a prazo fixo e faz qualquer outra operação bancaria.

Cambio sobre Inglaterra: Dinheiros por 1$000 Rs.	Inglaterra		França 1)	Portugal	Allemanha	Estados Unidos	Uruguay	Republ. Argent.	Premio do ouro	Desc. do papel
	Valor da £	Valor do schilling	Valor do franco	Valor de 1$000 réis fortes	Valor do reichsmark	Valor do dollar	Valor do peso	Valor do peso	%	%
14 3/8	16$695	$834	$663	3$714	$818	3$437	3$552	3$316	87,82	46,75
7/16	16$623	$831	$660	3$698	$815	3$422	3$536	3$302	87,01	46,52
1/2	16$551	$827	$657	3$682	$811	3$407	3$521	3$287	86,20	46,29
9/16	16$480	$824	$654	3$666	$808	3$393	3$506	3$273	85,40	46,06
5/8	16$410	$820	$651	3$650	$804	3$378	3$491	3$259	84,61	45,83
11/16	16$340	$817	$649	3$635	$801	3$364	3$476	3$246	83,82	45,60
3/4	16$271	$813	$646	3$619	$798	3$350	3$461	3$232	83,05	45,37
13/16	16$202	$810	$643	3$604	$794	3$336	3$447	3$218	82,27	45,13
7/8	16$134	$806	$641	3$589	$791	3$322	3$432	3$205	81,51	44,90
15/16	16$066	$803	$638	3$574	$788	3$308	3$418	3$191	80,75	44,67
15—	16$000	$800	$635	3$559	$784	3$294	3$404	3$178	80,00	44,44
1/16	15$933	$796	$633	3$544	$781	3$280	3$390	3$165	79,25	44,21
1/8	15$867	$793	$630	3$530	$778	3$267	3$376	3$152	78,51	43,98
3/16	15$802	$790	$627	3$515	$775	3$253	3$362	3$139	77,77	43,75
1/4	15$737	$786	$625	3$501	$771	3$240	3$348	3$126	77,04	43,51
5/16	15$673	$783	$622	3$486	$768	3$227	3$334	3$113	76,32	43,28
3/8	15$609	$780	$620	3$472	$765	3$214	3$321	3$100	75,60	43,03
7/16	15$546	$777	$617	3$458	$762	3$201	3$307	3$088	74,89	42,82
1/2	15$483	$774	$615	3$444	$759	3$188	3$294	3$075	74,18	42,59
9/16	15$421	$771	$612	3$430	$756	3$175	3$281	3$063	73,49	42,36
5/8	15$360	$768	$610	3$417	$753	3$162	3$268	3$051	72,80	42,13
11/16	15$298	$764	$607	3$403	$750	3$150	3$255	3$039	72,11	41,89
3/4	15$238	$761	$605	3$390	$747	3$137	3$242	3$027	71,42	41,66
13/16	15$177	$758	$603	3$376	$744	3$125	3$229	3$015	70,75	41,43
7/8	15$118	$755	$600	3$363	$741	3$112	3$216	3$003	70,07	41,20
15/16	15$058	$752	$598	3$350	$738	3$100	3$204	2$991	69,41	40,97
16—	15$000	$750	$595	3$337	$735	3$088	3$191	2$979	68,75	40,74
1/16	14$941	$747	$593	3$324	$732	3$076	3$179	2$968	68,09	40,50
1/8	14$883	$744	$591	3$311	$730	3$064	3$166	2$956	67,44	40,27
3/16	14$826	$741	$589	3$298	$727	3$052	3$154	2$945	66,79	40,04
1/4	14$769	$738	$586	3$285	$724	3$040	3$142	2$933	66,15	39,81
5/16	14$712	$735	$584	3$273	$721	3$029	3$130	2$922	65,51	39,58
3/8	14$656	$732	$582	3$260	$718	3$017	3$118	2$911	64,88	39,35
7/16	14$600	$730	$580	3$248	$716	3$006	3$106	2$900	64,25	39,12
1/2	14$545	$727	$577	3$236	$713	2$994	3$094	2$889	63,63	38,88
9/16	14$490	$724	$575	3$223	$710	2$983	3$083	2$878	63,01	38,65
5/8	14$436	$721	$573	3$211	$708	2$972	3$071	2$867	62,40	38,42
11/16	14$382	$719	$571	3$199	$705	2$961	3$060	2$856	61,79	38,19
3/4	14$328	$716	$569	3$187	$702	2$950	3$048	2$846	61,19	37,96
13/16	14$275	$713	$567	3$175	$700	2$939	3$037	2$835	60,59	37,73
7/8	14$222	$711	$565	3$164	$697	2$928	3$026	2$825	60,00	37,50
15/16	14$169	$708	$562	3$152	$695	2$917	3$014	2$814	59,40	37,26
17—	14$117	$705	$560	3$140	$692	2$906	3$003	2$804	58,82	37,03

1) A columna relativa ao valor do franco de França serve tambem para os *francos belgas* e *suissos*, para as *liras italianas* e para as *drachmas gregas*.

Brasilianische Bank für Deutschland

FUNDADO EM HAMBURGO EM 16 DE DEZEMBRO DE 1887

PELA

Direction der Disconto Gesellschaft em Berlin

E

NORDDEUTSCHE BANK IN HAMBURG (EM HAMBURGO)

Capital realisado 10.000.000 -- Marcos

CAIXA MATRIZ EM HAMBURGO

CAIXAS FILIAES

RIO DE JANEIRO ..... **Rua da Quitanda, n. 109**

CAIXA DO CORREIO 108

S. PAULO ..... **Rua Quinze de Novembro, n. 42**

CAIXA DO CORREIO 520

SANTOS ..... **Rua Quinze de Novembro, n. 57**

CAIXA DO CORREIO 185

PORTO ALEGRE ..... **Rua dos Andradas**

CAIXA DO CORREIO 27

Tem correspondentes em todos os portos do Brazil assim como em todas as praças mais importantes do Interior

Endereço Telegraphico para a caixa matriz e todas as filiaes *ALLEMABANK*

Sacca sobre Banqueiros na

ALLEMANHA, FRANÇA,
INGLATERRA, ITALIA,
HESPANHA, PORTUGAL,
AMERICA DO NORTE

e sobre outro qualquer paiz

O Banco abre contas correntes sem e com previo aviso, bonificando juros conforme fôr convencionado, paga juros sobre depositos a prazo fixo, encarrega-se de compra e venda de acções, titulos, etc., e executa transacções bancarias de qualquer especie.

Informações mais detalhadas serão fornecidas a pedido pelas Directorias das diversas filiaes. ●

Um Milreis papel valendo Dinheiros Esterlinos(*)	Inglaterra		França	Alle-manha	Estados Unidos	Brasil	Portugal	Rio da Prata	Agio do OURO	Depreciação do PAPEL
	Shilling	Libra Esterlina	FRANCO	Reichsmark	Dollar	Moeda de ouro de 20$000	Valor de 100$000 fortes OURO	PESO OURO	0/0	0/0
17	705,882	14$117,647	561,125	692,744	2$908,061	31$764,705	314$197,923	2$805,629	58,82	37,03
1/32	704,587	14$091,743	560,096	691,473	2$902,725	31$706,422	313$621,413	2$800,481	58,53	36,92
1/16	703,296	14$065,934	559,070	690,207	2$897,409	31$648,351	313$047,015	2$795,352	58,24	36,80
3/32	702,010	14$040,219	558,048	688,945	2$892,112	31$590,493	312$474,721	2$790,242	57,95	36,68
1/8	700,729	14$014,598	557,030	687,688	2$886,834	31$532,846	311$904,508	2$785,150	57,67	36,57
5/32	699,453	13$989,071	556,015	686,435	2$881,576	31$475,409	311$336,375	2$780,077	57,38	36,45
3/16	698,181	13$963,636	555,004	685,187	2$876,337	31$418,181	310$770,309	2$775,022	57,09	36,34
7/32	696,914	13$938,294	553,996	683,943	2$870,935	31$361,141	310$206,100	2$769,984	56,80	36,22
1/4	695,652	13$913,043	552,993	682,704	2$865,917	31$304,347	309$644,330	2$764,968	56,52	36,11
9/32	694,394	13$887,884	551,993	681,470	2$860,733	31$247,739	309$084,394	2$759,968	56,23	35,99
5/16	693,140	13$862,815	550,997	680,240	2$855,569	31$191,335	308$526,480	2$754,986	55,95	35,87
11/32	691,891	13$837,837	550,004	679,014	2$850,424	31$135,135	307$970,577	2$750,022	55,67	35,76
3/8	690,647	13$812,949	549,015	677,793	2$845,297	31$079,136	307$416,673	2$745,076	55,39	35,64
13/32	689,407	13$788,150	548,029	676,576	2$840,189	31$023,339	306$864,758	2$740,148	55,12	35,53
7/16	688,172	13$763,440	547,047	675,364	2$835,099	30$967,741	306$314,821	2$735,237	54,84	35,41
15/32	686,940	13$738,819	546,068	674,155	2$830,027	30$912,343	305$766,852	2$730,344	54,56	35,30
1/2	685,714	13$714,285	545,093	672,952	2$824,974	30$857,142	305$220,840	2$725,468	54,29	35,18
17/32	684,491	13$689,839	544,122	671,752	2$819,938	30$802,133	304$676,774	2$720,610	54,01	35,06
9/16	683,274	13$665,480	543,153	670,557	2$814,920	30$747,330	304$134,644	2$715,769	53,73	34,95
19/32	682,060	13$641,207	542,189	669,366	2$809,920	30$692,717	303$594,441	2$710,945	53,46	34,83
5/8	680,851	13$617,021	541,227	668,179	2$804,938	30$638,297	303$056,153	2$706,139	53,19	34,72
21/32	679,646	13$592,920	540,269	666,996	2$799,974	30$584,070	302$519,770	2$701,349	52,92	34,60
11/16	678,445	13$568,904	539,315	665,818	2$795,027	30$530,035	301$985,283	2$696,576	52,65	34,49
23/32	677,248	13$544,973	538,364	664,643	2$790,097	30$476,190	301$452,681	2$691,820	52,39	34,37
3/4	676,056	13$521,126	537,416	663,473	2$785,185	30$422,535	300$921,955	2$687,081	52,11	34,25
25/32	674,868	13$497,363	536,471	662,307	2$780,290	30$369,068	300$393,093	2$682,359	51,84	34,14
13/16	673,684	13$473,684	535,530	661,145	2$775,413	30$315,789	299$866,088	2$677,653	51,57	34,02
27/32	672,504	13$450,087	534,592	659,987	2$770,552	30$262,697	299$340,928	2$672,964	51,31	33,91
7/8	671,328	13$426,573	533,658	658,834	2$765,708	30$209,790	298$817,605	2$668,291	51,04	33,79
29/32	670,157	13$403,141	532,726	657,684	2$760,882	30$157,068	298$296,109	2$663,634	50,78	33,68
15/16	668,989	13$379,790	531,798	656,538	2$756,072	30$104,529	297$776,429	2$658,993	50,52	33,56
31/32	667,826	13$356,521	530,873	655,396	2$751,279	30$052,173	297$258,557	2$654,369	50,26	33,44
18	666,666	13$333,333	529,952	654,258	2$746,502	30$000,000	296$742,483	2$649,761	50,00	33,33
1/32	665,511	13$310,225	529,033	653,124	2$741,742	29$948,006	296$228,197	2$645,168	49,74	33,21
1/16	664,359	13$287,197	528,118	651,995	2$736,999	29$896,193	295$715,692	2$640,592	39,48	33,10
3/32	663,212	13$264,248	527,206	650,868	2$732,271	29$844,559	295$204,957	2$636,031	49,22	32,98
1/8	662,068	13$241,379	526,297	649,746	2$727,561	29$793,103	294$695,933	2$631,487	48,96	32,87
5/32	660,929	13$218,588	525,391	648,628	2$722,866	29$741,824	294$188,761	2$626,957	48,70	32,75
3/16	659,793	13$195,876	524,488	647,513	2$718,188	29$690,721	293$683,292	2$622,444	48,45	32,63
7/32	658,662	13$173,241	523,589	646,403	2$713,525	29$639,794	293$179,537	2$617,945	48,19	32,52
1/4	657,534	13$150,684	522,699	645,296	2$708,879	29$589,041	292$677,516	2$613,463	47,94	32,40
9/32	656,410	13$128,205	521,799	644,115	2$704,249	29$538,461	292$177,214	2$608,995	47,69	32,29
5/16	655,290	13$105,802	520,908	643,094	2$699,633	29$488,054	291$678,616	2$604,543	47,44	32,17
11/32	654,173	13$083,475	520,021	641,998	2$695,034	29$437,819	291$181,721	2$600,106	47,18	32,06
3/8	653,061	13$061,224	519,136	640,906	2$690,451	29$387,755	290$686,514	2$595,684	46,93	31,94
13/32	651,952	13$039,049	518,255	639,818	2$685,883	29$337,860	290$192,988	2$591,277	46,68	31,83
7/16	650,847	13$016,949	517,377	638,734	2$681.331	29$288,135	299$701,136	2$586,885	46,44	31,71
15/32	649,746	12$994,923	516,501	637,653	2$676,794	29$238,578	289$210,948	2$582,508	46,19	31,59
1/2	648,648	12$972,972	515,629	636,576	2$672,272	29$189,189	288$722,416	2$573,146	45,94	31,48
17/32	647,554	12$951,096	514,759	635,502	2$667,766	29$139,966	288$235,531	2$573,709	45,70	31,36
9/16	646,464	12$929,292	513,893	634,432	2$663,275	29$090,909	287$750,287	2$569,465	45,45	31,25
19/32	645,378	12$907,563	513,029	633,366	2$658,799	29$042,017	287$266,682	2$565,147	45,21	31,13
5/8	644,295	12$885,906	512,168	632,303	2$654,338	27$993,288	286$784,682	2$560,843	44,96	31,01
21/32	643,216	12$864,321	511,310	031,244	2$649.891	28$944,723	286$304,305	2$556,551	44,72	30,90
11/16	642,140	12$842,809	510,455	630,189	2$645,460	28$896,321	285$825,535	2$552,278	44,48	30,78

(*) Esta primeira columna indica a taxa do Cambio na praça, isto é, o valor do Milreis $ papel em Dinheiros Esterlinos (Pence) e suas fracções (1 Libra = 240 Dinheiros). As outras, excepto as duas ultimas, o valor das diversas moedas (Ouro) em Milreis, Reis e Milesimos de Reis papel.

THE LONDON

and

River Plate Bank Limited

ESTABLISHED 1862

Subscribed Capital	**£ 2,000,000**
Realized de	**£ 1,200,000**
Reserve Fund	**£ 1,200,000**

19 and 21, RUA DA ALFANDEGA

and RUA DA QUITANDA, 82

And at London — Paris — New-York, Santos, São Paulo, Pernambuco, Pará, Buenos Aires, Rosario, Mendoza, Concordia, Bahia Blanca, Barracas, Montevidéo, Paysandú, Salto and Valparaiso.

AGENCIES IN BRAZIL

Manáos, Maranhão, Ceará, Maceió, Bahia, Victoria, Curityba, Rio Grande do Sul, Pelotas and Porto Alegre.

Correspondents in all other chief towns of Brazil.

BILLS OF EXCHANGE issued and purchased on the following places : — LONDON and all the principal towns of the UNITED KINGDOM.

PARIS and all the principal towns of FRANCE and of GERMANY, PORTUGAL and ITALY also on the ARGENTINE REPUBLIC, URUGUAY, CHILE, UNITED STATES, CANADA and JAPAN.

CURRENT ACCOUNTS opened with commercial firms and private individuals.

DEPOSITS received for fixed periods o a 30 days notice of withdrawal.

LETTERS OF CREDIT issued.

STOCK and SHARE ORDERS executed and every description of banking business conducted.

TERMS ascertainable on application to the Bank.

Um Milreis papel valendo Dinheiros Esterlinos(*)	Inglaterra		França	Alle-manha	Estados Unidos	Brasil	Portugal	Rio da Prata	Agio do OURO	Depreciação do PAPEL
	Shilling	Libra Esterlina	FRANCO	Reichsmark	Dollar	Meda de ouro de 20$000	Valor de 100$000 fortes OURO	PESO OURO	0/0	0/0
18 23/32	641,068	12$821,368	509,603	629,137	2$641,044	28$848,080	285$348,364	2$548,017	44,24	30,67
3/4	640,000	12$800,000	508,754	628,088	2$636,642	28$800,000	284$872,784	2$543,770	44,00	30,55
25/32	638,935	12$778,702	507,907	627,043	2$632,255	28$752,079	284$398,786	2$539,538	43,76	30,43
13/16	637,873	12$757,475	507,063	626,001	2$627,882	28$704,318	283$926,362	2$535,319	43,52	30,32
27/32	636,815	12$736,318	506,223	624,963	2$623,524	28$656,716	283$455,506	2$531,115	43,28	30,20
7/8	635,761	12$715,231	505,384	623,929	2$619,181	28$609,271	282$986,229	2$526,924	43,04	30,09
29/32	634,710	12$694,214	504,549	622,897	2$614,852	28$561,983	282$518,463	2$522,747	42,80	29,97
15/16	633,663	12$673,267	503,716	621,869	2$610,537	28$514,851	282$052,261	2$518,584	42,56	29,86
31/32	632,619	12$652,388	502,887	620,845	2$606,235	28$467,874	281$587,595	2$514,435	42,33	29,74
19	631,578	12$631,578	502,060	619,824	2$601,949	28$421,052	281$124,458	2$510,300	42,10	29,62
1/32	630,541	12$610,837	501,235	618,806	2$597,677	28$374,384	280$662,841	2$506,178	41,87	29,51
1/16	629,508	12$590,163	500,414	617,792	2$593,420	28$327,868	280$202,738	2$502,071	41,63	29,39
3/32	628,477	12$569,558	499,594	616,780	2$589,174	28$281,505	279$744,141	2$497,974	41,40	29,28
1/8	627,450	12$549,019	498,778	615,773	2$584,943	28$235,294	279$287,043	2$493,892	41,17	29,16
5/32	626,427	12$528,548	497,984	614,768	2$580,726	28$189,233	278$831,436	2$489,824	40,94	29,05
3/16	625,407	12$508,143	497,153	613,767	2$576,523	28$143,322	278$377,313	2$485,769	40,71	28,93
7/32	624,390	12$487,804	496,345	612,769	2$572,334	28$097,589	277$924,667	2$481,727	40,48	28,81
1/4	623,376	12$467,532	495,539	611,774	2$568,158	28$051,948	277$473,491	2$477,698	40,25	28,70
9/32	622,366	12$447,325	494,736	610,783	2$563,995	28$006,482	277$023,776	2$473,683	40,02	28,58
5/16	621,359	12$427,184	493,936	609,794	2$559,847	27$961,165	276$575,518	2$469,680	39,79	28,47
11/32	620,355	12$407,108	493,138	608,809	2$555,711	27$915,993	276$128,708	2$465,690	39,57	28,35
3/8	619,354	12$387,096	492,342	607,827	2$551,589	27$870,967	275$683,394	2$461,713	39,35	28,24
13/32	618,357	12$367,149	491,549	606,848	2$547,480	27$826,086	275$239,404	2$457,749	39,13	28,12
7/16	617,363	12$347,266	490,759	605,873	2$543,381	27$781,350	274$796,897	2$453,798	38,90	28,00
15/32	616,372	12$327,447	489,971	604,900	2$539,302	27$736,757	274$355,821	2$449,851	30,68	27,88
1/2	615,384	12$307,692	489,186	603,931	2$535,233	27$692,307	273$916,138	2$445,933	38,47	27,77
17/32	614,400	12$288,000	488,403	602,965	2$531,176	27$648,000	273$477,872	2$442,019	38,24	27,66
9/16	613,418	12$268,370	487,623	602,001	2$527,133	27$603,833	273$041,007	2$438,118	38,01	27,54
19/32	612,440	12$248,803	486,846	601,041	2$523,102	27$559,808	272$605,534	2$434,230	37,80	27,43
5/8	611,464	12$229,299	486,070	600,084	2$519,085	27$515,923	272$171,449	2$430,354	37,58	27,31
21/32	610,492	12$209,856	485,298	599,130	2$515,080	27$472,178	271$738,744	2$426,490	37,35	27,19
11/16	609,523	12$190,476	484,527	598,179	2$511,088	27$428,571	271$307,413	2$422,638	37,14	27,08
23/32	608,557	12$171,156	483,759	597,231	2$507,111	27$385,103	270$877,427	2$418,799	36,92	26,96
3/4	607,594	12$151,898	482,994	596,286	2$503,141	27$341,772	270$447,345	2$414,972	36,70	26,85
25/32	606,635	12$132,701	482,231	595,344	2$499,187	27$298,578	270$021,596	2$411,157	36,49	26,73
13/16	605,678	12$113,564	481,470	594,405	2$495,245	27$255,520	269$592,572	2$407,354	36,27	26,62
27/32	604,724	12$094,488	480,712	593,469	2$491,315	27$212,598	269$171,134	2$403,562	36,06	26,50
7/8	603,773	12$075,471	479,956	592,536	2$487,398	27$169,811	268$742,909	2$399,783	35,84	26,38
29/32	602,825	12$056,514	479,203	591,606	2$483,493	27$127,158	268$359,013	2$396,016	35,63	26,27
15/16	601,880	12$037,617	478,452	590,678	2$479,601	27$084,639	267$955,439	2$392,260	35,42	26,15
31/32	600,938	12$018,779	477,703	589,754	2$475,720	27$042,253	267$486,181	2$388,517	35,21	26,04
20	600,000	12$000,000	476,957	588,833	2$471,852	27$000,000	267$068,235	2$384,785	35,00	25,92
1/32	599,063	11$981,279	476,212	587,914	2$467,996	26$957,878	266$651,592	2$381,064	34,78	25,81
1/16	598,130	11$962,616	475,471	586,998	2$464,151	26$915,887	266$236,246	2$377,355	34,57	25,69
3/32	597,200	11$944,012	474,731	586,085	2$460,319	26$874,027	265$823,043	2$373,658	34,37	25,57
1/8	596,273	11$925,465	473,994	585,175	2$456,499	26$832,298	265$409,426	2$369,972	34,16	25,46
5/32	595,348	11$906,976	473,259	584,268	2$452,690	26$790,697	264$997,938	2$366,298	33,95	25,34
3/16	594,427	11$888,544	472,527	583,363	2$448,893	26$749,226	264$587,725	2$362,635	33,74	25,23
7/32	593,508	11$870,170	471,796	582,462	2$445,108	26$707,882	264$178,779	2$358,983	33,54	25,11
1/4	592,592	11$851,851	471,068	581,563	2$841,335	26$666,666	263$771,096	2$355,343	33,33	25,00
9/32	591,679	11$833,590	470,342	580,667	2$437,573	26$625,577	263$364,669	2$351,714	33,12	24,88
5/16	590,769	11$815,384	469,619	579,794	2$435,640	26$584,615	262$959,492	2$348,096	32,92	24,76
11/32	589,861	11$797,235	468,897	578,883	2$430,085	26$543,778	262$555,561	2$344,489	32,71	24,65
3/8	588,957	11$779,141	468,178	577,995	2$426,358	26$503,067	262$152,868	2$340,893	32,51	24,53
13/32	588,055	11$761,102	467,461	577,110	2$422,642	26$462,480	261$750,409	2$337,308	32,31	24,42

(*) Esta primeira columna indica a taxa do Cambio na praça, isto é, o valor do Milreis $ papel em Dinheiros Esterlinos (Pence) e suas fracções (1 Libra = 240 Dinheiros). As outras, excepto as duas ultimas, o valordas diversas moedas (Ouro) em Milreis, Reis e Milesimos de Reis papel.

Um Milreis papel valendo Dinheiros Esterlinos(*)	Inglaterra		França	Alle-manha	Estados Unidos	Brasil	Portugal	Rio da Prata	Agio do OURO	Depreciação do PAPEL
	Shilling	Libra Esterlina	FRANCO	Reichsmark	Dollar	Moeda de ouro de 20$000	Valor de 100$000 fortes OURO	PESO OURO	0/0	0/0
20 7/16	587,155	11$743,119	466,746	576,228	2$418,938	26$422,018	261$351,177	2$333,734	32,10	24,30
15/32	586,259	11$725,190	466,034	575,348	2$415,244	26$381,679	260$952,168	2$330,171	31,90	24,18
1/2	585,365	11$707,317	465,323	574,471	2$411,563	26$341,463	260$554,385	2$326,619	31,70	24,07
17/32	584,474	11$689,497	464,615	573,596	2$407,892	26$301,369	260$157,793	2$323,078	31,50	23,95
9/16	583,586	11$671,732	463,909	572,725	2$404,233	26$261,398	259$762,417	2$319,547	31,30	23,84
19/32	582,701	11$654,021	463,205	571,856	2$400,584	26$221,547	259$368,240	2$316,028	31,10	23,72
5/8	581,818	11$636,363	462,503	570,989	2$996,947	26$181,818	258$975,258	2$312,518	30,90	23,61
21/32	580,937	11$618,758	461,804	570,125	2$393,321	26$142,208	258$583,428	2$309,020	30,71	23,49
11/16	580,060	11$601,208	461,106	569,264	2$389,706	26$102,719	258$192,855	2$305,532	30,41	23,37
23/32	579,185	11$583,710	460,411	568,405	2$385,918	26$063,348	257$803,424	2$302,055	30,32	23,26
3/4	578,313	11$566,265	459,717	567,549	2$382,508	26$024,096	257$415,166	2$298,588	30,12	23,14
25/32	577,443	11$548,872	459,026	566,696	2$378,925	25$984,962	257$028,077	2$295,131	29,92	23,03
13/16	576,576	11$531,531	458,337	565,845	2$375,353	25$945,945	256$642,147	2$291,685	29,73	22,91
27/32	575,712	11$514,242	457,649	564,997	2$371,792	25$907,046	256$257,376	2$288,246	29,53	22,80
7/8	574,850	11$497,005	456,964	564,151	2$368,241	25$868,263	255$873,758	2$284,834	29,34	22,68
29/32	573,991	11$479,820	456,281	563,308	2$364,711	25$829,596	255$491,246	2$281,408	29,14	22,56
15/16	573,134	11$462,686	455,600	562,467	2$361,172	25$791,044	255$109,955	2$278,003	28,95	22,45
31/32	572,280	11$445,603	454,921	561,629	2$357,634	25$752,608	254$729,762	2$274,608	28,76	22,33
21	571,428	11$428,571	454,244	560,793	2$354,145	25$714,285	254$332,023	2$271,223	28,57	22,22
1/32	570,579	11$411,589	453,569	559,960	2$350,647	25$676,077	253$972,764	2$267,849	28,38	22,10
1/16	569,732	11$394,658	452,896	559,129	2$347,159	25$637,982	253$596,106	2$264,484	28,19	21,99
3/32	568,888	11$377,777	452,225	558,300	2$343,682	25$600,000	253$220,252	2$ 61,129	28,00	21,87
1/8	568,047	11$360,946	451,556	557,475	2$340,215	25$562,130	252$845,666	2$257,784	27,81	21,75
5/32	567,208	11$344,165	450,889	556,651	2$336,758	25$524,372	252$472,186	2$254,449	27,62	21,64
3/16	566,371	11$327,433	450,224	555,830	2$333,311	25$486,725	252$099,808	2$251,124	27,43	21,52
7/32	565,537	11$310,751	449,561	555,011	2$329,875	25$449,189	251$728,527	2$247,809	27,24	21,40
1/4	564,705	11$294,117	448,900	554,195	2$326,449	25$411,764	251$358,338	2$244,503	27,05	21,29
9/32	563,876	11$277,533	448,241	553,381	$323,032	25$374,449	250$989,236	2$241,207	26,87	21,18
5/16	563,049	11$260,997	447,584	552,570	2$319,626	25$337,243	250$621,217	2$237,921	26,68	21,06
11/32	562,225	11$244,509	446,928	551,761	2$316,230	25$300,146	250$254,275	2$234,644	26,50	20,94
3/8	561,403	11$228,070	446,275	550,954	2$312,844	25$263,157	249$888,407	2$231,377	26,31	20,83
13/32	560,583	11$211,678	445,624	550,150	2$309,467	25$226,277	249$523,606	2$228,120	26,13	20,71
7/16	559,766	11$195,335	444,974	549,348	2$306,101	25$189,504	249$159,869	2$224,872	25,94	20,60
15/32	558,951	11$179,039	444,326	548,548	2$302,744	25$152,838	248$797,191	2$221,633	25,76	20,48
1/2	558,139	11$162,790	443,680	547,751	2$299,397	25$116,279	248$435,567	2$218,404	25,58	20,37
17/32	557,329	11$146,589	443,037	546,956	2$296,060	25$079,825	248$074,993	2$215,185	25,39	20,25
9/16	556,521	11$130,434	442,394	546,163	2$292,732	25$043,478	247$715,464	2$211,974	25,21	20,13
19/32	555,716	11$114,327	441,754	545,373	2$289,414	25$007,235	247$356,976	2$208,773	25,03	20,02
5/8	554,913	11$098,265	441,116	544,585	2$286,106	24$971,098	246$999,523	2$205,581	24,85	19,90
21/32	554,112	11$082,251	440,479	543,799	2$282,807	24$935,064	246$643,103	2$202,398	24,67	19,79
11/16	553,314	11$066,282	439,845	543,016	2$279,517	24$899,135	246$287,709	2$199,225	24,49	19,67
23/32	552,517	11$050,359	439,212	542,234	2$276,238	24$863,309	245$933,338	2$196,061	24,31	19,56
3/4	551,724	11$034,482	438,581	541,455	2$272,967	24$827,586	245$579,986	2$192,905	24,13	19,44
25/32	550,932	11$018,651	437,951	540,678	2$269,706	24$791,965	245$227,647	2$189,764	23,96	19,32
13/16	550,143	11$002,865	437,325	539,904	2$266,454	24$756,446	244$876,316	2$186,622	23,78	19,21
27/32	549,356	10$987,124	436,698	539,131	2$263,212	24$721,030	244$525,994	2$183,494	23,60	19,09
7/8	548,571	10$971,428	436,074	538,361	2$259,979	24$685,714	244$176,672	2$180,374	23,43	18,98
29/32	547,788	10$955,777	435,452	537,593	2$256,755	24$650,499	243$828,345	2$177,264	23,25	18,86
15/16	557,008	10$940,170	434,832	536,827	2$253,540	24$615,384	243$481,012	2$174,163	23,08	18,74
31/32	54 ,230	10$924,608	434,214	536,061	2$250,334	24$580,369	243$134,666	2$171,070	22,90	18,63
22	545,454	10$909,090	433,597	535,302	2$247,138	24$545,454	242$789,304	2$167,986	22,72	18,51
1/32	544,680	10$893,617	432,982	534,543	2$243,951	24$510,638	242$444,922	2$164,911	22,54	18,40
1/16	543,909	10$878,186	432,368	533,786	2$240,772	24$475,920	242$101,516	2$161,844	22,37	18,28
3/32	543,140	10$862,800	431,757	533,031	2$237,603	24$441,301	241$759,081	2$158,787	22,20	18,17
1/8	542,372	10$847,457	431,147	532,278	2$234,442	24$406,779	241$417,504	2$155,737	22,03	18,05

(*) Esta primeira columna indica a taxa do Cambio na praça, isto é, o valor do Milreis $ papel em Dinheiros Esterlinos (Pence) e suas fracções (1 Libra = 240 Dinheiros). As outras, excepto as duas ultimas, o valor das diversas moedas (Ouro) em Milreis, Réis e Milesimos de Reis papel.

Um Milreis papel valendo Dinheiros Esterlinos(*)	Inglaterra		França	Alle-manha	Estados Unidos	Brasil	Portugal	Rio da Prata	Agio do OURO	Depreciação do PAPEL
	Shilling	Libra Esterlina	FRANCO	Reichsmark	Dollar	Moeda de ouro de 20$000	Valor de 100$000 fortes OURO	PESO OURO	0/0	0/0
22 5/32	541,607	10$832,157	430,539	531,527	2$231,293	24$372,355	241$077,109	2$152,697	21,86	17,93
3/16	540,845	10$816,901	429,933	530,779	2$228,149	24$338,028	240$737,662	2$149,666	21,69	17,82
7/32	540,084	10$801,687	429,328	530,032	2$225,014	24$303,797	240$398,973	2$146,642	21,51	17,70
1/4	539,325	10$786,516	428,725	529,288	2$221,889	24$269,662	240$061,334	2$143,627	21,34	17,59
9/32	538,569	10$771,388	428,124	528,545	2$218,773	24$235,624	239$724,642	2$140,620	21,17	17,47
5/16	537,815	10$756,302	427,524	527,805	2$215,665	24$201,680	239$388,894	2$137,622	21,00	17,36
11/32	537,062	10$741,258	426,926	527,067	2$212,567	24$167,832	239$054,084	2$134,632	20,83	17,24
3/8	536,312	10$726,256	426,330	526,331	2$209,476	24$134,078	238$720,210	2$131,651	20,67	17,12
13/32	535,564	10$711,297	425,735	525,597	2$206,395	24$100,418	238$387,267	2$128,678	20,50	17,01
7/16	534,818	10$696,378	425,142	524,865	2$203,322	24$066,852	238$055,251	2$125,713	20,33	16,89
15/32	534,075	10$691,502	424,551	524,135	2$200,245	24$033,380	237$723,851	2$122,757	20,17	16,78
1/2	533,333	10$666,666	423,961	523,407	2$197,202	24$000,000	237$393,986	2$119,809	20,00	16,66
17/32	532,593	10$651,872	423,373	522,681	2$194,154	23$966,712	237$064,730	2$116,868	19,83	16,55
9/16	531,855	10$637,119	422,787	521,957	2$191,115	23$933,518	236$736,385	2$113,936	19,66	16,43
19/32	531,120	10$622,406	422,202	521,235	2$188,085	23$900,414	236$408,949	2$111,013	19,50	16,31
5/8	530,386	10$607,734	421,619	520,515	2$185,062	23$867,403	236$082,417	2$108,097	19,33	16,20
21/32	529,655	10$593,103	421,037	519,797	2$182,048	23$834,482	235$756,786	2$105,189	19,17	16,08
11/16	528,925	10$578,512	420,457	519,081	2$179,043	23$801,652	235$432,052	2$102,289	19,00	15,97
23/32	528,198	10$563,961	419,879	518,367	2$176,046	23$768,913	235$108,212	2$099,398	18,84	15,85
3/4	527,472	10$549,450	419,302	517,655	2$173,056	23$736,263	234$785,261	2$096,514	18,68	15,74
25/32	526,748	10$534,979	418,727	516,945	2$170,076	23$703,703	234$463,525	2$093,638	18,51	15,62
13/16	526,027	10$520,547	418,154	516,237	2$167,103	23$671,232	233$142,014	2$090,770	18,35	15,50
27/32	525,307	10$506,155	417,582	515,530	2$164,138	23$638,850	233$821,789	2$087,910	18,19	15,39
7/8	524,590	10$491,803	417,011	514,826	2$161,182	23$606,557	233$502,281	2$085,058	18,03	15,27
29/32	523,874	10$447,489	416,442	514,124	2$158,233	23$574,351	233$183,924	2$082,213	17,87	15,16
15/16	523,160	10$463,215	415,875	513,423	2$155,293	23$542,234	232$866,035	2$079,376	17,71	15,04
31/32	522,448	10$448,979	415,309	512,725	2$152,361	23$510,204	232$549,211	2$076,547	17,55	14,93
23	521,739	10$434,782	414,745	512,028	2$149,436	23$478,260	232$233,247	2$073,726	17,39	14,81
1/32	521,031	10$420,624	414,181	511,333	2$146,520	23$446,404	231$918,141	2$070,912	17,23	14,69
1/16	520,325	10$406,504	413,621	510,641	2$143,611	23$414,634	231$603,889	2$068,106	17,07	14,58
3/32	519,621	10$392,422	413,061	509,950	2$140,711	23$382,949	231$290,497	2$065,407	16,91	14,46
1/8	518,918	10$378,378	412,503	509,260	2$137,818	23$351,351	230$977,932	2$062,516	16,75	14,35
5/32	518,218	10$364,372	411,946	508,573	2$134,933	23$319,838	230$656,221	2$059,733	16,59	14,23
3/16	517,520	10$350,404	411,391	507,888	2$132,055	23$288,409	230$355,355	2$056,957	16,44	14,12
7/32	516,823	10$336,473	410,837	507,204	2$129,186	23$257,065	230$045,316	2$054,189	16,28	14,00
1/4	516,129	10$322,580	410,285	506,523	2$126,324	23$225,806	229$736,116	2$051,428	16,12	13,88
9/32	515,436	10$308,724	409,734	505,843	2$123,470	23$194,630	229$427,745	2$048,674	15,96	13,77
5/16	514,745	10$294,906	409,185	505,165	2$120,623	23$163,538	229$120,201	2$045,928	15,80	13,65
11/32	514,056	10$281,124	408,637	504,488	2$117,785	23$132,530	228$813,481	2$043,189	15,65	13,54
3/8	513,368	10$267,379	408,091	503,814	2$114,953	23$101,604	228$507,580	2$040,457	15,50	13,42
13/32	512,683	10$253,671	407,546	503,141	2$112,130	23$070,761	228$202,586	2$037,733	15,35	13,31
7/16	512,000	10$240,000	407,003	502,470	2$109,313	23$040,000	227$898,227	2$035,016	15,20	13,19
15/32	511,318	10$226,364	406,461	501,801	2$106,505	23$009,320	227$594,767	2$032,306	15,05	13,07
1/2	510,638	10$212,765	405,920	501,134	2$103,704	22$978,723	227$292,114	2$029,604	14,89	12,96
17/32	509,960	10$199,203	405,381	500,468	2$100,910	22$948,207	226$990,262	2$026,909	14,74	12,84
9/16	509,283	10$185,676	404,844	499,805	2$098,123	22$917,771	226$689,217	2$024,220	14,59	12,73
19/32	508,609	10$172,185	404,307	499,143	2$095,344	22$887,417	226$388,967	2$021,539	14,44	12,61
5/8	507,936	10$158,730	403,773	498,482	2$092,573	22$857,142	226$089,511	2$018,865	14,28	12,50
21/32	507,265	10$145,310	403,239	497,824	2$089,809	22$826,948	225$790,845	2$016,198	14,13	12,38
11/16	506,596	10$131,926	402,707	497,167	2$087,052	22$796,833	225$492,968	2$013,538	13,98	12,26
23/32	505,928	10$118,577	402,177	496,512	2$084,302	22$766,798	225$195,870	2$010,886	13,83	12,15
3/4	505,263	10$105,263	401,648	495,859	2$081,559	22$736,842	224$899,566	2$008,240	13,68	12,03
25/32	504,599	10$091,984	401,120	495,207	2$078,824	22$706,964	224$604,034	2$005,601	13,53	11,92
13/16	503,937	10$078,740	400,593	494,557	2$076,096	22$677,165	224$309,278	2$002,969	13,38	11,80
27/32	503,276	10$065,530	400,068	493,909	2$073,375	22$647,444	224$015,295	2$000,344	13,23	11,68

(*) Esta primeira columna indica a taxa do Cambio na praça, isto é, o valor do Milreis $ papel em Dinheiros Esterlinos (Pence) e suas fracções (1 Libra = 240 Dinheiros). As outras, excepto as duas ultimas, o valor das diversas moedas (Ouro) em Milreis, Reis e Milesimos de Reis papel.

Peso especifico de algumas substancias

(O peso da agua distillada na temperatura de + 4° C. é tomado como unidade)

Acido carbonico	0,00152	Ferro fundido	7,207
Aço	7,820	Ferro forjado	7,788
Agua distillada	1,000	Flint glass	3,329
Agua do mar	1,026	Gallio	5,950
Aguardente 18°	0,947	Gêlo	0,930
Aguardente 22°	0,923	Graxa de vacca	0,923
Aguardente, 36°	0,848	Hydrogenio (gaz)	0,00089
Alcool absoluto	0,715	Iridio	22,400
Aluminio	2,560	Latão	8,395
Ammoniaco	0,897	Leite de vacca	1,032
Antimonio	6,712	Leite de cabra	1,034
Ar atmospherico	0,00129	Manteiga	0,942
Arêa de rio	1,880	Magnesio	1,740
Argilla	1,930	Marfim	1,917
Arsenico	5,670	Marmore de Carrara	2,716
Assucar	1,606	Mercurio	13 598
Azeite de oliveira	0,915	Mel	1,450
Azoto (gaz)	0,00125	Nickel	8.279
Batata	0,940	Oxygenio (gaz)	0,00143
Banha de porco	0,936	Ouro puro	19,258
Bismutho	9,822	Oleo de amendoas	0,917
Borracha	0,973	Oleo de linhaça	0,940
Calcio	1,570	Osmio	22,470
Cal viva	0,840	Palladio	12.050
Canfora	0,996	Pedra pomes	0,914
Carvão vegetal	0,250	Phosphoro	1,770
Carvão de pedra	1,329	Platina laminada	21,450
Cêra branca	0,968	Platina batida	23,000
Cêra amarella	0,974	Porcellana	2,150
Centeio	0,740	Prata pura	10,475
Cerveja	1,024	Rhodio	12,410
Cevada	0,633	Sebo	0,942
Chloreto de sodio	2,260	Selenio	4,320
Chumbo	11,352	Tellurio	6,115
Coke	0,340	Terra argillosa	1,240
Clara d'ovo	1,041	Tungstenio	17,600
Cobre fundido	8,788	Uranio	18,350
Diamantes leves	3,501	Vapor d'agua	0,00080
Diamantes pesados	3,531	Vidro de garrafa	2,732
Espirito de vinho 33°	0,863	Vidro de vidraça	2,527
Espirito de vinho 36°	0,848	Vinagre	1,019
Estanho	7,292	Vinho de Bordeus	0,993
Enxofre	2,033	Vinho de Malaga	1,030
Ether sulfurico	0,712	Vinho do Porto	0,997
Farinha de trigo	1,035	Zinco	7,100

Conversão em millimetros das alturas dos barometros graduados em pollegadas (e fracções de pollegada) inglezas

POLLEG. DECIMOS	MILLI-METROS	POLLEG. DECIMOS	MILLI-METROS	POLLEG. DECIMOS	MILLI-METROS
26,0	660,39	27,7	703,57	29,4	746,75
1	662,93	8	706,11	5	749,29
2	665,47	9	708,65	6	751,83
3	668,01	28,0	711,19	7	754,37
4	670,55	1	713,73	8	756,91
5	673,09	2	716,27	9	759,45
6	675,63	3	718,81	30,0	761,99
7	678,17	4	721,35	1	764,53
8	680,71	5	723,89	2	767,07
9	683,25	6	726,43	3	769,61
27,0	685,79	7	728,97	4	772,15
1	688,33	8	731,51	5	774,69
2	690,87	9	734,05	6	777,23
3	693,41	29,0	736,59	7	779,77
4	695,95	1	738,13	8	782,31
5	698,49	2	741,67	9	784,85
6	701,03	3	744,21	31,0	787,39

CONVERSÃO DE CENTESIMOS DE POLLEG. INGL. EM MILLIMETROS

CENTES.os DE POLLEGADA	MILLIMETROS
1	0,254
2	0,508
3	0,762
4	1,016
5	1,270
6	1,524
7	1,778
8	2,032
9	2,286
10	2,540

Relação entre as unidades de pressão

ATMOSPHERAS	KILOG. POR CENTIM.^{2}	LIBRAS INGL. POR POLLEG.^{2}	LIBRAS INGL. POR POLLEG.^{2}	KILOG. POR CENTIM.^{2}	ATMOSPHERAS
1	1,033	14,697	1	0,070	0,068
2	2,066	29,394	2	0,141	0,136
3	3,100	44,091	3	0,211	0,204
4	4,133	58,788	4	0,281	0,272
5	5,166	73,485	5	0,352	0,340
6	6,200	88,182	6	0,422	0,409
7	7,233	102,879	7	0,493	0,477
8	8,267	117,576	8	0 563	0,545
9	9,300	132,283	9	0,633	0,613
10	10,333	146,970	10	0,704	0,681
20	20,667	293,940	20	1,408	1,363
30	31,000	449,910	30	2,112	2,044
40	41,333	587,880	40	2,816	2,726
50	51,667	734,850	50	3,520	3,408
60	62.000	881 820	60	4,224	4,089
70	72,333	1.028,790	70	4,928	4,769
80	82,667	1.175,760	80	5,632	5,452
90	93.000	1.322,830	90	6,336	6,133
100	103,333	1.469,700	100	7,039	6,815

Comparação das escalas dos thermometros Fahrenheit, Centigrado e Réaumur

FAHR.	CENTIGR.	RÉAUMUR	FAHR.	CENTIGR.	RÉAUMUR	FAHR.	CENTIGR.	RÉAUMUR
5	—15,00	—12,00	50	+10,00	+8,00	95	+35,00	+28,00
6	14,44	11,56	51	10,56	8,44	96	35,66	28,24
7	13,89	11,11	52	11,11	8,89	97	36,11	28,89
8	13,33	10,67	53	11,67	9,33	98	36,67	29,33
9	12,78	10,22	54	12,22	9,78	99	37,22	29,78
10	22,22	9,78	55	12,78	10,22	100	37,78	30,22
11	11,67	9,33	56	13,33	10,67	101	38,33	30,67
12	11,11	8,89	57	13,89	11,11	102	38,89	31,11
13	10,56	8,44	58	14,44	11,56	103	39,44	31,56
14	10,00	8,00	59	15,00	12,00	104	40,00	32,00
15	9,44	7,56	60	15,56	12,44	105	40,56	32,44
16	8,89	7,11	61	16,11	12,89	106	41,11	32,89
17	8,33	6,67	62	16,67	13,33	107	41,67	33,33
18	7,78	6,22	63	17,22	13,78	108	42,22	33,78
19	7,22	5,78	64	17,78	14,22	109	42,78	34,22
20	6,67	5,33	65	18,33	14,67	110	43,33	34,67
21	6,11	4,89	66	18,89	15,11	111	43,89	35,11
22	5,56	4,44	67	19,44	15,56	112	44,44	35,56
23	5,00	4,00	68	20,00	16,00	113	45,00	36,00
24	4,44	3,56	69	20,56	16,44	114	45,56	36,44
25	3,89	3,11	70	21,11	16,89	115	46,11	36,89
26	3,33	2,67	71	21,67	17,33	116	46,67	37,33
27	2,78	2,22	72	22,22	17,78	117	47,22	37,78
28	2,22	1,78	73	22,78	18,22	118	47,78	38,22
29	1,67	1,33	74	23,33	18,67	119	48,33	38,67
30	1,11	0,89	75	23,89	19,11	120	48,89	39,11
31	—0,56	—0,44	76	24,44	19,56	121	49,44	39,56
32	0,00	0,00	77	25,00	20,00	122	50,00	40,00
33	+0,56	+0,44	78	25,56	20,44	123	50,56	40,44
34	1,11	0,89	79	26,11	20,89	124	51,11	40,89
35	1,67	1,33	80	26,67	21,33	125	51,67	41,33
36	2,22	1,78	81	27,22	21,78	126	52,22	41,78
37	2,78	2,22	82	27,78	22,22	127	52,78	42,22
38	3,33	2,67	83	28,33	22,67	128	53,33	42,67
39	3,89	3,11	84	28,89	23,11	129	53,89	43,11
40	4,44	3,56	85	29,44	23,56	130	54,44	43,56
41	5,00	4,00	86	30,00	24,00	131	55,00	44,00
42	5,56	4,44	87	30,56	24,44	132	55,56	44,44
43	6,11	4,89	88	31,11	24,89	133	56,11	44,89
44	6,67	5,33	89	31,67	25,33	134	56,67	45,33
45	7,22	5,78	90	32,22	25,78	135	57,22	45,78
46	7,78	6,22	91	32,78	26,22	136	57,78	46,22
47	8,33	6,67	92	33,33	26,57	137	58,33	46,67
48	8,89	7,11	93	33,89	27,11	138	58,89	47,11
49	9,44	7,56	94	34,44	27,56	139	59,44	47,56

EXPEDIENTE

Aos nossos Collaboradores

Toda a correspondencia relativa ao Almanaque, á sua redacção e administração, deve ser dirijida ao Almanaque Brasileiro Garnier. — Rio de Janeiro, rua do Ouvidor, 71. *Para ahi devem ser encaminhados os impressos e manuscriptos dos nossos collaboradores e assim tambem as illustrações, photographias e outros documentos de interesse geral que solicitamos. A collaboração deve-nos ser remettida até 1º de Dezembro de cada anno, sendo que qualquer antecedencia, quanto a aquelle prazo, é sempre desejavel e conveniente.*

Desde a edição de 1908 a feição do Almanaque *tornou-se totalmente outra e tem agora certo caracter mais geral e popular, encyclopedico e ao mesmo tempo facil, variado, mais leve pela substancia, mas sempre util pela importancia de muitos dos assumptas tratados.*

O novo programma é vasto e mira agradar a quasi todos que se utilizam d'esse genero de publicações. Alem das secções proprias e caracteristicas do Calendario, *das noticias astronomicas e dados estatisticos geraes e da parte final de* Informações, *instituimos perfeita variedade de materias que podemos, para sciencia dos nossos estimaveis collaboradores, distribuir mais ou menos nos seguintes grupos :*

I. — Recreações. — Jogos. — Diversões. — Problemas, enigmas. — Anecdotas.

II. — Musicas populares. — Cantigas.

III. — Dados estastiticos da vida material ou moral do Brasil. — Noticias e cartas topographicas dos lugares e dos estados. Assumptos geographicos.

IV. — Anno biographico, e bibliographico. — Necrologia.

V. — Critica e literatura. — Prosadores e poetas. — Paginas inéditas ou raras. — Escolas e academias.

VI. — Interesses da vida nacional. — Melhoramentos e progresso das cidades. — Embellezamento e hygiene. — Construcções novas. — Obras publicas. — Portos e estradas.

VII. — Curiosidades varias. — Linguistica. — *Folklore*; literatura popular.

A arte nacional: a pintura, a esculptura, a architectura, a photographia.

Com esse programma realisado apenas em suas primeiras linhas é intento nosso tornar o Almanaque *cada vez mais popular e augmentar o circulo dos seus leitores pela profusão e variedade dos assumptos que devem ser tratados sempre como convem á natureza e genero d'esta publicação.*

Alguns pontos do nosso programma deverão ser desenvolvidos á medida do auxilio e favor sempre crescente com que nos honram os amigos do Almanaque Garnier.

Os artigos dos nossos collaboradores devem ser enviados á redacção do Almanaque brasileiro *até* 31 *de dezembro. Originaes que foram recebidos tardiamente em Janeiro de* 1908 *não poderam ser aproveitados. Aqui agradecemos á gentileza dos autores que nos remetteram os seus livros a tempo de serem registrados no* Anno literario e bibliographico, *que é certamente a relação mais completa que temos no Brazil das publicações literarias de cada anno; infelizmente, não abrange ainda todo o movimento bibliographico dos Estados.*

Agradecemos egualmente aos seus directores a remessa das revistas R. de Educação (*Rio*) R. da Faculdade de Direito (*Recife*). A Escola (*Paraná*), *as publicações do* Archivo do Estado de S. Paulo, *alem de outras já citados anteriormente, e que nos chegam com certa regularidade. Deixamos de receber, e lamentamos, a Revista do* Instituto Archeologico e Geographico *de Pernambuco, a dos* Institutos historicos *de S. Paulo e do Ceará, que só nos visitaram uma unica vez; os* Annaes da Escola de Minas *e a do* Instituto Historico (*do Rio*) *constituem publicações de primeira ordem, e d'estes só recebemos um ou outro numero pela gentileza dos seus colaboradores. Recebemos sempre os* Annaes da Bibliotheca Nacional, *cujo grande valor é inutil encarecer nestas linhas.*

Foram numerosos os livros que recebemos e entraram para o registro bibliographico do Almanaque. Chegaram, todavia, fóra de tempo e aqui consignamos os seguintes, por mais importantes :

— Crimes passionaes. A Tragedia da Tijuca. Pelos Drs Mello Mattos, C. Alvim S. Nunes e E. Moraes.

— P. Lutgen. Relatorio do Gymnasio N. S. da Conceição em S. Leopoldo (R. G. Sul). Com um estudo critico das cartas geographicas do Brasil (p. 7 a 66).

— Arrojado Lisboa. — Occurencias e evolução das theorias relativas á genesis dos seixos facetados.

— Occurrencias de seixos facetados no planalto central brasileiro (Com illustrações).

— Idem (edição ingleza).

— O palladio e a platina no Brasil, por E. Hussak. Traducção de Miguel Arrojado Ribeiro Lisboa e Manoel Arrojado Ribeiro Lisboa. Introducção escripta pelo primeiro dos traductores.

— Bibliographia mineral e geologica do Brasil (acompanhado de valiosas informações criticas das obras e dos autores).

— Nomenclatura geologica (A respeito dos vocabulos technicos e espurios *schisto* e *grés*.)

São todas estas obras contribuições de grande valor scientifico para a geologia do Brasil.

— Placido de Castro. — Navegação do Rio Acre. Rio, 1907.

— E'um roteiro interessantissimo e um tratado de praticagem do Rio Acre, com muitas e minuciosas cartas hydrographicas d'aquelle rio.

Liberato Bittencourt. — *Principes généraux d'organisation des armées. Mémoire. Rio*, 1907.

O autor escreveu este livro, de caracter philosophico em francez por *la crainte qu'il ne pourrait ainsi être lu à l'étranger*. Ainda que ignoremos de todo os assumptos militares, pareceu-nos uma monographia valiosa e digna da leitura dos competentes.

João Coelho Gomes Ribeiro. — Estudos Contemporaneos. Philosophia, Historia, Politica e Diplomacia. *S. Paulo*, 1907.

Éuma serie de importantes ensaios de critica e de erudição historica. São particu-

larmente interessantes os artigos sobre os nossos litigios de fronteiras (O da Guiana ingleza, o Acre, o Perú Boliviano etc.). O autor é um dos membros mais illustres do Instituto Historico de S. Paulo.

Tasso Fragoso. — Theoria geral das Projecções geographicas segundo Tissot. *Rio*, 1907.

Tasso Fragoso escreveu esta monographia como supplemento á traducção ainda inedita do *Guia da projecção de cartas* de Zoppritz.

Tasso Fragoso reune á solida cultura scientifica os primores da cultura literaria, o que logo se percebe da forma facil, elegante e artistica deste trabalho.

Victor da Silva Freire. — Dados praticos recentes (para a organização do Ensino technico. *S. Paulo*, 1907.

E' a contribuição mais notavel das que entre nós se tem publicado para a difficil solução do grande problema do ensino technico e de applicação das sciencias ao regimen pratico e industrial de hoje. O autor é lente da Escola Polytechnica de S. Paulo e director dos Obras municipaes da cidade.

INDICE

	Paginas
Chronologia — Calendario.....	7
Quadro das festas moveis.....	8
Calendario gregoriano.....	9
Calendario ecclesiastico.....	10
O anno de 1909.....	17
Festas nacionaes brasileiras.....	18
Festas estaduaes.....	18
Festas nacionaes dos principaes paizes estrangeiros.....	20
Eclipses de 1909	23
Festas officiaes observadas nas legações e nos consulados estrangeiros.	24
Calendario perpetuo.....	25
Aspecto do Céu	26
Mezes do anno.....	38
Geographia. — Estatistica.....	63
Altitude das principaes montanhas do Brasil	66
Rios principaes com a sua extensão approximada	67
Distancia em milhas do Rio de Janeiro a Manaus e Porto Alegre....	68
Nascimento e accaso do sol.....	69
As estações	70
A hora no Brasil.....	70
Navegação.....	70
Climas do Brasil.....	72
Receita e despeza das provincias do Imperio do Brasil em 1889.....	73
Receita e despeza dos Estados da Republica em 1904.....	73
Exportação de productos minersas do Brasil.....	74
A producção de assucar do Brasil...	74
Commercio exterior	75
Exportação de borracha.....	76
Viação.....	77
Ouro.....	77
Estrada de ferro do Extremo-Oeste..	79
O Rio de Janeiro.....	81
Diamantes de Matto Grosso.....	87
Diamantes do Jequitinhonha.....	90
Na folha de um Album.....	92
Na vareta de um leque	92
Uma mina salgada.....	93
Saûdação ao Dr. Affonso Penna.....	96
Olavo Bilac.....	97
Imbecil.....	103
Os Amigos.....	105
O Padre Carlos Teschauer.....	105
Paginas quasi antigas.....	106
Academia de Medicina.....	107
Notas sobre os Estados.....	117
Martyrios e rosas	121
Recreações mathematicas.....	122
O ferro do Brasil.....	123
Canto real.....	124
Tobias Barreto.....	126

	Paginas
O analysta	126
O um e o dois	127
As nossas lendas	129
Luiz Pistarini	134
Entre ruinas	135
O poeta Antonio Correia de Oliveira	136
Portico	139
Rimas defeituosas	139
O balão	140
O Kinetophone	141
Noite de nupcias	143
Mappas do Brasil	143
Diante de Ceia de Leonardo	145
Vilancetes	148
Passarinhos da Cidade	149
Excerpto	151
Eugenio de Castro	153
Na estrada	157
Lendo o Camões	157
Questão de Grammatica	161
Marechal Deodoro	162
Luiz Delfino	164
Nova escola literaria	167
Oswaldo Cruz	168
Amor descoberto	170
Euclides da Cunha	171
Pilheria mathematica	175
Coisas antigas	177
Notas de viajem	185
Ballada de um triste	187
Theophilo Braga	189
Série Chronologica das obras de Theophilo Braga	199
Ouvir Estrellas	201
Audire Stellas	201
Academia de Letras	202
Soneto	202
A machina de escrever	203
Dois declinios	205
Manuscripto de Junqueira Freire	207

	Paginas
Recreações mathematicas	207
Simples interrogação	208
Joaquim Nabuco	217
Carmes	222
Carmina	222
Canto de exilio	223
O poeta da Religião e do Amor	225
Recordação de um passeio	227
Eôlo	230
Palestras philologicas	230
Um soneto	232
O nosso *Folk-lore*	232
Jogos infantis	235
Terra natal	239
Paginas esquecidas	240
Tobias Barreto (*fragmento*	241
Sophisma algebrico	242
Deus	243
Depois do Calvario	243
Em bronze	244
Esboço da Ethnographia Amazonica	245
Uma excursão atravez de algumas quebradas da cinta gneissica da Cidade do Rio de Janeiro	253
Um quadro de Rembrandt no Brasil	261
A arvore	266
Poetas do Norte	267
Porque cahio o Imperio	270
Ortographia reformada	274
Guerra Junqueiro	279
Cucularia	289
Cicinha	293
A poesia em relação com a moral	294
Um Brasileiro em Coimbra, Gomes da Silva	301
Escritores e artistas	302
Paginas de retratos	303
Pagina artistica	307
Samaritana	308
Perystilo do Sonho	308

	Paginas
Teu nome	308
Versos	309
O poeta dos beijos	311
Rodolpho Amoedo	317
Mater Amabilis	320
Farondola das horas	321
Amores de Gonzaga	322
Saudade	325
Brasil e Portugal litterarios	326
Cartas philologicas	332
Rio abandonado	336
D. Maria de Souza	345
O maestro Macedo	347
Una Lacrima	351
Capistrano de Abreu	358
A nobre arte de Elyseu Visconti	363
O novo mercado	366
Cartões postaes fallantes	369
Transmissão das imagens á distancia	369
Paul Doumer	370
Guglielmo Ferrero	371
Necrologios do anno de 1907	373
O Brasil na Haya	395
Elegus	405
Os Turcos e Syrios no Brasil	405
Universidade no Brasil	407
Azul negro	410
Horas do Campo	411
Progresso material do Rio de Janeiro.	414
Colonias allemans	421
A tragedia de Lisboa	423
O tratado de Petropolis e o litigio Peru-Boliviano	425
Vilancetes	431
Ignez Sabino	432
Ballada livre	433
Catullo Cearense	435
Nosce te Ipsum	437
O anno litterario e bibliographico	438

TABELLAS. — NOTAS. — INFORMAÇÕES.

	Paginas
Governo da Republica	445
Governadores dos Estados	445
Senado Federal	446
Secretarias de Estado	447
Tribunal de Contas	447
Corpo Diplomatico Brasileiro	448
Consulados no Rio	449
Dias de sessões e audiencias, e séde dos tribunaes	449
Repartições Publicas e Ecclesiasticas	449
Justiça Federal	450
Justiça do Districto Federal	451
Pretorias (juizes)	452
Official do Registro Especial	453
Registro Geral de Hypothecas	453
Tabelliães	454
Delegacias de Policia	454
Pagamento de impostos	455
Imposto do sello	456
Dias em que não se vencem letras e obrigações commerciaes	458
Bancos e estabelecimentos de credito	458
Taxas do correio	459
Tarifas telegraphicas	462
Tarifa para o trafego com a « Western »	463
Asylos	463
Hospitaes particulares	464
Jardins e passeis	464
Partida e chegada dos trens rapidos e nocturnos	465
Theatros	466
Vehiculos publicos	470
Tabella para aluguel de automovel	471
Enterros	471

	Paginas
Caixa de conversão	474
Pesos e medidas	475
Medidas inglezas e sua conversão	479
Tabella de coefficientes para passar das unidades metricas para as diversas unidades inglezas ou americanas e *vice versa*	483
Tabellas de juros	484
Moedas	487
Cambio	491
Peso especifico de algumas substancias	507
Conversão em millimetros das alturas dos barometros graduados em pollegadas (e fracções de pollegada) inglezas	508
Relação entre as unidades de pressão.	508
Comparação das escalas dos thermometros Fahrenheit, Centigrado e Réaumur	509
Expediente	510

ALIMENTO DAS CRIANÇAS

LA SANTÉ RENDUE A TOUS

NÉVRALGIES

MIGRAINES, NEURASTHÉNIE et toutes MALADIES NERVEUSES. Guérison certaine par les PILULES antinévralgiques du **Dr CRONIER**

PRIX : 3 fr. LA BOITE avec Notice. *Franco poste.*

ANÉMIE

PILULES CRONIER

A l'Iodure de Fer et de Quinine
Toniques, Fébrifuges et reconstituantes
Le plus efficace des ferrugineux

Le flacon avec notice **4** fr.; 1/2 flac. **2** fr. En

Dépôt : **SCHMITT**, Pharmacien, **75**, rue La Boétie, **PARIS**, et toutes bonnes pharmacies.

LES PILULES ANTINÉVRALGIQUES DU Dr CRONIER SONT TRÈS RECOMMANDÉES

PARIS. — Typ. H. GARNIER.